

MAIS DE 11 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

ILDEFONSO
FALCONES

ESCRAVA
DA
LIBERDADE



SUMA
de Letras



ILDEFONSO FALCONES

ES CRAVA DA LIBERDADE

Tradução de
SÃO AMARAL



Índice

Escrava da Liberdade

Créditos

Dedicatória

Escrava da Liberdade

Nota do autor

Sobre este livro

Sobre Ildefonso Falcones



Edição em formato digital: outubro de 2023

ES CRAVA DA LIBERDADE

Título original: *Esclava de la Libertad*

© 2022, Ildefonso Falcones de Sierra

Publicado pela Penguin Random House Grupo Editorial, Barcelona

Todos os direitos reservados

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Amaia Iglesias

Coordenação editorial: Eva Arim

Tradução: São Amaral

Revisão: Catarina Ogando

Mapa © Pepe Medina

Capa: adaptação de Wonder Studio / Ana Teixeira sobre *design* de PRHGE, Barcelona

Imagem da capa: *Ingenio Güinia de Soto* (pintura) / Museo Nacional de Bellas Artes de Cuba

ISBN: 978-989-787-496-3

Composição digital: M.I. Maquetación, S. L.

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

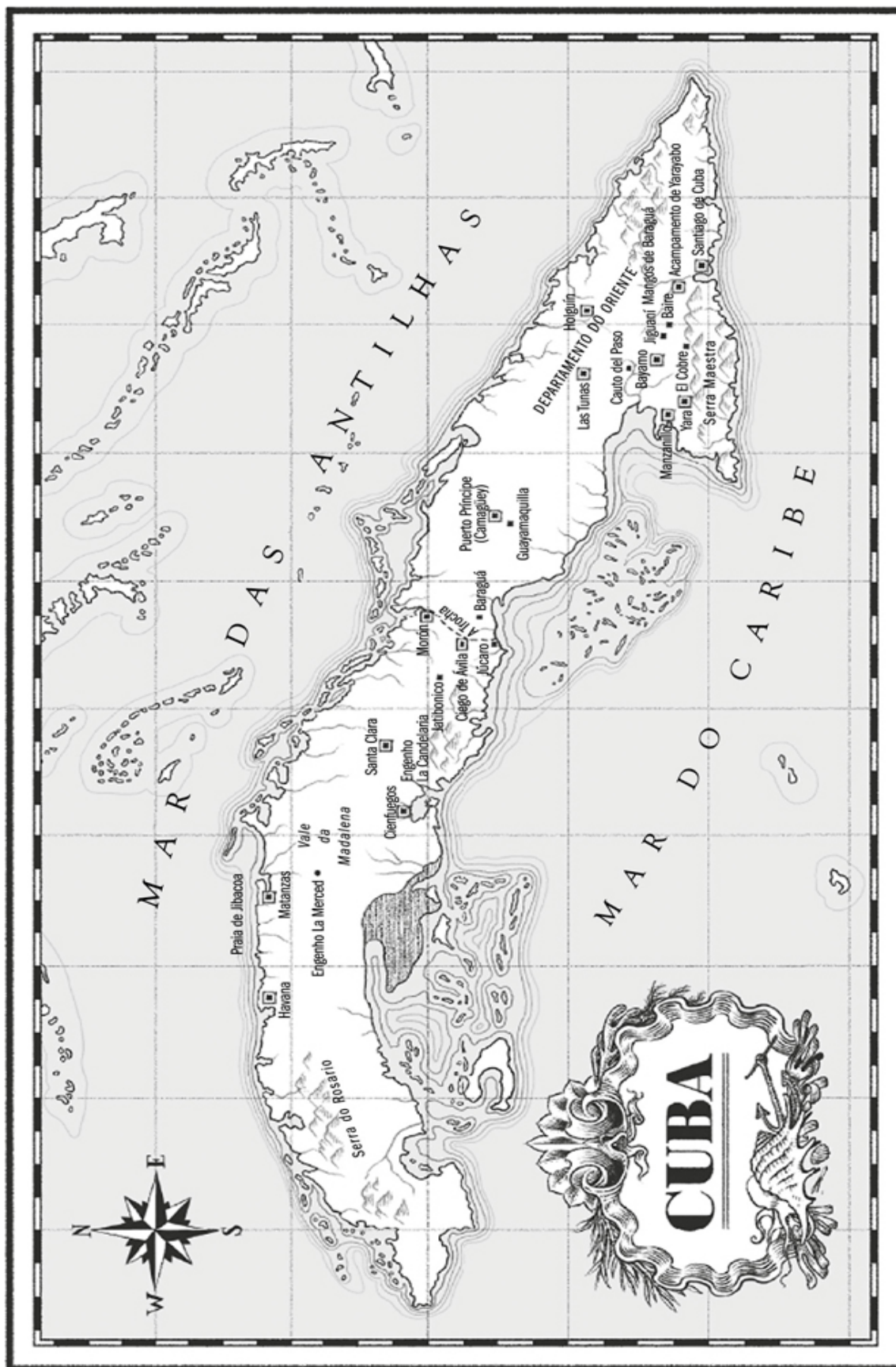
Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)

Instagram: [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

Em memória do meu querido irmão Rafael



Cuba, 1856
Praia de Jibacoa

Sobre a areia amontoava-se uma multidão composta por centenas de miseráveis. Os soluços, os lamentos e os gemidos embatiam contra as ordens dos capatazes e o estalar dos chicotes. Havia ali setecentas jovens e meninas de origem africana, de pele negra e de cor de chocolate; nuas a maioria delas, esfarrapadas outras, todas desnutridas, fracas, muitas doentes. Choravam desde o início do seu infortúnio, em África, depois de serem capturadas em alguma das muitas guerras tribais. Choraram ao longo da sua peregrinação em direção à costa do Benim, unidas em longas filas por correntes com argolas no pescoço e nas mãos. Depois chegara uma espera incerta, encarceradas em feitorias junto ao mar, para, ao fim de algum tempo, depois de as agruparem num contingente de fêmeas jovens entre as quais se enfiavam umas dezenas de crianças, enfrentarem a terrível travessia apinhadas no porão de um veleiro rápido, um *clipper*, que em menos de três meses as desembarcou na ilha caribenha.

Mais de uma centena das consignadas faleceram no trajeto e quase todas as sobreviventes se viram na situação de terem de conviver com a sua agonia, sem terem meios para as ajudar e sem palavras para lhes dar esperança, todas deitadas sobre as suas próprias fezes. Julgaram esgotar as lágrimas ao dormirem junto dos seus corpos frios enquanto esperavam

que o médico ou algum marinheiro se apercebesse da sua morte, pegasse no cadáver e o atirasse ao mar para alimento de tubarões.

Porém, Kaweka, de onze anos, esforçava-se por tapar o corpo de Daye, a sua irmã mais nova, quando se abria a escotilha, a luz feria o ambiente pútrido do porão e descia algum tripulante. Tinha prometido cuidar dela. Deu a sua palavra quando as capturaram e consolara-a dia após dia, reprimindo as suas próprias lágrimas, a sua imensa angústia sempre que a irmã suplicava pela mãe e se afundava na dor. A pequena foi-se durante a travessia, nos seus braços; falou com ela, embalou-a, cantou-lhe ao ouvido, com doçura, esquecendo as correntes que as prendiam, animou-a com paraísos que sabia impossíveis, mas a menina apagou-se passados uns dias e deixou de responder, de soluçar e de respirar... Ou talvez não. Talvez não estivesse morta, apenas quieta, e respirasse devagarinho, como era habitual nela. Kaweka não sabia. E se dormisse apenas? Os deuses eram caprichosos, isso asseguravam a sua mãe e o seu avô. Daye podia acordar a qualquer momento. Algumas vezes acontecia; tinham-lhe contado isso também a sua mãe e o seu avô, mas nenhum dos dois estava ali para a curar, como faziam com outras crianças da aldeia. Por isso, tapou-a com o seu corpo e tentou escondê-la até que umas raparigas mais velhas, mais à frente na fila onde ela e a irmã se encontravam acorrentadas, a denunciaram dois dias depois de esperar em vão pelo milagre.

— Está morta! — gritaram os marinheiros enquanto se debatiam com Kaweka para libertar o cadáver.

A menina não entendia a língua, embora soubesse o que diziam, e, apesar da sua fraqueza, lutou para impedir que a levassem. O que seria do espírito da irmã se acabasse devorada por um desses monstros marinhos de que falavam?

Depois, sem a presença da pequena, o seu corpo profanado, o barco a enfrentar as ondas com ferocidade, todo cruel, violento, como se proclamasse a desventura daquelas centenas de jovens, quando Kaweka não tinha de fingir esperança nem integridade perante a irmã mais nova,

entregou-se a um pranto desesperado que a acompanhou o resto da travessia.

— Permaneçam quietas e em silêncio! Silêncio!

As boçais, como se chamava aos escravos recém-chegados de África, não entendiam as ordens repetidas aos gritos ao longo da praia assim que ali puseram os pés depois de serem transportadas em barcaças a partir do *clipper*. Mas souberam, tal como Kaweka quando os marinheiros desceram e levaram o cadáver da irmã, o que queriam os traficantes, cerca de vinte homens transpirados, a maioria barbudos, rudes, armados com catanas ou pistolas, e foram-se amontoando no centro do círculo que aqueles delimitavam a chicotadas, atijando-lhes os cães que alguns seguravam com força. Muitas das meninas pretenderam deixar para trás o fedor e os eflúvios pestilentos do porão do *clipper* e aproveitar para respirar o ar limpo e fresco de uma noite plácida e estrelada de finais de inverno, coroada por uma lua que iluminava a ignomínia de forma tão esplendorosa como dilacerante. Porém, a nova corrente com que lhes prenderam o pescoço impediu-as desses escassos instantes de sossego.

— Levanta-te! — ordenou um negreiro a uma miúda da idade de Daye, esquelética, que se abatera sobre a areia antes de a acorrentarem de novo.

A criatura não o fez. O homem aguilhoou-a com a ponta de uma das suas botas. Ela continuou prostrada; o branco de um dos seus olhos, que tinham ficado grandes no seu rosto abatido, a suplicar. O homem agarrou-a pelo cabelo, ergueu-a como a um boneco, castigou-a sacudindo-a no ar, prendeu-a e, quando a ia deixar cair de novo na areia, Kaweka apanhou-a.

Não era a sua irmã.

«Silêncio!», exigiam os negreiros perante os choros, os queixumes e um recital de tosses incontrolláveis. Os cães conheciam o seu trabalho, rosnavam sem ladrar, numa penumbra onde não se vislumbrava outra coisa que não fossem as sombras com que a lua brincava. Os negreiros tentavam agir com sigilo. Há quase quarenta anos que o tráfico de

escravos era proibido, e a Armada Britânica, que se tinha erguido como o garante dessa abolição num tratado assinado com Espanha, vigiava mares e costas para deter os traficantes que continuavam a comerciar com a vida humana. Mas se a Grã-Bretanha abolira a escravatura, Espanha ainda não o fizera nas suas províncias do ultramar. O comércio de homens e de mulheres era proibido, mas não a sua propriedade, e os escravos continuavam a chegar de forma clandestina à ilha de Cuba, uma das últimas possessões coloniais do que fora o vasto Império Espanhol, ao abrigo de umas autoridades corruptas e da ambição desmedida dos produtores de açúcar.

Talvez aquelas meninas a quem agora voltavam a acorrentar não entendessem a língua que falavam os seus captores, mas estavam conscientes do seu destino. Eram iorubas, naturais da Guiné, e a escravatura não era alheia à sua forma de vida em África. Grande parte da população trabalhadora dos diversos reinos do continente era serva. Os escravos constituíam a principal fonte de riqueza dos privilegiados, os chefes tribais possuíam-nos aos milhares, e, se bem que o comércio com os países ocidentais tivesse diminuído significativamente devido à proibição do tráfico, continuava a ser muito profícuo com o Oriente — Egito e o resto do mundo árabe —, tal como tinha sido até então na sua vertente atlântica. Todas sabiam de sacrifícios humanos; todas conheciam o significado das argolas à volta do pescoço.

Estalou um chicote.

A primeira correnteza de meninas iniciou a marcha. Um dos capatazes permitiu-se um grito: «Andem, pretas!» A noite estava tranquila, não havia rasto dos britânicos, e a comitiva penetrava na ilha, onde se encontraria a salvo. As miúdas arrastaram os pés, cabisbaixas. Kaweka ia atrás daquela menina pequena que não era sua irmã, e perguntou-se se Daye também teria desfalecido. Recordava-a tão frágil como esta; a imagem escura de uma menina enfermiça e triste agarrada à sua lembrança. As correntes pareciam ter-lhe oprimido também a memória, levando-a a esquecer a alegria e os risos, as correrias, as brincadeiras e os

trabalhos do campo que tinham partilhado; uns momentos que ela própria afastara da sua mente porque recordá-los magoava-a. Ninguém sabia para onde as levavam, embora fossem muitas as que se torturavam com todo o tipo de especulações aterradoras. Referiam que os velhos, os homens, contavam nas aldeias que os negros que capturavam eram levados para além de um mar que a maioria delas nem sequer tinha visto até chegarem à feitoria da costa. O barco, a sobrelotação, o fedor e a morte primeiro, e agora os chicotes, os cães, as coleiras ao pescoço, os homens mal-encarados, tudo isso as impedia de esboçar um simples sorriso.

Para trás ficaram a praia e o *clipper* ancorado, um tipo de navio que se tornara famoso no tráfico de chineses, os *coolies*, e que acabou por ser utilizado no contrabando transatlântico de africanos. Aquele barco, o que se tinha desembarçado da sua carga infame na praia de Jibacoa, navegava sob bandeira norte-americana, como faziam mais de noventa por cento dos navios destinados ao tráfico humano em todo o mundo. Os norte-americanos não haviam assinado qualquer tratado com os britânicos, pelo que estes não os podiam deter nem inspecionar a sua frota. Sob tais circunstâncias, monopolizaram um contrabando cujo destino principal era Cuba ou os Estados Unidos, além de outros países, como o Brasil ou Porto Rico, que, embora tivessem condenado o tráfico, continuavam a aceitar a escravatura. Faziam-no a bordo desses barcos de velocidade extraordinária, ágeis, fáceis de manobrar, capazes de enganar e de escapar a qualquer navio. Os *clippers* eram veleiros estreitos e longos, de proa afilada, e podiam dispor de setenta velas diferentes. Porém, essa rapidez tinha um custo: a sua capacidade de carga era menor do que a de que dispunham os navios negreiros clássicos, uma redução que alguns traficantes resolveram atulhando os porões de meninas e mulheres jovens.

Quando a praia se perdeu de vista, com as escravas a desfilarem nuas e descalças por caminhos que as conduziam ao interior da jurisdição de Matanzas, os negreiros relaxaram. Os cães ladraram. Os homens permitiram-se conversar, numa vozeria, de mulheres, de jogos, de

álcool... Riram, insultaram-se, desafiaram-se e fizeram apostas. Fizeram-no alheios à desgraça das crianças que caminhavam entre eles, como se não existissem, a não ser que alguma delas se atrasasse ou caísse.

A menina pequena nem sequer tropeçou: os joelhos cederam e caiu à frente de Kaweka, tal como teria acontecido com a sua irmã se não tivesse falecido no mar. A fila de raparigas parou e um dos negreiros dirigiu-se até elas murmurando impropérios com a catana na mão. Kaweka viu-o aproximar-se, ameaçador, gritou e interpôs-se entre a pequena e o homem.

O negreiro surpreendeu-se, bufou como se a paciência se lhe tivesse esgotado e agitou a catana à frente de Kaweka, instigando-a a afastar-se. Mas ela não obedeceu. A sua irmã Daye encarnara naquela menina indefesa de respiração ofegante e angustiada, porque também elas procuravam o ar de forma frenética quando, no seu êxodo em direção à costa do Benim, um negreiro parecido com aquele, com uma catana na mão, arrancara à catanada a cabeça de um preso, que caíra em frente de ambas. Kaweka agachou-se e protegeu o corpo da pequena. Temia que aquele homem fizesse o mesmo. Tinham-no presenciado com alguma frequência em África. Era o método que os negreiros utilizavam para afastar rapidamente daquela linha macabra os que morriam ou já não respondiam ao castigo; nem sequer se davam ao trabalho de abrir a coleira.

— Continua, continua — sussurrou ao ouvido da menina, abanando-a com delicadeza.

Dissera o mesmo à sua irmã quando a tremura ameaçara impedi-la de andar. «Não olhes para ele», ordenara-lhe ao ver que Daye contemplava enfeitiçada aquela cabeça separada do tronco, enquanto o resto dos presos se afastava.

O negreiro tentou afastá-la com a lâmina da catana.

— Sai daí.

Kaweka manteve-se firme. O outro baixou-se e deu-lhe uma tremenda bofetada com a mão livre. Kaweka saiu disparada. A corrente impediu-a

de ir mais longe.

— Puta preta!

O homem ia dar-lhe um pontapé quando um grito o deteve:

— Nem te atrevas! — Outro negreiro aproximara-se, autoritário. — Queres estragá-la? Estás disposto a pagar o seu preço?

O homem da catana desistiu a resmungar e cuspiu sobre Kaweka.

— Levanta-te — instou-a o recém-chegado, acompanhando a ordem com um movimento de mão.

Já em pé, o homem ordenou-lhes por sinais, a ela e à que a precedia, que carregassem a pequena.

Não lhe cortaram o pescoço. Também não as açoitaram para que andassem. As jovens valiam muito dinheiro, talvez não tanto como um escravo forte e saudável, mas o suficiente para não danificar uma mercadoria cada vez mais procurada pelos *sacarocratas*¹ e pelos ricos fazendeiros agrícolas. Porque os critérios de todos aqueles que sustentavam a sua fortuna na exploração desumana de homens e mulheres tinham mudado. Até há pouco tempo, os engenhos dispunham de uma mão de obra composta quase exclusivamente por homens subjugados a um regime carcerário e um trabalho frenético; ninguém estava interessado nem nas mulheres nem nos filhos que pudessem dar à luz, e muito menos ainda nos conflitos que o desejo e a lascívia originavam entre os escravos. Até então tinha sido muito mais caro produzir um crioulinho do que comprar no mercado um escravo útil, mas a proibição do tráfico, a abolição da escravatura na maior parte dos países ocidentais e a perseguição britânica aumentaram significativamente os preços dos boçais roubados em África. Assim sendo, os proprietários dos mais de mil engenhos de açúcar e das centenas de cafezais que existiam na ilha foram adquirindo mulheres que se destinavam ao trabalho, com as mesmas condições de dureza que os homens, e a quem se exigia, além disso, que parissem novos escravos, como se se tratasse de criação de gado.

Meninas como Kaweka, ou inclusivamente essa criança mais nova que não era sua irmã, ainda que fraca, valiam muito dinheiro.

O amanhecer acordou as jovens aglomeradas no pátio de terra de um engenho perdido no interior dos campos de Matanzas, onde os negreiros as tinham escondido. Aquele espaço e os barracões construídos em madeira que o rodeavam até o encerrar eram demasiado grandes, desproporcionados numa exploração cujas instalações e maquinaria eram de tamanho reduzido e obsoletas; porém, apesar da amplitude do lugar, as escravas tinham-se amontoado numa das suas esquinas: algumas estavam sentadas na terra, outras deitadas e algumas estavam já em pé com a chegada da alvorada, mas todas mantinham o contacto físico com as suas companheiras, procurando conforto mútuo.

O certo era que aquele engenho de tração animal não era senão a fachada de uma feitoria dedicada ao contrabando de escravos. «San Nicolás», podia ler-se no arco de madeira que dava acesso a essa prisão.

— Leva-as a beber água!

O grito vinha do homem que impedira o pontapé a Kaweka na noite anterior; estava apoiado indolentemente contra a parede de um dos edifícios, com o chicote enrolado e pendurado no cinto. Nesse instante, vários meninos com não mais de sete ou oito anos, crioulos, escravos também, correram na direcção de onde as jovens se apinhavam.

— Venham — convidaram-nas, agarrando-lhes nas mãos e puxando por elas.

As que formavam as primeiras filas daquele amontoado humano hesitaram e resistiram até que um dos crioulos apontou para outro que, junto à beira de um poço, as chamou a sorrir enquanto vertia na terra o conteúdo do balde que acabara de içar. O som da água a correr foi o suficiente para despertar nelas a sede que não tinham saciado desde a última ração que lhes forneceram no porão do *clipper*.

— Em fila! — gritou o negreiro quando viu como as meninas se moviam. — Com ordem!

«Em fila», indicaram-lhes os crioulos, empurrando uma para trás da outra.

Entenderam. E obedeceram. Tal como fizeram depois, quando, após beberem das tigelas que lhes proporcionaram, as mantiveram em filas de aproximadamente cinquenta no pátio; catorze filas de criaturas debilitadas, sujas e esfarrapadas, muitas totalmente nuas.

Kaweka obrigou a pequenina a beber. Não sabia o seu nome nem tinha conseguido arrancar-lhe uma única palavra. Puxava por ela de um lado para o outro e a criança deixava-se ir, em silêncio, sem chorar nem se queixar, alienada.

— O que achas, Florencio? — perguntou outro dos negreiros que acabara de se juntar ao que se apoiava na parede.

— Não me parecem mal — respondeu este, estalando a língua. — Vi boçais em piores condições e escaparam. Daqui a duas semanas, três no máximo, cuidadas e bem alimentadas, teremos uma mercadoria excelente. Nestas idades a natureza responde com rapidez. Deem-lhes roupa e levem-nas ao regato, de fila em fila, para se lavarem. Nem quero pensar na merda e nos bichos que devem ter em cima.

— Que roupa lhes damos, chefe? — perguntou a Florencio um terceiro.

— Com este tempo bastará um vestido... e talvez uma manta — acrescentou depois de pensar uns instantes —, não vá o relento da noite constipá-las e danificá-las. Já sabem que os pretos sofrem com o frio e com a humidade. Os seus novos amos que lhes deem o resto da roupa. Vão! — ordenou.

Os dois homens encaminharam-se na direção das filas de escravas que permaneciam quietas no pátio, mas ainda não tinham dado um par de passos quando a voz do chefe os fez virarem-se:

— Se alguém tocar numa dessas pretas, capo-o!

Os meninos crioulos e alguns negreiros acompanharam-nas a um regato que corria fora das instalações do engenho. Kaweka empurrou a pequena, à frente dela na fila de cinquenta, quando chegou a vez delas.

Cruzaram-se com as que regressavam, todas nuas e molhadas. Na margem, as que ainda vestiam algum andrajo tiraram-no. Kaweka reconheceu a lascívia nos olhos dos negreiros que as vigiavam enquanto os crioulinhos riam de modo palerma, e, tal como as outras, utilizou a areia da ribeira para se esfregar e para se livrar das crostas de sujidade. Depois esfregou a pequena e meteram-se na corrente. Por um fugaz instante, fechou os olhos e a frescura da água transportou-a para a sua terra.

Os corpos negros de cinquenta jovens ainda esquálidas, muitas já na puberdade, os peitos a desabrochar, algumas com os seios já desenvolvidos, acabaram a brilhar ao sol caribenho enquanto a água reluzia sobre as suas peles. Os homens dirigiam a sua atenção de uma para outra sem descanso; apontavam como se pretendessem reclamá-las. Não lhes tocaram, embora um deles tivesse baixado as calças e se masturbado enquanto outro o encorajava e aplaudia. Elas conheciam a natureza masculina e aceitavam as relações sexuais que homens ou animais mantinham; a surpresa foi a cor branca do corpo do guarda.

As ordens dos negreiros traziam as jovens de volta à realidade, e, à medida que regressavam ao engenho, asseadas, entregava-se-lhes uma túnica mal-alinhavada e áspera de cânhamo e eram encaminhadas para um dos extremos do pátio, onde se localizava o barracão no qual estava instalado o fogão. Vários homens tiraram uma panela grande cheia de *funche*, uma massa espessa elaborada à base de farinha de milho e banana, assim como bandejas com bacalhau salgado, que, com grande estrondo, colocaram sobre uma mesa que se encontrava posta fora, no pátio.

Os crioulos entregaram tigelas amolgadas às escravas e incitaram-nas a aproximarem-se da mesa. Quando desfilavam de novo em direção ao centro do pátio depois de lhes encherem os recipientes de comida, Florencio Ribas, o chefe dos negreiros, detinha-as para que outro homem, velho, de barba rala, vestido de branco, com nódoas na camisa e com um chapéu da mesma cor, todo ele de aspeto desmazelado, as examinasse.

«Esta sim», «esta está saudável», «esta aqui também», dizia o homem por entre a gritaria dos crioulos a ordenarem as filas e a dos negreiros a distribuírem a comida. «Esta não, que tem esta ferida na perna ulcerada.» E essa, a da úlcera, era afastada da fila e conduzida a um barracão onde era recebida por uma escrava velha, enquanto o resto das suas colegas se espalhavam ao longo do pátio iluminado por um sol insultante, à procura de um espaço para se refugiarem e esconderem com as suas tigelas.

— Próxima — chamava o doutor Vásquez, mostrando o seu fastio através dos gestos cansados da mão com que chamava as escravas, sem voltar a olhar para a longa fila de meninas que esperavam, a maioria delas introduzindo com avidez os dedos nas tigelas para levarem à boca a massa com bacalhau.

Kaweka empurrou a menina, que mantinha a sua malga intacta, torta nas mãos, prestes a cair ao chão. Florencio e o médico franziram o sobrolho quando parou em frente deles.

— Nostalgia? — inquiriu o negreiro.

Vásquez não respondeu até terminar de examinar o corpo esquelético da pequena, que, além disso, apresentava a língua manchada, o branco dos olhos amarelado e alguns edemas.

— Todas sofrem de saudades — respondeu por fim. — Quem nunca? — acrescentou pensativo, ponderando se aquela rapariga que permanecia em frente dele, abatida, triste, devia receber um tratamento especial.

Hesitou. Era frequente entre os boçais o mal da nostalgia, ou banzo², o vício de comer terra, como se chamava em Cuba, mas nem todos podiam ser encaminhados para a enfermaria; não dispunham de instalações suficientes e muito menos de pessoal, limitado à enfermeira idosa e a uns dois negreiros que eram obrigados a ajudar. Além disso, isso aumentava as despesas devido aos cuidados especiais de que os doentes de banzo necessitavam: carne, vinho, licores, açúcar... Vásquez sentiu a pressão do olhar do negreiro chefe. Passou o olhar pelo pátio. Desordem. Centenas de escravas entre as quais se moviam os negreiros, cujas

cabeças sobressaíam acima das jovens. Ainda tinha muitas para inspecionar; necessitaria de espaço na enfermaria. Examinou de novo os edemas do corpo da escrava e sentenciou:

— Saudável.

Florencio respirou ruidosamente no preciso momento em que o estalar dos chicotes se fez ouvir. Muitas das escravas deixaram de comer e ergueram o olhar mostrando o primeiro vestígio de interesse desde a sua chegada.

De um dos barracões, precedidos por capitães do mato, começaram a sair homens de mãos e pés acorrentados que caminhavam com dificuldade em direção à mesa da comida, de onde afastaram de forma precipitada as meninas que faziam fila.

Florencio Ribas aproximou a mão da pistola apoiada no cinto e ergueu o olhar para o teto dos barracões: quatro dos seus capangas tinham-se posicionado entre eles com os fuzis preparados.

Mais de cinquenta homens, alguns em tronco nu, exibindo cicatrizes que atravessavam as costas de cima a baixo, percorreram o espaço que se abria entre os edifícios e a mesa com o olhar fixo nas setecentas meninas distribuídas ao longo do pátio.

— Não olhem para elas! Não quero ouvir nem um pio! — gritou um dos negreiros que vigiavam os homens perante a luxúria que destilavam até no seu andar.

Ao contrário do que sucedera com as raparigas, o chicote que nesta ocasião acompanhara a ordem estalara na barriga da perna de um deles, fazendo correr um fio de sangue pela sua perna. Os homens obedeceram, mas os seus carcereiros continuaram a açoitá-los, com o estalar dos chicotes a troar no lugar e os acorrentados a encolherem-se para evitar o castigo.

— Começa a ter demasiados quilombolas — comentou o doutor Vásquez, dirigindo-se ao chefe dos negreiros.

— Sim — reconheceu Florencio. — Tinha pensado entregar já estes fugitivos às autoridades, mas a chegada das novas negras impediu-me.

Não podia acompanhar estes fugitivos e arriscar ficar sem homens.

O médico mal olhou para Florencio Ribas. «Entregá-los às autoridades?», pensou, sorrindo com sarcasmo. A importância da recompensa por devolver aqueles escravos fugitivos aos seus legítimos donos era uma insignificância comparando com os benefícios que Ribas podia obter se não o fizesse. O doutor sabia que os quilombolas eram vendidos ao dono de qualquer engenho de açúcar a quem tivesse morrido um escravo, e eram muitos os que morriam. Assim que falecia algum, o dono enterrava-o sem anotar nos seus livros com a conivência do sacerdote de serviço; os documentos do escravo morto serviam para o quilombola que compraria a Ribas ou a qualquer outro dos muitos grupos de capitães do mato que se dedicavam à caça de escravos fugitivos ao longo da ilha. Isso quando realmente eram quilombolas, negros fugidos, e não simples escravos roubados diretamente das suas plantações.

Enquanto não os vendia, Ribas alugava-os; os seus chefes, os que investiam no contrabando, exigiam benefícios. Esse tipo de exploração era mais frequente nas cidades, mas também ocorria no campo, de modo que eram bastantes os engenhos que alugavam escravos para todo o período de safra. Vásquez tratara nessas açucareiras muitos dos escravos que antes conhecera em San Nicolás. Algo parecido sucederia com as recém-chegadas que não fossem compradas depois de recuperarem fisicamente. Seriam alimentadas para que ganhassem peso e força, fossem tratadas de doenças e feridas, e vacinadas contra a varíola, um requisito sem o qual não se costumava vender nenhum escravo e que qualquer comprador controlava sem dificuldade, por muito inexperiente que fosse, graças à marca indelével que ficava no braço. Uma vez vacinadas, acederiam ao mercado como estando aptas física e mentalmente, o que implicava que o negreiro não respondia pelos restantes vícios ou defeitos da mercadoria recém-chegada de África.

A grande maioria dos homens livres não eram vacinados, mas os escravos sim. «Quando morre um escravo, perece um capital», recordou Vásquez o que defendiam os fazendeiros. E ali acumulava-se uma

fortuna, concluiu, passando o olhar pelas centenas de pequenas que se apinhavam no pátio do engenho San Nicolás, enquanto ordenava com indolência a Kaweka e à pequena que circulassem para o pátio.

Tinha decorrido quase uma semana desde a chegada das escravas e Kaweka já sabia o nome da menina, Awala, a quem amparou quando, ao fim de três dias, saiu do seu estado de choque e chorou todas as lágrimas que a comoção sofrida, a sua fraqueza e a sua tremenda dor tinham retido. Pertencia à tribo dos Ashanti, que, como a de Kaweka, era da família Kwa. As suas histórias eram similares. Uma incursão repentina. Gritos. Disparos. Correrias. E depois, o cativoiro. Awala não sabia nada da sua família, tal como não sabia Kaweka, cuja última visão da sua mãe foi a proteger o mais novo dos irmãos, encolhida no chão, tapando-o com o seu corpo e os seus braços, formando uma crisálida em seu redor. Seguiu-se o caos e o desconcerto e os mortos. Depois disso, a ignorância e a dor da ausência.

As jovens cativas esperavam pela comida quando três homens a cavalo irromperam no pátio do engenho, dois deles armados com espingardas e um escravo a pé.

Não era a primeira visita que recebiam. Vários homens brancos tinham vindo vê-las e passearam entre elas fazendo comentários e pedindo que lhes mostrassem uma ou outra, que inspecionavam com detalhe. Não levaram nenhuma; ainda não. Entre as jovens espalhou-se a notícia de que os seus captadores queriam alimentá-las bem para obterem o melhor preço possível, e que até esse momento não as venderiam, porque todas conheciam o seu destino: trabalhar no campo ou servir em casas de ricos, tal como acontecia em África. Umas aceitavam-no com resignação; outras falavam em fugir. «Para onde irias?» Kaweka prestava atenção a essas conversas. Eram apenas crianças e estavam muito longe das suas aldeias, em terra de brancos, para além do mar, encerradas e vigiadas por homens violentos e mal-encarados, mas sonhavam escapar, regressar a casa, embora nenhuma se tenha atrevido a tentar. Ela também não.

Em qualquer caso, resignadas ou rebeldes, mais conscientes do seu futuro, o choro invadia o grupo de raparigas. Nenhuma era capaz de confortar a que tinha ao lado, e à noite, quando o silêncio caía sobre o engenho e perdiam a imagem da sua companheira, da amiga que haviam feito na desgraça, os sonhos eram aterradores, e os gemidos, os estremecimentos e os gritos de desespero tornavam-se habituais.

Kaweka não era alheia ao medo e à angústia. Tinha sido uma menina feliz. O seu avô era o xamã do povoado e as pessoas respeitavam-no, tal como à sua mãe. Ela e os irmãos trabalhavam e ajudavam, e brincavam e riam como quase todas as crianças da aldeia. Até há pouco tempo era amada; se fechasse os olhos e arranhasse a memória dos seus sentidos, ainda podia sentir as carícias da mãe e os beijos dos irmãos mais novos. Tudo isso desaparecera de repente, e de forma anónima e impessoal fazia parte de um contingente de centenas de jovens desesperadas que disseminavam pânico e exaltavam a sua desgraça entre prantos e lamentos.

Nesse dia, quando os cavaleiros acederam ao pátio, Kaweka compreendeu que não se tratava de mais visitantes que queriam examiná-las. Deduziu isso porque alguns dos negreiros que deambulavam pelo engenho destaparam a cabeça com respeito, outros aproximaram-se solícitos aos recém-chegados e um terceiro correu para avisar Florencio Ribas, que aproveitava uma sesta ao fresco, contando e recontando nos seus sonhos o dinheiro que ganharia.

— Patrão... — O homem, grande, forte, rude, espreitava pela porta do barracão onde dormia Ribas, sem se atrever a entrar. — Patrão! — gritou, vendo-se obrigado a elevar o tom de voz.

— O que se passa? Porque é que me estás a incomodar? Já disse...

— Tem uma visita, patrão — atalhou o negreiro, interrompendo as suas queixas.

— Que espere! — Mas quem esperou foi o homem, com a cabeça à espreita na ombreira. — Quem é? — acabou por perguntar Ribas perante a presença silenciosa do seu esbirro.

— É melhor vir.

Ribas saiu a resmungar para consigo, mas quando chegou à porta calou-se de repente: dom Juan José de Santadoma, marquês de Santadoma, esperava-o montado num soberbo alazão cuja pelagem avermelhada brilhava ao sol. O aristocrata não vinha de visita; também nunca o tinha feito. Trazia botas de couro com grandes esporas, calças de montar e uma simples camisa branca sem adornos. Um chapéu de aba larga protegia-o do sol. Atrás dele encontravam-se os seus homens.

À distância, Kaweka percebeu o temor que Florencio Ribas destilava enquanto se aproximava do recém-chegado, e diante dele pigarreou.

— Bom dia, senhor marquês. O que o traz por estas bandas? — perguntou, já com a voz mais clara.

— Nada de bom, Ribas — respondeu dom Juan José num tom seco e forte.

Kaweka não entendia o significado da conversa, nenhuma das setecentas meninas podia compreender, mas observou como Florencio Ribas baixava o olhar.

O marquês, detentor de uma das primeiras fortunas da ilha, não tirava os olhos de cima dele. Os Santadoma possuíam vários engenhos de açúcar, assim como minas de cobre e múltiplos interesses noutros negócios. O nobre era imponente. A sua presença irradiava poder e transmitia nobreza, elegância.

— Se sua senhoria quiser acompanhar-me ao interior — convidou-o o negreiro erguendo o olhar —, tenho a certeza de que poderemos solucionar qualquer problema que...

— Não — interrompeu-o o marquês, continuando a olhar fixamente e em silêncio para Ribas, em pé a uns passos do seu alazão.

O negreiro franziu os lábios e mexeu uma e outra vez as mãos, como que a pedir-lhe uma explicação que não se atrevia a reclamar. Esperou que o nobre falasse.

— Os teus homens roubaram-me um escravo. — Ribas ia responder, mas o marquês não lhe permitiu. — Estou farto das vossas incursões.

Ribas tinha dado instruções muito concretas aos seus homens: não queria problemas com os Santadoma, nem com qualquer outro semelhante. Ele sabia que os seus esbirros não perdiam a oportunidade de roubar algum escravo que se tivesse afastado do seu engenho; o negreiro pagava-lhes para isso e obtinha bons lucros, mas o marquês podia arruiná-lo apenas com uma ordem — Ribas suspeitava que fazia parte do grupo que financiava as suas compras —, e o facto de ter comparecido pessoalmente em vez de mandar o seu administrador ou o maioral não pressagiava nada de bom.

— Não... não pode ser — retorquiu, procurando desculpar-se.

— Roubaram, sim! — afirmou o marquês, atijando o alazão contra o negreiro.

Ribas recuou precipitadamente.

— Não — insistiu, tropeçando e quase caindo aos pés do animal. — Comprove-o sua senhoria.

— Por isso vim. E se encontrar o meu escravo...

— Se assim for — acrescentou Ribas, conseguindo colocar-se ao lado do cavalo —, não duvide, senhor marquês, de que se trataria de um erro.

Porém, dom Juan José de Santadoma já tinha voltado o cavalo em direção aos barracões dos escravos e Florencio Ribas viu-se obrigado a correr atrás dele sem deixar de olhar para os seus homens, que lhe respondiam com falsos gestos de ignorância.

— Se se tivesse dado esse erro — repetiu aos gritos o negreiro —, estaria disposto a compensá-lo. Tenho uma remessa de escravas novas, podia escolher alguma... Olhe para elas — pediu com uma voz entrecortada.

O marquês observou durante uns instantes as escravas espalhadas pelo pátio, que se abriam em círculo à volta deles, assustadas.

— Onde estão os quilombolas? — perguntou dom Juan José.

Florencio Ribas fez um gesto a um dos seus homens e este tocou o sino. Ao fim de uns instantes, abriram-se as portas de um dos barracões e os escravos começaram a sair.

— Em fila. À minha frente — ordenou o marquês a Ribas.

Enquanto os negreiros dispunham os escravos, o seu chefe não deixava de balbuciar desculpas, com o suor a correr-lhe nas têmporas.

— Só podia ser um erro... — disse Ribas. — Como é que eu ia roubar um escravo aos Santadoma? Matarei o homem que o tiver feito. Se assim for, nesse caso... compensá-lo-ia.

O marquês nem sequer olhou para o negreiro e, quando os quilombolas estavam alinhados, dirigiu-se ao escravo que o acompanhava.

— Confirma, Domingo — ordenou-lhe.

Este não hesitou um instante. Aproximou-se da segunda fila e apontou para um homem mulato. O seu amo indicou-lhe que o separasse do grupo e só então olhou na direção de Ribas, que tinha ficado a meio de um pedido de desculpas, com a boca aberta.

— Eu... — balbuciou. — Aí tem as minhas escravas! Escolha a que lhe parecer melhor.

Sem lhe responder, o marquês passeou a cavalo entre as meninas enquanto estas se afastavam atropelando-se umas às outras. Centenas de criaturas cor de chocolate, assustadas, fugindo dele. Awala não o fez; permaneceu quieta, fascinada com os movimentos do animal, cega pelo brilho avermelhado que a sua passagem irradiava. Quando o marquês se aproximou, várias das escravas arrebataram Awala, que acabou no chão. Kaweka correu em seu auxílio e posicionou-se de modo que não a pisassem até ficar sozinha com ela, aos pés do cavalo.

Kaweka não hesitou em proteger Awala, e o marquês viu-se obrigado a parar para não a pisar. Os seus olhares cruzaram-se. Kaweka não desviou o dela.

— Esta — indicou ao seu escravo, que o seguia. — Ensina-lhe maneiras.

Kaweka não entendeu as palavras, mas percebeu o rancor que destilavam. Não teve tempo de se afastar. Domingo passou à frente do seu amo, agarrou-a pelo braço e esbofeteou-a duas vezes.

— Não se olha para os brancos! — gritou, sacudindo-a.

Kaweka continuou sem entender. O escravo ergueu-a pelas axilas enquanto ela esperneava.

— Ribas — gritou o marquês para se fazer ouvir em todo o pátio —, da próxima vez serás tu quem me acompanha atado ao cavalo de um dos meus homens.

Depois voltou-se sem esperar pela resposta do negreiro, ignorando-o e obrigando-o a afastar-se. Quando o tinha deixado para trás, atçou o cavalo, com as esporas, e o animal, inquieto, altivo, tenso, respondeu com um pinote e um coice no ar que quase arrancou a cabeça de Ribas. O marquês, de costas, esboçou um sorriso quase impercetível enquanto os dois homens armados que o acompanhavam e o seguiam se desmanchavam a rir. Levavam o escravo resgatado tropeçando atrás deles, atado com uma corda comprida à sela de um dos cavalos, e Domingo puxava pelo braço de Kaweka, que lutava para se livrar dele grunhindo como um animal, com a cabeça virada a olhar para trás, para o lugar onde Awala, de joelhos na terra, clamava aos céus.

Kaweka percebeu que estavam a chegar ao seu destino quando o tom de voz do marquês se suavizou.

— *Mordaz*, lindo, o que fazes aqui? — Assim se dirigiu a um cão que apareceu no caminho a recebê-los e que rondou as patas do cavalo. — *Grapo*, lindo — disse ao outro cão que chegou depois. — Cuidado para não te pisar.

A doçura soou grotesca na boca de quem não tinha utilizado outro tom com os seus homens que não fosse seco e autoritário.

— Corram para vigiar os pretos — atçou-os no mesmo tom carinhoso.

Além dos cães, os cânticos dos escravos que Kaweka ouvira quando passavam junto aos canaviais na safra foram ganhando nitidez até que, uns metros mais à frente, conseguiu distinguir as vozes. Depois, à cantilena monótona juntou-se o estalar de chicotes, as ordens gritadas e o ruído repetitivo das catanas a cortarem canas-de-açúcar. O caminho fora longo. O escravo recuperado no engenho de Ribas caíra ao chão em várias ocasiões, incapaz de acompanhar o passo do cavalo que puxava

por ele. Então, enquanto o desgraçado se levantava com dificuldade mostrando cada vez mais feridas no tronco nu, os homens a cavalo esperavam que Kaweka e Domingo recuperassem o terreno perdido, como se se tratasse de um jogo macabro. Na primeira ocasião em que isto aconteceu, a menina lançou ao marquês um olhar inquiridor, e o seu guarda bateu-lhe várias vezes.

— Baixa os olhos! — ordenou o escravo enquanto lhe batia. Depois, obrigou-a a obedecer e baixou-lhe a cabeça à força. — Não se olha para os brancos!

A rapariga continuava sem compreender uma palavra do que lhe diziam, mas na segunda vez que o escravo titubeou e o olhar de Kaweka lhe fugiu de novo na direção do nobre, percebeu que Domingo levantava a mão e foi capaz de desviar o olhar para a terra seca do caminho antes de receber o castigo.

Aquela submissão ao homem branco, aos amos, aos seres superiores, aumentou assim que atingiram a linha de corte do canavial. Era o mesmo espaço regular de que Kaweka se lembrava de quando se dirigiam para o engenho do marquês: extensões de terra rodeadas por vedações largas, limpas e perfeitamente delineadas por filas de bananeiras que se erguiam para o céu, à beira dos limites que as separavam. Assim que o marquês apareceu na fazenda, sua propriedade, os cânticos cessaram. Também se silenciaram os gritos e os chicotes. Kaweka tentou assimilar o cenário. Centenas de homens e mulheres, negros ou mulatos (alguns ali onde se erguiam as canas, com catanas nas mãos, outros andando entre os cortadores e os carrinhos de rodas, puxados por juntas de bois, onde depositavam as plantas depois de cortadas), homens brancos armados, cães, crianças, velhos... As pessoas suspenderam as suas atividades e um silêncio pesado instalou-se. Kaweka e Domingo juntaram-se a essa quietude, que, paulatinamente, foi sendo interrompida, com os escravos ajoelharem-se nos lugares onde se encontravam, de olhar fixo no chão.

— A sua bênção, amo! — exclamou um deles.

«Sim.» «Abençoi-nos.» «Por favor, amo.» As súplicas multiplicaram-

se na boca dos escravos. Domingo fincou o seu joelho na terra e puxou Kaweka até esta o imitar. Pelo canto do olho, a menina conseguiu ver como o marquês estendia o braço direito, de mão aberta, e o passeava por cima das suas cabeças.

— Eu vos abençoo — disse, recuperando o seu tom potente, autoritário. — Que Deus, nosso Senhor, vos acompanhe e vos conceda paz.

«Obrigado.» «Bendito seja sua excelência!» «Longa vida para o marquês!» A gratidão surgiu de dezenas de gargantas, embora Kaweka tenha percebido que muitos deles permaneciam numa tensão que não conseguiam dissimular, com as bocas e os dentes cerrados.

— Bem-aventurado! — gritou Domingo, surpreendendo a rapariga.

Ainda soavam os sinais de reverência quando o marquês os interrompeu:

— Toca a trabalhar!

— Todos! — acrescentou o maioral.

— Acabou o descanso! — gritou outro dos homens brancos.

Os escravos levantaram-se.

— Que cantem, senhor Narváez — acrescentou o marquês, dirigindo-se ao maioral. — Enquanto cantam, não pensam, senhor Narváez... — lembrou-lhe, tal como costumava fazer o amo nas suas visitas. «Termine a ladainha, senhor marquês», pensou o homem pouco antes de este o fazer: — E se pensarem, não trabalham, senhor Narváez. Se pensarem, não trabalham!

«Cantem, pretos!» A ordem repetiu-se na boca de capatazes e guardas, acompanhada com o estalar dos chicotes de alguns deles. O bulício das catanadas e a azáfama de canas e ponteiros surgiam no canavial ao mesmo tempo que alguém entoava um canto lúgubre. Era apenas uma voz. Kaweka, de pé, estremeceu ao ouvi-la, ainda que não entendesse o que dizia. O solista lamentava-se da pouca comida que lhes davam e da dureza do trabalho. O marquês, já a galope a caminho do engenho, voltou-se perante a queixa. As vozes de centenas de escravos a

responderem ao solista, unindo-se a ele nos seus lamentos, desvaneceram-se nas costas do cavaleiro.

Antes de os cânticos clamarem por uma nova reivindicação, Domingo arrastou Kaweka até um dos carros.

— Antonia — chamou uma escrava que carregava um feixe de canas até ao carro —, esta não sabe espanhol. É lucumí como tu... ou pelo menos é isso que diz o Ribas. Diz-lhe o que tem de fazer.

A mulher descarregou as canas no carro e dirigiu-se a Kaweka.

— És ioruba? — O som da sua língua natal na voz de uma mulher mais velha transportou Kaweka de volta para a sua terra. Foi assaltada por um clarão doloroso, a lembrança de Daye, cujo cadáver tinha virado refeição para os tubarões; a sua mãe, a proteger o pequeno; a sua família; as brincadeiras e as risotas... Antonia sacudiu-a. — Aqui não podemos perder tempo — recriminou-a com seriedade. — És ioruba?

— Sim — conseguiu responder num tom débil, derreada pela caminhada.

— Mais uma — lamentou-se. — Nesta ilha, chamam lucumís aos iorubas, lembra-te. — Kaweka assentiu. — Tens de ir ali, onde cortam a cana, e colocar-te em alguma dessas filas até ser a tua vez de apanhar. Depois, trazes a cana até aqui. Também é preciso apanhar os ponteiros e carregá-los nos seus carros. — Antonia começou a regressar para a frente do corte, a poucos passos de onde estavam. — Se te descuidas ou te atrasas, castigam-te. No fim da jornada, todos, menos as grávidas, têm de carregar um bom feixe de erva até ao engenho.

A mulher acabou de falar e juntou a sua voz aos cânticos que inundavam o canavial.

— Canta — ordenou-lhe quando se puseram numa das filas.

— Não sei... — tentou desculpar-se Kaweka.

— Canta! — insistiu Antonia.

A rapariga hesitou, mas acabou por cantarolar aquele ritmo monótono: um cantava e os outros respondiam. Reparou que os cortadores eram indistintamente homens e mulheres, providos de catanas para cortarem a

cana na diagonal e rente à terra. Faziam-no com apenas uma catanada, seca e certa. Kaweka atrasou-se na fila a observá-los. Era tudo rotineiro, maquinal. Trabalhavam de três em três.

— Canta! — lembrou-lhe a escrava. Tinha-se esquecido.

O cortador, um homem negro forte, com o tronco nu e brilhante do suor, levantava a cana e depois sustinha-a na horizontal para que cada um dos seus colegas, nas suas costas, cortasse o ponteiro da parte superior e extraísse as folhas da planta. Kaweka viu como dividiam as longas em dois ou, inclusivamente, em três pedaços e os lançavam para um lado e o ponteiro para o outro, sem os misturar. O processo foi repetido por todas as equipas de cortadores que se moviam ao longo da frente do canavial, que retrocedia a cortes de catana. Depois de cheio, os carros iam-se embora e eram substituídos por outros vazios. Para não deixarem rastos danificando o terreno de cultivo, cada um deles seguia um caminho diferente até acederem à estrema, de onde partiam em direção ao engenho. Velhos incapacitados e crianças entre os cinco e os oito anos vagueavam entre o canavial e os carros, a apanharem o que ficava disperso.

— Mexe-te — instigou-a em espanhol o homem que a seguia na fila.

Antonia já não estava à sua frente.

Kaweka obedeceu ao empurrão que acompanhou a ordem do escravo, aproximou-se do monte de canas e pegou numas quantas como vira fazer, carregando-as sobre o ombro e virando-se na direção do carro vazio que tinha sido colocado na ponta da estrema. Nem ela reparara, nem Antonia a avisara. Quando se afastou um pouco da fila de escravos carregadores que seguiam em frente, pisou a ponta de uma cana recém-cortada que sobressaía da terra. Ao sentir que lhe atravessava a planta do pé direito como uma faca afiada, gritou de dor. Caiu por terra e as canas espalharam-se. Um dos guardas aproximou-se e fez estalar o chicote muito perto do corpo estendido no chão, enquanto ela se agarrava ao pé.

— Levanta-te!

Kaweka não conseguia. Sangrava profusamente. A dor refletia-se no

seu rosto contraído, e ela cerrou os dentes para não desatar a chorar.

Os cânticos não cessaram. Os outros escravos desfilavam ao seu lado com as canas ao ombro tentando não olhar para ela.

Mais uma chicotada.

— O que se passa? — inquiriu o maioral.

— Esta... — respondeu com desdém o guarda, apontando para Kaweka com o chicote.

— É a nova — reconheceu-a Narváez, abanando a cabeça perante o sangue que jorrava por entre os dedos da menina. — O marquês escolheu-a pessoalmente. Porra! Vamos ver se vai estragar tudo logo no primeiro dia e o patrão fica chateado. Levem-na à enfermaria.

Antonia acompanhou-a até ao engenho, apoiando-a. A cada passo que dava, Kaweka era invadida por uma pontada de dor. Enquanto percorriam o caminho de regresso, foram ultrapassadas pelos carros. Narváez não permitira que Kaweka fosse em nenhum deles para que os escassos quilos que pesava não roubassem lugar à cana que carregavam.

A rapariga não foi capaz de se aperceber da magnificência do engenho La Merced, propriedade do marquês de Santadoma, no vale da Madalena, em Matanzas, uma área geográfica tão extensa como fértil da ilha de Cuba que chegava até ao mar e onde se acumulava uma imensidão de explorações açucareiras. Kaweka continuava a sangrar e estava dorida, fraca e confusa. Passaram-na diretamente para a enfermaria, situada no extremo de um dos barracões, um lugar com salas separadas para homens e mulheres, ambas cheias de doentes e incapacitados; havia outra sala para as operações e mais uma para separar os infeciosos. Ali foi recebida por um cirurgião «romancista», como eram chamados os homens que comprovavam ter trabalhado durante cinco anos como ajudantes de um médico a sério. Aquele chamava-se Cirilo, era branco, de meia-idade, carecia de estudos e nem sequer sabia ler ou escrever, mas isso pouco importava quando se tratava de cuidar de escravos. Levaram-na para a sala de operações, onde, com Antonia como intérprete, Cirilo lhe limpou

a ferida com arnica dissolvida em água para posteriormente lhe aplicar um emplastro de San Andrés de la Cruz à base de resinas, terebintina e óleo de louro que servia para unir a carne cortada.

Kaweka suportou a dor do tratamento em silêncio, com o olhar fixo nas vigas de madeira do teto e envolvida pelo som dos queixumes e prantos que se ouviam na enfermaria. «É forte», reconheceu o cirurgião enquanto manipulava a ferida. Desde que o marquês a escolhera na feitoria de Ribas, Kaweka nem sequer tinha tido oportunidade de pensar; era tudo indecifrável, novo, surpreendente, urgente, violento... Uma sucessão vertiginosa de acontecimentos. Ali, apesar da dor pungente provocada pelas mãos atabalhoadas e descuidadas do homem, a sua mente encontrou a serenidade suficiente para procurar o refúgio que o seu ânimo infantil lhe exigia. «Talvez não seja sempre assim», tentou animar-se. Durante a travessia, tal como acontecera com as suas companheiras, sentiu como se quebrava o vínculo com as suas origens, que se rompeu definitivamente com a morte de Daye. Cada novo balanço do *clipper* a separava mais dos seus. Agora, depois da estadia no engenho de Ribas, parecia ter chegado ao seu destino. Instintivamente, Kaweka desviou o olhar para Antonia, que permanecia de pé. Procurou afeto naquela mulher mais velha que dizia ser da sua nação. Não pretendia mais do que um sorriso, que lhe pegasse na mão com carinho ou que a acariciasse com ternura; conformar-se-ia com o alento afetuoso de umas palavras de ânimo sussurradas ao ouvido, mas Antonia estava distraída a mexer em frascos e remédios. Kaweka quis chamar a sua atenção quando o cirurgião, talvez incomodado pela força de uma menina recém-chegada de África, lhe apertou fortemente a ferida fazendo com que a criança gritasse de dor.

— Não tenho camas livres na sala das mulheres — afirmou Cirilo ao terminar de ligar o pé. — Estão todas ocupadas por duas ou até por três doentes. A safra está a ser muito dura este ano — pensou ser necessário acrescentar. Antonia encolheu os ombros. — A menina é jovem e por esta lesão também não necessita de uma cama. Que fique no criouleiro

uns dias, assim ajudará a mamã Ambrosia.

Parca em palavras, Antonia explicou a Kaweka a decisão do cirurgião enquanto atravessavam a enfermaria e acediam a um local anexo onde se amontoavam cerca de vinte crianças. Algumas eram recém-nascidas, depositados sobre a palha num estrado de madeira que ocupava toda a superfície coberta, enquanto as outras, de diferentes idades, mas abaixo dos cinco anos, idade em que as mandavam ir trabalhar, gatinhavam ou corriam nuas de um lado para o outro num pátio exterior cercado. Junto delas estavam duas mães que ainda não tinham passado a quarentena desde o parto.

— Ajudar-me? — queixou-se mamã Ambrosia, examinando Kaweka de cima a baixo. — Estas boçais recém-chegadas não sabem fazer nada. E, além disso, ferida. Mais trabalho!

Antonia voltou a encolher os ombros.

— Dás-me um pouco de arroz? — perguntou mesmo assim, indicando com o queixo os armários onde se armazenava a comida especial para mães e crianças.

A criouleira, uma mulher já mais velha que outrora devia ter tido um corpo exuberante, como se percebia pelas carnes que agora descaíam, considerou durante uns segundos o pedido de Antonia.

— Uma tigela a troco de verificares as nígua dos miúdos. — A outra concordou. — De onde é a boçal? — perguntou quando Antonia já se dirigia para o pátio.

— Lucumí — respondeu esta sem se voltar.

— Já imaginava — murmurou mamã Ambrosia, mostrando pela primeira vez um sorriso ao qual faltavam alguns dentes. — A mim também me trouxeram de lá — comentou já em língua ioruba, dirigindo-se a Kaweka —, tal como a ela — acrescentou, apontando para Antonia, que já tinha agarrado uma menina e lhe inspecionava a planta dos pés à procura daqueles insetos insuportáveis e irritantes que se introduziam debaixo da pele, onde desovavam e cresciam.

Kaweka percebeu que, perante a sua presença, a mulher retrocedia no

tempo. Por breves instantes, os seus olhos brilharam; depois abanou a cabeça para afugentar umas lembranças felizes que não pareciam ter cabimento no engenho do marquês e voltou à realidade.

— Cruel — limitou-se a comentar para si própria. — Vem, pequena — instigou-a depois, agarrando-a pelo ombro com suavidade. — Senta-te com as crianças e descansa. Depois dou-te uma boa comida.

Kaweka agradeceu aquele contacto reconfortante ainda mais do que a bolacha que a mulher lhe ofereceu, que mordeu de imediato. Saboreou a sua doçura enquanto olhava para as crianças e ouvia uma sinfonia de choros que faziam parte do ambiente; ninguém se preocupava com eles.

— Todos estes crioulinhos — explicou-lhe mamã Ambrosia depois, apontando para os mais pequenos — esperam que as mães regressem do campo para lhes darem o seu leite. Não devem demorar. Os mais velhos, esses a quem a Antonia está a limpar os pés... — A criouleira parou; Kaweka tinha o olhar fixo num recém-nascido, afastado dos outros, de movimentos lânguidos e que choramingava sem força sobre a palha. Mamã Ambrosia estalou a língua e agachou-se junto dela. — Esse é o Jacinto — comentou —, o filho da María de la Luz. Sofre de tétano. O mal dos sete dias, como lhe chamam os espanhóis. Morrerá. Só estamos à espera... Há muitos que morrem da mesma doença. Se sobreviverem aos primeiros sete dias de vida, podem escapar; caso contrário...

Kaweka ignorou o discurso de mamã Ambrosia. Não sabia se era devido a esse mal dos sete dias de que ela lhe estava a falar, mas já tinha visto antes vários daqueles recém-nascidos. Traziam-nos à cabana onde viviam quando ficavam doentes e a sua mãe deixava-a embalar-los depois de ter utilizado plantas e ervas e ter recorrido aos deuses em busca de uma cura para eles. «Olodumaré decide a vida e a morte», contava-lhe o avô. «E o que é que acontece aos meninos se não se salvarem?», perguntara ela. «Os que morrerem deixar-nos-ão e vaguearão como espíritos entre os dois mundos, e teremos de lhes prestar culto como se fossem deuses, para nos ajudarem e não se zangarem.»

Com a memória da sua terra ainda presente na mente, a menina

gatinhou até onde se encontrava Jacinto. O umbigo do bebê, ao contrário do que acontecia com os outros que se encontravam com as suas mães, estava destapado e parecia estar infetado. A menina aproximou um dedo da ferida: tumefacta, embora húmida.

— É por isso que morrem, sim — disse a criouleira nas suas costas. — Curamo-los com teias de aranha e atamos-lhes o cordão com... — a mulher não encontrou a tradução para o ioruba do termo «pavio» —, bom, com a mesma corda que se usa nas candeias. Mas há muitos que não aguentam, muitos — concluiu, refletindo.

Sem pedir autorização, Kaweka pegou numa mão do menino, levantou a camisa e apertou-o ventre contra ventre como fazia a mãe, como fazia ela, e cantarolou ao mesmo tempo que começava a balançar. Não tinha nenhum dos rituais prévios que faziam a mãe ou o avô, mas o tom veio-lhe à mente com a mesma intensidade como se se encontrasse rodeada pelos seus, em África. Imitou-a e iniciou aquele movimento de vaivém, para a frente e para trás.

— Há dois dias que não mama, minha menina — disse a criouleira, agachando-se junto dela e acariciando-lhe o cabelo. — Tem a mandíbula rígida. Como vês, nem sequer abre a boca. Só temos de esperar...

Mas Kaweka balançava-o e cantarolava, alheia às palavras da mulher, às corridas das outras crianças e ao ruído do engenho. Não estava ali, agora encontrava-se muito longe: na sua terra, com a mãe e o avô... e Daye. Mamã Ambrosia observou-a com perplexidade. *Parece... Não, não pode ser*, disse para consigo, rejeitando os seus próprios pensamentos. *É demasiado pequena*. Deixou-a ali para se dedicar às suas tarefas; em breve teria de dar de comer às crianças. Deu de caras com Antonia, que esperava a sua recompensa depois de desparasitar os crioulos e lhes limpar as feridas com aguarrás. Mamã Ambrosia apercebeu-se de que a escrava hesitava entre olhar ou não para Kaweka, sozinha num dos lados do sobrado, balançando com um ritmo inquietante, mágico... A criouleira despediu-se dela rapidamente com o seu arroz e entregou-se ao trabalho, de olhos postos na pequena Kaweka.

Limpou as crianças, cozinhou e deu-lhes de comer e de beber. As mães da safra chegaram antes dos outros escravos e aproximaram os mais pequenos dos seus peitos. María de la Luz interrogou a criouleira quando se apercebeu de que era o seu filho quem estava a ser embalado por aquela menina com o pé ligado.

— Deixa-a — pediu-lhe mamã Ambrosia. — Não faz mal a ninguém. Foi um dia muito duro para ela. Acaba de chegar e está triste e confusa.

A noite trouxe o alvoroço da faina e contrafaina, como chamavam ao turno que começava à meia-noite. O engenho iluminou-se com tochas e fogos. A cana tinha de ser moída imediatamente depois do corte; caso contrário, perdia propriedades e a qualidade do açúcar decrescia. Os sinos tocavam para chamar escravos para um ou outro edifício: ao trapiche, à casa das caldeiras ou à de purgas. Cana, lenha para o fogo, bagaço, garapa... transportava-se tudo de um lado para o outro. O trabalho era extenuante. Cantos forçados dos escravos por entre ordens e o estalar dos chicotes. Homens que caíam ao chão, derrotados, de puro sono e cansaço. O movimento não cessava numa noite densa que parecia encarcerar aqueles homens e mulheres abandonados pela fortuna.

Indiferentes ao alvoroço, num criouleiro dormiam mães e crianças, todos no mesmo sobrado, junto ao chão, para evitar a queda dos bebés. Apenas mamã Ambrosia e Kaweka se mantinham acordadas; a primeira, com o olhar atento; a segunda, ainda a embalar Jacinto, cada vez com menos intensidade, lentamente, a desfalecer. De madrugada, porém, quando mamã Ambrosia pensava que a menina iria desfalecer, viu-a tremer. A luz intermitente das tochas envolveu umas convulsões que foram aumentando. Um calafrio incontável percorreu o corpo da criouleira. Kaweka parecia sufocar, até que deitou a cabeça para trás e emitiu um gemido gutural que se confundiu com o bulício. Mamã Ambrosia benzeu-se e Kaweka apertou o menino contra si. Mamã Ambrosia benzeu-se de novo. Kaweka levantou o menino e ofereceu-o à escuridão. Depois caiu.

Ao amanhecer, quando os sinos tocaram a ave-maria para marcar o início dos trabalhos no campo, Kaweka levantou-se e mostrou o menino a mamã Ambrosia. A criouleira sabia que os dois estavam vivos; tinha-o comprovado depois de a rapariga ter colapsado.

— Toma, leva o teu filho — disse à mãe do pequeno depois de esta, admirada, se ter aproximado delas.

A infeção no cordão umbilical parecia manter-se, mas o bebé abria a boca; a rigidez das mandíbulas desaparecera. Podia mamar, queria fazê-lo, reclamava-o. Mãe e criouleira olharam-se atónitas. Nenhum menino no estado de Jacinto tinha conseguido sobreviver até então!

— O quê...! — exclamou María de la Luz depois de um instante de incredulidade.

Kaweka sorriu-lhe com inocência. Mamã Ambrosia abanou a cabeça e comprimiu os lábios num gesto de resignação. A mãe, negra, com cerca de vinte anos, falou em espanhol, pelo que Kaweka apenas conseguiu perceber o que ela sentia.

— Quem és tu para o curar! — recriminou-a. — O Jacinto ia morrer, entendes? Ia ser livre. Ninguém o iria explorar — disse por entre dentes, dando à menina um empurrão no peito com a mão livre. — Que direito tinhas tu? — acrescentou, dando-lhe um segundo empurrão.

Kaweka recuou, com os olhos abertos à procura de uma explicação para a atitude violenta daquela mulher. María de la Luz preparava-se para lhe dar um terceiro encontrão, mas a criouleira impediu-a.

— Ter-se-ia tornado um espírito livre dos chicotes e dos brancos — continuou a mãe, desesperada, com a voz quebrada, mostrando o seu bebé como se fosse um simples objeto. — É preferível morrer a viver aqui um dia... Um só dia! O meu menino merecia morrer!

¹ O termo «sacarocrata» não é admitido pelo dicionário da Real Academia Espanhola, mas surgiu para fazer referência aos abastados proprietários de engenhos em Cuba.

² «Banzo» é o nome dado à nostalgia profunda sentida por muitos escravos negros africanos levados para longe da sua terra, que frequentemente conduziu a depressões ou mesmo ao suicídio. (*N. da T.*)

Madrid, Espanha, maio de 2017
Cento e sessenta e um anos depois

Faltavam dez minutos para as oito da manhã quando Lita chegou ao edifício onde estavam localizados os serviços centrais do Banco Santadoma, no bairro de Salamanca, de Madrid, a zona mais elegante, cara e luxuosa da capital.

— Bom dia, menina Blasco — cumprimentou-a um dos guardas.

Lita não tinha a certeza de que seria um bom dia. Por mais que o sol brilhasse, em algumas ocasiões o ambiente tornava-se sombrio assim que María Regla Blasco, Reglita em criança, Lita para sempre, atravessava o torniquete de acesso aos escritórios. Apesar de trabalhar ali há bastante tempo, ainda havia quem olhasse para ela com uma certa estranheza, quer fosse por aversão ou talvez por simples curiosidade. Lita tinha dificuldade em decifrar se a rejeição que por vezes sofria se devia à sua cor de pele. Como leite com chocolate, tinham-lhe chegado a dizer ao longo dos seus vinte e oito anos, ou moreninha, ou caramelo, ou café também com leite, ou... «Mulata, caraças!», respondia ela empertigada no momento de defender as suas origens, orgulhosa por reclamar a sua cor.

Mas, sempre que o olhar de algum dos seus colegas se prolongava um segundo a mais, um instante que fosse, Lita questionava-se. Talvez não fosse exatamente racismo... Ou talvez fosse... Isso definitivamente

pouco lhe importava. O problema consistia em que, quando especulavam acerca da razão pela qual lhe tinham dado emprego no banco, não andavam errados. A sua mãe, Concepción, havia servido para os Santadoma desde que conseguia manter-se em pé com uma toalha limpa nas mãos. Também o tinha feito a mãe da sua mãe, e a sua bisavó, e até ela própria em muitas ocasiões. Lembrava-se de alguns jantares luxuosos lá em casa. Uma criada recebia os casacos dos senhores enquanto o Santadoma de serviço os recebia, e ela, Lita, vestida com o uniforme do colégio de freiras, aproximava-se das senhoras com alguma lembrança à medida que estas iam chegando: às vezes era uma simples flor; outras, uma caixa que escondia um pingente ou um lenço. E algumas daquelas mulheres, depois de abrirem os seus presentes e de repreenderem carinhosamente os seus anfitriões pelo detalhe, desfaziam-se em elogios em relação a Lita. «Que menina tão gira!» era o mais usual. Quando deixou de ser uma simples menina gira e pôde sair sozinha à rua, tornou-se a moça de recados da casa: é preciso ir buscar isto, levar isso, comprar aquilo... Todo o pessoal de serviço da casa lhe pedia ajuda.

— Sempre servimos os marqueses — costumava lembrar Concepción à filha, enquanto esta assentia tentando ocultar o seu desconforto para não a dececionar.

— Então — dissera, porém, numa dessas ocasiões uma Lita já adolescente quando ainda partilhavam um quarto diminuto e sem janelas no andar dos nobres, perto do banco —, algum dos nossos antepassados deve ter sido escravo deles.

— Não encontrarás um cubano de cor em cujas veias não corra sangue escravo — respondera a mãe sem dar grande importância ao comentário.

A sombra dessa escravatura colava-se aos pensamentos de Lita de vez em quando. Tinha lido a esse respeito, e, assim como se encolhia com a crueldade com que foram tratados aqueles seres humanos, também idealizava as vidas de uns antepassados que já se tinham tornado seus. Em ambas as situações, sentia uma angústia que a deprimia e a inquietava. No entanto, ela era espanhola, europeia, criada na cultura

ocidental, no estado do bem-estar e na abundância, pelo que tudo isso da escravidão lhe parecia algo distante. Ou, pelo menos, assim tentava desculpar-se a si própria perante o incompreensível remorso que a assaltava depois de afugentar aquelas ideias da mente, como se acabasse de trair a história ou a memória.

A condição da sua mãe, porém, atormentava-a com uma ferroadada de humilhação e de vergonha que Lita não conseguia superar. «Sim, filha da criada dos marqueses!», imaginava-se a afirmar perante algum daqueles impertinentes com o mesmo atrevimento com que o fazia perante as estúpidas referências à sua cor de pele. Mas, ao pensar na sua mãe na boca desses executivos bancários capazes de matar para ascenderem na carreira, o estômago contraía-se-lhe. Chegara a fechar-se numa casa de banho devido a esses olhares enviesados que insultavam, que contradiziam os falsos sorrisos dos seus cumprimentos, e bater na porta e verter algumas lágrimas de raiva, para, depois de acalmada a respiração, acabar por se considerar uma «ingrata» e procurar a reconciliação espiritual com essa mulher a quem devia tudo o que era, mas que não se atrevia a defender em público devido aos seus impróprios preconceitos de classe, que era incapaz de superar.

Porque era verdade. Há dois anos que a mãe lhe tinha encontrado aquele emprego, depois de ela fracassar de todas as vezes que o tentou fazer por mérito próprio após terminar os estudos universitários em economia e um mestrado em comércio internacional. Era fluente em inglês e começara a aprender alemão, mas todos esses conhecimentos de pouco lhe serviam para levar *pizzas* de bicicleta de um lado para o outro de Madrid, servir copos atrás de um balcão, repor mercadorias num supermercado ou ser explorada em alguns cargos profissionais de pouco nível e ainda menos humanidade, com a promessa de experiência como único salário. Lita viveu anos difíceis quando se iniciou no mundo do trabalho: o desemprego abalou a sua autoestima, assim como a de outros jovens que pretendiam aceder ou manter-se no mercado laboral, mesmo que apenas conseguissem trabalhos precários.

Houve um momento em que a depressão se apoderara dela. Permanecia indiferente, não ria, não comia e chegara a negligenciar a sua higiene e o seu aspeto pessoal. As suas amigas avisaram a mãe, e esta aparecera no apartamento que partilhavam no bairro de La Latina, em Madrid, para ir buscar uma rapariga desfeita e chorosa, que amparara de novo no quarto diminuto e sem janelas que os Santadoma lhe proporcionavam.

Lita recuperara durante uns dias em que deambulava pela zona de serviço da casa, tranquila por saber que ali jamais apareceria a dona Pilar de Santadoma, pelo menos sem se anunciar previamente, como se fosse de visita a uma casa que não era a sua. Quem se tinha apoderado do lugar eram dois *yorkshires* mimados e insuportáveis que faziam as suas necessidades nuns cestos com serradura dispostos na cozinha. «A dona Pilar diz que na rua se sujam e apanham de tudo», dissera-lhe a mãe. Lita tentou, em vão, travar algum tipo de amizade com aqueles animais, mas apenas conseguiu algumas dentadas rápidas, traiçoeiras, que lhe arranharam as mãos.

— Tinham de ser cães dos Santadoma! — queixara-se enquanto a mãe a tratava com água oxigenada.

Desde esse momento, Lita batia com os pés no chão com força quando via os cães a aproximarem-se. Eles rosnavam e ladravam à distância.

— A senhora atende-nos depois do pequeno-almoço — dissera-lhe Concepción uma manhã. — Fá-lo de boa vontade, filha — esclarecera ao ver o inconsciente esgar de desdém com que Lita recebera o convite da dona Pilar.

Nenhum Santadoma alguma vez agira de boa vontade, quisera responder ela. Lita opusera-se várias vezes às sugestões da mãe. «Não quero trabalhar para o marquês», dizia-lhe. «Não me interessa, mãe.» «Exploraram a nossa família toda a vida.» Lita não desejava prolongar em si a relação servil que a mãe mantinha com os marqueses, e parecia-lhe que, mesmo que não fosse como criada, a proximidade com aquela gente sempre lhe pesaria na alma. Para não a magoar, ocultava da mãe a

angústia que sofria nas noites em que os senhores davam uma festa e Concepción, atenta para que nada faltasse, se deitava já ao amanhecer, depois de limpar e apanhar os restos do serão durante a madrugada. Em certas ocasiões nem sequer dormia! Concepción não tinha horários; havia mais pessoal de serviço, mas não era interno, de modo que ela era a única que dormia em casa. Enquanto isso, a mãe tinha muito cuidado para não recriminar a filha pelo fracasso que a levava à depressão e ao desalento, e era-lhe fácil desarmá-la: a sua ternura e a sua ingenuidade, a sua humanidade, eram capazes de quebrar qualquer resistência. Então, Lita cedia e enganava-se dizendo a si própria que teria oportunidade de negar mais tarde.

Nesta ocasião, o novo silêncio de Lita encorajou Concepción.

— Com certeza que tem boas notícias — insistiu então com entusiasmo. — Temos de ir antes de chegar o padre.

«Não...», quis objetar a rapariga, mas, em vez disso, deixou-se levar.

— Minha senhora...

Concepción pigarreou, interrompendo os pensamentos da idosa, que tinha o olhar perdido no outro lado das janelas que davam para a rua. Acabara de tomar o pequeno-almoço numa camilha coberta por uma toalha de linho, com serviço de porcelana e talheres de prata, onde se sentava com as costas direitas, o pescoço esticado e o queixo erguido. Como sempre, por muito cedo que fosse, a mulher, viúva e com mais de oitenta anos, aparecia impecavelmente vestida, o cabelo grisalho bem penteado, perfumada e maquilhada, ainda que com delicadeza, sem excessos; preparada para receber qualquer visita diferente da do sacerdote que comparecia todos os dias para lhe dar a comunhão, e que depois a oferecia à criada.

— A minha filha — apresentou-a desnecessariamente Concepción, empurrando-a com suavidade pelas costas para que se chegasse um passo à frente.

Tal como lhe fazia em menina.

Lita obedeceu e apercebeu-se de que, inconscientemente, tinha

entrelaçado as mãos à sua frente, numa atitude de recato, como fazia quando era menina. Soltou-as e, por uns instantes, sentiu-se desconfortável, como se estivesse a transgredir uma regra.

Dona Pilar percebeu aquele inocente gesto de rebeldia; porém, a sua atenção centrou-se em consolar os dois *yorkshires*, histéricos, que ladravam furiosos perante a chegada de Lita aos seus domínios, mas desta vez sem se aproximarem dos seus tornozelos.

— Eu avisei-te de que a tua filha não ia conseguir, Concepción — lembrou-lhe dona Pilar, mudando o tom afetivo com que se tinha dirigido aos dois cães para um tom seco e contundente. A criada baixou os olhos. — Não estavas capaz de enfrentar a vida sozinha, María Regla. — A mulher nunca utilizava o seu diminutivo carinhoso. Lita questionou-se sobre o que mais teria de estudar para estar capaz, no entender da idosa. — Bom — continuou esta —, a tua mãe disse-me que tens necessidade de trabalhar no banco.

Dona Pilar esperou uma resposta que demorou uns dois segundos a ser dada, tempo que Lita utilizou para tentar tolerar o tom com que a mulher mencionara aquela necessidade.

— Sim..., minha senhora — acabou por dizer, ainda que por dentro fervesse de indignação.

Queria realmente aquele trabalho? Necessitava assim tanto dele? O cheiro penetrante das comidas que transportava por metade de Madrid no cesto de uma bicicleta emprestada, um emprego miserável de que foi despedida depois de comer o que distribuía para outros, lembrou-lhe a sua situação. Naquele dia tivera fome, nunca lhe tinha acontecido; parara numa esquina, olhara para a caixa, saíra da bicicleta, sentara-se no chão, apoiada contra a parede, e saboreara uns rolos de *maki* e *nigiri*, ou, pelo menos, era isso que o recibo indicava. Não pôde efetuar a entrega nem pagá-la. O encarregado gritou, fez gestos no ar e insultou-a. «Preta de merda!» Sim, respondeu para si: necessitava de trabalhar naquilo para que estudara com tanto esforço. Apenas pretendia que lhe dessem uma oportunidade! Agarrou as mãos por trás, com força. Teve de o fazer.

Forçou os músculos até à dor e permitiu que a ira aflorasse às suas costas em vez de rebentar à frente daquela mulher.

— Tivemos uma grande decepção no dia em que abandonaste esta casa, com arrogância, sem te teres despedido nem sequer agradecido tudo o que esta família fez por ti, como se fôssemos uns... estranhos a quem não devesses nada. — A mulher deixou que as suas palavras se desvanecessem no ambiente antes de prosseguir: — O meu pai, o marquês, que Deus tenha a sua alma em descanso, afirmava que um dos piores defeitos das pessoas é a soberba, e que aos ingratos não se devia conceder a oportunidade de voltarem a insultar-nos com o desprezo.

Lita pensou que os ombros se lhe iam deslocar com a força com que arqueava os braços. Sim, foi-se embora batendo com a porta, aos gritos com a mãe, cega pela rebeldia da juventude, e agora sentia vontade de cuspir naquela velha e pôr assim termo à humilhação. Concepción deve ter percebido, porque ergueu os olhos do chão e, para surpresa da filha, interveio em sua defesa.

— Era muito jovem, minha senhora — alegou.

A mulher ignorou o comentário.

— Não mereces, María Regla. Não te devíamos ajudar. No entanto, os serviços que a tua família prestou nesta casa durante tantos anos, com uma lealdade e uma gratidão que tu manchaste, levam-me a contrariar a decisão que me parece que o meu pai teria adotado. Nós, as mulheres, pecamos por fraqueza — suspirou, o que Lita considerou ser um dos maiores exercícios de cinismo que alguma vez presenciara. — Amanhã apresenta-te no banco.

Depois dessa última intervenção, dona Pilar manteve os olhos lacrimejantes cravados em Lita, esperando uma resposta. A mãe adiantou-se:

— Obrigada, minha senhora, muito obrigada.

— Obrigada... — acabou por dizer Lita, enquanto cravava as unhas nas palmas das mãos.

— Espero que, tal como o foram os teus antecessores, como o foi o teu

pai e continua a ser a tua mãe, como o foi a tua avó, para não recuar mais, sejas digna de trabalhar para os Santadoma, e suficientemente agradecida pelo favor que te concedemos — acrescentou a idosa, levando o guardanapo aos lábios para os limpar ligeiramente, e com isto pôs fim à conversa.

Mãe e filha regressaram em silêncio ao minúsculo quarto sem janelas; o sorriso de Concepción iluminava o caminho, enquanto a cabeça de Lita andava às voltas num turbilhão de pensamentos desvairados que a assombravam ao ritmo do ladrar dos *yorkshires* que deixara para trás. Digna? Da única coisa que tinha de ser digna era da sua mãe, mas comportava-se com ela com a dignidade e o amor de uma filha, ou utilizava-a para conseguir aquilo em que fracassara? Era confortável deixar-se levar pela sua iniciativa, aproveitar a oferta e esconder a sua animosidade para com os Santadoma por trás de uma suposta obediência que não era senão interesse, porque necessitava desse trabalho, que não conseguia alcançar por mérito próprio. E como o queria! Queria-o, sim, e, ao admiti-lo, sentiu-se extremamente hipócrita.

— Mãe... — quis confessar.

— Cala-te, menina — interrompeu-a Concepción, empurrando a porta de batente que abria para a zona de serviço. — Tu conseguiste estudar graças aos senhores, que o permitiram, proporcionando-nos teto, roupa e comida, pagando-me um salário e até suportando as despesas do teu colégio. Lembra-te disso. És a primeira pessoa da família que não serve em casa dos Santadoma. Vais trabalhar num banco! Aproveita, trabalha duro e, como diz a dona Pilar, sê agradecida. Ainda que possa não parecer, os Santadoma sempre nos trataram bem, filha — concluiu.

O teto, a roupa, a comida e o salário tinham sido ganhos por Concepción a trabalhar sem descanso, pensou Lita. E o colégio religioso de meninas ricas, para onde os Santadoma a decidiram levar como um exercício de caridade pública, não provocara nela mais do que frustrações e complexos. O seu lugar era na escola pública; ali havia negras como ela, e rapazes da sua classe social que até se esforçavam e estudavam

mais do que as freiras, tão recatadas quanto reacionárias, esperavam das suas alunas privilegiadas. Chegou a pedir à mãe que a mudasse de escola, mas Concepción opôs-se com medo de que os senhores levassem a mal.

Lita franziu os lábios perante aquelas más recordações que um dia a levaram a bater com a porta, aos gritos. Já pedira desculpa à mãe dezenas de vezes, ainda que esta continuasse a acreditar na bondade dos Santadoma. Respirou fundo e abraçou-a com força, muita força.

— Tens razão — disse-lhe ao ouvido. — Obrigada, mãe.

Dois anos mais tarde, como todos os dias desde então, Lita evitou os olhares dos outros e sentou-se no Banco Santadoma disposta a demonstrar que o seu valor se sobrepunha a recomendações e preconceitos.

3

Cuba, abril de 1862
Engenho La Merced

Era a sexta safra que Kaweka vivia no engenho La Merced. Estava prestes a fazer dezassete anos, ainda que na sua documentação constasse vinte e três, a idade que teria a escrava falecida que substituiu e de quem também herdou o nome, María Regla, e até uma cor de pele mais morena. «Por sorte», brincou mamã Ambrosia, «a rapariga não era casada nem tinha filhos, porque também os terias herdado.» Através dessa artimanha, o marquês legalizava uma escrava entrada por contrabando na ilha, e apenas por uns meros pesos de aumento nos honorários de dom Julián, o sacerdote que comparecia no engenho uns poucos dias por ano para celebrar a missa e que num Natal se empenhou em batizar pela segunda vez a escrava chamada María Regla.

— Não o julgo pela sua gestão administrativa — alegou o padre perante Narváez, o maioral de La Merced —, mas Deus não é nem tão ingénuo nem tão permissivo como as autoridades espanholas, e Ele bem sabe que esta nova María Regla não dispõe dos documentos necessários para entrar no reino dos céus.

Com o decorrer dos anos, os grandes açucareiros tinham conseguido limitar a intervenção da Igreja nas suas propriedades e livrar-se de boa parte das suas obrigações para com a instituição, desde as missas semanais até à abstinência, o jejum ou os dízimos. Os engenhos eram

explorações comerciais, e a intromissão dos padres e as perdas de tempo não eram permitidas. Mesmo assim, a evangelização dos escravos, a redenção das suas almas e a salvação cristã como seres humanos, embora selvagens e inferiores aos brancos, constituía um dos fundamentos em que os brancos se apoiavam para desculpar o tráfico, e através do qual tranquilizavam tanto as suas consciências como a sua imagem. Com esse objetivo, os sacarocratas decidiram simular a santificação dominical, concedendo esse dia de feriado a uma parte dos escravos depois de o maioral, em funções de capelão, lhes ler um mistério, um par de folhas do catecismo e lhes ensinar a benzerem-se e a rezarem as orações básicas. Nesses feriados, parte da dádiva destinava-se durante umas horas à manutenção de umas instalações que, em época de safra, sofriam uma deterioração considerável. Na realidade, a espiritualidade dos fazendeiros diluía-se no que não constituía mais do que uma paragem forçada, de índole técnica, feita principalmente para limpar as máquinas e evitar a fermentação que estragava o açúcar.

No engenho La Merced os domingos celebravam-se de quinze em quinze dias, assim tinha decidido o marquês: um dia feriado de duas em duas semanas. Além disso, não podia coincidir com o das explorações próximas, com o fim de impedir que os escravos se reunissem e desse modo evitar que planeassem revoltas. Nesse dia de abril do ano de 1862, depois do sermão de Narváez, Kaweka e mamã Ambrosia dirigiram-se à taberna aberta no caminho, mesmo à saída do engenho. Ali encontraram outros escravos, chineses contratados que viviam no regime de semiescravatura e livres assalariados, todos dependentes do marquês de Santadoma. Entre eles moviam-se homens livres de aldeias dos arredores, mas nenhum trabalhador das plantações limítrofes. A taberna era, na realidade, um armazém: um edifício grosseiro de um só piso construído em madeira e com telhado em folhas de palma onde se podia encontrar desde rum e aguardente até sapatos. Os escravos dos engenhos não usavam sapatos. Nunca lhes davam com a roupa, por isso, alguns homens e mulheres vendiam-se para conseguirem um par deles para se exibirem e

destacarem nas festas dos domingos.

Kaweka juntara-se com agilidade às pessoas que se apinhavam no estabelecimento. Mamã Ambrosia, pelo contrário, abria caminho aos empurrões, ignorando as queixas que originava. Na realidade, a maioria respeitava a velha criouleira. No interior, escravos e trabalhadores bebiam, gritavam e, sobretudo, apostavam nas cartas ou em qualquer jogo que permitisse pôr em cima da mesa pesos ou as moedas cunhadas pelo marquês: os *tokens* com que pagava aos seus para que consumissem na sua loja e não escapassem durante a noite para gastarem o dinheiro. Os *tokens* não tinham qualquer valor noutro lugar e eram prática comum nos grandes engenhos.

Muitos escravos eram entusiastas do jogo, onde perdiam o dinheiro que obtinham na exploração dos seus *conucos*, as pequenas porções de terra que o marquês lhes cedia para as cultivarem ou criarem nelas porcos e galinhas. Aquelas hortas, dispostas estrategicamente à volta das instalações açucareiras, garantiam também que os seus beneficiários não incendiariam o engenho para não se prejudicarem a si próprios.

Kaweka e mamã Ambrosia procuravam Gabino, um negro livre, vendedor ambulante, que percorria os caminhos a puxar por uma mula atrelada a uma grande armação de madeira que ameaçava vergar o animal, composta por mil gavetas, onde exibia todo o tipo de produtos: roupa, quinquilharia ou alimentos que anunciava aos berros, quer fosse nas aldeias ou nos engenhos.

As escravas não conseguiam localizar o vendedor entre a multidão que se acumulava nessa manhã na loja, embora soubessem que estava por lá. Gabino podia aproximar-se delas em La Merced se fosse ao engenho vender as suas mercadorias; caso contrário, uma ou outra davam uma vista de olhos pelo caminho, e, se viam a sua mula atada a um pau, iam à taberna saber se havia notícias dele. As duas mulheres continuaram à sua procura, até que se abriu um círculo à volta de duas mesas compridas que alguém juntara. Aí estava ele, entre um bom número de pessoas que começaram a gritar e a fazer apostas entre si, apontando-se, aceitando o

convite e desafiando-se. Mesmo junto à extremidades das mesas, foi colocada uma série de bolachas grandes, duras e salgadas, tantas quantos os homens, todos negros, escravos, que se alinharam à frente delas. O resto dos presentes na taberna apercebeu-se do início daquele jogo, acolhendo-o com ruído e juntando-se ao círculo, às apostas e ao bulício. Não era a primeira vez que Kaweka e a criouleira presenciavam aquela competição, e sorriram ao cruzarem os seus olhares.

Os homens dispostos à frente das mesas baixaram as calças; alguns deles também tiraram as camisas, ficando nus. O taberneiro ergueu um braço e os competidores agarraram os respectivos membros, pela base, o mais próximo possível dos testículos. A gritaria moderou-se uns instantes; a expectativa reinava no ambiente, até que o árbitro baixou o braço e os escravos começaram a bater nas bolachas com o pênis, utilizando-o como um maço. As pessoas irromperam de novo em aplausos. Ganhava aquele que partisse a bolacha primeiro, aparentemente de ferro perante os embates dos adversários.

— Hoje é domingo — afirmou mamã Ambrosia ao ouvido de Kaweka.
— Vamos aproveitar! — propôs depois de pôr a mão no ar.

E juntaram-se à festa encorajando aos gritos um e outro, atentas a como tentavam esmigalhar as bolachas, até que uma delas se partiu; quem batia nela era um escravo magro, mas dotado de um pênis comprido, que depois a fez esvoaçar perante o público em sinal de triunfo. As duas aplaudiram e festejaram a vitória. Depois, enquanto uns se vestiam, os *tokens* mudavam de mãos e outros comiam as bolachas, Kaweka e mamã Ambrosia aproximaram-se do vendedor ambulante.

Os três retiraram-se discretamente para um canto do estabelecimento. Gabino vasculhou na sua sacola até tirar de lá uns colares, que ofereceu às mulheres.

— De hoje a cinco noites — comunicou-lhes ao mesmo tempo.

Elas examinaram as bugigangas.

— Do que necessitam? — inquiriu Kaweka, erguendo uma gargantilha dourada como se se interessasse pelo valor.

— Armas, pólvora, carne, sal... — enumerou o homem.

Kaweka negou ostensivamente com a cabeça, como se recusasse o colar.

— Pois. Não querem também o marquês? — retorquiu com ironia.

— Então, vais comprá-lo? — perguntou Gabino, levantando a voz. O latão dourado, ornado a filigrana, sobressaía no dorso negro da mão da jovem, que se viu com ele ao pescoço. — É muito bonito — incentivou-a o bufarinheiro.

Era muito bonito. Nunca tivera um colar como aquele. Uma pedra, uma concha enlaçada num cordel: fora o máximo que usara nas festas do engenho.

— A ti, faço-te um bom preço — insistiu Gabino.

— Quanto? — atreveu-se a perguntar ela.

Mamã Ambrosia sorriu.

— Quatro *tokens*.

Tinha esse dinheiro. Pousou de novo o olhar na filigrana, nos dourados, e imaginou-se adornada com ele ao pescoço, captando a atenção de algum jovem, e talvez também a de uma daquelas amigas que se tinham acostumado a olhar com receio para ela.

— Compra-o — instou-a a criouleira, adivinhando os seus pensamentos. — Eu ajudo-te se precisares de *tokens*.

Kaweka levantou ainda mais o colar. Gostava dele, queria-o...

— Não — decidiu, e devolveu a peça a Gabino, que a aceitou com um gesto de contrariedade.

— Menina! — exclamou mamã Ambrosia. — Vais parecer uma princesa... — Tinha-se juntado ao vendedor para a convencer.

— Três *tokens* — ofereceu este.

— Não, não, não! — retorquiu, obstinada. — De hoje a cinco noites — mudou repentinamente de tema. — Lá estaremos.

— Regla... — insistiu a criouleira, tirando o colar das mãos de Gabino.

Kaweka deu meia-volta. Há muito que limitara os seus pertences a um

vestido, um gorro de lã, um lenço, um casaco de flanela e uma manta. Os *tokens* que ganhava destinavam-se a algo melhor do que umas missangas que apenas satisfariam a sua vaidade e que, definitivamente, de nada lhe serviriam. Ela não fazia como a maioria das mulheres do engenho, que tomavam banho e se lavavam no riacho, se enfeitavam, se vestiam e se arranjavam aos domingos para festejarem com os homens. Alguns divertimentos começavam no próprio rio, quando muitos deles apareciam para as verem fazer a sua higiene e acabavam por se enrolarem e fornicarem na água ou nos charcos que se formavam à sua passagem. Depois iniciavam-se os bailes de tambores, e com eles os escravos regressavam à sua terra, aos seus costumes e aos seus deuses. Os amos e os sacerdotes sabiam; apesar disso, permitiam aquelas danças.

Ambas voltaram ao engenho. A festa já tinha começado no barracão e estendia-se pelo pátio. Os tambores ecoavam, acompanhados pelo som das claves e das maracas. Apesar do cansaço, as pessoas cantavam e dançavam para se divertirem e honrarem os deuses. Alguns entrariam em transe ao longo da manhã e oscilariam entre o humano e o divino. Um ou outro dos muitos santos iria descer para dançar nas cabeças dos escravos. Kaweka tinha-o visto em numerosas ocasiões: os escravos entravam em convulsões, mudavam a voz, avisavam os espectadores, ameaçavam e diagnosticavam doenças ao mesmo tempo que receitavam os seus remédios. O espírito que tomava conta de qualquer um dos escolhidos mantinha a sua própria personalidade. Se um orixá guerreiro descia sobre uma mulher, esta levantava as saias até à cabeça como se as quisesse tirar, pois um soldado não se devia vestir assim; havia uns que provocavam o riso, ou que desatavam a morder os cães, ou a comer baratas...

E cada uma das deidades africanas que acompanhava os negros no seu cativeiro se foi associando a outra daquelas que lhes impunham os brancos. Desta forma, ao adorarem um santo cristão e um deus ioruba, os escravos evitaram que amos e sacerdotes impedissem a chegada dos seus orixás a terras devotas de Cristo. Os escravagistas tentaram sempre

convertê-los ao seu credo, mas os negros nunca esqueceram o seu. A Virgem de Regla, o nome que Kaweka herdara, fundia-se com Iemanjá, deusa das águas. Porém, a verdade era que há anos que a jovem evitava aquelas festas.

— O teu poder é muito forte — convenceu-a mamã Ambrosia depois de uma experiência traumática num domingo de festa que, para irritação do maioral, prostrara Kaweka na cama durante alguns dias.

Era assim. Kaweka não tinha de procurar os deuses no frenesi da música de tambores, cânticos e danças rituais; ela era uma das eleitas a quem lhe «descia o santo» de forma espontânea, por isso decidira afastar-se de lugares como os barracões onde, ao som dos tambores, se invocavam os orixás. Muitos deles compareciam à chamada e pairavam entre os fiéis, observando-os e julgando-os antes de os possuírem.

Desde a sua chegada ao engenho, Kaweka demonstrara uma relação especial com os deuses. A cura de Jacinto seis anos antes fora a primeira mostra. Depois foram várias as situações em que a rapariga tremera pela presença divina, mas foi aos catorze anos que um orixá, manifestando a sua habitual essência caprichosa, decidiu possuí-la enquanto ela transportava ao ombro um feixe de cana-de-açúcar recém-cortada. Antes de chegar ao carro de bois, atirou a carga, plantou-se à frente de um dos guardas e começou a gozar com ele com caretas grotescas: ofegando, bufando, estalando a língua. O homem estacou uns instantes, surpreendido, antes de lhe dar uma bofetada que a derrubou. «Louca!», gritou, e deu-lhe um pontapé no ventre. Depois açoitou-a. Já no chão, o santo não deixou de zombar do guarda até que, passados uns instantes, decidiu devolver a identidade à escrava.

Kaweka recuperou a consciência a tempo de sentir uma chicotada lacerante nas pernas. Encolheu-se. Os outros escravos continuavam a cortar a cana, carregando-a nos carros de bois... e cantando.

— Levanta-te, preta! — ordenou-lhe o guarda sem deixar de a açoitar.
— Levanta-te!

Perseguiu-a aos gritos e à pancada até que o sino do engenho os

chamou de volta, já o sol se punha e o céu começava a ficar vermelho. Narváez já estava a par do sucedido pela boca do condutor de um dos carros de bois. Mamã Ambrosia também. À medida que homens e mulheres acediam ao pátio dos barracões, foram-nos colocando em círculo. Kaweka levou um empurrão quando se preparava para seguir os passos dos outros escravos.

— Estúpida! Achas que te vais livrar? — gritou um dos guardas.

Levaram-na até ao centro, onde o maioral a aguardava.

— Despe-a — ordenou a uma escrava.

Kaweka deixou cair a erva que carregava antes de a mulher lhe arrancar o vestido da cintura para baixo. A roupa, velha, rota, gasta, não se susteve nas suas ancas e deslizou até ao chão. As lágrimas correram pelo rosto da rapariga, que permanecia em pé, paralisada, trémula, os braços caídos ao longo do tronco, os pelos de todo o corpo eriçados pelo pânico.

Mamã Ambrosia espantou-se diante da luxúria que percebeu em muitos dos olhares que se fixavam num corpo que fugia da inocência: a púbis plana, salpicada de incipiente pelo preto encaracolado, os peitos pequenos, já formados, as curvas das ancas delineadas. Durante uns instantes, o propósito do castigo que mantinha Kaweka como centro das atenções dos negros do engenho pareceu desvanecer-se da mente de brancos e escravos, e a rapariga tornou-se uma simples mercadoria exposta ao desejo e à fantasia voluptuosa. A criouleira soube que aquele momento não só acabaria na dor das chicotadas, como também supunha a superação de uma etapa na vida de uma rapariga que, como todas elas, ingénuas, inocentes, era capaz de sorrir perante a desgraça, de brincar no mesmo lugar em que uns minutos antes caíra rendido um negro, os seus soluços afogados na terra sobre a qual ela corria, de enterrar as injustiças, rancores e insultos atrás da inconsciência de uns espíritos ainda alegres por natureza. Mamã Ambrosia assumira o cuidado de Kaweka e olhado por ela tal como as outras mães pelas suas filhas.

Porém, nesse entardecer, a carapaça que protegia a jovem escrava

acabara de desaparecer e era vendida em leilão, o seu pudor descoberto e lícitado à incontinência de escravos esfomeados de prazer. Assim sentiu a idosa e assim compreendeu a rapariga exatamente quando ambas cruzaram os seus olhares, húmidos, inundados de lágrimas.

— À terra — ordenou Narváez, quebrando assim o consolo que mamã Ambrosia tentava transmitir à sua afilhada. Quatro escravos deitaram Kaweka sobre uma porta velha disposta no chão e ataram-lhe os pés e as mãos às esquinas. — Quinze — indicou o maioral com indiferença a um dos guardas.

Eram dez chicotadas abaixo do máximo diário permitido por lei.

Kaweka não conseguiu conter um grito de dor quando o látigo de finas tiras de pele de peixe-boi entrelaçadas rasgou a sua carne. Lutou para se livrar das cordas. Gritou e gemeu sem pudor nas chicotadas seguintes, rodeada pelos pés negros e descalços dos escravos, até que, por volta da décima, antes de o estalo se lhe afundar nas feridas, a razão da chacota do orixá, do seu extravagante comportamento no canavial, apareceu diante de si com nitidez: tirá-la do conformismo, fazer nascer nela um ódio para com o homem branco que a escravizava e maltratava que se dissolveu com a dor e com o sangue. As lágrimas cessaram e mamã Ambrosia, tal como muitos outros, viu como ela deixava de lutar para se curvar em cima da tábua, relaxando as costas e oferecendo-as ao chicote, desafiando-o.

Narváez também se apercebeu disso, e sentiu-se desafiado, enfrentado na sua autoridade. Franziu o sobrolho e, com um gesto de coação, ordenou ao guarda que intensificasse o castigo.

A ira de Kaweka aumentava ao ritmo da tortura a que era submetida pelo carrasco, um sentimento que se sobrepôs à dor, à pena, à tristeza, à permanente recordação da sua terra e dos seus, e, sobretudo, à submissão dos escravos. A grande maioria não lutava. Sim, falava-se de revoltas e de incêndios, mas ela apenas tinha referências verbais, lendas que uns e outros iam exagerando, mas que nos seus seis anos de cativo não se haviam tornado realidade. Também aconteciam fugas e suicídios, abortos

desejados e uma ou outra sabotagem que afetava instalações menores. Mas a oposição ao amo que a rapariga conhecia revelava-se fundamentalmente na lentidão, na parcimónia com que se enfrentava o trabalho; uma atitude que enervava as sentinelas, obrigando-as a usar o chicote e tornando irrelevantes os esforços para inovar recorrendo a máquinas que requeriam diligência e atenção. Essa indolência rotineira, imputável tanto ao cansaço como à vontade, convertia-se num consolo espiritual de homens e mulheres explorados com maior crueldade do que animais.

Por isso, a tortura que sofria deitada e atada sobre uma porta velha depois das zombarias do orixá, com cada uma das vergastadas a sacudirem-na e a despertarem-na da abulia em que dormitava a sua raça, indicou a Kaweka o inevitável caminho que os deuses lhe assinalavam: a luta contra os brancos e a escravatura. A perseguição da liberdade.

Forçou o pescoço e ergueu o olhar na direção dos escravos que, em círculo e em seu redor, eram obrigados a presenciar o castigo. Ali estava Jacinto, que ela condenara a uma vida de escravo, e a sua mãe, María de la Luz, abatida, com outro crioulo vivo nos braços.

Várias meninas da idade de Kaweka escondiam lágrimas e olhares perante as costas dilaceradas da amiga. Muitos negros mantinham a tensão nos rostos e outros até tremiam, talvez recordando a própria dor. Havia quem abanasse a cabeça e quem estendesse os braços como que a pedir clemência. Porém, não se ouviam queixas. Kaweka tentou sorrir, para os encorajar a acompanhá-la na sua luta, mas não conseguiu. A sua tentativa ficou-se por um esgar grotesco quando o chicote assobiou no ar e a feriu de novo.

Kaweka teve a duvidosa honra de ser a primeira açoitada entre as jovens de idade similar. Cirilo tratou-a sob o controlo rigoroso de mamã Ambrosia, que exigiu ao maioral que dispensasse a sua protegida de comparecer na safra. A criouleira tinha certa influência sobre Narváez, que, de acordo com os novos critérios sobre a criação dos escravos,

recebia um aumento salarial por cada criança que nascia, vivia e se juntava aos negros do engenho, resultados que estavam dependentes da competência da mulher.

Durante uns dias Kaweka convalesceu no criouleiro, onde só conseguia esquecer o lacerante ardor do unguento aplicado nas suas costas, a pele levantada em tiras, quando recebia a visita de algumas amigas, que saltavam a cerca do jardim e se misturavam entre os meninos à hora do almoço, do jantar, ou inclusivamente entre as tarefas que se lhes atribuíam no engenho.

— Dói-te muito?

Examinavam-lhe as costas e não conseguiam evitar as manifestações de terror. Conheciam as sequelas daqueles castigos, talvez até em familiares ou entes queridos, mas verificá-las em alguém igual a elas, numa rapariga da sua idade, assustava-as. Consolavam-na, embora também a interrogassem.

— Porque desafiaste Narváez?

— A minha mãe diz que, se me castigarem, devo mostrar-me submissa.

— Sim, porque assim não se enfurecem tanto.

— Temos de lutar — rebateu Kaweka, como se as suas feridas lhe concedessem ascendência sobre as outras.

Limitou-se a repetir a explicação que julgava que os deuses lhe tinham proporcionado enquanto permanecia deitada sobre a porta e era açoitada com uma crueldade inusitada para com uma rapariga, mas as suas amigas não a entenderam. «Nós?» «Contra o quê podemos lutar?» «Como?» «Somos apenas raparigas... e escravas e negras.» «Os homens não lutam.» «É verdade, só alguns escapam para os montes.» «Ainda nos castigavam mais.» «Açoitar-nos-iam como a ti.»

E Kaweka não fora capaz de lhes oferecer melhores argumentos. Ela própria tinha dúvidas: os deuses possuíam-na, os deuses ofendiam os brancos através da sua voz e do seu corpo enquanto ela permanecia nas suas mãos, inconsciente, e, no entanto, era ela que recebia o castigo, a

que recebia a dor, a que acabava com as costas atravessadas pelas chicotadas, e tudo por, tal como alegavam as suas amigas, ofender e difamar o maioral. Que tipo de luta era essa?

— Não as deves incentivar à rebeldia — aconselhou-a, já pela noite, mamã Ambrosia.

As duas estavam deitadas na tarimba, envolvidas pela respiração pausada das crianças e das suas mães, ao abrigo da voragem que se originava com as fainas do engenho.

— Não sei, mamã Ambrosia — reconheceu a jovem depois de uns instantes de silêncio. — Suponho que tens razão, porque eu própria não entendo. Enquanto me açoitavam, julguei que os deuses me encorajavam a lutar, mas agora... Agora tudo isso me parece muito distante e não me atrevo a assegurar que tenha sido assim, ou que apenas tenha acontecido na minha mente, como se fosse um sonho. Ou que o julguei devido à dor, ou... não sei. Tento recordar, mas está tudo confuso; a única coisa que agora me vem à cabeça, uma e outra vez, é o chicote, o seu zunido, os seus estalos contra as minhas costas, a dor... Que sentido tem lutar? Como dizem as minhas amigas, não consegui nada.

A criouleira sentiu-se arrebatada pelo discurso, pelas dúvidas, pela angústia nas palavras da menina, pela sua própria ignorância. Estendeu a mão para lhe acariciar o rosto.

— Os deuses marcar-te-ão o caminho — limitou-se então a responder.

Esses deuses continuaram a assediar Kaweka desde o momento em que sofreu o seu primeiro castigo físico. Orixás que a possuíam e lhe roubavam a vontade e a palavra, originando desfalecimentos, indisciplinas e atitudes tão imprevistas como inadmissíveis num engenho açucareiro, e que a levaram a ser considerada por Narváez e pelos seus como uma pessoa desequilibrada, porque os brancos não entendiam que tais excentricidades ou loucuras pudessem suceder fora dos bailes rituais dos domingos, quando os escravos se embebedavam com aguardente, fumavam e fornicavam sob o delírio de uns tambores que retumbavam sem cessar nas suas cabeças e que forçosamente os tinham de levar ao

paroxismo. Mas o que acontecia nas festas de negros não explicava que uma jovem aparentemente saudável, a trabalhar ao sol das Caraíbas e envolvida nos cânticos tristes e monótonos dos negros, como todos eles, perdesse a razão de forma repentina.

Porém, até que o maioral chegasse a essa conclusão, as tentativas para a submeter foram muitas, com castigos que, para desgraça de Kaweka, se estenderam a algumas das suas amigas, como quando defendeu Francisca, uma rapariga um pouco mais velha a quem um dos guardas açoitou nas nádegas sem qualquer motivo quando passavam à frente dele a caminho do barracão.

— Porquê? — gritou Kaweka encarando o homem.

Francisca agarrou-a pelo braço e puxou por ela.

— Não... — murmurou.

A advertência da rapariga foi abafada por uma nova chicotada, desta vez na cabeça de Kaweka.

Três dias de cepo para as duas. Aprisionaram-nas por um pé, encerrando os seus tornozelos no buraco dos dois madeiros, mantendo-as presas no pátio como exemplo e lição para o resto dos escravos. Durante o tempo que estiveram sentadas sobre a terra, ambas com uma das pernas estendida, metida dentro do cepo, Francisca não quis saber das razões de Kaweka.

— Não devias ter dito nada — censurou-a. — Não voltes a meter-te na minha vida.

Até então, davam-se bem, muito bem. Francisca era uma das suas melhores amigas. Estavam juntas quando receberam o primeiro beijo de um rapaz, as duas escondidas entre as canas, as duas rindo nervosas ao aproximarem-se dos miúdos com quem tinham combinado o encontro.

Depois de cumprida a pena, Francisca evitou a sua companhia.

Algo similar sucedeu com Faustino. Kaweka estava encantada com aquele rapaz. Há vários meses que namoriscavam; riam-se disparatamente e conversavam nos tempos mortos, nos dias de festa e, inclusivamente, quando não deviam. Tentavam ficar sozinhos, escapar

dos outros jovens, e então ela permitia que ele a beijasse e a acariciasse, não mais do que isso; mamã Ambrosia tinha-a avisado seriamente das consequências de ultrapassar esse limite. Mas sempre que Kaweka pensava em Faustino, nos seus lábios e nas suas mãos, era assaltada pela ansiedade e um agradável arrepio percorria-lhe a espinha, uma acumulação de sensações contraditórias acompanhadas por uma humidade entre as pernas.

Uma noite, já de madrugada, Kaweka e outras jovens acompanharam vários carros de bois, dos de duas rodas, desde o sequeiro até à casa das caldeiras. Ali, tal como as outras, Kaweka pegou numa canastra, encheu-a de bagaço, os restos da cana triturada e seca ao sol, e arrastou-a por um aterro que terminava no vale onde se abriam as bocas dos fornos, situados no subsolo. Por cima, na casa das caldeiras, estavam as grandes vasilhas onde se aquecia a garapa e onde se evaporava e cristalizava o açúcar.

Era como descer aos infernos: a vida estava em cima, mas ali apenas havia um calor asfixiante e uns demónios a alimentar os fogos. A jovem, de forma mecânica, sonolenta, descarregou o combustível sobre a pilha já existente e empreendeu a descida do aterro à procura de uma nova carga. Não o viu até à sua terceira viagem, junto da boca de um dos fornos, introduzindo o bagaço com uma forquilha. Acordou de repente. Faustino tinha o corpo brilhante de suor e o seu tronco cintilante à luz do fogo deslumbrou Kaweka, que, sem pensar, se desviou da rota e levou a canastra diretamente até ao lugar onde se encontrava o jovem.

— Assim não terás de a ir buscar ao monte — disse-lhe, surpreendendo-o e deixando a carga aos seus pés.

Faustino sorriu-lhe.

— Vais trazer-me muito mais?

Ela assentiu e riu de modo tolo, e depois cedeu ao impulso de deslizar com a ponta dos dedos pelo peito encharcado do jovem. O suor quente pareceu queimá-la. Olharam-se com o desejo nos olhos e beijaram-se.

— O que estão a fazer? Não podes deixar de vigiar o fogo! — O

chinês que controlava o comboio francês aproximava-se deles a fazer escarcéu.

Os gritos chamaram a atenção da sentinela que estava junto do carro de bois; as outras escravas com as suas canastras afastaram-se do caminho de ambos.

— O açúcar pode estragar-se! — gritou o guarda. — Fora daqui, sua puta! — acrescentou enquanto dava um pontapé a Kaweka.

Cinco dias numa cela de castigo a pão e água, essa foi a pena a que condenaram Faustino por uma falta grave como a de não vigiar devidamente o forno e o calor que recebia a garapa.

Kaweka, no entanto, não foi castigada, como se o maioral já tivesse decidido não o fazer por ser inútil. O desdém por parte de Narváez, assim como os olhares de receio de alguns escravos perante a sua incompreensível incolumidade, levaram-na a mortificar-se injustificadamente.

— Não voltes a aproximar-te do meu filho! — avisou-a o pai de Faustino, um escravo que recebia favores dos empregados brancos. — Deixa-o em paz!

Da vez seguinte que um santo a possuiu, de novo no canavial, de novo a carregar cana, Kaweka estava completamente sozinha quando voltou a si. Os outros escravos tinham-se afastado dela num claro sinal de repúdio.

— Afastam-se de mim — soluçou.

Ainda era uma criança. A criouleira ouvira a queixa de Kaweka com a garganta apertada e tentou reverter a situação intercedendo por ela. «Não nos peças isso, Ambrosia», opôs-se o idoso a quem dirigiu a sua súplica, «a tua afilhada é um poço de problemas». Ela rebatera essa opinião e o velho deixara-a falar antes de clarificar a questão: «São muitos os negros que têm mais predisposição do que outros para receberem os santos, mas não é por isso que insultam o maioral ou se autoproclamam salvadores de alguém.»

— Os deuses escolheram-te para coisas mais importantes — tentou

consolá-la mamã Ambrosia depois da sua conversa com o escravo velho.

Kaweka reclamou. Não queria ser a eleita. Queria poder sentar-se a comer no pátio com as outras sem que a pusessem de lado; agora sentava-se sozinha ou, no máximo, misturada com as adultas. Queria poder conversar de rapazes no dormitório das mulheres; agora ouvia-as cochichar uns catres mais à frente antes de desatarem a rir ou fazerem exclamações de surpresa. Teria gostado de saber do que falavam, o que contavam; o seu isolamento torturava-a. Queria poder recordar a sua terra com as outras boçais; temia que a imagem dos seus entes queridos se lhe apagasse da memória como às vezes acontecia. Queria poder partilhar a dor pela escravatura e chorar em grupo, e confortar-se nas lágrimas de uma amiga. Agora o engenho inteiro, os barracões, as instalações, os brancos e os seus chicotes caíam em peso sobre o seu peito e levavam-na a acordar à noite encharcada em suores frios, à procura de uma lufada de ar.

— O que me importa a mim o que os deuses escolheram! — gritou a mamã Ambrosia.

A criouleira deu meio passo atrás e abanou a cabeça como se pretendesse afastar de si aquele desplante; não se devia insultar os santos, podiam zangar-se.

— Toma conta deste menino — convenceu-a então, apontando para um pequeno que gatinhava pelo estrado.

Desde há algum tempo, Kaweka conciliava os trabalhos próprios do engenho com a ajuda a Cirilo ou a mamã Ambrosia.

Narváez informou o marquês de que Kaweka possuía habilidades com as crianças e com os doentes que as outras não tinham, alegando que, como em certas ocasiões Kaweka perdia a consciência a meio dos trabalhos próprios do engenho, não valia a pena castigá-la mais, uma vez que os outros negros não o viam como um exemplo e a escrava acabaria desperdiçada. Kaweka aprendera a preparar remédios de plantas e ervas como se já dominasse aquela arte, e tinha boa mão para os doentes, crianças e grávidas, labores sempre necessários no engenho, pelo que

também não era um investimento perdido, concluiu o maioral na sua exposição ao marquês. Teve vontade de acrescentar que, afinal, o senhor marquês não pagara nem um peso por ela, mas optou por calar-se.

— Eu já sabia que nada do que viesse de Florencio Ribas podia ser bom — queixou-se dom Juan José de Santadoma, aceitando a decisão do seu homem de confiança.

E o que não soube explicar mamã Ambrosia a Kaweka acerca do desígnio divino, mostrou-lho a realidade quando o tempo apagou advertências, medos e certezas, e ela correu à procura de Faustino com o desejo a espicaçar a sua decisão. Encontrou-o e, com um sorriso, perdoaram-se e disseram tudo um ao outro, mas alguém os viu escapulirem-se e avisou o pai dele, que se apresentou no sequeiro de bagaço, um terreno baldio onde eram deixadas a secar ao sol as toneladas de restos da cana e onde, entre os montículos, os jovens se escondiam com facilidade.

— Gostas de beijos? — perguntou, interrompendo o namoro do casal.

Faustino hesitou, surpreendido; ela esperou a sua reação, que não chegou sequer quando o homem a agarrou, a aproximou com força para si e começou a beijá-la, mordendo-lhe os lábios.

— Faustino! — suplicou ela tentando escapar-se das dentadas e dos abraços.

— Pai...!

O negro, forte, deu uma bofetada à rapariga.

— Eu avisei-te para não te aproximares do meu filho — disse-lhe. E, dirigindo-se ao rapaz, acrescentou: — Aprende. Isto é a única coisa para que serve uma fêmea. Já a viste nua no pátio... Muitos se terão aliviado a pensar nela. Os deuses ofereceram-na!

— Faustino! — rogou Kaweka.

Mas o jovem permaneceu paralisado, encolhido, atemorizado, incapaz de intervir enquanto o pai a deitava, se montava em cima dela, lhe tapava a boca com uma mão e, depois de lhe subir o vestido por cima das ancas,

mexia com a outra entre as suas pernas, com avidez, impetuosamente. Kaweka defendeu-se: tentou fechar as pernas, mas o homem impedia-a com as suas; bateu-lhe, mas o homem mostrou-se imperturbável perante uns punhos que se debatiam trôpegos contra os seus ombros e as suas costas; gritou, mas a mão do homem na sua boca converteu os seus gemidos nuns simples sopros. A última vez que viu Faustino foi a dar a volta para não presenciar a violação, e então o jovem converteu-se numa mancha entre lágrimas até se desvanecer em mil pedaços, tão dolorosamente como se o interior do seu ventre se tivesse rachado à passagem do membro ereto do pai.

«Nenhum deus acudiu em minha defesa», queixar-se-ia mais tarde a mamã Ambrosia enquanto esta a tratava.

Kaweka clamou pela presença divina a cada investida daquele que se convertera numa besta sobre ela. Fechou os olhos, vencida, entregue, dorida, pedindo-lhes que a salvassem.

«Não o fizeram», insistiria com a criouleira.

E assim continuou até que a respiração forte do animal se ergueu como um rugido antes de cair exausto sobre ela.

— Agora calha-te a ti, Faustino — balbuciou o homem com a respiração entrecortada enquanto se levantava com dificuldade.

Kaweka, a tremer, a soluçar, com os olhos ainda fechados, deitada, nua da cintura para baixo e com as pernas abertas em jeito de oferta, esperou esse novo peso sobre a sua alma, mas passaram uns segundos sem que nada acontecesse. Regressou à realidade e viu-se sozinha entre os montes de canas trituradas.

Desde que a deitaram sobre a porta aos catorze anos até renunciar à compra da gargantilha dourada aos dezassete, Kaweka teve tempo e experiências suficientes para chegar a um entendimento com os deuses. Jacinto, agora com seis anos, encarnava o seu próprio espírito: nos momentos em que o via a carregar cana, a limpar ou a ajudar a servir a comida, triste e subjugado, recriminava-se por o ter curado; porém, em certas ocasiões também o via a rir ou a brincar com algum outro menino,

e então desejava ter acertado. O pequeno passava do choro sem lágrimas do trabalho forçado aos risos ingênuos perante um futuro sem esperança, tal como o ânimo de Kaweka oscilava entre a vontade que os deuses lhe impunham e a angústia devido à incompreensão e à rejeição dos seus. Na noite em que fazia cinco dias, como tinham combinado com Gabino na taberna do engenho, os guardas e os capatazes estavam atentos aos trabalhos da contrafaina, a controlarem o trabalho dos escravos e a exigirem-lhes um esforço que naquela altura da safra, no mês de abril, só diminuía devido ao cansaço extremo. Os brancos gritavam-lhes e acusavam-nos de preguiçosos, de fracos e de mandriões, incapazes de entender que a fadiga se enraizava na natureza dos escravos e que chegava um momento em que nem mesmo o sono ou o descanso podiam reparar tais estragos.

Poucos dias antes, Camila, uma mulher que ocupava um colchão de palha próximo do seu, tinha adormecido enquanto caminhava à frente de um carro de bois carregado de cana que regressava ao engenho. O carroceiro, que dormitava aborrecido, não a viu cair... ou talvez tivesse visto mas não tivesse vontade de fazer nada a esse respeito. Os animais pisaram-na e uma das rodas rebentou-lhe a cabeça. Kaweka conhecia-a, falara com ela em várias ocasiões. No apressado enterro que se celebrou no cemitério do engenho, a rapariga considerou as quatro palavras hipócritas de condolências que lhe dedicou o maioral e permitiu-se um sorriso: Camila já era livre, pensou. Havia muitos outros que não tinham a mesma sorte. A enfermaria, ao cuidado de Cirilo, transbordava de pessoas que haviam sofrido acidentes devido a distrações que só se podiam atribuir ao esgotamento: membros feridos ou diretamente amputados, queimaduras, fraturas. Muitos desejavam a morte, e Kaweka já aprendera a respeitar esse desejo.

Havia quem, pelo contrário, escolhesse a vida.

Kaweka também os respeitava; tinha entendido ao ver os dois estados que marcavam a vida de Jacinto, e ajudava uns e outros de igual forma.

Como acontecia todas as noites durante os meses da safra, o engenho

também se encontrava em pleno rendimento, como lhes anunciou Gabino. A maquinaria e as instalações fabris funcionavam vinte e quatro horas por dia. A cana era moída no trapiche e o seu sumo extraído. Essa garapa era transportada para a casa das caldeiras, onde era clarificada e evaporada em trens a vácuo manobrados principalmente por operários chineses. O xarope que ali se produzia era centrifugado com a mais moderna das tecnologias chegadas a Cuba para que o mel se precipitasse. E, depois de o açúcar estar cristalizado e seco, era embalado e vendido.

Cuba era o maior produtor do mundo, e, para continuar a destacar-se nesse lucrativo negócio, os fazendeiros exploravam os escravos com jornadas de até dezoito horas, dia após dia, durante todos os meses em que decorria o corte e a colheita da cana, que variavam entre cinco e seis meses, dependendo das chuvas.

Nessa noite, Kaweka mantivera-se acordada, deitada num dos catres cobertos de palha que se alinhavam contra as paredes da sala grande destinada às mulheres solteiras, enquanto as outras caíram rendidas. Acabavam de terminar o seu turno e dentro de quatro horas amanheceria, momento em que soariam as nove badaladas das ave-marias que marcavam o início dos trabalhos do campo.

A rapariga esperou uns minutos, levantou-se do colchão de palha e atravessou a sala com uma precaução desnecessária: a escuridão era quase absoluta; não havia lua, e no dormitório apenas brilhavam indistintamente os clarões das tochas do exterior. Além disso, ninguém se importava com o que fazia, se dormia ou não, se saía ou não. Não havia guardas no interior dos barracões. Depois de abandonar a zona das mulheres, posicionou-se em frente da porta do lugar onde dormiam os escravos solteiros, também esgotados. Ouviu-os tossir e mexerem-se. Os casais tinham direito a quartos próprios para a família, no segundo piso do edifício, e os chineses dispunham de um espaço independente.

Ao fim de uns instantes, apareceu Mauricio, um jovem um pouco mais novo do que Kaweka, boçal como ela, roubado de África.

— Vamos — instou-o a rapariga, fazendo-lhe gestos para que a

seguisse em silêncio.

Abandonaram o barracão, um edifício em forma de «L» que rodeava o pátio e cujo aspeto exterior pretendia esconder a miséria que se acumulava do outro lado das suas paredes. Era construído em alvenaria, coberto a duas águas com telhas, com um pórtico majestoso e duas linhas intermináveis de janelas sustentadas por arcos. Ali, além dos quartos dos escravos e dos chineses, localizavam-se a enfermaria, o criouleiro, a cozinha, a cela de castigo e os aposentos dos brancos. À volta dos barracões havia umas casotas ocupadas pelos trabalhadores qualificados: o maioral, os mestres do açúcar, os técnicos das máquinas modernas... As luzes da indústria açucareira, em pleno rendimento, viam-se à frente do espaço aberto entre todas essas construções. Com Mauricio colado às suas costas, Kaweka inspecionou a zona. Também ali não havia guardas. Entre as sombras, deslizando junto à fachada, atenta aos passos de Mauricio, que a seguia, a rapariga apressou-se na direção do criouleiro. Também ela estava exausta, mas a tensão mantinha-a acordada. Percebeu que os deuses a observavam e que sorriam ao vê-los correr.

Nessa noite sem lua, Kaweka deteve-se um instante junto à cerca que rodeava o pátio do criouleiro para ouvir o desgraçado ritmo vital de uma massa de homens e mulheres sem vontade própria, que se deslocavam com apatia pelo engenho apesar dos castigos que recebiam dos guardas do marquês de Santadoma. Os cânticos dos escravos eram surdos, monótonos; soavam como se se arrastassem por terra, incapazes sequer de se erguerem com vitalidade em direção ao céu negro.

Suspirou antes de franquear a cerca. Mamã Ambrosia esperava-os. A mulher olhou para o jovem escravo antes de lhes entregar uns objetos que mantinha escondidos debaixo do estrado do criouleiro: duas catanas novas, americanas, caras, marca *Collins*, grandes, sólidas e leves, que Kaweka roubara na enfermaria enquanto atendiam uns cortadores feridos.

As catanas que os cortadores de cana utilizavam deviam ser devolvidas quando finalizassem o trabalho do campo, e eram armazenadas a sete chaves, mas aqueles dois escravos haviam surgido na enfermaria a meio

da jornada, e tinham de regressar quanto lhes tivessem tratado as feridas. Dois negros armados não representavam um risco de rebelião, pelo que ninguém se preocupou com os facalhões que levavam... até que desapareceram. Os escravos apresentaram-se no canavial com as mãos vazias, negando com a cabeça e encolhendo os ombros, uma e outra vez, com determinação, o olhar cravado na terra, perante os insultos e gritos do maioral. Nessa noite, Kaweka presenciou como os açoitavam com fúria. Atormentou-a cada chicotada. Acreditou que as suas próprias cicatrizes se rasgavam, e o estalar do chicote atordoou-a tantas vezes quantas cortou o ar. Sentiu-se culpada por ter roubado as armas, mas era necessário, e sabia que o repetiria por mais trágicas que fossem as consequências da sua ação: um castigo que ela própria partilhava. Em pé no pátio, misturada entre os escravos, Kaweka rogava aos deuses, aos santos e a todos os mortos, e exigia-lhes que lhe permitissem absorver parte da dor que mostravam as costas ensanguentadas, os músculos contraídos e o rosto crispado daqueles homens que foram sucessivamente deitados sobre a porta velha. E Iemanjá ou quiçá a Virgem de Regla ou qualquer outro acedia aos seus desejos. Kaweka tinha de cerrar os dentes para não revelar o seu sofrimento, a dor que sentia a cada chicotada.

As feridas dos dois escravos ainda não tinham sarado, pensou Kaweka enquanto deslizava a ponta dos dedos sobre a lâmina de uma das catanas roubadas. Sim, fora duro para eles, mas esse era o destino que exigiam os orixás e os seus antepassados mortos: apoiar a luta dos que se rebelavam contra os brancos à custa, inclusivamente, do sofrimento dos seus.

— Despacha-te, menina — acordou-a mamã Ambrosia.

Um saco de açúcar. Alguns cartuchos de fuzil, que talvez servissem ou não. Uma trouxa de roupa. Carne seca; a carne salgada roubara-a a criouleira numa das muitas visitas à cozinha à procura de comida para as crianças. Uma garrafa de aguardente meio cheia...

— Vamos! — Kaweka apressou Mauricio enquanto a mulher lhes entregava o que mantinha escondido.

Continuaram a deslizar colados às fachadas, desta vez carregados.

Contornaram o barracão até à zona posterior, aquela que dava para os campos, e continuaram a andar à procura do caminho de acesso ao engenho, onde ficava a taberna. Três cães surgiram da escuridão e começaram a rosnar. O barulho procedente do engenho, das máquinas, dos cânticos e dos gritos dissolveu-se perante o rosnar daquelas feras. Mauricio deixou cair os volumes e já se preparava para dar meia-volta quando Kaweka o conseguiu segurar pelo braço. Embora o jovem tivesse sido alertado acerca dos cães, a surpresa e o medo tinham levado a melhor sobre si.

— Não te farão nada — tentou tranquilizá-lo Kaweka, ao mesmo tempo que o sacudia.

Mauricio não tinha tanta certeza disso; conhecia-os, como todos os outros escravos: mastins de Cuba, essa era a raça. Resultavam do cruzamento de sabujos com um olfato muito apurado e de ferozes bulldogues espanhóis trazidos pelos espanhóis da sua terra. Tinham sido criados especialmente na ilha para perseguirem os escravos fugitivos e guardarem as fazendas. Eram aqueles animais que acompanhavam os guardas ao canavial; os que vigiavam os trabalhadores e que eram aticados contra eles. À noite soltavam-nos em La Merced.

Kaweka dirigiu-se aos cães com uma voz firme, e o rosnar amainou, até cessar. Um deles aproximou-se da rapariga à procura de uma festa, que não chegou.

— Apanha as coisas — instou-a Mauricio.

O jovem baixou-se e obedeceu, sem deixar de vigiar os animais que os rondavam, tranquilos. Carregados de novo, reiniciaram o caminho em direção à taberna, sem luz, as suas silhuetas recortadas na noite.

— Quietos aí! — ordenou a escrava quando os cães se preparavam para segui-los.

— Como é que fizeste isso? — inquiriu o jovem, voltando a cabeça para ter a certeza de que efetivamente não iam atrás deles.

— Eu não fiz nada. São os deuses que nos protegem.

— Os cães obedecem-te sempre?

— Não. Só quando os deuses querem.

— E se não quiserem?

Kaweka não respondeu.

Perto da taberna, vários homens aproximaram-se. Eram quatro: três negros, jovens, e um mulato, de idade indefinida. Três vestiam farrapos, e o outro, apenas uma tanga. Um levava uma catana pendurada numa corda à cintura e dois iam armados com paus junto às folhas de ferro das alfaias da lavoura.

— Quem é? — perguntou o quarto, que transportava uma espingarda.

Kaweka conhecia-o de outras ocasiões; chamavam-lhe Malaw e era o chefe. Também conhecia o mulato e o outro dos negros, mas nunca vira o da tanga.

— Chama-se Mauricio e vai com vocês — respondeu.

Fê-lo com orgulho. Os quilombolas simbolizavam o espírito de luta pela liberdade, e fugir para os montes era a decisão mais transcendente que um escravo podia tomar. Homens que fugiam arriscando as suas vidas para se livrarem das correntes. Kaweka admirava-os. Ao contrário deles, havia quem trabalhasse até à velhice, poupando cada *token* que ganhava nos seus *conucos*, prescindindo da taberna e do jogo, das missangas e das roupas de domingo para comprar a sua liberdade ou a dos seus filhos, talvez apenas para fazer frente ao primeiro pagamento dessa emancipação, uma vez que o resto ficava comprometido a prazo mediante uma percentagem do seu trabalho. O conceito que Kaweka tinha daqueles dois grupos não era o mesmo. Todos odiavam os brancos, sim, mas, enquanto uns se submetiam às regras ditadas por eles, os outros discutiam-nas com o seu comportamento; uns produziam para os amos e os outros destruíam a sua obra. Mamã Ambrosia e Kaweka ajudavam estes últimos, ao ponto de renunciarem usar os colares que Gabino lhes tentava vender para assim contribuírem com um saco de comida para os fugitivos. Roubavam tudo o que podiam, vendiam poções e remédios, e compravam o que os escravos fugidos necessitavam. Depois faziam insignificantes oferendas aos deuses diante de um altar que mamã

Ambrosia instalara no criouleiro, sobre uma tábua em que mantinha organizadas uma pagela de São Carlos Borromeo, o padroeiro de Matanzas, umas conchas, duas contas de vidro e uma vela que acendia quando rezavam e lhes rogavam que silenciassem os cães e colaborassem com essas incursões noturnas. Mas de entre tudo o que levavam aos quilombolas — as catanas *Collins*, sobre as quais se tinham lançado os dois que pretendiam brigar com os paus toscos unidos a folhas dentadas, a garrafa de aguardente de onde outro já dera um grande gole e o resto dos utensílios — o mais importante para Kaweka e para a criouleira era Mauricio, o jovem que decidira empreender essa viagem perigosa. Ao amanhecer, quando os escravos formassem no pátio e a sua ausência fosse notada, o rumor circularia de boca em boca e seriam muitos os que teriam inveja do seu atrevimento. Haveria alguns que não, e que lembrariam aos outros a dureza com que os quilombolas eram tratados depois de os capitães do mato os apanharem e devolverem às quintas a que pertenciam. Uma coisa que mais cedo ou mais tarde sucederia, agoiravam com pessimismo.

— Cobardes! — explodia então Kaweka perante tamanha resignação.

— Deves tentar compreendê-los — tentava desculpá-los mamã Ambrosia —, nem todos somos capazes de escapar para as montanhas. — A criouleira tê-lo-ia feito, mesmo sendo velha. Kaweka notava uma certa inveja nela em cada fuga em que intervinha, mas a mulher permanecia presa ao engenho, comprometida com a luta pela liberdade. — Ajudei a trazer muitos escravos a este mundo — alegava para fundamentar a sua postura —, os deuses censurar-me-ão e castigar-me-ão por isso. A minha alma irá vaguear como um espírito maligno. Só me resta tentar corrigir a minha conduta aqui, no mesmo lugar onde nascem estas crianças.

E nessa noite ambas estavam lá, acompanhadas por um jovem negro que tinham convencido a fugir, a perseguir a liberdade ainda que fosse à custa da morte.

— E não estás a morrer aqui, pouco a pouco, forçado, humilhado e

açoitado? Olha à tua volta — argumentara Kaweka perante os receios do rapaz.

Medos que essa noite superou depois de o quilombola da espingarda o examinar de cima a baixo e assentir com satisfação.

— Fazes bem, rapaz — disse o homem. — Nunca seremos suficientes. Embora tu também devesse vir — acrescentou, dirigindo-se a Kaweka.

— E quem roubaria e vos daria as catanas? — confrontou-o ela apontando para uma das armas, agora nas mãos do quilombola que ela ajudara. — Não, o meu lugar é aqui.

O silêncio momentâneo acentuou a mistura de gritos e lamentos que chegava do engenho. Naquela noite, o contraste entre o campo aberto oferecendo esperança e o testemunho da escravidão fez com que se encolhessem.

— Necessitamos de mais comida — disse um dos quilombolas, quebrando o feitiço.

— Tínhamos pensado num porco dos que se criam nos *conucos* — interveio outro deles. — Será fácil...

— Não — interrompeu-o Kaweka.

— Como não? — retorquiu Malaw levantando a voz, embora se tivesse arrependido imediatamente; sabia que, sem a ajuda de Kaweka, nem sequer seriam capazes de se aproximar dos *conucos*. — Seria apenas um porco — tentou convencê-la. — Já fizemos isso outras vezes. Temos alguns doentes no quilombo. Necessitamos de mais carne do que aquela que conseguimos nos montes.

Era verdade. Tinham roubado dois porcos noutras tantas incursões, mas a dessa noite já custara suficientes castigos para os cortadores a quem Kaweka roubara as catanas; não queria sobrecarregar os escravos com mais sacrifícios. A situação da rapariga no engenho alternava entre a admiração e o receio: havia quem a respeitasse e também quem se afastasse dela, mas num ou noutro caso estava sempre sozinha, mergulhada na tristeza, e angustiava-se quando pensava e sentia como qualquer outra jovem, necessitada de um carinho e de uma amizade que

lhes eram vedados quer fosse por admiração ou por temor. Nesses momentos renegava os deuses e chorava. Não queria ser a eleita; apenas pretendia poder aproximar-se de Faustino e sentir a sua respiração acelerada perante o mais simples contacto, ou recuperar o vínculo mágico que a unia a Francisca e que as fazia rir mesmo sem falarem. E não, nessa noite não lhes podia entregar um dos porcos dos escravos porque já não contava nem com Faustino nem com Francisca. Além disso, os rumores iam aumentando: a desculpa de que mamã Ambrosia e ela compravam produtos para alimentarem e vestirem melhor os crioulinhos e as suas mães, quando na realidade destinavam os seus *tokens* aos quilombolas, não funcionava. Todos sabiam que as catanas tinham desaparecido do lugar onde Kaweka estava a trabalhar nesse dia, a enfermaria, embora ali se dessem consultas a dezenas de escravos, pelo que qualquer um podia ter pegado nelas para as vender. Seria estranho que alguém relacionasse a fuga de Mauricio com esse episódio, mas ela pressentia que não era conveniente forçar mais os escravos. Aquele que perdesse o porco falaria, ir-se-ia queixar ao maioral, inclusivamente ao amo, especularia com os amigos, apontaria culpados...

— Não — continuou a opor-se. — Se querem carne, roubem um boi, uma vaca ou um cavalo. Proporciona muito mais quantidade do que um porco e os danos são para o amo.

Um dos quilombolas reclamou.

— É muito perigoso aproximarmo-nos do pasto — concordou Malaw. Ali sim, havia guardas, um pelo menos, como era costume nas grandes explorações. Kaweka olhou para o engenho: uma grande mancha brilhante na noite que se erguia sobre um terreno plano.

— Um porco — insistiu o quilombola mulato. — Os *conucos* não são vigiados. Os negros estão a trabalhar ou a dormir, e os brancos não querem saber das suas hortas e dos seus animais.

— Se nos agarrassem... — deixou escapar outro.

— Um porco — sentenciou o chefe.

Kaweka viu que até Mauricio concordava.

— Não — repetiu ela, mesmo assim. — Se não quiserem correr riscos, esperem-me no caminho, para lá da taberna. Não me demoro. E se me atrasar é melhor irem-se embora.

Não lhes deu hipóteses de discutirem. Chamou os cães com um prolongado assobio, e estes não tardaram a surgir do nada. Os quilombolas deitaram a mão às catanas e às lanças rudimentares. Mauricio permaneceu quieto.

— Não vos vão morder — afirmou a escrava.

Depois dirigiu-se para La Merced, com os cães a correrem atrás dela. O pasto encontrava-se numa das extremas da quinta, uma grande extensão de terreno cercado que albergava mais de trezentos bois, além de vacas para carne, cavalos e mulas. Tal como sucedia com os homens, naquela altura da safra os bois estavam esgotados. Eram alimentados com o sabugo das canas, que era insuficiente, e o seu cuidado recaía nos escravos, que o descuravam.

Um guarda dormitava. À distância, escondida, Kaweka observou o cenário durante algum tempo. Os animais pastavam com uma tranquilidade alheia ao frenesi que se vivia no engenho. Qualquer um daqueles bois era mais bem tratado do que um escravo. Ali estavam a descansar, alguns a pastar, enquanto homens e mulheres caíam rendidos nas fainas do açúcar. Não se podia bater nos bois, era proibido, mas nos escravos, sim; a eles atiçavam-nos e açoitavam-nos com o chicote, e punham-nos no cepo; no entanto, se alguém batia num boi, era castigado com severidade. Esse era um princípio das explorações açucareiras. Ainda assim, o transporte constante e pesado da cana do campo até ao engenho, e o das caixas de açúcar e dos barris de mel do engenho até ao caminho de ferro, implicava uma violência que os fazendeiros assumiam e que originava uma elevada percentagem de mortalidade entre o gado.

Kaweka suspirou, agachou-se, pegou numa pedra que esfregou entre as pernas e deu-a a cheirar aos cães.

— Busca! — incentivou-os antes de a lançar o mais longe que conseguiu. Os animais cheiraram o ar. — Busca!

Os cães embrenharam-se na noite, entre ganidos e algum latido esporádico. Kaweka ouviu-os a correr e viu como outros dos mastins que faziam guarda com a sentinela os perseguiram. O homem acordou de repente, ouviu os latidos, carregou a sua arma e, gritando «O que se passa? Quem vem lá?», também se embrenhou na escuridão.

Kaweka dirigiu-se determinada para a porta de vigas que dava acesso ao curral. Não foi necessário abri-la completamente. Pegou numa das muitas cordas que havia penduradas no cercado, enrolou-a ao pescoço de um daqueles animais tão altos como ela e puxou-o. Eram obedientes. O boi seguiu-a docilmente. Os cães ladravam alterados e o guarda gritava a tentar descobrir o motivo de tanto barulho. Ela escondeu-se nas sombras e continuou a andar, através do campo em direção à taberna.

Afastados do engenho, entre umas palmeiras, os quilombolas mataram o boi e cortaram-no à machadada, com golpes tão fortes como imprecisos. Fizeram-no à pressa, atentos a tudo o que os rodeava, à luz de uma vela que Kaweka agarrava. Tinham de regressar ao monte. Carregaram a carne que puderam, abandonando muita no cadáver do animal, e despediram-se da escrava, agradecidos.

— Estejam atentas às instruções que mandarmos por Gabino — pediu-lhes o chefe do bando.

Kaweka anuiu, comprimiu os lábios perante a partida deles e permaneceu uns instantes com o olhar cravado nas costas de Mauricio, que pareceu reparar, pois uns passos mais à frente voltou a cabeça para lhe sorrir.

— Sorte — murmurou Kaweka.

Mais um que escapava do amo. A tensão vivida até então foi substituída por uma sensação de plenitude que a levou a olhar para o céu, ainda escuro. Mauricio era livre; para trás ficavam as correntes dos brancos que o haviam subjogado até então. Que o detivessem um dia era irrelevante; hoje, agora, não tinha amo, e ela fora a artífice dessa vitória. Um calafrio percorreu-lhe a coluna: algum deus a felicitava.

— Acompanha-os — rogou à divindade. — Protege-os.

Tentou distinguir os quilombolas à distância, cujos passos eram tão rápidos como empolgados. Entretanto, sentiu o roçar dos cães que tinham voltado e rondavam as suas pernas, um deles com a pedra na boca. Enxotou-os. Lembrou-se da pergunta de Mauricio sobre o que faria se os deuses não detivessem aquelas feras. Chorar, respondeu para si. Sucedera numa ocasião. Uma noite não a ajudaram e apareceu um mastim. Os orixás deviam estar distraídos, a divertirem-se, na festa, a dançar, ou simplesmente não quiseram intervir. «Se te respondessem sempre», fê-la refletir mais tarde mamã Ambrosia, «tu serias tão poderosa como eles». Então, o cão atacou, e tanto Kaweka como a escrava que a acompanhava, Lucía, fugiram. O animal escolheu a outra. Na sua corrida, Kaweka ouviu que chegavam mais mastins, com as suas patas a baterem na terra. Pensou que a perseguiam e acelerou o ritmo, mas Lucía não conseguiu escapar das suas mandíbulas. Aqueles animais, robustos e de patas curtas, estavam treinados para atacarem o pescoço dos escravos, mantendo a presa à espera das ordens do seu amo: morder ou soltar. Nessa ocasião reuniram-se à volta de Lucía. Ela ouviu os seus lamentos enquanto chamava os guardas brancos. Não, a última coisa que queria agora era acariciar os cães do marquês de Santadoma; eram animais ferozes e cruéis com os negros.

Voltou a cabeça para o engenho: cânticos, luzes, trabalho, barbárie. Faltavam duas horas para o amanhecer, para o toque de sinos, a formação em filas e o controlo de assistência do maioral. O cansaço assaltou-a de repente ao antecipar outra dura e interminável jornada de trabalho. Os escravos não recebiam pequeno-almoço. Em vez disso, dava-se-lhes um copo de aguardente de cana com o qual os brancos os pretendiam estimular e despertar da letargia produzida pelo cansaço. Àquelas horas da madrugada, Kaweka desejou aquele gole que lhe arranharia o esófago e o estômago.

Madrid, Espanha
Outubro de 2017

Lita desviou a sua atenção para o jazigo diante do qual estava disposto o grupo de amigos que acompanhou o marquês e a sua família desde a Igreja dos Jerónimos, onde acabava de ser celebrado o funeral de dona Pilar de Santadoma, que Concepción encontrara morta na cama na manhã do dia anterior. Era uma construção quadrada, clássica, simétrica, despojada, que dispunha de um pórtico composto por colunas e um frontão onde foram gravados o nome e o escudo heráldico dos proprietários. A única concessão à decoração que o velho marquês permitira, em vez dos majestosos grupos escultóricos de anjos, virgens e santos que adornavam os túmulos contíguos, fora um friso onde apareciam esculpidos motivos acerca da vida num engenho açucareiro, cópia dos do antigo mausoléu que a família mantinha no cemitério de Colón de Havana. Uma cruz coroava o conjunto, protegido por uma grade que o circundava.

Concepción, que, no entender da filha, estava demasiado afetada pela morte da idosa, com os olhos vermelhos de chorar, insistira em comparecer no cortejo fúnebre, que se deslocou até ao cemitério de San Isidro, para presenciar o enterro. Fizeram-no num táxi velho que se foi metendo de forma insultuosa na fila de *Mercedes*, *Lexus*, *Teslas* e do majestoso *Bentley* azul-marinho do marquês, e agora, num dia triste, mãe

e filha permaneciam uns passos atrás da família e dos amigos dos Santadoma.

Lita percebeu um ou outro olhar e ficou confusa quanto às suas motivações: Curiosidade? Compaixão? Desprezo? Ignorância, em qualquer dos casos, decidiu. A maioria dos presentes conhecia-as; se não a ela, pelo menos a Concepción, a criada mulata da família de toda uma vida. Lita aguentou a cerimónia, fazendo oscilar o seu peso de um pé para o outro. Escondia as mãos. Agarrava a mãe, fazia-lhe festas nas costas com ternura ou acariciava-lhe o ombro. E Concepción soluçava, de modo silencioso, como se não quisesse incomodar. Era o momento idóneo para se libertar daquela família que até no choro a submetia, pensou a jovem. Concepción tinha ido saltando de Santadoma em Santadoma à medida que faleciam, um percurso que se iniciou com o velho marquês no seu regresso de Cuba e que terminava agora com a filha deste, Pilar, que acabava de falecer. Era a última daquela geração dos Santadoma, os que estavam abaixo do velho marquês, que emigrou para Espanha.

Desse nível, rondando os oitenta anos, já só restava a dona Claudia, a quem Lita lançou um olhar enviesado. Ia de luto rigoroso, agarrada ao braço do filho Enrique, mas ela não era Santadoma, mas sim a viúva do primogénito, Eusebio, o único varão nascido do marquês e prematuramente falecido em Miami. A idosa reinava na família pela sua condição de mãe do marquês atual.

Era impensável que Concepción passasse agora ao serviço de dona Claudia, com quem existia uma tensão latente cujos motivos Lita nunca conseguira decifrar nem a sua mãe lhe pudera explicar. Os Santadoma, muitos deles ainda ancorados ao passado ou simplesmente tentando reviver o espírito colonial que os tornara ricos e nobres, tratavam-na como uma criada qualquer, na maioria das ocasiões invisível, mostrando-se indiferentes à sua presença. Mas, por alguma razão que lhes escapava, quando por vezes conviviam em alguma celebração familiar, dona Claudia irritava-se com Concepción. Queixava-se dela, desprezava-a e

insultava-a com crueldade e atrevimento diante de um público que sustinha a respiração para não contrariar uma velha cuja senilidade também não desculpava aquele comportamento.

Parecia evidente que Concepción não acabaria com dona Claudia nem com nenhum dos membros da geração seguinte: o marquês atual, os seus irmãos ou os seus primos, nenhum deles estaria disposto a acolher uma mulata sexagenária ao seu serviço, uma serviçal que tinha sido criada com muitos deles, que os conhecia desde sempre e que com toda a certeza não encaixava na imagem que pretendiam proporcionar na sociedade onde se moviam.

Mas, de qualquer forma, pensou Lita, afastando de si todas aquelas especulações, era indiferente que algum a quisesse ou não como criada. A questão era inevitável: a mãe devia reformar-se. Tinha direito a esse merecido descanso quando ainda lhe restava muito tempo pela frente para aproveitar a vida. Já fizera os sessenta e trabalhava desde os seis ou sete anos. Ela contava-lhe sempre que naquela época, de menina, depois de sair da escola pública, onde também não se preocupavam muito com a assiduidade, e ainda menos se a aluna fosse mulata, já ajudava a mãe em casa, e divertia-se mais a fazer todas aquelas tarefas do que sentada na cozinha à frente de um caderno de caligrafia ou de contas de somar ou de subtrair. *Que barbaridade!*, pensava agora Lita. Estava consciente de que a mãe não dispunha de poupanças suficientes apesar de toda uma vida de sacrifício, uma vez que suportara as despesas universitárias dela: o mestrado e as estadias no estrangeiro tinham sido terríveis, e também as ajudas, infelizmente algo frequentes, com que acudira em auxílio da filha quando esta peregrinava sem sucesso pelo mundo capitalista com uma mão à frente e outra atrás, com os seus certificados académicos como referência, tentando que reconhecessem o seu valor e a contratassem. Talvez nos dois últimos anos, com ela já estável no banco, tivesse conseguido poupar algum dinheiro; escasso, sem dúvida, mas alguma coisa seria. Concepción recebia uma pensão exígua, que não chegava aos duzentos euros mensais, pela viuvez do pai de Lita, o motorista dos

Santadoma, morto num acidente pouco depois do nascimento da filha, e, claro, podia contar agora com a reforma que lhe era devida depois do seu longo percurso laboral. E, além disso, ali estava ela! Agora calhava-lhe devolver os favores que a mãe lhe oferecera ao longo de toda a vida.

Imaginou a mãe feliz, saindo para passear de manhã. Talvez se aborrecesse um pouco ao princípio, como costuma acontecer à grande maioria dos reformados... Mas tinha amigas, e, ao dispor de tempo livre, podia fazer mais alguma. Era saudável e tinha algumas coisas para fazer com os anos que lhe restavam pela frente. Chegara a hora de recuperar a vida; talvez pudessem aproveitar juntas muitos momentos que, até então, haviam parecido impossíveis a Lita e que ela sabia que lhe devia: ir ao cinema, às compras, almoçarem as duas num bom restaurante.

Os lamentos e os abraços dos parentes distraíram Lita dos seus pensamentos. Os trabalhadores do cemitério tinham terminado. Foi o marquês de Santadoma, dom Enrique, o filho de dona Claudia, que se aproximou delas quando restavam apenas alguns parentes em frente do túmulo. Era um homem de cinquenta e tal anos, alto, que exibia com elegância uma proeminente barriga; tinha o cabelo grisalho e as feições marcadas. Vestia um fato de seda cinzento-escuro, uma camisa branca um pouco repuxada na zona da barriga, gravata e uns brilhantes sapatos pretos. Movia-se de forma pausada, como se o universo devesse esperar por ele.

— Obrigado pela tua presença, Concepción — disse. — A ti também, Regla. — Não lhes estendeu a mão. Era um palmo mais alto do que ambas. — Consta-me que dona Pilar gostava de vocês.

Concepción balbuciou os seus pêsames.

— Sentimos muito, dom Enrique — lamentou Lita pelas duas, com uma voz clara.

— Eu sei, eu sei...

— O que devo fazer agora, dom Enrique?

A pergunta, surgida da boca da mãe, surpreendeu Lita.

— Concepción — começou o homem, com uma subtil inclinação de

ombros e cabeça, numa atitude paternal, diametralmente oposta à que Lita conhecia do presidente do Banco Santadoma —, sabes que continuamos a contar contigo. Foste muito atenciosa, primeiro com os meus pais e depois com a minha tia... Com toda a família, de facto. Além disso, os teus pais também foram, a tua avó... Podes manter o teu trabalho, não queremos que nos deixes. O avô defendeu sempre que estarias connosco até...

Concepción assentiu com a cabeça.

— Mas a quem servirei? — inquiriu.

Lita não conseguiu deixar de se balançar sobre os pés.

— Bom — respondeu o marquês —, para já, podes ocupar-te da casa. Não convém deixar que as coisas se sujem e se deteriore. Além disso, alguém tem de cuidar dos cães. A dona Pilar daria voltas no túmulo se não tratássemos esses animais com o mesmo carinho com que o fazia.

— Sim... — começou por concordar Concepción.

Lita reprimiu uma exclamação, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir. «Miserável!», teria gostado de dizer. Como se atrevia a sugerir que a sua mãe trabalhasse para dois cães! Cães! Não tinha considerado essa possibilidade tendo em conta os membros da família. Sim, afinal a sua mãe iria mudar de amos: a dona Pilar pelos seus dois *yorkshires*.

— Ouça, dom Enrique... — chamou secamente a sua atenção exatamente quando o homem parecia ter dado por terminada a conversa.

— Diz-me — atendeu-a com um tom diferente do utilizado com a sua mãe, erguendo os ombros de novo.

Lita pensou duas vezes. O que lhe iria dizer? Tencionava realmente chamar «grande cabrão» ao seu chefe?

— Nada... Nada. Não tem importância — ouviu-se a dizer.

— Eu creio que sim, que tem — contradisse-a ele —, pelo menos para ti.

— Não me parece apropriado... — comentou Lita.

— Lita! — repreendeu-a a mãe.

— Com certeza que não é — concordou, por seu lado, o marquês. —

Não tenho intenção de que a tua mãe fique a tomar conta dos cães... insuportáveis, ainda por cima — acrescentou com um sorriso que pretendeu que fosse de cumplicidade. — Mas como solução transitória parece-me acertada... para todos. Regla, a tia Pilar adorava tanto esses dois animais que os incluiu no testamento, e nele exige-nos... Bem, já sabes, disparates de uma idosa! O testamento a favor de uns cães carece de valor, mas as suas recomendações constroem-nos, pelo menos moralmente. Realmente, não se preocupou com outra questão que não fossem os seus cães. O banco, as ações, a casa, todas as propriedades... tudo de acordo com as normas usuais, as típicas de todas as heranças. A sua vontade póstuma, a verdadeira, a que é pouco usual num notário, era destinada a esses cães, pelo que cumprimos o seu desejo na medida do possível.

— Gostava muito deles, sim — concordou Concepción.

Lita, por sua vez, tinha emudecido.

— Não te sintas humilhada — dirigiu-se dom Enrique a Lita. — Também é preciso tomar conta da casa. Sabes que não somos vendedores de propriedade imobiliária. Os Santadoma comprem, nunca vendem, e menos ainda quando se trata de casas onde viveu a família e que de alguma forma fazem parte da nossa história, da nossa memória.

— Mas... — quis intervir a jovem.

— Regla, temos quintas que apenas são utilizadas quando alguém vai caçar ou passar ali alguns dias de férias. Às vezes nem isso, às vezes nem as utilizamos durante longas temporadas. Mas todas têm pessoal cuja única missão é tratar do imóvel... e dos animais que estão lá, e esses são prescindíveis, animais que ninguém recordou no momento da sua morte. O que estou a propor à tua mãe não é muito diferente. Trabalhará mais tranquila. Já tem direito. Com o tempo decidiremos o que fazer com essa casa; talvez a queira algum dos meus filhos, ou algum sobrinho, logo se vê... Ou podemos dividi-la em dois, ou até três apartamentos. Depois decidiremos. Não há pressa. Com as casas da família não pretendemos obter outro rendimento que não seja o espiritual. E, entretanto, é preciso

tratar dos cães da tia Pilar. Não te zangues — acrescentou, dando por terminada a conversa mais longa que tivera com a filha da criada da família.

A morte da dona Pilar de Santadoma não trouxe apenas mudanças para Concepción, agora dedicada ao cuidado dos cães e de uma casa vazia, mas também para o Banco Santadoma, que de um dia para o outro se viu envolvido num processo vertiginoso de venda. Dom Enrique garantira que não eram vendedores, mas essa circunstância devia estar limitada apenas aos imóveis, porque o banco estava no mercado inclusivamente antes de se fechar o jazigo da última descendente direta do velho marquês de Santadoma.

Lita viveu ambos os processos: a sua mãe exigiu tanta atenção como o fizera o pessoal de uma empresa internacional de consultoria de reconhecido prestígio, Speth & Markus, que, de forma discreta, apareceu no banco. Uma série de executivos e empregados escolhidos, entre eles Lita, foram instruídos para atenderem esses profissionais sob estrito sigilo e confidencialidade.

Porém, as conversas durante os pequenos-almoços ou almoços, nos corredores ou nos intervalos para fumarem um cigarro na rua, cedo violaram o referido compromisso. Num momento ou noutro, todos tinham opinião e discutiam. Lita preferia não intervir, embora em certas ocasiões a interrogassem como se, devido à sua relação com a família, tivesse de saber mais.

— É claro que a família quer vender o banco.

— O Banco Santadoma é um negócio muito aliciante...

— A velha nunca quis vender.

— A dona Pilar controlava uma boa parte do pacote de ações da família.

Isto não era verdade. Lita sabia, mas não quis esclarecer. As filhas do velho marquês só tinham herdado a herança legítima, e fizeram-no numa época em que o banco não era nem o maior nem o mais frutífero dos

negócios familiares, pelo que, na distribuição da herança do pai, optaram por outras propriedades. Mesmo assim, era verdade que dona Pilar tinha ações e que nunca as quisera vender.

— Dizem que o testamento do marquês, o avô de dom Enrique, foi complexo. Nomeou herdeiros os seus netos.

— Sim, porque o filho do marquês, Eusebio, pai de dom Enrique, morreu de ataque cardíaco em Miami uns anos depois de escapar da revolução de Fidel Castro. O homem aguentou algum tempo durante as primeiras épocas do castrismo, mas acabou por fugir quando o comunismo revelou toda a sua crueldade e perderam todos os seus bens na ilha. Quando morreu, o pai não quis deixar o património nas mãos das filhas e dos genros.

— Machista o homem...

— Prevenido, diria eu.

— Determinou que o maior pacote de ações passasse para as mãos dos netos através de uma cláusula fiduciária complexa, dessas que as famílias ricas e nobres utilizam. Em suma, o testamento dele indicava que tudo fosse conservado até à morte da última das suas filhas, e que só então passasse para os netos, os descendentes das três estirpes, o que acaba de acontecer com a morte da dona Pilar.

— Isso explicaria por que motivo até agora não tinha sido posto à venda. Com a morte da dona Pilar abre-se essa possibilidade.

— E o resto dos acionistas?

Os Santadoma detinham a maioria do capital social do banco, uma instituição financeira média, com implantação em todo o território espanhol e alguns outros países, principalmente hispânicos, através de filiais ou estabelecimentos associados. Era uma entidade solvente, dinâmica e rentável. Tinham conseguido superar a crise da primeira década do século graças à ajuda de capital norte-americano — grandes investidores, precisamente os que agora se interessavam pela sua compra, cujos interesses se haviam cruzado historicamente com os dos Santadoma, com quem tinham mantido relações comerciais na Cuba

anterior à revolução: bancos, hotéis, minas, açúcar, companhias marítimas... Esses americanos, tão reacionários como os Santadoma, inimigos acérrimos do regime castrista e de tudo o que pudesse ser considerado de esquerda, quanto mais comunista, dispunham de outra percentagem da entidade financeira adquirida em 2007 através do banco americano ELECorp. O resto permanecia, uma parte, nas mãos de algumas famílias abastadas espanholas e, outra, nas do público, através da bolsa.

— Todos vão vender? — perguntou alguém.

— A dona Claudia também? — acrescentou um deles a rir.

— Essa velha é capaz de fazer um escândalo, insultar os compradores e ir-se embora sem assinar.

— Lembram-se daquela reunião?

Riram-se.

— É completamente maluca...

— Vai vender. O filho vai convencê-la, ainda que tenha de a incapacitar. Quanto aos outros acionistas, o dom Enrique não teria dado este passo se não tivesse já acordado com todos. E no que respeita ao pequeno acionista, os mecanismos de aquisição são claros.

O trabalho consumia Lita. Nesse dia, como nos anteriores desde a inesperada morte de dona Pilar, chegou cedo ao banco. Dirigiu-se à sua secretária, resguardada das outras do piso por uma divisória a meia altura, pendurou o casaco no cabide da esquina do cubículo, e uns instantes depois foi sentar-se numa imensa sala de reuniões, rodeada de executivos e com uma pilha de documentos à sua frente.

— O que temos do crédito concedido à construtora... Incesa? — perguntou um auditor. Barulho de páginas. Gente a abrir um dos arquivos preparados pelas secretárias. — Mantém-se a sua solvência?

Incesa. O risco, o risco... Lita ficou imersa durante toda a manhã no controlo da situação jurídica, contabilística e financeira dos clientes do banco e das operações significativas. Arquivo atrás de arquivo.

Perguntas. Dados. Papéis que deslizavam por cima da mesa de uns para os outros. Decisões complexas e respostas rápidas. Os compradores das ações exigiam garantias sobre se aqueles ativos que iam pagar eram reais e não tinham desvalorizado. Às duas da tarde, depois de cinco horas de trabalho incessante, concederam-lhe uma pausa para almoçar. Então, verificou no telemóvel: três chamadas perdidas da mãe. Suspirou e disse para consigo que tinha tempo para a ir ver. Eram só dois quarteirões. Desculpou-se. Sim, claro, dentro de uma hora estaria de volta, comprometeu-se.

Telefonou à mãe assim que saiu do banco.

— Filha...! — A resposta foi interrompida pelo ladrar histérico dos cães. — Espera... — conseguiu dizer Concepción. Lita imaginou-a com o telefone numa mão e os animais de um lado para o outro a ladrar. — Espera, filha, espera...

O estômago contraiu-se-lhe. Lita tinha verificado na *internet*: aqueles bichos podiam viver até aos dezasseis anos. Quantos teriam agora? Sete ou oito? Não lhe parecia provável que morressem antes da idade de reforma da mãe. A verdade é que nenhum parente os queria, por isso o marquês propusera aquela solução. Nem filhos, nem netos nem sobrinhos estavam dispostos a adotar os dois *yorkshires* antipáticos e irritantes, mas também ninguém se atrevia a tomar uma decisão que pudesse ser entendida como uma ofensa à última vontade da tia Pilar, à sua memória e ao respeito público que todos deviam mostrar para com a sua manifesta vontade em vida, pelo menos até ter decorrido um tempo razoável para não se sentirem uns ingratos. Teria sido oportuno e apropriado enviar os cães para alguma das quintas, propriedade da família, essas que, nas palavras do marquês, mal eram utilizadas, mas dona Pilar jamais o teria consentido em vida. «Não são cães rústicos», alegava sempre que se planeava alguma visita. «Há mastins e cães de caça nessas herdades. Comerão os meus pequenos.» E viajava sem eles. Em qualquer caso, não parecia que o problema preocupasse os Santadoma, que tinham encontrado quem tomasse conta deles a troco de uma despesa irrelevante,

insignificante para eles. Além disso, a mulher tratava da casa onde vivera toda a vida e não a iam despedir... E, em última instância, dom Enrique decidira assim: «A Concepción fica!», dissera, resolvendo a questão, quando dona Claudia insinuara a possibilidade de se desfazerem dela.

Lita começou a ouvir os cães a ladrarem logo no patamar, do outro lado da porta do apartamento de dona Pilar. Concepción não fora capaz de atender o telefone e dar atenção aos animais ao mesmo tempo, e optou por estes. «Bichos asquerosos», murmurou por entre dentes a jovem ao ouvi-los arranhar a madeira da porta enquanto a mãe a tentava abrir.

— Desculpa, filha...

Os *yorkshires* lançaram-se sobre Lita, mas, antes de se roçarem nela, pararam repentinamente e deixaram de ladrar. Mãe e filha ficaram quietas, a olharem para eles com perplexidade. Os animais ganiram e aproximaram-se submissos das pernas de Lita.

— Como é que fizeste isso? — inquiriu a mãe, atónita.

— Não sei... Eu não fiz nada — balbuciou Lita.

Um formigueiro inexplicável percorreu-a de cima a baixo quando um dos cães se deitou no chão e se voltou, oferecendo-lhe a barriga e ficando indefeso a seus pés. Ela deixou-o ali e entrou em casa, sentindo-se etérea, movendo-se como se flutuasse no ar, com esse formigueiro a percorrer-lhe o corpo todo; uma sensação que confundiu com enjoo. Estava a trabalhar muito. Demasiado *stress*, pensou quando procurou apoio na mesa da cozinha antes de cair numa cadeira.

Cuba, junho de 1863
Engenho La Merced

Uma nova safra tinha sido concluída em La Merced. Já não se cortava a cana. Chovia de forma intempestiva, o ar pesava e a humidade colava-se à pele dos escravos. No engenho apenas permaneciam os que eram propriedade do marquês de Santadoma e os colonos chineses. Os escravos arrendados e os jornaleiros, brancos ou negros, tinham sido despedidos. Grande parte dos bois acabara de partir para terras de pasto longínquas, e durante algumas semanas a atividade acalmou, com jornadas que já não ultrapassavam as dez horas, durante as quais se punha fim de forma progressiva à produção de açúcar dessa temporada.

O marquês e o maioral, assim como os restantes sacarocratas da ilha de Cuba, tinham consciência da necessidade de dar descanso a homens e mulheres depauperados depois de meses de exploração cruel, que se deslocavam como espectros, arrastando as suas feridas, a sua desgraça e o seu cansaço como se levassem uma imensa bola de ferro agrilhoadada aos tornozelos. Os chicotes já não rasgavam o ar; no seu lugar, ouvia-se o constante repicar da chuva sobre charcos e telhados, precipitações que apenas faziam propagar a disenteria entre uma população escrava que acorria à enfermaria em massa.

Durante o período que decorria entre as colheitas, o «tempo morto», chamavam-lhe, Kaweka trabalhava sob as ordens de Cirilo, o cirurgião

que não sabia ler. Fizera-o no ano anterior, e noutros antes, não se lembrava quantos; do que se lembrava com terror era da calamidade que acontecia no fim da safra: as mortes nos engenhos multiplicavam-se durante os dois meses seguintes, quando o cansaço acumulado e a extenuação rebentavam com homens e mulheres, e a falta de tensão os levava a uma apatia em que se entregavam à morte.

Para o evitar, o marquês não se importava de fornecer os meios necessários para tratar alguns escravos, cujo preço no mercado alcançava quotas históricas. Os negros tinham cumprido, tinham-se esfolado na safra, e agora era altura de salvar o capital, o que implicava almoços especiais, medicamentos, higiene e pessoal dedicado a eles.

Dia e noite, Kaweka andava de uma sala para a outra da enfermaria, perturbada, sem descanso, ao ritmo dos apelos, das queixas e dos soluços dos pacientes: naturezas frágeis e corpos famintos estendidos nos catres, em certas ocasiões ocupados por mais do que um doente.

Depois de obrigar um homem a beber uma poção de mercúrio dissolvido em água, aplicou um pano fresco e húmido sobre a sua testa a arder; estava há dois dias com febre. Nem sequer se lembrava de como se chamava. Juan, talvez... Ele próprio lho tinha dito, mas havia-se esquecido, e isso dava-lhe pena. Gostava de se dirigir a ele pelo seu nome. Pensava que o conhecia do engenho, sim, um tipo forte, cortador de cana, trabalhador, que agora se retorcia fraco, indefeso, com picadas de dor a assolarem-lhe o abdómen.

Juan — sim, era esse o seu nome — emitia um gemido gutural, arrastado, em resposta a outra dessas tremendas picadas. Kaweka apertou o pano e fechou os olhos com o estômago apertado, toda ela contraída perante a impossibilidade de lhe proporcionar consolo. Sentia que se esvaziava perante cada um daqueles doentes que pagavam com a sua dor, e inclusivamente com a própria vida, o conforto e a riqueza dos amos brancos. Os espasmos cessaram momentaneamente; Juan calou-se, respirou fundo, e Kaweka enfrentou de novo a realidade, sabendo o que encontraria: o catre manchado de diarreia. Não tinha tempo de o limpar.

Chamavam-na de todos os cantos. Inclinou-se sobre o leito e examinou a evacuação líquida. Esboçou um sorriso depois de verificar que não era ensanguentada e saltou para a cama seguinte.

Mais beberagens. Remédios que Cirilo prescrevia aos pacientes até aparecer sangue na diarreia. Sabia que o encontraria em alguns catres, havia sempre alguém que sangrava.

Descobriu-o na cama de uma mulher mais velha, Laura. Kaweka avisou Cirilo do sangue na evacuação. O cirurgião apareceu ao fim de um bocado, observou e anuiu.

— Já sabes o que tens de fazer — disse-lhe.

Ela dirigiu-se ao cacifo onde se armazenavam os medicamentos. Entre estes havia vários frascos com água que continham sanguessugas. «Estão todas saudáveis e limpas», disse-lhe Cirilo quando lhe mostrou a primeira, anos antes, como se fosse uma sorte, um favor que os brancos lhes concediam. «O marquês ordenou que não se comprassem sanguessugas que já tivessem sido utilizadas noutros doentes.» Kaweka sempre se perguntara como saberiam o marquês, Cirilo ou quem quer que fosse que se ocupasse de comprar aqueles bichos que, efetivamente, não haviam já sido usados.

Aproximou-se da cama de Laura com os parasitas, uma tigela com água limpa e um pacote de açúcar.

— Vais ver como te curas — sussurrou, tentando tranquilizar a mulher, que lhe respondeu com um gemido.

Colocou-a de lado e dobrou-lhe uma das pernas para que lhe mostrasse o ânus. Lavou a zona, depois misturou bastante açúcar na água e untou o esfíncter. Abriu o frasco e pegou nas sanguessugas, uma a uma, até atingir oito, e foi-as aplicando o mais perto que conseguiu do ânus. A doçura do açúcar atraía e fixava os vermes. Quando viu que se agarravam e chupavam, espreguiçou-se e suspirou.

— Aguenta nessa posição. Isto vai ajudar-te — disse-lhe.

Dirigiu-se ao doente seguinte, consciente, no entanto, de que aqueles que expeliam sangue eram os candidatos escolhidos pelos orixás para

pagarem com o seu corpo o tributo à terra mãe.

Tinham passado vários anos desde que a sua aliança com os deuses criara os receios suficientes para que amigas e namorados a repudiassem. O decorrer do tempo afastou a sua juventude confusa e foi definindo uma Kaweka mais serena. As tensões amainaram e os escravos começaram a respeitá-la, embora nunca tivesse chegado a ser considerada uma mulher normal. Não havia dúvida de que os deuses continuavam a perturbar o seu caráter, algo que em certas ocasiões, quando acudiam a ela à procura de ajuda para se curarem, para abortarem ou para se suicidarem, lhes era favorável, mas que noutras, como quando enlouquecia e lhes lembrava a todos da sua condição escrava e miserável, dava origem a mais do que um preconceito. Em todo o caso, os seus poderes eram estranhos, secretos, talvez perigosos, quiçá até maléficos, ainda que ali, junto dos catres, ninguém pensasse nisso, ninguém receasse, ninguém desconfiasse dela. Nesse espaço, a morte estava presente, e entre a dor, o pranto e os lamentos viam-se os espíritos a caminhar: alguns misericordiosos e indulgentes, outros cruéis e vingativos, todos volúveis e caprichosos. Kaweka era a portadora dos deuses. Naquele cenário trágico não necessitavam de a possuir: era permanentemente sua, pertencia-lhes. E os escravos sabiam-no.

— Cura-me! Ajuda-me! — implorou-lhe Laura no dia seguinte, depois de a chamar aos gritos e de lhe agarrar a mão. As sanguessugas, que Kaweka retirara, já empanturradas de sangue, não lhe tinham proporcionado melhoria alguma.

Kaweka hesitou. Podia ajudá-la, interceder por ela perante os deuses, invocá-los e rogar pela sua salvação, mas muitas vezes perguntava-se para que queria alguém viver como aquela mulher. Açoitá-la-iam, explorá-la-iam e roubar-lhe-iam os filhos depois de a forçarem a tê-los. Era essa a vida que desejava, pela qual suplicava? Kaweka apertou aquela frágil mão áspera sobre a sua e percebeu que Laura desejava curar-se. Nem todos queriam, alguns abandonavam-se à morte, ou procuravam-na, e ela tinha sempre Jacinto como guia na sua memória, na

sua experiência e nas suas emoções; aprendera muito cedo que não era ninguém para influenciar a vontade dos que pretendiam a libertação através da morte. Os homens eram os que se suicidavam mais. Três escravos tinham pedido ajuda a Kaweka pouco tempo antes de finalizarem aquela safra. Os três eram lucumís como ela, os mais propensos ao suicídio, e queriam saber se os seus espíritos regressariam às suas casas; se era verdade o que diziam, que o amo os perseguiria, que tinha outro engenho no além e que continuariam a ser seus escravos para toda a eternidade; se o seu sacrifício seria aceite pelos deuses... Kaweka falou-lhes com a voz embargada, não pelos deuses mas pela emoção, pela coragem disfarçada de medo, pela bandeira que hasteavam. Nessa noite escaparam dos barracões; ela serenou os mastins e acompanhou-os até ao canavial.

Na manhã seguinte, escravos e brancos depararam com o espetáculo: cada um daqueles homens desesperados encontrava-se enforcado numa das palmeiras que cresciam ao longo dos caminhos do canavial. Três bonecos grotescos com as cabeças humilhadas, as línguas de fora, os braços e as pernas murchos recortados contra o infinito. Demoraram a fazê-los descer porque ninguém se queria ocupar disso, ninguém se atrevia a tocar-lhes. Os guardas tiveram de se esforçar com os chicotes, mas Kaweka sabia que, nos ouvidos dos escravos, cada estalido se convertia nos sons da sua terra, nas vozes dos seus, nos sussurros das suas mães... Ela própria ouvira a sua. Porém, e ao contrário daqueles lucumís, Laura queria viver; era a sua decisão. Kaweka curvou os lábios num sorriso, agachou-se junto à cama, acariciou-lhe o rosto e orou por ela.

— Irás curar-te — tranquilizou-a.

Os deuses decidiram. Um deles, Kaweka não soube dizer qual, quis manifestar a sua vontade. Ela fechou os olhos. Notava-o no seu interior, serpenteando por entre os seus órgãos, invadindo o seu ser. De cócoras, cantarolou e balançou-se para a frente e para trás enquanto se deixava levar pela força imensa do mágico. Quando a presença divina foi

transmitida à mão da doente, soube a decisão que os deuses tinham tomado: Laura viveria... e continuaria a sofrer no engenho.

Dia após dia, Kaweka debatia-se entre sentimentos contraditórios. A maioria dos escravos superava a doença. Os sorrisos, com frequência incrédulos no instante da cura, não faziam mais do que pressagiar a desgraça que os esperava mais à frente, no engenho. Deveria entristecer-se perante a sua sorte? Não podia; ela também se alegrava quando um dos doentes melhorava, conseguia levantar-se do leito e andava com passos instáveis. Laura fê-lo poucos dias depois. O marido e umas amigas foram buscá-la. A mulher abraçou-a e choraram juntas. Depois, Laura foi-se embora e o sorriso de Kaweka transformou-se num esgar: a recuperação do doente implicava uma vitória para o amo, mais um trabalhador, menos um espírito disposto a intimidar a sua alma, porque fora isso que respondera aos lucumís que se enforcaram no canavial:

— Não se preocupem, não há engenhos no além. Os amos inventam isso para não tirarmos a própria vida e para não perderem dinheiro. Serão vocês a perseguir o marquês. Depois de mortos, os católicos desaparecem, dizendo que vão para o céu ou para o inferno. Pelo contrário, nós, os nossos espíritos, permanecemos aqui, no monte, nos bosques e nos canaviais. Daí, podem atormentar o vosso amo e os seus.

O decurso dos dias libertou Kaweka do trabalho frenético da enfermaria. Saúde ou morte acabaram por se impor aos escravos, a situação sanitária no engenho normalizou-se, e ela recuperou o seu catre no barracão e a rotina dos seus trabalhos. Durante o tempo morto, os escravos entretinham-se nas instalações de produção de açúcar, preparavam os canaviais, arranjavam carros, torciam sogas, construía cercas de pedra, ou destinavam-lhes tarefas sem sentido com o único objetivo de os manter ocupados, como a que Kaweka e mamã Ambrosia observavam agora a partir do criouleiro: um grupo de homens tinha estado toda a manhã a transportar catres através do pátio central de uma ala para a outra do barracão, e à tarde estavam a fazer o caminho de volta

para os devolver ao barracão de origem, numa viagem inútil que enfrentavam com a mesma calma e apatia com que os tinham carregado no início do dia.

O sol brilhava, a humidade continuava a ser pegajosa e os cânticos dos negros aqui e acolá, monótonos, apagados, envolviam o ambiente. Os guardas descansavam.

— Nem sequer aos bois pedem esforços desnecessários — queixou-se Kaweka, encostada à vedação que cercava o jardim por onde andavam os crioulinhos, com o olhar fixo nos homens que carregavam os catres.

— É preciso estar ocupado. Sempre — apontou a criouleira, bufando perante a fila de escravos.

— «Se pensarem, não trabalham, senhor Narváez» — murmurou por entre dentes a rapariga. Era a máxima que o marquês repetia ao seu maioral uma e outra vez.

A indolência daqueles meses de pouco trabalho tinha, no entanto, as suas contrapartidas na taberna do engenho, como ambas testemunharam no primeiro domingo que lá foram e se misturaram entre as pessoas. Se o alvoroço no interior do armazém era parecido com o que havia em época de safra, a tensão e a violência nas pessoas eram maiores. Nos tempos mortos havia excedente de mão de obra. O sistema escravagista estava a mudar em Cuba. O custo dos escravos era tão alto que os fazendeiros tinham procurado todo o tipo de alternativas. A partir de meados do século, os traficantes exploraram novos mercados onde se abastecer. De Espanha importaram catalães, canários, muitos canários, e galegos, todos com contratos abusivos. Fracassaram, e os colonos regressaram à Península ou dispersaram-se ao longo da ilha. Chegaram os chineses, aos milhares, contratados também em condições semelhantes aos escravos. Os chineses trabalhavam e eram hábeis, pelo que acabavam destinados a postos mais técnicos do que os negros. Tentou-se com turcos e também com índios escravizados no Iucatão, mas não funcionou: poucas pessoas aguentavam como os negros as dezasseis ou dezoito horas de trabalho severo durante a safra.

Então, os engenhos começaram a contar com trabalhadores assalariados, brancos inclusivamente, que depois da safra permaneciam ociosos à espera da época da colheita do café, em setembro. Todos eles vadiavam, embebedavam-se, brigavam e jogavam o seu dinheiro, o que tinham e o que não tinham, nas tabernas da berma das estradas.

Kaweka observava-os e ficava com o estômago apertado ao pensar que aquele era o destino dos negros que alcançavam a liberdade: uma vida miserável. Os amos dos escravos tinham a obrigação de os amparar na sua velhice ou quando ficavam incapacitados devido a algum acidente. Nessa circunstância eram designados para a casa principal, onde se juntava um séquito de inválidos, ou a guardarem as terras em choupanas afastadas, ou a desemprenharem tarefas menores em engenhos e cafezais, mas não lhes faltava abrigo, roupa e algo para levarem à boca. Ali, pelo contrário, às portas da taberna, mendigavam idosos e aleijados sem amo.

— Bendita sejas — agradeceu a Kaweka um deles depois de esta lhe dar uma bolacha.

A voz fraca do velho contrastava com os gritos do interior. «Acompanha-me lá fora», propunham a Kaweka sempre que entrava. Nesse dia não foi diferente, e teve de se opor às várias solicitações e afastar os homens que lhe mexiam no rabo quando passava. Suspirou. Um mulato grande encostou-se às suas costas para esfregar o pénis contra ela. Mamã Ambrosia afastou-o com um movimento arrastado da mão. Havia mulheres que consentiam, saíam acompanhadas e regressavam sorridentes ao fim de um bocado.

— Achas que o Gabino virá? — inquiriu a criouleira quando o jamaicano já se tinha afastado delas, enquanto ambas observavam entre a multidão o desenrolar do jogo do monte, onde os negros se amontoavam para apostarem a carta que sairia de um maço velho e tão usado que se dizia que os jogadores habituais cheiravam qual seria a carta a aparecer a seguir.

Esperaram para ver se o bufarinheiro chegava com alguma mensagem dos quilombolas, para quem continuavam a roubar. Entretanto,

aplaudiram o sucesso de um dos jogadores de cartas, e este celebrou convidando a beber uma aguardente. Beberam e também deram umas passas nuns cigarros partilhados que passaram pelas suas mãos. Álcool e tabaco alegraram os seus sentidos. Riram em grupo, estupidamente; brincaram e cantaram. Recusaram propostas que, motivadas pela embriaguez e pela excitação, se estenderam inclusivamente à velha criouleira, e por fim decidiram separar-se da multidão e procurar um canto mais tranquilo, onde os homens que vinham de Matanzas ou de Havana contavam histórias.

— Se quiseses, nós ficamos com eles — propôs-lhe, ainda assim, Kaweka com um piscar de olho cúmplice, inclinando a cabeça para trás, para a mesa onde os homens jogavam ao monte e gritavam e riam.

— O velho não satisfaria os meus desejos e o jovem rebentaria comigo — queixou-se mamã Ambrosia.

— Talvez haja algum de idade adequada...

— Não, não há. Filha, só os velhos desesperados ou os jovens inflamados podem querer estar comigo.

— Não exageres! — exclamou Kaweka.

— Não insistas. Mais facilmente iam ao cu uns aos outros — retorquiui a criouleira.

A conversa parou quando se aproximaram de um grupo numeroso que estava a discutir; o taberneiro encontrava-se entre eles, mas não havia nem sinal de Gabino. Um negro vestido como os brancos, ainda que com roupas velhas, falava dos Estados Unidos. Kaweka e mamã Ambrosia já tinham ouvido falar desse país, que estava próximo, em outras ocasiões. Diziam que era grande e poderoso; há tempo que estavam em guerra.

— O presidente Lincoln acaba de abolir a escravatura — disse o que se vestia como os brancos.

«Abolir», essa era a palavra mágica para Kaweka, para todos eles.

— Teria de ganhar a guerra primeiro para que a liberdade fosse uma realidade — acrescentou outro. — Os do Sul não aceitam.

— Mas declarou-a. Isso já é um passo — interveio um velho.

Levantou-se um burburinho de confirmação. Kaweka assentia; com certeza que era um passo. «Abolição», só pronunciar a palavra já era importante.

— Não sei se se conseguirá nos Estados Unidos — interveio o taberneiro com uma voz potente, fazendo calar o resto dos presentes —, mas em Espanha certamente que não. O Parlamento declarou que a escravatura é necessária nas suas colónias. — O homem deslizou o olhar entre os negros que o rodeavam. Fê-lo com um esgar de desprezo e pegou num jornal que mostrou para provar o conteúdo das suas próximas palavras: — Os espanhóis da Península, os que mandam, consideram-vos uma propriedade especial que se comprometeram a respeitar. Em Cuba não haverá abolição — sentenciou —, diz aqui.

Alguns homens discutiram, embora fossem poucos; a maioria, submissa, baixou os olhos para o chão num ou noutro momento. Kaweka inquietou-se, sentindo o estômago a contrair-se e a bílis a subir-lhe à boca com amargura. Devia lutar mais contra os brancos, muito mais, disse para consigo, procurando afastar dela o desespero que viu refletido no rosto dos outros.

Sem terem encontrado Gabino, regressaram ao engenho quando os tambores de festa já soavam nos barracões. Kaweka sentou-se no chão e brincou com as crianças que tinham ficado no criouleiro enquanto as mães dançavam e se divertiam. Os meninos atiravam-se para cima da jovem, que os afastava de si aos empurrões e aos guinchos. Voltavam, uma e outra vez, à espera do momento em que Kaweka se deixasse cair sobre o estrado de madeira; então, atiravam-se todos para cima dela para acabarem num amontoado de cabeças, pernas e braços. Era sempre igual. E ela ria tanto como as crianças... ou chorava? Todos aqueles miúdos eram o Jacinto: viver para morrer em vida, tal como acontecia com o pequeno, que, apenas com sete anos, já trabalhava nos canaviais. Porém, aqueles garotos emanavam alegria, inocência, mais alegria, muita alegria, uma alegria infinita, alheios ao seu destino.

— Fá-los rir, então — animou-a mamã Ambrosia no dia em que lhe

confessou as suas dúvidas. — Não lhes negues essa felicidade. Deixa os deuses decidirem o seu destino.

E Kaweka dedicava-se a empurrá-los e a gritar-lhes e a dar-lhes dentadinhas e a puxar-lhes pelo cabelo, e ria... e chorava.

Nesse dia a brincadeira foi interrompida antes do final desejado.

— Cuidado, menina! — avisou-a mamã Ambrosia ao ver o maioral e um dos seus homens a dirigirem-se para elas.

Kaweka levantou-se e afastou as crianças, que se dispersaram em silêncio com a chegada dos brancos. Antes de Narváez lhes dirigir a palavra, as duas mulheres trocaram um olhar carregado de resignação: o maioral e o ajudante vinham acompanhados de um escravo jovem, tão alto e forte como soberbo e fanfarrão.

— Feiticeira! — gritou Narváez ainda a uns passos de Kaweka. — Este é o garanhão que se vai divertir contigo a partir desta noite. — O homem sorriu com sarcasmo sem apontar nem se voltar para o escravo. — O senhor decidiu cruzá-lo contigo. E já está na hora de nos proporcionares algum pretinho.

As duas escravas evitaram olhar-se; ambas temiam a chegada daquele momento. Kaweka livrara-se no ano anterior quando as colegas da sua idade foram escolhidas para procriar. Fora um ano duro, uma safra extenuante, e talvez o seu trabalho na enfermaria fosse a razão de não engravidarem, para não afetar o seu rendimento. Era isso que pensava mamã Ambrosia, ainda que não descartasse a ideia de que os brancos não quisessem arriscar trazer ao mundo outra bruxa, outra maluca como a considerava Narváez, uma suspeita que parecia ter desaparecido.

— Chama-se Santiago...

O maioral continuava a falar, agora com o negro agarrado pelo ombro, mostrando-o como se efetivamente fosse um garanhão, mas Kaweka não prestava atenção. Tanto no ano anterior como no atual, tinham sido várias as escravas que recorreram a Kaweka para que lhes desse as poções necessárias para abortarem, enquanto ela lutava contra a disenteria. Beberagens à base de papaia, ou de sabugos e caroços de abacate com

raízes de palmeira-real, ou caldos da casca de varas da seringueira, ou moringa. Kaweka obtinha as plantas, raízes e cascas dos velhos inválidos que viviam nos caminhos, a quem agradecia com um sorriso e um pouco de conversa; estes não lhe pediam mais, não lhe admitiam outra compensação. «Continua», incentivavam-na. «Ensina-os a lutar.» «Não permitas o nascimento de mais escravos.» «Olha para nós: se sobrevivermos aos canaviais, acabamos a agonizar aqui, sozinhos, desamparados e amputados.»

— O que se passa, preto? Não gostas da bruxa?

O grito de Narváez trouxe os pensamentos de Kaweka de volta ao engenho. Conhecia aquele rapaz. Vira-o brigar e discutir, apostar, gabar-se e perseguir as mulheres, mas agora, quando o maioral o sacudiu como a uma criança e o empurrou para ela, reconheceu o medo nos seus olhos. «Alguma vez vais ser tu que me vais fazer parir um filho para o entregar como escravo?», desafiou-o em silêncio a rapariga, encarando-o.

A pancada, inesperada, chegou-lhe de Narváez, que a magoou no braço. Kaweka ia dirigir um olhar desafiador ao maioral, mas baixou os olhos ao sentir o beliscão de aviso nas costas que lhe deu mamã Ambrosia.

— Aqui está! — gritou o maioral. — Olha bem para ela! É igual a todas as outras. — Narváez levantou o vestido de Kaweka deixando-lhe as virilhas à mostra. — Vês algum demónio por aí? — perguntou ao mesmo tempo que brincava com o extremo do chicote sobre os pelos da púbis da rapariga, abundantes, negros e encaracolados. Depois soltou uma gargalhada e deslizou o fuste ao longo da vulva, para cima e para baixo, repetidamente.

Enfeitiçado, Santiago manteve o olhar fixo na cana que subia e descia entre as coxas de Kaweka, enquanto esta assumia a humilhação reprimindo a sua ira e continuando a obedecer a mamã Ambrosia, que não parara de lhe beliscar as costas para lhe lembrar as consequências de uma possível rebeldia.

— A tua guerra é outra, menina — conseguiu lembrar-lhe a criouleira

quando o maioral cessou os seus toques luxuriantes.

Depois ordenou a um dos seus homens que atribuísse ao casal um quarto no segundo andar dos barracões, onde os casais eram alojados.

— E aproveitem o tempo até à hora do jantar!

Santiago ia atrás dela. Ouvia a sua respiração. Kaweka não se importava com o que lhe fizesse, mas jamais traria um filho a este mundo por ordem do marquês de Santadoma, como uma porca ou uma vaca de uma exploração de gado. No engenho acontecia todo o tipo de relações sexuais: forçadas ou consentidas, heterossexuais ou homossexuais, conscientes ou inconscientes, sádicas ou masoquistas, ou ambas ao mesmo tempo, de um homem com várias mulheres ou, geralmente, atendendo à sua presença em número inferior, de uma mulher com vários homens.

Depois de o pai de Faustino ter abusado dela, Kaweka afastou de si qualquer tentação lasciva. Só sentira dor, e um rancor contra o pai comparável ao desprezo que despontara em si contra o filho que nada fizera por ela. Mamã Ambrosia consolara-a, embora também tivesse dado pouca importância ao abuso.

— Tinha de acontecer — aconselhara-a a aceitar. — As mulheres são sempre as vítimas do desejo dos mais fortes. Não te apoquentes — recomendara-lhe depois.

Tal como acontecera com a sua posição no engenho, a cautela, a prudência e a prevenção que a sua proximidade com os deuses provocava nos escravos protegeram-na de novos ataques, mas, da mesma forma que a confusão juvenil foi dando lugar à serenidade, a sua rejeição relativamente ao sexo foi-se desvanecendo à medida que a mulher e o desejo cresciam nela.

Em alguns domingos, como muitas outras, escolhia entre os homens que, bêbedos de álcool, tabaco e danças, escapavam dos barracões para fornicarem. Mamã Ambrosia recomendou-lhe que oferecesse o cu, que o fizesse por trás, para assim evitar a gravidez.

«Em certas ocasiões, as beberagens para abortar falham», lembrou-lhe.

Era usual que as escravas preferissem ser sodomizadas para evitarem a concepção; também bastantes homens praticavam aquele método entre eles, ainda que por outros motivos.

Tomou dois copos de aguardente e, com a consciência turva, estreou-se com um negro que era mais alto do que ela. Nua, apoiada contra os ramos baixos de uma árvore, com o rabo ao ar, levantado, gemeu de dor quando Aparicio a penetrou. Com o pai de Faustino tinha sido igualmente doloroso, mas rápido. Agora, o membro ereto do homem, grande, empurrava-a com força, mas penetrava-a com dificuldade, e cada centímetro que avançava era como uma brasa a arder no seu interior, o rasgar lento da sua carne.

— Não, não, não. — A jovem escapava-se-lhe.

— Solta-te, menina — exigia-lhe ele entre gemidos, com as mãos agarradas às suas ancas, aos seus ombros, aos seus seios. — Abre-te, abre-te.

Kaweka não sabia como se abrir. Não o queria fazer! O seu corpo não lho permitia. Os tambores soavam afastados, frenéticos. Os risos, os gritos, os cânticos.

— Deixa-me! — chegou a suplicar.

Em vez disso, Aparicio arremeteu como se quisesse derrubar a árvore em que se apoiavam e Kaweka sentiu-se completamente penetrada. Embates. Um atrás do outro, até o negro explodir ao mesmo tempo que lhe arranhava as costas.

— Sai, sai já daqui — exigiu no momento em que Aparicio caía para cima dela. — Fora!

Assim que se viu livre dele, levantou-se de repente, mas sobressaltou-se com a presença de um segundo escravo. Ali, com as calças no chão e o pénis ereto.

— Agora calha-me a mim.

— Não!

Pegou na roupa e, nua, afastou-se velozmente do lugar até parar onde considerou ser uma distância prudente para se vestir. Olhou por cima do

ombro: agora era Aparicio que estava contra a árvore e o outro arremetia por trás, e até se batiam, se arranhavam e se mordiam. Durante uns instantes, Kaweka ficou enfeitiçada perante a violência com que se sodomizavam.

No entanto, repetiu-o em mais ocasiões. Um homem exigiu montá-la como fêmea que era, e, quando lhe faltou o primeiro período, recorreu rapidamente às poções abortivas. Não seria a última vez que recorreria a elas.

— Cada vez é menos doloroso — comentou um dia com Piedad, uma mulata que ia já no terceiro filho. — Ainda que, não sei... É como se... Não sei... Os tambores... — A outra ergueu os ombros. — Sim — tentou explicar-se Kaweka —, imagina os tambores num domingo de festa: soam e soam e soam, mas nunca alcançam o mesmo apogeu que consegue arrebatá-los os bailarinos. Eles sim. Eles esvaziam-se e ficam exaustos. Eu só fico dorida e insatisfeita.

— Sei a que te referes, Regla. Vem — propôs-lhe a mulher, sorrindo, e arrastou-a até à maternidade anexa à enfermaria e ao criouleiro. Estavam sozinhas. — Agora ouve os tambores. — A mulata enfiou a mão por baixo do vestido de Kaweka e deslizou até à sua púbis. — Não te preocupes — pediu-lhe ao notar a tensão com que esta reagia. Afundou os dedos na sua vulva e brincou sobre os lábios, entre as suas pregas, à procura do clitóris, que acariciou com a ponta de um dedo. O botão do prazer cresceu ao mesmo tempo que Kaweka humedecia e arquejava. Reprimiu os gritos, e em alguns minutos alcançou o orgasmo.

Após a apaixonante experiência com Piedad, Kaweka juntou-se às conversas das mulheres que vinham ao criouleiro para parirem ou amamentarem os filhos e que, como solteira e jovem que era, a assediavam, a interrogavam e, entre risos, assobios e brincadeiras, lhe sugeriam experiências hedónicas e prazerosas.

Mamã Ambrosia assentia e sorria, consciente, no entanto, de que a sua pupila não gozava nas suas relações carnavais, algo que a impelia a corrigir através de olhares eloquentes cada vez que alguma daquelas mulheres

relatava a sua experiência. Por seu lado, Kaweka surpreendeu-se ao descobrir que, naquelas conversas, as mulheres se despiam da sua pele de escravas, punham de lado a sua condição, nem que fosse por uns instantes, e até eram capazes de saborear a vida, algo parecido com o que acontecia às crianças no criouleiro e aos homens na taberna, com a aguardente, as cartas e as apostas. O sexo era uma diversão, uma das poucas que aqueles seres presos ao jugo da escravatura podiam aproveitar; o amor que apregoava o sacerdote, que uma vez por ano casava os noivos, era algo totalmente alheio à vida escrava num engenho.

Experimentou com os homens que escolhia aos domingos, curiosa perante o que pudesse existir de verdade nas fantasias que ouvia no criouleiro. Exigiu-lhes menos rudeza. «Devagar», reclamava. «Suave.» «Não apertes tanto!» «Devagar, devagar...» Fora isso que pensava ter entendido nos conselhos que lhe deram: «Beija-o.» «Acaricia-o.» «Chupa-o», recomendaram-lhe no dia em que foi capaz de se abrir com elas.

Agora, no entanto, como apenas mais uma das jovens do engenho, seguindo o destino que lhe indicava o marquês, os deuses alheios aos seus namoricos, Kaweka acabava de entrar num quarto do segundo andar dos barracões, onde os casais descansavam. O quarto não tinha porta. Uma cortina feita de farrapos tentava preservar a intimidade de um lugar onde não havia mais do que um catre com um colchão de palha malcheirosa. Entrou sabendo que os deuses se desentenderiam relativamente à sua sorte. O guarda deixou-os passar depois de rir impertinentemente, e ela enfrentou o ambiente desse lugar: vozes, gritos, a correria das crianças no corredor, choros... Santiago ainda continuava atrás dela, e a escrava, que não devia tornar-se sua inimiga, não pensou duas vezes: inclinou-se sobre o catre, levantou o vestido por cima da cabeça, apoiou os antebraços no colchão e ofereceu-lhe o rabo. Ouviu como acelerava a respiração do jovem, que reagiu instantaneamente e a penetrou com ímpeto.

Nessa mesma noite, depois de jantar, Santiago procurou-a de novo.

Nesta ocasião não se conformou em sodomizá-la. Kaweka opôs-se, mas foi inútil. Os deuses persistiam na sua indiferença e, naquela situação, a rapariga não passava de um brinquedo nas mãos daquele porco. Lutar só serviu para excitar a besta e conseguir que os vizinhos o incentivassem e aplaudissem a partir dos seus quartos. Dois deles espreitaram através dos farrapos da cortina da porta quando Santiago a penetrava: deitado em cima dela, agarrando-lhe as duas mãos com a sua para evitar os seus murros e arranhões.

— Não é a tua guerra — repetiu-lhe mamã Ambrosia no dia seguinte. — É só um homem. Faz como das outras vezes: toma poções para abortar. Não desperdices as tuas forças a lutar contra o que não podes dominar.

— Porque é que os deuses não me favorecem se eu cumpro a vontade deles? — queixou-se ela, mesmo assim. — Porquê lutar pelos escravos se depois permitem que mande sobre mim um negro arrogante? Agora tenho dois amos: um branco e outro negro.

— Os deuses são caprichosos, filha, e em certas ocasiões malvados. Não os tentes entender. — Kaweka fez um gesto para contestar, mas a criouleira impediu-a: — Além disso, o que é que tem de mau que um homem como o Santiago te monte? Muitas o quiseram... — acrescentou com um piscar de olho maroto. Kaweka abanou a cabeça e deu meia-volta. — Aproveita, menina — animou a criouleira nas suas costas. — És jovem. Com o tempo ficarás com rugas como eu, e a única coisa que se aproximará de ti serão as nígua. Esforça-te — acabou por lhe pedir. — Ele também não tem culpa. Só obedece às ordens do amo. Talvez nem sequer o atraias e preferisse estar com outra, já pensaste nisso? Não passa de um escravo, como tu.

Esforçou-se e tentou ver em Santiago o escravo como lhe sugerira a criouleira, mas era difícil conter os embates e a paixão de um garanhão desenfreado. O homem cedia, sim, e permitia que Kaweka lhe lambesse o peito até chegar ao seu pénis, acariciava-a entre as coxas, pressionava os seus testículos ou explorava-lhe o ânus com os dedos, com os lábios ou

com a língua. Incitava-a e guiava-a até que o desejo explodia nele, momento em que a esquecia. A escrava vislumbrava o prazer, deixava escapar a respiração ofegante e gemidos, o seu corpo mexia-se agitado, autónomo, à procura do seu companheiro, mas, quanto mais acreditava que podia ter prazer, mais desencantada ficava depois de ele atingir o orgasmo, gemer e ter convulsões, apertando-a com uma força demolidora e conseguindo dissipar qualquer feitiço.

— Estás prenhe?

Isso era a única coisa que interessava a Santiago. «Estás prenhe?» «Ainda não!» «O que se passa? Por acaso és estéril?», perguntava com uma insistência que exasperava Kaweka, sem dúvida pressionado pelo maior, ávido de resultados da pecuária de pretinhos.

Não. Kaweka não estava. Nem ela nem outras tantas negras com quem recorria ao altar de mamã Ambrosia para rogarem aos deuses, e a quem proporcionava beberagens para abortarem assim que a primeira falta de menstruação lhes anunciava a chegada ao mundo de outro escravo.

— Não és suficientemente homem! — recriminou-o numa noite em que o negro voltou a perguntar.

Chamava-se Modesto, não chegava aos trinta anos, era magro e desalinhado, negro-azeviche, com o cabelo encrespado e um sorriso contagiante. Apesar das circunstâncias da sua presença em La Merced, Kaweka tinha acabado por sucumbir a esse encanto e surpreendeu-se a rir em várias ocasiões. O sorriso de Modesto era estranho ao engenho; ao contrário do dos escravos de La Merced, encobertos e furtivos, o seu era franco, límpido. Andavam há alguns dias a cruzar-se na enfermaria. O marquês de Santadoma contratara um novo e prestigiado médico de Havana, dom Agustín Rivaviejo, «uma eminência», segundo se dizia, para tentar esclarecer as razões por que o número de crioulos concebidos no engenho era metade daquele que obtinham os outros sacarocratas do ocidente da ilha. O até então médico da família, conservador, agarrado a costumes e procedimentos já obsoletos, foi alvo da ira de dom Juan José,

a quem na realidade não importava tanto os pretinhos nascidos na sua propriedade, mas sim o facto de cair no ridículo diante dos seus pares.

— Não te fies nele — avisou-a mamã Ambrosia.

Kaweka murmurou uma resposta. A criouleira podia ter razão: as intenções do amo eram claras, e, se no fim se soubesse a causa dos abortos, ela sofreria as consequências. No entanto, tentou tranquilizar-se dizendo para consigo que também não tinham por que a responsabilizar a ela: as negras sempre tinham abortado nas plantações.

Kaweka foi sujeita ao exame do médico de Havana com indiferença, inclusivamente com arrogância. O doutor começou a fazer perguntas e foi tomando notas acerca da sua vida, do seu trabalho e das suas relações com Santiago. Ela foi respondendo, mas manteve-se atenta às reações de Modesto, que se movia pela sala de partos a preparar os utensílios, com as suas toscas sandálias feitas com folha de palmeira a crepitarem contra os calcanhares a cada passo.

— Quantas vezes por dia te monta o teu homem? — perguntou Rivaviejo.

Não era seu homem, desejou esclarecer Kaweka, ofendida. A que propósito surgia aquela inquietação, perguntou-se.

— Responde — insistiu o médico.

— Uma, duas, três... depende da vontade que tiver — respondeu ela mecanicamente, com a atenção posta em Modesto, que continuava a mexerica pela enfermaria.

O médico perguntou-lhe se tinha abortado. «Não.» O outro não deu importância. «Não», reiterou ela. Rivaviejo insistiu e Kaweka aguentou o interrogatório.

— O garanhão que me deram não presta — argumentou.

Quando as perguntas cessaram, sentiu que a inquietação se lhe agarrava ao estômago enquanto, deitada na cama da sala de partos, o doutor mexia nas suas partes íntimas. Voltou a cara para a parede para não ver Modesto. Os dedos de Rivaviejo a escarafuncharem no seu interior foram o que de mais grosso já lhe tinham introduzido no útero.

Fechou os olhos. Não eram os deuses. Aquela era uma sensação real que jamais experimentara: uma mistura de pudor e desejo, de desejo e vergonha perante a presença de Modesto. Ouviu que o médico falava com o seu ajudante e como este lhe respondia, mas as palavras entrelaçaram-se com a sua respiração, forte e entrecortada, tornando-as incompreensíveis.

O que foi capaz de perceber, isso sim, foi como o médico, depois de ter terminado o exame, esbofeteou Modesto quando este se quis afastar.

— Aonde é que vais? És igual a todos eles! — gritou-lhe. — Faz com que se levante e leva-a a trabalhar. Não passam de uns preguiçosos... Todos!

Rivaviejo foi-se embora enquanto resmungava contra a gandulagem e os mil vícios dos negros, e Kaweka, imbuída de um ânimo desconhecido, decidiu desafiar um Modesto que voltava a sorrir, alheio à bofetada, insinuando que ela, sim, tinha abortado. Modesto era negro, e, como tal, devia entender. Era escravo e maltratavam-no, ainda que calçasse sandálias. Tinham-lhe dito que nas cidades muitos escravos usavam sapatos.

— São muitas as que têm o útero caído devido aos abortos — disse o ajudante quando ficaram sozinhos na sala de partos. — Além disso, com o trabalho e o cansaço, parece lógico que estes aconteçam, mas não em número superior ao de outros engenhos. Não há razão que explique a diferença, não achas? Tu és jovem, saudável e não tens o útero caído...

— Então vou necessitar de uns quantos abortos para ter o útero caído como essas escravas — interrompeu-o ela, tentando pô-lo à prova. Modesto não escondeu a sua confusão. — Tu próprio acabas de dizer que não há razão que explique essa diferença, pois não?

— Não devias dizer isso — repreendeu-a Modesto. — O teu amo quer que tenhas filhos. Pertences-lhe...

Kaweka duvidou da sua sinceridade, que expressasse os seus verdadeiros sentimentos.

— Não vou parir um escravo — acrescentou. — Nem eu nem

nenhuma das outras mulheres. Antes matarmos os nossos filhos que entregá-los ao amo para que continue a escravizá-los!

— Cala-te — insistiu ele. — Levanta-te.

Kaweka não se apercebera de que mamã Ambrosia, depois de ter visto o médico ir-se embora, tinha espreitado do criouleiro, atónita perante o discurso da sua pupila.

— És uma inconsciente — repreendeu-a também a criouleira, depois de a ter tirado da sala de partos.

— Esse homem está do nosso lado.

— Tu podes enforcar-te no ramo de uma ceiba se quiseses, mas não debes falar das outras.

— Ele não dirá nada — insistiu Kaweka. — Também é escravo...

— É um tipo diferente de escravo — retorquiu a criouleira.

Assim era, porque, na realidade, Modesto também não era livre. Fazia parte de um numeroso grupo de negros com uma situação jurídica indeterminada: os emancipados. Eram aqueles escravos que, em virtude do tratado com a Grã-Bretanha que proibia o tráfico, tinham sido intervencionados pelas autoridades no momento de desembarcarem em Cuba ou a bordo das embarcações que os transportavam antes de se confundirem com os escravos de cidades e plantações.

Os emancipados eram considerados homens livres, mas não se lhes concedia a liberdade. Governo e funcionários públicos demoraram pouco a reparar nos benefícios que lhes podiam conceder aqueles negros sem amo, pelo que os destinaram a obras públicas ou os confiaram, por preços irrisórios, a particulares que, por sua vez, os punham a trabalhar. Esposas e viúvas de militares e funcionários públicos obtiveram um emancipado que fazia algum trabalho e que, além disso, as ajudava no serviço doméstico. Hospitais, conventos, colégios, casas de beneficência... foram muitas as instituições que se aproveitaram de mão de obra barata por parte daqueles a quem, segundo a lei, se devia conceder a liberdade, mas cuja situação de servidão era prorrogada indefinidamente, e que nem sequer dispunham dos direitos previstos para os escravos. Modesto

estava há quinze anos ao serviço de Rivaviejo.

O emancipado não a delatou. O seu sorriso permanente, que se abria ao cruzar-se com Kaweka na enfermaria, colava-se a ela como um relâmpago, tal como se um deus menor a possuísse. Ele continuava com o seu trabalho, desajeitado, a mexer-se como se fosse partir tudo, ainda que no último instante, surpreendentemente, uma mão despistada apanhasse em voo aquele frasco que todos já viam feito em pedaços contra o chão. Kaweka percebia que não era indiferente ao emancipado. E isso agradava-lhe muito. Tanto que a enojou ainda mais ter de suportar a proximidade de Santiago; repugnava-a o seu contacto, o seu cheiro, as suas mãos ásperas, o seu hálito a tabaco e aguardente. Não podia escapar daquele cubículo onde ele a cobria exigindo-lhe que ficasse prenhe. Essa era a única relação que mantinham: ele agarrava-a com violência e penetrava-a enquanto a ameaçava e a insultava, e ela, deitada no catre, via as crianças a olharem com atrevimento pela porta, e como se mexiam, quase a dançarem, ao mesmo ritmo que Santiago investia sobre ela. Kaweka fracassara no momento de encontrar o prazer com os negros das festas dos domingos, e, inclusivamente, com quem agora a forçava; Piedad tinha-lhe ensinado a procurá-lo sozinha. Mas não era nada comparado com a leveza, a sedutora ligeireza que, apenas por se lembrar de Modesto, alcançava aquele corpo atado à terra e subjugado à lascívia.

Centenas de homens e mulheres entre escravos, chineses e pessoal contratado, brancos, negros ou mulatos, alinhavam-se à frente do trapiche do engenho La Merced. Estavam há cerca de uma hora ali, à espera em pé. Junto deles, também alinhados, como a cavalaria de uma parada militar, havia vários carros de bagaço; uns simples, de duas rodas e um boi, e outros de transporte, grandes, de quatro rodas e uma parilha de animais, cheios de cana recém-cortada.

— Quero-os a todos a brilhar — tinha-os avisado aos gritos o maioral nessa manhã, dispensando-os da faina para se lavarem e assearem.

Iniciava-se o dia 14 de dezembro, uma manhã que se mostrava

soalheira, limpa e amena, uma daquelas jornadas que os brancos acolhiam com agrado como os donos do mundo que consideravam ser, satisfeitos pelo favor que lhes concedia o seu deus no dia em que estava prevista a cerimónia de «romper a moagem», com que se iniciava oficialmente a safra desse ano de 1863. Mamã Ambrosia e Kaweka prepararam-se e sobrou-lhes tempo para passarem pela taberna. Sabiam que Gabino estava pela zona; tinham visto a mula com o armário no dorso a balançar, a transbordar de mercadoria.

Era uma boa época para vender. As pessoas andavam de engenho em engenho à procura de trabalho para complementar o de chineses e negros. Os bois voltavam revigorados das terras de pasto. Tudo exigia pressa e urgência, preparativos de última hora: os edifícios, as carroças, as máquinas, as ferramentas, as catanas... A vida regressara em força ao vale de La Magdalena, em Matanzas.

As escravas, como se de um ritual se tratasse, recusaram mais uma vez os colares e as bugigangas que o bufarinheiro lhes mostrava e combinaram um encontro com os quilombolas. Não tinham muito para lhes entregar. A chegada de Rivaviejo havia alterado as suas rotinas. O médico ia e vinha a Havana ou a outros engenhos, e, depois de visitar todas as escravas (tanto as que tinham alcançado a maternidade como as que, quer fosse por vontade própria, como Kaweka, ou por capricho da natureza, não o conseguiam), deixara nas mãos de Modesto a recolha dos dados que considerava necessários para terminar o parecer solicitado pelo marquês.

— Não te preocupes — tranquilizara-o o emancipado.

— Não estou preocupada — respondeu ela, sorrindo-lhe e permitindo-lhe um roçar de mãos.

Kaweka abriu-se ao amor no preciso momento em que foi sincera com Modesto, como se a harmonia de espíritos reclamasse também a dos seus corpos. «Abortei, sim», reconheceu sem reservas numa tarde em que o emancipado lhe expusera certas dúvidas, «e muitas outras mulheres também o fizeram. Voluntariamente. Conseguimos evitar a chegada de

mais escravos a este mundo depois de recorrermos aos deuses e lhes rogarmos benevolência e ajuda com os poderes que nos oferece o monte». O homem não respondera. «E voltaremos a fazê-lo!», insistira a escrava perante o seu silêncio, exigindo-lhe de forma imperiosa que tomasse partido.

Ele beijou-a.

O sexo aconteceu naturalmente. Kaweka sobressaltou-se perante a excitação que inflamou Modesto, e por um instante temeu que a sua voluptuosidade o assemelhasse a Santiago, mas, assim que as suas peles nuas se tocaram, a jovem perdeu o domínio das mãos, da boca, da língua, da respiração... Todo o seu corpo respondia a uns impulsos incontrolláveis, similares a quando os deuses a possuíam, agora encarnados num negro desengonçado que arremetia contra ela como se a quisesse partir. Deitados um em cima do outro num catre da enfermaria, Kaweka rodeou o torso de Modesto com as pernas e arqueou as costas apertando o seu ventre, oferecendo-se, procurando fundir-se com ele. Os gemidos e suspiros, o ranger do leito, as vozes de fora, o pingar do sangue escravo, o silvar do sol que corria para se esconder da infâmia que iluminava... tudo emudeceu diante do ressoar dos três tambores sagrados que se uniram aos sentidos de Kaweka e marcaram o ritmo do prazer. Mais, mais, mais. Os espasmos da jovem aumentaram, até que os tambores alcançaram o frenesi, competindo uns com outros, sem descanso entre explosões, um ruído constante e ensurdecedor que apenas podia culminar no êxtase ou na loucura.

Kaweka chorou.

E Modesto beijou os seus olhos e lambeu as suas lágrimas.

— Contigo cheiro a nossa terra mãe — sussurrou ele. — Transportas-me para a infância. Devolves-me a vida, a ilusão, a esperança.

Rivaviejo não só odiava os negros, a quem tachava de libertinos, viciosos, mandriões e bêbedos, como também era uma personagem manhosa que tinha sabido ascender na escala social de Havana. O galeno

assumiu de bom grado os argumentos do seu ajudante, que, como bom conhecedor das suas tendências, sublimou a depravação daquelas mentes idiotas para afastar a possível existência de intrigas que exigissem alguma astúcia. Sem dúvida que se realizavam abortos provocados, afirmou Rivaviejo ao marquês na altura da entrega do relatório, «como acontece em todos os engenhos», acrescentou. Suicídios, abortos... era algo sabido, próprio de naturezas fracas e assustadiças como as de crioulos e boçais, embora difícil de demonstrar. O problema em La Merced era que ninguém se preocupava com as escravas que davam os negros. Não as controlavam. Não as vigiavam. Não existia o menor controlo sanitário para avaliar se padeciam de doenças, se eram submetidas a esforços, maus-tratos... A gravidez, e, neste caso, o bom fim da gestação, tornava-se assim um pouco anárquica, inesperada.

Dom Juan José de Santadoma ia franzindo o sobrolho à medida que ouvia o médico.

— Senhor marquês, o senhor tem um engenho modelo para a produção de açúcar — enfatizou Rivaviejo —, mas, no que toca à produção de pretinhos, aqui trata-se melhor da gravidez das éguas e das porcas do que da de uma das suas escravas.

Desde que o médico havanês substituiu definitivamente o velho que trabalhara sempre no engenho, o controlo sobre Kaweka e as outras mulheres aumentara. O marquês não permitira que lhes diminuíssem as tarefas e se amenizasse o seu regime, mas o maioral interrogava-as acerca dos seus problemas e necessidades, e os seus homens vigiavam-nas, e atribuíam-nas uns aos outros como se transferissem testemunho para as perseguirem com o olhar. Também lhes proporcionaram mais comida na distribuição do rancho, e Cirilo chamava-as com frequência à enfermaria, onde as analisava e examinava, para satisfação de Modesto.

Ainda que Kaweka, à espera do início da safra e de que a mandassem para os canaviais junto com o resto dos negros, continuasse a gozar de uma situação de certa permissividade devido às tarefas que lhe tinham sido atribuídas, os seus movimentos para além da enfermaria e do

criouleiro restringiram-se, entraves que se viram agravados pelos ciúmes de Santiago, que não demorou a aperceber-se dos rumores sobre a sua relação com Modesto, algo impossível de esconder num ambiente tão pequeno como aquele.

Santiago tornou-se violento. Modesto tratou com delicadeza as feridas e as nódoas negras que o escravo, em certas ocasiões bêbedo, provocava em Kaweka.

— Ele sabe de nós — comunicou ela.

— Vou tentar resolver isto — assegurou ele.

O emancipado foi-se queixar a Narváez com a desculpa de que a sua missão consistia em cuidar da saúde das futuras mães.

— A bruxa? — exclamou o maioral, bufando. Depois soltou uma gargalhada e deu uma palmadinha no rosto do emancipado. — Quer dizer que a queres só para ti, hem? Olha, preto, estou-me nas tintas para quem a deixa prenhe primeiro, mas fodam-na tudo o puderem porque quando chegar a safra já não haverá tempo... nem vontade.

Então Modesto quis ir ao encontro de Santiago, mas mamã Ambrosia convenceu Kaweka a detê-lo.

— Todo este escândalo só nos prejudicará — argumentou. — Algum dia vão-nos avisar da parte dos quilombolas.

— O que é que eu faço então? — queixou-se Kaweka. — Renuncio ao Modesto?

— Não tens de renunciar a ninguém — respondeu a criouleira. — Há muitos homens que estão com a mesma escrava. Não há mulheres suficientes para todos. Aguenta. Em breve a raiva passa-lhes e irão aprender a partilhar-te.

— Ambrosia!

A criouleira olhou-a de cima a baixo antes de prosseguir com calma:

— Um dia destes o teu homem vai-se, filha. Assim que cumprir a sua obrigação. E levará o amor com ele. — Após esta frase, mamã Ambrosia puxou para si uma rapariga incapaz de responder, a garganta presa, os lábios apertados com força e o queixo a tremer. Depois abraçou-a e

embalou-a. — As escravas não se podem permitir amar alguém, minha menina — sussurrou como se cantarolasse. — Não o devemos fazer com os homens deste engenho e muito menos com os de fora. O amor fere mais do que o chicote.

Modesto ir-se-ia embora. Kaweka sabia, tinha ouvido na enfermaria da boca de Cirilo, que amaldiçoava o controlo que este exercia nos seus domínios; com a safra ir-se-ia embora, sabia-o, mas, ao contrário do cirurgião analfabeto, Kaweka não se atrevia, não queria verbalizar o que sabia que iria acontecer, e Modesto escondia o olhar de cada vez que se mencionava que o tempo para estarem juntos se estava a esgotar.

— Vai-se curar — pressagiou relativamente a um doente. — Talvez um mês ou...

Não terminou a frase. Também não se voltou para Kaweka, que, nas suas costas, segurava o instrumento que tinha utilizado.

A jovem escrava enterrou essa realidade sob mil camadas de esquecimento e entregou-se ao homem que a fazia tremer com o seu simples hálito. Amaram-se, em todos os momentos, aproveitando a oportunidade mais breve, o instante mais fugaz para sorrirem um ao outro. Kaweka utilizou todas as técnicas e recursos que aprendera com os outros homens do engenho, carícias e beijos nunca agradecidos, para encontrar o maior prazer para Modesto, surpreendida por encontrar o seu próprio gemido nos gemidos dele.

Uns suspiros que se convertiam em rugidos toscos quando Santiago exigia o seu quinhão e castigava com brutalidade a traição da fêmea que lhe tinha sido atribuída.

Narváez também se riu do jovem garanhão e mandou-o chamar depois de ter falado com Modesto.

— Vais deixar que esse enfermeiro te ganhe? Que te roube a tua negra? Imaginá-los a foderem...?

— Vou matá-lo!

Narváez deteve o jovem. Esbofeteou-o e empurrou-o, uma, duas, três vezes, gritando-lhe a cada passo, ameaçando-o, cuspendo-lhe insultos.

— Não lhe farás nada — avisou-o. — Esfolo-te vivo se lhe tocares. Demonstra a virilidade dos pretos do marquês! Não deixes que se riam de ti, de todos os pretos de La Merced, imbecil!

Nesse mesmo dia, Kaweka chorava num lugar e ria-se noutro, e nesse mesmo dia também escondia a sua felicidade de um homem para não o irritar mais, e escondia a sua dor e as suas feridas do outro para não o distrair do êxtase que partilhavam. Depois ajoelhava-se diante do altar de mamã Ambrosia e pedia ajuda, e fazia-o também no monte, sob a ceiba, mas os deuses não se ocupavam dos seus namoricos, nunca o tinham feito. Tomou beberagens para abortar. E o tempo decorria, a safra aproximava-se, Modesto ir-se-ia embora do engenho e Santiago deixá-la-ia descansar; talvez nem se encontrassem no leito em que caíam exaustos.

Mas Kaweka não queria descansar por mais que os seus movimentos se tivessem tornado fatigados, lentos e desastrados, em consequência da tensão em que vivia, apanhada entre dois homens. Ainda assim, à medida que se aproximava a partida de Modesto, ansiava por que este a possuísse com maior paixão e fantasiava lambe-lo até quando tinha Santiago em cima de si. Kaweka estava disposta a suportar o que fosse necessário para aproveitar uns instantes e uma satisfação que sabia interdita aos escravos. A sorte era que talvez esses deuses que não se manifestavam lhe tivessem permitido conhecer o prazer através de um negro que, quando andava, parecia evitar as correntes de ar. Os tambores sagrados rebentavam no seu interior com o contacto dos seus corpos. E ele falava-lhe com voz doce, para que dessa forma as palavras bonitas se enredassem nos seus sentimentos em vez de os ferirem, como faziam as exigências de Santiago ou as ordens do maioral. Dizia que a amava! Ninguém lho tinha dito nunca, nem ela jamais teria sonhado que alguém o fizesse.

A safra iniciava-se nesse dia e Kaweka permanecia parada na fila, a balançar-se sobre os pés como muitos outros, à espera do marquês e dos

seus convidados no dia em que se interrompia a moagem. Não conseguia ver Santiago entre as centenas de pessoas que se formavam em frente do trapiche. Modesto, sim; ele tinha-a procurado com o olhar e já os haviam cruzado em várias ocasiões. O seu homem encontrava-se na plataforma do trapiche, em frente e acima de escravos e trabalhadores, junto aos chefes e aos administradores do engenho: o maioral, o mestre do açúcar e o mestre carpinteiro, os técnicos chineses que manobravam as máquinas, os cozinheiros e os que tratavam das contas e dos livros, os que escreviam as cédulas... Todos aperaltados com as suas melhores roupas.

Os homens de Narváez impuseram o silêncio quando o marquês surgiu no trapiche. Sapatos de couro, fato branco de linho e chapéu de palha, muito fina; na mão, uma bengala com um punho de prata com que ele apontava para mostrar coisas aos seus acompanhantes. O filho, o herdeiro, um jovem de vinte e quatro anos já envolvido na gestão do engenho e de outros negócios, vestia-se de forma semelhante, tal como a maioria dos convidados masculinos. As senhoras, um pouco mais compostas, mas ainda assim longe da etiqueta rigorosa de bailes e receções, vestiam-se com fatos de seda ou musselina, a maioria estampados, de decotes generosos nas jovens e carregados de cintas e bordados naquelas que não consideravam oportuno alardear uns encantos já decadentes.

Modesto e os outros puseram-se de um lado para que as cerca de trinta pessoas que depois celebrariam a festa e o baile na casa principal se acomodassem na plataforma do trapiche, enquanto os escravos irrompiam pelos canaviais à machadada.

— A sua bênção, amo!

Muitos outros se juntaram a este pedido e o marquês ergueu a mão por cima deles, como um deus todo-poderoso. Kaweka cerrou os dentes, mas depois tranquilizou-se, como se não quisesse cometer essa ofensa, por irrelevante que fosse. Mamã Ambrosia tinha-a aconselhado; Modesto suplicara-lhe: «Contém-te até o marquês entrar.»

Dom Juan José de Santadoma abençoou os seus negros.

Kaweka, com a cabeça baixa e os olhos no chão, sorriu ao mesmo tempo que o amo invocava para todos os seus escravos o favor do seu deus cristão. Pareceu-lhe irónico que fosse efetivamente o deus dos brancos que a favorecesse e lhe permitisse alcançar a liberdade.

Modesto tinha demorado a pedir-lhe e, consciente do calvário sofrido por Kaweka, desculpara a sua demora dizendo que necessitava de contar com a autorização e o apoio de Rivaviejo. Enquanto não obteve o consentimento e o compromisso do médico, não se atrevera a propor-lho.

— Tenho dinheiro — afirmara, interrompendo o silêncio que os envolvia depois de fazerem amor. — Há nove ou dez anos ordenou-se a liberdade dos emancipados — explicara — e fixou-se um salário para nós. A liberdade nunca chegou por parte do governo, mas Rivaviejo manteve o pagamento, talvez para eu não lhe causar problemas, ou para estar satisfeito... Não sei, tudo o que faz tem sempre um objetivo... — A expressão de Kaweka com os olhos semicerrados, receosa, obrigou-o a ir direto ao assunto: — Podia comprar-te.

— O que estás a dizer?

— Sim. Eu não posso pagar pela minha liberdade. O meu dinheiro não serve para mim; é um paradoxo. O Estado espanhol não nos vende; não pode fazê-lo porque não pode reconhecer que não nos concedeu a liberdade e, portanto, não o permite. — Modesto falava atabalhoadamente, com veemência, tentando organizar uma grande quantidade de ideias que lhe passavam pela cabeça. — Legalmente, os emancipados são livres; não nos podem vender. Mas a ti, sim. Posso comprar-te. Com certeza que as minhas poupanças não dão para pagar o teu preço na totalidade, mas o Rivaviejo dar-te-ia trabalho; por isso, orei precisar do teu apoio. Pagaríamos o teu valor a prazo. Entendes de ervas, és uma boa enfermeira...

— Enlouqueceste?

Modesto pegara-lhe nas mãos e puxara-a para ele. Ela resistira.

— Um destes dias os espanhóis conceder-me-ão a liberdade. Então, seríamos os dois livres!

— E se o marquês não quiser?

— Vai querer, ele preza o Rivaviejo. Se lhe pagarmos...

Um arrepio percorreu a coluna vertebral de Kaweka. Lutara pelo prazer, por gozar o amor, nem que fosse por uma temporada, e agora a isso somava-se a possibilidade de ser livre. Aproximou-se da ideia de alcançar a liberdade com a mesma cautela com que se aproxima a mão de uma chama.

— Que Deus, nosso Senhor, vos proteja e vos acolha no seu seio! — proclamava naquele momento o marquês de Santadoma.

A escrava aumentou o sorriso que dirigia aos seus pés descalços. Seria livre! E casar-se-ia com Modesto, porque isso fora o que lhe propusera o emancipado.

— Aceita — recomendara-lhe mamã Ambrosia quando falaram da proposta. — Aceita sem hesitar — insistira, antes de franzir o rosto perante a expressão preocupada da afilhada. — Passa-se alguma coisa? Devias estar entusiasmada. Se for por mim...

— Não... bem, sim! — retificara imediatamente. — Também por ti, claro, mas tirando isso, se for livre e me for embora e me casar, que importância terá tudo o que lutámos contra os brancos e a escravatura...?

— E por acaso não podes continuar a lutar pelos escravos sendo livre e vivendo na cidade, onde estão os que mandam? Mais do que aqui, filha; lá há muitos que o fazem, muitos mais do que aqui, e melhor do que neste engenho perdido nos campos onde só podemos contribuir com uns míseros sacos de arroz e roubar umas catanas que os nossos têm de pagar com tantas chicotadas. Vocês amam-se. O Modesto parece um bom homem. Sê livre, casa-te e continua a lutar pelos escravos. Os deuses escolheram-te para isso...

Mamã Ambrosia calou-se. Ela própria não se sentia confortável com o discurso que acabara de proferir com o único fim de tranquilizar o espírito da sua menina, que podia alcançar a liberdade, porque estava convencida de que a sua verdadeira missão eram os negros dos engenhos, incultos, explorados, maltratados, tidos não mais do que como meros

animais. Na cidade, sobretudo em Havana, existiam cabildos de nação, conselhos onde os negros se reuniam por raça, e dezenas de santeiros e curandeiras, alguns também tocados pelos deuses, que se atirariam a ela quanto se vissem ameaçados na sua autoridade por uma boçal jovem que nunca tinha posto os pés nas ruas de uma grande urbe. Não. Kaweka não estava preparada para enfrentar aquele desafio; os deuses eram volúveis e tanto favoreciam como prejudicavam o seu capricho, mas o sorriso de Kaweka, a sua ilusão e a vitalidade que emanava dela conseguiram derrubar qualquer desconfiança por parte da criouleira.

— Se assim for — disse Kaweka, trazendo a mente de volta à realidade —, se na verdade os deuses me escolheram, porque não me dizem nada?

Talvez por não desejarem que te vás embora, pensou a mulher.

— Porque é que o fariam se está tudo bem? — argumentou, ao invés.

Kaweka refletiu uns instantes na simplicidade da resposta da criouleira.

— E tu? — perguntou depois.

— Uma criouleira idosa? Próspera para que algum dia, quando me mandarem daqui embora, me possas acolher. Mas apressa-te... — brincou, ainda que com uma voz trémula, destroçada, fraca.

Kaweka aceitou, entusiasmada, e Modesto recebeu a sua aprovação com esse sorriso maravilhoso e contagiante. Fizeram amor várias vezes, escondidos na enfermaria, até que, depois de saciados os seus desejos, o prazer ainda a arrebatou os seus sentidos, falaram do futuro:

— Casamos e vamos viver em Havana — anunciou ele.

— É indiferente, onde for.

— Não, não é indiferente. Será em Havana. É lá que estão os ricos, os que pagam bom dinheiro pelos nossos serviços.

— Eu tenho de...

— Em Havana pode-se prosperar, Regla. Os nossos filhos irão formar-se e ocuparão algum cargo importante. Já existem. Teremos uma casa com horta e animais. Além disso...

— Os deuses escolheram-me — interrompeu ela o seu discurso entusiasta.

Ele acariciou-lhe o rosto.

— E eu também...

— Luto pela liberdade dos nossos, contra os brancos.

— É isso que eu gosto em ti. O teu espírito. A tua audácia. Em Havana não te faltarão negros para defenderes e brancos para atacares.

Através das histórias que Modesto lhe relatou com paixão, Kaweka conheceu Havana e a sua gente, e ali viveu, livre junto do seu homem.

O assobio do vapor a pressão que escapava das caldeiras quebrou o silêncio após a bênção do marquês. Kaweka esqueceu aquela conversa e procurou Modesto entre o grupo que rodeava os convidados. As máquinas arrancaram. Alguns escravos levaram feixes de cana dos carros até ao trapiche. Kaweka e Modesto olharam-se, e ele sorriu-lhe. Ela sentiu um calafrio quando dom Juan José cedeu o lugar a um dos convidados, apontando com a bengala para que se adiantasse aos demais.

— Cana! — exigiu o homem aos negros, apressando-os com os braços no ar. — Cana!

Os escravos deitaram-na nas máquinas para obterem a garapa, o sumo que se tornaria melaço na casa das caldeiras para depois cristalizar em açúcar. O som dos martelos a triturarem a cana assolou o lugar e, tal como aconteceu com Kaweka, penetrou as lembranças e o ânimo dos que a acompanhavam naquelas filas. Durante meses, dia e noite, aquele estrondo por que brindavam naquele momento os brancos, a conversarem, a rirem, a beijarem-se e a felicitarem-se como se os escravos que os observavam não existissem, perseguiria implacavelmente estes últimos, a todas as horas, massacrando-os tal como os martelos faziam com as plantas, espremendo-os para assim extraírem o seu sangue e as suas lágrimas.

— Com sangue se faz açúcar — murmurou Kaweka, repetindo o que se garantia uma e outra vez nos engenhos de toda a ilha.

Muitos morreriam. Kaweka estava há sete cruéis anos a sofrer as

dificuldades da safra. Modesto continuava a sorrir-lhe. De repente, para ela não existia mais nada além daquele negro magro que parecia vibrar num cenário que se esfumava para destacar a sua figura.

No dia seguinte à interrupção da moagem, Kaweka foi afastada da safra quando voltaram dos canaviais para almoçar. Os guardas mandaram-na para o criouleiro, onde mamã Ambrosia a esperava.

— O amo aceitou a tua compra — anunciou-lhe antes de ela sequer entrar.

Kaweka sentiu-se desfalecer.

— Como sabes? Tens a certeza?

— Antes de partir para Havana, o Modesto esteve aqui.

Nessa manhã, enquanto o marquês tratava de assuntos com Rivaviejo antes de abandonar o engenho, este ofereceu-se para comprar María Regla. Dom Juan José fez chamar Narváez e consultou-o.

— Não passa de uma escrava louca, bruxa e conflituosa... e, além disso, estéril — argumentou o maioral, estalando a língua. — Com certeza que acabará por arranjar problemas. Venda-a, senhor. Dispomos de mãos suficientes.

— Trata bem dela, então — ordenou o nobre. — O meu pai dizia que quando alguém decide vender já está a contar as moedas mesmo que ainda não as tenha recebido. Agora essa negra já não se mede em açúcar, mas sim em dinheiro. Não vá ela ter um acidente ou infortúnio antes de o doutor me pagar.

Foi por essa razão que a libertaram do trabalho na safra, inclusivamente de Santiago, e a destinaram exclusivamente ao criouleiro com mamã Ambrosia.

O escravo ouviu as palavras do guarda que os acompanhou ao quartinho onde dormiam para apanhar os seus pertences e o deixarem livre.

— Não a conseguiste emprenhar — gozou. — Não serves nem para montar uma preta.

O homem riu-se e deu um pontapé numa panela que estava no chão, e Kaweka viu como Santiago apertava as mandíbulas e franzia os lábios. «Vai», instou-o ela em silêncio, «revolta-te»! Ele não o fez. Mal o branco pôs os olhos nele, Santiago fixou os seus no chão. Era apenas um escravo, pensou então a jovem. Olhou para ele a baixar-se para pegar na panela; a mesma fortaleza que tinha abusado dela agora humilhava-se diante daquele que o insultava e que, com um pontapé de regozijo, afastara a panela do alcance das suas mãos. Santiago nascera escravo. Por uns instantes Kaweka esqueceu a violência e as injúrias, agachou-se e apanhou o recipiente que rebolara até aos seus pés. Ofereceu-o a Santiago e ambos cruzaram os olhares. Os dois eram escravos, transmitiu-lhe ela com tristeza. Depois, carregada com os seus escassos pertences, dirigiu-se para o criouleiro. Atrás, no barracão, ficou um jovem que entrou derrotado, arrastando os pés, no dormitório dos solteiros do primeiro piso. Santiago não se voltou para se despedir dela. Teria gostado que o tivesse feito, lamentou-se Kaweka.

Mamã Ambrosia recebeu-a com um bebé pequenino nos braços que trocou pelas quatro peças de roupa gastas que ela levava. A criança, suja, ranhosa, que Kaweka levantou por cima da cabeça, apagou a imagem de Santiago da sua mente.

— Quando pensas que vai ser? — perguntou à criouleira depois de esta lhe contar que Modesto a visitara essa manhã.

— No próximo mês — respondeu a velha, repetindo com pouco entusiasmo o que ele lhe dissera —, quando o teu homem e o médico voltarem para comandar a enfermaria. Nesse dia trazem o dinheiro e levam-te.

Uma mão descarnada pousou no braço da jovem quando esta suspirou. Desde que Modesto lhe falara da possível compra, Kaweka vivia mergulhada num sentimento de culpa, incapaz de expulsar de si o remorso que a invadia por rezear que a sua decisão pudesse afetar a criouleira. A velha, que percebia tudo, tentou tranquilizar a sua menina:

— O meu destino foi traçado pelo deus Olofi quando eu ainda não

tinha renascido e regressado à terra, muito antes de tu conheceres esse emancipado e procurares a tua liberdade. Nunca terás nada que ver com o que me acontecer, filha. E este menino tem fome... — acrescentou para a distrair.

Até Modesto a vir buscar, Kaweka devia ajudar no criouleiro e na enfermaria. Estavam no início da safra, e, salvo por algum acidente, a maioria das camas estava vazia; os escravos ainda não acusavam a exploração impiedosa a que estavam subjugados.

— Vai buscar ervas para preparar remédios — pediu-lhe Cirilo. — Quero estar preparado para quando isto encher.

Já há alguns dias que Kaweka ia para o monte, onde passava o dia. Apanhava ervas e flores, rezava aos deuses, fazia-lhes oferendas, imaginava-se no céu e dormitava depois de fantasiar com a vida que a esperava. Nessa manhã dirigia-se para a cabana do velho Teófilo, um dos escravos inválidos do engenho desterrados para o monte que lhe fornecia ervas.

— Teófilo? — chamou ao aproximar-se da cabana.

Três negros assustaram-na ao aparecerem por trás da barraca de palha do aleijado. Nenhum deles era Teófilo.

— O que significa isto? — gritou Kaweka. Acabou por reconhecer Mauricio, ainda que quase dois anos a fugir pelas serras transformassem uma pessoa. — Vocês assustaram-me! — recriminou-o.

— Lamento — desculpou-se o jovem.

— O que fazem aqui? Ninguém nos tinha avisado da vossa chegada.

O quilombola que acompanhava Mauricio ia armado com uma catana, embora Kaweka tenha centrado mais a sua atenção no terceiro: um velho de barba rala e cabelo grisalho, vestido com farrapos como os outros, mas com um colar simples de pequenas contas azuis e brancas ao pescoço.

— A nós sim, avisaram-nos de que tu andavas a calcorrear estes montes. — O velho falava com voz grave. Kaweka não conseguiu desviar o olhar; estava presa a ele. Sentiu a sua força, a dos deuses, e

soube o que pretendia antes sequer de o homem continuar a falar: — Acompanha-nos. O teu destino é na serra, com os teus, com os quilombolas. É lá que estão os que lutam como tu, os que lutam pela liberdade, os que combatem os brancos. Tu encorajaste-os a fugir! — O homem apontou para Mauricio. — Agora é preciso levar-lhes os seus deuses e os seus remédios... Eu estou velho e cansado. É o teu destino — sentenciou, mas Kaweka já não o ouvia.

A imagem de Modesto, a liberdade que este lhe prometia, os filhos que tinham sonhado ter um dia, a cara de mamã Ambrosia... Tudo o que se atrevera a desejar nos últimos tempos se desmoronou diante daquelas palavras que a incitavam a fugir, a escapar para a serra e a tornar-se quilombola. Não podia abandonar Modesto! Já tinha sentido a felicidade, de noite, de dia inclusivamente, pois não necessitava dos sonhos. Já vivia entregue ao seu amante, o seu corpo contorcera-se de prazer, e o seu espírito estava prestes a deixar para trás o engenho, as correntes e o chicote para gozar da liberdade. A ilusão coloria cada minuto do tempo que faltava para Modesto regressar com o dinheiro. E agora aquele velho pretendia que renunciasse a tudo para o seguir a ele para a serra!

— Não — retorquiu, opondo-se. — Eu... — Uma dor intensa, como a de uma machadada, percorreu-a de cima a baixo, impedindo-a de falar. Tremiam-lhe as pernas, mas conseguiu conservar a calma para afirmar com serenidade: — O meu homem espera-me...

— Os teus deuses é que te esperam — interrompeu-a o ancião.

Os mesmos deuses que tinham presenciado impassíveis, talvez cruéis... ou divertidos, as adversidades sofridas por Kaweka durante os últimos meses exigiam agora um pagamento que ela considerava injusto.

— Não. Eles não têm qualquer direito sobre mim. Posso servir-lhes em Havana — alegou Kaweka, reproduzindo as palavras de mamã Ambrosia.

— Certo — respondeu o outro —, mas primeiro tens de aprender, ainda não estás preparada. A nossa religião não pode desaparecer com anciãos como eu.

Então Kaweka caiu ao chão, esperneando freneticamente enquanto se agarrava à cabeça para impedir que os orixás a dominassem.

— Estás a tentar enfrentá-los? — interrogou-a o velho, tal como faria com uma pessoa atenta à sua conversa, indiferente à luta que Kaweka travava.

— Sim! — gritou ela. — Perseguem-me. Não me podem pedir este sacrifício.

Um grito surgiu das profundezas da sua garganta e uma última convulsão pareceu despedaçá-la. Depois acalmou-se. Ofegava.

— Podem pedir-nos todos os sacrifícios que desejarem — contrapôs então o quilombola. Kaweka olhou-o do chão e o outro ofereceu-lhe a mão. — Todos dependemos da sua vontade — acrescentou, puxando por ela.

— Os orixás não me podem negar a felicidade nem... — Não acabou. Desatou num pranto.

— Eles escolheram-te. Os brancos escravizaram-nos, mas temos de impedir que acorrentem também os nossos deuses. A tua felicidade consiste em lutar pelos escravos. Deves vir comigo e aprender.

— Mas o Modesto... — soluçou ela.

— Se o amor dele for verdadeiro — pressagiu o velho, conseguindo que Kaweka erguesse os olhos rasos de lágrimas —, ele virá à tua procura... mais cedo ou mais tarde.

Mauricio e o outro quilombola ampararam-na durante o caminho. Kaweka ordenava às suas pernas que parassem, mas estas não lhe obedeciam; andavam, empurradas pelos deuses, e a cada passo que davam desvaneciam-se na sua mente desejos e ilusões, os mil sonhos em que se deleitara e uma liberdade que chegara a saborear, doce como o açúcar mais branco. Depois foi o semblante de Modesto que se começou a diluir entre as suas lágrimas, como se desaparecesse. O que seria feito dele? O que pensaria? Julgaria, por acaso, que ela o abandonava por vontade própria?

— E o Modesto? — conseguiu perguntar.

— Nós vamos tratar dele — respondeu o velho.

De que é que tratariam? Da sua dor? Modesto ficaria desfeito. Aquele sorriso franco que se apoderava do espírito de quem quer que o contemplasse surgiu agora a Kaweka como um gesto frágil e vulnerável, e sofreu ao imaginá-lo transformado num esgar de angústia e mágoa.

— E o Modesto? — murmurou de novo sem esperar resposta alguma, mortificada pela culpa que feria até os seus próprios pensamentos.

*Madrid, Espanha
Dezembro de 2017*

Talvez seja devido à perda da dona; uma reação psicótica, como uma espécie de loucura pós-traumática. Era isso que Lita pensava sempre que os *yorkshires* de que a mãe cuidava deixavam de ladrar e arranhar a porta do apartamento de dona Pilar, se arrastavam dóceis entre as suas pernas e a seguiam obedientes até ao interior. Concepción arqueava as sobancelhas.

— Não entendo. — Abanava a cabeça, de boca franzida.

— Nem eu — respondia a filha, não dando importância ao agradável formigueiro que lhe percorria o corpo.

Uma sensação de vitória sobre estes bichos, rejubilava-se. A verdade é que também não procurou explicação para a atitude dos animais. Em alguma ocasião pensou em falar com um veterinário, ou com algum psiquiatra canino, se é que existia, mas os acontecimentos corriam demasiado depressa na sua vida para se preocupar com aqueles dois cães.

O banco vivia um período turbulento. As exigências aumentavam dia após dia. Os dias de trabalho, extenuantes, alongavam-se até altas horas. A tensão era tanta que um dia, numa pausa vespertina, até aceitou partilhar um charro numa Madrid já escura, fria, com vários executivos que tinham saído à rua para arejar um pouco. Lita fumava marijuana com uma certa frequência, com as suas colegas de casa e em festas e saídas, e

não punha entraves a uma linha de coca, sempre com cautela, com controlo, mas nesse dia acabou por violar o objetivo de não mostrar essa faceta no âmbito laboral.

Com o cigarro preso com dois dedos como uma pinça, Lita deu uma forte passa, que invadiu os seus pulmões. Reteve o fumo, sem tossir. Outros sim, tossiram, pondo assim a descoberto a sua inexperiência, como Gloria, a gestora de risco, que se gabava de tudo, sabia de tudo e dominava tudo; segundo ela, ela era a mais despachada, a mais bonita, a mais inteligente, e costumava olhar para Lita com um ar de desprezo pela sua posição superior no organograma do banco. Lita sorriu quando a viu esconder-se nas costas de um colega depois de se engasgar. Era uma boa erva, potente. Na verdade, reconheceu para si própria, tinha acedido ao convite de um dos consultores externos da Speth & Markus num desafio insolente à diretora pedante. Pablo foi quem lhe passou o charro; Lita não poderia afirmar se fora ele que o fizera, mas gostou que lho oferecesse. Era um pouco mais alto do que ela, andaria perto dos trinta, e não era bonito, ainda que fosse atraente; um profissional magnífico, experiente, decidido, convincente, qualidades que combinavam com um certo ar desleixado, roupa velha, barba rala e cabelo emaranhado, ao estilo de um professor distraído. Até esse momento, durante as sessões de trabalho à volta da mesa da sala de reuniões, Lita percebera como a gestora de risco entorpecia a comunicação entre ambos: intervinha, interrompia-a e tirava-lhe a palavra; exercia o comando, mas revelava-se mais como uma cadela com o cio do que como uma alta executiva. A história do charro apresentou-se como uma oportunidade: Gloria não se podia ficar atrás, tinha de jogar também nesse campo se pretendesse disputar Pablo. E perdera. A mulher, alta, loira, exuberante, teve de se render perante uma mulata, talvez mais baixa do que ela, mas que se sabia bonita, desejável, com um corpo sedutor. E exótica, sim... Porquê renunciar a esse encanto acrescido que o brilho da cor da sua pele ditava no desejo dos homens?

— Costumas fumar ganzas quando auditas empresas? — brincou Lita, já de regresso ao escritório.

— Isso é o que se devia fazer sempre — respondeu Pablo, espicaçando o interesse dela. Depois riu-se perante a sua estranheza. — A matemática governa os fenómenos da natureza. Pensa nos números irracionais; são incomensuráveis, incompreensíveis. O homem racional não está capacitado para os entender...

— É por isso que fumas ganzas?

— Sim. Porque não? Desapegamo-nos do pragmatismo que nos oprime e somos capazes de nos aproximar um pouco mais deles. É o melhor procedimento contabilístico para que os números encaixem, não achas? Olhas para eles, deixa-os dançar um bocadinho e eles próprios se vão acomodando. Não digas a ninguém — pediu-lhe, segurando-a pelo braço enquanto os outros seguiam caminho —, mas Deus é matemático — acrescentou num sussurro.

Lita abandonou aquelas teorias platónicas e, depois de confrontada de novo com os números, divinos ou não, racionais ou irracionais, compreendeu que naquela sala o único deus que havia era Pablo. Era ele que mandava e que tocava a música com que os algarismos dançavam. Durante uns dias namoriscaram com subtileza, evitando serem descobertos. Pablo estava ali para controlar e, se fosse o caso, questionar a situação financeira do Banco Santadoma, pelo que a relação deles poder-se-ia considerar pouco oportuna. Lita ocupava o seu tempo entre o trabalho e a ilusão, até que o chefe de recursos humanos, a quem recorrera para analisar a possível reforma da mãe, lhe enviou uma mensagem de texto: «Lamento. A tua mãe nunca descontou para a Segurança Social e, portanto, não tem direito à reforma. Na administração pública consta como viúva, não como trabalhadora, e já recebe uma pensão por isso. Telefona-me se tiveres alguma dúvida.»

Claro que tinha, e muitas! O Banco Santadoma ocupara-se sempre dos assuntos da mãe. A mulher tinha ali a conta poupança onde recebia o salário.

— Lamento, María Regla — desculpou-se várias vezes o homem perante uma Lita desvairada que apareceu de rompante à procura de

explicações. — Quando cheguei a este banco, a situação da tua mãe já era a que é hoje. Antigamente as empregadas domésticas não eram registadas, tinham um seguro ou qualquer coisa parecida, e depois da morte do teu pai, como a viuvez já cobria saúde, farmácia e tudo o mais, suponho que ninguém se preocupou em regularizar a sua situação. Transfere-se o salário para a sua conta. Declaram-se os seus impostos, efetuam-se as retenções legais. Tudo isso se faz corretamente. As suas poupanças estão investidas e também são declaradas. Para dizer a verdade, parece-me... inverosímil.

Lita abandonou o escritório recriminando-se por não ter prestado mais atenção aos assuntos da mãe. Ali mesmo, num dos corredores, prostrou-se num cadeirão. Sentiu-se enjoada e respirou profundamente, uma, duas vezes. Sabia dessa exígua pensão de viuvez que Concepción recebia desde que o marido, motorista dos Santadoma, perecera num acidente de trânsito por fazer um recado ao marquês, que não parecia ser tão urgente para o pai perder a vida devido ao excesso de velocidade. Pelo menos foi o que Lita ouviu comentar entre o pessoal de serviço da casa. Em qualquer caso, aquela pensão era uma miséria e de forma alguma teria impedido que a mãe descontasse todos os anos que permanecera a trabalhar para os marqueses, ou seja, durante toda a sua vida. E agora que futuro lhe esperava? Com que rendimento iria contar no dia em que já não pudesse trabalhar? Talvez fosse essa a razão por que não a haviam despedido depois da morte de dona Pilar e lhe haviam atribuído a porcaria dos cães, pois, caso contrário, ter-se-ia descoberto que nunca tinham descontado para ela. Teria dom Enrique conhecimento?

Se sabia ou não, o certo é que nessa tarde ficou a saber, uma vez que se apresentou na sala de reuniões, onde empregados do banco e consultores externos trabalhavam imersos entre centenas de arquivos. Fê-lo acompanhado de dois homens um pouco mais jovens do que ele, bem-trajados, e que rondariam os cinquenta anos, um branco e outro negro.

— Senhores — disse, interrompendo a atividade na sala —, agradeço-vos o esforço que estão a fazer. — O marquês falava em inglês. Uns

levantaram-se e outros não, perante o gesto da mão do seu presidente, que esperou até que se fizesse silêncio e a atenção se centrasse nele. — Quero apresentar-vos os senhores Meyerfeld e Stewart, diretores do ELECorp Bank dos Estados Unidos. Como já sabem, adquiriram parte do capital deste banco há alguns anos, na época da crise, e agora estão interessados em adquirir a sua totalidade como uma ponte para a sua expansão europeia.

Depois daquelas palavras, dom Enrique de Santadoma e os americanos foram rondando a longa mesa de reuniões com cumprimentos e sorrisos.

— María Regla Blasco — anunciou o marquês quando chegaram a ela. — Uma grande profissional — continuou, enquanto Lita apertava a mão dos americanos, diminuída entre esses três homens, altos e corpulentos. — Sentimo-nos orgulhosos por contar com a menina Blasco entre os nossos colaboradores.

Lita reparou que Stewart — de cabelo negro, atraente e elegante, com uns dentes brancos com um brilho nacarado — mantinha apertada a sua mão um instante mais do que o necessário. Eram as duas únicas pessoas negras na sala. O marquês também pareceu apreciar a circunstância.

— A sua família tem origens cubanas — explicou o nobre —, tal como os Santadoma.

A jovem reprimiu o esgar de ironia que a comparação merecia, e centrou-se nas palavras de Stewart. Conversaram durante um escasso minuto sobre Cuba e o seu futuro incerto... Não. Lita não conhecia a ilha. Uma pena... Depois, os três homens dirigiram-se ao empregado seguinte.

O marquês de Santadoma aproveitou a nova troca de cumprimentos para se voltar para Lita. Apanhou-a pelo ombro com delicadeza, inclinou-se para ela e baixou a voz.

— Um erro lamentável o que aconteceu com os descontos da tua mãe, mas sabes que nunca faltará nada à Concepción junto dos Santadoma. Tranquiliza-a. Não se devem preocupar.

E, com o que Lita interpretou como um carinhoso aperto no ombro, o

marquês pôs fim às suas exíguas explicações.

«E se não quiser continuar ao serviço dos Santadoma?», quis gritar ela nas costas do chefe, que voltava a desfazer-se em elogios para com outro empregado. A sua mãe tinha o direito de ser independente dos Santadoma e de viver com maior ou menor comodidade dos frutos do seu trabalho. O futuro dela não devia depender da generosidade do marquês!

Sentou-se numa cadeira e suspirou. Ergueu o olhar e cruzou-o com o de Pablo, do outro lado da mesa. Ela esboçou um sorriso. Pablo comprimiu os lábios, animando-a. Lita sorriu abertamente, notando que se entendiam. Aquela confissão tácita desmoronou todas as cautelas mantidas até então.

— Vamos jantar? — abordou-a ele, a caminho do metro. Tinham saído tarde do banco, já passava das dez da noite.

— Não tenho fome.

— Um copo, então?

— Um charro como no outro dia? — propôs Lita.

— Gostava, mas não tenho mais. Passam-mos na universidade...

— Ainda estudas? — brincou ela. Ele assentiu, como se o tivessem apanhado em falso. Ou seja, era professor, concluiu Lita. — Eu tenho — afirmou sem lhe dar tempo para se explicar.

Optaram por um táxi em vez do metro. Lita baixou-se e entrou no bar de música que havia na cave do edifício onde vivia com as amigas. Demorou pouco a regressar e dirigiram-se para casa dele: um apartamento pequeno na Calle Ibiza, perto do parque do Retiro, tão desarrumado como acolhedor, mobilado com peças escolhidas, algumas totalmente incompatíveis no entender de Lita, mas diferentes das vulgares e corriqueiras que as grandes multinacionais do setor vendiam. Música, *gin* tónico, batatas fritas, *snacks*, palitos e uma embalagem de pistácios. A erva em cima da mesa. Falaram do banco, do trabalho, do marquês, de Cuba. «O que te aconteceu esta tarde?» «Não tem importância.» Pablo sabia que a mãe era a criada dos Santadoma? Contaram-lhe qualquer coisa, percebeu, e decidiu perguntar-lhe.

— Gloria?

Ele confirmou com uma careta.

— Filha da puta! — exclamou Lita.

— É — concordou ele —, mas não por esse motivo. A tua mãe merece todo o meu respeito, e tu também, claro. A Gloria é uma ressabiada; seria igualmente cabra mesmo que fosses filha do marquês.

Lita tremeu, custando-lhe enrolar o cigarro. Por fim, conseguiu e fumaram. Aumentaram o volume da música e Dua Lipa irrompeu com força na sala. A descontração depois do trabalho intenso, o nervosismo, a tensão, o álcool e a marijuana produziram efeito no ânimo de ambos. Terminaram o cigarro com ela encolhida em posição fetal no cadeirão, a cabeça no colo de Pablo, sussurrando palavras incompreensíveis. Ele acariciava-a. Lita fechou os olhos para que nada a distraísse das sensações que lhe provocavam aqueles dedos mágicos que percorriam o seu corpo: suaves arrepios nas coxas, faíscas quando passavam entre as pernas, por cima da roupa, tal como nos seios, rondando, rondando até culminarem nos mamilos. Maravilhosos arrepios que lhe fizeram estremecer os ombros, como se quisessem dar-lhes saída. Lita observou como os seus sentidos despertavam, como as suas perceções se exacerbavam, capazes de se recriarem no ar que ele exalava e que lhe roçava a nuca, nos batimentos dos seus corações acelerados, nas palavras que não dizia, mas que ela escutava.

Aturdida pela droga, o seu corpo apresentou-se-lhe como um compêndio de números que levou atabalhoadamente para a cama e despiu, beijando-a até nos pontos mais recônditos. Depois despiu-se, permitindo que ela o observasse, o acariciasse. Possuiu-a. Lita esperava-o, molhada de desejo. Sentiu a sua força, imensa, dentro dela. Não ouvia as suas palavras. Tinha fechado os olhos para apreciar, para se entregar sem reservas ao prazer.

E soou o primeiro tambor. E um segundo. A música ficara para trás, na sala, silenciada. Um instante de dúvida assaltou Lita, mas desvaneceu-se perante um embate que quase a derrubou e que lhe arrancou um grito.

Debateu-se para se fundir com o seu amante enquanto ouvia o som de mais tambores. Era tudo real. As percussões acomodaram-se ao ritmo do homem que a penetrava, ascendendo vertiginosamente até tudo explodir no seu interior. Faltou-lhe o ar, a consciência, falhou-lhe o tato, e o orgasmo transportou-a para um paraíso a que apenas a luxúria permitia aceder. Acompanhada pelo estrondo dos tambores, navegou por esse infinito sensual até o êxtase roçar o limite da dor. Então, regressou para a cama. Para o silêncio. Para o suor dos seus corpos. Para a música que chegava abafada da sala.

— Ouvi tambores — confessou na conversa que mantiveram, ele em cima, ainda a penetrá-la.

— Lamento — desculpou-se Pablo, e deixou-se cair em cima dela, simulando a derrota.

— Não! — corrigiu aos gritos Lita, oprimida, entre suspiros e risos entrecortados. — Foi... — Teve de recuperar o fôlego. — Foi magnífico!

— Não pode ter sido magnífico se só ouviste tambores. Tu mereces uma orquestra inteira: pianos, violinos, oboés...

Lita tentou rir-se. Não conseguiu. Custava-lhe respirar.

— Sai — pediu, empurrando-lhe o peito com as mãos.

Mas ele não cedeu.

— Flautas e violoncelos. Imaginas um violoncelista aqui connosco?

— Afasta-te! — insistiu ela. — Não me deixas respirar.

Pablo apoiou-se nos cotovelos e aliviou a pressão para que ela sorrisse.

— Pitágoras relacionou os números com a música...

Lita suspirou.

— Qual era o número de que Pitágoras mais gostava?

Pablo pensou um instante.

— Talvez o cinco — respondeu —, o do pentagrama, o da proporção áurea; é a soma do primeiro número feminino, o dois, com o primeiro masculino, o três...

— Está bem, está bem — interrompeu-o. — Pois tu ficaste no um. Não sei o que pensaria Pitágoras, mas para mim é escasso.

— O que queres dizer?

— Que te faltam quatro quecas para cumprires com as expectativas do teu génio da matemática.

Pablo sorriu e beijou-a com doçura. Uma vez, muitas.

— Vamos lá — murmurou, e desceu até aos seus mamilos, que lambeu e mordiscou com delicadeza e um cuidado extremo. — Que tal procurarmos um saxofone? — sussurrou depois de os mamilos de Lita endurecerem e crescerem.

— O que é que estás a dizer?

Ele já deslizava na direção das suas virilhas.

— Dizem que os instrumentos de sopro se tocam com a língua, com pancadinhas.

— Quatro! — avisou-o ela enquanto relaxava em cima da cama, abria as pernas o mais que podia e suspirava ao receber a primeira lambidela no clitóris. — Com saxofone, flauta ou uma pandeireta... É-me indiferente o que utilizares, mas quero mais quatro.

Como tinha vindo a acontecer quase diariamente durante as últimas semanas, Gloria cheirou-a. Fisicamente, de uma forma animal, selvagem. Lita estava consciente de que aquela cadela com o cio era capaz de cheirar o seu sexo, a sua satisfação, e não fazia nada para o impedir, sobretudo nesse dia; pelo contrário, andava pela sala com ligeireza, ativa, emanando um aroma que atingia a cara da gestora de risco e provavelmente muitas outras... e outros.

Lita vestia um dos seus melhores conjuntos: um casaco bege muito claro sobre uma blusa branca cujos franzidos no pescoço e nas mangas sobressaíam, meias de um tom mais escuro e sapatos vermelhos de salto baixo. A sua pele mulata destacava-se, e nos últimos dias, acariciada e desejada, viva como nunca estivera, brilhava e até ardia. Nem todos os executivos que estavam há algum tempo a trabalhar na auditoria externa tinham sido convocados para aquela reunião com os membros do conselho e os americanos. Gloria, sim; Pablo, também. E quando o

marquês e os outros entraram, podiam contar-se cerca de quarenta pessoas na sala. Os mais importantes sentar-se-iam à volta da mesa de madeira nobre, longa e polida; o resto, como Lita, um metro atrás, na segunda fila, junto às paredes.

As pessoas cumprimentavam-se e trocavam impressões antes de se sentarem, e Lita observava aqueles preâmbulos com mais fascínio do que interesse. Ela não interviria. Pablo, sim; devia expor as conclusões provisórias da auditoria, favoráveis à operação de compra. A jovem não queria ter ilusões em relação à sua situação no banco, apesar de se encontrar entre acionistas, empresários, diretores e pessoas com poder e influência; suspeitava que a sua presença se devia à quota de cor que dom Enrique impusera em atenção a Stewart, que, de outro modo, teria sido o único negro ali presente. Falara com Pablo sobre isso, em casa dele, na noite anterior.

Ele bufara antes de deslizar a ponta do dedo pela sua coluna vertebral.

— Porque não mudas de trabalho?

— Achas que não tento? É muito difícil para uma pessoa com a minha experiência...

— És muito boa no que fazes.

— Obrigada...

Lita teria gostado de acrescentar um «querido», ou um «meu amor», ou um «oxalá todos os homens fossem como tu», mas não se atreveu, e deixou as coisas assim, com um «obrigada» talvez um pouco brusco, que foi suavizado pelo contacto do roçar das suas mãos. As carícias eram permitidas, como se não fossem tão comprometedoras como uma declaração verbal, porque as carícias nasciam da sensualidade, do instinto, ao contrário de algumas palavras que se enraizavam na mente, na vontade e no raciocínio. Lita acariciou-o outra vez, e fá-lo-ia outras mil vezes, em silêncio se fosse necessário; repeti-lo-ia até as pontas dos seus dedos gretarem, porque aquele homem cumprira com a sua palavra e trouxera para a sua vida uma orquestra completa, e a música que enaltecia as suas emoções ou serenava os seus sentimentos era

equilibrada, melódica, sem mais sobressaltos do que as mudanças de ritmo que a levavam de forma natural à exaltação e à calma.

Há tão pouco tempo que Pablo levava harmonia à sua vida, e ela já pensava que o amava, com toda a sua alma, mas não tinha intenções de lho dizer com medo de quebrar o feitiço dessa orquestra em que de repente se via envolvida. Para trás ficaram outras relações, esporádicas ou mais ou menos estáveis, inclusivamente alguma mais longa, com homens inibidos, tímidos, rápidos, insatisfatórios, ou com outros arrogantes, pretensiosos. «Uma máquina de prazer», tinha-se descrito a si próprio o último deles sem qualquer modéstia. Sim, reconheceu Lita, uma máquina que não parava, que não descansava, que quebrava e esmagava até o desejo e a vontade mais férreos. «Não aguento com a tua energia», respondeu de casa de Pablo à última mensagem de WhatsApp em que o outro a convidava para uma nova noite de fúria. «A máquina foi derrotada. Felicidades! Foi bom.»

— Não acreditas no que te digo? — Pablo trouxe-a de volta à realidade depois desse «obrigada» tão exíguo. — Realmente és...

— Sim, sim. O problema é que não posso pensar na minha saída para o mercado de forma pública — continuou. — Os Santadoma são vingativos; presenciei-o com alguns colegas a quem colocaram obstáculos às suas pretensões de prosperarem noutras empresas. São possessivos até com as pessoas. Se se aperceberem de que procuro outro trabalho, que pretendo ir-me embora...

— Quando isto terminar, posso ajudar-te. Tenho contactos.

— Não me posso permitir perder o meu emprego — insistiu ela, alheia à proposta de Pablo, com o estômago apertado a pensar na reação da mãe.

Porque esse era o momento menos apropriado, disse para consigo no dia seguinte, já sentada na grande sala de reuniões do banco. A mãe sem reforma e ela sem trabalho seria uma situação extremamente complicada. Ainda não tinha tomado decisão nenhuma. O que podia fazer? Denunciar a família do marquês? Além disso, Concepción ajudava pouco... ou

muito, dependendo do ponto de vista. «O que é que eu faria reformada?», perguntara quando Lita a sondara de novo. «Onde iria viver? Contigo? Nenhum homem se aproximava!» «O que farias tu reformada, mãe?», evitara retorquir Lita. «Viver! Descansar! Levantar-te de manhã e preparar um café com a arte e o carinho habitual, mas só para ti, para o tomares a ver amanhecer esse novo dia que mereces.»

O marquês levantou-se, tomou a palavra e arrancou Lita dos seus pensamentos. Apesar disso, também não o ouviu, fixando-se, ao invés, na composição da mesa: à direita de dom Enrique encontravam-se os americanos, a quem nesse exato momento agradecia a sua presença. À sua esquerda, por ordem de idade, estavam os membros do conselho de administração do banco, encabeçados pela mãe do presidente do Banco Santadoma, dona Claudia, com os seus oitenta anos, solene e erguida como dona Pilar, mas com o rosto mais empoado e com mais maquilhagem do que a que costumava usar a cunhada recém-falecida. Lita centrou a atenção na idosa: parecia tranquila. Qualquer pessoa naquela sala pensaria que teria sido melhor não a levar à reunião, mas a senhora movia-se naquele limite subtil que separava a plena capacidade mental da senilidade, e quando exigia alguma coisa era preferível darem-lha, porque, como cubana branca das de antes, rica, despótica e caprichosa, estava acostumada a que a satisfizessem, um desejo que a velhice lhe parecia permitir exigir sem contemplação alguma.

Uma vez mais, Lita soube-se presa àquela família; ao pensar nisso, mexeu-se na cadeira e procurou refúgio em Pablo. Tinha-se esforçado e vestia um fato um pouco mais sério e, sobretudo, uma gravata que se encaixava no pescoço em vez daquelas que ficavam penduradas como laços caídos; em qualquer caso, emanava segurança. Ele sentiu-se observado, mas não quis deixar de dar atenção ao discurso em inglês do presidente do banco, cuja voz, firme e autoritária, enchia a sala. Lita imitou-o e voltou o olhar para o marquês exatamente quando dona Claudia levantava o braço, puxava pelo fato do filho à altura do cotovelo e interrompia o seu discurso.

Dom Enrique de Santadoma inclinou-se com preocupação para a mãe, que apontou para onde se encontrava Lita. A jovem tremeu ao perceber o seu gesto. O marquês e a mãe trocaram cochichos. A expectativa aumentava, os americanos e o resto do conselho espreitavam para o centro, atónitos. Dona Claudia gesticulava cada vez mais e levantava o tom de voz. O marquês tentava tranquilizá-la.

— Mas o que é que faz aqui a filha da criada!? — exclamou por fim a velha.

A frase foi ouvida com absoluta nitidez. Os olhares dividiram-se; iam e vinham. Lita sentiu-se assaltada por um enjoo. O marquês negava com a cabeça, como se lidasse com uma menina caprichosa. Falaram entre eles: um tentava baixar a voz, a outra mostrava-se indiferente. «Concepción.» «Desde sempre.» «O que diria o teu pai ou o teu avô?» Os presentes baixaram a cara até que dona Claudia fez um gesto para se levantar da mesa.

— És moreninha! — proferiu a idosa como se ela própria quisesse convencer-se da sua razão.

— Mulata, merda! — Saiu-lhe de forma intempestiva, tal como podia ter dito num bar ou num parque. De repente estava em pé, enfrentando dona Claudia.

— Quem é que esta miúda pensa que é?! — exclamou a idosa. — A levantar-me a voz, a mim! Mulata, sim! Parda! Filha dos nossos criados. Neta da nossa criada. — O marquês tentava acalmar a mãe, que não permitia sequer que lhe tocasse. — Não estou disposta a assinar nada que dependa desta mal-educada. — Os olhares de assombro tornaram-se movimentos incómodos e murmúrios perante a ameaça lançada por dona Claudia de deitar por terra a operação. — Dás-lhes de tudo, educação, casa, trabalho — continuava a outra a gritar, apontando para Lita —, e é assim que te agradecem. Ingrata! Deviam continuar todos no engenho, a cortar cana e...

O marquês quase se lançou sobre a mãe para que ela não continuasse pelo caminho que tais palavras sugeriam. Obrigou-a a sentar-se e tentou

tranquilizá-la. Lita sentiu sobre ela o olhar dos presentes, que estavam à espera da sua reação. Tremia.

— Escravizar-nos de novo, sim — afirmou abrindo as mãos, como se quisesse fazer ostentação da sua raça. — Era disso que gostava...

— Não continues, Regla — aconselhou-a a secretária particular do marquês, que se apressara a dar a volta à mesa até junto dela quando se iniciou a confusão.

— Mas ouviste o que disse esta mulher?

— Todos ouvimos — reconheceu. A secretária agarrava-a pelo braço e puxava por ela para a acompanhar até à porta. — Não liguês, está senil — acrescentou num tom quase impercetível.

— Sim — gritou Lita, não dando ouvidos ao conselho. — Sou mulata, e com certeza descendente desses escravos da herdade do marquês que cortavam a cana. E isto que se está a vender nesta mesa não é outra coisa senão o fruto do seu sangue, das suas vidas! Provavelmente de algum antepassado meu que morreu sob o chicote dos Santadoma. — A secretária tinha deixado de fazer pressão. Lita concedeu-se um segundo antes de continuar: — E, sim, a minha mãe foi criada dos marqueses desde que nasceu. — Procurou com o olhar Gloria. — E pouca gente nesta sala estará à sua altura em termos humanos e morais!

Alguns já se tinham levantado. O marquês alternava a sua atenção entre as duas mulheres.

— Deixa, Regla — aconselhou-a outro empregado do banco.

— Sai daqui — exortou-a um terceiro. — Não piores ainda mais as coisas.

Lita deixou-se arrastar pela secretária do marquês, para quem olhou enquanto percorria a distância até à saída. Não havia arrependimento no olhar da jovem; no máximo, contrariedade. O de dona Claudia, no entanto, ainda que nascido de uns olhos velhos e vidrados, continuava a ser nocivo, ameaçador, carregado de ira.

Cuba, primavera de 1864
Serra do Rosario

O murmúrio da água a correr pelo leito abaixo, o chilrear dos pássaros ou os estalidos da vegetação à passagem dos animais fugidios acompanhavam Kaweka enquanto, sentada numa rocha grande, olhava para o infinito que se abria a seus pés e que se avermelhava à medida que o sol se punha. Era a mesma cor de sangue que via do engenho quando os escravos regressavam do canavial: pairava sobre eles purificador, arauto do silêncio da noite e da sua explosão fulgurante num céu imenso, limpo, livre. O bosque espesso, no alto da serra do Rosario, a vários dias de La Merced, escondia a jovem.

Kaweka inspirava com força, alimentando de liberdade o filho que trazia no ventre. Tinham decorrido três meses desde que se submetera aos desejos do velho Eluma e fugira do engenho, olhando constantemente para trás, para Modesto, para mamã Ambrosia. Abandonara-os a ambos sem explicação alguma, sem sequer se despedir.

— Ia comprar a minha liberdade — lamentou-se em frente de Eluma.

— Não há nenhum negro, nem branco, nem sequer o marquês, que possa comprar aquilo que pertence aos deuses!

— Poderemos amar-nos! — rebateu ela. — Isso os deuses também impedem?

— Os deuses não impediram que ficasses grávida — surpreendeu-a o

pai de santo. Kaweka não o tinha tornado público; estava só de três meses e o vestido amplo que usava dissimulava-o praticamente. — Sim. Eu sei. E tu estás aqui para aprender todas estas coisas, para conheceres o interior das pessoas, a sua alma.

— Disseste-me que o Modesto viria à serra, que me seguiria...

— Se te amar, nada o impedirá.

— Ama-me — assegurou ela, mas não conseguiu evitar que a dúvida se instalasse no seu espírito.

— Então fá-lo-á — insistiu Eluma.

«E se ficou ofendido?», evitou sugerir ela ao pai de santo. Realmente, ele fora o homem que lhe propusera uma nova vida, que se entregara a ela. Podia sentir-se despeitado depois de ter sido abandonado sem qualquer explicação. Talvez já não a amasse...

O sacerdote adivinhou as dúvidas de Kaweka.

— Não te impacientes — disse, tentando desculpar um atraso que sabia ser permanente. — Gabino percorrerá muitos lugares antes de voltar a La Merced; é o seu negócio.

O bufarinheiro comercializava nas tabernas, nos engenhos, nos cafezais e nos espaços estabelecidos no vale e no sopé da serra à espera de que os quilombolas se aproximassem dele para comercializar: cera e mel silvestres, frutos e utensílios e produtos que roubavam das explorações próximas e que trocavam a preços muito baixos por sal, armas, panelas ou ferramentas. Os escravos fugidos para as montanhas só podiam vender os seus produtos a pessoas de confiança, que se aproveitavam das suas necessidades, e o bufarinheiro era um desses com quem trocavam o pouco que tinham por menos ainda, embora necessário para a vida no quilombo.

Assim que Gabino apareceu nos arredores, o pai de santo foi ter com ele e mandou um recado para La Merced. Revelou depois isso a uma Kaweka que ouviu, esperançada, as suas palavras; o que o pai de santo não lhe contou foi que a mensagem que mandou transmitir a Ambrosia em La Merced foi que, quando visse Modesto, lhe dissesse que

esquecesse Kaweka, que a rapariga encontrara uma liberdade que ele jamais lhe poderia proporcionar, que não estava à altura de competir com os deuses.

Kaweka era a eleita desses deuses e não havia homem que se devesse interpor no seu caminho nem na sua aprendizagem.

Gabino franziu o rosto ao ouvir a mensagem de Eluma.

— É a decisão dos deuses, Gabino — explicou o velho. — Não contraries a vontade deles porque se zangam contigo — ameaçou-o.

O bufarinheiro respeitava o pai de santo. Eluma era estimado por toda a comunidade. Gabino vira-o curar os doentes, falar com os deuses e erigir-se como um autêntico sacerdote, não como outros charlatões com quem se cruzara nos caminhos. Concordou, benzeu-se como se o simples facto de ter duvidado constituísse um insulto aos orixás e jurou cumprir e guardar segredo.

E desde então, lutando para afastar de si qualquer receio, Kaweka vivia entre a ilusão do reencontro com Modesto e uma maternidade incipiente que continuava a esconder enquanto fosse possível. Queria, desejava que o filho fosse de Modesto, mas não o podia garantir. O que sabia era que essa criança nasceria em liberdade, uma aventura que só se via ensombrada porque Ambrosia, sua mãe, a quem também tinha abandonado, não a chegaria a conhecer. Eluma tentava tranquilizá-la quando chorava devido àquele sentimento de culpa.

— Ambrosia estará contente com a tua decisão — argumentou o sacerdote. — Toda a vida lutou pela liberdade dos escravos. Tu ajudaste-a. Saber que tu, que ela acolheu e educou, continuarás com a memória dos nossos deuses e das nossas crenças em vez de te encurralares em Havana como mais uma liberta permitir-lhe-á apresentar-se diante dos orixás com uma oferenda que poucos negros são capazes de levar consigo. Isso garantir-lhe-á a benevolência e o renascer de uma nova vida repleta de bens e de felicidade.

Kaweka refletia acerca daquelas palavras dia após dia enquanto Eluma a instruía na religião dos iorubas. Poucos dias após chegar à serra, depois

dos rituais que cumpriram com os escassos recursos de que dispunham, os dezasseis negros que formavam o quilombo reuniram-se à volta de uma ceiba de grande altura e tronco imenso, onde o pai de santo admitiu oficialmente Kaweka na religião de Ocha.

Ergueram-se cânticos e soou o que aquela gente, na sua miséria, pretendia que substituísse os tambores sagrados: troncos ocos, paus... Foi suficiente, no entanto, para que Kaweka se balançasse numa dança desconhecida em que se entregou com paixão.

Os quilombolas gritaram e animaram-na. Alguns revezavam-se para a acompanharem numa dança frenética. Deixou todos para trás, até que Iemanjá, a deusa do mar, mãe de muitas divindades, representante da fecundidade e do amor maternal, encarnada na Virgem de Regla dos brancos, a possuiu, e a jovem entrou num transe profundo e prolongado, espetacular e misterioso.

Através de Kaweka, a deusa riu às gargalhadas, dançou simulando o movimento de umas ondas que se transformaram em tempestade, abanou-se e entrou em convulsões até que decidiu sair da jovem. Foi tal o êxtase, o feitiço, o encanto que envolveram a ceiba e os quilombolas, tantos os espíritos que se manifestaram no monte inteiro, que todos compreenderam a razão que tinha levado Eluma a acudir a La Merced à procura de uma mulher que, a partir de então, admiraram, respeitaram e, inclusivamente, temeram.

Desde a sua iniciação, o pai de santo revelou a Kaweka os segredos das ervas e das plantas do monte, um lugar sagrado que a ensinou a respeitar do mesmo modo que os cristãos respeitavam os seus templos.

— Esta é a nossa igreja — afirmou. — Aqui vivem deuses e espíritos, bons ou maus, benéficos ou perversos.

— Mas porque é que continuamos a adorar os deuses cristãos? — perguntou ela, aproveitando o momento para pedir esse esclarecimento.

— Se aqui residem os nossos, não seria melhor regressarmos às nossas raízes, longe da influência dos brancos?

— Porque os negros cubanos já assumiram essa mistura de religiões e

não entenderiam. E também não menosprezes o poder desses santos, porque o têm.

Kaweka aprendeu a entrar no monte depois de o saudar e de lhe proporcionar uma oferenda, nem que fosse um grão de milho, uma folha de tabaco ou o sangue de algum animal, à falta de dinheiro e de bens maiores.

Ali Eluma falou-lhe dos deuses: desde Olodumaré, o supremo, a origem de tudo, até ao último orixá do panteão ioruba. À noite, recolhidos no quilombo, Kaweka escutava os *patakis*, as suas histórias e episódios cómicos. O pai de santo mostrou-lhe as oferendas e os sacrifícios que os fiéis deviam realizar, mas acima de tudo acompanhou-a no caminho para se converter em curandeira.

— Tens mãos de curandeira — afirmou o ancião —, uma virtude que os deuses apenas concedem aos eleitos. Eu não te posso ensinar a usares o teu poder, a magia está em ti. É preciso conseguir que os orixás socorram os seus seguidores quando estes ficam doentes, quer seja por causa de algum malefício ou por castigo divino. A tua missão consiste em apaziguar e convencer os deuses. Algumas vezes conseguirás, outras...

Kaweka lembrou-se dos que a faziam parar e se agarravam a ela na enfermaria do engenho. Naquela altura, não fazia mais do que esperar passivamente a decisão divina; agora, depois de ouvir as palavras de Eluma, compreendia que a sua função era intervir, incitar a vontade dos deuses, conseguir, inclusivamente, que mudassem de ideia.

Naquela noite, Kaweka ajudava as outras duas mulheres que compunham o grupo de escravos fugitivos a preparar o jantar: *funche* à base de farinha de banana, açúcar e carne salgada de cutia. Tinham montado o quilombo muito perto do cume de um penhasco com bosque, na serra do Rosario, em redor de uma das muitas grutas que se abriam para uma clareira e onde à entrada ardia um fogo fraco para não chamar a atenção dos capitães do mato. O lugar era de difícil acesso. Não havia

nenhum caminho e os quilombolas evitavam abri-lo com os seus passos, embora, como medida de precaução, tivessem plantado nos arredores armadilhas que consistiam em estacas afiadas escondidas em valetas e buracos, dispostas para atravessarem os pés e as pernas de quem caísse nelas.

Os quilombolas acomodaram-se ao espaço, cultivando até pequenas parcelas de terra que lhes proporcionavam milho, mas, apesar das precauções, aqueles homens sabiam que mais cedo ou mais tarde teriam de escapar. Até Mauricio, um dos mais jovens, estivera já em dois quilombos. Quando os capitães do mato os descobriam, uns davam luta e distraíam-nos enquanto os outros fugiam. Depois reencontravam-se, ou não, localizavam outro grupo de fugitivos ou vagueavam solitários por montes e mato.

Jantavam sentados nas rochas, cadeiras e bancos desengonçados, ou no chão, perto do fogo.

— O teu homem não virá. — A notícia foi-lhe comunicada de forma intempestiva por Felipe, o negro que assumira a chefia do grupo, duro, desconfiado e parco em palavras. Acabara de regressar de uma incursão ao vale do Mariel, onde alguns engenhos se estendiam desde terras abruptas até ao mar.

Kaweka ergueu a cabeça. Eluma deixou de mastigar durante uns segundos, mas, ao contrário da sua pupila, concentrou-se no *funche* da sua tigela de louça; sabia o que diria Felipe ou qualquer outro dos quilombolas, ele próprio dera as instruções a Gabino quando este se queixara do assédio a que os quilombolas o submetiam acerca da chegada de Modesto. Todos queriam saber das intenções do emancipado depois de, supostamente, Ambrosia lhe ter dado o recado de que Kaweka o esperava no quilombo. A verdade é que a mensagem que a criouleira lhe transmitira na enfermaria do engenho fora muito diferente: «Kaweka foi chamada pelos deuses. Esquece-a. Jamais a encontrarás», acrescentara quando vira que o emancipado tinha a intenção de desatar a correr à sua procura, «e se o conseguisses, ela cairia em desgraça e os espíritos que

hoje a protegem magoá-la-iam sem compaixão. Desejas magoá-la? Queres que sofra? Essa menina, minha filha, pertence a todos os negros, não só a ti». Contudo, Modesto insistiu, por isso a criouleira avisou-o: «Pensas que foi fácil para ela? Desde que chegou a esta ilha, sendo ainda uma menina, não fez mais nada do que lutar pelos negros, e tu achas que tens algum direito sobre ela? Não sei o que farão os deuses, mas, se te passar pela cabeça incomodá-la, eu, Ambrosia, lançarei sobre ti todos os homens e mulheres que me devem a vida.»

Agora era Felipe quem lhe dizia que Modesto não viria à procura dela.

— Estás a mentir — acusou-o Kaweka.

Desconfiava de Felipe. O capitão dos quilombolas respeitava-a tanto como os outros, mas eram muitas as ocasiões em que Kaweka tinha de fixar o olhar no seu para apagar a lascívia que via nele. Os outros homens não se atreviam a pretendê-la como mulher, apesar de viverem imersos numa situação propensa a isso: uma comunidade composta por treze homens e três mulheres, cuja convivência fazia com que o desejo e os impulsos se tornassem incontrolláveis e que provocava todo o tipo de tensões. Alguns tinham acesso carnal às outras duas mulheres, o que originava constantes contendas. O resto procurava satisfação nas suas visitas a engenhos e tabacais, e uns poucos procuravam-na entre si.

— O Gabino trouxe-nos notícias da tua mãe, Ambrosia — afirmou Felipe. Kaweka resmungou antes de procurar a confirmação de Mauricio, que o tinha acompanhado na sua incursão. Os lábios franzidos do antigo escravo de La Merced e um leve assentimento de cabeça confirmaram as palavras do capitão. — A criouleira disse que o teu emancipado preferiu continuar na cidade, com o doutor, a servir os brancos — continuou, num tom perverso e lacerante. — É um cobarde.

— Talvez não tenha podido vir — retorquiu a jovem.

— Não, com certeza que não — afirmou categoricamente o capitão. — Parece que se importa muito pouco contigo. Queres que lhe mandemos outro recado a dizer-lhe que estás prenhe? — perguntou, tentando humilhá-la.

Kaweka não se surpreendeu. Há tempo que se notava a gravidez. Os homens não falavam disso, nem sequer Eluma, que evitava o assunto. Sim, tinha falado com as mulheres, embora não tenha revelado a identidade do pai, porque isso não era da conta de ninguém.

— Quem te disse que é o pai? — replicou Kaweka. — Eu vivia com outro homem no engenho.

Felipe encolheu os ombros antes de responder, e o pai de santo aproveitou esse momento de silêncio.

— Sentes prazer na dor dos outros? — recriminou-o.

No entanto, o outro não se calou. Agora falava da mulher, não da intermediária dos deuses. Referia-se à fêmea que o rejeitava com soberba e questionava a sua autoridade sobre os restantes. Desde o dia da sua chegada, Kaweka não ocultara o seu desejo pelo reencontro com Modesto. E se assim era, se ela desejava um homem, esse não podia ser outro senão ele, o capitão dos quilombolas.

— Dor? — perguntou-se ao mesmo tempo que fazia um gesto no ar como se enxotasse um inseto. — A Ambrosia afirma que o emancipado não quis escapar, que não se atreveu.

Kaweka interrogou Eluma com o olhar e este respondeu-lhe da mesma forma, encolhendo os ombros e estendendo os braços, como se não residissem neles o poder de fazer com que Modesto a seguisse.

Então Kaweka sentiu-se menosprezada, ali, à frente de Felipe, que se rejubilava com o seu desencanto.

— O teu homem não teve coragem suficiente para vir atrás de ti — prosseguiu, deleitando-se com a sua humilhação. — Adaptou-se à vida dos brancos e aí encontra-se confortável, reconhecido no seu trabalho, valorizado como pessoa e com a expectativa da liberdade, algo inalcançável para os outros. Para quê incomodar-se em vir para a serra para viver na porcaria e escondido, sempre atento aos capitães do mato? Cobarde!

Havana, Havana, Havana. Kaweka só conseguiu pensar nas mil vezes que aquela cidade enchera a boca de Modesto. Havana, o seu céu, a sua

terra prometida, onde viviam os ricos e onde eles os dois prosperariam e comprariam uma casa e educariam os filhos. *Ingénua!*, disse para consigo. O seu destino era lutar contra os brancos, o de Modesto era conquistar Havana. Como é que podia ter imaginado que renunciaria a isso por uma mulher que o abandonara sem explicação alguma?

O vínculo que a unia ao riso, ao prazer, à ilusão partiu-se como uma corda velha, seca e desgastada depois de um puxão forte e repentino. As lágrimas afloraram-lhe aos olhos, e não fez nada para impedir que lhe escorressem pelas faces. Olhou para o pai de santo: era um bom homem, mas o seu propósito consistia em preservar o desígnio divino, o que talvez o impossibilitasse de a entender como mulher ou como mãe. Kaweka deixou a sua malga, levantou-se e embrenhou-se na mata que rodeava o quilombo.

— Se te entregavas a tantos homens lá no engenho — ainda ouviu nas suas costas da boca de Felipe —, e todos escravos, merdosos, subjugados, a que propósito vem agora essa castidade connosco, com os teus, que desafiam os brancos? — Kaweka já estava fora do alcance da vista, mas parou entre as árvores, ouvindo as censuras do capitão. — Tu lutas pela liberdade! Tu trouxeste para aqui o Mauricio e encorajaste muitos outros a fugirem do engenho! — O cabecilha gritava, colérico, julgando que a jovem se afastara deles. — E agora trata-nos como pestilentos! O que te aconselham os deuses?!

Tinha razão, pensou Kaweka. A decepção que a invadia devido à decisão de Modesto sucumbiu perante a explosão de imagens que lhe invadiram a mente, lembranças de uma vida entregue ao objetivo que iluminara os seus dias desde que desembarcara naquela maldita ilha. Ajudara a que se cometessem suicídios, provocara abortos, colaborara em fugas e até desejara a morte dos doentes. A memória das costas a sangrarem dos dois negros a quem roubara as catanas fê-la desfalecer, e teve de se apoiar ao tronco de uma árvore. Pusera de lado todos aqueles esforços pelo sonho ingénuo e caprichoso de um futuro junto de um emancipado que não a amava o suficiente para deixar tudo e segui-la,

embora isso fosse algo pelo qual também não o podia censurar. Fora ela quem fugira para a serra, e agora encontrava-se mergulhada noutra realidade: a encarnada por uns homens que abandonavam o refúgio das montanhas para irem negociar a troca de cera por armas com que defendiam a sua liberdade, ou por alimentos para a subsistência da comunidade. Uma vida tão simples como perigosa.

Devia esquecer Modesto. Ela era Kaweka, a eleita dos deuses, a chamada para lutar pela liberdade dos escravos. Abandonou a proteção das árvores e foi até ao centro do quilombo. Muitos deixaram de comer e outros de falar, quase todos a olharam surpreendidos.

— Tens razão — reconheceu perante o capitão —, mas não serás tu que se vai aproveitar de mim. Aqui não tenho amo nem capataz que me imponham um homem.

— Quietos! — ordenou o pai de santo diante da réplica imediata de Felipe, que levou a mão à sua catana e fez um gesto para se levantar. Cabecilha e sacerdote desafiaram-se com o olhar. — Ela é livre, como todos os outros; por isso fugiram. Queres que os deuses prejudiquem este quilombo? — concluiu em jeito de ameaça.

O burburinho com que os quilombolas acolheram aquela advertência foi suficiente para que Felipe recuasse na sua atitude.

O pai de santo descobriu-a no monte a apanhar ervas para abortar.

— Iemanjá é a defensora da maternidade — disse o ancião depois de Kaweka mostrar a tristeza que sentia pela gravidez. — A deusa não veria com bons olhos que não parisses, ficaria zangada. Isto não é o engenho, aqui a criança não nascerá em cativeiro.

— Não a desejo — queixou-se ela.

Kaweka não queria a criança. Talvez fosse fruto de Santiago, um negro violento que se comportava como os outros a tratar as mulheres. Não era pior do que o resto, pensou Kaweka, e apercebeu-se de que não lhe guardava um rancor especial. Santiago era como uma lembrança ténue, tal como Faustino e o pai, Aparicio e o negro que esperava poder montá-

la, e tantos outros que faziam parte de uma vida que desejava esquecer e cuja presença tinha afastado para um canto onde não a pudesse magoar. Porém, de vez em quando apareciam, picavam-na como lhe poderia picar um inseto incômodo antes de se desvanecer no ar puro da serra, no correr da água e nos sons límpidos. Todos aqueles fantasmas necessitavam do estalar do chicote para reviverem no seu espírito.

Pelo contrário, a possibilidade de que Modesto a tivesse engravidado provocava-lhe outro tipo de sentimentos. Kaweka não o associava ao engenho, à dor, à humilhação e à desesperança. Modesto entrara na sua vida tornando bela a miséria, mas pensar nele agora mergulhava-a na deceção. Os escravos não se podiam permitir ter emoções, Kaweka sabia e cometera esse erro. Quantas vezes a avisara mamã Ambrosia? Inclusivamente no seu estado de servidão animal, a satisfação mais básica, como comer, quando se encontrava à mercê do capricho do amo ou da crueldade do maioral. Modesto oferecera-lhe um raio de esperança. Ouvira tambores ao ser possuída por ele, julgara amar e ser amada.

Eluma ameaçou abandoná-la se matasse a criança. Kaweka vacilou, e aqueles cumes cheios de bosques e repletos de vida, longe do estalar do chicote opressor, conduziram-na a um tremendo conflito. Em certas ocasiões, sentia prazer ao perceber como o feto se mexia no seu interior, uma sensação de plenitude invadia-a; noutras, assim que aquela nova vida lhe recordava o emancipado ou Santiago, odiava a carga que ambos representavam.

Mergulhada nessa contradição, chegou o momento do parto, em setembro, na manhã do terceiro dia consecutivo de umas chuvas torrenciais que pareciam querer despir os penhascos e arrastar as árvores mais robustas da montanha.

Kaweka não sabia se queria parir aquele filho.

Refugiou-se com as outras duas mulheres do quilombo no interior de uma das grutas, onde lhe tinham preparado uma cadeira velha despojada do seu assento, e, por baixo, uma vasilha grande forrada com uma manta onde seria deitado o bebé depois de ela dar à luz. Eluma enrolou-lhe no

ventre um tecido azul, uma das cores de Iemanjá, como uma faixa, e colocou ao lado da cadeira uma pagela de São Ramón Nonato que pedira emprestada às negras de um tabacal, junto da qual acenderam uma vela de oração. Também chamaram e invocaram a ajuda da deusa, e proporcionaram a Kaweka infusões de alcaçuz e um bônus extra recebido no Natal. Rezaram enquanto os trabalhos de parto se prolongavam, entre dores que pareciam arrasar a resistência de uma jovem que permanecia indiferente. De vez em quando, algum dos quilombolas aproximava-se para garantir que continuava sentada na cadeira, a suar profusamente num ambiente húmido, a expressão crispada e os maxilares tensos para suportar as intensas contrações. Olhavam para ela durante algum tempo, alguns perguntavam alguma coisa, outros ofereciam uma ajuda inútil, e outros negavam com a cabeça antes de regressarem a alguma das outras grutas.

Felipe não se interessou pelo estado de Kaweka, mas interveio, porque negou uma nova vela depois de horas a implorarem a ajuda do padroeiro cristão das parturientes.

— Não podemos ficar sem velas por causa de um parto que os deuses não favorecem — sentenciou.

O dia passou e Kaweka, tão esgotada como aterrorizada perante a chegada de uma nova contração, observou como o vigor das rezas à sua volta diminuía até se converter numa ladainha monótona e apagada. O interior da gruta encheu-se do fragor de um dilúvio que era cada vez mais forte, pressagiando desgraças. Eluma tentou animá-la com a chegada de um amanhecer que mal se adivinhava por entre as nuvens cinzentas e a cortina de água que impedia a entrada de luz. Kaweka, com a cabeça caída sobre o peito, não foi capaz de responder.

— Luta! — exigiu-lhe o pai de santo. — Morrerás e tornar-te-ás um espírito errante e desesperado. — Kaweka conseguiu erguer a cabeça e mostrou ao idoso os olhos vidrados. Ele agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a. — Responde! Chama a tua deusa! Diz-lhe que queres esta criança e ela ajudar-te-á!

Kaweka fez um gesto cansado com a mão e Eluma aproximou o ouvido dos seus lábios.

— Trar-me-á a desgraça — balbuciou.

— Deixa que os deuses decidam o destino da criança. Não discutas com eles. Invoca-a! Fá-lo por ti, por mim, por todos os escravos negros... Pela mamã Ambrosia! — Os olhos marejados da jovem pareceram ficar mais claros ao ouvir o nome da criouleira, da sua mãe. — Ela não to permitiria — acrescentou o pai de santo, aproveitando a reação da jovem.

A alusão a mamã Ambrosia trouxe-lhe à lembrança o criouleiro, a imagem das crianças a atirarem-se para cima dela. «Deixa que os deuses decidam o seu destino», insistira no dia em que se compadecera da alegria dela.

Kaweka suspirou.

— Iemanjá — pronunciou então entregando-se à deusa.

Era uma menina, chamaram-lhe Yesa, e, quando a pegou nos seus braços, Kaweka entrou na sua alma e não teve dúvida nenhuma de que era filha de Modesto, uma certeza que, no entanto, hesitara em atribuir a Iemanjá ou ao sentimento que explodira dentro de si: o de um universo novo, o de um vínculo infinito que a paralisou, que a levou a um choro catártico misturado com um riso libertador perante o simples toque da pequena, cuja testa ainda suja aproximou dos seus lábios para beijar.

Kaweka amamentava-a, e, quando deixava o quilombo para se enfiar no monte para aprender sobre ervas ou para acompanhar Eluma no tratamento de algum doente, o cuidado da sua filha recaía nas outras duas mulheres e até em algum quilombola que gostava do contacto com a menina. Os capitães do mato não os descobriram, e a jovem dedicou-se a aprender a regra de Ocha com o pai de santo, enquanto trabalhavam para curar os escravos dos engenhos, cafezais e pastos próximos. Enquanto isso, a pequena Yesa crescia, tornando-se o centro das atenções dos membros da comunidade; de tal maneira que a mãe, ávida por estar com a filha no seu regresso, em certas ocasiões tinha de permitir que fossem

outros a gozarem da sua presença e a cuidarem dela, até o quilombo se render à noite, momento em que a recuperava e a abraçava contra si no leito para partilhar a sua respiração e os seus sonhos. Só Felipe e os seus acérrimos seguidores olhavam para a menina com desprezo, queixando-se do barulho do seu choro e exigindo o seu silêncio e a sua reclusão numa gruta, ou atribuíam algum trabalho inadiável precisamente a quem estava a tomar conta dela na ausência da mãe.

A chegada de Yesa libertou Kaweka. A deusa, satisfeita, não só concordara com o seu nascimento, como também imprimira na jovem um espírito renovado. Modesto continuava na sua memória, embora a imagem do emancipado parecesse desvanecer-se, tal como sucedera com a da sua mãe ou com a de Daye, a irmã mais nova que foi entregue ao mar. Porém, de vez em quando, as vivências partilhadas com o emancipado renasciam como um fulgor, e ela contraía-se angustiada, dorida, procurando refúgio na filha ou nos deuses que a haviam escolhido.

Trouxeram um quilombola de outro quilombo da serra para que Eluma o tratasse. Tinha úlceras no peito e no braço direito. Há uns meses tinha caído, rebolando pela montanha abaixo, e as árvores e as rochas causaram-lhe arranhões e múltiplas feridas. Algumas sararam, mas outras infetaram, e agora, apesar dos cuidados, estavam abertas, avermelhadas e com pus. O pai de santo prescreveu-lhe um emplasto de hortelã macerada em rum que Kaweka aplicou nas chagas.

— Ajudem-me — pediu aos dois negros que acompanhavam o ferido. Estavam numa das grutas, o homem deitado sobre um leito de folhas secas. — Agarrem-no com força... Sim, assim — reforçou quando os outros lhe imobilizaram os pés e as mãos, como se o fossem açoitar.

O homem gritou e sacudiu-se com violência com as queimaduras do remédio. Kaweka continuou a untar as chagas. Repetiu o tratamento em quatro ocasiões ao longo de dois dias. Rezaram, imploraram aos santos e fizeram oferendas, mas as chagas pioraram. Eluma alterou o tratamento e tentou com um pó elaborado de cascas e folhas esmagadas de *guaguasí*.

Também não funcionou: a infecção avançou, a febre subiu e os lamentos e as convulsões do doente fizeram reunir os quilombolas, que, angustiados, se plantaram na entrada da gruta. Yesa estava nos braços de uma das mulheres e Felipe cruzava um ou outro olhar com os seus; era-lhe difícil esconder a sua satisfação perante o fracasso de Kaweka.

As lamúrias do doente, os cânticos apagados de alguns dos negros e as preces de Eluma invadiam a gruta, misturando-se e ecoando nas paredes. Kaweka, sentada no chão, com os olhos fechados a invocar a deusa, sentiu-se tocada pelos sons. De repente cantou e, sem se levantar, estendeu os braços e agitou os ombros e o peito numa dança infernal. Mudou de voz: a deusa falava por ela... Tinha-lhe baixado o santo. Continuou a cantar e a dançar com os braços por cima do doente enquanto os outros se aproximavam e rodopiavam à sua volta.

A dança alongou-se uns minutos durante os quais Kaweka pareceu esvaziar-se; o seu estado, transpirado, exausto, contrastava com a violência dos movimentos que cessaram repentinamente. O silêncio e a expectativa assolaram o lugar, até que o doente se calou. Decorreram uns instantes em que ninguém se mexeu, até que ela se pôs de gatas e, como se fosse um cão, começou a lamber as chagas purulentas do homem.

Muitos dos quilombolas deram um passo atrás, outros desviaram o olhar e houve quem tivesse de reprimir os vômitos.

Kaweka continuou com o seu ritual até ter lambido todas as úlceras, momento em que se sentou de novo. A deusa saiu do seu corpo e, recuperada a consciência, a jovem passou o olhar pelos presentes até o deter um instante em Felipe, fitando-o com fúria antes de cair desamparada no chão.

O quilombola curou-se. Kaweka consolidou a sua posição de curandeira e, depois da aprendizagem com Eluma, tornou-se *iyalocha*, sacerdotisa da regra de Ocha, a religião dos lucumís ou iorubas que se enraizara na cristã. Assim começaram a dirigir-se a ela no quilombo, e assim a conheciam também nos outros refúgios de negros fugidos que se escondiam ao longo da serra de Guaniguanico. Curou mais alguns

quilombolas. Nem sempre o conseguia, mas o que corria de boca em boca eram os seus êxitos e o contacto mágico e profundo que mantinha com os orixás.

A necessidade de acreditar no divino, na ajuda que os deuses que não pertenciam aos brancos podiam prestar à comunidade escrava, engrandeceu os poderes de Kaweka na mente de homens e mulheres simples e incultos. A própria religião, a africana, a dos negros, constituía um dos poucos mecanismos de afirmação individual, de resistência perante uma vida que perdia sentido sob o poder ilimitado de amos egoístas que só viam nos escravos um investimento igual ao feito num cavalo ou numa máquina. Kaweka representava esse espírito, encarnava essa luta, mantinha viva a ligação que unia os negros às suas raízes e às suas crenças. O respeito de que beneficiara até então converteu-se em devoção.

A ela recorriam os negros livres que viviam nos caminhos, a trabalhar como assalariados, e também o fizeram os dos pequenos engenhos, dos tabacais e de algum ou outro cafezal que ainda se mantinha na zona. Eram explorações agrícolas modestas que pouco tinham que ver com plantações como La Merced ou outras similares. Havia algumas que chegavam a estabelecer pactos de não agressão entre os donos e os quilombolas. Os brancos consentiam a sua presença e até lhes entregavam mercadorias, como se de um tributo se tratasse, se os outros não os roubassem. Ali não havia muitos médicos, nem sequer cirurgiões romancistas como Cirilo, e os enfermeiros que atendiam os negros, escravos ou livres, careciam de preparação e conhecimentos.

— Foge para as serras — incentivou Kaweka um jovem que a observava, alheado, depois do seu transe com uma doente.

Tinham-nos chamado de um cafezal quase artesanal, escondido no mais abrupto das montanhas, nas encostas do vale que se erguia por cima de uma corrente de água, e que dispunha de cerca de uma dúzia de escravos negros, uma das quais sofria de excesso de bÍlis: o branco dos seus olhos transformara-se num amarelo que não pressagiava nada de

bom.

— É velha. — O pai de santo tranquilizou Kaweka perante os esforços que se revelaram inúteis.

«Escapa.» «Necessitamos de mulheres.» «Revolta-te!» Kaweka não se conformava com a sua função de *iyalocha* e curandeira. «De que lhes servem os deuses ou que os livremos da doença se continuarem acorrentados?», argumentara um dia diante de Eluma. «Para trabalharem mais e melhor para os seus amos? Não serei eu que o vou permitir.»

Retomou a luta pela liberdade dos negros, e incitava os outros a obtê-la onde quer que fosse. «É a vontade dos deuses», dizia aos escravos.

Em certas ocasiões conseguiu; no entanto, foram vários os que mostraram as suas reservas, além de incerteza e de medo. O tratamento direto tinha proporcionado a Kaweka a oportunidade de confraternizar com os negros. Eram reticentes em relação a escaparem para um quilombo dominado por Felipe e pelos seus. Bebiam, tratavam com desprezo as mulheres e mostravam-se soberbos, como se fossem superiores por terem fugido; além disso, em bastantes ocasiões jogavam e apostavam e perdiam nas mesas das tabernas parte do pouco dinheiro que obtinham dos seus tributos e trocas.

— Aproveitando o trabalho e o esforço dos outros quilombolas — acrescentou Kaweka ao denunciá-los a Eluma.

O velho suspirou.

— Também não o podemos garantir — objetou.

— Eu posso fazê-lo — afirmou ela.

— Não arranjes mais problemas com o Felipe — aconselhou-a Eluma.

— Esquece esses assuntos. Só irão prejudicar a convivência e a segurança do quilombo, que depende da nossa união.

— Nós entregamos ao quilombo tudo o que os doentes nos oferecem — queixou-se ela.

Contudo, Kaweka pareceu fazer caso do que o velho lhe dizia, embora não conseguisse impedir que a sua tensão com o cabecilha fosse aumentando.

— Não tragas mais! — recriminou-a Felipe, inclinando-se sobre ela no dia em que apareceu acompanhada por um menino mulato. — Aqui não cabe mais gente! Não temos comida... e vamos atrair os capitães do mato.

— A montanha não é tua — respondeu Kaweka, que aguentou firme, sem retroceder um passo. — Se tens medo, podes fugir para outro lugar. Haverá quem te siga — acrescentou olhando com raiva para os esbirros que o escoltavam.

— Estás a quebrar os acordos que temos com os cultivadores. Este menino — gritou Felipe, apontando para o mulato — pertence a Jaime Ruiz...

Um e outro foram-se interrompendo na presença dos outros quilombolas, expectantes diante de um conflito que todos previam há bastante tempo.

— Nenhum negro pertence a um branco! Os deuses fizeram-nos...

— O Jaime entrega-nos açúcar e bananas para não o incomodarmos. Com isso comemos...

— Com isso apostas! Com isso compras as mulheres! Com isso...!

Felipe não lhe permitiu terminar porque lhe deu um empurrão no peito com as duas mãos. Kaweka caiu ao chão.

— Estás a mentir! — defendeu-se o cabecilha, erguendo-se ameaçador sobre a jovem.

Eluma acudiu em seu auxílio.

— Não lutem!

Outros quilombolas também quiseram intervir.

— Ladrão! — acusava-o Kaweka do chão.

Os esbirros de Felipe interpueram-se no caminho dos outros. Um deles puxou da catana, e muitos recuaram.

Eluma agarrou o braço do que empunhava a arma.

— São teus irmãos! — recriminou-o.

Kaweka tentou levantar-se. O capitão quis derrubá-la de novo empurrando-a com o pé. Ela virou-se, agarrou-lhe a perna e mordeu-lhe

com força o gémeo. O outro bateu-lhe repetidamente na cabeça. Mauricio saltou sobre os dois. Vários quilombolas imitaram-no, enfrentando os aliados de Felipe. Eluma ainda imobilizou o da catana, outros fizeram o mesmo com o cabecilha, e o resto conseguiu que Kaweka soltasse a perna da presa, arrastando-a a espernear e a insultar o chefe do grupo.

No fim ficaram dois grupos separados por meros passos. A maioria dos quilombolas tentava impor a paz. Antes de se aclamarem os ânimos e ainda agarrado pelos seus apoiantes, que o impediam de se aproximar de Kaweka, Felipe dirigiu-se à curandeira:

— Queres ser tu a chefe do quilombo? — desafiou-a. Ela, já em pé, ao lado de Mauricio e de outro homem, ofegava. — Os deuses escolheram-te para curar, sim, e para falares com eles, também, mas fazem-no para que dirijas os teus quando nem sequer tens tempo para cuidar da tua filha? — Felipe indicou com o queixo a pequena Yesa, que gatinhava nua entre os pés dos quilombolas. — Porque irias tratar dos outros se não cuidas dos teus?

— Não metas a menina nisto — recriminou-o Kaweka, apesar de se aperceber de alguns acenos de cabeça perante os argumentos do cabecilha. — Também não tem nada que ver com os deuses — disse por entre dentes como resposta à sua acusação. — Os deuses não se preocupam com quem tem de dirigir este quilombo, e eu não desejo substituir-te, mas o nosso chefe tem de ser honrado. Não pode roubar o dinheiro para apostas!

— Roubar?! — interrompeu-a Felipe, esforçando-se para se soltar dos seus para se atirar sobre ela de novo. Ao ver-se impedido, acalmou-se, libertando-se dos braços dos que o detinham e dirigiu-se aos outros: — Quem aqui nunca desviou umas moedas das que obtém nos engenhos para jogar ou tomar uma aguardente ou um rum nas tabernas? — O capitão passou o olhar pelos quilombolas, incentivando-os com as mãos a que respondessem, mas, para pasmo de Kaweka, o grupo manteve-se em silêncio. — Quem nunca ofereceu algum milho, ou mel ou algumas bananas a uma mulher para que se deixasse montar?

O silêncio voltou a reinar, apesar de Felipe continuar a incitá-los a responder, cada vez com maior exaltação. Quando desciam aos vales ou às planícies, os homens tinham por costume distrair-se nas tabernas, ou procurarem o prazer com as mulheres dos pastos e das plantações, que esperavam sempre algum presente, e o quilombola que não o tinha feito tentava-o; e, se não o fizesse, desejava-o; e, se não desejasse, consentia aos outros.

Kaweka interrogou Mauricio com o olhar e este cerrou os lábios, arqueou as sobrancelhas e encolheu os ombros em jeito de resposta. Ela abanou a cabeça e procurou Eluma, perguntando-se se o velho sabia. Ele aconselhara-a a não se meter naquilo. A uns passos de distância, o pai de santo respondeu-lhe de forma idêntica ao que respondera Mauricio. Felipe viu e esboçou um sorriso cínico. Os outros começaram a retirar-se, alguns cabisbaixos, como se lamentassem ter dececionado Kaweka. Uma das mulheres baixou-se, levantou Yesa e entregou-a à mãe, que a apertou com força contra o peito. Parte do que Felipe tinha dito estava certo: atender os doentes e os deuses obrigava-a a estar fora dias inteiros. Kaweka beijou a filha na testa e reclinou-se por estar a renunciar a vê-la crescer, livre. Perdera a oportunidade de ver os seus primeiros passos, e um dia, no seu regresso ao quilombo, encontrara a menina já a correr nua pelas montanhas. Kaweka dedicava-se a curar os negros e a convencê-los a escaparem, mas, quanto mais se envolvia nisso, mais perdia o contacto com a realidade dessa gente por quem tanto pensava lutar, porque assim que alcançavam a tão desejada liberdade comportavam-se da mesma forma que os outros, entregando-se ao jogo, ao álcool e ao sexo.

Estalou a língua.

— Ganhaste — reconheceu, dirigindo-se ao capitão. — Continua a cuidar deste quilombo.

— Só o poderei fazer se deixares de encorajar a fuga dos negros propriedade daqueles que nos ajudam — replicou Felipe. — Os escravos são escassos e muito caros; se os cultivadores perderem mais algum,

virão à nossa procura.

— Está preparado, então. Devo continuar...

— Não — interrompeu-a. — Escuta bem, Kaweka: ando há vários anos a enganar os capitães do mato. Conheço-os. São homens cruéis. Antes de um quilombola se lhes escapar, matam-no sem a menor compaixão. Eu vou voltar a trocar-lhes as voltas, com certeza, mas, se continuas assim, um dia voltarás para o quilombo e encontrarás cativos ou mortos muitos dos que trouxeste, e a tua filha entre eles. Ninguém foge pelas montanhas com mastins enfurecidos a correr atrás com uma menina às costas — ameaçou-a, apontando para a pequena. — Todos aqueles que tanto gostam dela agora abandoná-la-ão sem hesitar. Pensa nisso.

Kaweka refletiu acerca das advertências de Felipe e, apesar da aversão que sentia por ele, concluiu que tinha razão. Havia mais dez fugitivos no quilombo desde que ela começara a falar de liberdade entre os negros que ajudava como curandeira. A comida escasseava. Os novos membros não sabiam caçar nem pescar. Por outro lado, agora também se devia preocupar com a sua segurança e com a de Yesa. Geralmente apresentava-se nos engenhos acompanhada de Eluma e de um ou mais quilombolas prontos para trocarem alguma mercadoria ou, simplesmente, para a roubarem. As viagens eram longas, incómodas e, sobretudo, perigosas para serem enfrentadas com uma menina pequena, pelo que Kaweka via-se obrigada a deixá-la no quilombo.

Nesta ocasião, regressavam de um modesto engenho açucareiro perto do rio San Claudio, a pouco menos de dois dias de distância. A exploração não atingia os vinte escravos, que eram complementados com alguns negros livres contratados. Não havia chineses nem trabalhadores brancos, e tanto a maquinaria como as instalações tinham ficado obsoletas. Andavam em silêncio por entre a floresta densa, adaptando-se ao passo lento do pai de santo. «Não me posso aproveitar das mulheres

por ser sacerdote», tentara desculpar-se Eluma no dia em que se atreveram a abordar aquele assunto pendente, «por isso algum presente... é sempre bem recebido». Kaweka não chegara a responder. «Sou um homem», insistira ele.

As relações tinham-se deteriorado. Kaweka continuava a ter-lhe o respeito que merecia como seu superior — as mulheres não passavam de *iyalochas*, um grau abaixo do de Eluma na hierarquia da regra de Ocha —, mas já não existia entre os dois a harmonia que os caracterizara até então.

— Não me julgues — pedira-lhe ele uma vez mais quando se aproximavam do quilombo.

— Não o faço — respondera Kaweka, depois de prestar atenção aos sons rotineiros dos quilombolas e de se tranquilizar.

Durante vários meses Kaweka não voltou a incitar nenhum escravo a escapar. «É uma boa decisão», felicitara-a o pai de santo, mas ela não sentia isso. Exasperava-a aceitar a escravatura, permanecer passiva diante de tamanha injustiça. Porém, de cada vez que se separava da sua menina, sofria ao pensar se a encontraria quando voltasse, e o medo de os capitães do mato arrasarem o lugar na sua ausência angustiava-a dia e noite.

Kaweka acedeu sorridente à clareira que se abria diante das grutas; os fugitivos descansavam, ou atarefavam-se de um lado para o outro, mas nesse instante percebeu que alguma coisa não estava bem. Não a olhavam diretamente nos olhos, e aqueles que o faziam desviavam rapidamente o olhar. A manhã chegava ao fim, estava um dia soalheiro, plácido. Procurou a sua menina. Devia estar a brincar por ali... mas não a encontrou. Disse para consigo que talvez tivesse ido ao bosque. Uma das mulheres do quilombo apareceu na entrada de uma gruta; esta sim fixou os olhos nela. O estômago contraiu-se-lhe repentinamente e ela apressou o passo.

— O que se passa? — inquiriu.

— A Yesa... — começou a outra, indicando com uma das mãos o interior da gruta.

A menina tinha febre. Perante a respiração entrecortada e as mãos trémulas de Kaweka ao examiná-la, Eluma tomou a iniciativa.

— Reza — suplicou-lhe o pai de santo.

Não sabiam se se tratava de problemas de dentição ou lombrigas; talvez fossem ambos ao mesmo tempo. Kaweka soluçou, pois sabia que aquelas eram duas das principais causas de morte dos crioulos. Yesa já tinha dois anos e há meses que não mamava. Tinha diarreia e o ventre começava a inchar. Não se separaram da criança e revezaram-se para prepararem os seus remédios. Fizeram todo o tipo de oferendas, desde fruta até uma galinha, utilizaram cocos para afastarem a doença, mas a pequena não melhorava por mais que a deusa possuísse Kaweka com regularidade.

— Mas não se dirige à menina — dizia-lhe Eluma depois de a deusa abandonar o corpo e a mente da mãe e esta recuperar a consciência.

— Não sinto nada, não me diz nada — lamentava-se Kaweka. — Não me responde!

Yesa piorou. O inchaço do ventre aumentou e endureceu como uma pedra, as diarreias começaram a ser sanguinolentas. A criança passava a maior parte do dia inconsciente, com terríveis episódios de delírio que, na boca de uma menina, faziam tremer as paredes da gruta. Os quilombolas entravam, choravam, rezavam perante um altar improvisado no interior e benziavam-se enquanto Eluma e Kaweka se moviam com lentidão ou simplesmente permaneciam quietos, cabisbaixos.

— Está a morrer — anunciou o sacerdote numa madrugada.

— Eu sei porque é que os deuses estão zangados — retorquiu ela. O pai de santo sabia quais seriam as suas palavras porque ele próprio aventara aquela possibilidade, mas descartara-a por medo, por egoísmo, talvez porque soubesse que era a certa. — Abandonei o meu caminho — disse Kaweka, confirmando as suas suspeitas.

— Não — rebateu o sacerdote. — Cumpres com os quilombolas e com os negros das...

— Os deuses não me escolheram para permanecer escondida nas

serras e curar quatro escravos a fim de continuarem a trabalhar para enriquecerem uns brancos apenas porque estes nos oferecem quatro bananas... nem para curar esses mesmos amos ou os seus familiares. Iemanjá está zangada, e também os outros orixás. Eu sei, e têm razão. Esta é a sua resposta — acrescentou apontando para Yesa.

Eluma olhou para a criança; um fio de vida que se manifestava num sussurro de agonia, fraco e entrecortado, que parava esporadicamente para desespero da mãe, que enlouquecia até a menina voltar a inalar um sopro de ar, que era o que a mantinha ligada ao mundo.

Yesa ia morrer. Eluma sabia, por isso calou-se quando Kaweka se agachou e beijou a menina na testa.

— Cuida dela — rogou depois ao ancião.

Eluma tirou o colar de contas brancas e azuis, o mesmo que tinha enfeitado Kaweka nos arredores do engenho La Merced, e pendurou-lho no pescoço. A jovem sentiu que aquelas diminutas peças de madeira pintada lhe ardiam sobre o peito, como se se quisessem fundir com a sua carne. Respirou fundo, e a queimadura aumentou de forma insuportável. Olhou para a filha de novo, desta vez com um vislumbre de esperança nos olhos. Voltou a inspirar com força, tentando roubar a dor da sua menina. Iemanjá satisfez a sua vontade e transferiu-lhe para o corpo o tormento de que a pequena sofrera nos últimos dias. Kaweka sorriu à medida que os seus músculos, os seus órgãos e as suas vísceras a torturavam como se quisessem explodir-lhe no interior. Yesa mexeu-se e a mãe percebeu que o fazia com um vislumbre de agilidade quase impercetível que não mostrava há dias. Então, soube que tinha acertado na sua decisão.

— Viverá — anunciou a Eluma.

Agora eram ela e Iemanjá. Yesa ficava de fora, inocente, livre da vingança dos deuses. Kaweka quis continuar a falar, mas a voz quebrou-se-lhe. Voltou-se para a saída da gruta, onde os quilombolas permaneciam amontoados, circunspectos, conscientes do final de uma etapa, e passou por entre eles, de lábios comprimidos, antes de seguir

pela montanha abaixo com as mãos vazias. Há anos que a capturaram e a privaram da sua terra e da sua família. Pelo caminho ficou a irmã mais nova; depois ela própria abandonou mamã Ambrosia e Modesto, um homem que a fez sonhar com a felicidade, e agora deixava para trás a filha. Parou ao compreender a transcendência do que estava a fazer, mas nem sequer voltou o rosto para o quilombo. A dor que roubara a Yesa, a que lhe tinha tirado, ainda atormentava o seu corpo e os seus próprios movimentos, lembrando-lhe que a qualquer momento podia voltar a saltar para a sua filha. Olhou para as árvores, onde os deuses descansavam, insultou-os e chorou. E continuou a fazê-lo enquanto descia a montanha, chamando pela filha, perguntando-se se a voltaria a ver, pedindo-lhe perdão, esperando que ela a compreendesse e que, se um dia se chegassem a reencontrar, não a odiasse.

Chegou ao pé da serra e hesitou, não sabendo para onde se dirigir. Então, lembrou-se das palavras de mamã Ambrosia: «E por acaso não podes continuar a lutar pelos escravos sendo livre e vivendo na cidade, onde estão os que mandam? Mais do que aqui, filha; lá há muitos que o fazem, muitos mais do que aqui, e melhor do que neste engenho perdido nos campos onde só podemos contribuir com uns míseros sacos de arroz e roubar umas catanas que os nossos têm de pagar com tantas chicotadas.»

Não o faria como liberta, mas como foragida, mas quando tomou a decisão soube que Havana a esperava.

Havana, Cuba
Fevereiro de 2018

«Vivo com duas amigas.»

Lita contemplou o aeroporto José Martí de Havana enquanto o avião efetuava as manobras de aproximação para aterrar. Elena, no assento ao lado, o que dava para o corredor, espreitava por cima dela para ver pela janela numa posição forçada, meio corpo fora do cómodo cadeirão de primeira em que haviam viajado. Sara permanecia sentada num dos lugares do centro, cantarolando com os auscultadores nas orelhas, alheia a tudo.

Nenhuma delas tinha voado antes em primeira classe. As suas viagens, escassas, contadas, eram feitas em companhias aéreas *low-cost* onde se discutia por espaço para a bagagem e para os joelhos. Neste beberam muito, comeram, reclinaram os assentos até os transformarem em camas, conversaram, riram, coscuvilharam sobre o resto dos passageiros que desfrutavam daqueles privilégios, invejando a sua riqueza ou a posição social que lhes permitia tais despesas e, por umas horas, sonharam ser como eles e fingiram pertencer a esse mundo.

— Foi muito rápido — brincou Sara ao abandonar o avião.

No aeroporto esperava-as um motorista discreto que as levou em silêncio até à capital da ilha, numa carrinha com assentos de pele preta, vidros fumados e ar condicionado. O hotel: cinco estrelas, de luxo. Três

junior suites. Só havia sorrisos, cortesia e atenções.

— Bolas! — exclamou Elena depois de abrir a porta do seu quarto e de cumprimentar Sara com dois dedos a formarem um «V», que andava sempre a gravar tudo com o telemóvel.

Lita pensou o mesmo quando se instalou no seu. Duas divisões, quarto e sala, situadas num andar alto com uma vista maravilhosa para a cidade. Abriu o minibar e tirou uma cerveja e uma embalagem de frutos secos. «*Full credit*», tinha-lhe recordado o rececionista. «Têm tudo pago, meninas», explicou diante da expressão de dúvida de Elena.

Lita sentou-se na varanda da *suite* e pareceu-lhe identificar o cheiro do mar, que se estendia brilhante para além da cidade. Era estranho estar ali com Sara e Elena em vez de com a mãe ou com Pablo. A imagem dele delineou-se contra o mar. Telefonara-lhe depois da desastrosa reunião no banco com dona Claudia, o marquês e os outros, mas ela só lhe atendeu o telefone à terceira, à quarta, talvez à sétima chamada, depois de um bom momento de choro em que tentou afastar um ou outro olhar que a tinham seguido até à porta da sala de reuniões e que se mantinham colados às suas costas: olhos pertinazes, ofensivos, que se riam dela. Depois de voltar a chorar, convenceu-se de que ele não tinha culpa nenhuma e atendeu-lhe o telefone. Pablo tentou confortá-la, mas não conseguiu.

— Como queres que me esqueça de uma humilhação destas? — queixou-se Lita.

Mantiveram-se em silêncio uns instantes. «Amo-te», desejou Lita que ele lhe dissesse. Tinham sido umas noites maravilhosas, deliciosas... Algumas inclusivamente selvagens, ao ritmo de instrumentos que nem sequer sabia que existiam! Talvez não fosse suficiente; não, não era, provavelmente, mas teria gostado que ele lho confessasse, porque assim teria dado azo a que ela também lhe dissesse que julgava que ele, Pablo, era a pessoa com quem estava disposta a errar; pelos outros homens que se tinham aproximado dos seus sentimentos nunca valera a pena correr esse risco. Ele acabou por convencê-la a encontrarem-se. Almoçaram num restaurante da moda, daqueles que servem pouco mas o suficiente,

que são caríssimos mas cujo preço compensa pagar ainda que seja por pratos cujo nome jamais seja possível repetir, e onde todos os comensais se olham e se observam. Isso era o que Lita pretendia: sentir-se vigiada para evitar o pranto. E o certo é que o conseguiu. Pablo esforçou-se por confortá-la. Desejou-a, embora não o chegasse a dizer. Ela recriminou-se depois por não ter conseguido confessá-lo também, mas ele demonstrou-o com as suas palavras, com a sua atitude, e com um halo que os envolveu numa bolha, isolando-os assim da frivolidade do lugar. Lita acabou por sorrir, deram as mãos por cima da mesa e deixaram-se levar pela leveza antes de o telemóvel tocar, uma mensagem de WhatsApp: Stewart propunha que se vissem nessa tarde.

— Estava bastante afetado com o que aconteceu — confessou-lhe Pablo, ajudando-a a aceitar.

Lita e o americano reuniram-se depois do almoço no bar do hotel onde este estava alojado em Madrid. Sentaram-se sozinhos à volta de uma mesa baixa, pequena, redonda. Stewart desculpou-se e mostrou-lhe a sua solidariedade: o que acontecera na reunião tinha sido inaceitável. Sim, claro que os podia denunciar, recorrer aos tribunais, e, com certeza, ganharia. Discriminação. Racismo. Era evidente. O que se dissera naquela reunião ultrapassava qualquer limite, e ele seria o primeiro a apoiá-la se decidisse ir por esse caminho, mas pediu-lhe que considerasse; contavam com os seus serviços quando a operação com o Banco Santadoma ficasse concluída.

— Um cargo executivo, no conselho — ofereceu-lhe então o americano.

— A quota por ser moreninha? — escapou-lhe.

Arrependeu-se imediatamente da sua impertinência, ainda que Stewart não parecesse sentir-se incomodado.

— Mulata, merda! — exclamou, surpreendendo-a.

Riram-se os dois.

— Desculpa — justificou-se ela —, estou bastante tensa.

— Eu entendo. Lamento muito tudo o que se disse da tua mãe e de...

— Bah! — interrompeu-o Lita com um gesto no ar. — Essa velha coruja não tem categoria humana suficiente para falar dela. A minha mãe é maravilhosa!

— Enquanto a do marquês é um arquétipo de mulher que ficou relegado para outros tempos e lugares — argumentou ele, parecendo pensar em alguns outros casos. — Bom! — regressou à realidade —, terias interesse em continuar connosco, com o banco americano?

— Ainda que deixemos de lado a questão da quota, a pergunta mantém-se: porquê eu?

— Os nossos consultores da Speth & Markus efetuaram uma avaliação do pessoal do Banco Santadoma — explicou serenamente o executivo. — Saber quem tem capacidade e em quem podemos confiar interessa-nos tanto como a solvência dos créditos. Tu tens uma das avaliações mais altas.

Pablo, pensou Lita. Talvez ele não lho confessasse, mas ela acabara de se certificar do seu amor.

— Por outro lado, o teu discurso impressionou-nos... a mim e a Meyerfeld, claro — prosseguiu Stewart. — Não queremos conjecturar se aquilo que se vendia naquela mesa era o produto do sangue de escravos. Pensa que não há muitos anos viemos ajudar o Banco Santadoma e comprámos um bom pacote de ações. Eu participei naquela operação e nenhum dos nossos assessores nos advertiu da possibilidade de esta estrutura poder ter nascido da escravatura. Não teríamos adquirido o banco, por melhores relações que pudessem existir entre os nossos acionistas e os Santadoma; hoje em dia, tudo isto, o racismo, a escravatura, o colonialismo, são temas tremendamente polémicos no nosso país, por isso ficámos surpreendidos com o teu discurso e, por pouco que se possa aproximar desse cenário que mencionaste, entendemos que tu devias ter a porta aberta, por ti, pela tua mãe, pela tua avó, por toda essa gente que foi tão injustamente desprezada na reunião. Gosto das pessoas capazes de defenderem os seus princípios onde quer que seja e à custa do que for, e tu arriscaste o teu trabalho para defender a

tua mãe.

Lita sentiu uma pontada de orgulho depois das palavras do americano e considerou a sua proposta; evitou dizer-lhe que também não tinha muitas opções, e que não desejava voltar para a rua e para as *pizzas*, embora, talvez agora, depois de mais de dois anos de experiência laboral, as coisas pudessem ser diferentes. Ainda assim, atraía-a a aposta que aquele homem lhe oferecia, pelo que levantou a questão dos Santadoma e mostrou a sua desconfiança. «Já não serão os donos do banco», tranquilizou-a Stewart. Conversaram de tudo um pouco, também de Concepción. Lita hesitou, mas acabou por lhe contar os problemas com a reforma e, portanto, com a família do marquês. Falaram da sua vida; o americano escutou-a com paciência e interesse. Dom Enrique devia resolver isso, claro. Lita sentiu-se apoiada e respirou fundo ao mesmo tempo que tomava uma decisão. Claro que sim! Voltaria ao banco, agora mesmo, o que restava da tarde se fosse necessário. Ali sentada, com uma ridícula chávena de café com leite na mão quando devia estar a brindar com uma garrafa de cerveja ou um copo de *cava*, compreendeu que aquela reunião significara um impulso na sua carreira: tinha reivindicado a sua raça. «Mulata, merda!», sorriu ao recordar a imitação do americano. Lita, como tantos outros, era alvo de racismo, o visível e o encoberto, o escandaloso e o insignificante, o microrracismo, como lhe chamavam agora, mas já há muito que se sentia orgulhosa da sua cor de pele, dessa origem que em certas ocasiões a levava a pensar naqueles escravos com quem, sem dúvida, se encontraria se ascendesse na sua árvore genealógica.

Em qualquer caso, depois do discurso de Stewart, ela compreendeu que relativamente à sua mãe se tinha dado um ponto de viragem na sua vida. Até então tinha vivido a sua origem familiar, independentemente da cor, com complexos: sofreu com a crueldade no colégio, e evitou e silenciou qualquer referência no banco. «A recomendada por ser a filha da criada», cochichavam, como se isso fosse uma sentença para toda a vida. Agora tinha-se revelado, e não numa reunião no escritório a tomar

café com algum colega, mas sim no santuário do banco e em frente do marquês, da dona Claudia e de todos os seus. Ali, ao invés de se esquivar ao tema, levantara-se e defendera publicamente a sua mãe. Depois chorou; foi uma catarse necessária, imprescindível para limpar quaisquer complexos e maneirismos que ainda se pudessem aninhar no seu interior, o passo prévio a este renascimento.

— Amanhã regressarei ao banco — garantiu a Stewart.

— Não — retorquiu este, surpreendendo-a. — O Santadoma não tem outro remédio senão admitir o erro da mãe, mas tu conhece-lo melhor do que eu e sabes como esse homem é arrogante. Não. Não quero que te encontres com ele neste momento e muito menos com a mãe; a senhora não faz mais nada senão incomodar. Considera-se imprescindível e não tem nada melhor para fazer. Vamos demorar uma ou duas semanas a fecharmos as negociações. A partir daí, quando tiverem assinado, é-me indiferente que discutas com o marquês, com a mãe dele ou com toda a família, mas seria uma imprudência permitir que agora voltasses a cruzar-te com eles.

— E então o que faço? Fico em casa? — inquiriu ela.

— O que achas de umas férias? — propôs-lhe o americano. — Pagas, obviamente.

— Poderia ser entendido como uma renúncia, como a aceitação de uma indemnização — opôs-se Lita, depois de ponderar uns instantes e pensar pela primeira vez na possibilidade de que tudo aquilo fosse uma armadilha para que não impedisse a compra do Banco Santadoma.

Stewart também refletiu e assentiu.

— Tens razão. Assinaremos o que te parecer oportuno.

— O marquês teria de me conceder esse período de férias.

— Concedê-las... e pagá-las, Regla. Não sei se arrependido, até duvidaria, mas o Santadoma está preocupado com o erro da mãe e o seu próprio ao permitir-lhe isso. Os tempos não estão para argumentos racistas, e muito menos se aqueles a quem pretendes vender o teu banco são americanos. — Apontou para si como exemplo. — Irá fazê-lo. E

garanto-te que também pagará; tenho carta branca em tudo isto. Ele próprio me pediu. É demasiado arrogante para pôr em causa a atitude da mãe, mas suficientemente inteligente para saber que isto precisa de ser resolvido seja como for. Posso fazer o que quiser. O Santadoma não vai discutir. Em princípio vamos assumir as despesas na nossa sede nos Estados Unidos, uma vez que somos mais generosos — acrescentou com um gesto maroto —, mas vamos repassar-lhe essa despesa e ele vai pagar, não tenhas dúvidas.

Lita pensou. Encolheu os ombros e abriu a palma das mãos. Porque não? Que pagasse aquele cabrão. O que lhe daria maior satisfação do que tirar umas férias à conta do marquês e da bruxa da mãe?

— Então, estamos de acordo — consentiu.

— Não te arrependerás. Garanto-te. Disseste-me que não conhecias Cuba — sugeriu Stewart com uma alteração no tom de voz. — Ali, apesar das políticas opostas, temos bons contactos.

— É uma viagem muito cara... — pensou ela em voz alta. — Está a comprar-me?

— Sim, claro — surpreendeu-a o americano. — Já te disse que assinaremos o que for preciso para que não percas os teus direitos. Compreende que não me devo arriscar a que estejas por aqui, em Madrid, chateada, a falar com uns e com outros que só deitariam mais lenha na fogueira e te deixariam com mais raiva para te vingares de uma velha maluca. Regla, eu não posso voltar a Miami e informar o meu conselho de que toda a operação se complicou ou foi por água abaixo porque uma velha arrogante e racista insultou uma trabalhadora mulata do banco e a sua mãe, e tu denunciaste, e os sindicatos envolveram-se, e os jornais publicaram a notícia, e que, afinal, as ações que comprámos há uns anos são de um banco fundado com dinheiro escravagista; provavelmente alguns sócios estão a par, os mais chegados aos Santadoma, mas negá-lo-iam. Enfim, problemas e mais problemas. Tudo isto tem de ser gerido com discrição e profissionalismo. Estamos a adquirir um banco! Claro que te estou a comprar! Quero que te distraias, que te divirtas, e, quando

voltares, corrigiremos o que houver para corrigir. Confia em mim. Garanto-te que te vais divertir. O teu namorado podia acompanhar-te...

Stewart deixou a sua proposta a pairar no ar. Lita refletiu sobre a sinceridade das suas palavras e aceitou os seus argumentos; pareciam lógicos. Depois pensou em Pablo e descartou a possibilidade de este a acompanhar. Não era o momento apropriado: aquela operação absorvia-o, via-o entregue a ela, a desenvolver-se profissionalmente; além disso, talvez ele não quisesse que se soubesse o tipo de relação que tinham. Afinal de contas, podia dizer-se que ele era seu supervisor, a pessoa que controlava o trabalho que ela fizera até ao momento. E, em última análise, Lita necessitava de se distanciar, de se afastar da influência dos Santadoma, e com Pablo ao seu lado e o seu envolvimento na venda parecia-lhe difícil.

— Não, não. Não tenho namorado. — Stewart esboçou um sorriso paternalista que Lita não avaliou corretamente, obcecada pela ideia que acabara de lhe passar pela cabeça: — Embora talvez a minha mãe gostasse de me acompanhar...

Porém, Concepción negou rotundamente.

— E o que acontecerá aos cães? — perguntou.

— O marquês trata disso — assegurou-lhe Lita.

— Não digas disparates, menina. Tenho sessenta anos e nunca saí de Madrid a não ser para acompanhar de carro os senhores de férias para a costa ou para alguma quinta. E agora queres que me meta num avião? Não penso apanhar nenhuma porcaria dessas.

— Mãe...

— Não, filha.

— Por favor. Ia ser divertido. Tu e eu. Nunca tivemos a oportunidade de aproveitar e de fazermos coisas juntas. Ias conhecer o lugar onde nasceste e onde nasceram os teus pais.

Aquele argumento pareceu fazer com que Concepción ponderasse; foi um instante de dúvida que, porém, acabou por se desvanecer.

— Não insistas. Vai tu. Diverte-te. Comigo não te divertirias tanto. És

jovem, sai para dançar e para conhecer... Bem, com cuidado, já sabes a fama dos cubanos. — Ambas riram. — Eu fico melhor se pensar que não sou um estorvo para ti.

— Mãe...

— Não.

Lita teve de admitir isso mais tarde a Stewart.

— A minha mãe não se atreve a ir, mas vivo com duas amigas — disse num tom insinuante.

Uma semana de férias. A secretária de Stewart, de Miami, ocupara-se de tudo com o mesmo esmero com que poderia ter organizado a estadia de algum grande investidor do banco a quem quisesse agradar. Dispunham durante a estadia da carrinha e de Pedro, o motorista. Pediram no hotel que lhes recomendassem locais onde pudessem comer e divertir-se. «Que sejam acessíveis», advertiu Lita o rececionista, que arqueou as sobrancelhas.

— Meninas — comentou, baixando o tom em jeito de confidência —, tudo o que reservarmos aqui será debitado na conta, no mesmo cartão, como se fosse um pacote turístico. Não se devem preocupar com as despesas — aconselhou-as com um piscar de olhos.

Nessa noite jantaram num restaurante em Varadero. Estava uma noite agradável, e, sentadas na esplanada com vista para o mar, aproveitaram a música ao vivo e a comida: lagosta, ceviche e peixe fresco.

— Até fico com vergonha — confessou Elena, apontando para os pratos e para o lugar.

— Depois do que fizeram à Lita?! — exclamou Sara. — Pelo menos que paguem.

— O estupor do marquês não existe — comentou ela. — Já vos disse que não quero pensar nessa família até voltar a Madrid. Não existem! Vamos aproveitar, miúdas — animou-as depois de erguer o seu copo de vinho.

Há vários anos que viviam juntas num apartamento da Calle de la

Cava Baja, no bairro de La Latina, uma zona castiça, labiríntica, enraizada na história da capital, com edifícios antigos restaurados e fachadas limpas; um bairro multiétnico, sempre animado, com uma grande oferta cultural, gastronómica e de lazer que o tornara uma das principais atrações da noite madrilena. Depois do brinde com aquele vinho medíocre, Lita olhou para as suas colegas e sorriram entre elas. Eram duas boas amigas. Elena era advogada. Não tinha trabalho fixo; colaborava com ONG e associações locais a troco de um imenso agradecimento e muito pouco dinheiro. Sara trabalhava como animadora sociocultural, embora o seu rendimento principal fosse a renda que elas lhe pagavam como proprietária do imóvel que ocupavam e que herdara dos pais; era uma proprietária flexível e compreensiva. Só em sonhos podiam ter imaginado uma viagem assim.

Por um instante, Lita fantasiou estar ali, naquele restaurante, com Pablo ao seu lado. Ele chegara a recriminá-la pela sua escolha depois de ela lhe contar a conversa com Stewart. «Porque não me convidaste a mim? Estou a brincar!», retraíra-se imediatamente, prosseguindo com hesitação: «Tenho muito trabalho. Tu sabes. Não seria um bom momento... nem um bom acompanhante. Mas toma nota de tudo para que nós os dois possamos fazê-lo de novo um dia.»

Quanto à mãe... «Queres que faça alguma coisa, que leve alguma coisa a alguém?», perguntara-lhe Lita dias antes de apanhar o voo. Raramente falavam da família que ficara para trás. Concepción nascera em Havana e não tinha nem um ano quando emigrara para Espanha com a mãe e o velho marquês, pouco antes do sucesso da revolução castrista. Não tinha memórias próprias; o máximo de que dispunha era das escassas referências que lhe deram em menina, recordações que, além disso, se tinham indo desvanecendo na sua memória. Sim, existiam familiares, claro, mas nunca mantivera contacto com eles. «Ali são comunistas e aqui, franquistas», argumentava sempre. «Não houve nenhuma carta», afirmara. «Mas não te preocupes, filha, limita-te a aproveitar a viagem», concluía para a tranquilizar. E Lita assim o fez;

prescindiu de qualquer possível relação familiar que tivesse ficado muito, muito para trás.

Pedro conduziu-as de um lugar para outro e beberam. Cantaram com as pessoas, gritaram e riram... Entraram na noite. No início, o motorista levou-as aos estabelecimentos que se destacavam nos guias turísticos, até que o convenceram a que as levasse a conhecer os ambientes naturais da ilha.

— Não sei se devia — tentou safar-se o homem —, se acontecer alguma coisa...

— Somos maiores e vacinadas — interrompeu-o uma delas.

A proposta de que podiam ir com ele ou aventurarem-se a fazê-lo sozinhas acabou por dissipar as dúvidas do motorista. Afastou-as da cidade velha e meteram-se por subúrbios e municípios limítrofes. Filas de construções baixas, precárias, de um ou dois andares, que pareciam reclamar as cores berrantes que algum dia adornaram as suas paredes e madeiras. Música na rua, à porta de alguma taberna humilde. Gente alegre. Desde que chegara àquele país, Lita sentia algo mais para além da descontração. Julgou que a terra, os odores e o ambiente a absorviam, fazendo-a comungar com o ambiente, e sentiu-se estranhamente integrada nele. Estivera em grandes cidades como Londres ou Berlim, urbes onde existia uma grande diversidade de raças, mas em Havana os seus sorrisos eram correspondidos de maneira natural e afetuosa.

Regressaram ao hotel um pouco antes de amanhecer.

Na segunda noite jantaram na cidade e Pedro levou-as a Regla, onde ele vivia, no outro extremo da baía. Um município que se alimentava do porto e da indústria, cujas instalações, em muitas ocasiões, se misturavam com as casas baixas. O município de Regla atraía alguns turistas de Havana, mas a sua população era eminentemente operária.

— Sim — confirmou o homem depois de as jovens se surpreenderem com o facto de o nome coincidir com o de Lita. — Ali está o santuário da Virgem de Regla. Deviam conhecê-lo.

— Há copos e dança nessa igreja? — deixou escapar Sara.

As três perceberam o mal-estar que a brincadeira originou em Pedro.

— Desculpa — justificou-se Lita.

— Não se preocupem — respondeu ele, recuperando, mesmo assim, o desapego profissional que as jovens tinham conseguido abalar.

A carrinha percorreu umas centenas de metros em silêncio.

— Desculpa-nos — acrescentou Sara um pouco depois, aproximando-se do lugar do condutor.

— Por favor.

— Não queríamos faltar-te ao respeito.

As três encheram o motorista de súplicas até que lhe conseguiram arrancar um sorriso.

— Não se preocupem — repetiu Pedro, recuperando o seu tom amável e sincero —, embora não esteja enganada de todo, menina Sara. A verdade é que sim, há uma festa nessa igreja, mas sem copos nem dança tipo discoteca. O que há nessa igreja são danças rituais afro-cubanas em honra da deusa Iemanjá...

— Uma deusa? — interrompeu-o Sara.

— Não é sacrilégio numa igreja católica? — inquiriu Elena.

— Não. Aqui em Cuba, não — esclareceu Lita. — Aqui existe a *santería*, uma religião que mistura o branco e o negro.

— Sim — confirmou Pedro —, a Virgem de Regla católica é também a deusa Iemanjá africana...

— Como?

— É isso mesmo. Aqui temos tudo junto — respondeu o homem a rir. — E Iemanjá dança. Vocês deviam ver essas danças. Iam gostar. Não são como a salsa de ontem. São contundentes, sedutoras, eróticas...

Iriam, prometeram, atraídas pelo que parecia ser uma experiência única.

De manhã, Lita e Elena embarcaram num *ferry* velho, a «lanchinha de Regla», chamavam-lhe; uma barça pequena, de um piso, plana e decrépita, sem assentos e com barras no alto para se agarrarem, como

num autocarro, que em poucos minutos atravessava a baía de Havana até Regla. Tinham-se deitado tardíssimo outra vez, doía-lhes a cabeça e estavam com uma forte ressaca, mas, ainda que tivessem pouca vontade, tinham de voltar a Regla, não só devido ao compromisso com Pedro, que acabou por ser celebrado com os seus familiares e amigos, mas também porque Sara não regressara ao hotel: rendera-se aos encantos de um mulato atraente, encantador e simpático que a deslumbrara. Desapareceu na noite depois de se despedir e de combinar com elas que se reuniriam no dia seguinte nos arredores do santuário da Virgem de Regla.

Tinham exigido a Pedro que descansasse na sua casa depois de duas noites a acompanhá-las, e insistiram ainda mais nisso ao aperceberem-se da existência da pitoresca lanchinha que era usada como transporte e que as desembarcou numa doca cujo desconjuntado estado de conservação contrastava com o da igreja — pequena, de uma só nave, imaculada —, que se erigia a uma centena de metros, no início da língua de terra que se introduzia na baía, invadida quase na sua totalidade por barracas e instalações portuárias. Aquele era um dos poucos pontos de interesse turístico de um município como Regla, que, se à noite lhes parecera fascinante, à luz do sol apresentou-se-lhes degradado. A igreja, como um oásis, dava para uma zona ajardinada onde, entre vendedores ambulantes e santeiros preparados para realizarem «trabalhos» e feitiços, as pessoas que a lanchinha trazia e levava passeavam.

Porém, nem todos eram turistas, como constatarem Lita e Elena quando se aproximaram do pórtico da igreja: simples, neoclássico, sem adornos nem estatuária, provido apenas de duas colunas que suportavam um frontão triangular por cima do qual se erguia o campanário. Havia muitos cubanos, entre eles um grupo de mulheres com quem tinham desfrutado da música na noite anterior, que lhes custou reconhecer. Todas combinavam o branco imaculado e o azul-marinho nos seus vestidos; umas nos cintos, outras nos lenços com que cobriam a cabeça, nas camisas, nas riscas, nos desenhos e debruns das suas saias... Lita percebeu o resplendor do sol das Caraíbas naquelas roupas. A

efusividade, os cumprimentos, os abraços e os sorrisos incomodaram-na. Desde que se aproximara da igreja que se sentia a flutuar, como se os seus pés mal tocassem no chão. Alguém puxava por ela, e reconheceu Pedro entre as pessoas, com um chapéu branco. Depois Sara, que comparecera ao encontro e se lhe lançava aos braços exultante, dizendo-lhe alguma coisa ao ouvido que não chegou a entender. Lita não conseguia fixar o olhar nem a atenção.

— Vamos entrar na igreja — ouviu proporem. Levaram-na para dentro.

— Estás com má cara — disse-lhe alguém daquele grupo, passando-lhe uma garrafa de plástico. — Toma. Faz-te bem.

Bebeu uma tisana de ervas que não reconheceu e que certamente a refrescou, mas que pouco fez contra a sensação de enjoo que se apoderara dela.

Era uma igreja simples, que as recebeu em silêncio: pintada de branco, com o teto artesado e duas filas de bancos laterais a formarem um corredor central. No altar, ao fundo da nave, havia uma Virgem negra, pequena, envolvida num manto azul bordado e rodeada de flores da mesma cor. Lita apoiou-se num banco e sentou-se. Rostos, pessoas e ambiente pareciam-lhe difusos. Foi assaltada pela angústia, porque não controlava de todo os seus sentidos nem as suas reações. Alguém cochichava ao seu ouvido; um sussurro incompreensível. Tentou mexer-se, mas a forma atabalhoada como o fez obrigou-a a parar e a apanhar ar. Negou com a cabeça. Era como uma bebedeira tremenda, só que não tinha bebido nem fumado, embora os efeitos fossem evidentes. *Estou bem!*, disse para consigo. Não era um enjoo nocivo. Continuou a respirar, pausadamente, e a Virgem negra foi tomando forma e ganhando espaço até aparecer diáfana e luminosa perante ela.

Lita relaxou. Já ninguém a incomodava. As rezas e as cantorias não importunaram o vínculo que a jovem estabeleceu com aquela imagem que a mantinha enfeitiçada. Uma idosa aproximou-se dela e cobriu-lhe a cabeça com um tecido azul, como um turbante, cujas pontas deslizaram e

lhe caíram pelos ombros. Lita, fascinada, seguiu-a para fora do templo até um pátio exterior que se abria numa das laterais. Ali, uma jovem mulata vestida com uma camisa branca e uma saia azul muito rodada, a cabeça coberta com um lenço da mesma cor, começou a dançar ao ritmo do som de uns tambores, umas maracas e várias claves. À medida que a bailarina rodava sobre si, agarrando as pontas da saia para lhe proporcionar maior amplitude, esta começou a ondular num tom azul como se fossem as ondas do mar. A música, o retumbar, os cânticos, o movimento por vezes harmónico, outras ameaçador, ajudaram a que as pessoas se amontoassem em círculo e ficassem enfeitiçadas pelo espetáculo.

Os tambores soaram no seu interior, e Lita soube que aquela Virgem negra, a de Regla, a Iemanjá africana que celebravam, a chamava, a absorvia, e a magia que a envolvera na igreja originou nela numa explosão tão violenta como prazenteira. A jovem da saia azul parou de dançar e afastou-se, músicos e cantores calaram-se uns segundos, até que perceberam o transe em que se encontrava Lita, já transformada no centro da festa, e a partir daí prosseguiram com maior vigor as suas interpretações diante dos gritos e aplausos dos presentes. Lita dançou arrastada por uma força incontável, alternando, tal como a jovem que a precedera, os ritmos frenético e melodioso. Sentia o mar próximo e as ondas rodopiavam no seu espírito, mas, ao contrário da outra bailarina, Lita cantava... E fazia-o com uma voz que não era a sua; aproximava-se de algum homem e observava-o, com sensualidade, para depois o rejeitar quando este fazia algum gesto para a seguir. Brincava com eles, com os jovens, homens ou mulheres, e convidou um idoso quase inválido para a acompanhar na sua dança até que o velho, quase imóvel, se viu envolvido numa aura que o fez estremecer. Mas também repreendeu as pessoas, apontando para elas e gritando: «Negra adúltera, lava-te e volta para o teu marido.» Ou avisou-as: «Trata de ti, em breve padecerás de uma inflamação na perna.» Ou bajulou-as: «Lindo...»

Nessa noite, deitada na cama do hotel, ainda um pouco atordoada, não

acreditava nas imagens que as suas amigas tinham gravado com os telemóveis e que já circulavam nas redes partilhadas por outros que assistiram. Olhava para os vídeos, atónita; parava-os e fechava-os. Devolvia-lhes os telemóveis e chorava porque não entendia nada. «Deixa-me ver outra vez», pedia-lhes com ansiedade apenas uns segundos depois. O tecido azul que cobria a sua cabeça e cujos extremos flutuavam no ar dificultava a sua identificação, mas ela reconhecia-se, sem dúvida. Olhou para si a apontar para um homem e a ralhar-lhe, e este recebia a sua advertência com humildade e submissão, mas não conseguia ouvir o que lhe dizia porque o som não era suficientemente bom. E dançava, dançava emanando sensualidade, como nunca o fizera.

Sara e Elena tinham decidido não contar à amiga as explicações de Pedro e dos outros. Uma deusa possuía-a, garantiam; Iemanjá possuía-a. As jovens só esperavam que o calmante prescrito pelo médico do hotel fizesse efeito, que amanhecesse um novo dia e que com ele, talvez, chegasse também o esquecimento.

Havana, Cuba
1866

Encerraram-na no depósito de quilombolas do Cerro, um bairro de Havana onde se misturavam palácios e construções humildes, depois de se deixar apanhar no caminho de acesso à cidade por um branco comerciante de couro que conduzia uma carroça. Tinha-se afastado da serra do Rosario viajando durante três dias, à noite, ao abrigo da lua, com o objetivo de chegar o mais perto possível da capital. Estava consciente de que, se a descobrissem e a entregassem às autoridades, a manteriam durante dez dias no cepo na praça central da aldeia mais próxima, exposta ao público para dar oportunidade a que o seu amo, ou qualquer outro que o fingisse ser, a reclamasse. Não julgava que a pudessem reconhecer depois de ter percorrido tantos engenhos, pastos e cafezais da zona, que a relacionassem com o quilombo e prejudicassem Yesa e os outros quilombolas.

Sabia que a filha se estava a curar, sentia-o, e isso encorajara-a a continuar a andar na noite. O seu lugar era junto dos escravos, acompanhando-os no seu infortúnio, sofrendo como eles, lutando pela liberdade. Kaweka sempre tivera consciência do seu destino, mas em alguns momentos interrompera o seu trajeto, recriara-se na sua própria liberdade e aproveitara o bosque, a água, as alturas e o lar em que se convertera o quilombo. Deturpara o poder que se escondia no seu

interior, os ensinamentos recebidos e a capacidade de curar, e aquelas terras montanhosas limitaram-na, uma ínfima parte de uma ilha regada com o sangue dos negros, contra o desejo dos deuses africanos que desejavam reivindicar-se em toda ela e que tiveram de lho recordar fazendo adoecer a sua menina. Mas entendera a lição a tempo, reconhecera enquanto caminhava com forças renovadas até alcançar os arredores de Havana, onde se escondera na margem do caminho à espera do amanhecer.

Essa noite fora a pior da viagem, por mais que nas outras tivesse chorado por Yesa. Viu Havana como a puta que seduzira Modesto, que o torturara e o impedira de ir ter com ela. Essa ideia foi-se estabelecendo na sua mente. Não desculpava o emancipado, de modo nenhum. Kaweka esperava-o, mas ficava mais calma pensando que alguém tinha vencido o amor que Modesto lhe professava, que todas as suas ilusões não haviam sido em vão, que simplesmente perdera a batalha contra algo mais poderoso, outra mulher protegida por um deus mais importante do que o seu. Era paradoxal que agora estivesse ali, às suas portas, disposta a fazer o que podia ter feito com o emancipado se não tivesse fugido com Eluma. Embora fosse certo que agora se sentia outra Kaweka, mais experiente, com uma bagagem de conhecimentos que jamais teria imaginado.

Mesmo assim, Kaweka dormitou inquieta. Corria para se submeter de novo à escravidão, à humilhação diante dos brancos, à entrega do seu corpo à ambição desmedida de seres desprezíveis que a consideravam inferior aos animais; porém, o que perturbava o seu sono era a proximidade de uma cidade que a derrotara, ainda que talvez Havana não tivesse chegado a decepcionar Modesto tanto como provavelmente ela o fizera fugindo sem qualquer explicação. Enroscada entre as raízes torcidas de uma árvore enorme, acordou sobressaltada, agora com o sorriso de Modesto a iluminar a noite, incitando os espíritos vagabundos a rirem, com a imagem do negro a agitar subtilmente braços, pernas e ancas para se esquivar da brisa noturna.

Levantou-se enjoada, afastando as memórias, e regressou ao caminho. De todos os que nele seguiam, escolheu um comerciante de couro porque com ele viajava um menino louro que não parava de falar e gesticular, como se contasse uma história fantástica. A vivacidade do miúdo transmitiu-lhe confiança, e dirigiu-se a eles aturdida, sem grande necessidade de fingir. O homem parou a carroça para não a atropelar, e Kaweka procurou apoio nas mulas. Como previra, o primeiro a plantar-se junto dela foi a criança.

— Estás doente?

Kaweka respondeu-lhe com um esgar de tristeza. O resto chegou por si. O comerciante interrogou-a. Ela não lhe respondeu. Pediu-lhe a documentação. Ela negou com a cabeça e mostrou as suas mãos nuas. Ia descalça, tapava o cabelo com um lenço e vestia uma saia e uma camisa puídas. Não levava mais nada. Tinha desfeito o colar de contas e escondido as pequenas peças de madeira nas costuras da roupa. Nenhum escravo negro se podia deslocar sem documentação e sem autorização do seu amo; qualquer cidadão o podia deter. O branco ordenou-lhe que subisse para o carro e continuou a sua viagem em direção ao depósito do Cerro, extramuros, a uns escassos três quilómetros do centro da cidade, onde lhe atribuiriam o direito a um prémio em dinheiro por entregar a fugitiva.

O depósito assemelhava-se aos barracões dos engenhos, grande, ainda que apenas de um piso e construído em madeira. Ali acabavam os quilombolas capturados quando o seu amo não os recuperava nos primeiros dias. Ali acabavam os emancipados que não tinham sido atribuídos a cidadãos ou a instituições. E ali também iam parar os escravos que simplesmente haviam sido detidos sem documentação; os negros perdiam-na ou estragava-se, os papéis deterioravam-se durante o trabalho e o dia a dia. Alguns escravos voltavam para as mãos dos seus donos, a outros davam-nos como mortos e eram vendidos ou alugados com documentos novos. O depósito de quilombolas era um grande negócio para os funcionários públicos e concessionários, e essa foi a base

sobre a qual jogou Kaweka. Foram muitas as conversas mantidas no quilombo sobre o Cerro, o que acontecia ali dentro e os seus procedimentos, e a jovem não queria voltar a La Merced e encontrar-se de novo com o marquês, Narváez, Santiago... e provavelmente com Modesto em alguma das visitas médicas; só voltaria por mamã Ambrosia, mas estava convencida de que a velha criouleira se sentia orgulhosa das suas decisões.

— Como te chamas? — perguntou-lhe um escrivão.

— María — respondeu ela, em pé diante da sua secretária.

— María e que mais?

— María mais nada — insistiu ela.

— Tens nome africano? — inquiriu o escrivão.

— Não.

— Onde nasceste?

— Aqui.

— Onde?

— Não sei.

O seu amo era um bufarinheiro que percorria os caminhos, mentiu. Chamava-se José, e também não sabia o seu apelido; além disso, tinha morrido quando se dirigiam para Guanajay. Mataram-no uns ladrões, que ficaram com tudo. Ela escapou enquanto lutavam entre eles para repartirem o saque, porque pensou que a matariam também. «Não. Eram brancos», afirmou, corrigindo o funcionário público quando este imputou o delito a negros. «O seu amo tinha mais família? Onde viviam?» Kaweka evitou aquelas e outras perguntas encolhendo os ombros. O homem terminou registando a sua descrição física.

— Ninguém irá reclamá-la — comunicou depois ao administrador. — Provavelmente não passa de uma puta a quem o dono explorava — anotou com aversão.

— Diz a verdade? — perguntou o seu superior, demonstrando interesse.

Nesta ocasião, foi o escrivão quem encolheu os ombros. Nessa mesma

noite, um dos vigilantes ofereceu Kaweka a um escravo negro que capitaneava uma equipa de trabalho destinada às obras no porto de Havana. Não costumava haver mulheres no depósito de quilombolas. A proporção de escravas que eram detidas não chegava a dez por cento da quantidade de homens e, além disso, eram rapidamente vendidas ou alugadas para o serviço doméstico, algo que não acontecia com os homens; deles, uma boa parte era destinada às obras do caminho de ferro, longe dali, enquanto outra se destinava à manutenção da cidade, pelo que diariamente regressavam ao depósito.

— Não me interessa — rejeitou-a Porfirio ao vê-la nua na área das mulheres, naquela altura vazia. — Não passa de um monte de ossos — continuou, apontando para ela com a mão aberta. — No porto há muito melhores e mais baratas. Seria como montar uma velha.

Enquanto o outro falava, Kaweka observou-se: as costelas marcadas, e o peito, antes abundante, agora pendurado e consumido. Tinha o ventre inchado. Comia mal no quilombo e a doença de Yesa parecia ter-se alimentado dela também. Além disso, quase não comera nada durante a viagem; saciava-se com a água dos carreiros. As suas pernas eram dois paus que sustentavam um corpo murcho, e há muito tempo que não via o seu rosto refletido num espelho ou num vidro.

— Veste-te! — ordenou-lhe com raiva o vigilante, que via esfumar uns dinheiros que já dava por ganhos e que aqueles escravos tinham sempre.

O vigilante já saíra da nave e Porfirio voltava-lhe as costas quando Kaweka o deteve.

— Vais gozar comigo — garanto-te. — Não te arrependerás — prometeu, convencida de que devia contar com a proteção daquele negro que se fazia respeitar por um branco.

O homem recebeu a oferta com ceticismo nas suas palavras e na sua atitude.

— O que pretendes fazer, negra inútil? — Kaweka não sabia. — Estás mais ressequida do que uma correia esquartejada!

Depois deu uma gargalhada.

Os insultos abalaram a escrava. Não se podia aproximar dele como o faziam as mulheres belas, pois sabia que perdera toda a sedução. Rejeitá-la-ia, bater-lhe-ia e, em vez da sua proteção, só conseguiria o seu desprezo. Mas, por outro lado, nem todas as relações que presenciara no engenho, inclusivamente no quilombo, assentavam na beleza ou na exuberância...

O negro fez um gesto para se ir embora. Kaweka cuspiu-lhe.

— O que estás a fazer, bruxa?

Ela também se surpreendera algumas vezes: a primeira vez foi com Aparicio, o primeiro negro que a sodomizara, possuindo-a sem piedade, e que depois permitiu que aquele que esperava a sua vez com ela o sodomizasse a ele. Maltrataram-na com crueldade. Teve mais ocasiões para presenciar como a dor e a violência acendiam a paixão de homens e mulheres nos canaviais.

Então esbofeteou-o. Porfirio fez um gesto para lhe devolver o estalo, mas ela ajoelhou-se, puxou-lhe as calças para baixo e agarrou-lhe o membro, que reagiu inflamando-se.

— Vou cortar-to com uma dentada. — E mordeu-lhe o pénis. Com força.

O negro dobrou-se, soltou um grunhido e, após um instante de dúvida, gemeu entre o queixume e o leite. E a partir desse momento deixou-a prosseguir. Ela cravou-lhe as unhas no ânus enquanto o continuava a morder. Bateu-lhe. Fê-lo sangrar. Porfirio gozou de dor. Kaweka encontrou um pau e sodomizou-o, arranhando com a mão livre as cicatrizes antigas que rasgavam as suas costas. A jovem conseguiu que o homem alcançasse o orgasmo em várias ocasiões, sem necessidade sequer de a penetrar.

Ao amanhecer do dia seguinte, Kaweka saiu do depósito junto com os grupos de escravos que se dirigiam para a cidade. Os funcionários tinham decidido alugá-la a uma taberna localizada perto do matadouro que era propriedade de um catalão, um coletivo que monopolizava muitos dos

espaços comerciais de Havana. Desceram evitando a calçada do Cerro, em cujas margens se erguiam quintas majestosas pertencentes aos nobres havanenses, e, antes de chegarem à cidade, um dos guardas puxou por ela e separou-a do grupo. Pararam à porta de um edifício de madeira coberto por folhas de palma, que, alinhado com um caminho de terra, se misturava entre casas baixas de fachadas deterioradas, pilhas de esterco e simples barracas. O interior, amplo, com algumas mesas e sacos sobre os quais se sentavam dois paroquianos madrugadores, atingia o recém-chegado com um ar carregado e nauseabundo, consequência do fedor que emanava das gorduras utilizadas para cozinhar, da sujidade dos paroquianos que ali se reuniam e da decomposição das carnes e dos enchidos, a carne posta a secar e os restantes alimentos pendurados nas vigas de madeira do teto.

O guarda entregou Kaweka a Joan, o catalão, que era praticamente da mesma estatura que a escrava: baixo, embora rechonchudo e austero. Enquanto aqueles dois falavam, uma mulher que mostrava um ricto de amargura que pressagiava mau carácter empurrou-a para a parte de trás do estabelecimento, onde se encontrava a cozinha, enquanto se apresentava aos gritos como a mulher do dono. Ali trabalhava Osvaldo, um escravo mulato, junto com a mulher e os dois filhos de tenra idade. Era aquele o pessoal a quem Kaweka devia ajudar.

Elisa, a mulher do catalão, indicou-lhe o que tinha de fazer: limpar. Limpar o chão, limpar as mesas quando os clientes já tivessem terminado, limpar as colheres, os pratos, as tigelas e os copos de lata com areia no pátio traseiro, limpar os tachos que Osvaldo lhe entregasse e tudo aquilo que qualquer um ordenasse. Limpar, limpar e limpar.

— Não toques na comida — avisou-a a mulher. — Não fales com os clientes. E nem penses em servir! Se te cair um copo ou um prato e estragares a aguardente ou a comida, vais acabar no fosso, entendeste?

Kaweka assentiu, embora tivesse de ser o cozinheiro a explicar-lhe depois de a catalã desaparecer.

— Aqui, na cidade, os amos não açoitam nem te põem de boca para

baixo, também não dispõem de cepos ou correntes. Quando querem atormentar algum de nós, levam-no para o fosso, junto ao que eram as muralhas; comunicam o castigo que decidiram, pagam, e ali somos castigados pelos funcionários públicos, embora também haja pessoas que põem anúncios nos jornais a oferecerem os seus serviços para nos baterem. Esses, os dos jornais, são mais caros, mas vão às casas, e assim os amos não têm de se deslocar até ao fosso.

Aquela foi a primeira das muitas mudanças que Kaweka viveria na cidade.

A taberna demorou pouco a encher-se, pois a sua proximidade com o matadouro atraía muita gente. Negros e brancos, escravos e livres foram-se amontoando para se embebedarem, procurar sexo, apostar e lutar. Nisso era igual ao que acontecia na taberna situada nos arredores do engenho do marquês ou nas que surgiam ao longo da serra do Rosario e dos seus arredores. A diferença era a mistura entre negros e mulatos, algo que surpreendeu Kaweka. Visualmente, o que mais a impressionou foram as cores. A jovem jamais vira tal gama cromática num mesmo lugar. Os escravos do campo arrastavam, como ela agora, roupas sujas e descoloridas, invariavelmente de tons ocre. Na cidade, no entanto, viam-se camisas vermelhas e amarelas, calças às riscas brancas e azuis, saias estampadas, lenços azuis; sapatos, sim, alguns calçavam sapatos... E também fumavam e bebiam.

— Mexe-te! — ralhou-lhe Elisa, dando-lhe um calduço que alguns celebraram com risos e zombaria. — Se volto a apanhar-te distraída, não comes.

Com o passar dos dias conheceu casais de escravos, mas também soube de casos em que só um dos cônjuges o era. Kaweka não entendia como podiam conviver sendo um livre e o outro escravo, embora tenha pensado para consigo que não devia ser muito diferente do que pretendia fazer com Modesto. Havia pais livres que tinham filhos escravos, ou o contrário: filhos livres de pais que ainda eram escravos. Falou com homens que estavam casados com as suas escravas, e chegou a ficar

chocada ao saber que existiam negros que possuíam escravos, às vezes membros da sua própria família ou clã. Até lhe falaram de casos de irmãos em que um era o dono do outro! A uniformidade e quase estrita identidade que havia nos negros dos engenhos desaparecia na cidade. Ela lidou com escravos que eram maltratados, mas também com outros que gozavam de bastante autonomia. Alguns chegavam a considerar-se livres; trabalhavam e viviam em casas próprias com licença do seu amo e saíam e regressavam livremente. Os negros urbanos, concluiu Kaweka, conviviam com a escravatura, pareciam ter-se adaptado às circunstâncias, criando famílias diferentes, mais extensas, não só com amigos e com os parentes mais diretos, mas também através dos cabildos de nação, onde os sacerdotes se tornavam guias espirituais que substituíam a dependência efetiva dos amos. Kaweka tinha ouvido falar da existência daquelas sociedades: centros de reunião de negros em que se dançava e rezava, como acontecia nos domingos de festa no engenho, mas o catalão ainda não lhe permitia ir a nenhum deles.

Naquela taberna, a dormir no chão, num canto do pátio — o cozinheiro vivia amontoado com os seus sob um teto de lata noutra esquina —, a trabalhar de sol a sol, sempre assediada por uma Elisa que, com o tempo, foi sendo menos severa perante a sua boa-disposição, Kaweka sentia-se bem. É verdade que encontrou escravos que não estavam dispostos a lutar contra o conformismo em que se haviam instalado, apesar da bazófia que surgia de uns espíritos ébrios quando ela lhes insinuava este assunto. Todos queriam ser livres, claro, mas o seu caminho distanciava-se muito do que Kaweka e os seus tinham tomado no engenho: suicídios, abortos, fugas... Na cidade não se contemplava a possibilidade de se tirar a vida, de alcançar a liberdade através da morte. Ali, os escravos resignados aspiravam a comprar a sua liberdade a trabalhar, sendo mais explorados do que quando obedeciam indolentemente aos seus amos. Havia os que confiavam na benevolência dos seus senhores nos seus testamentos ou na eficácia dos litígios a que costumavam assistir, e também quem pusesse o seu futuro nas mãos da sorte. Kaweka

comprovou que muitos deles jogavam fervorosamente a lotaria ilegal, uma atividade que se desenvolvia em tabernas e mercearias, sonhando enriquecer e «libertar-se». Inclusivamente, os dirigentes dos cabildos de nação angariavam dinheiro dos negros associados, livres ou não, para apostarem na lotaria, e, se a sorte lhes sorrisse, destinavam os lucros à compra da liberdade de alguns dos seus membros.

Mas, apesar de todos aqueles escravos que não se atreviam a atravessar o limite que lhes podia devolver a sua condição de livres, conheceu muitos outros que o faziam. Os que escapavam em Havana não se dirigiam para as serras ou para os lamaçais; ao invés, perdiam-se nos subúrbios, confundiam-se na multidão e procuravam a ajuda de outros quilombolas urbanos ou de libertos, gente que se arriscava a penas muito severas por esconder nas suas casas escravos fugitivos, ou por os ajudarem a conseguir licenças falsas para se moverem pela cidade. E não fugiam apenas os jovens fortes; também o faziam famílias inteiras, mães que arrastavam os filhos pequenos.

Osvaldo apresentou-lhe uma delas numa noite em que, com a escuridão a toldar tudo, uma sucessão de barulhos, como que abafados, insólitos, chamou a atenção de Kaweka. A mulher, uma mulata que apareceu no pátio, chamava-se Licinia. Durante o dia vendia fruta pelas ruas e à noite mendigava comida para duas crianças, que se escondiam por trás das suas saias e cuja pele era muito mais clara do que a sua.

Enquanto Osvaldo sussurrava com a mãe e lhe entregava dois pesos, Kaweka ofereceu aos filhos o *funche* que lhe sobrara nesse dia. O catalão só lhes proporcionava duas refeições escassas: uma ao meio-dia e outra à noite. Não lhes dava pequeno-almoço, nem sequer o copo de aguardente que costumavam dividir no engenho. Kaweka sorriu e mordeu o lábio inferior enquanto aquelas crianças devoravam os restos da sua tigela. A cara de Yesa iluminava a cena; Iemanjá mostrava-lha, trazia-lhe a sua respiração e, às vezes, até a sua alegria e os seus sorrisos. Kaweka tinha saudades dela a toda a hora, via-a em cada uma das meninas que corriam pelas ruas daquele subúrbio, e na sua mente viajava para onde quer que

estivesse, tranquilizada com as mensagens que a deusa lhe mandava, mas com a saudade amarrada a si por mais que soubesse da sua boa saúde. Estava ali, em Havana, por ela, pela filha, pelo seu futuro, para que nunca fosse escrava, dizia para consigo, em certas ocasiões, quando a tristeza e a melancolia a assaltavam.

— Um dia apanham-na.

As palavras de Osvaldo, que apontava com o queixo para as costas de Licinia, fizeram com que os pensamentos de Kaweka regressassem à taberna.

— Não tem importância — sussurrou ela, surpreendendo o colega. — Tenho a certeza de que voltará a fugir. O mais importante é que nos seus filhos germinou a semente da liberdade e já nada os pode deter. Devemos olhar bem para eles, porque é aí que está a perdição dos brancos: nos jovens que não se irão render com a mesma facilidade com que o fizeram os pais.

— Às vezes não nos resta outra alternativa — quis desculpar-se o cozinheiro depois do discurso de Kaweka; no entanto, começou a contemplá-la com respeito.

Kaweka deixou passar uns segundos. Os dois olharam para a escuridão que engolira os fugitivos.

— Não te recrimines — disse ela pouco depois. — Hoje ajudaste uma quilombola e os seus filhos. É isso que conta. Talvez o teu lugar seja este. Talvez o destino que os deuses escolheram para ti e para a tua família seja o de estar aqui para alimentar e consolar os que lutam. — Osvaldo ia a dizer alguma coisa, mas ficou-lhe presa na garganta. — Não é uma guerra de uns quantos escravos que se escondem nas montanhas ou nas ruas ou nas cidades — continuou. — É a guerra de todos nós, os negros. E só conseguiremos ganhá-la ajudando-nos uns aos outros, nos lugares que nos forem atribuídos.

Nessa noite, encolhida no seu canto, Kaweka sentiu saudades de Yesa, sentiu falta daqueles momentos no quilombo quando lutava para adiar o sono para a abraçar e aproveitar o calor do seu corpo e o ritmo

compassado da sua respiração. Agora também não dormia, e recordou a sua chegada à cidade; disse para si que, assim que circulou pelas ruas de Havana, por entre uma população que lhe pareceu pitoresca, e num alvoroço, umas cores e uns aromas estranhos que lhe agitavam fortemente os sentidos, compreendeu que aquele ambiente lhe era desconhecido, talvez até hostil, e decidiu não se apresentar como curandeira ou sacerdotisa até o ter conseguido dominar.

E o que via depois dessas semanas em Havana agradava-lhe. Excetuando os conformistas, respirava-se liberdade, falava-se dela sem temor, sem hesitação alguma, desejava-se e, mais importante ainda, existia uma solidariedade entre os escravos e a comunidade livre de cor que ela nunca experimentara antes. Os negros da capital ajudavam-se, animavam-se; Kaweka não se lembrava de ter sentido um ambiente semelhante no engenho ou no quilombo. No caos da grande cidade, o objetivo *a priori* utópico de conseguir a liberdade tornava-se tangível perante aquela energia partilhada.

Ao amanhecer, Osvaldo surpreendeu-a com um pequeno-almoço: leite fresco acabado de ordenhar pelos seus dois filhos de um dos muitos rebanhos que diariamente percorriam as casas, um copo de aguardente e carne estufada que tinham reservada para o catalão e para a sua mulher, não da que preparava para os clientes escondendo a má qualidade dos produtos que o taberneiro comprava a baixo preço no matadouro: pulmões, tripas, fígados e todo o tipo de vísceras, que Osvaldo lavava com limão ou laranja amarga para dissimular os maus cheiros, fervia em água e depois triturava. Fritava depois toda essa massa de carne em banha com farinha, uma cabeça de alhos, tomate, cebola picada e pimentão, doce ou picante de acordo com o sabor que lhe quisesse dar. E os negros, e até muitos brancos, compareciam na taberna do catalão para comerem um dos melhores «*aporreados*» ou «*roupa-velha*» da cidade.

— Obrigada — disse-lhe Kaweka, acomodando-se no pátio para dar conta do banquete o mais rapidamente possível, antes que aparecesse algum catalão. Osvaldo observou-a a comer, indeciso, voltando-se para a

cozinha, fixando o olhar na esposa antes de olhar novamente para Kaweka a pedido da mulher. — Precisas de alguma coisa? — interrogou-o a jovem diante da dúvida que manifestava.

— O que aconteceu ontem à noite...

— Não te preocupes. Não se passa nada — interrompeu-o ela.

— Os nossos filhos... — interveio a esposa. — Se os amos descobrirem que ajudamos os fugitivos, eles podem sofrer as consequências.

Com a boca cheia do estufado, Kaweka desviou o olhar de um para o outro. Refletiu uns instantes antes de responder.

— Podem ficar tranquilos. Eu também sou uma quilombola — acabou por confessar. — Escapei do engenho do marquês de Santadoma. O meu verdadeiro nome é...

— Cala-te! — exclamou Osvaldo. — Não tens de nos contar nada.

Kaweka calou-se, mas não se teria importado de se abrir com eles. Considerava que tinha chegado a hora de se mostrar como era: sacerdotisa, curandeira... A eleita dos deuses! Depois de se aperceber de que até o sóbrio cozinheiro ajudava uma fugitiva, dedicara a noite a rever toda a informação obtida durante a sua estadia na taberna, um lugar onde se falava e discutia em voz alta. Os escravos estavam desvairados. Nos Estados Unidos, os do Norte tinham ganho a guerra e a escravatura foi abolida definitivamente em todo o país, embora, em consequência disso, os fazendeiros, nobres, ricos e privilegiados cubanos que alguma vez haviam considerado a possibilidade de se tornarem independentes de Espanha e de se unirem aos americanos, agora, depois dessa vitória, tivessem descartado por completo a ideia.

Em Cuba, por sua vez, as autoridades, atemorizadas perante o auge das rebeliões e das exigências dos escravos e de quem os apoiava, com as revoltas sangrentas do Haiti como referência, procuraram cortar pela raiz os movimentos que defendiam a abolição da escravatura, até ao ponto de inventarem conspirações, como a que chamaram «de la Escalera», para dessa forma poderem deter milhares de pessoas, principalmente crioulos,

castigar centenas de escravos que acusaram infundadamente de promover um motim, e executar quase outra centena, entre eles os escassos intelectuais negros ou mulatos que se destacavam e se tinham erguido como representantes dos da sua raça.

A partir de Madrid continuou a apoiar-se a escravatura em Cuba, e, enquanto nos Estados Unidos se impunha a liberdade, na ilha reiterava-se oficialmente o uso do chicote para incitar o trabalho dos escravos.

Kaweka e os seus moviam-se na direção contrária à da história, por isso, devia continuar a assumir essa responsabilidade que mamã Ambrosia já vislumbrara no engenho, quando, recém-chegada de África, salvara a vida de um menino destinado a ser escravo. A deusa fizera com que Yesa ficasse doente para a castigar por se ter afastado do seu objetivo e depois perdoara-a, mas quanto mais lhe consentiria?

Kaweka acabou por se abrir de novo a uns deuses que pareciam ter respeitado as suas cautelas desde que chegara a Havana, algumas semanas antes. Sentiu-se poderosa ao perceber como Iemanjá a rodeava com o seu carácter alegre, disposta a possuí-la. A deusa ofereceu-lhe um doente que apareceu a coxear vindo do matadouro e ela compreendeu que era o momento de mostrar os seus poderes. Um boi tinha-lhe dado uma marrada na perna, abrindo-lhe uma ferida bastante profunda na coxa.

— Virá mais gente à sua taberna — alertou Osvaldo o catalão quando este tentou impedir a cura.

Joan refletiu enquanto a sua mulher permanecia atrás dele com os lábios apertados.

— Muito bem, mas não quero ver nenhum cliente por atender... — cedeu por fim.

A mulher de Osvaldo foi buscar as ervas necessárias para o remédio. Kaweka curou o homem e fechou a ferida. Nessa mesma tarde apareceram mais dois doentes do bairro, que a jovem também tratou. A afluência não diminuiu nos dias seguintes. O catalão encaminhava-os para o pátio e começou a cobrar-lhes. A taberna enchia-se mais a cada dia, Osvaldo não tinha mãos a medir a cozinhar a roupa-velha e Elisa

precisava de encomendar mais aguardente. A notícia corria de boca em boca, e aos doentes e feridos juntaram-se dois santeiros e curandeiros interessados naquela desconhecida que irrompia no seu território. Kaweka, segura de si própria, do favor dos deuses e dos conhecimentos transmitidos por Eluma — e depois de superado o estado de deterioração física em que chegara do quilombo, depois de ser bem alimentada na taberna e de recuperar as carnes e até o sorriso —, desprezou os seus conselhos. «Eu utilizaria uma cozedura de *yagruma*», propôs alguém para tratar uma hemorragia nas costas de uma mulher. Kaweka nem olhou para ele; permaneceu impassível perante as suas sugestões e continuou com o seu trabalho, falando com os escravos enquanto os curava, fazendo-lhes perguntas, preocupando-se com eles e com as suas famílias e incitando-os a fugir.

Passaram semanas até que um dia apareceu uma santeira decrépita e enrugada que pretendeu desqualificá-la perante os familiares de uma menina que sofria de constantes espasmos, e cuja doença Kaweka conseguira passar para um cão que vinha com ela e que agora gemia e rebojava na terra.

— És uma farsante! — declarou em voz alta Gladys, assim se chamava a velha. — A menina tinha-se curado sozinha. Envenenou o cão! Eu vi!

As pessoas foram-se amontoando no pátio perante os gritos da santeira, conhecida na zona. Kaweka ergueu-se em frente dela, desafiando-a.

— Bruxa! — chamou-lhe a velha.

Kaweka tremeu até começar a ter convulsões. O seu corpo pareceu inflamar-se. Abriu a boca e, sem verbalizar nada, como se lançasse uma baforada de fogo, um bramido surgiu do seu interior. A santeira tentou dar um passo atrás, mas não conseguiu: estava envolvida naquele rugido que, sem esmorecer no seu furor, foi, no entanto, transformado em palavras:

— Estás a gozar comigo?! Sou Iemanjá, dona do mar, esposa de Ogún e mãe de deuses! — O chão e as frágeis paredes da taberna vibraram. Os

presentes, atónitos e assustados, aproximaram-se uns dos outros. — Uma velha mentirosa não pode duvidar do meu poder e gozar com aquelas que elejo. Pagarás a tua ousadia, farsante. — Nesse momento um cão arrastou-se até aos pés da santeira. — Esse animal merece mais a minha benevolência do que tu. Pelos teus insultos, pela tua pouca-vergonha, fica com o mal da menina. Eu ordeno!

O elaborado e dispendioso colar de contas de cores composto por inúmeros motivos que a santeira usava sobre o peito rebentou como se o tivessem puxado por lados opostos. As mil bolinhas ainda dançavam no ar quando Kaweka desmaiou e caiu ao chão inerte, depois de Iemanjá, encolerizada, a abandonar de forma violenta. O cão fugiu do pátio a correr, e a santeira dobrou-se sobre si própria, torturada pela primeira pontada de dor.

Kaweka não deu mais importância à santeira. Continuou a trabalhar e, junto com Osvaldo, ajudou duas mulheres que tinham decidido tornar-se quilombolas urbanas, até que um dia, ao amanhecer, a chamaram à porta da taberna quando os grupos de quilombolas sem dono destinados às obras públicas da cidade estavam de passagem. Kaweka saiu e encontrou-se com Porfirio, que conversava animadamente com um dos guardas.

— Olá — cumprimentou-o ela. O guarda afastou-se. — O que se passa?

— Quero pedir-te um favor — disse-lhe ele. Kaweka inclinou a cabeça. — No próximo domingo devias acompanhar-me ao cabildo dos lucumís. Foi um dos seus pais de santo que me pediu. Parece que deixaste mal uma santeira amiga dele.

— Ah — assentiu Kaweka, e nesse instante pensou em Gladys. — Se ela viesse ver-me, talvez...

— Pediram-me — insistiu Porfirio.

— Não, eu até gostava de ir a um desses cabildos, mas o cabrão do catalão não me dá folga aos domingos.

Porfirio mexia-se bem nos barracões do porto. Comerciaava, ameaçava,

contratava a partida para outros trabalhos particulares que não eram os que lhes correspondiam como escravos do Estado e conseguia bom dinheiro. As obras do porto atrasavam-se, mas ele sabia como manter a sua gente satisfeita, os funcionários públicos e, claro, os guardas.

— Ouviste, Manuel? — Porfirio surpreendeu Kaweka dirigindo-se ao guarda, afastado uns passos deles.

— Os escravos têm direito a feriado aos domingos — afirmou este.

— Pois, é isso — tranquilizou-a o negro. — No próximo domingo vou apresentar-te no cabildo, dançamos e depois cravas-me as unhas onde tu já sabes.

— Lá estarei — prometeu Kaweka, olhando para a fila de escravos que desfilava diante dela. Alguns mantiveram o seu olhar, mas a maioria evitou fazê-lo, como se o facto de ter mantido aquela conversa amistosa com Porfirio lhe tivesse concedido algum tipo de privilégio.

O certo, pensou Kaweka, era que o capitão da quadrilha de trabalhadores também mandava nos guardas e vigilantes. Em certas ocasiões aparecia na taberna do catalão como se fosse um negro livre. «Alguma coisa lhes dará em troca», concluiu.

A comparência de Kaweka no cabildo da nação lucumí, localizado no bairro de Jesus do Monte, que era limítrofe ao do Cerro, despertou uma tremenda expectativa nesse domingo de finais de verão. A sua recente fama de curandeira juntou-se à de *iyalocha*. Vários pais de santo, entre eles os mais prestigiados de Havana, tinham tentado curar Gladys, que piorava com dores cada vez mais agudas, mas fora-lhes impossível desfazer o castigo de Iemanjá. No domingo de manhã, um dos guardas do depósito de quilombolas foi buscar Kaweka à taberna. Porfirio tinha gerido com eles a autorização para que a jovem pudesse comparecer à festa de tambores, e o catalão teve de atender ao seu pedido.

— Todos os escravos têm direito a aproveitar o domingo — argumentou o vigilante perante as queixas de Joan.

— E se escapar?

— E isso a ti que te importa? A escrava não é tua. Mas também não te preocupes — acrescentou num tom condescendente. — Voltaríamos a encontrá-la, e, se não a ela, a outra como ela.

Kaweka e o guarda subiram em silêncio o trajeto que restava até chegarem ao depósito, deixando o catalão à porta da sua taberna, desassossegado, absorto no cálculo das perdas que sofreria o seu negócio se lhe trocassem aquela negra por outra escrava.

— O Porfirio estará ali? — perguntou Kaweka ao vigilante ao compreender para onde se dirigiam.

— O Porfirio e todos os quilombolas — respondeu o guarda —, até os que trabalham no caminho de ferro.

Kaweka parou, surpreendida com a resposta. O outro voltou-se e hesitou em dar-lhe explicações, mas o interesse que Porfirio mostrava para com a escrava talvez o tenha convencido:

— Primeiro há a exposição da existência geral de negros do depósito. Não vamos demorar. Depois já poderás ir dançar e foder com os teus.

Kaweka não quis perguntar a que se referia o guarda com aquilo da exibição, embora não tardasse a entender. Na planície que se abria à frente do depósito, os cerca de duzentos escravos recenseados no estabelecimento formavam em várias filas, e gente de todo o tipo, homens e mulheres bem vestidos, elas protegendo-se do sol caribenho com sombrinhas, assim como negros e mulatos libertos, passeavam tentando reconhecer neles algum que fosse da sua propriedade.

— O teu bufarinheiro morto não te vai reclamar — quis tranquilizá-la o guarda ao notar que Kaweka abrandava o passo, relutante em aproximar-se. — Vai com as mulheres — disse, empurrando-a para um extremo onde se encontrava cerca de uma dezena de escravas que, como ela, deviam ser alugadas para a estabelecimentos comerciais e casas de Havana.

Kaweka pressentia a desgraça, mas não sabia qual era a causa da sua apreensão. Temeria por acaso encontrar o marquês ou Narváez? Não, pensou; isso saberia. Os diabos como ele anunciavam a sua presença, e

ela aprendera a distingui-los, tal como aos espíritos malignos que se colavam entre os ramos de uma ceiba no monte quando os pelos se arrepiavam e a angústia aumentava. Olhou à volta. Uma mulher examinava um negro com atenção enquanto o seu marido negava pacientemente, tentando convencê-la de que não era seu. E se Modesto aparecesse por ali? Seria a intuição da presença do emancipado o que a inquietava? Pensara muitas vezes nisso; reconhecia-o em muitos dos escravos urbanos que se mexiam com a leveza com que ele a deslumbrara. Em Havana havia muitos Modestos, e ela batia no ar com uma das suas mãos, afastava-os e voltava para as suas tarefas. Tinha muito que fazer. Porém, agora fraquejavam-lhe as pernas e não sabia porquê. Descobriu Porfirio um pouco mais adiante, numa outra fila. Permanecia altaneiro; ninguém se aproximava dele. O escravo sentiu-se observado, voltou-se para ela e sorriu-lhe. O sol começava a fazer-se sentir com força. Dois negros chamaram então a atenção de Kaweka. Demorou um instante a reconhecê-los vestidos como libertos: eram dois dos pais de santo que acudiram em auxílio de Gladys, a santeira doente, e que presidiam ao cabildo da nação lucumí de Jesus do Monte. Disse para consigo que talvez fossem eles os causadores daquela perturbação. Lembrou-se dos conselhos de mamã Ambrosia: era melhor não competir com os sacerdotes, não desafiar a sua superioridade; duas atitudes que desprezara desde que decidira mostrar os seus poderes. Os pais de santo reconheceram-na e dirigiram-se a ela. «Por que motivo iam aceitar no cabildo uma mulher que nunca poderia chegar à sua condição, e que apesar disso questionava a sua autoridade?», perguntou-se então Kaweka. Percebeu esse temor nos olhos dos sacerdotes quando estavam a apenas dois passos de distância.

— Essa negra!

O grito soou na planície. Kaweka encolheu-se como se lhe fossem bater. Os pais de santo voltaram-se e as pessoas que estavam mais próximas olharam para ela com curiosidade. Porfirio abandonou a fila e dois guardas aproximaram-se.

Era o doutor Rivaviejo. Ia na companhia de uma senhora vestida com um luxo exagerado e apontava para Kaweka.

— Essa negra...! — repetiu com as feições contraídas. — Essa negra é propriedade do senhor marquês de Santadoma!

Diziam que foram as vinte e cinco chicotadas mais cruéis que se tinham dado em La Merced. O marquês e o seu primogénito, o jovem Ernesto, presenciaram o modo como o chicote de couro de peixe-boi esfolava as costas já marcadas de Kaweka, levando-a quase à morte. Depois meteram-na no cepo, deixando-a com o tornozelo direito preso entre as madeiras, permanentemente sentada no chão, a pão e água. Os escravos rodeavam a zona onde se encontrava, sempre vigiada, embora quase nenhum conseguisse deixar de a olhar pelo canto do olho, e com respeito. Ninguém se pôde aproximar dela, nem sequer mamã Ambrosia, a quem as sentinelas impediram de o fazer à força, afastando-a a chicotadas.

— Amo-te! — gritava-lhe a criouleira sempre que se aproximava.

Mas a sua afilhada, semi-inconsciente, parecia não a ouvir.

O prestígio de Kaweka, porém, chegara ao engenho pela boca dos homens que tinham acompanhado Narváez ao depósito de quilombolas do Cerro para a ir buscar. Ali conheceram a história de Gladys e as de muitos outros negros que tinha curado, e engrandeceram-nas quando regressaram: a escrava gozava do favor dos deuses. Era a eleita.

— Onde estão esses vossos deuses que a protegem? — gritava Narváez ou qualquer um dos seus esbirros ao observarem como pareciam idolatrá-la.

«No seu silêncio», teriam gostado de responder muitos deles. «Na sua força.» «No seu poder», teriam respondido outros. «Na sua obstinação e no seu espírito de luta», podiam ter acrescentado. Chegou um momento em que o maioral tomou consciência de que ter ali a escrava exposta era contraproducente. O exemplo que se pretendia dar com aquele castigo

estava a voltar-se contra eles, e falou disso com o marquês:

— Geralmente queixam-se, choram, suplicam, e os outros escravos começam a desenvolver medo do cepo. Esta bruxa mantém-se firme, senhor. Só bebe, quase não come. Não pede ajuda, e desafia com o olhar as sentinelas.

— E se a pusermos de cabeça para baixo? — sugeriu dom Juan José, consciente, porém, de qual seria a resposta se voltasse a deitar a escrava para a açoitar. — Conseguíamos vergá-la?

— Podíamos matá-la.

— E faríamos dela uma mártir — acrescentou o filho, presente na biblioteca da casa principal do engenho, onde se encontravam reunidos com uns copos de rum envelhecido e uns charutos nas mãos.

— E também não nos convinha que morresse por excesso de pancada — acrescentou o maioral. — Agora é uma negra conhecida. A história do depósito... e a deusa e aquela santeira... Há sempre quem inveje os homens de valor e de fortuna como os senhores. Uma denúncia anónima e talvez se apresentasse aqui, a incomodar-nos, algum síndico desses que defendem os escravos.

— Um síndico? — O marquês riu-se. — Os Santadoma não se deixam intimidar nem pelo capitão geral da ilha!

— Narváez — interveio de novo o primogénito, jovem, ainda que tão arrogante como o pai —, se à escrava não lhe dói o castigo nem no seu corpo nem no seu espírito, poderia doer-lhe se fosse de outra pessoa?

O maioral revirou os olhos e manteve-se pensativo uns instantes até assentir levemente, com a maldade a contorcer-lhe o rosto.

Nessa mesma tarde, os homens de Narváez apareceram com mamã Ambrosia a ser arrastada até ao pátio dos barracões.

— Esta mulher confessou ter ajudado a escrava Regla a fugir do engenho — mentiu um dos capatazes como se necessitasse de uma desculpa para colocar a velha no cepo.

Kaweka fechou os olhos, cada vez com mais força, à medida que o chicote de peixe-boi lacerava as costas da criouleira num silêncio apenas

quebrado pelo respirar de escravos e sentinelas, o assobiar do flagelo a rasgar no ar e os gemidos abafados de uma idosa que mal era capaz de gritar. Depois arrastaram-na até um segundo cepo, onde lhe prenderam o tornozelo inchado entre as duas madeiras, que, por sua vez, prenderam com um cadeado. Kaweka abriu os olhos a tempo de ver como, ao contrário dela, mamã Ambrosia caía de costas depois de procurar apoio nuns braços e cotovelos que pareciam partir como ramos secos. O gemido que surgiu da sua boca confundiu-se com o da sua afilhada. E ali ficou, com o pé para cima, estendida no chão, a soluçar.

Kaweka perguntara por mamã Ambrosia assim que chegara a La Merced, mas não tivera possibilidade de falar com ela. «Narváez tem-na constantemente vigiada», arriscara-se a sussurrar a escrava que lhe levara água à cela de castigo, quando esperava ficar de cabeça para baixo e ir para o cepo.

— Mãe — chamou-a Kaweka ainda antes de os guardas se terem afastado.

Mamã Ambrosia não respondeu. Kaweka voltou a tentar, sem êxito. Esforçou-se por se aproximar e deitou-se sobre a terra, com o braço estendido para lhe conseguir acariciar o rosto, cujos olhos, turvos, a olhavam sem a ver. A mão de Kaweka ficou a dois palmos.

— Aproxima-te — rogou-lhe em sussurros.

A criouleira parecia entregue à morte. Não falava nem comia. Não bebia. Sangrava de uma parte das costas que não tinha sarado. Vomitava quando lhe metiam qualquer coisa na boca.

— Sei que me ouves — dizia-lhe Kaweka. — Sei que estás aí e que me entendes. Responde-me, por favor.

Estava convencida de que mamã Ambrosia estava a simular aquele estado de loucura e inconsciência para a libertar a ela de qualquer responsabilidade, como se quisesse que a desse já como morta. Por isso, ela mantinha-se firme, sem chorar, sem sucumbir perante a dor e a angústia; se mamã Ambrosia resistia, ela não fazia menos, e contava-lhe coisas, da sua fuga, do quilombo, de Yesa, e chamava-a, e cantarolava-

lhe e dizia-lhe que a amava, e chegou até a afagar as pontas de uns dedos velhos e enrugados... Mas não obteve a mínima reação da idosa.

Os cânticos dos negros entristeceram ainda mais o engenho. A maioria dos escravos e trabalhadores escondia o olhar diante daquelas duas mulheres. Decorridos dois dias, até as sentinelas o fizeram. Só Narváez e o filho do marquês paravam uns instantes, diariamente, quando passavam pelo pátio.

— Que mal fez ela? Não é verdade que me ajudou a escapar — recriminou-os Kaweka numa ocasião. — O que querem que faça? — perguntou depois. — Digam a sua senhoria! Soltem-na e eu farei o que me disserem.

— Não. O que vai fazer por nós essa desgraçada? Que sofram — opôs-se o marquês durante o almoço. — Não me importa essa bruxa, ainda que se julgue beneficiada por todo o panteão dos seus deuses pagãos. Um simples beato que nem sequer tenha chegado aos altares da nossa santa Igreja Católica, Apostólica e Romana era capaz de arrasar com todos eles, se é que existe algum. Não, que todos os negros as vejam sofrer. Que esse cepo seja um exemplo real da dor que lhes posso provocar se escaparem, como ela fez, ou se, simplesmente, me provocarem. Aprende, filho! Devem temer-nos!

— Eu amaldiçoo-vos! — gritou Kaweka na visita seguinte dos dois homens, quando ficaram parados a observá-las com displicência. — Que Exu converta o vosso sangue em água pútrida e os vossos órgãos em fezes...

— Cala-te! — ordenou-lhe Narváez.

— Que os espíritos malignos daqueles a quem têm castigado vos persigam dia e noite!

O maioral indicou a um dos seus guardas que a fizesse calar à pancada. O homem hesitou e Kaweka rugiu de medo. Era ela, nenhum deus a possuía.

— A vossa alma penada vagueará por toda a eternidade, e arrastar-se-á miseravelmente entre todas aquelas que escravizaram!

A verdascada no rosto chegou-lhe do filho do marquês.

— Cala-te, cadela! — ordenou-lhe, adiantando-se ao homem de Narváez, que permanecia paralisado a uns passos de distância.

O corpo de Kaweka rodou sobre a perna que tinha presa ao cepo. Voltou-se e cuspiu sangue na direção do Santadoma. O outro não fez tenção de se afastar.

— Morrerão afogados no cuspo dos vossos escravos negros!

Ernesto soltou uma gargalhada diante da ameaça.

— As bruxarias são para os pretos estúpidos — respondeu a Kaweka.

— A vocês só vos serve isto — acrescentou, erguendo o fuste, uma vara dura e flexível que utilizava com os cavalos.

E, para o demonstrar, bateu na velha criouleira, uma, duas, várias vezes, aumentando a sua crueldade a cada verdascada, explodindo de histeria, gritando frases incompreensíveis, atabalhoadamente, derramando sobre ela o ódio e o desprezo que fervilhavam dentro de si como consequência da herança de gerações de escravagistas.

Pela primeira vez desde que a puseram no cepo junto de mamã Ambrosia, Kaweka julgou ver um sorriso nos lábios da idosa antes de cair inconsciente. «És a eleita dos deuses», a voz da criouleira ressoou de forma cativante na cabeça de Kaweka, invadindo o seu ânimo, enfeitiçando-a, libertando-a e levando-a pela mão para o monte, até junto de Yesa, até à ceiba sagrada, muito longe das chicotadas que o jovem Santadoma, cego de raiva, continuava a desferir sobre um corpo já inerte.

Durante a safra, Kaweka comparecia nos canaviais num grupo diferente dos negros e dos outros trabalhadores contratados no engenho. Ela, tal como os que a acompanhavam, andava com dificuldade, arrastando a corrente que unia os seus pés e que os devia impedir de voltarem a fugir. Vigiam-nos com maior zelo, açoitavam-nos sem razão, viviam e dormiam afastados dos outros, e comiam os restos já com bolores do *funche* e a carne seca que os outros lhes davam.

Ambrosia não superou a sova que o filho do marquês lhe dera. Quando

o sangue que emanava do seu nariz se estendeu num charco pela terra, o maioral ousou agarrar o nobre e pôr fim ao castigo. Kaweka continuou atada ao cepo enquanto nessa mesma noite enterravam a sua mãe no cemitério dos negros de La Merced, um simples campo cercado num dos limites onde se erguiam algumas cruzes de madeira cravadas na terra. A história dos cemitérios fora outra guerra ganha pelos sacarocratas à Igreja, no conflito que os colocava entre a evangelização dos negros e o seu maior rendimento laboral. Quando um escravo morria no engenho, tinha de se o levar para a paróquia mais próxima, o que supunha a perda de um dia de trabalho dos que transportavam o corpo, além do pagamento da taxa à igreja e ao pároco. Dez por cento de mortes em cerca de quinhentos homens implicava cinquenta mortes; para carregar a padiola até ao local sagrado, eram necessários quatro negros, o que correspondia a duzentas jornadas completas de trabalho: muito açúcar perdido para enterrar escravos. E se a falecida fosse uma mulher, argumentaram muitos açucareiros, como seria assegurado que se respeitava o seu cadáver? Tal como tinha acontecido com as outras obrigações para com a Igreja, os sacarocratas construíram os seus próprios cemitérios, com o que maximizavam o trabalho dos seus escravos, poupavam despesas e impostos de enterro e, acima de tudo, controlavam os seus próprios mortos, defraudando-os administrativamente ao substituí-los por escravos roubados ou ilegais. Mamã Ambrosia foi enterrada naquele cemitério, sem caixão, sem mortalha, diretamente na terra e pretensamente em segredo, dadas as violentas circunstâncias em que falecera. Não conseguiram o seu propósito perverso. Homens, e sobretudo mulheres e jovens, recordaram uma mulher boa. Kaweka sentiu como as orações de todos eles acompanhavam o espírito já livre da criouleira e inundavam o engenho, e os canaviais, e os montes... e até o céu dos cristãos.

Mas a vida continuava e a cana chegava dos campos a La Merced. O trapiche e a casa das caldeiras funcionavam em pleno rendimento dia e noite, assim como os negros que trabalhavam e cantavam para se

esquecerem de pensar, a quem Kaweka se juntou, na manhã seguinte, depois de o serralheiro martelar sobre as argolas até as prender aos seus tornozelos.

Kaweka movia-se pelo engenho e pelos campos de forma arrastada, mecânica, lenta, sem sequer fazer um gesto quando o chicote caía nas suas costas. Tentara ajudar mamã Ambrosia, mas os deuses não se aproximaram do cepo. Depois da dor pela sua morte, sentiu-se vazia, abandonada. Não encontrava sentido para o caminho percorrido desde que aceitara fugir para a serra junto de Eluma. Primeiro, tinha-se-lhe mostrado o amor, um sentimento desconhecido para ela, e que arruinara ao escapar para a serra. O que havia de verdade em tudo o que o emancipado lhe propusera com a sua compra? No quilombo disseram-lhe que Modesto demonstrara ser dos negros servis que colaboravam com o sistema escravagista, e ela duvidava perante tais afirmações, porque, no fundo, não queria acreditar nelas. Foi ela quem fugiu... e a verdade era que não se arrependia: fizera bem em seguir o pai de santo. Depois Havana, essa cidade colorida e viva, roubara-lhe o seu homem. Depois da primeira decepção, a que a deixou sozinha no quilombo, continuou a lutar pela liberdade dos escravos, e abandonou a filha, e arriscou-se em Havana para acabar por ser capturada e devolvida a La Merced, a apanhar cana, acorrentada, e sem que os deuses a quisessem favorecer com um simples sussurro.

Não tinha acesso aos outros escravos. Carregando todo o dia as correntes, era objeto de permanente vigilância por parte do maioral e dos seus. De que servia todo o calvário sofrido se agora não podia lutar pela liberdade dos escravos? Por isso a tinham abandonado os deuses, porque já não lhes servia, não lhes era útil. A essa preocupação juntou-se o temor por Yesa. Rezava pela filha e rezava para que se cumprisse a maldição que lançara sobre o filho do marquês, o assassino de mamã Ambrosia. Suplicava aos deuses que lhe satisfizessem aqueles dois pedidos.

— Depois podem matar-me — dizia-lhes. — Procurem outra que me substitua, que lute melhor do que eu, mas cuidem da minha menina e

castiguem o amo.

Kaweka sentia-se cansada, fraca e, em certas ocasiões, até doente; nem sequer o soar dos tambores que lhe chegava aos domingos a animava. O marquês estava a conseguir o que pretendia: o seu fim, a sua agonia pública, a sua humilhação perante os outros escravos.

Não tinham decorrido muitos dias desde que Kaweka se abandonara à fatalidade e ao desprezo dos orixás quando apareceu Modesto. A escrava viu-o junto a Cirilo, o cirurgião do engenho, às portas da enfermaria, enquanto ela esperava no pátio dos barracões, na fila do jantar. O emancipado estava vestido de branco, com roupas simples: calças e camisa, sandálias, agora já de couro, sinal da sua prosperidade, e um chapéu de palha. Conversava distraidamente com o outro, mexendo as mãos, deslumbrando com o seu sorriso, até que os gritos dos guardas e o arrastar e tilintar das correntes dos pés do grupo castigado chamaram a sua atenção.

Modesto percorreu então a fila de escravos com um olhar indiferente. Chegou a Kaweka e passou ao largo diante dela, mas uns instantes depois parou e voltou-se sobre os seus passos, negando com a cabeça, boquiaberto e com um olhar perplexo, tentando reconhecer naquela negra suja, triste, esquelética e ferida a mulher a quem pedira em casamento.

Kaweka sentiu uma confusa explosão de emoções no seu interior. No mais profundo do seu ser, ali onde se escondem os desejos inconfessáveis, escondera a esperança de que no dia em que se reencontrasse com Modesto renascesse esse vislumbre de felicidade capaz de iluminar toda uma vida de escravatura. Que tudo tivesse sido uma sucessão de erros, que Gabino tivesse mentido acerca das respostas do emancipado...

Modesto fez um gesto para se aproximar, mas Cirilo deteve-o agarrando-lhe o braço. Conhecia bem Kaweka.

— Se não quiseses ter problemas com sua senhoria, não te aproximes da Regla. — O médico falou num tom suficientemente alto para que Kaweka o ouvisse. — O marquês proibiu que falassem com ela. Já houve

bastante confusão quando fugiu para a serra — acrescentou.

Modesto libertou-se da mão de Cirilo e encaminhou-se para Kaweka, que viu aproximar-se dela um homem que se vestia como os brancos. Baixou o olhar e fixou-o nas bonitas sandálias de couro, e sentiu-se suja, que estava, acorrentada, tolhida pela dor, o seu corpo convertido numa crosta...

Um dos guardas meteu-se no caminho do emancipado.

— Não podes falar com ela.

— É só um momento — alegou ele.

E essa tímida ilusão que se enraizara nuns sentimentos que a razão negara soprava agora na direção de Kaweka quando não era mais do que um despojo humano, uma mulher vencida, um animal sujo e desvalido e, sobretudo, um espírito vazio. Porque se enfurecia com ela o destino? O que podia pensar ele de tal dejetos? Nem sequer contava com o apoio da deusa. As promessas e o quilombo pareciam estar muito longe; mamã Ambrosia estava morta e ela encontrava-se numa fila de escravos acorrentados.

Ergueu o olhar quando Modesto chegou perto dela. «Porque não vieste ter comigo? Porque não me seguiste até ao quilombo?», perguntou-lhe em silêncio. Tudo teria sido diferente. Sim, fora ela quem o abandonara, quem fugira sem lhe dizer nada, mas Iemanjá obrigara-a. «O que resta do amor que me confessaste... se era verdadeiro?»

— Regla...

A sentinela atirou-se sobre Modesto.

— O marquês não permite que ninguém fale com ela. O teu amo e tu estão aqui para curar o dom Ernesto, não para causar problemas. Volta com Rivaviejo para casa.

Kaweka ergueu a cabeça ao ouvir falar da doença do filho do marquês. Esqueceu qualquer receio para com Modesto e voltou a interrogá-lo com o olhar.

— Sim — conseguiu responder este, tentando livrar-se do guarda —, dom Ernesto sofre de uma doença...

— Morrerá — profetizou Kaweka com o que foi o primeiro sorriso que aflorou aos seus lábios em muito tempo; um sorriso cruel e perverso que provocou um arrepio em Modesto, antes de o separarem dela com violência e o empurrarem até à enfermaria.

Kaweka viu-o tropeçar e quase cair em duas ocasiões. Tinham trocado duas palavras que pareciam flutuar no pátio. Modesto desafiara os guardas para se aproximar dela. O que lhe queria dizer? Olhou para os seus pés sujos, os seus tornozelos feridos pelas grilhetas, as crostas de sangue, e lembrou-se das toscas sandálias de folhas de palma que Modesto calçava quando o conheceu. Tinha prosperado; era impossível que sentisse por ela alguma coisa que não fosse compaixão.

Aquela sensação acompanhou-a todo o dia, até que à noite, no chão de um lugar separado dos quartos do resto dos escravos, onde viviam os condenados, Kaweka centrou-se nos comentários que já corriam pelo engenho:

— O filho do marquês está doente.

— Qual deles?

— O mais velho.

— Filho da puta!

— Pensavam que não era nada, umas febres, mas parece que não baixam...

— Dizem que está assim há vários dias.

— Pois que morra!

— O marquês mandou trazer vários médicos.

As especulações e os desejos de uma doença trágica sucederam-se na escuridão até que o guarda os mandou calar; porém, não conseguiu serenar o furor que despertara no espírito de Kaweka e que, intercalado com o impacto da presença de Modesto, a fazia recordar mamã Ambrosia e a morte absurda e cruel que lhe provocara o filho do marquês.

— Iemanjá, voltaste? — perguntou num sussurro.

Na manhã seguinte, as nove badaladas do toque das ave-marias com que acordavam os escravos para iniciarem os trabalhos no campo

mudaram para um repique constante, insistente, uma hora antes da usual, pelo que aqueles que tinham trabalhado na contrafaina quase não tiveram oportunidade de se deitarem nos seus catres.

— Morreu — especulou uma mulher.

— Não teremos essa sorte — respondeu outro.

Não a tiveram, mas foi-lhes dada a oportunidade de rezarem pela sua cura. Em frente das cozinhas, ali onde se colocavam as mesas para distribuir a comida, instalou-se um altar, como no Natal ou nas poucas ocasiões em que o marquês permitia que as celebrações religiosas roubassem tempo ao trabalho. As centenas de escravos foram obrigadas a formar filas e a participarem na liturgia. Com os negros, os empregados do engenho alinharam-se, circunspectos, junto dos brancos. Modesto não se encontrava entre eles. Estaria a trabalhar na casa principal, pensou Kaweka. Também não havia ninguém da família. Os negros ergueram as suas preces e comungaram pela mão de dom Julián, o sacerdote do engenho. Recitaram de novo as orações para as melhoras do filho do marquês, apesar de, no seu íntimo, muitos rezarem realmente pela sua morte e por uma agonia dolorosa. Depois deram-lhes a sua dose de aguardente e mandaram-nos para o canavial.

Durante os dias seguintes, as janelas, os jardins e os caminhos de acesso à grande casa principal, situada no alto de uma pequena colina que dominava o engenho, permaneceram sempre iluminados. Os cânticos dos escravos enquanto trabalhavam versavam agora sobre a recuperação de Ernesto.

— Que vos ouçam desde a casa! — exigiam-lhes os guardas fazendo estalar os seus chicotes.

E um deles erguia a voz rogando pela sua recuperação, até que os outros, em coro, lhe respondiam suplicando aos santos.

— Que o dom Ernesto se console com as vossas preces! Tem de vos ouvir!

A casa estava longe, por isso a gritaria aumentou. Kaweka cantava com eles.

— Mata-o! — rogava por entre o alvoroço.

Houve mais missas. Mais orações. Múltiplas idas e vindas à casa dos amos. Um desfile de carruagens e cavalos que entravam e saíam. A tensão era palpável nos rostos permanentemente contraídos do maioral, dos cozinheiros, dos guardas... Ninguém queria imaginar a reação do marquês no caso de o seu herdeiro não superar a doença, e esses medos transferiam-se para os escravos com gritos e chicotadas.

Um dia, depois de uma dessas missas, Narváez agarrou Kaweka pelo braço e arrastou-a para longe dos outros.

— Tu amaldiçoaste o rapaz! — acusou-a.

Não se atrevia a falar disso com o marquês. Dom Ernesto voltara a zombar daquela possibilidade quando lhe comunicaram a morte de mamã Ambrosia, e proibira expressamente o maioral de, na presença do pai, fazer qualquer referência à maldição. «A velha morreu como exemplo para os outros. Não foi isso que pediu o meu pai? Não tinha utilidade alguma e só dava problemas», murmurara por entre dentes. «Não misturemos isto com questões de bruxaria. São disparates! Os católicos não podem alimentar crenças selvagens. Por isso, fazem-no os nossos escravos: pela sua ignorância, pela sua irreverência e pela sua estupidez, porque são inferiores a nós.» Mas a saúde de dom Ernesto piorava e os maus agouros da escrava corroíam o maioral, que não parava de se perguntar se se devia abrir com o marquês. Ignorava se havia alguma coisa de verdadeiro em todas aquelas crenças. Narváez não era capaz de negar a existência de uma certa magia em tudo o que rodeava as práticas esotéricas dos negros, e também relativamente às dos chineses do engenho, embora estes fossem muito mais reservados e ocultassem os seus métodos e processos. Os brancos sabiam do mundo fantástico dos negros, mas a maioria deles, como o amo, viviam-no à distância. Narváez não, ele levava toda a vida a trabalhar com negros. Já o seu pai o fizera, e também o seu avô.

Excetuando as orgias dos domingos e os momentos de alienação que os escravos alcançavam nessas festas, o certo era que ao longo dos anos

presenciara situações para as quais não encontrava uma explicação racional. A magia era estranha, alheia às crenças cristãs, mas nos temas relacionados com a cura, quer fosse no campo quer nos engenhos ou inclusivamente nas cidades, eram muitos os brancos que confiavam ou pelo menos conciliavam o conhecimento dos médicos tradicionais com os tratamentos dos negros. Narváez, os seus, os seus homens, as famílias de todos eles tinham ido a santeiros e curandeiras em busca de ajuda.

— Dom Ernesto... sofre da tua maldição? — decidiu perguntar a Kaweka. — Responde! — exigiu-lhe, sacudindo-a perante o seu silêncio.

O colar de contas azuis e brancas que a escrava escondia por baixo da camisa esteve prestes a escapar-lhe pelo decote. Só se via um cordão fino e gasto à volta do pescoço; as escassas contas acumulavam-se à altura dos seus seios. Refizera-o depois de saber da doença do filho do marquês e alegrou-se ao verificar que apenas perdera duas contas brancas, que contava substituir. O calor do colar sobre o seu peito apontou-lhe a resposta.

— Ambrosia reclama a alma do teu senhor; é ela quem o persegue. E eu vou fazer o mesmo com a tua. E afundar-nos-emos nos lamaçais putrefactos e pestilentos desta ilha. Jamais, ao longo da eternidade, voltarão a respirar uma lufada de ar limpo e fresco.

Era um palacete retangular de dois pisos construído em alvenaria, ao estilo renascentista italiano, com amplos átrios ajardinados em diferentes níveis. Os interiores eram luxuosos, feitos à base de mármore e madeiras nobres, com grandes janelas que, noutras circunstâncias, dariam passagem a uma abundante luz das Caraíbas. Agora estava tudo na penumbra, como o quatinho anexo às cozinhas onde Narváez mandou encerrar Kaweka.

Na casa só se esperava a morte do primogénito. Aos pés da cama, no seu quarto, tinham-se instalado vários candelabros que iluminavam o lugar. A voz do padre Julián soava com força por cima da de um sacerdote jovem e das de dois acólitos, enquanto, posicionados num lado

do leito, todos rezavam preparando a passagem para o outro mundo. Em frente deles, respondendo às suas ladainhas, benzendo-se, passando as contas dos rosários, e desfeitas em lágrimas, estavam as mulheres da casa: dona Presentación, a mãe de Ernesto; a irmã mais nova; duas tias velhas e algumas amigas da família. Todas já vestidas de luto, num ambiente opressor, escuro, viciado pela mistura do fedor que se soltava do doente com o da cera aromática das velas e outras ervas que se queimavam.

Numa esquina do quarto, como se já tivessem terminado as suas funções, encontravam-se o doutor Rivaviejo e outros médicos chegados de Havana e de Matanzas. Permaneciam em silêncio, resignados ao inevitável.

O marquês de Santadoma e os seus outros dois filhos varões chegavam e saíam do lugar, abatidos, ainda que bem vestidos, tentando manter a postura inclusivamente naquelas circunstâncias. Lá fora, no corredor e no patamar da magnífica escada que descia para o piso principal, nas salas, na biblioteca e nas cozinhas, reuniam-se amigos e vizinhos que cochichavam à espera do desenlace fatal, enquanto os escravos domésticos deslizavam sem fazer barulho, oferecendo bebidas, e algumas negras choravam desconsoladas.

O maioral juntou-se às pessoas que se amontoavam no corredor, chegou até ao quarto e chamou a atenção do marquês.

— Não estou para trivialidades, Narváez — avisou-o Santadoma quando o tinha a seu lado.

— Poderá não o ser, senhoria — respondeu este, atrevendo-se a enfrentar o olhar do dono de La Merced.

Os gritos de dom Julián ressoaram em todo o palacete.

— É uma heresia! Ernesto morrerá em pecado!

— Ernesto não pode pecar, carece de vontade, padre — replicou o marquês, voltando a apontar para a porta, convidando o sacerdote a sair.

— Por favor, Juan José — intercedeu a sua mulher.

— Conformas-te em ver morrer o teu filho?

Esposa e sacerdote responderam ao mesmo tempo:

— Nosso Senhor assim o quer.

— É a vontade de Deus.

— Mas não é a vontade do marquês de Santadoma! — gritou este.

— Blasfémia! — repreendeu-o dom Julián.

Dona Presentación benzeu-se antes de levar as mãos ao rosto.

As pessoas que estavam no interior do quarto estavam trastornadas. Kaweka permanecia quieta na porta, junto de Modesto, que Rivaviejo mandara chamar assim que o marquês lhe anunciara que a escrava, sacerdotisa da regra de Ocha, livraria o seu herdeiro do mal que o torturava e o levava para a morte. Os do corredor debatiam-se para se aproximarem e os do piso de baixo tinham subido ou perguntavam da escada. As mulheres do quarto empalideceram, horrorizadas com a disputa, enquanto os médicos se interrogavam entre si.

— Sim, padre — respondeu então dom Juan José —, blasfemo. Assumo o meu pecado... Assumo todos os que cometer a partir de agora! Reze para que não morra antes de me arrepender deles.

— Mas são rituais de negros... Deuses pagãos! — insistiu o sacerdote.

— Deuses a quem vocês permitem que todos os negros venerem! Deuses que, com o seu conhecimento e consentimento, se equiparam aos nossos santos!

— Não... — tentou interrompê-lo o sacerdote.

— Cale-se! — ordenou-lhe o marquês. — Adoram-nos nas suas igrejas! Na sua própria igreja! Vai negá-lo?! — Dom Julián vacilou, e o nobre aproveitou esse momento de hesitação para o mandar embora: — Fora! Não intervenha mais!

— Em qualquer caso — apontou para um dos médicos, que arcou talvez com a responsabilidade por se tratar do de idade mais avançada —, a medicina dos negros não é suficientemente avançada para...

O marquês impôs silêncio com um gesto no ar.

— Querem voltar a experimentar? — desafiou-o. — O que sugerem?

Fazer-lhe mais sangrias? Dar-lhe mais medicamentos? Torturá-lo ainda mais? Ontem condenaram-no à morte, disseram que a ciência já nada podia fazer por ele.

— Mas Deus, sim — respondeu dom Julián, que se mostrava relutante em sair do quarto.

— É possível, padre — concedeu, para sua surpresa, dom Juan José —, mas não julgo que importe a Nosso Senhor que vocês estejam ou não presentes junto a Ele para obrar esse milagre. Portanto, deixem-mo aqui e desçam até à capela e rezem, rezem tudo o que puderem — acrescentou, voltando a apontar para a porta. — Pagar-lhe-ei, dom Julián. Pagar-lhe-ei mil vezes mais do que o habitual por cada oração que dedicar ao meu filho. Construir-lhe-ei uma igreja nova, com um sacrário de ouro. E vocês — exigiu, dirigindo-se à sua esposa e às restantes mulheres —, acompanhem-no, finquem os joelhos na terra e rezem por Ernesto!

Terminou o seu discurso fazendo um gesto a Narváez, que agarrou o sacerdote pelo braço para o acompanhar até à porta, embora este se tenha livrado do seu aperto violentamente e se tenha erguido, tentando recuperar a sua dignidade insultada.

— Enganas-te — recriminou-o a esposa ao passar a seu lado. — O teu filho merece morrer no consolo de Deus.

— Não entendes, mulher. O meu filho não merece morrer! — O marquês cuspiu as palavras a escassos centímetros do seu rosto. — Estão todas atordoadas pelas doutrinas destes... destas baratas pretas — acrescentou, apontando para o sacerdote antes de voltar a cravar o olhar em dona Presentación. — De que serviram as tuas orações e as tuas missas diárias? A tua circunspeção, o teu recato e as tuas obras pias? Onde está agora o teu Jesus Cristo! Não há Deus no universo que tenha o direito de me tirar o meu filho, e se, para o evitar, tiver de renunciar a Ele e crer ou submeter-me a outros deuses, quer sejam negros ou chineses, não tenhas dúvidas de que o farei. Inclusivamente ao próprio demónio, se necessário! E agora saiam! — ordenou. — Vocês também! — gritou aos médicos, que se apressaram a obedecer atrás das mulheres e dos seus

outros dois filhos mais novos. Enquanto uns saíam, Narváez empurrou Kaweka para dentro da divisão. Dom Julián e a marquesa benzeram-se ao cruzarem-se com ela. Três dos homens do maioral entraram também, juntamente com alguns dos escravos domésticos: várias mulheres com a cabeça coberta com lenços, um velho de cabelo grisalho e três meninos. Modesto aproveitou o momento para se juntar ao grupo.

— Vamos rezar aos vossos deuses — anunciou dom Juan José. No quarto só restavam já os escravos negros, o doente, o marquês e os seus homens. — Tu — dirigiu-se então a Kaweka —, é verdade que lançaste uma maldição contra o meu filho? Narváez disse...

— Sim — admitiu Kaweka para surpresa do nobre, convencido de que a escrava o negaria na sua presença. — E contra ele também — acrescentou apontando para Narváez.

Amo e escrava desafiaram-se. Dom Juan José de Santadoma reconheceu então naquele corpo maltratado um espírito difícil de quebrar e decidiu que não fazia sentido aprofundar as suas razões ou os seus motivos.

— Podes curá-lo?

— Isso dependerá dos deuses.

— Por acaso são mais poderosos que o Deus cristão?

A escrava encolheu os ombros antes de replicar:

— Ele pôde curá-lo?

— Se conseguires que o meu filho viva, conceder-te-ei a liberdade, a ti e à tua família... e a outros dez escravos que designes a teu arbítrio, e far-te-ei suficientemente rica para que não tenham o menor problema. Também ficarão livres todos os outros negros que aqui estão, assim como as suas famílias.

Kaweka dirigiu-se à cabeceira do leito perante a expectativa dos outros escravos. O jovem soberbo e arrogante que pouco tempo antes espancara até à morte mamã Ambrosia jazia ali, pálido, esquelético, com a respiração sibilante, os olhos afundados nas órbitas e os lábios gretados. As almas dos espíritos malignos que rondavam aquela cama acariciaram

a pele de Kaweka.

Desviou o olhar para os escravos que se amontoavam no quarto e descobriu Modesto, momento em que esboçou um sorriso tão cruel e perverso como o que lhe dirigira no pátio, antes de o guarda o empurrar, quando pressagiou a morte do filho do marquês. O emancipado entendeu a mensagem que aquele sorriso encerrava: Ernesto de Santadoma ia morrer. Kaweka viu-o hesitar, mexer-se inquieto sobre os pés, e perguntou-se se pretendia que salvasse o nobre e, talvez, ganhar assim a liberdade prometida pelo marquês. A sua e a de outros dez escravos com as suas famílias. Eram muitos homens e mulheres a troco da vida de um miserável que a perderia um pouco mais tarde, provavelmente bêbedo, arrogante, em algum estúpido lance de honra ou amoroso, talvez por dinheiro... Talvez a deusa pudesse adiar essa morte durante um tempo para beneficiar os seus.

O marquês adivinhou a sua hesitação e voltou a tomar a palavra:

— Mas, se não o conseguires, morrerás. E eles também — acrescentou apontando para eles.

E como se quisesse demonstrar a veracidade da sua ameaça, fez um sinal a Narváez, que puxou pelo punhal do seu cinto e, de repente, degolou uma das mulheres. A escrava caiu sobre uma bela carpete que recebeu o fluxo de sangue que emanava do seu pescoço. Os outros gritaram e tentaram fugir. Narváez e os seus homens empunharam as suas armas e bateram-lhes até os conseguirem dominar e subjugar. Do lado de fora batiam na porta, a perguntarem a que se deviam os gritos.

— Não te admires — avisou-a o marquês perante o ódio que transmitiu Kaweka depois de verificar que pouco se podia fazer para evitar que aquela mulher se esvaísse em sangue, a mesma conclusão a que todos devem ter chegado, uma vez que ninguém acudiu em seu auxílio. — Foste tu quem trouxe a morte a este lugar — continuou o nobre, que enfatizava as suas acusações falando com uma lentidão exagerada. — Foste tu quem a chamou. Só tu és responsável pelo que acontecer.

«Não», evitou rebater a escrava. O que ia acontecer naquele quarto era o resultado de anos de violência e de injustiças, de opressão e de escravatura. Centrou a sua atenção no jovem que agonizava e, de repente, apoiou a mão sobre o seu peito. O marquês, os seus e os escravos esticaram o pescoço para verem bem o que fazia, mas Kaweka limitou-se a arrancar dois pequenos botões brancos redondos de madrepérola da camisa de dormir do doente. Alheia a tudo, tirou o colar de contas, desfez o nó da corda, tirou as contas já sem alguma cor e reordenou-as com parcimónia, colocando alternadamente uma branca e uma azul até contar sete de cada cor. Depois ergueu-o no ar, sentiu o seu poder, o seu calor, e colocou-o sobre o peito do doente.

O filho do marquês emitiu um queixume, forte, uma mostra de vida que levou o pai aos pés da cama.

Kaweka procurava a deusa.

— Cantem — pediu aos escravos.

Nenhum foi capaz de o fazer.

— Cantem! — exigiu aos gritos o marquês.

Um simples rumor monótono surgiu daquelas gargantas assustadas. Kaweka não queria dar ao marquês a oportunidade de voltar a intervir para dar ordens aos negros: aquela era a sua cerimónia... Mas necessitava de mais, muito mais. Os espíritos agitavam-se inquietos, sentia-os confusos, e a deusa parecia distante. Ela própria pegou na imagem de uma Virgem do tamanho da sua mão, talhada em madeira, que fracassara na sua tarefa de proteger o doente na sua mesa de cabeceira. Com ela na mão, começou a bater sobre a cabeceira da cama, como se fosse uma música, ritmicamente. Uma das escravas acompanhou-a com palmas. O velho também encontrou alguma coisa para bater: duas caixinhas de madeira entalhada.

O ritmo aumentou. Os cânticos não eram como os que escravos entoavam nos canaviais, submissos e repetitivos, em castelhano; estes eram os que se recitavam nas festas de tambores, frenéticos, em língua lucumí, invocando os deuses, rogando a sua presença, o primeiro deles

dirigido a Eleguá. O quarto retumbava. Alguém continuava a bater na porta do lado do corredor. Kaweka, esquelética, suja, com o cabelo emaranhado e uma camisa toda rasgada, com os tornozelos ulcerados e sangrentos dos grilhões que lhe tinham tirado para a apresentarem na casa principal, pareceu crescer, preencher-se. O marquês, transpirado, ao ver que o filho tremia, agarrou-se à trave dos pés do leito.

Kaweka cantava e tocava com as contas, sentia a deusa dentro de si, mas, como se não quisesse ser ela a decidir, esta permitiu a consciência da negra, concedendo-lhe o poder sobre a vida ou a morte daquele homem. Uma das crianças escravas, uma dessas que todas as noites dormiria encolhida no vão da porta da senhora que lhe tivesse sido atribuída, dançou, gritou e contorceu-se até uns limites nunca imaginados, já possuída por algum deus. Kaweka sorriu; estavam com eles. Os restantes negros intensificaram os seus cânticos, palmas e batidas. Narváez e os seus não sabiam para onde olhar. Modesto permanecia imóvel num canto do quarto.

A deusa bateu com força no interior de Kaweka. Magoou-a no peito, no ventre, na cabeça. Iemanjá perguntava-lhe e ela só tinha uma resposta: morte. As batidas recordavam-lhe as consequências da sua decisão para com os negros daquele quarto, e, de cada vez que Iemanjá insistia com violência inusitada na sua pergunta, Kaweka respondia-lhe com o mesmo vigor. A força da disputa penetrou no espírito do filho do marquês, que, às portas do inferno, tomou consciência de que era uma escrava negra, miserável, que estava a decidir o seu destino eterno, e ergueu-se na cama, os olhos abertos cravados no pai, os braços estendidos a suplicarem ajuda.

O marquês gritou e levou as mãos ao rosto. Um dos homens de Narváez caiu ao chão de joelhos e benzeu-se várias vezes, rezando. Os escravos não abrandavam o seu frenesi. A porta vibrava nas dobradiças. Kaweka sorriu para a deusa, que aceitou a sua decisão e deslizou vigorosa no seu interior, ocupando de forma explosiva cada canto do seu ser. Então, a escrava cuspiu no rosto de Ernesto de Santadoma, e este

começou a entrar em convulsões.

Nesse momento, a porta do quarto rebentou e um bando de gente, encabeçado pelo sacerdote e por dona Presentación, precipitou-se para o interior do quarto, a tempo de presenciar as últimas convulsões do doente antes de morrer. Mãe e padre lançaram-se sobre o jovem. Tarde. Dom Julián traçou no ar o sinal da cruz. Tarde. Dona Presentación inclinou-se sobre o filho para o beijar, o chamar e lhe abanar a cabeça com a vã intenção de o ressuscitar. Na sua perturbação, viu o colar de contas que ainda repousava sobre o peito do cadáver e, com ele na mão, lançou-se contra Kaweka, a quem, entre lágrimas, insultou, arranhou e bateu. A escrava ainda se encontrava em transe e nem sequer se tentou defender das bofetadas da mulher. Os outros fizeram os possíveis para controlarem a cena que se dava naquele lugar, mas custava-lhes dominar a criança possuída.

— Estás satisfeito?! — gritou dona Presentación, desviando o seu ímpeto de raiva para o marido, que se encontrava encolhido e pálido, ajoelhado aos pés da cama. — O meu filho morreu em pecado, longe de Deus. Longe da mãe. Sem o conforto...

O marquês não prestou atenção à mulher, que continuou aos gritos a recriminá-lo.

— Mata-a! — ordenou a Narváez num tom agonizante. — Mata-os a todos!

— Mais mortes? — repudiou dom Julián, apontando para a negra que jazia num charco de sangue.

Por um momento, o sacerdote arrependeu-se da sua réplica, pois sabia que o marquês não era homem que aceitasse reprovações. Este pareceu reagir às palavras do padre e ergueu-se. Nobre e sacerdote enfrentaram-se com o olhar. Ernesto, a quem ele próprio batizara, acabara de falecer assistido por uma feiticeira, e isso fervilhava no interior de dom Julián. Não podia permitir que aquele homem continuasse a manifestar a sua arrogante blasfémia.

— Pretende transformar a morte do seu filho numa carnificina? —

perguntou. — É assim que sua senhoria deseja ser recordado? Transitará com esse sangue para a eternidade. Quer torná-lo responsável por estas mortes aos olhos de Deus? Abandonamos a imagem do sorriso de Ernesto? — O marquês baixou os olhos e dom Julián soube-se vencedor do lance. Só nessa altura suavizou o tom. — Jesus Cristo não quer mais dor. O pecado não se combate com a violência, mas sim com a verdade, e a Verdade é Ele. A doença do seu filho turvou a razão de sua senhoria. Todos o vimos. É humano; ninguém o recriminará, e muito menos Nosso Senhor, que conheceu a dor da crucificação do próprio filho. Arrependa-se, dom Juan José. Deus é misericordioso para com os que seguem o Seu caminho, ainda que em certas ocasiões se desviem. Arrependamo-nos todos e rezemos pela alma de Ernesto... Isso é o que Ele espera que façamos.

Obedecendo a um gesto do sacerdote, os escravos que se encontravam no quarto deslizaram rapidamente até à porta. Kaweka, no entanto, permaneceu quieta na cabeceira da cama, aturdida, ainda enfeitiçada. Narváez dirigiu-se a ela. Dona Presentación voltou a esbofeteá-la e a insultá-la enquanto o outro a empurrava na direção da porta. Amo e maioral cruzaram um olhar que sentenciava a vida da escrava.

Já era de noite. No engenho voltavam a ouvir-se os cânticos lúgubres dos escravos durante o seu trabalho. Narváez arrastou uma Kaweka ainda em transe até ao cemitério dos negros de La Merced. Entraram no cemitério e o maioral obrigou-a a parar, caindo de joelhos. Depois apontou à cabeça dela a pistola que levava.

— Julga que assim se livrará da maldição?

A voz, clara, elevada, ergueu-se por cima do rumor que chegava das instalações fabris do engenho. Narváez, sem deixar de apontar para Kaweka, voltou-se e deu de caras com Modesto, que os seguira depois de perceber o olhar que o marquês e o seu fiel maioral tinham cruzado.

— O que fazes tu aqui? Também queres morrer?

— Não. Só o quero ajudar.

— Afasta-te! — exigiu-lhe Narváez, apontando a pistola para ele.

Modesto obedeceu e retrocedeu dois passos.

O maioral dispôs-se a enfrentar de novo Kaweka, mas a voz do emancipado interrompeu-o outra vez:

— Pretende matar uma deusa negra? Não vê que a rapariga ainda está possuída? — A hesitação que Modesto percebeu na atitude de Narváez incitou-o a prosseguir: — O senhor também está amaldiçoado, isso disse a escrava. Já viu a terrível morte do menino Ernesto. Matando-a a ela só conseguirá irritar ainda mais os deuses. O senhor...

— Cala-te!

Modesto sabia que não o devia fazer.

— Ouça, os nobres não creem no poder dos deuses negros, escarnecem deles, mas o senhor vivenciou-o devido ao contacto que tem tido com os escravos. Conhece o bem... e o mal que podem causar. — Narváez acabara de presenciar mais um episódio dos que o inquietavam no mundo da magia dos negros, e não tinha a menor dúvida do poder que aquela escrava possuía. — Se a matar — avisou Modesto, interrompendo os seus pensamentos —, ninguém poderá quebrar a sua maldição.

— Há pais de santo que o fazem.

— Quando aquele que recebeu a maldição assassinou uma sacerdotisa com a deusa no seu interior? — O emancipado soltou uma gargalhada sarcástica. — Esqueça. O senhor e os seus sofrerão muito mais do que qualquer outro — pressagiu.

A lua iluminava o cemitério. Entre cruzeiros e montinhos cobertos de pedras, Kaweka permanecia quieta, ausente, e o maioral, com a pistola já rendida, refletia acerca das palavras do emancipado, indeciso, com o medo a torturar os seus músculos.

Modesto estava consciente da situação e de que tinha de oferecer uma saída ao homem.

— Ninguém saberá nunca — garantiu-lhe. — Cavarei uma sepultura para que todos pensem que cumpriu a sua missão. Levarei a Regla para

longe. Mudará de nome...

— Primeiro, que retire a maldição...

— Para a matar depois?

Narváez mudou outra vez de postura e ergueu-se sobre Modesto.

— Que garantia teria de que me libertará da maldição se a deixar viver?

— A dos deuses — mentiu Modesto. — A dela. A minha. O senhor conhece-me porque venho ao engenho com frequência. Pode localizar-me facilmente em Havana e dar ordem para me matarem se começar a notar qualquer sintoma da maldição.

— Que me jure a bruxa — exigiu o maioral encarando Kaweka. — Que levante a maldição, que faça o que tiver de...

Sem receber autorização para o fazer, Modesto aproximou-se no preciso momento em que Kaweka começava a respirar de forma agitada. O arfar tornou-se um rosar surdo, bestial, que foi acompanhado por um estrondo sobre a terra. Modesto e Narváez procuraram na noite a origem do som até que, num instante, se viram rodeados por vários mastins que rosnavam como a escrava, com as mandíbulas abertas e os caninos brancos a brilharem na escuridão.

— De acordo — acedeu o maioral de forma precipitada.

Havana, Cuba
Fevereiro de 2018

Drogaram-me.

— De certeza! — concordou Sara.

— Deram-me alguma coisa para beber — insistiu Lita.

— Falavam de *santería* e magia e de todas essas coisas — comentou Elena.

Tomaram o pequeno-almoço na esplanada do hotel, com o mar como cenário. Lita dormira todo o dia depois dos sedativos lhe terem surtido efeito e levantara-se animada, com um apetite que saciava sem moderação. As suas duas amigas tinham concluído que não lhe podiam esconder as causas a que Pedro e os seus atribuíam àquele comportamento anómalo na igreja da Virgem de Regla, e, para alegria de ambas, a resposta de Lita dissipou qualquer temor.

— Bruxaria? — escarneceu. — Aqui estão todos malucos ou bêbedos!

A diversão regressava. Pedro esperava-as junto ao carro. Não mencionou o sucedido, e, se tinha intenção de o fazer, os olhares e algum ou outro gesto por parte de Elena ou de Sara foram suficientemente expressivos para que se mantivesse em silêncio durante o trajeto até à praia. Elas apanharam sol, tomaram banho e comeram peixe numa barraquinha, que tiveram de pagar do seu bolso, pois aquele mulato não sabia nada de acordos com o hotel. Apesar de o ambiente ser

maravilhoso, aquela barraquinha não podia competir com qualquer uma das que se erguiam ao longo das praias espanholas, mas beberam o suficiente para dormirem uma sesta a meio da tarde e assim descansarem para outra noite de borga.

— Vamos ver se hoje nós também engatamos alguém — disse Elena, dirigindo-se a Sara em tom de brincadeira, enquanto, no elevador, combinavam a hora a que sairiam para jantar.

— Eu posso apresentar-vos o rapaz...

— Gravaste alguma coisa? — inquiriu Elena.

— Empristas-nos o rapaz? — perguntou Lita, estranhando.

— Se gravei, é privado — respondeu Sara, e depois, olhando para Lita, acrescentou: — Sim, empresto-o, tive mais do que suficiente. Saio de cena — acrescentou com um simpático gesto de mãos. — Além disso, viemos para cá para nos divertirmos, não para dar quecas. Para isso não é preciso sair de Madrid.

— Mas se o dividirmos... — acrescentou Elena.

— A Sara tem razão — disse a outra.

— Pois. Como ela já está satisfeita...

— Muito bem — reconheceu Sara —, mas enganei-me. Miúdas, temos de aproveitar tudo isto. *Full credit!* — Aquela expressão com que o porteiro do hotel as recebeu no primeiro dia tornara-se um lema para as três amigas. — É como um sonho! Não podemos perder tempo no engate. Insisto: isso faremos depois em Madrid.

E, entre gargalhadas, encaminharam-se para os seus respetivos quartos. Nessa noite quiseram compensar a anterior, desperdiçada com uma sandes e uma cerveja no quarto enquanto controlavam o sono de Lita, e escolheram um restaurante que era vendido como um dos melhores de Havana. Um edifício colonial de apartamentos, no centro histórico, reabilitado, com a fachada de alvenaria em tons ocre e com as grades de ferro forjado das varandas recuperadas. Cozinha à vista e um interior moderno, iluminado. Os dois pisos davam para a rua e dispunham de grandes janelas; o pessoal era simpático e atento. Atreveram-se a

experimentar a comida cubana: feijão preto, *ajiaco* e roupa-velha. E vinho, muito vinho, para ajudar a digerir tanta carne e legumes guisados. Conversavam e riam quando um mulato com uma certa idade, bem vestido — camisa bege e calças brancas, de mesma cor dos sapatos, e um chapéu de palha, que rodava com lentidão entre as mãos —, se aproximou da mesa delas.

— Importam-se que me sente? — Tinha um sorriso sedutor, como o de muita daquela gente, pensou Lita, enquanto procurava Pedro com o olhar, que costumava vigiar quem as abordava. O motorista acenou-lhe com a cabeça, numa esquina, como que a aprovar a aproximação. — O Pedro é um bom amigo — explicou o recém-chegado.

— Nesse caso... — disse Elena, oferecendo-lhe a cadeira que se mantinha vazia na mesa de quatro.

Raúl, foi assim que se apresentou o homem, recusou a sobremesa de chocolate que naquele momento as raparigas estavam a partilhar, mas aceitou um copo de rum que um empregado lhe serviu sem que ele o tivesse pedido.

— Conhecem as suas preferências aqui — brincou Lita.

— Sim. — Raúl enfeitiçou-as com um novo sorriso. — É estranho que três mulheres lindas como vocês só aproveitem a companhia de um velho como eu. E porque me aproximei — acrescentou entre os risos delas. — A juventude deste país está... distraída.

Continuou a galanteá-las e a bajulá-las. Interessou-se por elas. Contou-lhes algumas curiosidades do local e, em seguida, envolveu-as numa conversa animada e agradável que se alastrou à cidade, às suas festas, às suas gentes e às suas virtudes e carências. Elas intervieram, fizeram perguntas e surpreenderam-se com algumas histórias... Até que chegou um momento em que a conversa cessou.

Raúl continuara com o rum: *Havana Club*, *añejo*, sete anos; elas tinham decidido misturá-lo com *mojitos*. Os copos serviram-lhes de desculpa para superarem o silêncio. A noite havanesa invadia já o estabelecimento sob a forma de vozes e ruídos que chegavam do exterior,

junto com a música da rua e uma calidez embriagante. De repente, Elena inclinou-se um pouco sobre a mesa e abriu as mãos mostrando as palmas, como se estivesse a pedir explicações a esse homem que se juntara ao grupo por iniciativa própria.

— Queres que tas leia? — perguntou ele, pegando-lhe numa.

Raúl acabara de tratá-las por tu.

— Está a tentar engatar-nos? — inquiriu Lita diretamente.

— Por um instante isso passou-me pela cabeça — respondeu, sorrindo —, mas não me atrevo. Não saberia o que fazer com tanta juventude e beleza.

— Então?

— Não será daqueles que nos querem vender alguma coisa ou levar-nos a algum sítio? — perguntou Sara, meio a sério.

— Se calhar, pretende raptar-nos... — disse Elena num tom brincalhão.

— Vamos por partes — respondeu ele. — É verdade que vos quero vender algo. Havana, a sua festa, a sua gente, e, se quiserem, posso recomendar-vos alguns sítios que, pelo que me disse o Pedro, vocês gostarão, locais onde podem aproveitar... Eu já estou velho para vos acompanhar. E também quero raptar-vos, sim, embora seja só a uma de vocês. A ti — acrescentou, dirigindo-se a Lita.

— Não é a mais bonita — brincou Sara.

— Não as preferem branquinhas como nós? — perguntou Elena. — Aqui têm mulatas de sobra...

— Mas faltam-nos sacerdotisas — afirmou o homem com uma seriedade inédita até esse momento.

— Não! — replicou Lita alongando o ditongo. — Não. Nem pensar...

— Espera — interrompeu-a Raúl, numa tentativa de se explicar —, não te sintas obrigada a nada...

— Era o que faltava! — protestou ela.

— Olha — prosseguiu o homem num tom sereno, tentando apaziguá-la —, o que aconteceu ontem na ermida há muito tempo que não se via:

uma descida do santo com essa força, com esse poder... Com essa presença!

— Estava drogada — acudiu Elena em defesa da amiga.

— Sim — admitiu Raúl —, por Iemanjá. Não há droga mais potente.

— Ouça... — interrompeu Lita.

— Não te chateies — atalhou Pedro, que se aproximara da mesa. — Não queremos... — hesitou, sem saber como continuar. — Realmente, não queremos nada. Mas a verdade é que ontem a deusa se manifestou de uma forma de que só os velhos se recordam. E garanto-te que não estavas drogada.

— Deram-me uma água com ervas...

— Para que é que alguém te ia drogar? — interveio Raúl. — São boas pessoas. Três espanholas jovens, bonitas e simpáticas que vieram desfrutar do nosso país e da nossa gente. Nós gostamos. Gostamos de vocês. Todos queremos passar um bom bocado. Quanto ao que aconteceu ontem... Vejam bem, são muitos os turistas que vão a Regla passar algum tempo: uns só para se divertirem, outros interessam-se mais pelo tema ou creem diretamente na *santería*. Mas a maioria só se aproxima desses rituais com uma curiosidade que desaparecerá assim que embarcarem no avião de volta para casa. Nas suas terras vão-se gabar de terem vivido missas negras com galos decapitados. Vão falar de vodu. Isso era a única coisa que Pedro e os seus pretendiam com o convite para irem à igreja de Regla: que passassem um bom bocado, que conhecessem os nossos costumes. Não nos incomoda que haja ceticismo porque não pretendemos converter ninguém. Quem é que te ia drogar? E com que finalidade?

— Mas surpreendeste-nos — interveio Pedro depois de uns instantes de silêncio em que elas analisaram os argumentos de Raúl. — Foi isso: impressionaste-nos. E ninguém, nem os que o presenciaram ao vivo, nem os pais de santo que viram na *internet*, ele entre eles — acrescentou apontando para Raúl —, duvida que Iemanjá te escolheu e te montou...

— Isso é impossível — afirmou Lita.

— Olha — disse o pai de santo —, para nós o que te aconteceu é uma

bênção. Significa que possuis uns poderes, umas virtudes que não estão ao alcance de muitas pessoas. Como te disse o Pedro, não queremos nada. — Nesta ocasião o homem permitiu-se estender a mão por cima da mesa até a pousar sobre a de Lita, que aceitou aquele contacto afetuoso. — Não queremos que te assustes, nem que te preocupes, nem que faças nada, nem que sejas a nossa rainha ou a deusa das deusas; governamos sem ti, mas entende que te devemos dizer. Para mim, é um orgulho ter-te à minha frente. — Raúl apertou a mão da rapariga. — O que aconteceu na igreja poderá não se repetir, mas deverás concordar comigo que, se assim fosse, seria melhor que soubesses a verdadeira razão.

— Que não pense que está doida ou drogada? — ironizou Elena.

— Ninguém considera louco o papa de Roma, nem os imãs muçulmanos... os sensatos — retorquiu Raúl —, nem os rabinos ou os lamas. Esta é a nossa religião, enraizada na África negra, mais antiga até do que as religiões monoteístas. Não discutamos por isso. Para nós, o que aconteceu ontem com a vossa amiga não tem nada de louco; foi só a presença de uma deusa, tal como acontece todos os domingos quando, na comunhão, os cristãos creem que estão diante do corpo de Jesus Cristo. E se creem, comem-no. Nós também vamos às igrejas comungar.

Os cinco mantiveram-se em silêncio durante uns instantes.

— Senhor empregado! — chamou de repente Lita. — Outro rum, e mais três *mojitos*. E tu? — interpelou Pedro.

O motorista recusou.

— Só te queria conhecer — confessou Raúl enquanto esperavam. — A propósito, tens família em Cuba? Sabes se algum deles...?

— É tão maluco como eu? — concluiu Lita.

Sorriram. Não, não sabia quase nada dessa família cubana; pensava que deviam existir parentes seus por ali, mas nem sequer a mãe se lembrava. Beberam e brindaram, e depois Raúl despediu-se. Deu-lhes o seu nome completo, que elas anotaram nos telemóveis, a sua morada e um número para onde poderiam telefonar se necessitassem de alguma coisa dele.

— Foi um grande prazer conhecer-te, Lita. A vocês também, claro. Estou convencido de que nos voltaremos a ver.

O homem hesitou. Elas ajudaram-no e abraçaram-se, dando beijos de despedida. Nessa noite, por indicação de Raúl, que conhecia o encarregado, acabaram a dançar música eletrónica num lugar a abarrotar de gente, tal como poderiam ter feito em qualquer lugar de Madrid.

Pensava que lhe seria impossível, mas não lhe custou levantar-se às sete da manhã depois de ter dormido apenas duas horas e meia. Tentou não fazer muito barulho na casa de banho, embora duvidasse que Sara, que era quem dormia na *suíte* do lado, acordasse. Desceu, tomou o pequeno-almoço com tranquilidade e abandonou o hotel em direção ao cais onde atracava a lanchinha de Regla. Àquela hora só dois turistas distraídos se destacavam entre os sonolentos trabalhadores cubanos que se dispunham a atravessar a baía.

Tinha de o saber. Decidira nessa mesma noite, ao som da batida do sintetizador, enquanto os agudos lhe furavam os tímpanos e as luzes a cegavam, esmagada por gente que dançava com os braços no ar, batendo no ar viciado, denso, reclamando maior impacto, mais força, mais comoção sensitiva, como se não se tivessem tornado já uns fantoches de uma música agressiva. Entre clarões pontuais, Lita observava os instantâneos dos rostos de quem a rodeava: crispados, extraviados, frenéticos.

Era outra religião, pensou enquanto a barca deslizava pelas águas calmas da baía. Nessas orgias festivas, as pessoas tentavam abandonar o seu corpo, deixar para trás as suas inibições, exaltar as suas emoções, e bebiam e fumavam, ou drogavam-se e mergulhavam numa música estridente e violenta que alterava a sua consciência. Agarrada a uma das barras do teto, com a vista do cais de Regla para onde se aproximavam com parcimónia, sorriu para si, ainda que alguns dos homens que a rodeavam parecessem ter percebido. Cuba era um mundo onde o sorriso dominava o espaço. Não se quis afastar do fio condutor dos argumentos

que a tinham convencido a enfrentar aquele desafio. Provavelmente seria difícil enfrentar o facto de uma deusa, um ser alheio a ela, se ter apoderado do seu corpo e da sua vontade, e comparar isso com os efeitos da música, por mais dura que fosse e mesmo que acabasse por dominar os espíritos famintos da juventude; mas não era menos verdade que noite após noite, numa espécie de romaria com matizes pseudorreligiosos, milhares de pessoas confiavam a sua estabilidade emocional a «DJ» que não conheciam, talvez perturbados, talvez iluminados, que as testavam estimulando as suas respostas primitivas em ambientes irreais criados exclusivamente para exacerbar as suas sensações.

Raúl falara-lhe de outras religiões, embora se tivesse esquecido de mencionar aquela que nessa época era professada por uma juventude que comparecia extasiada ao que para eles era o mais parecido com uma igreja: um sítio de vigas e paredes de cimento que algum dia albergou a ilusão de ser uma indústria. Lá dentro, o guia espiritual, o sacerdote: o DJ que professa o seu discurso e abre as portas do inferno a centenas de jovens subjugados, entregues à sua mensagem de salvação. Os rituais: luzes, gritos, dança, sexo, álcool, droga... E por fim a comunhão: o êxtase coletivo, a perda da consciência e da individualidade.

Lita chegara à conclusão de que poderia arrepender-se mais tarde se não confirmasse se a resposta do seu corpo na igreja de Regla — e aquela dança desenfreada extremamente sedutora, a sua voz e o seu comportamento estranhos — se deviam a alguma droga ou ao facto de, como sustentavam Raúl, Pedro e os seus, ter sido possuída por uma deusa africana. «Montada», diziam eles! De repente parecia-lhe tudo absurdo, até que voltou a desembarcar da pequena lancha e, assim que olhou para a igreja, foi assaltada pela mesma sensação de leveza: flutuava, o corpo não lhe pesava sobre as pernas. Andou, entrou no templo e sentou-se. A temperatura era um pouco mais fresca do que no exterior e a luz era mais ténue. Uma idosa rezava duas filas de bancos à sua frente. Lita cravou o olhar na imagem negra com manto azul. Supostamente não era apenas a Virgem de Regla, mas também Iemanjá, a deusa dos mares, e mostrou-se

diante dela. Os seus espíritos uniram-se e um prazer imenso instalou-se em Lita. Não havia lugar para o medo nem para o receio. Julgou ter nascido apenas nesse momento. A sua vida não tinha outro sentido a não ser estar ali, em íntima comunhão com aquela Virgem pequenina, os seus sentidos ao ritmo da agitação dos mares que a deusa dominava. Ouviu o romper das ondas na tempestade, viu-se envolvida na tempestade até a dominar, e sentiu o vento e os salpicos sobre a pele, que, porém, permanecia seca.

Regressou muito antes de Sara e Elena se levantarem. Sentou-se na esplanada e tomou o pequeno-almoço de novo. Acabara de viver uma experiência mágica, tranquila, serena, prazenteira. Não a teria sabido explicar, nem sequer tinha a certeza de o poder fazer, mas a verdade era que aquela Virgenzinha se colara ao seu interior, tocara com as suas mãos e vira com os seus olhos.

— Gostava de encontrar a minha família cubana — confessou às amigas quando estas se juntaram a ela. Mas ocultou-lhes a sua viagem a Regla nessa manhã.

— É lógico — respondeu uma delas sem dar grande importância ao assunto.

Passaram a manhã a passear pela cidade velha. Entraram no mercado de artesanato e mexeram numa grande quantidade de produtos. Compraram umas camisolas e um quadro dos típicos automóveis cubanos, um *Chevrolet* enorme amarelo-canário, decadente, que decidiram que iria decorar a cozinha do apartamento de Madrid. Lita considerou mil presentes, e acabou por decidir comprar à mãe um leque decorado com motivos florais que, garantiu-lhe o vendedor, era pintado à mão. Escolher outro presente para Pablo foi um pouco mais complicado. Tinham falado algumas vezes por telefone, e ela ficara nervosa, como uma adolescente. «Parva!», recriminou-se depois. Não tocaram no assunto dos Santadoma nem no do banco, coisa em que Lita tentava não pensar, por mais que a humilhação sofrida graças à mãe do marquês a consumisse de vez em quando. Por fim, encontrou o presente que lhe

pareceu ideal: um antigo livro escolar de geometria, com Pitágoras como referência, e com mil anotações dos muitos estudantes que o tinham utilizado durante gerações sucessivas. O exemplar fora publicado depois da revolução, e estava à venda numa barraquinha da Praça de Armas por um preço irrisório.

— O importante é que ele goste — comentou Sara.

— Talvez devesse acrescentar outro sobre instrumentos de orquestra — disse para consigo, originando um esgar de assombro na amiga. — Ele gosta... de música — esclareceu.

— Não sabia — respondeu, dando pouca importância; já tinha a atenção focada noutros objetos.

A meio da tarde, Lita telefonou para Espanha. Aguardou enquanto chamava, com a imagem da mãe a abanar-se num dia de calor. Ia gostar do presente, com certeza. Finalmente ouviu que atendiam o telefone, mas ninguém falou.

— Mãe? — O ladrar dos cães abalou aquela imagem feliz e trouxe-lhe à memória a mãe a lutar com eles. — Mãe? — Nada. Esforços. Arranhões. Latidos. — Merda de bichos! — exclamava por entre dentes, imaginando a mãe atarefada.

— Sim...

— Mãe?

— Filha!

O barulho foi abafado; os dois *yorkshires* históricos já deviam estar fechados noutra sala, apesar de também não ter sido fácil para Lita obter a informação que desejava. «Parentes?», perguntou a mãe, estranhando. Ela queria saber como Lita estava, desejava que lhe contasse coisas: o que fazia, como achava o país, como era o hotel e as pessoas... Estava a divertir-se? Comia? O suficiente? De certeza? Lita respondia com paciência, sem deixar de perguntar por essa família de quem já lhe dissera que pouco se lembrava.

— Já te disse em Madrid... — tentou justificar-se Concepción.

— Pois, sim. Que não havia cartas, que uns eram franquistas e outros

comunistas, mas alguma coisa te deve ter contado a tua mãe — insistiu. — Algum pormenor, alguma coisa!

— Sim... suponho, filha. Claro que o deve ter feito, mas isso foi há muitos anos e eu também não prestava muita atenção. Não tínhamos qualquer contacto com quem tinha ficado em Cuba, que eu soubesse... Naquela época, nem o telefone nem o correio eram como agora, querida — disse para se justificar. — Bem... — hesitou, porém —, quando ouvia música, gabava-se sempre de que o irmão tocava muito bem maracas.

Trabalhava noutras coisas, arriscou Concepción, esforçando-se também por recordar mais algum pormenor: ganhava um dinheiro extra com as maracas, em festas, com orquestras e bandas de música, em concertos. Disso, sim, conseguiu lembrar-se, com a imagem da sua mãe a dançar na cozinha ao som das maracas imaginárias que agitava com as mãos, a imitar o som das sementes a chocalharem no seu interior.

— *Chis, chis, chis* — disse ela. — Tocava maracas. Isso com certeza! — afirmou satisfeita e contente, como se tivesse viajado até àquela época da sua infância, junto da mãe, e estivesse a dançar com ela ao som do rádio da cozinha.

— E aí acabaram-se as suas memórias — contou Lita, enquanto almoçava com as duas amigas num restaurante perto do porto.

— E sabemos o seu nome?

— Antonio, do nome lembrou-se, e do apelido, o da minha avó: Gómez — especificou.

— Antonio e Gómez, nem nome nem apelido são excessivamente invulgares. Haverá milhares.

— Eh! — exclamou Sara. — Atenção que o meu segundo apelido é Gómez.

— Se calhar, somos parentes — gracejou Lita.

— Vivia em Havana?

Lita hesitou.

— Dei isso como adquirido.

— E a tua família da parte do pai? — interveio Elena. — Também

podíamos ir por aí.

— Não — disse Lita depois de respirar fundo. — Tudo isso foi um bocado esquisito. Enfim... eu acho que foi um deslize da minha avó. A minha mãe nunca o reconheceu de forma muito clara, mas... não há outra interpretação e, por isso, também nunca insisti. Parece que o marquês, o velho, obrigou o homem a reconhecer a paternidade da minha mãe e depois ameaçou que o mataria se o voltasse a ver. Devia ser um malandro, branquinho como vocês, sem trabalho, que se aproveitou da criada negra e ingénua. Hermoso...

— Como?

— Chamava-se Hermoso. José Hermoso. O marquês comprometeu-se a cuidar da minha avó e da minha mãe, e o outro desapareceu.

— Então isso é tudo o que temos — resumiu Sara —, um tocador de maracas chamado Antonio Gómez que, se ainda for vivo, terá...

— Pois, entre oitenta e noventa anos.

— Aqui são longevos — acrescentou Elena.

— Ainda que talvez viva na outra ponta da ilha...

— Pedro! — Sara ergueu a mão para chamar a atenção do motorista.

— É impossível que nos possa ajudar — disse Lita ao imaginar as intenções da amiga.

— Não custa nada tentar.

Cuba canta e dança. A ilha até se move no mapa, e as suas gentes escapam dos seus limites ao ritmo do som e do mambo, da rumba, do bolero e do *guaguancó*. Os mais velhos ainda se lembram com orgulho de muitos dos seus músicos e compositores: Piñeiro, Matamoros, Sánchez, Barroso, Garay, Simón, Grenet, Lecuona, Moré, Rodríguez. E das canções: «El manisero», «Guantanamera», «Mama Inés», «Aqueles ojos verdes». Todos eles contribuíram para a Havana dos casinos e do jogo, de Sinatra e de Lucky Luciano, a cidade de ouro e das noites mágicas. Uns tocavam e cantavam em grandes bandas e orquestras; outros, em conjuntos pequenos. Mas a paixão pela música levava essas

peessoas a recordarem aquelas outras figuras talvez não tão fulgurantes, mas que, saídas das aldeias, das vizinhanças, também tinham contribuído para enraizar o ritmo no espírito cubano. Pedro perguntou, Raúl fez o mesmo, e entre os dois começaram a fazer correr a voz sobre um tocador de maracas chamado Antonio Gómez. Entretanto, as três amigas continuavam a divertir-se em Havana e nos lugares onde o motorista as levava, e não voltaram a falar de virgens africanas nem de *santería*, por mais que qualquer uma delas tivesse vontade de o fazer. Queriam divertir-se, e a semana de férias estava a acabar.

Encontraram-no antes.

— Não se chamava Gómez... — começou por dizer Pedro.

— Sim — ripostou Lita. — Esse era o seu apelido.

— É possível, menina, mas a sua alcunha era «*El Jardinero*». Pelos vistos, era essa a sua profissão. Os que o ouviram asseguram que era um mestre com as maracas. Tocava em festas e em orquestras.

— Ainda é vivo?

O motorista, no banco da frente da carrinha, voltou a cabeça para trás para olhar para elas.

— Sim, claro.

— E sabemos onde mora?

— Estamos a caminho. — As raparigas receberam a resposta em silêncio, o que preocupou Pedro. — Não querem? Preferem que dê a volta?

Claro que queriam, e uns minutos depois o veículo parou à frente de um edifício de três andares, antigo e arruinado.

— É aqui? — perguntou Sara, observando com apreensão a fachada e as varandas rachadas, sem o menor rasto do reboco que um dia as adornou.

— Acho que sim — respondeu Pedro.

O motorista desceu da carrinha e dirigiu-se a uns velhos que estavam sentados na rua.

— Sim — confirmou depois, enquanto abria a porta de correr do

veículo. — Antonio Gómez — continuou a explicar ao mesmo tempo que as três jovens desciam. — Era tocador de maracas, e muito bom; só pode ser ele. Vive no segundo andar. Querem que as acompanhe?

— Não, obrigada — disse Lita. — Não nos vai acontecer nada.

— Tenho a certeza de que não têm de se preocupar. Todos aqui são boa gente. E é de dia, e está sol, e Cuba é maravilhosa — garantiu, incentivando-as com as mãos a respirarem aquele ambiente.

As três passaram por um corredor deteriorado e húmido, subiram uma escada rachada, com os degraus partidos, e chegaram ao patamar do segundo andar, onde pararam em frente do corredor de distribuição que dava para quatro apartamentos cuja intimidade era protegida por uma cortina de tecido que fazia a vez de uma porta. Entreolharam-se. Lita respirou fundo e afastou um pouco a cortina.

— Antonio Gómez? — perguntou em voz alta.

Um homem que via televisão de costas para elas, sentado num cadeirão floreado, virou o dedo indicador no ar, indicando-lhes assim que passassem ao apartamento seguinte.

— Obrigada.

Os sons dos televisores misturavam-se com as conversas e com os cheiros, com a humidade e com a miséria.

— Vamos! — animou-as Elena perante a aversão que se refletia na atitude das outras duas. — Antonio Gómez? — perguntou ela própria correndo a cortina do alojamento seguinte ao mesmo tempo que batia com os nós dos dedos na parede.

— Entrem! — ouviu-se de dentro.

Também ali havia uma televisão. E um sofá colocado em frente do aparelho, e uma mulata de uns quarenta anos, gorda, que se movia no que algum dia fora um quarto grande, senhorial, de teto alto, onde ainda se conservava o resto de uma moldura, e que agora aparecia dividido e subdividido à base de painéis de cartão ou madeira que formavam espaços mais pequenos.

Lita e as amigas deram dois passos no que se assemelhava à estrutura

de um mercado com barracas, mas sem bugigangas à venda.

— O que desejam do avô? — perguntou a mulher apontando para o sofá em frente do televisor.

Sara e Elena voltaram-se para Lita.

— Acho que é irmão da minha avó — disse ela.

A mulata olhou-a de cima a baixo. Sara já gravava com o telemóvel, com indolência.

— A famosa Margarita? — Lita assentiu. — A que se foi embora para Espanha com o marquês? — Lita voltou a assentir. — O avô fala bastante dela. — A mulher dirigiu-se ao televisor, apagou-o, arranjou duas cadeiras, uma delas com aparência instável, e um banco, e convidou-as a sentarem-se. A mulher apoiou-se no parapeito de uma janela com o vidro rachado. — Avô! — disse, levantando a voz. — Tem visitas!

As jovens viram-se então diante de um homem idoso com a barba por fazer, de chinelos, calças de fato de treino e uma camisola branca de alças.

— Então és a neta da Margarita? — perguntou, surpreendendo-as apontando para Lita. — Vocês dificilmente seriam — gracejou, dirigindo-se a Sara e a Elena.

Demoraram uns instantes a compreendê-lo. Esperavam encontrar um velho senil e foi-lhes difícil reagir. Depois juntaram-se ao seu sorriso.

— Falham-lhe um pouco as pernas — esclareceu então a mulher —, mas para um homem de noventa anos a sua cabeça está impecável, talvez até demais para aguentar todo o dia aqui sentado.

— Não sai à rua?

Nesse momento, uma rapariga saiu de um dos vários cubículos em que se dividia a casa. Trazia um bebé e tinha manchas de leite no vestido, na zona dos mamilos.

— Ana, minha filha — apresentou-a a mulher enquanto pegava no bebé ao colo. — Ela é a neta da Margarita.

— A famosa Margarita? — perguntou a rapariga.

— Chamo-me Lita — apresentou-se ela.

«Sara», «E eu Elena», acrescentaram as outras duas perante o seu interrogatório visual.

— Então eu sou a ti... prima? Não... — Hesitou. Pensou um pouco tentando encontrar o grau de parentesco certo, até desistir. — Têm algum dólar a mais?

— Ana! — repreendeu-a a mãe.

— Vou-me embora — disse a rapariga, como única desculpa.

As três jovens seguiram Ana com o olhar, depois seguiram-na pela sala.

— Não é o que nos prometeu Fidel — ironizou o avô, interrompendo a inspeção. — É assim que vivemos, e podemos dar graças por esta casa se manter em pé! Muitas caem. Aqui somos três famílias de três gerações... Quatro já — retificou, apontando para o bebé. — Se tivessem vindo ao entardecer, não teriam lugar para se sentar. Mesmo assim, continuamos a acreditar na revolução.

E, para reforçar a ideia, ergueu o punho com indolência.

— A minha avó emigrou antes, não emigrou? — perguntou Lita, assumindo o controlo da conversa, apesar de já saber a resposta.

— Sim, efetivamente. O marquês foi inteligente, vendeu parte das suas propriedades e escapou a tempo.

Lita continuou a fazer perguntas e o velho não teve o menor problema em responder.

— Como era a Margarita? Cândida. Doce. Uma mulata linda, como tu — acrescentou, aproveitando a ocasião para a galantear. — O marquês sempre a tratou bem.

«Claro que conhecia o marquês», respondeu a uma nova pergunta da jovem, surpreendida com a familiaridade com que o tratava. Ele também trabalhara para os Santadoma. «Era o jardineiro», esclareceu. Todos os da sua família trabalharam para os Santadoma até o velho ir para Espanha, e o filho fugiu para Miami depois de Fidel fazer a revolução e de lhes nacionalizarem tudo o que lhes restava na ilha.

— Algumas destas casas seriam suas, com certeza! Eram muito ricos.

Eu podia ter ido com ele, com o filho, para Miami — explicou com nostalgia, um discurso que já devia ter repetido em muitas ocasiões, porque a mulher do bebê estalou a língua e negou com a cabeça. Lita e as amigas, porém, continuaram com a atenção centrada no idoso. — Mas detiveram-me e consideraram-me contra o regime. O jovem marquês não fez nada por mim...

— Continuam a ser assim — lamentou Lita em voz alta.

— Imagino. Nobres, ricos e arrogantes, mas a mim prejudicou-me ter trabalhado para eles... E também tocar maracas nas orquestras dos hotéis de luxo. Porque eu tocava muito bem maracas, sabem? Bem, a história dos casinos e dos hotéis não combinava com o espírito da revolução. Isso marcou-me sempre, e ao fim de uns anos acabei numa fazenda de reabilitação a apanhar cana.

— Há algum santeiro na família?

Lita surpreendeu inclusivamente a mulher que se ocupava do bebê.

— Não — respondeu o avô.

— É verdade que não? — perguntou-lhe a neta, encolhendo os ombros.

— Não mais do que em qualquer outra família cubana. Movemo-nos entre o ateísmo comunista e a fé nos orixás e nos santos. Há rumores de que até o comandante recorria aos santeiros, mas ninguém na família teve especial relação, que eu saiba.

— E... espero que não se importe que pergunte — advertiu Lita, o que conseguiu a imediata atenção da neta, e também de Sara e Elena, que trocaram um olhar de curiosidade —, é uma coisa que aqui talvez não se fale... Mas em Madrid... Alguém da família foi escravo dos Santadoma? — decidiu-se a perguntar.

O velho riu-se.

— Sim, claro — respondeu com naturalidade. — A minha própria avó; Alfonsa, chamava-se. Eu já a conheci livre, mas tinha sido escrava dos marqueses e, após a abolição, continuou a trabalhar como criada para eles. Houve muitos escravos que, quando conquistaram a liberdade,

morreram de fome.

Fez-se silêncio uns instantes até que Lita insistiu:

— E ela não era santeira?

— Não, não. — Antonio bateu no ar como se sentisse saudades. — Naquela casa tinha de se ser católico piedoso, sem bruxarias nem nada do género. No caso de o marquês ou a marquesa, que era pior, se aperceber de cabildos, bailes, santos e tudo isso, ficavam furiosos e não comíamos durante dias. A minha avó era muito devota. Porquê tanto interesse nisto da *santería*?

— Não sei... Pelo mesmo motivo dos escravos. Curiosidade, desconhecimento — respondeu num tom vago.

— Pois, eu também tenho curiosidade. Fala-me de ti e da tua mãe. Concepción, não é?

— Sim...

— Ela foi a causa de o jovem marquês não me ajudar quando me prenderam.

— Desculpe? — retorquiu Lita, surpresa.

— Sim, claro. — Lita esperou uma explicação que o idoso pensava ser conhecida. — Dona Claudia, a sua mulher... — Antonio julgou que essa referência devia ser suficiente e deixou-a no ar, até que a expressão de Lita o obrigou a continuar. — Dona Claudia não quis nada com a nossa família nem com nenhum de nós desde que soube do que se passara com o seu noivo.

— O seu noivo? O que é que quer dizer? E o que é que a minha mãe tem a ver...?

— Menina, a tua mãe é filha do jovem marquês.

Lita quase caiu da cadeira abaixo, mas a mão oportuna de Elena impediu-o. Sara gravava, entusiasmada, como poderia ter feito uma correspondente de guerra perante a repentina explosão de uma bomba.

— Por isso o velho marquês levou a Margarita e a Concepción para Espanha — continuou Antonio —, porque a dona Claudia e a sua família lho exigiram sob ameaça de romperem com o compromisso de

casamento. Era uma coisa normal na Cuba daquela época: um rapaz jovem deitava-se com a criada e depois acontecia o que acontecia. Mas a dona Claudia não o aceitou. Odiava a tua avó porque era muito bela e muito doce... A peste tinha motivos para sentir ciúmes, e, claro, odiava a tua mãe, pelo que, assim que o marquês anunciou a sua partida para Espanha, ela viu a oportunidade de se livrar da amante e da menina, e assim não as ter por aqui a dançarem por Cuba, pela casa, e a distraírem o seu homem.

— O senhor tem a certeza? — balbuciou Lita.

— Claro. Como não?! A Margarita era minha irmã — afirmou ofendido. — Contava-me tudo, falámos disso, embora não fosse necessário. Havana inteira sabia, e o jovem marquês não o escondia: gostava da tua avó e tratava-a bem. Se quiseses, posso... Embora já sejam todos muito velhos. — Hesitou, negando com a cabeça. — Não sei se ainda estão vivos.

— Então, e esse tal José Hermoso, o que se supõe que era meu avô? — inquiriu a jovem.

— Uma história. Um empregado do marquês que aceitou constar como pai. Era assim que se resolviam estas coisas naqueles tempos.

Havana, Cuba
1868

Kaweka voltava a estar em Havana, refugiada com Rogelia, uma parteira negra que vivia numa casa térrea situada por trás da calçada do Monte, antes de se atravessar a ponte de Chávez, a seguir à qual a via se dividia em diferentes ramais em direção ao Cerro, a El Horcón ou a Jesús del Monte.

Modesto levava-a para ali, montada numa mula, depois de cavar uma sepultura que ficara vazia e que tapara com pedras. «Algum dia vou enchê-la com alguém», murmurou para consigo, «não será difícil neste lugar». Kaweka nunca montara um animal, mas não se queixou, e tentou agarrar-se a ele entrelaçando os dedos das mãos nas suas escassas crinas. Continuava desorientada. A experiência no quarto do filho do marquês despojara-a de vida. A alma do maldito agarrara-se a ela de forma cobarde, atemorizada perante o seu destino, e conseguira arrancar-lhe um pedaço do seu espírito para o levar para o além. Kaweka soube que, viva ou morta, o falecimento de Ernesto de Santadoma quebrara qualquer vínculo que ainda pudesse manter com o engenho, pelo que a violência e as feridas sofridas desde o seu regresso a La Merced afloraram em massa, com a intenção de a magoarem, exigindo o seu tributo, como se até então tivessem estado ocultas, latentes, à espera de encontrarem o momento propício para a assediar.

A escrava estava pele e osso, tinha o cabelo ralo e sujo, e um sem-fim de feridas e cicatrizes que a desfiguravam; os seus tornozelos, em carne viva, ulcerados após três meses de grilhões, davam lugar a umas pernas magras que se penduravam inertes dos dois lados do animal. Foi aquele aspeto que lhes permitiu continuarem até à cidade depois de os terem parado duas vezes pelo caminho. Modesto tinha documentos que lhe possibilitavam deslocar-se em liberdade para atender os pacientes indicados por Rivaviejo.

— E a negra? — perguntaram com interesse.

— Está praticamente morta — sentenciou ele, apontando para Kaweka de cima a baixo, como se fosse evidente. — O meu amo, o doutor, quer fazer uma última tentativa para a salvar.

Não vai sobreviver. Essa foi a opinião de Rogelia depois de Modesto acomodar Kaweka num leito de palha, num quarto pequeno que a parteira utilizava para as consultas, com uma janelinha e uma caixa das que se usavam para transportar açúcar colocada ao contrário a fazer de mesa. A mulher, que era bastante desconfiada, surpreendeu-se perante o cuidado e a doçura com que o emancipado tratava a recém-chegada.

— Quem é esta? — perguntou sem esconder a rejeição no seu tom.

Modesto percebeu o seu mal-estar. Ponderara sobre o assunto: sabia que era ciumenta, mas não considerou oportuno confiar Kaweka a nenhum dos outros escravos ou libertos que lhe deviam favores. Pela sua condição de parteira, Rogelia tinha um certo à-vontade com os cuidados de saúde, e isso habilitava-a a cuidar de Kaweka na sua ausência.

— Uma pessoa importante para mim — respondeu ainda com um tom mais seco do que aquele que a outra utilizara. Não queria que fosse tido como um favor, mas sim uma exigência, pelo que considerou imprescindível impor a sua vontade.

Modesto mantinha relações casuais com Rogelia, algo que despertara na mulher sentimentos que não eram recíprocos, e que não parecia que pudessem chegar a ser, por mais que ela insistisse. Porém, à parte disso, a parteira devia ao emancipado, e ao prestigiado doutor para quem ele

trabalhava, bastantes pacientes e recomendações que lhe tinham permitido alcançar uma certa folga económica, como se podia constatar por aquela casa que, ainda que humilde, superava em muito as aspirações dos libertos que lutavam para ganhar a vida na cidade. Não, Rogelia conhecera a escravatura, a submissão, a perda do marido e de dois filhos devido a umas febres, e agora, bem alimentada, como levavam a crer as suas carnes abundantes, desfrutava de uma certa estabilidade na vida. Não se arriscaria a perder os favores de Modesto.

Por tudo isto, Rogelia absteve-se de pedir mais explicações e centrou-se em ajudar o seu homem a lavar e a assear um corpo extremamente sujo e castigado; juntos trataram as múltiplas feridas que apresentava, sobretudo as dos tornozelos, e substituíram os andrajos que vestia por roupa velha, mas limpa. Depois, Rogelia, cheia de ciúmes, observou como aquele homem, com quem sonhava, dava pacientemente de beber e de comer à doente, apenas papa de fruta, permanecendo a seu lado o pouco que restava da tarde e a noite que ela teria desejado que passasse na sua cama, no quarto contíguo, como noutras ocasiões. Porém, Modesto manteve-se acordado, preocupado com o estado de Kaweka, com a sua respiração, com os seus movimentos e com a febre que a assolava.

Ao amanhecer, foi Kaweka que despertou Modesto do seu descanso.

— Não te levantes — disse, tentando impedi-la.

— Onde estou? — perguntou ela, lançando um olhar febril pelo pequeno quarto. — Tenho de me ir embora — acrescentou.

O enfermeiro não teve de se esforçar muito, porque, assim que a escrava se levantou da cama, ficou quieta e fechou os olhos, enjoada, incapaz de se mexer.

Modesto tocou-lhe na testa. Ardia.

— Tens muita febre.

— Tenho de me ir embora — insistiu ela com voz sumida.

Kaweka fez um esforço com o qual apenas conseguiu que a bÍlis lhe subisse à boca.

— Não podes ir a lado nenhum — disse ele, tentando convencê-la. — Não conseguirás dar dois passos. Vais cair na rua e prender-te-ão outra vez. O que é tão importante para que queiras sair daqui?

Kaweka, com os olhos ainda fechados, inspirou. A febre e o movimento levaram-lhe o coração às têmporas e aos ouvidos. Por um instante comparou aquele palpar intenso com o soar dos tambores que a ensurdecera quando, pela primeira vez na sua vida, alcançou o prazer com o homem que lhe mostrara a imensidão do amor.

— Vou procurar a minha filha — ouviu-se dizer.

O silêncio assolou aquele lugar.

— Tens uma filha? — surpreendeu-se ele passados uns momentos. — Onde está? Quem é o...? — Não finalizou essa última pergunta, que substituiu rapidamente por uma nova advertência: — Não estás em condições de andar. Suponho que essa filha está no quilombo onde viveste como quilombola, não é? — especulou. Kaweka assentiu. — Jamais alcançarias a serra. Não percebes isso?

— Devo ir...

— Não.

Nem sequer saírias da cidade, argumentou o emancipado. Os escravos fugitivos moviam-se com naturalidade, misturados com as outras pessoas e com o alvoroço, prestes a fugirem se alguém os identificasse e a recomeçarem numas ruas mais à frente. Kaweka não conseguiria nem uma coisa nem outra. Detê-la-iam assim que pusesse um pé na rua. E se a mandassem outra vez para o engenho do marquês... Não voltaria a ver essa filha, preveniu-a. Estava doente. Não se podia mexer. Os seus tornozelos dilacerados, ainda sangrentos, eram um chamariz; na realidade, toda ela o era.

Kaweka deixou-se cair vencida no leito.

— Como se chama a tua filha? Onde é o quilombo? — inquiriu o emancipado.

Todos os músculos do corpo de Rogelia ficaram tensos ao ouvir as perguntas, pressentindo o que viria em seguida. Aquela voz, o tom...

Muitas vezes fora embalada por essa melodia nos seus ouvidos; sabia que havia outras mulheres, mas jamais imaginou presenciar uma delas a roubar-lhe a sua intimidade, as suas sedutoras vivências pessoais. Escondida do outro lado do vão de uma porta que não existia, ouviu a voz ténue e apagada de Kaweka, que, entre ataques de tosse e de falta de ar, falou de Yesa e do quilombo da serra do Rosario, de Eluma e de Felipe, dos outros quilombolas e de como chegar até àquele lugar. Quando dera à luz a menina? Quem era o pai? Tudo isso agora não tinha importância, deu a entender Kaweka com um gesto de dor, fechando os olhos e negando com a cabeça.

— Já sabes como são os quilombos — alegou, porém, diante do silêncio do outro, imaginando que Modesto se estaria a perguntar, como de facto estava, se ele era o pai da menina. — Muitos homens e poucas mulheres; muitos pais possíveis — sentenciou, escudando-se na promiscuidade forçada que se vivia nesses lugares. — Fiquei grávida pouco depois da minha chegada.

Aí acabou uma conversa que esgotou Kaweka, e em que ela evitou dizer-lhe que, apesar de tudo, se agarrara à esperança de que ele a seguisse até ao quilombo; Modesto, por seu lado, decidiu não lhe confessar que a criouleira, aquela que ela considerava como mãe, a que não há muito tempo falecera sob as pancadas do jovem Ernesto, o proibira de ir atrás dela. Não tinha a certeza de que Kaweka acreditasse nas suas palavras. Porque iria mamã Ambrosia negar-lhe a felicidade, perguntar-se-ia ela. Por essa razão, descartou por completo a ideia de lhe revelar tal circunstância, pensando que Kaweka não estava em condições de suportar esse tipo de sobressaltos. Haveria mais momentos para falarem, para lhe perguntar porque o abandonara quando ele pusera o mundo a seus pés: a liberdade, algo por que nem sequer ele podia optar; a felicidade, o amor... Modesto caíra no desespero quando se apercebera da sua fuga. Considerara mil possibilidades, muitas delas tentando desculpá-la porque a amava, mas algumas outras com o rancor de quem se sente despeitado. Mamã Ambrosia, no entanto, abria-lhe os olhos no

dia em que o proibira de ir atrás dela: «Kaweka foi chamada pelos deuses», dissera-lhe. «Essa menina, minha filha, pertence a todos os negros, não só a ti», sentenciara por fim. E Modesto entendera que algo muito mais importante se havia interposto entre o seu amor. Agora, com ela deitada e gravemente ferida, optara pelo silêncio.

Rogelia, por seu lado, cravou as unhas nas palmas das mãos ao mesmo tempo que o seu homem adormecia a doente, falando-lhe com sussurros, acariciando-a com a voz, murmurando-lhe que o mais importante de tudo era curar-se, porque a doença poderia não ter compaixão dela, de uma natureza tão fraca e castigada como a sua. E então, para a tranquilizar realmente, Modesto disse algo que soou como uma afirmação esperada:

— Eu vou buscá-la e trago-ta.

Rogelia negou com a cabeça. Kaweka quis agradecer a Modesto a sua vontade, mas depois da conversa estava cansada, muito cansada, e os arrepios transformaram-se em tremores.

— Está a subir-te muito a febre — pareceu-lhe ouvir dizer o emancipado. — Rogelia, traz-me...

Kaweka não chegara a ouvir o final da frase, uma vez que desfalecera, ainda com o sorriso de Yesa a acompanhá-la no seu desmaio.

Avisou-a do que aconteceria: «Se a prenderem a ela, prendem-nos a nós os dois.» Modesto pediu-lhe que tomasse conta de Kaweka e que cuidasse dela, e tentou esconder parte da história, evitando responder às perguntas da parteira que o pudessem comprometer.

— A única coisa que precisas de saber é que a ajudei a escapar do engenho. Já conheces a pena por isso. Castigos, trabalhos forçados... Se acontecer alguma coisa a esta mulher ou se a detiverem... se o marquês a descobrir, acabam comigo, e tu também sofrerás as consequências por a teres acolhido.

Com a mão no ar, fez calar a queixa da parteira perante aquela ameaça; pensava ter influência suficiente sobre ela. A presença de Kaweka, o seu

contacto, o tê-la ajudado a escapar, o sentir-se necessário para a esconder e para a defender, para lhe restituir essa filha perdida e tão desejada, tinham alienado Modesto até ao ponto de o impedirem de perceber os evidentes sentimentos de Rogelia. A inveja, os ciúmes, os temores... a ira que corroía a parteira ficara toldada perante o ingénuo protagonismo heroico assumido por Modesto.

Apesar disso, a mulher insistiu:

— Não te devias expor na serra. O Rivaviejo não te servirá de desculpa se te detiverem à procura de quilombolas.

Ele sabia que Rogelia tinha razão. Além disso, depois da fracassada compra de Kaweka, o marquês tornara o médico responsável, e este, por sua vez, virara toda a sua ira contra ele. O castigo seria duro, mas tratava-se de Regla, uma mulher que parecia diluir-se no seu sangue e o fazia ferver de cada vez que olhava para ela. Abandonara-o sem explicação alguma. Voltara a encontrá-la e presenciara como causava a morte do filho do marquês, e, mesmo assim, apesar de saber que era esse o objetivo da curandeira naquele quarto de loucos, consciente de que Regla originaria a morte de Ernesto, que nada estava disposta a fazer para o salvar, tremeu ao vê-la possuída pela deusa. Arrepios de prazer percorreram o seu corpo ao ouvi-la, sem que o facto de estar a matar um homem o evitasse. Como é que não se iria expor por ela? Fá-lo-ia mesmo que Rivaviejo o perseguisse com um fuzil.

— Cala-te, mulher — replicou a Rogelia, que acatou a ordem com humildade.

Não desejava prejudicar Modesto. Não entendia o seu interesse por aquela escrava, e muito menos o prazer que podia alcançar com ela. Não parecia atraente com aquele corpo maltratado; ela constataria-o durante os tratamentos. Rogelia conhecia a paixão que se abatia sobre o emancipado quando se deitavam. Não o imaginava a possuir com ímpeto aquela natureza quebradiça e devastada.

Depois, quando Modesto já tinha partido para a serra depois de enganar Rivaviejo dizendo-lhe que um dos engenhos de Quiebra Hacha,

perto do mar, solicitara a sua assistência a um doente, prometendo-lhe um bom dinheiro, Rogelia afastou a ideia de denunciar a escrava fugida. Só iria fazer com que ele sofresse as consequências... e ela também, com toda a certeza. Nessa noite, com a respiração irregular de Kaweka no quarto contíguo, pensou matá-la. «Morreu», limitar-se-ia a comunicar ao emancipado. Era uma possibilidade que ia ganhando forma. A escrava fugida estava doente, ferida. Modesto podia suspeitar, e talvez o fizesse, mas restaria sempre a dúvida; nunca poderia provar que Rogelia a assassinara. Depois convencê-lo-ia e reconciliar-se-iam. Matá-la tornou-se, assim, a solução mais simples para todos os seus problemas.

Levantou-se. A vela que transportava iluminou o leito onde Kaweka dormia encolhida. Deixou-a sobre a caixa de açúcar e inclinou-se sobre a doente, que continuava inquieta, com a febre ainda alta. Depois lançou-lhe as mãos ao pescoço, pensando que a morte chegaria em breve. Apertou, mas os músculos responderam com dureza. A mulher agitou a cabeça e, surpreendida, como se não fosse possível, apertou com mais força, mas o resultado voltou a ser o mesmo: por alguma razão, os seus dedos não se conseguiam cravar na carne. Kaweka continuava com os olhos fechados e uma respiração irregular que se foi tornando estridente.

— O quê...!

A sua exclamação foi interrompida por um súbito rugido que surgiu dos lábios entreabertos da escrava. Rogelia soltou o pescoço e observou aquele corpo que jazia ferido, doente. Kaweka continuava letárgica, inconsciente, mas a sua respiração tornou-se uma sucessão de estranhos rugidos. A parteira, aterrada, apressou-se a pegar na vela e correu para o seu quarto.

De manhã, a mulher levou-lhe o pequeno-almoço: água, um bocado de banana e outro de manga. Depois da tentativa frustrada da noite anterior, tudo lhe parecia estranho, como se não fosse a sua casa: o quarto, a caixa de açúcar voltada, a cama, a jovem que jazia nela. Esta continuava com

febre, e Rogelia refrescou-a e obrigou-a a comer. Por um momento pensou que Kaweka ignorava o que acontecera nessa noite, mas o olhar vítreo da escrava intensificou-se no seu interior e a parteira sentiu-o percorrer as suas entranhas como se fosse um parasita. Atemorizou-se. Assim, tratou dela ao longo desse dia e do seguinte e do outro, sem trocar com ela mais do que as palavras estritamente necessárias.

Numa manhã em que Kaweka acordou um pouco restabelecida, Rogelia estendeu-lhe a mão e incitou-a a levantar-se.

— Vamos — disse-lhe —, não quero continuar a tratar de ti. Deves ir-te embora daqui. É a minha casa, e não te quero cá. Além disso, quando te prenderem, serás a responsável por delatar o Modesto. Não vou ser eu a decidir o destino que lhe couber.

— Não pretendo tirar-to — respondeu Kaweka, que, no entanto, obedeceu e se levantou.

Então, perguntou-se se as palavras que a mulher acabara de pronunciar eram de todo certas. Apesar de não o poder recriminar, o facto de Modesto não a ter seguido até à serra continuava a massacrá-la... mas agora salvara-lhe a vida, protegera-a e ia buscar a sua filha, e talvez voltasse com Yesa. E então o que faria ela? Deixá-lo-ia de novo? Kaweka não se viu capaz de resolver aquele dilema de sentimentos cruzados e contraditórios. Os momentos vividos com Modesto, inclusivamente os desejos frustrados e as fantasias arruinadas, encorajavam-na a deixar-se levar outra vez pelos sonhos; por outro lado, não desejava sofrer mais desenganos. Os deuses mandavam nela e Kaweka aceitara o seu desígnio. Prescindira inclusivamente da filha para cumprir a sua luta! E agora Modesto fora buscá-la... Kaweka relaxou no leito e expulsou da sua mente emoções e sentimentos: Iemanjá decidiria.

— Não se trata do que tu pretendes — interrompeu os seus pensamentos Rogelia, retomando a conversa. — A questão é sempre o que eles desejam, não o que nós queremos. E se um homem deseja algo é porque o vê; se o tirares da frente acaba por se esquecer, como os burros.

Depois dessa parca troca de palavras, a parteira ofereceu ajuda a

Kaweka, que a aceitou com a dor nos seus movimentos, e andaram devagar até à porta que dava para a rua.

— Como saberei que o Modesto regressou com a minha filha? — inquiriu a escrava enquanto enfrentava o sol que iluminava o bulício da cidade depois daqueles dias de confinamento.

Tinha-se deixado levar para fora de casa. Provavelmente não estava preparada para abandonar o leito e sair para um ambiente hostil; continuava a sofrer as consequências dos maus-tratos no engenho, mas sabia que aquela mulher era capaz de lhe fazer mal. Se o tentara uma vez, podia voltar a fazê-lo, e talvez nessa ocasião os deuses tivessem ido para a festa e não estivessem ali para o impedir.

— Penso dizer-lhe que fugiste — afirmou a parteira.

— Não vai acreditar em ti — replicou ela.

— Vou-lhe dizer que, quando voltei do trabalho, tu já não estavas. Terá de acreditar — afirmou, encolhendo os ombros. — Olha à tua volta, não vais conseguir atravessar a rua — augurou. — Que importância terá essa menina se já estarás de volta a La Merced? Seria melhor que não regressasse. — Kaweka rugiu, como acontecera naquela noite. — Muito bem — cedeu a parteira —, no dia em que o Modesto trouxer a tua filha, taparei com um tecido vermelho a janela do quarto onde estiveste. — Como se isso fosse suficiente, Rogelia afastou-se dela a poucos metros de alcançar o cruzamento da calçada do Monte. — Não te quero voltar a ver — avisou-a com apreensão. — Trouxeste os espíritos para a minha casa e agora terei de a limpar. Há algo de perverso em ti.

Kaweka respondeu com um esgar de cansaço antes de se virar e enfrentar o bulício da cidade. Encontrava-se numa das vias principais, no meio de uma multidão de pessoas que iam e vinham, a pé, puxando carroças ou charretes, em mulas ou a cavalo, em carruagens... Havia animais e vendedores ambulantes de tudo: tabaco, fruta, doces, legumes, aves e ovos, mel..., que se debatiam para captar a atenção das pessoas apregoando a viva voz a excelência dos seus produtos. A rua exibia lojas e oficinas que se sucediam ao longo das portas. Os gritos, o movimento,

a atmosfera agitada e a excitação do ambiente aumentaram a debilidade que ainda a afetava, lembrando-lhe a sua incapacidade para enfrentar uma realidade que parecia engoli-la. Procurou refúgio junto de uma fachada, onde os transeuntes não tinham de se desviar dela; mas, se isso apaziguou a sua angústia, também a conseguiu expor à curiosidade dos outros: uma negra apoiada numa parede que não fazia nada, nem vendia nada, nem falava com ninguém. Alguns começaram a observá-la. Kaweka baixou o olhar à passagem de uma mulher branca, uma padeira com um cesto à cabeça que a observou com desdém. Obrigou-se a corrigir aquele hábito submisso e ergueu o olhar a tempo de ver que a outra se concentrava nos seus pés. Como Modesto a avisara, as feridas ainda não cicatrizadas que circundavam os seus tornozelos, a marca indelével dos grilhões que durante tanto tempo tinham travado os seus passos, despertavam o interesse e apregoavam a sua condição.

— Negra... — começou a dizer a padeira.

Kaweka tentou deixá-la para trás e deslizou junto da parede. O movimento brusco deixou-a atordoada.

— Eh! Tu! Ouve! — quis detê-la atabalhoadamente a mulher, os seus movimentos limitados pela cesta que mantinha à cabeça.

Os gritos, porém, atraíram a atenção de outras pessoas. A maioria não deu importância, mas algumas mostraram curiosidade e aproximaram-se. Com a parede nas suas costas, Kaweka viu-se rodeada.

— Uma fugitiva — ouviu dizerem.

— Alguém que chame os guardas!

— Detenham-na.

Saltaram-lhe em cima e agarraram-na pela mão. Kaweka rendeu-se à evidência: tinha sido de novo presa.

— Disse-te para não saíres! — ouviu, porém.

Não entendia. As pessoas aglomeravam-se à sua volta, e então viu-o: um negro, jovem, de pouco mais de quinze anos, que puxava por ela com força e resolução. Kaweka tropeçou e lutou para não cair.

— É uma escrava fugida — afirmou um dos presentes.

— Não, não é.

A resposta surgiu de outros dois jovens negros que apareceram tão de repente como o primeiro e que se interpuseram entre Kaweka e o resto das pessoas.

— Não fugiu de nenhum sítio — disse um.

— Comprámos a sua liberdade.

Ambos empurraram Kaweka.

— Os documentos! — exigiu um homem.

— Agora mesmo, senhor — respondeu um dos rapazes quando já a tinham afastado uns metros dos outros.

Protegeram-na entre os três. Agarraram-na e levaram-na em bolandas, para longe dali, deixando para trás os comentários dos havaneses brancos, que também não estavam dispostos a perseguirem-nos nem a incomodarem-se com uma escrava.

Osvaldo escondeu-a no pátio traseiro da taberna, entre as mantas, sob o teto de lata onde dormia com a sua família. «Tenta não te mexer», suplicou-lhe. Kaweka pediu aos rapazes que a levassem até lá quando parassem de correr, um pouco para lá da ponte de Chávez.

— Para a taberna do catalão — indicou-lhes.

— Quase todas as tabernas desta cidade são de catalães — queixou-se um.

— É perto do matadouro.

— Ah, já sei a qual te referes! Fica aqui mesmo...

Era evidente que era uma escrava fugida, falaram pelo caminho, por isso a tinham ajudado.

— E para foder os brancos — acrescentou o mais novo dos três.

Kaweka esforçou-se por acompanhá-los nas risotas. Um deles era livre; os outros dois, não. As suas respostas e a sua atitude fizeram com que a escrava sentisse o mesmo espírito que já experienciara na sua estadia anterior na cidade. Ali partilhavam o objetivo da liberdade e muitos eram capazes de se ajudarem para o alcançarem. Era a essa

juventude que Kaweka fizera referência na noite em que descobrira que Osvaldo ajudava a quilombola urbana, Licinia, e os seus dois filhos. Apesar de estar muito dorida e nauseada depois da correria, uma sensação de esperança invadiu-a. Respirou com força o ar um pouco mais frio de inícios de outubro. Devia continuar a trabalhar, e fá-lo-ia gozando da companhia de Yesa... Talvez também da de Modesto. A primeira vez teve de a deixar devido à doença com que a deusa a castigara; agora não seria necessário; conhecia o seu caminho e não se desviaria dele. E esse caminho podia fazê-lo junto da filha, vendo-a crescer, dormindo junto dela, acariciando-a; algo que, em La Merced, temera que nunca mais pudesse fazer. Quanto a Modesto... Que simples seria deixar-se levar pelas circunstâncias!

— Porque choras? — perguntou-lhe um dos rapazes.

Kaweka franziu os lábios.

— Por vocês — acabou por dizer.

Na parte de trás da taberna despediu-se deles, mostrando-lhes as mãos vazias. Não tinha nada para os recompensar. A sua surpresa veio quando um dos rapazes se aproximou e lhe depositou um botão branco na palma de uma delas.

— Da padeira — disse-lhe, piscando-lhe um olho.

Kaweka apertou-o com força enquanto os via irem-se embora, alegres e des preocupados. As lágrimas voltaram a correr-lhe pelas faces. «Ultimamente choras muito, negra», recriminou-se, «pareces uma velha». Depois olhou para o botão. Já só lhe faltavam seis brancos e outros sete azuis, e podia refazer o colar de contas de Iemanjá que ficara sobre o cadáver do filho do marquês e que a mãe destruía enquanto lhe batia.

Nessa noite, quando o catalão fechou a taberna e Osvaldo considerou que não corriam perigo, Kaweka, mais tranquila depois de ter passado todo o dia a dormir debaixo das mantas, também saboreou uma tigela a transbordar de roupa-velha. A comida, rotineira no engenho, dia após dia, ano após ano, não tinha outro valor para ela que não o de superar uma

necessidade, mas aquela foi degustada com prazer, deleitando-se; sentira saudades do sabor do alho e da cebola, da laranja amarga e do picante que rodeava o paladar forte das vísceras com que o cozinheiro preparava o prato, algo que lhe recordava uma temporada que vivera com ilusão até Rivaviejo a ter quebrado, reconhecendo-a no depósito de quilombolas.

— O povo ergueu as armas — anunciou-lhe de repente Osvaldo quando ela engoliu o último bocado, como se temesse surpreendê-la com a notícia enquanto comia. — No lado oriente da ilha.

Kaweka voltou a cabeça lentamente para ele. Há tempo que não se ouviam notícias de revoltas.

— Os escravos? — inquiriu.

— Amos e escravos juntos...

— Juntos? — surpreendeu-se Kaweka. — Como podem ir do mesmo lado amos e escravos, brancos e negros?

— Porque todos querem a independência de Espanha. Dizem que os donos dos engenhos libertaram os seus escravos, que comparecem com eles no exército revolucionário.

— E o que nos importa a nós essa guerra?

— Importa-nos porque, para se conseguirem separar de Espanha, necessitam de nós como soldados, e para isso libertam-nos. Além disso, têm de contar com a ajuda de outros países, e só a terão se renunciarem à escravatura.

— Libertam todos os escravos?

— Não sabemos. Isto aconteceu há dois ou três dias, e as notícias, ainda que confusas, correm rapidamente. Um tal Céspedes tornou-se general e encabeçou a revolta. Aqui, em Havana ou em Matanzas, em todo o ocidente da ilha, não aconteceu nada. Nem os fazendeiros nem os militares se juntaram à revolução; mas lá, pelos vistos, sim. Aumentou-se a vigilância, mas já há alguns escravos que fogem para o Departamento do Oriente. — Os dois mantiveram-se uns instantes em silêncio. — O que pensas fazer? — perguntou Osvaldo ao fim de uns momentos.

— Ir lutar com eles — afirmou Kaweka com os olhos brilhantes —,

mas primeiro tenho de esperar que tragam a minha filha. Não deve demorar — acrescentou, enquanto tentava calcular os dias que tinham decorrido desde a partida de Modesto, embora, na realidade, não pudesse ter a certeza. O emancipado confirmara-lhe que por aquela zona também trabalhava Rivaviejo, ainda que a tivesse avisado de que teria de preparar a viagem com cuidado para o médico não desconfiar.

Uma guerra em que os amos libertam os seus escravos para lutarem junto deles, congratulava-se Kaweka. Outra oportunidade que os deuses lhe proporcionavam para que lutasse pelos seus e, nesta ocasião, talvez acompanhada pela filha... E talvez também por Modesto, se o conseguisse convencer a esquecer Havana, essa cidade que o mantinha sequestrado. Imaginou o rosto de desencanto de Rogelia se Modesto no fim optasse por a seguir. «Não pretendo tirar-to», dissera-lhe. Era mentira: Kaweka sonhava refazer a sua vida sem renunciar à luta nem ao amor, mas os dias passavam e a outra não tapava a janela com o tecido vermelho. Osvaldo mandava os filhos verificar. Entretanto, um dia apresentou-se com uma doente no pátio da taberna. O cozinheiro desculpou-se com um esgar de desespero. Kaweka pediu-lhe uma discução que não era possível: ao fim de pouco tempo apareceram mais negros doentes. E Rogelia continuava sem pendurar o tecido. O catalão acabou por descobrir e Osvaldo suplicou-lhe. «Mais dois dias e denuncio-a», disse Joan, embora também não tivesse cumprido com a ameaça, uma vez que começou a receber dos que vinham procurar a curandeira.

Uma noite, à passagem do grupo de trabalhadores em frente da taberna do catalão, no regresso do porto ao depósito de quilombolas, Porfirio, o negro que era o chefe da quadrilha e que gozara da dor e do prazer que lhe proporcionara Kaweka na sua primeira noite ali, agarrou no braço de um escravo e afastaram-se do grupo.

— Ele que não escape — avisou o vigilante apontando para o homem que ia com ele.

— Não te preocupes, chefe. Voltaremos para casa — prometeu,

gracejando.

Depois, entraram no estabelecimento, ele pediu um rum e, seguido pelo outro escravo, encaminhou-se até ao pátio.

— Disseram-me que tinhas voltado — disse a Kaweka.

— Por pouco tempo — replicou ela. — Quando tiver a minha filha...

Kaweka espreitou por trás de Porfirio, tentando ver o negro que se escondia atrás dele.

— Sim — adiantou-se o chefe do grupo de trabalho —, é do teu quilombo.

— Lembras-te de mim? Sou Jesus — apresentou-se o homem, avançando dois passos.

Apesar do seu estado e dos farrapos que vestia, Kaweka reconheceu-o como um dos esbirros de Felipe. Um arrepio percorreu-lhe o corpo.

— Conta-lhe — ordenou Porfirio.

O homem franziu os lábios e abanou a cabeça antes de começar o seu discurso. Uns meses depois de Kaweka partir, os capitães do mato tinham encontrado e arrasado o quilombo da serra do Rosario. Alguns quilombolas conseguiram enganar os cães e escapar, poucos, pensava, embora também não tivesse a certeza. Muitos foram abatidos e alguns, como ele, capturados. Até àquele momento Kaweka pensava que a deusa a continuava a tranquilizar a respeito da filha, mas tinham sido tantos os acontecimentos nos últimos tempos que bem podia ter interpretado mal os seus sinais. A angústia revolveu-lhe o estômago; esperou que Jesus continuasse, mas ele não o fez.

— E a minha filha? — perguntou ela com voz trémula.

— Não sei. — O escravo suspirou antes de continuar: — Não estava com o grupo que trouxeram para o depósito de quilombolas daqui. Comentámos acerca da sorte de uns e de outros, mas ninguém sabia nada da tua filha. Pode ter escapado com a ajuda de alguém. Ou até ter sido detida mais tarde e entregue ou vendida pela zona. Uma menina sem documentos... Os cães estão sempre a procurar.

Jesus não acrescentou a última possibilidade, aquela que foi

considerada tanto por Osvaldo e pela esposa como por Porfirio: que a menina tivesse morrido, que a tivessem deixado para trás na fuga, que um daqueles mastins ferozes e loucos a tivesse devorado.

Não foi violento como a maioria das vezes em que a deusa a possuía ou comunicava com ela; desta vez deslizou no interior de Kaweka de forma primorosa, desatando com delicadeza os nós que se tinham formado e a consumiam perante a incógnita da fortuna da sua menina.

— Está viva — afirmou com convicção.

Os outros quatro compreenderam as suas palavras.

— Ouviste falar do levantamento do Oriente? — perguntou Porfirio para mudar de assunto. — Esta noite fugimos para nos juntarmos aos rebeldes — anunciou depois de Kaweka assentir. — Vens connosco? — convidou-a por fim, passados uns segundos.

— Porque me fazes essa proposta?

Porfirio não conseguiu conter por completo um sorriso lascivo.

— Vão ser necessárias curandeiras como tu — respondeu, no entanto.

Kaweka quis avaliar a possibilidade. Não poria em causa que os capitães do mato tivessem atacado o quilombo, porque Jesus não tinha nenhum motivo para lhe mentir. Estava com Porfirio, e ela confiava naquele homem. Mas talvez a menina se tivesse salvado e estivesse em algum outro quilombo, ou num dos inúmeros engenhos, tabacais, cafezais e pastos que havia pela zona. Devia ir procurá-la.

— Não o conseguirias — disse-lhe Porfirio, imaginando o que passava pela sua cabeça.

— Mas tenho de tentar — insistiu ela.

— Bem sabes, Kaweka — retorquiu Osvaldo —, que os escravos podem fugir e esconder-se nas serras ou nos pântanos, e até aí os capitães do mato os perseguem e os capturam. Mas fora das grandes cidades ninguém consegue ir de um lugar para outro e deslocar-se dia após dia sem acabar por ser detido. Não podes ir daqui para lá à procura dessa menina.

O cozinheiro tinha razão.

— E o Eluma? — perguntou então a Jesus, como se quisesse afastar de si o dilema que se lhe apresentava.

O esbirro abanou a cabeça.

— Foi dos primeiros a cair.

Kaweka recordou o velho pai de santo e inspirou com força, como se quisesse absorver parte da sua alma que estaria a vaguear. Ele protegeria Yesa. A lembrança do pai de santo serenou o seu ânimo: realmente não fazia sentido lançar-se pelos caminhos à procura da menina, e muito menos agora, quando a vigilância seria aumentada se uma parte da ilha entrasse em guerra. Se Yesa não tivesse morrido, como ela julgava, como lhe diziam os deuses, podiam até tê-la vendido para que aprendesse a servir numa casa... Podia estar em qualquer lugar, e ela não tinha por onde começar a procurar.

— Inclusivamente, podia estar no Oriente, onde se deu a revolta — quis animá-la Porfirio, certo de que ela não parara de pensar no destino da menina. — Se esses deuses em quem acreditas quiserem que se voltem a juntar, vão arranjar forma.

— Mas eu devo lutar por a encontrar...

Deixou a frase no ar. «Lutar», mencionara. Não se podia enganar outra vez. A sua guerra era para que libertassem os negros a este da ilha. Não sabia onde estava Yesa. E se os deuses a estivessem a mandar para oriente?

— O que vais decidir? — pressionou-a Porfirio.

— O que...? — Kaweka estava perdida em especulações.

— Juntas-te a nós ou não?

Não o ouviu. Modesto estivera naquela zona, prometera-lhe, e talvez soubesse mais alguma coisa. O mais provável era que Jesus não se tivesse preocupado com Yesa; ninguém o teria feito a meio do assalto dos capitães do mato com os seus cães, cada um teria procurado a sua salvação. Pouco podia saber o quilombola da sorte dos outros. Mas Modesto procurá-la-ia, a ela, a uma menina desse quilombo. E se tivesse notícias de Yesa ou, inclusivamente, a tivesse encontrado? E se decidisse

ir embora com Porfirio e o emancipado regressasse com a pequena?

— Kaweka!

— O quê?

— Juntas-te a nós?

— Quando vão?

— À meia-noite.

Kaweka assentiu, pensativa.

— Mas se a essa hora não estiver em frente do depósito de quilombolas, não esperem por mim — afirmou.

Ao anoitecer, Kaweka pediu a Osvaldo que a acompanhasse a casa de Rogelia. Andaram ao abrigo das sombras. Não havia outra iluminação além daquela que alguns vizinhos acendiam nas suas portas, pelo que não lhes custou deslizarem pelas sombras até verem a casa da transversal à calçada do Monte, onde continuava a não ser exibido qualquer tecido vermelho.

— Os miúdos já te tinham dito — argumentou o cozinheiro, incomodado por se encontrar fora da taberna àquela hora e sem autorização.

Estava tudo tranquilo.

— Vamos embora! — insistiu Osvaldo.

Kaweka suspirou, sem saber se fazia algum sentido continuar a esperar. Ia a dar meia-volta quando umas risotas quebraram o silêncio do beco.

— Não — protestou o cozinheiro.

— E se essa cabra me engana?

Osvaldo não soube o que responder e observou, agachado, como ela se aproximava da porta da casa. Do interior surgia o reflexo ténue de um candeeiro. Kaweka colocou-se junto da janela. Osvaldo ficara para trás, a olhar, inquieto, de um lado para o outro. À luz juntou-se o rumor de palavras. Kaweka conseguiu ver o que acontecia lá dentro através de uma fenda aberta na portada: Modesto, sentado a uma mesa, bebia rum

enquanto a parteira limpava numa bacia os seus utensílios profissionais, como se tivessem acabado de chegar de um parto.

Apesar dos protestos de Osvaldo, Kaweka decidiu abrir a porta. Modesto surpreendeu-se ao vê-la; Rogelia voltou a sua atenção para a bacia, retomando o seu trabalho com um impertinente estalido da língua.

— O que fazes aqui? — perguntou o emancipado com voz arrastada.

Kaweka olhou para a garrafa de rum, quase acabada.

— Como assim, o que é que faço aqui? Espero que me digas alguma coisa sobre a minha filha.

— A Rogelia disse-me... disse-me que te tinhas ido embora.

— Isso disse-me ela a mim — argumentou a parteira sem sequer se voltar. — Que se ia embora.

— Tu achas que eu me ia embora sem saber nada da minha filha? — recriminou-o Kaweka, levantando a voz.

Modesto bebeu o copo de um só gole e deixou escapar um arrote antes de responder.

— Não sei. Não seria a primeira vez que desaparecias sem dar qualquer explicação, inclusivamente depois de teres recebido uma boa proposta — atacou-a sem piedade, servindo-se de outro copo de rum.

Kaweka ficou paralisada. Quis discutir. Balbuciou, mas não estava ali para isso.

— Sabes alguma coisa da minha filha? — acabou por perguntar.

— Não. Ninguém sabe de nada. Os capitães do mato atacaram o quilombo... — explicou Modesto, que não sabia que Kaweka já estava ao corrente disso graças a Jesus.

— Chegaste até lá? — insistiu ela.

— Não. Não me foi possível. Tu sabes que há bastantes quilombos e quilombolas solitários pela zona... — Modesto calou-se por um instante, como se tivesse a boca seca. — Cheguei até à serra do Rosario, mas não consegui que ninguém me acompanhasse ao lugar, se é que alguém conhecia verdadeiramente a sua localização. Em qualquer caso, todos foram unânimes: os capitães do mato destruíram o teu quilombo, e

ninguém sabia nada de uma menina pequena. Estive a perguntar...

— Se há tantos quilombos nessa serra, como sabes que foi o meu que atacaram?

— Porque de ti, sim, lembravam-se muitos a quem perguntei: a curandeira.

— E não procuraste quilombolas que te pudessem contar mais alguma coisa? Lá, na própria serra, há cafezais e engenhos pequenos. Talvez a menina estivesse nalgum deles.

— Perguntei inclusivamente a alguns capitães do mato, mas foram eles que acabaram por me interrogar a mim em vez de responderem às minhas perguntas. Tive de me esconder deles.

— Esconder-te?

— Eh! Já chega! — Rogelia ergueu-se cheia de si, enfrentando Kaweka. — Deixa-o em paz! Porque não vai o pai procurar a filha? O lógico seria que a tivesse levado ele. Estava lá? Procura-o tu! A ele e à menina, se não estiver já morta.

— Chega! — interveio Modesto, batendo na mesa.

«Serviria de alguma coisa desvendar agora a paternidade de Modesto?», perguntou-se Kaweka diante das palavras da parteira. E concluiu que, com toda a probabilidade, Rogelia rir-se-ia dela, alegando que era uma desculpa esfarrapada e oportunista. Modesto estava bêbedo, talvez não tanto que não entendesse, mas aquele rum devia ser de Rogelia, e também era a sua casa, e a sua mesa, e o seu copo... Kaweka sentiu-se deslocada, totalmente estranha, uma pessoa que de modo algum era bem-vinda. E reiterou a decisão que tomara havia anos: não revelar a Modesto a sua gravidez quando Gabino lhe enviara o recado.

— Este homem — continuou Rogelia, aproveitando o momento de dúvida de Kaweka e apontando para Modesto — já fez bastante por ti, desde oferecer-te a liberdade à sua custa — coisa que lhe teria confessado Modesto quando a outra o enganara dizendo-lhe que Kaweka se tinha ido embora de casa — até salvar-te a vida no engenho. Deixa-o em paz! Arrisca-te tu para encontrares a tua filha quilombola. Vai tu percorrer as

serras a fazer perguntas e a expor-te para que algum branco te denuncie ou te detenha por dois pesos. Cobarde!

Ao ouvir o insulto, Kaweka avançou em direção à parteira.

— Quem é que tu pensas que és?

Modesto meteu-se entre ambas. Osvaldo, que entrara em casa para não continuar exposto a alguma patrulha noturna, também interveio para as acalmar.

— Deixa-o em paz! — insistiu Rogelia aos gritos. — Que mais queres dele?

Kaweka interrogou Modesto com o olhar, e este respondeu-lhe encolhendo os ombros, como se desse razão à parteira.

— Não te preocupes — disse-lhe Kaweka —, não terás mais notícias minhas. Vamos embora — pediu a Osvaldo. — Obrigada por tudo o que fizeste por mim — disse-lhe, apesar de tudo, quando estava à porta.

— Espera, Regla! — exclamou o emancipado quando os outros dois já tinham cruzado a ombreira.

— Acompanha-me ao depósito de quilombolas — pediu Kaweka a Osvaldo, enquanto desapareciam na escuridão das ruas de Havana.

Kaweka não voltou o olhar para trás para ver como Modesto fazia tenção de a seguir, nem como Rogelia o impedia, com o seu corpo a transformar-se numa barreira intransponível, sobretudo para um homem bêbedo, de movimentos atabalhoados.

Esperaram que chegasse a meia-noite escondidos no largo em frente do edifício, onde a descobriu Rivaviejo, na exposição geral de escravos. Kaweka reviu os acontecimentos desse dia: as notícias da guerra, a libertação dos escravos, a proposta de Porfirio, as notícias que lhe proporcionara Jesus acerca do quilombo. A sua despedida de Modesto... Saberá ele que se ia embora para o Departamento do Oriente para se juntar ao exército rebelde? Não lhe dissera nada. Pediu a Osvaldo que não lhe contasse caso o emancipado fosse à taberna do catalão, embora Modesto também não soubesse que ela vivia ali. Ter-lhe-ia ela dito

quando estava febril?, questionou-se. Insistiu nisso com o cozinheiro. Na cama, durante os dias que Rogelia cuidara dela, colocara-se nas mãos dos deuses relativamente à sua relação com Modesto, e agora encontrara-o bêbedo, na casa dessa mulher.

Kaweka sentiu um arrepio. Abandonara-o de novo sem lhe dizer nada, e Modesto atirara-lhe isso à cara, por mais que a sua recriminação estivesse sob os efeitos do rum; não era a primeira vez que desaparecia. Mas nesta ocasião era diferente, pensou Kaweka, tremendo de raiva. Ele tinha dado mais crédito às mentiras daquela gorda ciumenta do que aos seus sentimentos. Como é que ela se ia embora sem saber nada da sua menina? E, em vez de lhe pedir explicações, encontrara-o entregue ao álcool, indiferente à sua sorte.

Iemanjá decidira, convencera-se mais uma vez. Sussurrava-lhe que a sua menina estava viva, mas ao mesmo tempo transmitia-lhe uma sensação de angústia que se lhe agarrava ao estômago. Não a ia recuperar. Sabia-o. Podia correr a serra do Rosario e fazer o que acabara de recriminar Modesto por não ter feito, e perguntar, e procurar, e percorrer cafezais e pastos, mas não a encontraria. O seu destino era a guerra, a luta pela abolição da escravatura. Iemanjá protegeria a sua menina. Quanto a Modesto... talvez se tivesse portado bem com ela, sim, mas acabara por também não conseguir encontrar Yesa, e, depois da discussão que acabavam de ter, o seu destino ficava para trás, com a sua garrafa de rum e a sua amante. Kaweka respirou fundo na noite. Mamã Ambrosia, a quem adorava, morrera por ela. O amor pelo emancipado, que renascera nela de forma subtil, estava agora afogado numa garrafa de rum. Jacinto, o menino que curou, vivia escravizado, e os dois escravos a quem roubou as catanas foram esmagados. Tinha feito abortos e ajudado irmãos a suicidarem-se. Os corpos dos negros pendurados nas palmeiras pareceram iluminar a noite. Que importância podia ter esquecer-se de um negro que, quando andava, parecia esquivar-se do ar? A sua guerra, o seu único objetivo, era a liberdade dos seus. Então, Iemanjá devolver-lhe-ia a filha.

Kaweka interrompeu os seus pensamentos quando a porta do depósito se abriu. Porfirio saiu acompanhado de Jesus e de outro escravo que ela não reconheceu.

— E os guardas? — perguntou a Osvaldo.

— Subornaram-nos, como sempre — respondeu o cozinheiro.

Tão verdadeira era aquela afirmação que uma das sentinelas se despediu dos escravos que fugiam, ficando a observá-los a rumar a Havana.

— Não íamos para oriente? — perguntou Kaweka, estranhando, depois de se juntar a eles.

— Para Bayamo, sim — sussurrou Porfirio. — Uma das grandes cidades de Cuba. Os rebeldes tomaram-na aos espanhóis e estabeleceram lá a capital da nova república. O problema é que fica quase a oitocentos quilómetros daqui. Seriam semanas de caminho. Não chegaríamos. Prender-nos-iam pelo caminho.

— E então?

A única solução era um barco. Um bergantim velho que comerciava em navegação de cabotagem e onde os esconderam no porão, carregado de mercadorias, nessa mesma noite. Nenhum dos tripulantes da embarcação mostrou interesse no *transfer* de negros, e, na manhã seguinte, depois de terminarem as operações da estiva, o baixel partiu em direção ao porto de Santiago de Cuba. Demoraram dez dias a chegar depois de ancorarem em Nuevitas e Baracoa, dias em que Kaweka viveu em permanente contradição. Apenas fizera uma travessia marítima: a que a levava para Cuba num *clipper* depois de a escravizarem em África. No bergantim comiam e bebiam água, e tinham uma certa liberdade de movimentos, ainda que limitada ao porão, mas o mais importante era que ali não eram obrigados a partilhar o cheiro da morte das colegas de viagem que faleciam como animais durante o trajeto para Cuba.

Durante o dia, Kaweka obrigava Jesus a contar-lhe coisas de Yesa; queria saber como vivera a menina depois de ela a abandonar no quilombo para satisfazer a vontade da deusa. Voltou a ouvir o riso da sua

filha ao ritmo das histórias do quilombola, e quase julgou cheirá-la e acariciá-la. Porém, à noite, quando ele costumava cadenciar a sua respiração com a dela como se se quisessem fundir numa só natureza, o balanço, o ranger das madeiras, o bater das ondas, o penetrante cheiro a salitre, a falta de ar e a escuridão expulsavam Yesa da sua memória e substituíam-na por outra menina, Daye, e, para seu tormento, faziam-no com o mesmo realismo com que revivia a filha.

A morte. Os dois dias que esperou que a irmã acordasse atormentaram-na com uma força que antes, por inocência ou por ingenuidade, chegara a ignorar. O frio do cadáver, agora reconhecível, instalava-se junto dela durante as noites de navegação e fazia-a estremecer com a memória da sua mãe e da sua família, da sua terra, da sua felicidade. Chorou muito de saudade, de dor; chorou pela sua filha, pela sua irmã e por toda uma vida de escravatura.

Entre aquelas experiências animicamente extenuantes, Porfirio, o único que mantinha alguma comunicação com o capitão do navio, um simpatizante da revolta, comentou com ela que as coisas pareciam estar a correr bem para os sublevados. Fizeram-se umas primeiras tentativas com resultados adversos, mas o escravo confirmou que os insurgentes haviam conseguido tomar a cidade de Bayamo, onde se tinham tornado fortes enquanto as autoridades espanholas desprezavam o movimento rebelde e o exército não era capaz de responder com eficácia.

Porém, e depois de um primeiro momento de euforia partilhado pelos quatro fugitivos perante tão boas notícias, Kaweka ficou dececionada com a declaração efetuada pela Junta Revolucionária encabeçada pelo capitão geral dos rebeldes, Céspedes, reunida numa quinta sua, La Demajagua, relativamente aos escravos. A Junta, inicialmente composta por trinta e sete proprietários rurais, declarava a independência de Cuba, efetivamente, mas não abolia a escravatura.

— Dizem que desejam a emancipação gradual dos escravos — insistiu Porfirio perante a relutância de Kaweka, repetindo mais uma vez as palavras que memorizara do capitão.

— Mas também disseste que indemnizariam os proprietários — queixou-se Jesus.

O quarto fugitivo, um jovem chamado Pedro José, olhava para uns e para outros; Kaweka não ouvira da boca dele mais do que umas poucas palavras isoladas durante os dias em que estavam na travessia.

— Só dizem que desejam a nossa liberdade — enfatizou ela. — O Estado compra-nos, paga por nós. A escravatura não é abolida. Voltamos a ser simples mercadoria para esses proprietários.

— É verdade — teve de reconhecer Porfirio —, pode ser, mas há muitos proprietários que estão a emancipar voluntariamente os seus escravos e lutam juntos no exército rebelde. Vão todos unidos para a guerra! Como um só povo: brancos e negros, sem distinções entre amos e escravos. A abolição chegará, não há dúvida.

Kaweka tentou fantasiar com isso: os mesmos negros que não estavam autorizados a olharem para o rosto dos brancos a lutarem lado a lado com eles, mas as guerras eram assim. Isso lembrava-lhe as guerras entre tribos em África, como aquela onde as escravizaram; mas ali, em Cuba, era diferente: os brancos tinham espingardas e revólveres, como os guardas do engenho, e cavalos, e haviam-lhe falado de canhões, armas enormes. Foi isso que Porfirio respondeu quando Kaweka lhe perguntou numa noite em que se aproximou dela em busca de prazer. Kaweka serenou o seu desejo, algo que ele não conseguiu fazer com a sua curiosidade. Não sabia mais do que o que tinha ouvido e visto em estampas e até num quadro: cavalos a galope, explicou-lhe, sabres e exércitos, muitos soldados, uns em frente de outros lutando e matando-se. Kaweka tentou formar uma ideia, e essa imagem juntou-se às outras que a acompanharam durante o resto da viagem; animava-se quando aquele bergantim velho lhe recordava as suas origens e a afastava cada vez mais da sua filha. Deviam lutar pela liberdade, dizia então para consigo, por mamã Ambrosia e por ela própria, pelos milhões de negros roubados de África, por Yesa e, acima de tudo, porque, no dia em que se reencontrassem, mãe e filha o fariam sendo ambas livres.

Mas se a viagem pôs à prova o seu espírito obrigando-a a transitar entre a tristeza e a esperança, fisicamente aqueles dias proporcionaram-lhe uma certa melhoria no estado de degradação física com que saíra de La Merced. Descansou e comeu bem, pelo que desembarcou no porto de Santiago de Cuba um pouco mais restabelecida. Fizeram-no de forma clandestina e quando era noite cerrada, mas eram apenas três: Porfirio, Jesus e Kaweka. Pedro José fora detido por dois marinheiros que o manietaram e o devolveram ao porão. Nem sequer quando se atiraram a ele se ouvira queixa alguma por parte daquele rapaz tímido.

— O que estão a fazer? — protestara Kaweka.

— Não perguntes. Vamo-nos embora antes que mudem também de opinião em relação a nós.

— Mas...

Porfirio puxou por Kaweka. Jesus ia à frente deles, e já estava no convés.

— Depois voltaremos para o buscar.

— Não! — gritara ela. — Não podemos ir lutar pela liberdade dos escravos deixando para trás um dos nossos. Não podemos...

Porfirio agarrara-a pelos ombros e sacudira-a até a fazer calar. Vários marinheiros olhavam para eles expectantes.

— O capitão aumentou o preço da viagem — dissera-lhe ao ouvido — e tive de lhe vender Pedro José.

— Cabrão! Estás maluco?

— Queres que te troque por ele?

— Sim! — afirmara.

Kaweka lutara para escapar daquelas mãos fortes. Os marinheiros aproximavam-se.

— Vão deter-nos a todos — tentara acalmá-la Porfirio, embora a força com que a prendia tivesse pouco de tranquilizadora. — Amanhã vender-nos-ão no mercado de Santiago e, com o dinheiro que ganharem connosco, vão foder com putas do porto e embebedar-se a rirem dos três escravos ingênuos que confiaram neles. Temos muito pouca importância

para eles, Kaweka. Somos apenas negros, incultos, ineptos, inferiores.

E, em seguida, pegara nela, colocara-a ao ombro como se fosse um fardo e lançara-se passadiço abaixo para desembarcar. Jesus já os esperava lá fora. Escaparam atravessando docas e armazéns, em silêncio. Contornaram parte da baía de Santiago para conseguirem avistar a cadeia de montanhas de serra Maestra, cujos picos se recortavam contra a lua na noite.

— Por aí chega-se à vila de El Cobre, às minas e ao santuário da Virgem da Caridad del Cobre — indicara o capitão a Porfirio. — Têm de seguir esse caminho com cuidado. A cidade de Santiago não se juntou à rebelião, continua leal a Espanha, e há patrulhas por todo o lado. Não deem de caras com elas até entrarem no matagal, onde, com certeza, vão encontrar rebeldes suficientes para vos ajudarem a chegar até Bayamo.

Demoraram outros cinco dias a percorrer a distância que separava as cidades de Santiago e Bayamo. Kaweka continuou irritada durante parte desse tempo devido ao que acontecera a Pedro José. Duvidava da explicação que lhe dera Porfirio, que o capitão aumentara o preço, uma vez que nunca chegara a entender o que fazia aquele escravo tímido na companhia dos quilombolas de força e caráter; era como se fosse para servir de pagamento por um preço já antes combinado antes de partirem de Havana.

Contudo, a necessidade de sobreviverem naquele ambiente e o sonho de se juntar à revolta levaram-na a relegar o assunto para segundo plano e a tentar esquecer o sucedido com o jovem. Os três tinham sido quilombolas; os três sabiam desembaraçar-se no bosque por mais que aquele fosse muito mais denso do que os da parte ocidental da ilha. Porfirio e Jesus levavam catanas que haviam roubado do depósito de quilombolas; Kaweka abria caminho à catanada pela selva com outra, a que era de Pedro José, cujos pertences lhe tinham sido entregues: a catana, uma esteira, alguma roupa, embora fosse de homem, e a comida conservada em sal que transportavam. As mãos tremeram-lhe ao apalpar

o conteúdo do saco: nunca tivera quaisquer pertences para além das roupas do engenho e do colar de contas que perdera no quarto do filho do marquês. Agora dispunha do botão branco que lhe tinham oferecido os rapazes que a salvaram na rua e de tudo o que pertencera ao jovem negro entregue como pagamento da sua travessia.

— O capitão não o tratará mal — quis tranquilizá-la Porfirio ao perceber a sua compunção —, e rapidamente lhe devolveremos a liberdade.

Andaram por entre uma vegetação exuberante e sob uma chuva persistente que dificultava o avanço na direção do noroeste, exatamente para onde lhes tinham indicado que se dirigissem, abrigando-se com a proteção que lhes proporcionava a cordilheira, mas tentando contorná-la. Como lhes dissera o marinheiro, encontraram homens e mulheres que, tal como eles, se iam juntar às tropas rebeldes. O «*Viva Cuba libre!*» uniu-os, e acabaram por entrar em Bayamo ao entardecer do último dia do mês de outubro do ano de 1868, aproximadamente duas semanas depois de as tropas de Carlos Manuel de Céspedes, capitão geral da república, obrigar à rendição das tropas espanholas da cidade: cerca de uma centena de soldados de infantaria e vinte e cinco de cavalaria, que, para escárnio do orgulho pátrio, nem sequer se chegaram a apresentar na batalha.

A cidade era uma das mais importantes da ilha; era habitada por cerca de sete mil almas, das quais apenas um terço eram pessoas brancas. Dispunha de nove igrejas e dois conventos; a câmara municipal e uma prisão; um teatro e uma filarmónica; dois hospitais e dois quartéis, tudo isso nas margens do rio Bayamo. À medida que o grupo em que Kaweka viajava se aproximava da povoação, ela foi contemplando o frenético trabalho que os negros realizavam nas vias de acesso: transportavam grandes pedras, derrubavam árvores, cortavam e afiavam os seus extremos, e construía barreiras de defesa e cercas fundeadas com as pontas das árvores, como se fossem facas, como faziam nos quilombos, com a intenção de impedirem ou, pelo menos, atrapalharem a passagem das tropas espanholas.

Kaweka não ouviu chicotes, mas sim as ordens gritadas dos maioraes e dos capatazes brancos. Com os pés afundados no lamaçal em que a chuva transformara os caminhos, parou um instante para observar a cena e afligiu-se: sempre o mesmo, porque Kaweka percebeu nas ordens e nos gritos dos capatazes no caminho que levava a Bayamo a mesma atitude de supremacia que demonstravam os maioraes nos engenhos. Abanou a cabeça e dirigiu o olhar a Porfirio, que percebeu o que pensava. O quilombola fez um gesto de ignorância e apontou para a frente, para a cidade, como se ali os fossem esclarecer do que se passava.

O grupo era agora muito mais numeroso depois de reunir gente nas serras; além de Kaweka, havia outras duas mulheres: uma velha e outra jovem, que já se conheciam e que continuaram a andar com os outros. Desde que se encontrara com elas na serra, a mais velha recordara-lhe mamã Ambrosia, e na outra vira o reflexo de si própria. Incluídas num bando de homens que teimavam em avançar numa selva cerrada, as três tinham-se ajudado mutuamente. À noite e durante os períodos de descanso, faziam uma vida afastada dos outros e tiveram oportunidade de conversar: Cecilia e Sabina tinham nascido escravas num cafezal localizado no interior da serra, de onde haviam fugido. A herdade ficava perto de um rio e, da forma como a descreveram, era parecida com muitas das explorações pequenas que Kaweka conhecera na sua vida de quilombola. Cecilia dispunha da experiência de anos de submissão e de uma visão tranquila e paciente da vida. Em Sabina ardia um espírito imprudente e leviano de luta e liberdade, enaltecido agora que se encontrava longe de amos e maioraes. As duas completavam-se, concluía Kaweka, como se não fossem capazes de superar aquela aventura sozinhas.

À entrada da cidade, um soldado branco armado deteve Porfirio e os seus, e, depois de os interrogar, encaminhou-os para o centro de recrutamento, no quartel de infantaria.

— Embora a esta hora já não vos atendam — disse, erguendo o olhar para o céu, já escuro. — Talvez amanhã também não, não sei. Hoje é

véspera de Todos os Santos e, depois de amanhã, é o Dia dos Mortos. São feriados, embora, tal como estão as coisas... — Fez um gesto para terminar a conversa nesse ponto, mas Kaweka e Porfirio interrogaram-no com o olhar, uma coisa que pareceu incomodá-lo. Hesitou sobre se deveria dar atenção àquele grupo de escravos negros esfarrapados e, depois de cuspir, elucidou: — Os soldados não têm feriados.

Como também não tinham para onde ir, decidiram aproximar-se do quartel de infantaria. Acomodar-se-iam nos arredores e dariam conta das poucas provisões que lhes restavam enquanto esperavam que amanhecesse.

— Com certeza que nos vão atender — garantia Porfirio enquanto andavam —, necessitam de soldados.

De repente o quilombola calou-se, gritou e deu um salto para trás, surpreendido, atropelando os que o seguiam. Kaweka, ao seu lado, respondeu de igual modo, e gritou aterrorizada.

Três figuras envolvidas numa capa preta, com os rostos tapados com máscaras — duas delas brancas, a terceira com uma caveira desenhada —, e com umas armaduras também tapadas com trapos pretos sobre a cabeça, de onde saía a luz de uma lanterna por uma abertura, tinham saído de uma porta para surgirem brusca e inesperadamente diante deles. Uivaram simulando ser mortos-vivos, mexendo os braços para cima e para baixo e posicionando os dedos como se fossem garras.

O incidente durou uns segundos, o suficiente para assustar os negros e os deixar a todos com o coração sobressaltado, enquanto as figuras tétricas, trocando os gemidos por gargalhadas, se afastavam pela rua à procura de outras pessoas para assustar.

— Antes faziam isto só com as crianças — explicou-lhes um negro depois de chegarem às portas do quartel e se instalarem junto dos seus muros, referindo-se àquelas figuras escuras que de vez em quando passavam perto do edifício, a cabeça iluminando a noite, os risos e a gritaria quebrando o seu silêncio, assombrando-os a todos —, mas este ano aproveitam a ignorância da maioria de vocês e estão a divertir-se.

O homem, como se quisesse desculpar o comportamento dos jovens de Bayamo, provavelmente seus vizinhos, convidou-os a comerem umas *tortas* de milho seco cozido especiais daquelas festas: umas salgadas, condimentadas com banha, sal, alho e cebola; outras doces, com açúcar e anis. «Milho de finados», chamou-lhes.

Na manhã seguinte, apesar de ser feriado, atenderam-nos, e, depois de os fazerem entrar no quartel e os encaminharem para uma sala, um mulato crioulo com uniforme branco, sentado atrás de uma mesa, anotou a filiação dos homens e deu-lhes destino, dirigindo-se a eles com autoridade e arrogância.

— E elas? — perguntou Porfirio, referindo-se às três mulheres.

A sua pergunta captou de novo a atenção do militar, que parecia ter terminado o seu trabalho. O mulato observou-as de cima a baixo, sem perder a arrogância, como se não tivesse reparado na sua presença. As mulheres não faziam parte do exército.

— Sabem fazer alguma coisa? — perguntou.

— Ela é uma boa curandeira — respondeu Porfirio, apontando para Kaweka, — as outras...

— Vocês o que é que sabem fazer? — interrompeu-o o crioulo, dirigindo-se a Cecilia e Sabina.

As mulheres negaram com a cabeça.

— Tu — dirigiu-se o escrevente a Kaweka —, apresenta-te no hospital de San Roque. Lá encontrarás o farmacêutico da cidade, o senhor Mateo. Ele está a organizar a saúde do exército e logo decidirá. Vocês duas procurem o resto das mulheres negras e fiquem com elas e com as crianças.

Abandonaram o quartel e perguntaram à sentinela que se encontrava à porta pelo hospital de San Roque e também pela igreja de San Francisco, para onde se deviam dirigir os homens, uma vez que seria lá, nas traseiras do templo, num descampado entre a cidade e o rio, que se acantonariam as tropas dos escravos.

— E para onde se devem dirigir as mulheres a quem não foi atribuída

qualquer função? — perguntou um do grupo.

O soldado ia responder, mas Kaweka interrompeu-o; não estava disposta a separar-se das suas amigas.

— Não é preciso — interveio, puxando por Cecilia e Sabina para as separar do grupo de homens. — Vêm comigo para o hospital — disse depois aos outros, já longe da porta. — Aos negros foram-lhes atribuídos esses papéis, mas parece que com as mulheres ninguém se preocupa; pouco lhes importamos. Vêm comigo para o hospital — repetiu.

— Se não sabem nada de doentes... — argumentou um dos homens.

— Mas eu sim — disse ela, encerrando a discussão.

Na noite anterior, enquanto se dirigiam para o quartel, antes de darem de caras com os mortos-vivos, tinham passado por umas ruas enlameadas e cheias de cavaliças, cidadãos e soldados, brancos, negros e chineses, e, para inquietação de Kaweka, uma imensidão de mulheres negras com as suas crianças deambulavam, aparentemente sem nada para fazer, excluídas da voragem e alheias à guerra. Então, imaginou o destino de todas elas num ambiente bélico como o que se vivia nos caminhos, e não quis que aquelas com quem travara amizade na sua passagem pela serra Maestra ficassem sujeitas aos caprichos de soldados recém-libertados e exaltados.

Kaweka estivera em Havana, ainda que nunca suficientemente livre para circular despreocupadamente, e por essa razão Bayamo continuou a impresioná-la. Pelo contrário, as outras duas não conheciam mais do que as profundezas da serra Maestra e, no máximo, alguma aldeia miserável composta por quatro cabanas. Sabina, jovem, deslumbrada, atónita diante da primeira cidade que pisava, não ouviu nem se apercebeu da decisão de Kaweka; Cecilia, mais velha e esperta, sim.

— Obrigada — disse-lhe.

Separaram-se à saída do quartel: uns foram para um extremo, perto do rio Bayamo, e as outras na direção contrária. Tiveram de voltar a perguntar pelo hospital depois de terem passado alguns quarteirões de

casas; haviam-se perdido no centro da cidade, maravilhadas com a vista de casas senhoriais imponentes, outras nem tanto, mas, em qualquer caso, todas construções firmes, de pedra ou de alvenaria, com telhados de telha, gradeamentos elaborados, e varandas e fachadas ornamentadas. Bayamo tinha uma história rica e longa. Fora fundada pelos espanhóis sobre um enclave índio em 1513, tendo-se constituído como a segunda cidade em importância da ilha, depois de Baracoa. O terreno fértil, numa zona com arredores montanhosos, permitia a existência de cerca de trinta engenhos à sua volta, além de uma indústria de telhas muito consolidada.

Kaweka pediu informação acerca do hospital a um oficial branco, com uniforme também branco, sabre num costado e adornos dourados e coloridos na casaca. Era jovem, excessivamente jovem, e virou a cara perante a sua pergunta. Cecilia fez um impercetível gesto de contrariedade. Sabina, por seu lado, aproximou-se bastante e perscrutou com descaramento o rosto do militar.

— Para onde é que estás a olhar, negra?! — exclamou ele. — Não te ensinaram a respeitar os brancos?

Ergueu a mão para a esbofetear. Cecilia recuou e Sabina encolheu-se e protegeu a cabeça com os antebraços, mas a bofetada não chegou. A jovem atreveu-se a olhar para cima e encontrou a mão do oficial agarrada no ar pela de Kaweka, que lhe agarrava o pulso. O militar bufou de ira, mas esta aguentou o desafio.

— É assim que querem que lutemos? — perguntou com ironia.

O jovem foi-se embora com um puxão violento e, recuperando o orgulho ferido, voltou-lhes as costas, prosseguindo o seu caminho com porte altivo.

— Pelo menos não nos castigou — comentou Cecilia.

— Teria gostado — replicou Kaweka —, mas era muito jovem, pouco mais velho do que uma criança. Não se atreveu. Serão esses que vão dirigir os soldados?

— Mesmo assim, não devias ser tão descarada — recriminou a velha, dirigindo-se a Sabina.

Seria verdade que iriam continuar a humilhar-se perante os brancos, pensou Kaweka. Brancos e libertos diziam que lutavam juntos e desejavam a abolição da escravatura, e isso deveria implicar respeito mútuo. Será que iriam ser sempre inferiores? Ia a pensar nisto quando ouviu as instruções que um civil, este mulato, dava a Cecilia acerca do hospital.

— Ali — disse, apontando para uma igreja que ficava numa esquina —, essa é a igreja da Virgem de Regla, e a rua que cruza é a de San Roque. Nela encontrarás o hospital.

Encaminharam-se nessa direção.

— Julgas que nos vão admitir no hospital, Kaweka? — inquiriu a velha.

Kaweka respondeu com um murmúrio que podia significar qualquer coisa, a sua atenção estava posta na igreja indicada pelo mulato. Sentiu-se atraída pelo lugar, como se aquele edifício a quisesse absorver. Sentiu náuseas, ainda que não tivesse sentido qualquer mal-estar; foi simplesmente como se parte da sua consciência tivesse escapado dela para se juntar ao templo. Soube que aí estava Iemanjá, a Virgem de Regla para os cristãos, o nome que lhe tinham atribuído da escrava morta em La Merced. Chegou a viver anos sob essa identidade falsa. Depois Modesto voltou a matá-la e aquela Regla que não era ela estava enterrada numa sepultura vazia em La Merced. Continuará a chamar-se assim?

— Regla.

Esse foi o nome que deu a pedido da enfermeira do hospital. Por alguma razão, talvez porque aquela mulher branca tinha uma certa idade e era serena, de cabelo grisalho bem penteado, que contrastava com o desmazelo das pessoas da rua, ou porque vestia uma bata limpa no ambiente de hospital de uma cidade em guerra, ou simplesmente porque pendurara um crucifixo ao pescoço, decidiu não utilizar o nome ioruba.

— Pois aí tens a tua igreja, a da Nossa Senhora de Regla — apontou a mulher.

Poderia entrar? Kaweka não se atreveu a perguntar para não parecer

ignorante.

— Eu sei, minha senhora.

Encontravam-se no vestíbulo de um edifício de dois pisos construído em pedra, simples, modesto, com um amplo pátio interior e capacidade para catorze camas em duas salas separadas: uma para homens e outra para mulheres.

— O que aplicarias sobre uma ferida? — testou-a a senhora Gertrudis, que assim disse chamar-se, depois de Kaweka revelar que tinham sido mandadas do quartel, incluindo Cecilia e Sabina, insolentemente.

— Conheço pouco os remédios dos brancos — quis desculpar-se perante uma profissional de saúde que pouco tinha que ver com as enfermeiras e os cirurgiões romancistas que atendiam nos engenhos.

— Melhor — surpreendeu-a esta. — Duvido que disponhamos de recursos suficientes para tratar esta gente na altura em que os espanhóis se apresentarem na batalha. Teremos de nos conformar com o que nos proporcionar a natureza.

— Cera e mel — respondeu Kaweka, e procurou a confirmação de Cecilia, convencida de que a velha também sabia de remédios.

— Teia de aranha — acrescentou esta última.

— E para travar as hemorragias?

— Infusão de *yamagua*.

Gertrudis continuou a perguntar, e Kaweka supriu as dúvidas de Cecilia e a ignorância de Sabina. Depois levou-as à farmácia e apresentou-lhes algumas ervas. Superaram a prova.

— E ela? — perguntou a enfermeira, apontando com interesse para Sabina.

— Vem connosco — disse Kaweka, tentando resolver assim a questão.

Branca e negra olharam-se e, depois de uns instantes, a primeira assentiu, cedendo perante a postura de Kaweka. Aquela curandeira interessava-lhe.

— Quando não estiver convosco, pode ajudar na cozinha e na lavandaria — propôs.

Depois mostrou-lhe o hospital: as salas de doentes, onde não encontraram negros boçais como eles. Brancos e mulatos livres, esse era o tipo de pacientes que as ocupavam.

Gertrudis adivinhou os seus pensamentos.

— Este é o hospital civil da cidade — explicou. — Aqui organizamos a assistência de todo o exército. Já estão preparados hospitais de campanha nos arredores da cidade. Julgam que nós sozinhas vamos conseguir tratar de milhares de soldados num hospital com catorze camas?

Visitaram a cozinha, e as três notaram que as suas bocas salivavam assim que entraram. Tinham fome e aquele lugar parecia bem sortido. Uma negra, Tomasa, revolvía umas caçarolas grandes cujo conteúdo fervia sobre fogos de carvão.

— Roupa, cama e comida — ofereceu-lhes Gertrudis, aproveitando que as outras saboreavam já o cozido que ali se preparava.

Comeram sentadas no chão do pátio: caldo de galinha com grão, um pouco de toucinho e cebola, e, enquanto Cecilia e Sabina se entregaram a uma sesta, Kaweka saiu para a rua e percorreu os poucos metros que as separavam da igreja de Regla.

À medida que se aproximava, voltou a sentir a atração que a dominara ao passar pela frente da fachada nessa manhã. Uma náusea prazerosa que a levava a flutuar sobre a rua, leve. Sentiu-se plena e, ao mesmo tempo, etérea. Atravessou a porta de madeira da entrada com determinação, atendendo ao apelo do lugar, e encontrou um interior na penumbra. Respirou profundamente os cheiros abandonados pelos fiéis, e reconheceu dores e alegrias, dúvidas e certezas. Depois, percorreu o corredor central com o olhar preso numa imagem pequena que se destacava no retábulo a seguir ao altar, iluminada por umas velas.

Nunca antes estivera numa igreja.

— És devota de Nossa Senhora?

A voz paralisou-a aos pés do altar. Kaweka voltou-se para um sacerdote que tinha aparecido.

— Sim... — titubeou. — Chamo-me Regla.

— Sê bem-vinda. Queres rezar comigo?

Kaweka não respondeu. Os seus olhos continuavam fixos naquela imagem com um manto azul. Iemanjá e a Virgem de Regla enchiam o seu interior de forma harmoniosa.

— Passa-se alguma coisa? — inquiriu o padre depois de lhe permitir uns momentos de recolhimento que se viram perturbados por uma respiração cada vez mais estridente.

Kaweka regressou à realidade depois de ter entrado em transe. Olhou de novo para a Virgem e, sem se voltar para o padre, apontou com um dedo trémulo.

— É negra! — exclamou.

Kaweka vira pagelas e até alguma imagem no engenho, mas sempre de personagens brancas.

O sacerdote riu-se.

— Sim. É uma Virgem vinda de África, como vocês. Foi mandada talhar por Santo Agostinho e passou por Espanha, por Cádis, e de lá veio para Cuba, primeiro para Havana, para Regla, e depois para outras igrejas como esta.

— Mas... há virgens em África?

— Claro! Deus reina no mundo inteiro. A Virgem de Regla é a padroeira dos marinheiros, salva-os das tempestades...

Kaweka deixou de ouvir quando se viu envolvida na tempestade. Iemanjá pegava-lhe na mão e as duas enfrentavam um mar enfurecido, mergulhando nas profundezas para ressurgirem, encharcadas, mas serenas. E manteve-se de pé, toda ela transformada em água.

*Madrid, Espanha
Fevereiro de 2018*

Estava frio em Madrid, mas Concepción não parava de se abanar. «Mãe!», ralhava com ela Lita, nervosa. E ela parava... para começar de novo uns instantes depois, de forma mecânica, inconscientemente, impelida pelo simples facto de segurar o leque na mão. Então, Lita olhava para ela com ternura e voltava a considerar se lhe devia dizer. Depois da extraordinária notícia da paternidade de Concepción, as três amigas não tinham deixado de falar disso nos restaurantes, no hotel, nos aeroportos e no avião. Tornou-se um tema de conversa recorrente, mas não chegavam a nenhuma conclusão.

Devia dizer à mãe, pensava repetidamente Lita, ainda que no instante seguinte mudasse de opinião, considerando que talvez não fosse o momento oportuno. E se não fosse verdade? E se não passasse de falatórios de uns humildes negros? «O mais provável é que seja verdade», diziam umas às outras. Então, alguma delas olhava pela enésima vez para o telemóvel e revia o vídeo gravado por Sara que as transportava pelas escadas húmidas do edifício onde vivia o parente de Lita: evocavam o corredor com as cortinas no lugar de portas, o quarto dividido com cartões e as personagens pitorescas que lá residiam, a conversa com o velho e, por fim, o espanto no rosto da amiga depois de ouvir que a sua mãe era meia-irmã de dom Enrique de Santadoma,

marquês de Santadoma, presidente do Banco Santadoma.

Concepción abanava-se de novo e sorria para a filha. Os cãezinhos permaneciam quietos e calados num canto da cozinha.

Lita, incrédula, insistira com teimosia até provocar a irritação do tocador de maracas. Também tinha gravada essa última resposta, seca, cortante: «Serei velho e pobre, menina, mas não me trates nem como mentiroso nem como parvo.»

Falara com a mãe acerca da visita sem se decidir a partilhar com ela as revelações do seu tio Antonio. Concepción, que não escondia um certo ressentimento pelo facto de o pai ter desaparecido depois da gravidez de Margarita, falara sempre do tal José Hermoso sem o menor vislumbre de dúvida acerca da sua paternidade. Lita não sabia como lhe dizer. Não se atrevia a fazê-lo!

— Não te lembras de mais coisas da tua mãe? — perguntou-lhe, ao invés. — É uma pena. Antonio falou-me dela.

— Claro que me lembro de muitas coisas da minha mãe! Como iria esquecer-me, filha?

E sorriu ao contar-lhe do seu carácter alegre, de quando saíam para passear por Madrid e se reuniam com amigas nos parques, «Íamos muito ao Retiro», de como dançava, de como era bonita, «E viste a fotografia dela!», e como...

— Mas... não te deixou nada? — interrompeu-a ela. — Não tens recordações dela?

A medalha da Virgem que tinha pendurada ao pescoço. Isso já Lita sabia. Sim, deixou mais coisas: um rádio velho, que deitara fora há tempo, quando comprou o novo, antes de a senhora lhe oferecer a televisão do quarto, e uma bíblia, a que tinha na sua mesa de cabeceira, embora lhe custasse ler, explicou Concepción num tom de lamúria. E algumas pulseiras e um colar. Lita já os vira, até os usara em algumas ocasiões.

— É que tínhamos muito poucas coisas, filha.

— E objetos pessoais? — Lita tentava evitar mostrar-se

excessivamente interessada.

— Como por exemplo?

— Roupa...? Cartas?

— Cartas? — repetiu Concepción, estranhando. — A tua avó não sabia ler. Não, não me parece que existissem, já te disse. Franco não permitia relações com Cuba... E, se as havia, eu não sei. Quanto à roupa... sim, claro que tinha roupa, filha, que disparate, não muita, mas...

— Deitaste-a fora?

— Pois, acho que sim... — Concepción calou-se de repente. — Espera! — Lita inclinou-se para a frente na cadeira. — Tínhamos uma mala. Lembro-me dela. De lona rígida. Vi-a no nosso quarto depois de a minha mãe morrer, em cima da sua cama..., sem lençóis nem almofada, com o colchão à vista — comentou com aquela imagem passageira cravada na memória.

— E o que foi feito dela? — perguntou Lita, reprimindo a excitação para não importunar a sua tristeza.

— Pois, não sei.

— Deitaste-a fora?

— Não! — surpreendeu-a de novo Concepción. — Porque é que a ia deitar fora? Nesta casa nunca se deitou nada fora. O marquês jamais permitiria que alguma coisa que tivesse alguma relação com ele pudesse acabar em mãos desconhecidas, e muito menos no lixo! Eu própria levei para a cave coisas de criadas que se tinham ido embora. Não me lembrava da mala da minha mãe — lamentou-se com voz trémula, como se tivesse relegado ao esquecimento uma parte da sua vida. — Deve estar na cave, com certeza; tudo o que não servia ia lá parar. Deve tê-la levado alguma outra criada; naquele momento eu não estava em condições de decidir nada.

— Preciso... Gostava de a ver — disse Lita, tentando que a emoção não fosse evidente na sua voz.

— Eu também — assentiu Concepción.

Discutiram sobre se deviam esperar que anoitecesse para descerem até

à arrecadação, quando Zenón, o porteiro do prédio, já tivesse terminado o seu turno e não delatasse Concepción, cumprindo com o seu trabalho de espião, certamente dos Santadoma.

— Não estamos a fazer nada de mal — argumentou a mulher. — O que é que me importa o que esse disser aos senhores?

— Estou convencida de que o Zenón sim, achará que estamos a fazer alguma coisa de mal — retorquiu Lita, lembrando-se da malícia e da desconfiança do porteiro. — E também que quando falar com os... senhores — enfatizou propositadamente —, vai inventar o que for preciso para nos colocar em xeque.

Lita convenceu a mãe e saiu para dar um passeio pelo bairro para fazer tempo, embora tenha evitado aproximar-se do banco. Tinha pendente uma reunião com Stewart, que a surpreendera com uma mensagem de WhatsApp pouco depois de chegar a Madrid, tal como teria feito um namorado impaciente com o regresso da namorada. Também tinha uma chamada perdida da secretária pessoal de dom Enrique, a mesma que a acompanhara, agarrada por um braço, para fora da sala de reuniões no dia em que a dona Claudia a humilhara, e que por fim optara por lhe deixar uma mensagem de voz, educada e afetuosa, em que lhe comunicava que o presidente do Banco Santadoma desejava falar com ela. Dois compromissos que adiava até ao dia seguinte.

Com quem se tinha encontrado era com Pablo, assim que chegou a Madrid. Esperava-as no aeroporto. Sara e Elena não o conheciam. Lita temeu que se atirassem a ele, a fazer-lhe perguntas, mas as amigas portaram-se bem, limitando-se a oferecerem-lhe um copo de vinho no apartamento de La Latina. Não, não queriam tomar nada, desculparam-se eles os dois, e foram-se embora com destino ao apartamento de Pablo.

— Dizem que os cubanos são muito fogosos — espicaçou-a ele a caminho no táxi.

— Pois são — brincou Lita, e beijou-o nos lábios. — Terás de te esforçar muito.

Pablo passou a mão entre as suas pernas, atento ao olhar do taxista

pelo retrovisor. Foi um contacto por cima das calças, ténue, suave, superficial, mas Lita estremeceu como se tivesse sofrido uma descarga elétrica. Não esperaram por chegar ao interior do apartamento da Calle Ibiza: beijaram-se no elevador, cheirando-se, saboreando-se, e bateram com a mala na moldura da porta de entrada.

Ele tirou-lhe o casaco na entrada, a camisola no corredor e dedicou-se à blusa na sala.

— Tenho... — Lita tentou esquivar-se. — Tenho muitas horas de viagem...

— Não faz mal!

— Tenho de ir à casa de banho.

Ele conseguiu tirar-lhe a blusa pela cabeça e abraçou-a.

— Pode esperar — sussurrou.

— Estou suada, suja... — Ele ajoelhou-se, tirou-lhe as calças e baixou-as o suficiente para a beijar por cima das cuecas, as mãos a apertarem-lhe as nádegas. — Pablo — suplicou ela arrastando as palavras. — Estou...

Ele continuou a beijá-la até que as queixas de Lita se transformaram em gemidos, e agarrou a sua cabeça com as duas mãos. Então, ele baixou-lhe as cuecas e introduziu a língua procurando a sua vulva.

— Meu Deus! — exclamou Lita, deixando-se levar até ao cadeirão, em passinhos curtos, com as calças à altura dos tornozelos, ele de joelhos, acabando por cair esparramada com as pernas abertas.

A língua de Pablo no seu clitóris e os dedos a acariciarem-lhe o rabo levaram-na a um orgasmo que recebeu pressionando com força as coxas contra a cabeça dele, como se pretendesse esmagá-la, enquanto, com as mãos, a apertava contra a sua vagina, ofegando, suspirando, louca de prazer.

Depois, quando conseguiu falar e mexer-se, ela própria o levantou puxando pelo seu cabelo, despiu-o e levou-o para o quarto.

— Os homens de lá são muito mais fogosos — desafiou-o, montando-se em cima dele.

— Pois! — Pablo não lhe permitiu essa postura; abraçou-se a ela e obrigou-a a voltar-se até ficar por baixo. Então precipitou-se sobre ela. — Assim? — perguntou.

— Muito mais — respondeu ela, e ergueu as duas pernas no ar, oferecendo-se por inteiro.

Ele empurrou com violência.

— Mais! — gritou Lita.

Pablo rugiu, competindo com a imagem idealizada desses negros ardentes.

— Sim! — incentivou-o ela. — Com mais força!

Foi algo selvagem. Depois de Pablo atingir o orgasmo, ambos ficaram estendidos, suados: ele exausto, ela também.

— Deves ter algum parente negro — disse-lhe Lita, e riu-se, sem fôlego.

— Tens assim tanta experiência com eles?

— Não, parvo — tranquilizou-o. — Só sei o que se conta por aí. Fui-te fiel.

— A sério? Não me estás a esconder nada acerca da viagem com essas duas amigas malucas e desenfreadas com quem foste?

Sim, escondeu-lhe coisas, muitas. Pablo interessou-se pela viagem, uma vez que nunca estivera em Cuba. O *malecón*? A música? Acariciava-lhe o ventre enquanto ouvia as explicações. A situação era de facto tão dramática como se dizia? As pessoas, o que diziam? Estavam contentes, desesperadas? Lita respondia-lhe e contava-lhe, apaixonada e eufórica, as suas experiências, como se tinham divertido, mas não lhe falou da visita ao tio Antonio e da possibilidade de a sua mãe ser meia-irmã de Enrique de Santadoma. «Trataram-nos como rainhas!», exclamou, ao invés. Também não lhe contou nada do que lhe sucedera na ermida da Virgem de Regla, nem das afirmações de Raúl, o pai de santo, como diziam ali, naquele restaurante. Não tinha a menor intenção de lhe contar nada disso. Estava feliz, imensamente feliz. Estavam saciados, mas Pablo continuava a acariciá-la, agora os seios, com delicadeza, como

se não se quisesse afastar dela, sem outro objetivo além o de a tocar, sem outra pretensão além de se manterem unidos, e, enquanto o fazia, fantasiava repetir a viagem com ela, só os dois, e Lita dizia-lhe que sim, que iriam fazê-la e que lhe iria mostrar tudo aquilo... Não queria desfazer aquele encanto contando-lhe que era uma bruxa! Sentia que amava aquele homem, e não existia deusa africana nem Virgem cubana, branca ou negra, que a pudesse levar a quebrar o verdadeiro feitiço que vivia naquele momento.

Lita não disse nada a Pablo e também não queria pensar quando e como o faria, nem sequer se o chegaria a fazer. Também não tinha muito para lhe contar, repetia para si enquanto caminhava à espera de que anoitecesse. A sua experiência mística ficara longe, com todo um oceano pelo meio. Sim, regressara às escondidas à ermida e voltara a sentir algo estranho, mas as lembranças que ligavam todas aquelas experiências esotéricas à realidade diluíam-se com a distância, com a passagem do tempo e com o regresso à normalidade e às rotinas de Madrid. Cuba, a ermida, a deusa e aquele baile frenético cristalizavam-se agora na imagem do *Chevrolet* amarelo que repousava junto a uma das paredes da cozinha à espera de que alguém o pendurasse, e no livro de Pitágoras que Pablo recebeu, agradecido, e folheou como se se tratasse de um incunábulo.

Quanto à sua mãe... Lita suspirou enquanto se perguntava o que continha aquela mala de lona. Até saber também não queria criar grandes expectativas. As montras das numerosas lojas de artigos de luxo da zona, que noutras ocasiões lhe chamavam a atenção, nem que fosse pelos preços exorbitantes que, como um insulto às pessoas normais, anunciavam em cartões diminutos, desta vez passaram-lhe despercebidas. Haveria alguma coisa no interior da mala que pudesse provar a paternidade de Concepción? As consequências que daí poderiam advir também seriam objeto de controvérsia. Elena, que era advogada, recuperou através da *internet* alguns conceitos jurídicos que tinha

enferrujados desde que o seu trabalho se centrara no associativismo de bairro, e explicou às outras duas:

— Desde a entrada em vigor da Constituição, há muitos anos, não existe diferença entre filhos legítimos e ilegítimos como dantes. Já não há ilegítimos nem bastardos. Todos têm os mesmos direitos. Não sei se a tua mãe poderia ter a herança do pai, uma vez que este faleceu muito tempo antes de se promulgar esta lei... Bem... realmente não sei o que aconteceria. Desconheço se existe algum efeito retroativo que lhe permitisse reclamar uma herança que foi repartida há muitos anos, quando faleceu o tal Eusebio. Diria que não, mas teria de ver isso com calma.

— Não nos preocupemos com isso — retorquiu Lita, tentando impedir que a conversa avançasse nesse sentido. — Se nem sequer se pode garantir, e muito menos demonstrar, que a minha mãe é filha de um Santadoma, não vamos especular sobre dinheiro e heranças.

— E os testes de paternidade, os de ADN? — perguntou Sara. — Esses são fiáveis.

— Pois, não sei — respondeu Elena. — Com que amostras se fariam? Com as do avô? Porque as do pai ter-se-ia de ir buscar a Miami, onde morreu. Enterraram-no lá? — Lita encolheu os ombros. — Bem, em qualquer caso, seria muito complicado, mas, antes de se autorizar um teste de ADN, é preciso demonstrar indícios de paternidade. Nenhum juiz concede esse teste com base apenas na palavra do suposto filho; tem de se fornecer um princípio de prova consistente. Senão, toda a gente pedia provas de paternidade por aí.

— O que tu sabes! — brincou Sara.

— Não sei assim tanto. A verdade é que faltei a essas aulas na universidade. Tudo o que sei é das revistas cor-de-rosa e dos programas de televisão.

Lita julgou ouvir de novo as gargalhadas que se seguiram a essa confissão. O que não quis contar às amigas foi que o que se abrira há pouco foi precisamente a herança do velho marquês, o que emigrara de

Cuba, não a do filho que falecera em Miami antes do pai.

Porque, depois de Eusebio ter falecido, o seu único filho varão, o marquês de Santadoma, já estabelecido em Espanha, viu-se na situação em que todas as suas sucessoras eram mulheres — Claudia, a viúva de Eusebio, e as suas duas filhas —, e não estava disposto a que a sua fortuna pudesse ser controlada por genros em quem não confiava. Existiam já homens entre os seus netos, e com certeza que nasceriam mais. Consistia, simplesmente, em saltar uma geração, que seria, no entanto, generosamente recompensada, e deixar a herança em suspenso para que a herdassem todos esses netos, homens ou mulheres, depois de as duas filhas vivas do marquês falecerem. A lei permitia-o e o homem assim o decidiu, pelo que, com a morte de dona Pilar, a última delas, abriu-se a sucessão do velho marquês de Santadoma.

Nesse momento, os netos, legítimos ou não depois da promulgação da Constituição espanhola, que eram os herdeiros designados pelo nobre, acediam à herança, e entre os netos devia incluir-se Concepción, no caso de efetivamente ter sido concebida por Eusebio de Santadoma.

Caía a noite. Lita verificou as horas e supôs que o porteiro já teria abandonado o edifício, pelo que se encaminhou de volta para casa da mãe. O velho marquês de Santadoma, continuou a pensar enquanto andava, nunca imaginara que uma bastarda como Concepción pudesse aceder à sua herança nas mesmas condições que os seus legítimos netos, porque, isso sim comprovara Lita na *internet* do banco: o fundador, o que emigrara de Cuba, morrera pouco depois de ter sido promulgada a Constituição espanhola, sem ter consciência, ou talvez tempo, de mudar aquele testamento antigo que outorgara.

Lita não duvidava que, se a paternidade fosse verdadeira, o aristocrata a conhecia, razão pela qual trouxera consigo para Espanha uma criada com uma filha recém-nascida, exclusivamente para libertar o seu primogénito desse estorvo. Fora isso que lhe contara o tio Antonio em Havana, e isso explicava também, sem dúvida, a hostilidade demonstrada por dona Claudia para com a mãe e, inclusivamente, para com ela, como

se revelara na reunião, uma vez que aquela atitude não era mais do que o resultado do rancor para com a filha bastarda do seu marido tão querido e chorado.

A arrecadação parecia um mercado árabe onde se amontoavam móveis, roupa, livros, malas, colchões, brinquedos, espelhos, quadros e todo o tipo de utensílios dos muitos Santadoma que tinham vivido naquele edifício — antes de migrarem para as urbanizações de luxo que rodeavam a capital — e que, de acordo com o espírito do marquês, haviam sido relegados quando não eram necessários. Lita lembrava-se de ter ouvido falar daquele sítio durante a adolescência, quando vivia naquela casa, mas não lhe passara pela cabeça que aquele bazar ainda existisse. Qualquer outro proprietário imobiliário do bairro de Salamanca teria reconvertido esse lugar em estabelecimentos comerciais ou tê-lo-ia utilizado para ampliar o estacionamento, ambos espaços tão solicitados como apreciados na zona, mas os Santadoma, donos de todo o edifício, mantinham a cave para seu uso pessoal com a função de arrecadação de luxo, amontoando os seus carros no pátio de carruagens localizado no centro da construção.

Concepción acendeu as luzes antes de Lita a impedir de o fazer.

— Assustaste-me, filha — recriminou-a. — Por acaso estamos a fazer alguma coisa de mal? Porque, se assim for, falo com...

— Não, mãe. Eu é que sou excessivamente cautelosa. Não te preocupes. — Se Lita esperava um lugar na penumbra, mal iluminado por uma lâmpada solitária pendurada por um cabo no teto, enganara-se. A arrecadação dispunha de duas filas de lâmpadas fluorescentes que lhe proporcionavam luz suficiente e que lhe permitiam mexer-se com à vontade por entre tanta tralha; mas, apesar da iluminação, a quantidade de coisas acumuladas era enorme. — Como encontramos aqui uma mala? — perguntou, desesperada.

— Tudo o que pertence à cozinha e ao serviço está naquele canto — respondeu a mãe, como se fosse o mais normal do mundo. — Não vão pôr as coisas das criadas ao lado das dos marqueses e da sua família.

Vês? — apontou para a direita, enquanto se deslocavam através de um corredor delimitado por móveis e objetos —, tudo isto é do velho marquês.

Lita reparou numa grande secretária de madeira maciça entalhada que, apesar da camada de pó que a revestia, emanava o brilho do mogno. Junto dela havia várias arcas, e a cabeceira e os pés de uma cama e as suas traves; o mobiliário da vida de um homem.

Tentou lembrar-se de alguns desses objetos. Ela convivera com muitos deles: brinquedos, móveis, candeeiros...

— Lembras-te disto?

Foi a mãe que a transportou para o passado: uma máquina manual para cortar carne em que quase deixou dois dedos quando era menina.

— Sim — reconheceu, mexericando na manivela.

— Aqui atrás estão as coisas do serviço — disse Concepción, deixando para trás a máquina e outros aparelhos e metendo-se num espaço vazio.

Lita ouviu-a afastar caixas e malas.

— Queres que te ajude?

— Não irias reconhecê-la... — Concepción deixou a frase a pairar no ar, como se a sua atenção se tivesse centrado em algo. — Esta! É esta!

E reapareceu com uma mala.

Lita notou os dedos que lhe tremiam ao tentar abrir os fechos, algo que decidiram fazer ali mesmo, em cima de um armário de cozinha tapado com um lençol. Tossiu com o pó e tapou a boca e o nariz para respirar. O que houvesse no interior podia mudar radicalmente as suas vidas.

A primeira coisa que viu foi roupa, peças que cheiravam a mofo e a velho. Afastou-as com uma prontidão que teve de moderar perante os suspiros da mãe. O que ela revolvia com descuido, Concepción acariciava, pegava com carinho, levantava e cheirava até. Mas Lita necessitava... de quê? O que procurava? Papéis, sim, cartas, documentos... Encontrou duas pagelas que previra que a sua avó possuísse e a imagem de um santo, a que não prestou atenção. Não havia

mais, e compreendeu que ali dentro não encontraria as explicações que procurava. Ia dar-se por vencida quando viu uma pastinha de plástico que se confundia com o forro da mala e que estalou de tão seca e velha quando a segurou. Abriu-a devagar, receando que o conteúdo se tivesse agarrado ao plástico. Tinha, de facto. Descolou com cuidado os documentos, deixando algumas letras agarradas na parte transparente do interior, mas conseguiu tirá-los: uma certidão de casamento entre Margarita Gómez e José Hermoso emitida em Cuba. Outra certidão, esta de nascimento, também cubana, de Concepción Hermoso, mais algumas pagelas e dois recibos que o tempo tornara ilegíveis. A cédula de identidade de Margarita e alguns outros documentos oficiais, espanhóis e cubanos. Três fotografias sépia de pessoas irreconhecíveis: um homem numa delas, um casal e o que parecia uma festa noutras duas. Não havia datas nem referências no verso. Nada que provasse essa paternidade que o tocador de maracas lhe assegurara em Havana.

Reviu de novo os documentos; não havia qualquer carta entre eles.

— A minha mãe adorava este vestido — comentou Concepción.

Lita fingiu olhar e assentiu. A sua avó era analfabeta. A mãe aprendera na escola a ler e a escrever, as noções básicas para somar e subtrair, e obviamente o catecismo e as orações necessárias para validar a cristandade tão favorecida pelo regime franquista da época, pouco antes de se dedicar por completo, aos dezasseis anos e já com os estudos primários, ao serviço doméstico dos marqueses. Concepción podia ter lido e escrito a correspondência da mãe, e, em último caso, havia quem lesse e escrevesse cartas para os outros.

— Usava-o às quintas-feiras, quando saía à tarde — continuou Concepción, tomada por um sentimento de nostalgia. — Lita murmurou um assentimento. — Lembro-me dela como se fosse ontem — suspirou a mãe.

E se lhe disser agora?, pensou Lita. *És filha do menino Eusebio.* Lembrar-se-ia então de alguma coisa? Impossível, disse para consigo. E iria dar-lhe um desgosto, ou pelo menos provocar-lhe um choque. Não,

seria um verdadeiro desgosto, concluiu. «Filha, dizes cada disparate», opor-se-ia violentamente. «Eu, uma criada mulata, filha do jovem Eusebio?» E daria uma daquelas gargalhadas com que resolvia tudo, e não haveria forma de a convencer, porque ali, naquela mala, estava todo o seu passado. A não ser que aparecesse em alguma dessas fotografias desbotadas, a avó não conservara nada daquele aristocrata que supostamente a seduzira... ou talvez a tivesse forçado... porque que importância podia ter naquela época o que fizesse um jovem nobre à sua criada de cor? Teria sido forçada, com certeza, disse para consigo, ainda por cima conhecendo o caráter dos Santadoma. A remota possibilidade de que a avó tivesse namoriscado e se tivesse entregado de maneira voluntária, apaixonadamente até, ao pai de dom Enrique revolveu-lhe o estômago. Em último caso, e supondo que ela tivesse em seu poder alguma prova daquela relação, não era menos certo que, quando se deu a morte de Margarita, os Santadoma tivessem tido acesso ao conteúdo da mala, pelo que, obviamente, qualquer documento comprometedor teria sido destruído.

— Pois, já a encontrámos, filha! — exclamou Concepción com alegria, maior do que aquela que sentiria se tivesse encontrado um tesouro. — Levamo-la para cima?

Stewart ofereceu-lhe a entrada no grupo de trabalho que representava o banco americano na operação de compra; fá-lo-ia por conta dos Santadoma, mas na sua organização.

— Como se fosse uma sucursal. Trabalharás nos nossos escritórios, longe dos Santadoma, com o mesmo contrato que tiveste até agora. Parece-te bem? — Lita concordou. — Gostaste de estar em Cuba? — perguntou o americano, como se já desse por adquirido que a resposta fosse afirmativa.

— Imenso! Mas foram muito generosos.

— Não — disse ele, desvalorizando o assunto. — Os espanhóis têm

sempre um «mas» na boca. Prevejo um grande futuro para ti connosco; só então saberás o que é a verdadeira generosidade.

Lita trabalharia com os americanos e depois regressaria ao Banco Santadoma, quando o marquês, que acabou por aceitar aquele acordo, não tivesse influência. Não iria perder o trabalho, e Stewart prometia-lhe um futuro que já não dependia da sua condição de filha da criada. Tudo o que dizia respeito à relação familiar da mãe com os Santadoma saíra frustrado depois de não ter encontrado na mala nada que pudesse demonstrar essa relação. Subiram para o apartamento, onde as esperavam os *yorkshires*, em silêncio, obedientes.

— Continuo sem entender o que fazes a estes animais — voltou a surpreender-se Concepción, enquanto os cumprimentava com mimos e Lita pousava a mala em cima da sua cama.

Abriu-a. O conteúdo inócuo com que tinham deparado afastara qualquer possibilidade de confirmar a paternidade da mãe, e não lhe passava pela cabeça que caminho seguir a partir daí, por onde começar. Apenas dispunha da gravação em vídeo das palavras de um tocador de maracas velhote, desdentado, vestido com calças de fato de treino, uma camisola branca de alças e chinelos, que falava sentado num sofá desconjuntado; uma imagem pouco credível onde quer que se apresentasse.

Podia ter perguntado diretamente ao marquês quando, depois da conversa com Stewart, lhe devolveu a chamada que tinha pendente. «Querido tio...», podia ter iniciado a conversa, porque se fosse verdade que a mãe era filha de Eusebio de Santadoma, dom Enrique seria seu tio de sangue. Ela, que ao longo da sua vida só tivera um parente, a mãe, enumerava agora a extensa família que a podia rodear: tios, primos...

Mas não o fez, não lhe perguntou; mesmo assim, o marquês percebeu na voz de Lita a ironia resultante do absurdo que era essa perspetiva.

— Pareces feliz, Regla — disse-lhe depois dos cumprimentos da praxe.

— É por o ouvir, dom Enrique — replicou sem pensar.

O silêncio que se seguiu concedeu-lhe, porém, tempo suficiente para o fazer. E hesitou. Um suor frio invadiu-a numa questão de segundos.

— Não tinha consciência de provocar tais reações em ti.

O marquês não se ia deixar vencer, nem sequer dialeticamente, por uma empregada. Lita refez-se e, com um tom de voz firme, reconheceu ter aceitado a proposta de Stewart, consciente, não obstante, de que o seu patrão continuava a ser o Banco Santadoma.

— Quero recordar-te de que o teu lugar é aqui, connosco, Regla — insistiu, no entanto, o marquês.

— Não me parece oportuno, dom Enrique — alegou ela. — O senhor compreenderá que é uma situação... — considerou várias possibilidades: incómoda, difícil, inclusivamente humilhante... — inaceitável! — acabou por exclamar, ao mesmo tempo que se levantava da cadeira, com o telemóvel na mão, como se o desafiasse à distância.

Stewart já lhe adiantara que o marquês lhe proporia a reintegração no banco, ainda que presumisse que ela recusasse; já tinham falado sobre isso. «Então, porque o fará?», perguntara Lita, incrédula. «Coisas dos vossos aristocratas», respondera o outro com um sorriso. «Chama-se orgulho.»

Lita estava consciente de que a mala não lhes proporcionara prova alguma, e continuava convencida disso até ao dia em que, depois de falar com os seus dois chefes, se apresentou inesperadamente para almoçar em casa da mãe, compungida, com a absurda sensação de lhe ter falhado em alguma coisa que nem sequer lhe chegara a confessar. Sentada à mesa da cozinha, com os cães docilmente deitados a seus pés, observou-a a arranjar as coisas para lhe preparar o almoço. Legumes, não havia outra coisa. A seguir, depois do almoço frugal e antes da sobremesa, laranja cortada, Concepción introduziu a mão no bolso do avental e tirou uma pagela que colocou em cima da mesa, à sua frente.

— A Virgem de Regla — disse. — Uma das pagelas da tua avó. Já sei que não acreditas muito nestas coisas, mas gostava que ficasses com ela. É a ela que deves o teu nome.

Lita demorou a baixar o olhar para a mesa, atenta, expectante, à espera de comprovar se lhe aconteceria o mesmo que em Cuba ou se aquilo não teria passado de uma espécie de experiência obscura devido ao calor, à distância, ao álcool e àqueles bailes frenéticos; ou talvez a algum magnetismo tectónico... Por acaso não estavam perto do famoso Triângulo das Bermudas? Apertou as mãos por baixo da mesa e relaxou ao verificar que nenhuma sensação oculta a assaltava. Desejava deixar para trás esse episódio que não entendia. Então, olhou para ela e viu a fotografia da imagem da Virgem negra vestida de azul que contemplara na ermida de Regla, junto da baía de Havana, e uma corrente de ar estranhamente tépida acariciou-a. Estalou a língua em sinal de decepção. A mãe olhou para ela, mas a sua presença rapidamente se diluiu, e Lita sentiu que flutuava sobre a terra, tal como sucedera do outro lado do mundo. Sentiu-se plena e etérea ao mesmo tempo, e a angústia transformou-se numa agradável aceitação. Respirou fundo. Pressentia o que estava para vir: uma onda imensa envolveu-a. Suspirou. Os cães uivaram. Iemanjá falava-lhe de alguém, de uma mulher, mas ela não a entendia. A deusa explodiu na sua cabeça. Os cães ficaram loucos e correram de um lado para o outro a uivar.

Bayamo, Cuba
Dezembro de 1868

A revolução, encabeçada por um grupo de idealistas que não superava os cento e cinquenta sonhadores que partiram do engenho La Demajagua para conquistarem a ilha, viu-se reforçada em pouco tempo por milhares de pessoas, principalmente negros, escravos e chineses, que formavam um grande exército, embora escasso em armamento e recursos, e sem qualquer formação militar. Aos sublevados do departamento oriental, de orografia montanhosa, vegetação densa e rios de grandes caudais como o Cauto ou o Bayamo, rapidamente se juntaram as pessoas das províncias do departamento central: Camagüey, Santa Clara e Puerto Príncipe.

Enquanto no departamento ocidental, rico, plano e fértil, com Havana e Matanzas como cidades mais representativas, a rebelião não conseguia prosperar fora de conselhos políticos, que rapidamente foram desarmados com uma dureza inusitada, situação que degenerou numa subversão clandestina, no resto da ilha as ideias independentistas e abolicionistas estenderam-se por povoações e cidades, e os seus habitantes hastearam essas bandeiras aproveitando a resposta tardia e, em geral, condescendente das autoridades espanholas, que, apesar de tudo, mantinham o controlo das grandes capitais apoiadas por uma população, muita dela de origem francesa, exiliada do Haiti, que temia banhos de sangue como os que se deram na ilha vizinha depois da revolta dos

escravos.

Kaweka rapidamente mostrou a sua utilidade como curandeira. As catorze camas do hospital civil de Bayamo continuaram a ser assistidas por Gertrudis, ao comando de algumas piedosas mulheres brancas da cidade que compareciam na instituição com o objetivo de tranquilizarem as suas consciências e colaborarem com a revolução, embora fossem acompanhadas das suas escravas, que se ocupavam dos trabalhos mais ingratos.

Regla, como era conhecida Kaweka, foi enviada para os acampamentos nos arredores onde se amontoavam negros ainda escravos ou recém-libertados, juntamente com muitos chineses, embora estes fossem assistidos pelos médicos da sua nação, que se dizia possuírem conhecimentos e remédios mágicos que mantinham em segredo. Kaweka atravessava a cidade acompanhada por Cecilia e Sabina, a quem inicialmente atribuíram as cozinhas do hospital, mas que ela reclamou sem contemplações.

— A senhora Gertrudis encarregou-me de curar os negros e eu necessito da rapariga — replicou perante a oposição da cozinheira, nada disposta a perder a sua inesperada ajudante.

A mulher queixou-se à enfermeira, mas esta ignorou a insolência e indisciplina de Kaweka depois de receber o relatório que nesse mesmo dia lhe fez chegar o médico destinado a tratar os negros, em que lhe comunicava que Kaweka se encarregara com êxito de uma das enfermarias: uma construção num espaço aberto, coberta à base de folhas de palma e sustentada por troncos, localizada no interior de um terreno extenso onde, à exceção dos poucos que tinham conseguido uma lona sob a qual se resguardavam como se fosse uma tenda de campanha, a maioria dos negros dormia ao relento, privados de qualquer tipo de proteção ou comodidade.

Além dos que tinham acidentes nos trabalhos de construção das trincheiras e das barreiras de defesa, havia dias em que chegavam feridos dos campos de batalha dos arredores de Bayamo: Jiguaní, Baire, Holguín,

Las Tunas, El Cobre..., onde o exército libertador lutava com mais ou menos sorte.

— Continuamos a ser escravos — disse a Kaweka um homem a quem uma bala atravessara a coxa.

— Mas agora tratam-nos pior! — queixou-se outro aos gritos, deitado num colchão de palha improvisado um pouco mais à frente.

Da sua posição privilegiada, Kaweka não tardou a perceber a insatisfação dos seus irmãos de raça. Era verdade que alguns foram libertados, mas, apesar disso, continuavam às ordens dos seus antigos maioraes, que tinham passado a ocupar cargos de suboficiais nas mesmas companhias. Também havia grupos inteiros de negros que se encontravam no exército na qualidade de escravos, contribuindo para a causa revolucionária por uns amos que agora se pavoneavam vestidos de oficiais pelas ruas de Bayamo.

Os negros cortavam árvores nas vias que acediam à cidade para defenderem aquela que se autoproclamara capital da nova república, e os que não estavam escalados para aquelas tarefas realizavam serviços complementares: davam assistência aos oficiais brancos ou mulatos, alguns dos quais dispunham de até cinco deles, ou conduziam carroças; eram cozinheiros, empregados de limpeza, agricultores, forrageiros... O exército libertador era dirigido por chefes, oficiais e suboficiais brancos ou mulatos livres, a quem se atribuía uma cultura superior à dos negros escravos, que eram quase na sua totalidade analfabetos e trabalhadores da cana, do tabaco, do gado ou do serviço doméstico.

Contudo, a discriminação mais importante revelava-se no momento da batalha: os negros, armados com simples catanas, paus e lanças de madeira de *jiqui*, algum, por vezes, com uma espingarda velha com que talvez conseguisse disparar uma bala, eram atirados para a frente da cavalaria do exército mambí, como denominaram os revoltosos, um termo pejorativo de origem africana que significava «bandido» ou «criminoso».

Porém, esses homens maltratados pelos seus superiores lutavam por

uma causa própria diferente da independência política que pretendiam brancos e crioulos. O grito de «*Viva Cuba libre!*», o lema com que atacavam os seus inimigos, tinha um significado muito superior para eles porque implicava a sua liberdade, e enfrentavam as tropas espanholas apenas com as suas catanas, por mais bem armadas que estas pudessem estar.

— Foi em Baire, num lugar conhecido como Tienda del Pino... — ouviu Kaweka contar.

Ela permanecia apoiada num dos troncos que sustentavam o teto da enfermaria, e o homem que falava estava sentado entre um numeroso grupo de soldados que descansava no exterior. A tarde extinguia-se e o lugar estava a abarrotar de milhares de negros, como uma espécie de grande bazar. Kaweka nunca vira tanta gente reunida; as várias centenas de escravos que constituíam os negros de La Merced ficavam-se muito atrás, e por isso observava com certa apreensão, com um respeito visceral, aquela concentração humana que fervilhava agitada dentro dos limites marcados.

— Investiram com catanas — interveio outro soldado que se encontrava de pé.

A partir de então atropelaram-se uns aos outros nos seus relatos. Segundo entendeu Kaweka, a frente inimiga tinha sido surpreendida por uma avalanche de rebeldes, armados só com catanas. Muitos espanhóis caíram e o resto viu-se obrigado a retirar-se para Baire, de onde conseguiram fugir de madrugada, ao abrigo de um nevoeiro denso.

— Eles ensinaram-nos a usá-las! — gritou um dos homens, erguendo a sua catana no ar.

Kaweka viu resplandecer uma infinidade de lâminas que, entre aplausos e vivas a «*Cuba libre*», se agitaram sobre as cabeças dos negros. Talvez alguma dessas catanas fosse uma das que ela própria roubara em La Merced e entregara aos quilombolas para defenderem a sua liberdade. E, mesmo que não fossem, representavam-nas, disse para consigo com a garganta apertada. Antes, nos engenhos, os escravos eram privados das

armas assim que regressavam do canavial; agora conservavam-nas, e Kaweka observava como as afiavam com paciência, e até delicadeza, e como lhes davam brilho. Esses homens que antes se submetiam aos brancos e se ajoelhavam diante do amo para receberem a sua bênção clamavam agora pelo sangue dos seus opressores. Kaweka esqueceu-se das queixas que ouvira de alguns na enfermaria, provavelmente verdadeiras, e imbuu-se no espírito de rebeldia que por fim via emergir nos seus.

— *Viva Cuba libre!*

Kaweka ergueu o punho para o céu e gritou tão alto como o faziam os homens empunhando as suas catanas. O grito de guerra, aquele que nascera na pequena povoação de Yara após o início da revolução, unira os negros num bramido que os espanhóis devem ter ouvido até em Santiago de Cuba, a dias de distância.

Porém, quando o fervor arrefecia e as sombras da noite desenhavam lembranças, Kaweka chorava.

— Estás a pensar na tua filha? — perguntou Cecilia, deitada ao seu lado.

— Sim — confirmou. — O que estará a fazer?

A idosa sabia da existência de Yesa, e de muitos dos percalços que tinham acompanhado a vida da menina. Kaweka falara-lhe dela mil vezes, garantindo-lhe sempre que estava viva, que Iemanjá lho dizia, mas também procurara o consolo da mulher perante o desespero provocado pela distância, pelo desconhecimento. Falara-lhe até de Modesto quando a outra insistira que duvidava muito que nunca tivesse tido um homem especial na sua vida.

— Mas agora são todos especiais. — Kaweka insurgiu-se contra as suas próprias lembranças. — Devo lutar por todos eles.

— Sim — reconheceu Cecilia —, e venceremos. E nessa altura tu própria libertarás a tua filha. A deusa pediu-te para lutares; satisfaz a sua vontade, mantém-na contente e ela não te falhará. Já sabes.

De Modesto não disse nada.

Kaweka nunca estivera tão em comunhão com Iemanjá; a deusa parecia feliz no ambiente de revolta. Ali, em Bayamo, rodeada por milhares de negros, não tinha nada para ocultar. Se demorara pouco para que a reconhecessem como curandeira, menos ainda tardara a mostrar publicamente a sua relação com Iemanjá, entregando-se com paixão aos bailes com tambores que se celebravam sempre aos domingos, quando os sinos das igrejas de Bayamo repicavam para a missa solene.

Os domingos converteram-se nos dias em que aquele exército que continuava a maltratar os negros deixava de se parecer com as explorações de onde tinham sido tirados. No próprio campo, a céu aberto, os tambores retumbavam até o chão tremer, e o pó levantava-se da terra ressequida. Homens e mulheres cantavam e bailavam até ficarem roucos e caírem em transe. A disciplina e a castidade que os oficiais brancos e mulatos pretendiam impor, muitas vezes em vão, durante os dias de instrução, desapareciam, e a devassidão apoderava-se do acampamento. Se nos engenhos, com os homens subjugados à escravidão e a produção como única razão da sua existência, a celebração daquelas reuniões onde se misturavam sexo, festa e feitiçaria tinha sido consentida até pela Igreja, não era de se esperar menor permissividade agora que os escravos se haviam tornado o cerne do exército rebelde.

Kaweka abandonara qualquer precaução das que lhe haviam sido impostas por mamã Ambrosia relativamente às festas dos domingos em La Merced, e até se libertara da sua condição de *iyalocha*, renunciando ao papel de eleita dos deuses que vivera ao lado de Eluma no quilombo. Necessitava de se sentir mulher, uma simples negra como aquelas que entravam pelo acampamento adentro em busca dos seus homens assim que os comandos se esqueciam das tropas e compareciam nas igrejas e nos casinos da cidade.

Iemanjá agradecia-lhe. Possuía-a com alegria, tal como faziam outros santos com homens e mulheres em muitas das festas de tambores que competiam no recinto, como se os negros tivessem mudado para a periferia de Bayamo os cabildos de nação a que compareciam nas

cidades. A aguardente e o rum de cana, roubados das incursões a engenhos e povoações, circulavam entre as pessoas. Kaweka bebeu uma tigela depois de se esgotar numa dança longa e delirante. Brindou com Cecilia e Sabina, que estavam tão suadas como ela. Muitos outros continuavam a cantar e a dançar ao ritmo frenético de uns tambores que não descansavam. Vários homens rodearam-nas: os olhos excitados, álcool no bafo, a luxúria a emergir por todos os seus poros. Apalparam-nas. Elas tentaram escapar, ainda que sem muito empenho.

Iemanjá continuava a ferver no interior de Kaweka e fê-lo com mais intensidade ao toque dos corpos. A deusa mostrava-se recetiva à volúpia do momento, ao ambiente almiscarado que se respirava no acampamento.

— O que vais fazer com uma velha ressequida como eu? — queixou-se Cecilia a um negro que a assediava, ainda mais velho do que ela.

Kaweka sorriu perante a cena, mas nesse instante voltou-se para Sabina, pretendida por vários homens que estavam a ficar cegos pelo desejo. Fez dois gestos no ar para se livrar dos que a incomodavam a ela e foi em auxílio da rapariga. Apesar da sua juventude, Kaweka supôs que já tivera relações carnavais na serra Maestra, e, se assim não fosse, não havia dúvida de que nessa tarde se iniciaria. Isso parecia inquestionável. Os homens já se desafiavam e ameaçavam entre eles para a possuírem. Kaweka pressentiu que em breve rebentaria uma luta. Entre os escravos, os homens já eram superiores em número às mulheres em engenhos, cafezais e pastos, e nem todas as tinham seguido para o exército, pelo que a desproporção entre sexos aumentara: havia milhares de soldados fora de si, dominados pela excitação, para um número reduzido de mulheres.

Dariam cabo da rapariga.

— Já tem marido! — gritou Kaweka, afastando aos empurrões os negros que a cercavam. — O homem dela mata-vos se lhe tocarem!

— Ele que a partilhe — propôs um deles.

— E tu? — perguntou outro, agarrando Kaweka pela cintura.

— Também tem — garantiu Cecilia, pronta para defender as duas.

Um negro alto soltou uma gargalhada.

— Quem quer esta velha? — gracejou.

Eram seis ou sete. Um outro que ia e vinha, e começaram a empurrá-las para longe do lugar onde continuavam a soar os tambores e os gritos. Enquanto dois homens a arrastavam, Kaweka voltou-se para o espetáculo de que ela própria fizera parte uns instantes antes: ninguém as ouviria, e, se isso acontecesse, também não viriam em seu auxílio. Porque o fariam se estavam todos loucos? Tentou encontrar Porfirio com o olhar. Nesse domingo não o vira; provavelmente estaria numa expedição com algum destacamento. Também não encontrou Jesus. Chegaram perto do rio, onde os cânticos iam sendo paulatinamente substituídos pela respiração ofegante, pelos risos e pelos gemidos de prazer de outros casais que se tinham afastado até ali. Deitaram-nas sem cerimónias entre as canas que cresciam na margem.

Kaweka teve pouco tempo para compreender o seu erro: àqueles animais com o cio pouco lhes importava a juventude de Sabina, a senescência de Cecilia ou a sua própria magreza. Só se queriam entregar ao sexo, montá-las, explorar dentro delas, e voltarem a fazê-lo com alguma das outras duas ou com a mesma, pela frente, por trás, ou com outro homem. Estavam fora de si, bêbedos de álcool, ébrios de furor e de ânsias de liberdade. Entre os juncos, teve oportunidade de cruzar um olhar com Sabina, que jazia já debaixo do corpo de um dos homens, que a possuía enquanto outro se masturbava, de forma compulsiva, em pé, perto dos dois. Kaweka quis transmitir à jovem uma mensagem de ânimo, transferir-lhe uma parte do desejo lúbrico da deusa que sentia no seu interior, mas encontrou os olhos húmidos e crispados da rapariga a fixarem qualquer ponto mais além daquele lugar.

— Aproveita! — gritou quando um mulato pequeno se batia por a possuir a ela, rastejando por cima do seu ventre como se tivesse medo de que se escapasse.

— Parte-me toda! — ouviu-se então gritar Cecilia, deitada um pouco mais além. — Isso é tudo o que és capaz de fazer! — Nesse instante

aumentaram os gemidos. — Mais! — gozou com ele a velha.

Kaweka riu-se. Os restantes surpreenderam-se ao ouvi-la, e ficaram mais atónitos ainda quando a mulher rugiu quando o mulato a conseguiu penetrar. O homem ficou paralisado.

— Continua! — exigiu-lhe Kaweka, agarrando-o pelo cabelo e puxando-o até lhe arrancar umas mechas. — Estás a possuir uma deusa. Demonstra-lhe o homem que és. — Ela própria o empurrou para cima e para baixo, e se uniu a ele de forma obscena. — Sabina — gritou na direção da jovem —, as deusas estão connosco, contigo, no teu interior, partilham o teu corpo! Dá-lhes o prazer que querem! Sente-as!

Soube que a rapariga recebera a visita da divindade porque esta deslizou sobre todos eles como uma impercetível aragem que as envolvia em desejo e poder. E as três gritaram e riram, e gritaram mais ainda. A voz de Cecilia soou firme, até jovem, e os gemidos de Sabina ergueram-se sobre o rio como os mais sensuais que alguma mulher jamais emitira. E as três reclamaram uma satisfação que os mortais não podiam proporcionar. Um deles fugiu, e os outros foram-se retirando, em silêncio, desconcertados, à medida que iam perdendo as forças e o seu vigor fraquejava.

Por fim ficaram sós, aturdidas por tudo o que sucedera. Os tambores continuavam a soar sob os seus pés. Custou-lhes levantar Cecilia, que encontraram extenuada entre as ervas; ajudaram-na a pôr-se de pé e ampararam-na o tempo necessário para a mulher recuperar um pouco e compreender que ainda estava viva.

— Nunca... — A velha tentou ganhar fôlego. — Nunca tinha sentido nada assim. É pena acontecer nesta altura da vida.

Sabina concordou com um sorriso. Mas procurar a satisfação das deusas e saciar os seus espíritos implicava um custo que de imediato perceberam: roupas despedaçadas, marcas de dentadas e arranhões em todo o corpo. A dor assaltou-as enquanto caminhavam em direção ao hospital de Bayamo. Kaweka não queria permanecer na enfermaria, onde outros homens, que já tinham olhado para elas com curiosidade enquanto

atravessavam o acampamento, as podiam vir buscar. Os comentários sobre elas já deviam correr de boca em boca.

— A tua deusa não nos pode tirar estas dores? — perguntou Cecilia, que coxeava de forma notória. — Afinal, foi por ela que...

— As deusas importam-se muito pouco com o nosso sofrimento — interrompeu-a Kaweka. — Hoje gozaram, estão contentes e relaxadas; agora não é o momento para as incomodar nem para as irritar. Lembrá-las-emos noutra ocasião.

Trataram-se como puderam e, sem jantar, aninharam-se num dos armazéns que Gertrudis lhes mostrara no dia em que chegaram. Cecilia caiu rapidamente num torpor ruidoso, deitada no chão. Sabina e Kaweka, junto dela, mas sentadas e apoiadas contra a parede, perderam-se uns instantes naquela respiração agitada, até que a jovem se deixou cair e acomodou a cabeça no regaço da outra, que lhe acariciou com ternura o cabelo e as costas, cantarolando, pretendendo afastar da sua memória a violência vivida nessa mesma tarde. Depois, quando a jovem adormeceu, as lágrimas correram pelas faces de Kaweka: ali, com ela, a receber o seu carinho, devia estar Yesa.

Depois do Natal desse ano de 1868, as notícias da reação dos cubanos fiéis a Espanha começaram a chegar com frequência à cidade: o conde de Valmaseda, comandante-geral das tropas espanholas, dirigia-se para Bayamo para reconquistar a capital à frente de um exército bem apetrechado, algo de que careciam os rebeldes; porém, estes confiavam no maior número de efetivos e no espírito patriótico, que, como ficara demonstrado, era capaz de suprir essa carência.

Perante o avanço dos espanhóis, Céspedes voltou a fazer um apelo aos negros, e, no dia 27 de dezembro, redigiu um decreto em que reiterava a liberdade dos escravos cujos proprietários se apresentassem no exército. A partir desse momento, todos esses libertos eram obrigatoriamente designados para o serviço da pátria, e aos proprietários que os tivessem libertado era-lhes concedida uma futura indemnização. Por outro lado, no

entanto, mantinha-se a possibilidade de os amos colaborarem com os seus escravos no exército sem lhes concederem a liberdade, dispondo-se noutro ponto, de forma incompreensível, e talvez devido a um sentimento partilhado de casta e ancestralidade até com o inimigo, o respeito pela propriedade dos escravos dos cubanos fiéis aos espanhóis.

Kaweka não entendia de leis, mas percebia que era possível alcançar a abolição da escravatura ao lado daqueles insurgentes, algo que nunca acreditara ser viável sob a soberania de pessoas como o marquês de Santadoma e os seus amigos fazendeiros de Cuba ocidental.

— O que importa que tenham de lutar como soldados? A liberdade é para ser ganha — defendia na enfermaria perante as queixas de alguns negros.

Porém, as deserções eram constantes; muitos libertos preferiam entregar-se às autoridades espanholas a continuarem subjugados à disciplina militar dos revolucionários, e fugiam para Santiago de Cuba ou para qualquer outro lugar que ainda estivesse sob o domínio das tropas conservadoras.

— Preferem continuar a ser escravos — desculpavam-nos os soldados perante os argumentos veementes de Kaweka.

— E voltarem a trabalhar nos engenhos?! — retorquia ela então. — É melhor morrer.

Foi com essa ideia de coragem, a de que era melhor morrer do que viver em escravatura, que os negros que faziam parte das tropas insurgentes compareceram no encontro com Valmaseda, que os estrategas rebeldes tinham previsto imobilizar na margem do grande rio Cauto, num lugar conhecido como Cauto del Paso, por onde passava o caminho real, a cerca de trinta quilómetros de Bayamo.

Kaweka ia com eles, e Cecilia e Sabina também, as três carregadas com ligaduras, poções, medicamentos e os instrumentos e utensílios necessários para cumprirem a sua missão, uma tarefa para a qual tinham o apoio de vários miúdos que haviam recrutado ao passarem junto dos soldados.

— Connosco têm comida — disseram-lhes, convencendo-os assim com facilidade.

Não eram as únicas enfermeiras nas tropas que partiram de Bayamo e a que se foram juntando os homens do general Donato Mármol, que Céspedes mandara sair ao encontro do inimigo, e que em conjunto chegaram a formar um exército de cerca de sete mil homens, dos quais, porém, apenas aproximadamente um milhar dispunha de armas de fogo.

Kaweka juntou-se aos cânticos de escravos e libertos, estes últimos armados com catanas, lanças, forquilhas ou simples paus, mas encorajados perante a desproporção de forças que lhes tinham comunicado os observadores: eram o dobro dos espanhóis, que dispunham de três mil homens e de três peças de artilharia. Além disso, tinham a proteção natural do rio Cauto, que Valmaseda e os seus homens teriam de vadear debaixo do seu fogo se quisessem libertar Bayamo. Aquele apresentava-se como um combate transcendental para os interesses da revolução patriótica cubana: o primeiro confronto em campo aberto entre os dois exércitos.

Venceriam, animavam-se os homens uns aos outros. Era a oportunidade que tinham de lutar pela liberdade, e não a iam desperdiçar. Kaweka enchia o peito e os pulmões com o ar que exalavam à sua volta aqueles milhares de homens corajosos. Há doze anos que a haviam desembarcado de um *clipper* na praia de Jibacoa, e, apesar dos atos de rebeldia contra a escravidão que protagonizara durante todo esse tempo, jamais imaginara que algum dia se encontraria a caminhar e a cantar entre um exército de negros que clamavam contra aquela infâmia humana. Os escravos revoltavam-se!

Tentou imaginar como seria a batalha. Desde que Porfirio lhe explicara com simplicidade o conteúdo de algumas pinturas bélicas, Kaweka tivera a oportunidade de ouvir da boca dos homens do acampamento uma infinidade de histórias acerca dos confrontos: as espingardas, os canhões, os cavalos..., a carga à catanada! Arrepiou-se ao imaginar todos aqueles soldados a lançarem-se de peito aberto contra os espanhóis.

Foi assim que, depois de se juntarem às tropas do general Mármol, os rebeldes chegaram à zona de conflito, aquela onde se propunham deter o avanço de Valmaseda, nos confins do rio Cauto, uma corrente repleta de curvas e afluentes difícil de transpor, exceto nos lugares previamente estabelecidos, que eram fáceis de defender. As tropas rebeldes atuavam de acordo com os relatórios que chegavam dos seus espiões acerca dos movimentos do exército espanhol. Dois generais enfrentavam-se no campo de batalha. Por um lado, Blas Diego de Villate, conde de Valmaseda, de quarenta e quatro anos, com estudos militares a que dedicara toda a sua vida e com experiência nos levantamentos em Espanha e nas guerras de Marrocos. Do outro lado, Donato Mármol, de vinte e cinco anos, filho de uma abastada família com terras em Bayamo, que, depois da morte do seu pai, e antes de se dedicar à administração do pasto, chamado Santa Teresa, viajara por França e Espanha. Comungava dos ideais revolucionários e foi um dos fazendeiros que se uniram a Céspedes no levantamento contra a tirania espanhola. O seu amigo nomeou-o general.

Valmaseda ludibriou Mármol e, depois de uma manobra de distração, atravessou o rio Salado, afluente do Cauto. De repente, os exércitos encontraram-se frente a frente, numa planície entre bosques, sem qualquer curso de água que protegesse os negros desarmados que formavam a frente de batalha das tropas cubanas.

Os espanhóis eram menos, era isso que se dizia, pensou Kaweka, mas, quando os viu, formados com uma certa ordem, vestidos com os seus uniformes brancos com riscas azuis, armados com espingardas e canhões, pareceram-lhe muito mais imponentes do que o bando de esfarrapados que caminhava despreocupadamente com ela.

— *Viva Cuba libre!*

O grito ecoou ao longo das fileiras rebeldes.

— Ao ataque aos *patones*³!

As catanas, as lanças e as forquilhas ergueram-se no ar... juntamente

com centenas de mãos negras vazias!

Kaweka tremeu.

Os oficiais brancos e mulatos, que ocupavam posições por trás das fileiras, ao abrigo dos disparos, ordenaram aos antigos escravos negros, e aos que o continuavam a ser, que investissem contra os espanhóis.

As salvas de fuzilaria inimiga ressoavam no campo. Kaweka viu muitos negros hesitarem. Alguns recuavam, outros fugiam sem dissimular enquanto os oficiais os tentavam deter, mas a maioria, impregnada pelo ódio de anos de servidão e humilhação, lançou-se contra os fuzis e os canhões dos espanhóis, de catana na mão, como se aquele instrumento com que tinham trabalhado nos canaviais se pudesse tornar um amuleto que protegesse as suas vidas.

Sabina abraçou-se a Kaweka. Cecilia baixou a cabeça, negando-se a presenciar o massacre que as primeiras balas anunciaram. Não haviam sido capazes de deter os miúdos que as acompanhavam. E então chegaram os canhonaços. Os negros caíam às dezenas. A ira, o fervor, os gritos, o estrépito; o caos impedia-os de avaliar a situação. Atacavam em grupo como uma manada inconsciente, instintiva, enlouquecida, e os espanhóis limitavam-se a disparar sem sequer se darem ao trabalho de apontar.

Kaweka sentiu as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. «Ingénua!», recriminou-se, perguntando-se como pudera sonhar com uma vitória dos seus. Procurou a deusa, mas esta não estava. Chamou-a. «Iemanjá, protege-os!», rogou-lhe. Ela não acudiu.

— Cabra! — insultou-a então, com os punhos cerrados, cravando as unhas nas palmas das mãos.

Entretanto, os negros começaram a compreender o logro, e aqueles que tiveram de saltar por cima dos seus companheiros mortos ou feridos para continuarem a avançar detiveram-se.

— Avante! — gritaram os oficiais, bem resguardados.

— Continuem!

— Ataquem!

— Voltem! — gritou, porém, Kaweka.

Muitos deram-lhe ouvidos e regressaram.

Os espanhóis continuaram a disparar durante a retirada, até que os que ficaram para trás conseguiram proteger-se com terra suficiente para as balas não os atingirem. O campo ficara repleto de cadáveres e feridos, e, sem hipótese de continuar, Valmaseda ordenou ao seu exército, que sofrera poucas baixas, que se reagrupasse para se encaminharem para o rio Cauto.

O general Donato Mármol dera instruções idênticas aos rebeldes. Para impedir a recuperação de Bayamo, era imprescindível deter Valmaseda na sua passagem pelo Cauto, e, enquanto os dois exércitos empreendiam de novo as suas marchas, Kaweka e as suas duas colegas, tal como outros profissionais de saúde e muitas mulheres que acompanharam o exército, encolheram-se e estremeceram diante dos lamentos, dos prantos e dos angustiantes gemidos que foram substituindo as instruções, as palavras de ordem e os disparos, e que viriam a assolar o campo de batalha, criando um novo universo, o da dor e o da tragédia, onde Kaweka mergulhou com um hesitante passo em frente.

Os cadáveres jaziam abandonados no próprio campo: alguns chorados pelas suas mulheres; a maioria, sozinhos e esquecidos. Kaweka e os seus debateram-se para atenderem os feridos pelas balas ou pelos estilhaços dos canhões que se fundiram nas suas carnes. Alguns negros velhos, que nem sequer transportavam armas, ficaram com elas, assim como os restantes profissionais de saúde e uns carros de bois que Mármol colocara à disposição para o transporte dos feridos até Bayamo.

— Vai tu na primeira viagem — ordenou a Kaweka um cabo mulato. Ela fez um gesto como que a queixar-se. — Serás necessária lá à medida que forem chegando os feridos. Na enfermaria serás mais útil — insistiu.

Ela obedeceu, e caminhou ao lado do carro de bois como quando regressavam dos canaviais para o engenho, ainda que nesta ocasião, em vez de cana, transportassem homens de valentia... «Ou loucos que se

prestaram a arriscar as suas vidas», pensou Kaweka, abanando a cabeça. Os que estavam em condições arrastavam-se atrás da carroça, ajudando-se entre si, como fazia Sabina com Manuel, um dos miúdos que transportava o material sanitário, que tinham encontrado com uma perna partida, e talvez alguma costela, e várias pancadas recebidas depois de cair e ser pisado durante a investida.

O conde de Valmaseda e Donato Mármol continuavam a jogar ao gato e ao rato, à volta do rio Cauto, pelo que carroças e feridos gozaram de segurança até Bayamo, onde Kaweka trabalhou afincadamente com os homens. Apareceu Gertrudis, que vinha do hospital, e com ela muitas das mulheres brancas que a ajudavam, mas eram tantos os feridos que rapidamente se esgotaram as mãos especialistas e os recursos.

Depois de alguns combates, o general espanhol voltou a enganar o cubano quando simulou um ataque e acabou por atravessar o rio sob um diminuto fogo inimigo. Os rebeldes recolheram-se em Bayamo sob a pressão do avanço das tropas de Valmaseda e de outras três colunas inimigas que, por sua vez, tinham saído de Holguín, Santiago de Cuba e Manzanillo. Perante a superioridade das forças inimigas, quatro dias depois do combate do Salado, Céspedes e o seu estado-maior consideraram impossível defender a que fora a primeira capital da república cubana independente, e ordenaram a evacuação.

Nos arredores da cidade, onde ficava o acampamento dos negros, Kaweka tomou conhecimento da decisão estratégica através dos homens que abandonavam o lugar: alguns ordeiramente, com os seus oficiais; outros aterrorizados, desesperadamente.

— E os feridos? — perguntou a Gertrudis.

Muitos, os que podiam andar, juntavam-se ao êxodo, e alguns conseguiriam empoleirar-se nas carroças, carregadas de apetrechos, com a indulgência de algum suboficial mulato e do boieiro, mas ainda assim ficavam mais de duas centenas que tinham ultrapassado a capacidade da enfermaria de Kaweka e se espalhavam pelas imediações sobre mantas ou diretamente na terra.

— Temos de os deixar aqui — respondeu a mulher enquanto apanhava os seus pertences.

Nesse dia já não vinha acompanhada pelo seu exército de damas brancas solidárias.

— Mas... os espanhóis... — balbuciou Kaweka.

— O conde de Valmaseda prometeu clemência aos que se renderem — sentenciou Gertrudis.

— Voltarão a ser escravos! — exclamou Kaweka quando a enfermeira já iniciava o caminho para a cidade.

A outra voltou a cabeça, examinou-a de cima a baixo com displicência e foi-se embora sem a menor preocupação, como costumavam fazer os amos brancos. Cecilia e Sabina, e algumas da escassa dezena de mulheres negras que ficaram para a ajudar com os feridos em vez de procurarem a proteção do exército de Mármol, interrogaram em uníssono Kaweka, concedendo-lhe uma autoridade a que não aspirava.

— Ficamos! — proclamou, assumindo-a.

Muitas sorriram. Cecilia, a mais próxima dela, continuou a olhar para ela, exigindo-lhe mais.

— Depois decidiremos o que fazer quando os *patones* estiverem próximos. Toda a gente de Bayamo esteve do lado dos rebeldes, atraçoaram os espanhóis e ficaram. Suponho que também confiam no perdão — tentou tranquilizá-la.

Kaweka não acertara nas suas suposições. Com o exército em retirada, os habitantes de Bayamo decidiram segui-lo e anunciaram-no de noite: umas labaredas imponentes ergueram-se no céu escuro sobre a silhueta dos edifícios da cidade. Kaweka e as outras contemplaram atónitas o panorama. Iemanjá, dançando ao ritmo daquela língua de fogo, escolhera esse momento para se aproximar, e Kaweka sentiu arder as suas entranhas assim que a deusa a possuía. O fogo no interior do seu corpo secou-lhe a boca e a garganta e impediu-a até de se juntar às exclamações das outras quando outras labaredas se juntaram às primeiras. E houve mais ao longo da noite, todas vorazes, iradas, a atacarem o céu. As

chamas fizeram arder a enfermaria quando se incendiou a Igreja de São Francisco, que era limítrofe ao acampamento dos negros. A cidade inteira ardia! Casas, palácios, igrejas, quartéis, hospitais... Os bayameses não iam permitir que Valmaseda e as suas tropas aproveitassem nem que fosse um só edifício de uma cidade que preferiram imolar.

A deusa disse-lhe, e Cecilia também:

— O general espanhol não terá misericórdia depois deste incêndio.

Ao amanhecer, Bayamo continuava a arder por completo e os seus mais de seis mil habitantes escapavam dela, carregados com os seus pertences.

— Os espanhóis vão cuidar dos feridos — afirmou uma das mulheres. Todas se encontravam reunidas à volta de Kaweka.

— Não serve de nada estarmos aqui. Vão escravizar-nos outra vez, castigar-nos, e isso não ajudará a que os homens recuperem — acrescentou outra. — Se quiserem cuidar deles, fá-lo-ão, connosco ou sem nós. Se, pelo contrário, quiserem deixá-los morrer, irão fazê-lo da mesma forma, por mais que nos oponhamos.

— Devíamos fugir — sentenciou uma terceira.

— Não conseguiremos nada ficando aqui — apoiou-a outra.

Abandonar todos aqueles homens que se lançaram contra os fuzis inimigos pela liberdade, por elas próprias e pelos seus filhos originou um silêncio só quebrado pelo rugir dos incêndios.

— Façam isso! — ouviu-se de um dos catres.

— Fugam! — chegou-lhes de outro.

Num instante, o dilema que atormentava Kaweka e as outras correu de boca em boca entre os homens que ainda permaneciam conscientes.

— *Viva Cuba libre!* — desatou a gritar um deles.

— Sejam livres!

— Os outros necessitam de vocês.

— Lutem por nós!

Cada uma daquelas exortações, a maioria fraca e apagada, avivara o fogo interior de Kaweka e acendera um espírito de luta que decaíra

depois do massacre do rio Salado. A deusa continuava com ela, como espectadora, e sentia-a a estremecer perante o sofrimento de cada uma dessas dezenas de vozes feridas que se erguiam. Um ferrão por cada suspiro. Os oficiais rebeldes brancos, na sua guerra particular pela independência de Espanha, tinham atirado todos esses homens para uma morte certa; haviam brincado com as suas vidas enfrentando lanças de madeira contra canhões, tinham jogado com eles sem compaixão, como nos engenhos e nos cafezais e, porém, aí estavam, a encorajá-los a serem livres, a continuarem a perseguir essa quimera que, quer fosse enterrada pelo medo ou exacerbada pela loucura, qualquer escravo albergava dentro de si.

Kaweka voltou a ver-se interpelada pelo resto das mulheres e Iemanjá irrompeu dentro de si. Tinham razão: não servia de nada ficar ali. Provavelmente os espanhóis nem sequer lhes permitiriam que continuassem a tratar dos seus; escravizá-las-iam e enviá-las-iam de volta para os engenhos ou para servirem como criadas. Não havia outra possibilidade: deviam continuar a lutar; mesmo assim, custava-lhe tomar essa decisão.

— Pensa na Yesa — sussurrara-lhe Cecilia perante a sua hesitação.

— Vamos embora — ordenou então com firmeza.

— Levem as nossas catanas — aconselhou-as um dos feridos —, de pouco nos servirão a nós.

Os bayameses continuavam a fugir, deixando atrás de si uma cidade em cinzas. Kaweka, Sabina e Cecilia, Manuel, a coxear com uma perna entalada, vários miúdos e a dezena de mulheres que permaneceram junto dos feridos juntaram-se às filas de fugitivos. Iam todas com equipamento leve: a catana e uma trouxa, como a de Kaweka, onde ainda guardava o botão branco que os jovens em Havana lhe ofereceram e algumas contas coloridas que tinha desde o seu desembarque em Santiago de Cuba, insuficientes ainda para construir um novo colar para Iemanjá.

— Toma, carrega este saco, negra.

Instintivamente, Kaweka voltou-se para trás, de onde provinha a voz.

Um homem branco exigia a Clotilde, uma das suas, que transportasse um saco grande cheio de objetos. A mulher negra hesitava, mas baixou o olhar perante a autoridade do branco.

A catana esteve prestes a afundar-se no peito do homem. Kaweka surpreendeu-se a si própria plantada em frente dele, com o braço estendido e a ponta da arma a picar a sua carne com firmeza.

— O que estás a fazer? — protestou o homem.

— Leva-o tu — disse Kaweka, apertando um pouco mais a lâmina.

— Como te atreves?!

Kaweka aguentou o olhar do branco com a mesma firmeza com que sustentava a catana: o seu corpo em tensão, o pescoço erguido, toda ela empertigada, tentando opor a sua escassa estatura à do outro.

Alguns bayameses pararam à sua volta mostrando incredulidade e surpresa diante da cena. Kaweka pressentiu que aquele sentimento não tardaria a transformar-se em fúria. Os brancos eram muitos, e elas, pouco mais de uma dúzia de mulheres negras, um punhado de escravas em frente de umas pessoas que não tinham disposto de tempo suficiente para assumirem a liberdade que Céspedes lhes concedera para os utilizar como carne para canhão, isto se em algum momento tivera a intenção de o fazer. Percebeu também o medo em Clotilde e nas outras. Iriam bater-lhes, escravizá-las.

— Atrevo-me porque somos livres! — gritou, e nesta ocasião afundou a ponta da catana, que percebeu chocar com as costelas.

O homem recuou, tropeçou e caiu ao chão; o saco que pretendia que Clotilde levasse por ele abriu-se e os objetos espalharam-se. Kaweka não perdeu um segundo a olhar para eles. Não podiam continuar a agir como escravas! Alguns cidadãos vieram em auxílio do branco proferindo insultos e exclamações. Kaweka decidiu-se a enfrentar também estes quando outra catana cortou o ar num semicírculo horizontal, obrigando os agressores a darem um salto para atrás.

Kaweka e Sabina sorriram uma para a outra.

— Não esperávamos ter de lutar também contra os rebeldes — ouviu-

se dizer Cecilia por trás.

Um tipo mal-encarado sacou de um revólver. Kaweka ameaçou o homem caído, desta vez no rabo. Sabina adiantou-se golpeando o ar com a catana para os cada vez mais numerosos bayameses que paravam.

— Não vos fizemos nada — assegurou Kaweka ao que empunhava a arma. — Deixa-nos seguir.

— Muitos dos nossos morreram a defender-vos — acrescentou Cecilia. O mal-encarado do revólver não baixava a arma.

— Os espanhóis estão a aproximar-se de várias frentes. Valmaseda não demorará a apresentar-se diante das portas da cidade — anunciou um jovem que puxava por uma mula carregada e que se adiantou ao grupo sem parar.

Muitos dos que se juntavam ali retomaram rapidamente o passo.

— Deixa-as — aconselhou um deles ao da pistola, que hesitou.

Kaweka exalava um suspiro de tranquilidade perante a partida das pessoas quando soou um disparo. Cecilia caíra atrás dela; a mulher ainda não tocara no chão quando a catana deixou de apontar para o homem caído e saiu disparada na direção daquele que acabara de disparar. Kaweka acertou-lhe no ventre, contando-o de cima a baixo antes de lhe afundar de novo a catana no abdómen, procurando as suas entranhas com ira.

Ninguém pareceu ver; ninguém quis ver. Todos fugiam de Valmaseda.

Ensanguentada, Kaweka deixou-se cair ao lado de Sabina, que, ajoelhada no chão, agarrava a cabeça de Cecilia nas suas mãos, chorando e aproximando a orelha da sua boca para conseguir ouvir as palavras da idosa.

As pessoas de Bayamo davam a volta para se esquivarem da cena: um homem que ainda agonizava com o ventre rasgado, duas negras a chorarem com outra velha estendida nos seus braços, um grupo de escravas desnorteadas e uma última pessoa pelo chão, de gatas, a apanhar freneticamente candelabros e talheres de prata que enfiava num saco.

— Fugam! — impôs então Kaweka às mulheres que a acompanhavam.

— Fugam! — gritou perante a hesitação.

Ali ficaram as duas amigas, a cuidarem de Cecilia com uma bala no peito, enquanto os bayameses e o resto do exército rebelde se afastavam da cidade em chamas.

³ *Patone*, em Cuba, é uma pessoa que não sabe dançar, e esse termo pejorativo era usado para designar os espanhóis. (*N. da T.*)

Madrid, Espanha
Março de 2018

Lita contemplou a cidade por trás do vidro da janela do trigésimo nono piso arrendado pelo banco de Stewart num dos arranha-céus que há poucos anos se erguera no final do Paseo de la Castellana de Madrid. A vista esplêndida de que devia usufruir a partir dessa posição privilegiada tornara-se, porém, um manto de poluição que cobria a cidade; uma visão suja, inclusive agressiva.

Com aquela sensação desagradável, voltou-se para o interior do edifício, um espaço moderno, amplo, diáfano, luminoso e até solitário, uma vez que os poucos empregados que ocupavam aqueles escritórios estavam ali exclusivamente como pessoal de apoio aos que trabalhavam na sede do Banco Santadoma, mas Stewart e os seus queriam um lugar próprio onde pudessem fazer as suas reuniões, longe da influência do marquês e do seu pessoal.

Respirou fundo, satisfeita. Algum dia a poluição desapareceria; as autoridades estavam envolvidas nisso e a sociedade reclamava-o. Mas, enquanto isso não acontecia, deixou-se levar pela euforia: estava de novo a trabalhar, ainda que longe de dom Enrique, da sua família e dos seus acólitos. Stewart aumentara-lhe o salário, mas não se excedera. «Há de chegar», prometeu, mas atribuiu-lhe um escritório envidraçado, suspenso sobre Madrid, só para ela, com móveis funcionais mas de qualidade, de

acordo com uma alta executiva. Lita dispunha também de uma secretária particular chamada Inés, uma rapariga atenciosa e competente.

Contara tudo isto à mãe, exultante, agarrando-lhe a mão, apertando-lha, pretendendo que ela própria se desse conta de que a sua filha se libertara dos Santadoma, que estava a triunfar à margem daquela família; não queria menosprezar a ajuda recebida por ela quando falou com a dona Pilar, mas necessitava de que a mãe entendesse que os Santadoma não eram imprescindíveis na sua vida. Concepción entendera-o apenas com o ânimo da filha.

— Estou orgulhosa de ti — disse-lhe, permitindo que ela lhe apertasse ainda mais a mão —, muito orgulhosa.

Lita sentia-se da mesma forma, como quando pedia à sua secretária pelo intercomunicador que telefonasse para Pablo.

Ele era o seu interlocutor direto com a empresa auditora. Desde que Lita entrara para os escritórios dos americanos, ambos colaboravam mais do que nunca na análise definitiva de toda a documentação financeira e jurídica que devia sustentar o fim iminente da operação de compra das ações da família Santadoma, e Lita não perdia a oportunidade de utilizar Inés para lhe telefonar, sentindo-se poderosa sabendo que, quando a sua secretária lhe passava a chamada, Pablo já estaria à espera do outro lado da linha, uma vez que ele não dispunha de assistente pessoal.

Numa ocasião, só para o chatear, até o fez esperar quase meio minuto de propósito.

— Isto irá custar-te dormir no cadeirão esta noite — repreendeu-a ele quando Lita acabou por atender a chamada.

Ultimamente quase fazia mais vida no apartamento de Pablo do que em casa com as amigas.

— Será mais incómodo para ti — replicou Lita com prontidão. Pablo suspirou, demorando a contradizê-la, como se estivesse a pensar num castigo alternativo, momento que ela aproveitou para o picar ainda mais na brincadeira: — É por estas coisas que alguns têm secretárias e outros não, pela espontaneidade e pela capacidade de improviso...

— Não vais jantar! Vou fechar-te na casa de banho! E vais dormir sozinha no cadeirão. Vais suplicar-me para eu te deixar entrar no quarto.

Também gracejava com as suas colegas de casa quanto ao seu progresso em toda aquela estrutura bancária em crescimento.

— Pois eu nunca tive uma amiga com secretária particular...

— Porque não a trazes para casa para ver se nos ajuda?

E riam-se, ainda que depois se olhassem em silêncio.

— Estás a conseguir — felicitou-a numa ocasião Elena.

Lita assentiu, enquanto um arrepio lhe percorria o corpo. Sim, prosperava no seu trabalho e na consideração que lhe dispensavam, e a sua relação com Pablo era cada vez mais gratificante. Amavam-se. Tinham-no dito um ao outro, ainda que não o tivessem feito num restaurante de luxo, num passeio de mãos dadas pelas ruas de Madrid ou exaustos na cama depois de um orgasmo. Transpuseram essa barreira tão invisível, e em certas ocasiões insuperável, num momento banal: ao cruzarem-se no corredor que dava para a casa de banho. Ele afastou-se para a direita; ela fê-lo para o mesmo lado, para a sua esquerda. E quase chocaram. Pablo tinha acabado de tomar banho e saía da casa de banho com a toalha enrolada à cintura; ela, sonolenta, com a camisa de noite amarrotada e com o cabelo encaracolado despenteado, ia-se lavar. Tentaram dar passagem um ao outro de novo, mas voltaram a encontrar-se de frente.

— Amo-te — disse-lhe então Pablo, ambos parados frente a frente.

— Não tanto como eu a ti — respondeu ela, metendo-se apressadamente entre ele e a parede para se fechar na casa de banho, apoiar a testa contra a porta e chorar em silêncio.

Fecharam a compra e venda das ações do Banco Santadoma que eram propriedade da família, ainda que a referida operação estivesse dependente da venda do resto do capital da entidade. Lita não esteve presente no momento da assinatura, em que se destacou dona Claudia no papel de marquesa favorita da corte do Rei Sol, «No mínimo!», contou-

lhe Pablo nessa noite.

Depois de finalizada essa primeira parte da operação, Stewart regressou a Miami.

— Apanho o avião esta noite — disse-lhe. — Não posso estar a trabalhar exclusivamente para este projeto. Tenho saudades de estar com a minha família.

Ainda assim, Lita sentiu como se o seu protetor a abandonasse.

— Voltará?

— Claro. Ainda há muito para comprar. — Sorriu. — Tens acesso a toda a documentação do processo de compra dos Santadoma, tanto em papel como digitalmente — disse, apontando primeiro para uns arquivos e depois para o computador em cima da mesa. — Agora é preciso negociar com os outros proprietários e executar a oferta pública de aquisição de ações na bolsa. Deves colaborar com as pessoas do banco e com os consultores da Speth & Markus, o Pablo e a sua equipa, mas acima de tudo tem em conta que o marquês já efetuou a venda, ainda que de forma privada, pelo que agora trabalhas para nós.

Porém, se por um lado as coisas lhe corriam bem, por outro, sentia-se cada dia mais angustiada. Voltara a dar de caras com a pagela da Virgem que a mãe lhe dera. Em duas ocasiões não acontecera nada e agarrara-se ao equívoco, ao impossível. «Não passas de uma parva!», disse então para consigo, mas noutras aquele pedacinho de cartão enrugado fazia-a tremer, brilhava, absorvia o ar do quarto e desmoronava as paredes. Consultou a *internet* e assustou-se com o excesso de informação, esotérica, discrepante, por vezes incompreensível. Podia todo aquele mundo de bruxaria, em certas ocasiões barata, ter alguma coisa que ver com ela? Devia procurar ajuda? Alguma coisa teria de fazer. Naquele momento, colocou a pagela entre as páginas de um longo e aborrecido tratado de economia internacional que ainda conservava do seu mestrado e sorriu: nem sequer a Virgem seria capaz de escapar da complexa e, frequentemente, incompreensível teia de aranha teórico-filosófica que se desenvolvia ao longo daquele volume imenso e chato. E toda a

inquietação que lhe originava a imagem de uma simples Virgem negra pouco a ajudava no que dizia respeito ao verdadeiro problema que a preocupava: o da sua mãe, que continuava a cuidar de uma casa vazia e de dois cães caprichosos, sem reforma, por mais promessas que lhe tivessem feito uns e outros. Porque a questão da filiação da mãe ficara um pouco preterida depois de descobrir a mala e perceber que não havia qualquer prova no seu interior, sentindo-se num beco sem saída.

Preocupou-se ainda mais com o trabalho que lhe caiu em cima, sozinha naquele novo escritório, e com o monte de documentos que Stewart lhe indicara antes de voar para os Estados Unidos.

Pegou num dos arquivos, o que sobressaía por ser velho, contendo escrituras e documentos antigos. Pertenciam ao velho marquês, ao avô. Aí aparecia a cópia do seu testamento, que Lita sabia de cor; a compra e venda de ações do banco, relatórios, anotações. Ali estava parte da vida do marquês, relatada em papel, como era norma na época. Lita deu uma vista de olhos numa nota escrita à mão, original, prestando mais atenção à caligrafia, limpa, requintada, e ao texto disposto em linhas retas e precisas, do que ao conteúdo, embora acabasse por o fazer: era uma comunicação de Miami do seu filho Eusebio, pouco antes de morrer. Tinha visto alguns documentos escritos, mas como aquele...

Levantou-se de repente, com brusquidão. A cadeira giratória saiu projetada e deslizou atrás de si até chocar com a janela. A poucos metros, Inés tentou dissimular a sua surpresa.

— Vai-se embora? — perguntou a secretária, quando Lita já corria à frente dela com a mala e o casaco na mão.

— Sim.

— Deseja que lhe passe as chamadas para o telemóvel?

A secretária não percebeu o sentido do murmúrio com que respondeu a sua nova chefe.

— Vai voltar antes de fechar...?

Mas Lita já estava fora do escritório.

Apanhou um táxi. Não o costumava fazer: eram caros e em certas

ocasiões, quando alguns condutores não deixavam de a observar através do retrovisor, sentia-se incomodada. Deu a direção da casa da mãe. O motorista era correto e não a incomodou, embora nem por isso fosse menos caro, e Lita esqueceu-se do motivo que a havia levado a abandonar tão subitamente o escritório, lamentando, ao invés, como aumentara o preço, enquanto tentavam contornar o intenso trânsito vespertino do Paseo de la Castellana. Apenas tinham de percorrer aquela artéria da cidade até chegarem ao bairro de Salamanca, seis quilómetros, dez minutos em circunstâncias normais, mas nessa tarde não faziam outra coisa senão parar e arrancar, parar e arrancar.

— Custou-me um dinheirão! — exclamou diante da mãe, queixando-se do preço que lhe custara a corrida.

— E porque é que não vieste de metro?

Lita hesitou. Concepción reforçou a pergunta com um olhar inquisidor.

— Não sei, estava cansada... Sim, tens razão. Devia ter vindo de metro.

— Claro.

Os cães seguiram-nas até à cozinha, a única zona da casa que estava iluminada; o resto permanecia na penumbra, com os móveis a parecerem fantasmas, cobertos com lençóis. Lita serviu-se de um copo de vinho tinto, de reserva, excelente, que de acordo com a mãe ninguém reclamara e que abrisse para ela. Respondeu, mentindo:

— Tinha saudades tuas.

Quando o rosto de Concepción se iluminou com um sorriso, Lita sentiu-se imensamente culpada. Por acaso não podia ser verdade?

— Tinha muitas saudades tuas — repetiu, aproximando-se dela e beijando-lhe o rosto.

Foi um beijo afetuoso e meigo que assoberbou Lita. Não queria enganar a mãe. A vida transformara-a nisso, numa hipócrita incapaz de mostrar os verdadeiros sentimentos, ainda que existissem. No mundo em que vivia, as respostas tinham de ser rápidas, lógicas, decisivas. Não podia levar esses comportamentos para casa, tê-los com a mãe. Voltou a

beijá-la.

— Filha! — Concepción livrou-se dela como se fosse uma maçada.

Jantaram. Antes de subir, Lita comprara um pouco de presunto e de queijo na charcutaria onde os Santadoma iam desde sempre, localizada naquele bairro exclusivo; mais uma despesa extraordinária que evitou mencionar à frente da mãe, embora esta bem soubesse que essa loja vendia o presunto a preço de ouro. Porém, o vinho merecia, evitar os legumes também, e a ideia que andava às voltas na sua cabeça, e que mesmo assim ocultou, mais ainda.

Comeram, conversaram, e, quando já tinha anoitecido, depois de descerem para passearem os cães, ficando as duas geladas, Lita despediu-se da mãe e desceu de novo a escada, vasculhando no interior da mala e apalpando as chaves da arrecadação onde os Santadoma armazenavam as suas vidas, e que, com a desculpa de ir à casa de banho, tirara do armário onde estavam sempre penduradas. No edifício reinava a tranquilidade; há horas que Zenón devia estar em sua casa. De qualquer forma, esperou dois minutos em silêncio até estar convencida de que não havia impedimento algum para aceder à arrecadação; mesmo assim, a mão tremeu-lhe ao introduzir a chave na fechadura, e teve de respirar fundo antes de a rodar.

A luz voltou a fazer brilhar o mogno, ainda empoeirado, da secretária do velho marquês que a mãe lhe mostrara. Lita pôs-se diante daquele móvel imponente, grande, pesado, entalhado com a destreza de um excelente mestre carpinteiro, o símbolo perfeito de um banqueiro aristocrata, sobre o qual se teria negociado a fortuna ou a miséria de uma infinidade de clientes. Imaginou um homem arrogante, parecido com dom Enrique, a manipular as ilusões das pessoas com o mesmo desprezo e soberba que lhe dirigira a sua nora, dona Claudia, na reunião do banco. Sem dúvida que à volta dessa mesa se teria decidido também a sorte de algum escravo.

Lita puxou a gaveta central. Estava fechada. Talvez aquele escravo, ou escrava, fosse essa antepassada sua de quem lhe falou o tio Antonio em

Havana. Puxou com força, mas a gaveta resistiu. Deu um puxão com raiva. Resistiu. Negreiros cabrões! Ela tinha o sangue daquela escrava: «Alfonsa», chamara-lhe o tio Antonio. O seu estigma!

Na superfície dessa mesa podia ter sido assinada a compra dessa mulher e contado o dinheiro pago por ela.

— Filhos da puta! — exclamou por entre dentes.

A cólera misturou-se com uma dor surda que lhe deixou os músculos tensos e a fez soluçar. Tentou de novo, com as duas mãos agarradas ao puxador. Acabou por gritar e a fechadura estalou. Ficou quieta e observou a arrecadação: o estrondo pairava no ar, sem se querer desvanecer. Mas não apareceu ninguém, por isso abriu a gaveta. No seu interior encontravam-se artigos de escritório, que deviam ter estado em cima da mesa: abre-cartas, copos para lápis, um tinteiro de prata, canetas e tinteiro, uma lupa, lápis... Não lhes deu importância e remexeu entre eles até que encontrou uma chave que lhe permitiu abrir as outras gavetas, duas de cada lado. Estavam cheias de arquivos, papéis, mas também encontrou aquilo que fora buscar: vários molhos de cartas atados com cordéis. Não necessitou de desatar nenhum laço para verificar o remetente de um dos envelopes: «Eusebio Santadoma», escrito em destaque uma linha acima de uma confusa morada de Miami.

Ao contrário de agora, em que tudo se arquiva na nuvem ou em discos rígidos, a vida daquelas pessoas ficava registada em papel, em cartas, em relatórios, em simples recibos. E ali estava grande parte disso. Lita procurou alguma coisa para transportar as coisas. Havia várias malas na arrecadação. Tomou-lhes o peso sem as abrir até encontrar um saco de viagem em pele que lhe pareceu vazio. Era lindo. «*Vintage*», gracejou para si ao apertar as abas laterais do fecho que mantinha as hastes douradas da parte superior fechadas. Depois enfiou lá dentro toda a documentação que havia no interior das gavetas, até estas ficarem vazias e o saco cheio. Fechou as gavetas com a chave, e, quando se preparava para fazer o mesmo com a central, reparou num estojo pequeno e alongado, de lata, que antes não lhe chamara a atenção, mas que agora se

destacava; aquela caixa gasta não estava em consonância com o resto do conteúdo, e ela já tinha o que fora buscar. Julgava estar há muito tempo na arrecadação, e, uma vez que tinha os papéis em seu poder, a angústia reapareceu impelindo-a a fugir dali: podia chegar alguém, algum vizinho que suspeitasse da luz... Podiam pensar que era um ladrão. Quis fechar a gaveta, mas não conseguiu. Talvez estivesse empenada... Tentou de novo e acabou por a abanar de um lado para o outro. Era paradoxal: antes não a conseguia abrir, agora não a conseguia fechar. Suspirou, tentando acalmar-se. Então, esticou a mão até à caixa, tirou-a e colocou-a em cima da mesa.

No seu interior descobriu o que parecia um colar, embora Lita tenha hesitado em erguê-lo diante dos seus olhos: um cordel em mau estado onde se juntavam umas pequenas contas de madeira ordenadas por cores, uma branca e outra azul, sete de cada no total, ainda que fosse evidente que duas das brancas tinham sido substituídas por botões de madrepérola.

O colar enfeitiçou-a. Não conseguia tirar os olhos dele. Abanou-o à sua frente. Era uma bagatela, simples quinquilharia, mas estava maravilhada. Depositou-o sobre a palma da sua mão com um cuidado pouco usual. As contas incendiaram-lhe a pele. Surpreendeu-se ao aguentar com serenidade. Queimava, mas não doía. Esqueceu os documentos, as cartas e o saco. Os medos desapareceram e Lita pendurou o colar ao pescoço com solenidade. Um homem que morria entre convulsões com aquele colar sobre o peito; uma mulher negra que ria, que chorava... que sangrava. As imagens, turvas, confusas, embriagaram-na.

Algo a obrigou a libertar a pagela de entre as páginas do livro de economia. Uma Virgem negra e um colar de contas. Lembrava-se de ter lido a esse respeito na *internet*, e procurou de novo. Ali estava, a Virgem de Regla e Iemanjá. O seu colar. Sete contas brancas e sete azuis. Havia outras possibilidades, mas a mais comum era aquela.

Bufou, abanou a cabeça e tapou o rosto com as mãos. Era real... ou

estava a ficar maluca. Ou ambas as coisas. Os santos cristãos e os deuses pagãos possuíam-na, e não devia existir nenhum médico para isso. Rejeitou a ideia de procurar um psiquiatra, embora não pudesse evitar voltar a consultar a *internet*. Digitou «*santería*, possessão, psiquiatria, doença». Deu uma vista de olhos numa das primeiras entradas e hesitou sobre se devia continuar ou não, mas acabou por premir a seguinte. Entre dezenas de anúncios de santos e santeiras que se ofereciam para todo o tipo de trabalhos, maldições e feitiçarias, encontrou alguns estudos a que concedeu alguma seriedade e que falavam de efeitos similares aos que ela sentia, se é que se podia chamar assim. De acordo com essas informações, ninguém morrera ou cometera nenhuma loucura importante, mas antes o comparavam a uma espécie de embriaguez: também ali uma pessoa perdia o controlo sobre si própria. Esticou os braços para a frente e reparou nos seus dedos, tensos, firmes. *Não tremiam*, pensou. *É uma coisa que vai e vem e tem de se controlar. Mas agora é a vez das cartas do marquês*. E assim pegou na pagela e na caixa com o colar e escondeu-as na gaveta da sua mesa de cabeceira, que fechou quase com violência.

Sara e Elena viam televisão na sala. As duas tinham reparado com curiosidade na forma como Lita se dirigia para o seu quarto carregada com um saco repleto de folhas depois de lhes dar uma desculpa esfarrapada para não partilhar com elas cerveja e conversa fiada. Algo similar sucedera com Pablo. Ao ligar o telemóvel depois de abandonar a arrecadação, deparara com três chamadas perdidas. Uma quarta soara enquanto andava pela rua com o saco, sentindo-se perseguida pelos olhares de dezenas de vigilantes imaginários. Estava a roubar documentação dos Santadoma, ainda que eles também tenham roubado a vida de Alfonsa, essa parente afastada, mas, afinal de contas, sua família, disse para consigo como que para se desculpar. Aquele pensamento tranquilizou-a, e o suposto receio das pessoas com quem se cruzava desapareceu subitamente. Não respondeu à chamada de Pablo nem ouviu a mensagem que este lhe deixara no *voicemail*. Depois começou a receber as mensagens de WhatsApp, que decidiu ler.

«Não me sinto bem, querido», acabou por escrever no telemóvel quando ele se mostrou preocupado perante o seu silêncio. Também não tinha o direito de o inquietar. «Vou para casa dormir. Amo-te.»

Deitou-se na cama e desfez o nó de um dos maços de cartas. A extraordinária qualidade do papel, de uma gramagem excecional, ainda permitia que se lhe mexesse sem medo de que se rasgasse ou se desfizesse por entre os dedos após tantos anos.

Abriu a primeira. Uma coroa em relevo na margem superior esquerda expunha a estirpe do remetente. Provinha de Miami e datava de quase sessenta anos antes, novembro de 1961, sendo encabeçada com um «Querido pai».

— Não consigo dormir. — A resposta de Pablo, estremunhada e confusa, confirmava que ele, sim, conseguia, pelo menos até esse momento. Passava das duas da madrugada. Lita deixou de lado a enésima carta de Eusebio Santadoma ao pai e telefonou a Pablo. Não lhe permitiu pronunciar outras palavras diferentes das anteriores: — Se tu me abraçasses... — acrescentou, melosa.

— Imagina um retângulo de proporções áureas...

— Querido...

— Calma. Ajuda a conciliar o sono.

— Não quero dormir — disse ela. — Quero beijar-te até mais não.

Pablo demorou uns segundos a reagir.

— Vou-te buscar — ofereceu-se de repente.

Lita fez um gesto no ar, os lábios apertados para sustentar um grito.

— Eu vou — retorquiu. — Chego antes. Vou diretamente de pijama.

Duas noites depois, Lita sentou-se entre as suas duas amigas no sofá da sala do apartamento que partilhavam, tirou o comando a Elena e desligou a televisão. As duas deixaram-na fazê-lo em silêncio, atitude que mantiveram enquanto ela espalhava várias cartas em cima da mesa, com cuidado para não as manchar com as gotículas que se tinham soltado das garrafas de cerveja.

— Já não era sem tempo! Achávamos que nunca nos ias contar — surpreendeu-a Sara quando acabou de as colocar e se endireitou no sofá.

— O que é que vocês sabem? — interrogou-a Lita.

— Na realidade, nada, mas conhecemos-te bem, e sabemos que trazias alguma coisa importante — respondeu a amiga.

— Morremos de vontade de meter o nariz no teu quarto, mas portámo-nos bem — salientou Elena.

Lita fechou os olhos antes de responder e respirou fundo. A verdade era que precisava de falar com elas, precisava de expor as suas dúvidas diante de alguém para ver se faziam algum sentido.

— Estas são as cartas que o filho do marquês, do velho — esclareceu —, do que veio para Espanha, enviava ao pai. Bom, em suma, acho que do conteúdo de várias delas se poderia deduzir que a minha mãe é filha de...

— Como é que as conseguiste? — interrompeu-a Elena.

— Isso agora não tem importância.

— Pode ter, pode ter — sussurrou a advogada.

— Deixas-me continuar? — A amiga concordou com relutância. Lita pegou na primeira das cartas que pusera em cima da mesa e leu: — «Congratulo-me com as suas notícias acerca da saúde da Margarita e da menina. Cuide delas.»

Depois mostrou-lhes as várias folhas que compunham a carta como se fosse um troféu.

— E daí concluis que é o pai da menina?

— Há mais.

— Mas não diz nada definitivo!

— Vamos a ver, meninas. — Lita tentou serenar a conversa. — Em nenhuma dessas cartas que estão no meu quarto o tal Eusebio...

— O teu avô.

Lita viu-se obrigada a assentir.

— Um filho da puta — acrescentou, porém. — Bem, em nenhuma dessas cartas este gajo chega a reconhecer que é o pai da minha mãe. Não

pergunta «Como está a minha filha?», não, não o faz. Mas não faz sentido que o filho de um marquês se preocupe com uma criada e com a sua filha numa carta endereçada ao pai, não acham? Aqui — voltou a mostrar a carta —, este cabrão fala de Fidel, da revolução cubana, de interesses económicos e da situação das empresas e das herdades que ainda possuíam em Cuba. Revela confidências e comenta temas importantes com o pai... E de repente congratula-se com as notícias acerca da saúde de uma criada e da sua filha?! Congratula-se! Um Santadoma!

— Muito normal não é — retorquiu Elena.

— Pelo menos parece suspeito — apoiou-a Sara —, mas sejamos sinceras: nós, assim como tu, queremos... Bem, interessa-nos que esse gajo seja teu avô, não interessa? Talvez não estejamos a ser objetivas.

A afirmação da amiga levou Lita a questionar-se mais uma vez se realmente desejava que essa situação fosse real. As suas dúvidas devem ter pairado no ar, porque Sara as adivinhou:

— É muito dinheiro. Seria uma vingança maravilhosa.

— Vingança? — perguntou Lita.

— Se a tua mãe fosse meia-irmã do marquês? Uma vingança divina!

— Divina? — repetiu Lita falando para si.

E se estivesse tudo relacionado?, especulou nesse instante: Iemanjá, a Virgem de Regla, a sua mãe, os Santadoma...

— O que mais há nessas cartas? — perguntou Elena com interesse, arrancando-a dos seus pensamentos.

Contou-lhes o que lera. Costumavam ser frases similares à primeira que citara. Dispunha de mais de vinte missivas onde se falava sempre de Margarita e da mãe de Lita, a quem dom Eusebio chegava a chamar pelo seu nome: Concepción. Interessava-se pelo seu estado, pela sua saúde, preocupara-se seriamente quando a menina tivera varicela e, pelo que depreendia das cartas, chegara até a telefonar para Madrid especificamente por essa razão.

— O filho do marquês a telefonar de Miami para Madrid por estar

preocupado com a varicela da filha de uma criada! — enfatizou Lita.

— Nem pensar! Nisso ninguém acredita — comentou Elena.

— É pena não termos as cartas do marquês para o filho — lamentou Sara, e Lita assentiu.

Concordaram que as atitudes de um e de outro não eram normais, e que era evidente que as respostas de Eusebio se referiam a comentários e notícias que o pai lhe fazia chegar sobre Margarita e Concepción.

— Podem ser mais uma prova da paternidade da minha mãe — acabou por dizer Lita a Elena. — Talvez fossem suficientes para aquele julgamento de que falámos.

— Sim — concordou a amiga —, talvez fossem... se não as tivesses roubado. — O silêncio instalou-se na sala. — Porque as roubaste, não roubaste?

— Obviamente. Tu achas que mas teriam dado?

— Nesse caso, eu diria que é uma prova ilícita. Nenhum juiz a aceitará.

Cuba
Agosto de 1872
Departamento do Oriente

Sabem o que vos espera com os espanhóis?

O grupo de negros que desertava do regimento parou ao início da madrugada, quando a luz, ainda mortiça, não conseguia vencer uma chuvinha persistente que anunciava um novo aguaceiro de verão. Kaweka apareceu por trás de uma árvore, acompanhada de Sabina; Sabina acompanhava-a sempre. Sabiam daquela fuga por um jovem que fora assaltado por dúvidas e que acudira à curandeira à procura de conselhos. «Quando estava no engenho», dissera Kaweka à rapariga enquanto aguardavam a passagem dessa dezena de homens, «trabalhava para que os nossos escapassem; agora tento que não o façam. É estranho.»

— Sabemos o que nos espera se ficarmos aqui — respondeu o que parecia ser o cabecilha do grupo.

— Irão escravizar-nos outra vez.

Os homens respeitavam Kaweka, e por isso pararam e ouviram a sua advertência, nervosos, a olhar para a frente e para trás, alternando o olhar entre as duas mulheres e o acampamento, continuamente.

— Como escravos, pelo menos, comíamos — prosseguiu o cabecilha.

— Aqui não o fazemos; temos de nos alimentar de cocos e de raízes de

mandioca. É tudo o que há.

Kaweka evitou dar-lhe razão, mas era verdade: a comida escasseava, o gado fora sacrificado há tempo e os negros viviam à base de raízes e da pouca fruta que restava depois de milhares de pessoas esgotarem os recursos naturais.

— Quando éramos escravos — continuou o homem —, tratavam de nós porque lhes interessava o nosso trabalho. Agora não se importam com as nossas vidas.

— Mas são livres!

— De que nos serve a liberdade se nos matam como a cães? — perguntou outro.

— Deixa-nos passar, Kaweka — pediu um terceiro.

Pediam-lhe autorização. Perguntou-se o que fariam se se negasse a conceder-lha, e quis experimentar.

— Não — disse-lhes. — Lutamos pela nossa liberdade, a de todos, a dos nossos filhos, e se for preciso morrer...

— Os espanhóis já falam de liberdade.

— Não o fazem. É um engano. — Tentava convencê-los, mas a ansiedade tinha afetado os homens; dois deles haviam-se separado e afastaram-se, enquanto o resto estava agora mais atento aos movimentos no acampamento do que a Kaweka. Aquela era uma discussão que já tinham tido dezenas de vezes antes de desertarem. — Os espanhóis...

— És uma boa pessoa e os deuses protegem-te, Kaweka — interrompeu-a o cabecilha ao mesmo tempo que recomeçava a andar e passava a seu lado. — A nós, não.

Os deuses são volúveis; em certas ocasiões favorecem-te e noutras maltratam-te, quis argumentar Kaweka, mas, em vez disso, franziu os lábios e afastou-se.

— Boa sorte — desejou-lhes mesmo assim —, lutaremos também por vocês.

O grupo desfilou cabisbaixo diante delas enquanto a chuva ficava mais forte. Kaweka e Sabina ficaram a vê-los a afastar-se, quase todos vestidos

com farrapos, um deles totalmente nu, sem armas. Tinham decorrido mais de três anos desde que se iniciara o levantamento contra os espanhóis, e as deserções nas fileiras republicanas eram constantes. A guerra estagnara e o conde de Valmaseda aproveitara para oferecer o perdão aos que atraíssem os revolucionários.

Depois da derrota e do massacre de Bayamo, os chefes rebeldes reformularam a estratégia e mudaram as suas táticas: fustigar os exércitos espanhóis sem se apresentarem em batalhas em campo aberto, utilizando a guerra de guerrilhas, e impedir que o inimigo beneficiasse de qualquer recurso através da política de terra queimada. Não havia engenho, pastagem ou cafezal que não ardesse depois da passagem das forças revolucionárias.

Também a política relativa aos escravos entrara em conflito. A abolição da escravatura na República de Cuba em Armas era um facto desde 1870, depois de, um ano antes, Céspedes promulgar a Constituição de Guáimaro.

Nesse mesmo ano, Espanha reagira promulgando a Lei do Ventre Livre, onde se estabelecia a liberdade dos filhos nascidos de escravas a partir dessa data, apesar de os manterem subjugados a um patronato até aos vinte e dois anos, e era declarada a liberdade dos escravos com mais de sessenta anos.

— Concederam a liberdade às crianças e aos velhos. Libertam precisamente aqueles que não são capazes de trabalhar, os que não são rentáveis nos engenhos — ouviu Kaweka, que se mantinha com tanto escárnio como cólera nas reuniões do acampamento. — Assim nem sequer têm de lhes dar de comer.

— Gozam connosco!

— Humilham-nos!

Depois os negros irrompiam em insultos e juravam vingança contra todos os espanhóis, uma satisfação que levavam para o campo de batalha e que degenerou em banhos de sangue que não faziam senão aumentar o ódio mútuo, convertendo-o num fervor cego, doentio e incontrolável que

se entranhava no estado de espírito dos adversários.

Era o que Kaweka previa que sucedesse nesse mesmo dia chuvoso quando, estando com Sabina e com os desertores já longe, se reuniu com o resto do exército mambí às ordens do capitão Arango: duas centenas de soldados de infantaria, a maioria negros, alguns chineses, e cinquenta de cavalaria, brancos e mulatos livres.

Kaweka e Sabina acompanhavam-nos como profissionais de saúde às ordens do tenente médico, Juan Pérez, que, como muitos estudantes recém-licenciados, se juntara com entusiasmo às fileiras rebeldes. Encontravam-se nas proximidades de Manzanillo, povoação costeira onde o exército espanhol se abastecia de víveres.

Os rebeldes tinham conhecimento, através dos seus espiões, da chegada de um barco com alimentos para os espanhóis. Kaweka e os seus estavam há dois dias numa marcha impiedosa sob aguaceiros para chegarem a tempo de intercetarem o comboio de provisões. Conseguiram-no depois de passarem a povoação onde se proferira o «Grito de Yara», a chamada para a revolução, e os exploradores regressaram para informar que se encontrava retida com os carros e os bois atolados na lama.

A oriente da ilha, a quase totalidade das vias de comunicação consistia apenas em simples caminhos ou carreiros abertos entre a vegetação e o bosque, que na época das chuvas se transformavam em lamaçais intransitáveis. Uma colónia como Cuba, que fora pioneira na construção de linhas de caminho de ferro — necessárias para transportar o açúcar que tanta riqueza proporcionava aos fazendeiros —, carecia de estradas em condições. As escoltas atolavam-se com tal intensidade e a viagem tornava-se tão longa que, em certas ocasiões, os víveres não chegavam ao destino, uma vez que eram consumidos pelos próprios soldados que os transportavam.

Esse podia ser o caso daquela coluna atolada num carreiro que percorria o bosque. Kaweka e Sabina, escondidas junto do tenente Pérez num terreno alto entre a vegetação, preparadas para socorrerem os

feridos, observavam os esforços das tropas espanholas para prosseguirem caminho, incitando e fustigando com violência umas juntas de bois que afundavam as patas na lama para arrastarem as carroças carregadas, cujas rodas, com mais de dois metros de diâmetro, concebidas para superarem a lama, rodavam com uma lentidão exasperante, avançando milímetro a milímetro. Kaweka não conseguiu ter uma ideia das forças inimigas: pareciam superiores, mas grande parte dos soldados encontrava-se enterrada na lama, tal como os carros e animais, alheia ao perigo, aos revolucionários que espreitavam por entre a vegetação exuberante. Os seus encontravam-se por baixo, emboscados, mas ainda assim Kaweka respirava a tensão e a ansiedade que tinham vindo substituir o ar e que nem sequer a tempestade conseguira serenar. Sabina encostou-se a ela; os negros estavam preparados e ambas sabiam o que iria suceder.

— *Viva Cuba libre!*

Não havia muitas espingardas entre os rebeldes, e os que as tinham apenas dispunham de dois ou três cartuchos. Contudo, de entre o matagal emergiu a descarga e os primeiros homens caíram. Os espanhóis demoraram a reagir e dispararam para o bosque, cientes de que o faziam em vão. Deu-se uma segunda descarga furtiva dos rebeldes, e, depois desta, um instante de espera, mágico, que Kaweka viveu com um arrepio que a fez tremer: chegara o momento. Os espanhóis também sabiam, e Kaweka conseguiu ver o pânico no rosto de muitos deles, brancos, jovens, inexperientes, recrutados à pressa em Espanha para lutarem naquela guerra. Gritou. Sabina também. Excitadas, juntaram as suas vozes aos berros dos negros que surgiram às centenas dos extremos mais inimagináveis e investiram contra os inimigos de catana erguida.

Kaweka deleitou-se com o clamor, com o estímulo dos homens, com o seu fervor, com a sua loucura. Passou o braço por cima dos ombros de Sabina e apertou-a contra si, transmitindo-lhe o orgulho que a agitava perante a fúria daqueles que uns anos antes não eram mais do que escravos humilhados, seres despojados da hombridade que agora reclamavam.

A maioria dos espanhóis fugiu com dificuldade, lutando mais com a lama e com a água do que com os seus adversários, também atolados no lamaçal. Caíram alguns negros e outros tantos brancos. Kaweka, emocionada, pigarreava tentando impedir um choro que se transformou num amplo sorriso ao ver como desde as fileiras inimigas se ordenava a retirada e deixavam abandonados carros, bois e víveres. Então, correu para tratar dos feridos, enquanto parte dos soldados desatrelava os bois, carregava os víveres sobre eles, às costas dos cavalos ou, simplesmente, às suas costas, e entrava de novo no bosque puxando pelos animais.

Vários negros percorriam o lugar liquidando os feridos, alheios às suas súplicas, aos seus lamentos. Não faziam prisioneiros; também não os faziam os espanhóis. Matavam-nos, apoderavam-se das suas armas e bens pessoais e depois abriam-nos ao meio com as catanas, como aos animais, e espalhavam as suas entranhas. Kaweka via-os rir e gritar transtornados, dançar cobertos de um sangue que se diluía com a chuva, e felicitava-os e animava-os do seu posto junto dos caídos. Iemanjá ria e cantava dentro de si naquelas vitórias. Esses homens com as tripas de fora lutavam contra os escravos, representavam séculos de chicotadas, perversões e humilhações que agora pagavam exibindo as suas vísceras de forma obscena. Os brancos castigavam-nos com dureza e crueldade nos engenhos como medida exemplar diante dos negros; aqueles soldados jovens esventrados geravam o pânico entre as fileiras espanholas. Sabina, excitada, uivou e até se esqueceu das suas tarefas para se juntar à dança macabra. Kaweka observou-a: clamava vingança e ameaçava o céu dos brancos.

Kaweka continuou atenta a Sabina enquanto regressavam ao acampamento principal, nos arredores de Yarayabo, carregadas com os víveres, acompanhando e cuidando dos feridos. Ela substituíra Cecilia na relação que unia as duas mulheres depois de a idosa falecer nos braços da jovem à saída de Bayamo. A amizade delas consolidou-se, e Sabina enfrentou a vida com independência, como acontecera com a maioria dos

negros que evoluíram da escravidão para a liberdade, ainda que esta fosse limitada pelas necessidades e obrigações da guerra.

— No final de contas, a guerra é necessária para libertar o resto dos escravos da ilha — alegava Kaweka. — Devemos vencer e resgatar os nossos irmãos dos grandes engenhos da região ocidental, de cidades como Havana e Matanzas. Lá vive o maior número de escravos; lá continuam a escravizá-los de forma cruel e miserável. Somos obrigados a lutar!

E, salvo os que se rendiam perante as privações e penúrias daquela vida inclemente e desertavam, os restantes assumiam com orgulho que o seu sacrifício era necessário para alcançarem os seus próprios objetivos, intimamente ligados aos da independência da Espanha colonial que movia brancos e mulatos livres. Porém, a evolução daquele processo de assunção de um novo estado em pessoas incultas, muitas das quais sem sequer terem aprendido a falar, desterradas até então em explorações perdidas no interior das montanhas e que utilizavam dialetos incompreensíveis até para os seus colegas, pessoas que tinham assumido um elevado grau de insensibilidade diante do infortúnio, da injustiça e da desgraça, fez com que aqueles soldados lançados para a morte pelos seus comandos despertassem para a liberdade desorientados e desconcertados, sem saberem bem como lidar com esse novo estado. O roubo, a violência, o alcoolismo e a promiscuidade instalaram-se nos acampamentos do exército rebelde e fomentaram a criação de grupos de bandoleiros que percorriam a terra semeando o pânico.

A rapariga que andava debaixo de chuva à frente de Kaweka, a puxar por uma mula sobre a qual um homem ferido por uma bala se segurava precariamente, não ficara indiferente a esse complexo processo de conversão, que enfrentou com a paixão de uma jovem a quem se lhe abria o mundo. A revolução alojou-se no seu espírito e fê-la evoluir, inclusivamente no seu físico, porque, se Kaweka continuava a ser de baixa estatura e de compleição magra e demasiado musculosa, Sabina parecia ter crescido e ganhado um corpo que agora se mostrava

imensamente sedutor para os homens que não encontravam mulheres com quem satisfazer a sua lascívia. Poucas delas continuavam no exército: permaneciam refugiadas em aglomerados nas montanhas, como quilombolas, escondidas dos espanhóis. Desde a recuperação de Bayamo, o general Valmaseda determinara que qualquer homem que se encontrasse fora da herdade em que trabalhava seria passado pelas armas; relativamente às mulheres, seriam concentradas nas povoações de Jiguaní ou na própria Bayamo. Por essa razão desapareceram, e as poucas que ficaram eram alvo do assédio constante dos soldados. Apesar dessa escassez, Kaweka conseguiu que a respeitassem. Curandeira e eleita pelos deuses, como demonstrava a todos com as suas curas e os seus transes nos bailes que já não se limitavam aos domingos, entregava-se ao sexo à sua vontade, um privilégio que teve de reclamar para Sabina antes de os soldados acabarem com ela.

Iemanjá continuava em comunhão com Kaweka. Falava-lhe de Yesa e tranquilizava-a fluindo com harmonia dentro dela em algumas das muitas ocasiões em que pensava na filha; então a mulher debatia-se entre a segurança que lhe proporcionava a orixá e a saudade e a tristeza que a invadiam por não a poder ter entre os seus braços — sentimentos que tentava esconder diante dos homens. Kaweka procurava a deusa nos bailes e no ressoar dos tambores, nos cânticos dos negros e no frenesi dos que se contorciam à sua volta, ainda que, como lhe acontecia desde a sua fase de escrava em La Merced, Iemanjá a possuísse caprichosamente. Notou que isso acontecia a caminho de Yarayabo.

Não era o momento oportuno para Iemanjá a possuir. A coluna tinha pressa, atravessavam território inimigo.

— Sabina! — exclamou chamando a atenção da jovem, que compreendeu o que se passava quando se voltou para ela.

A rapariga entregou a corda da mula a um soldado e parou até Kaweka a alcançar, agarrando-a com força.

— Não me deixes para trás. Não permitas que grite — suplicou-lhe a curandeira.

O capitão Arango ordenara silêncio absoluto. O estrépito incessante da chuva protegia-os, misturando-se com os sons próprios da coluna em marcha. Kaweka tentou opor-se à deusa, expulsá-la, porque às vezes conseguia. Falava com ela, perseguia-a pelo seu interior, insultava-a, apertava os punhos e o estômago, abraçava-se com força e cuspiam sem cessar. Agora Sabina mantinha-a em pé, agarrada, acompanhando o seu andar vacilante. Kaweka tremeu. Cerrou os dentes para impedir que a deusa se apossasse da sua voz. Iemanjá não se irritou, embora explodisse dentro dela. Foi um instante, um relâmpago. Depois abandonou-a.

— Diz ao tenente Pérez que tenho de falar com o capitão — pediu a Sabina, escapando dos seus braços, subitamente reposta.

— Porquê? — inquiriu o médico depois de transmitir o seu pedido através de um soldado que regressou com essa pergunta.

Não hesitara em cumprir o desejo de Kaweka, apesar de ser o pedido de uma simples negra. Pérez vira-a curar um homem dado como perdido enquanto cantarolava, a invocar os seus deuses africanos e a deslizar as mãos sobre a ferida; depois interessara-se por aquela mulher que se encontrava sempre perto de Sabina e dos soldados.

— Um batalhão inimigo aproxima-se de nós. São muitos e bem armados — respondeu Kaweka. — Devemos parar até terem passado.

A água que escorria pelo rosto do oficial não escondeu a sua preocupação.

— Há exploradores que nos precedem — respondeu, no entanto. — Não nos informaram de nenhum perigo.

— Vêm atrás de nós — insistiu ela.

— Tens a certeza?

Kaweka não respondeu. Naquele momento já eram vários os negros que os rodeavam. A partir da sua posição, a coluna parara.

— Continuem a marcha! — ordenou um sargento a cavalo que deparou com o grupo.

Os soldados não se mexeram. Murmuravam, gesticulavam, e Pérez compreendeu a dificuldade que a situação encerrava: os negros

obedeceriam a Kaweka; tinham ouvido o seu aviso. Ele era médico, mas também, afinal de contas, um oficial superior.

— Espere aqui, sargento.

Ele próprio correu para a dianteira para falar com Arango.

— Os negros creem nessa mulher, meu capitão — disse o tenente, enquanto insinuava a possibilidade de uma insubordinação —, para eles é como uma...

— Não me interessam as bruxarias — interrompeu-o o outro com um gesto no ar, apesar de, depois, sob o olhar atento e expectante dos seus oficiais, ter refletido sobre as suas próprias palavras. Ordenou que a coluna parasse e que homens e animais se escondessem no matagal da selva. «Silêncio!», insistiu com os soldados. Os exploradores receberam novas instruções e regressaram com notícias. Era verdade: uma companhia espanhola que podia ter o triplo dos seus efetivos, bem montada e armada, aproximava-se deles. «Silêncio!», ordenou de novo. Os rebeldes do capitão Arango esperaram debaixo de chuva até o inimigo se afastar.

A companhia de Kaweka juntou-se ao IV Batalhão ao comando do coronel Maceo depois da sua chegada ao acampamento de Yarayabo. A companhia pertencia ao primeiro corpo do Exército de Oriente, naquela altura dirigido pelo general García, que controlava as operações na zona da região de Guantánamo, cuja capital era uma vila sem grande importância, habitada por espanhóis e muitos franceses fugidos da revolução de escravos do vizinho Haiti, mas que dominava uma grande baía natural que se tornara um porto de importância estratégica para os interesses do exército mambí, interesses que estavam a fracassar depois da perda de Bayamo, da derrota em Las Villas e com Camagüey em sérias dificuldades. Naquela zona, a república cubana e o impulso revolucionário eram suportados pelo general García e pelas novas táticas de guerra de guerrilhas.

Os víveres foram recebidos com comoção, embora não tanta como a

dispensada a Kaweka, cuja premonição, como se afirmava entre os soldados, impedira um massacre. A notícia propagara-se com rapidez e foram muitos os soldados que compareceram a felicitá-la. Os arredores da enfermaria, ainda atolados de lama na sequência da chuva persistente, converteram-se no cenário de uma festa improvisada. Aguardente, tabaco, cânticos, tambores e umas danças entorpecidas pela lama atraíram tantos negros que os oficiais brancos e mulatos não se atreveram a impedir aquela celebração.

Kaweka tornou-se o centro das atenções, como uma deusa. Deixaram-na dançar sozinha, dentro de um dos muitos grupos que se formaram, animada, acompanhada por dezenas, talvez centenas, de vozes. A sua constituição extremamente magra, leve, parecia permitir-lhe levitar sobre a lama, sempre descalça. Kaweka procurava o êxtase; necessitava de se libertar do sangue e dos lamentos dos feridos, mas a sua camisa e a sua saia de canhamão, um tecido grosso, ensopado, pesavam-lhe imenso e colavam-se-lhe à pele, impedindo-a de se mexer com a liberdade de que necessitava para deixar para trás a dor e o sofrimento que a guerra trazia. Sem deixar de dançar, despiu-se. A água correu livre pelo seu corpo, pelas suas costas marcadas pelo chicote, como as de muitos dos que presenciavam o espetáculo. Foram esses os primeiros a calarem-se, e ao seu silêncio juntaram-se os outros, os tambores, os cânticos dos outros coros. Por fim só ficou Kaweka a mover-se até ao paroxismo. Nua, apenas com o colar de contas de Iemanjá. Magra. Marcada pelas cicatrizes que, como fitas brilhantes que deslizavam entre a chuva, enfeitiçavam os outrora escravos.

Acabou por desabar na lama. Sabina correu para a tapar e abraçar. Os negros foram-se retirando com respeito, desviando o olhar das duas mulheres. Kaweka viu-os dispersar e, tal como acabara de suceder com as suas impressionantes cicatrizes, um simples movimento eclipsou as dezenas de homens que se afastavam. Kaweka ergueu a cabeça, ainda aturdida pela dança. Era como um sopro de ar: umas pernas, um corpo a deslizar de forma desajeitada, mas com a harmonia mágica que a

seduzira em La Merced.

Procurou com o olhar e julgou distinguir as suas costas, embora estas tenham desaparecido imediatamente, ocultas entre as de centenas de negros. Porém, ela sabia a quem pertenciam. Sabia que Modesto estava ali.

No dia seguinte, Kaweka pediu a vários soldados que procurassem um negro que julgava ter visto, porque realmente não se atrevia a garantir, e que se chamava Modesto. Porém, não teve tempo de receber notícias, uma vez que um sargento mulato a convocou ao quartel-general, instalado na casa em ruínas que antes fora a mansão do pasto abandonado em que acampava o exército. Não era usual que os comandos convocassem um soldado negro, e muito menos uma mulher. Ao longo dos anos em que Kaweka fizera parte das guerrilhas, o máximo que tinha falado era com o tenente Pérez, um bom médico que, no entanto, tinha dificuldade em reconhecer o seu valor como curandeira.

— Querem dar-te os parabéns pelo que aconteceu com os espanhóis — disse Sabina, entusiasmada.

— Se calhar, promovem-te a cabo — acrescentou com um sorriso o doente que estava a tratar.

— Sim, vão-te dar uma medalha — ironizou o sargento que a fora buscar. — Despacha-te! — apressou-a.

Kaweka nem sequer olhou para ele, mantendo-se debruçada sobre o catre onde se encontrava o seu paciente. O mulato fez tenção de insistir na urgência, mas pensou duas vezes e ficou à espera, sem ocultar a sua contrariedade, movendo-se inquieto.

Era como atravessar de um mundo para o outro: do dos negros, soldados forçados, assistentes e responsáveis por todos os trabalhos duros do acampamento, ao dos brancos e dos negros e mulatos livres autorizados a viverem e dormirem junto dos primeiros, de vida mais agradável dentro dos incómodos da guerra. Kaweka e Sabina deixaram para trás os farrapos cinzentos e as catanas e encontraram-se rodeadas de

uniformes brancos, sabres e pistolas à cintura, chapéus de palha, galões e adornos. Algo parecia estar a mudar. Kaweka ouvira falar do coronel do seu próprio batalhão: Antonio Maceo, um mulato que não tinha nem trinta anos e que ingressara no exército revolucionário como soldado raso para depois, graças à sua valentia, entrega e inteligência, ascender pouco a pouco até ao cargo que ostentava agora. Maceo, o Titã de Bronze, como lhe chamavam, surgia como um exemplo para mulatos e negros, o espelho em que se viam refletidos.

Mas não o viu. Nem a ele nem ao general García, nem a nenhum outro oficial superior que não fosse o capitão Arango, que a recebeu sentado atrás de uma mesa numa salinha pequena, sem ventilação, tão húmida que o suor lhe escorria pelas têmporas. A chuva concedera-lhes uma trégua, ao contrário da lama, que se acumulava colada aos pés sempre descalços de Kaweka, que permanecia em frente dele. Sabina, a quem ninguém prestara a menor atenção, como se fosse um simples apêndice da outra, parara um passo atrás, a distância máxima permitida naquele lugar.

— Regla... — mencionou o oficial com apatia olhando para um papel. Kaweka não acreditava que os brancos a fossem felicitar por nada, como continuara a insistir Sabina durante o percurso até ao quartel, mas considerara a possibilidade de a terem chamado para que curasse algum deles. Porém, agora via com clareza que alguma coisa má se aproximava. — «María Regla Fernández» — leu com firmeza o capitão.

Kaweka hesitou até se lembrar que esse era o apelido que indicara no hospital civil de Bayamo para impedir que Gertrudis, como era costume com os escravos emancipados, lhe desse o do seu antigo amo, o do marquês de Santadoma. Permaneceu em silêncio.

— A partir de hoje — continuou o capitão —, ficas destinada ao acampamento onde estão refugiadas as mulheres e as crianças, na serra Maestra, enquanto nós combatemos e ganhamos esta guerra de libertação — disse-lhe com rancor, arrastando as palavras. — Necessitam de uma enfermeira — acrescentou depois.

Kaweka demorou uns instantes a entender que a estavam a desterrar.

— Mas...

Não lhe saíram mais palavras. Tremia devido à ira. Depois tentou discutir, mas não sabia como o fazer; nunca discutira nada com um branco. Tentou queixar-se, mas não conseguiu. Balbuciou palavras incompreensíveis.

Estava consciente de que com aquela ordem a afastavam da luta, dos seus, de tudo aquilo a que se entregara, para a enviarem com as mulheres. Fixou o olhar no do branco quando este o ergueu para ela com desagrado, talvez convencido de que aquela mulher já devia estar fora do gabinete.

— Estás a olhar para onde, negra? Sargento! — berrou Arango. — Leve-as e organize a transferência delas para a serra — ordenou mesmo antes de o outro chegar à porta.

Kaweka ia debruçar-se sobre a mesa do oficial, mas nesse momento o sargento puxou por ambas e arrastou-as para fora do gabinete, e depois para fora do casarão, continuando a empurrá-las até ao lugar onde se encontravam as cavalgaduras, ao relento, atadas a cordas compridas, como se fosse um cercado.

— Ata-as — ordenou aos palafreiros.

— E as nossas coisas? — atreveu-se a perguntar Sabina.

— Que coisas? — rosnou o homem com uma gargalhada. — Vocês não têm nada. E se tiverem, é com certeza roubado.

Nem sequer lhes permitiam voltar à enfermaria com os negros, pensou Kaweka. Quantas vezes a advertira mamã Ambrosia? A lembrança da criouleira confundiu os seus sentimentos, enchendo-a de saudades e de carinho num momento em que toda ela fervia de raiva, mas os conselhos que lhe dera em menina ganhavam agora força. Quanto mais manifestasse os seus poderes, mais a odiariam aqueles que vissem a sua autoridade ameaçada, lembrava-lhe com frequência. E era isso que se estava a passar, acabava de o perceber no capitão: não fora capaz de salvar a sua companhia do desastre garantido que seria um confronto com os espanhóis; em vez disso, uma bruxa negra conseguira evitá-lo, e os

homens sabiam-no. Kaweka abalara a importância militar do oficial rebelde, cuja voz vacilou no momento de informar os seus superiores do incidente. «Não passou de um acaso», gritou um coronel, interrompendo o discurso hesitante do seu subordinado depois de este assegurar que Kaweka era uma espécie de sacerdotisa para os negros, «mas o exército da República de Cuba livre não pode depender das visões de uma negra maluca... Ainda que possam estar certas. Até se estiverem certas!», vociferou. «Amanhã pode inventar qualquer outra ameaça... e os homens poderiam acreditar mais nela do que nas previsões dos seus comandos. Senhores, estamos a lidar com uma cambada de analfabetos e de crédulos que não hesitariam em revoltar-se contra nós. Já temos o suficiente ao lutar contra o inimigo; não nos vamos preocupar por uma feiticeira negra ter acertado, quer seja ou não uma sacerdotisa, ou como lhe chamam eles. Mande-a para longe daqui! Não pode continuar a influenciar no moral e na obediência dos soldados. Desfaça-se dela!»

E isso fez o sargento, que ordenou que atassem as mulheres à corda, tal como faziam aos animais.

— Não é preciso atarem a rapariga — queixou-se Kaweka, apontando para Sabina. — O capitão não disse nada sobre ela.

— Não tenho a intenção de me certificar. O Arango não parece estar de bom humor. — O suboficial esboçou um sorriso estúpido. — Por acaso não foste tu que a trouxeste? Pois então a negra segue a tua sorte — decidiu, indicando aos homens que continuassem a amarrar a rapariga, que, sem se opor minimamente, mantinha os braços estendidos, os dedos entrelaçados e os pulsos juntos. — Não têm de esperar muito — anunciou o sargento antes de se ir embora —, hoje mesmo partirá uma caravana para a serra. Vigiem-nas!

Os palafreiros eram negros como elas. Escravos libertos que tinham substituído o cuidado das vacas de um pasto propriedade de um branco pelo dos cavalos de outros brancos. Kaweka nem sequer teve de exigir. Conheciam-na, respeitavam-na, gostavam dela. Ninguém daria explicações, como aqueles escravos de La Merced a quem roubara as

suas catanas. Um por todos, nenhum deles vira nada. Apenas teve de olhar para eles para que as desatassem. Negariam até que tivessem estado ali. Era fácil: «Não.» «Não sei.» «Eu não estava.» «Não, não, não...» Isso sabiam fazer bem aqueles que tinham vivido os interrogatórios constantes de amos e maiorais. Isso iria acontecer, com certeza, pensou Kaweka enquanto se dirigia para a enfermaria, molhando-se sob a chuva que começara a cair de novo. Talvez até o sargento se fizesse de desentendido. Não teria a audácia de o comunicar ao capitão. As duas mulheres moviam-se pelo acampamento com normalidade. Claro que teriam partido com a caravana, afirmaria o sargento diante de qualquer um, haviam-lhe comunicado isso os seus homens, juraria diante de quem fosse, e agarraria algum negro pelo pescoço e levantá-lo-ia no ar para que corroborasse as suas palavras. E o negro fá-lo-ia. Chegaram à enfermaria e dirigiram-se para a tenda onde se alinhavam as camas dos feridos; ali dormiam elas, ali tinham as suas coisas.

— Não me queriam promover — brincou ela em jeito de cumprimento, dirigindo-se ao soldado que considerara essa possibilidade e que, sentado na cama, a interrogou com o olhar.

— Uma pena, não é? — respondeu este.

— Pois eu tê-lo-ia feito — disse alguém nas costas de Kaweka.

A sua voz. Durante a noite pensara nele, afastando qualquer vislumbre de emoção: Modesto não fazia parte dos seus planos. Deixou de lado os muitos porquês que se lhe apresentavam de cada vez que pensava nas suas relações, as perguntas sobre quem era o culpado da sua separação e das suas discussões. Tudo aquilo não tinha importância. Agora só existia a guerra, a ânsia de liberdade. Isso era a única coisa em que Kaweka pensava. Com curiosidade, voltou-se para o emancipado.

— O que fazes aqui? — perguntou-lhe com aparente frieza.

— Vim para lutar... como todos — acrescentou, assinalando com a mão os outros que andavam por ali.

— Agora? — inquiriu ela com a ironia estampada no rosto. — Depois de a guerra decorrer há quase quatro anos? E porquê em Guantánamo?

Luta-se em todo o Oriente.

— Ouvi dizer que estavas aqui e vim atrás de ti.

— Há muitos anos que esperei que viesses atrás de mim — retorquiu ela. — Até ao quilombo — esclareceu perante a expressão de surpresa de Modesto.

— Sim, e estava disposto a fazê-lo, apesar de me teres abandonado. Regla, a mamã Ambrosia proibiu-me de ir atrás de ti, disse-me que pertencias aos deuses.

Nesse momento foi Kaweka quem se surpreendeu.

— Que disparates é que estás para aí a dizer? — recriminou-o, embora a imagem de Eluma tivesse aparecido de repente diante de si. Talvez o pai de santo estivesse de alguma forma relacionado com aquilo.

— Foi isso que aconteceu — insistiu o emancipado. — Disse-me que te esquecesse, que pertencias a todos. — Voltou a apontar com a mão para os outros negros. — Que...

Kaweka atravessou-o com o olhar à procura da verdade, e pensou que a criouleira teria sido capaz de adotar aquela postura. Porque lhe mentiria agora Modesto?

— Porque não me disseste nada em Havana? — perguntou ela. — Podias...

— Porque estavas doente. Não te quis dar esse desgosto culpando a Ambrosia da minha decisão. E quando nos voltámos a ver...

«Estavas bêbedo», terminou a frase Kaweka em silêncio. Modesto assentiu, consciente do que ela estava a pensar nesse momento. Era possível que tivesse cometido um erro ao acreditar em Rogelia, mas Kaweka não o podia julgar exclusivamente por esse episódio. Chegou a amá-la e esteve disposto a comprar a sua liberdade, mas ela desaparecera, abalando as suas emoções, arrasando com todas as suas ilusões. O caso de Ambrosia era verdade, devia acreditar. Depois salvou-lhe a vida em La Merced e foi procurar a sua filha. Por acaso não lhe dera provas suficientes do seu amor? Modesto examinou-a tal como ela o fizera uns instantes antes e disse para consigo que talvez estivesse diante de uma

mulher diferente da que conhecera. Kaweka sempre lutara, sim, mas agora a guerra endurecera-a... Talvez até ao ponto de ser incapaz de amar.

Ela percebeu a dúvida no emancipado e decidiu aproveitá-la para terminar aí a conversa.

— Vamo-nos embora — ordenou a Sabina; a sua única pretensão era afastar todos aqueles pensamentos e regressar à realidade, à guerra, à injustiça de que acabara de ser alvo por parte dos oficiais brancos.

Pegou na sua trouxa, leve, à exceção da catana que se adivinhava no seu interior devido ao cabo que sobressaía, a que lhe oferecera Porfirio depois de vender Pedro José ao capitão do bergantim. Continuava sem saber nada do negro masoquista, ainda que as suas perversões se tivessem diluído na memória de Kaweka depois das escabrosas relações mantidas desde então. Também não tinha notícias de Jesus; provavelmente ambos estavam com outras unidades rebeldes... se ainda estivessem vivos. Apressou-se. Devia abandonar aquele exército que a repudiava: se desse de caras com o sargento, as consequências podiam ser terríveis. Respirou fundo, tentando recompor-se, carregou o saco ao ombro e fez um gesto para sair da tenda.

— Boa sorte! — desejou o ferido.

Kaweka apercebeu-se naquele momento de que a maioria dos pacientes conscientes e que se podiam mexer estava atenta a ela; sorriam, assentiam com a cabeça e desejavam-lhe boa sorte. Até o tenente Pérez, a par da decisão dos comandos, permanecia em pé num dos extremos daquele precário hospital de campanha, de onde lhe dirigiu um leve movimento de cabeça com os lábios comprimidos, num tributo silencioso ao seu trabalho. Nesse momento, envolvida por aquele carinho, sentiu-se parte de uma sociedade em mudança composta por uma multidão de homens e mulheres que pretendiam deixar para trás a história que os brancos tinham criado para eles e construir a sua própria. O sangue, o que ela cheirara, o que a ensopara, o que ela detivera ou o que fluiría irremediavelmente levando a vida dos seus pacientes, sobretudo esse, não

era senão o pilar em que devia assentar o seu mundo.

— *Viva Cuba libre* — conseguiu despedir-se Kaweka com voz rouca, confusa diante da imensa gratidão que percebia no espírito de todos aqueles lutadores.

Abandonou o hospital com a garganta apertada, o queixo trémulo e as lágrimas a teimarem em surgir. Sabina seguia-a, e Modesto também. Os gritos ficaram cada vez mais fortes no interior da tenda, um barulho que chamou a atenção dos negros que estavam lá fora. A bagagem das mulheres não deixava dúvidas.

Muitos aproximaram-se; Kaweka caminhava maquinalmente, com o olhar distante.

— Para onde vais? — perguntou alguém.

Para onde ia? O que iam fazer duas negras sozinhas e um emancipado sem quaisquer recursos num território que não conheciam e no meio de uma guerra? Se os espanhóis os encontrassem, escravizá-los-iam; se dessem de caras com os rebeldes, considerá-los-iam desertores, a elas também, apesar de serem mulheres. Talvez a única solução fosse procurar refúgio num quilombo. Mas Kaweka estava destinada a lutar, a perseguir a liberdade; isso pedia-lhe a deusa, isso desejava ela. Não podia atraí-los todos os mortos que ficavam para trás. Não, não se esconderia de novo nas montanhas. Uma descarga de entusiasmo percorreu o seu corpo e encheu-a de paixão.

— Para onde vais? — voltaram a perguntar-lhe.

Iemanjá ondulou no seu interior, animando-a, empurrando-a.

— Para a guerra! — declarou, firmando os seus passos.

Uns pararam e até se separaram, com o medo estampado no rosto. Outros seguiram os seus passos, carregados com armas e bens pessoais que nunca abandonavam. A liberdade não podia depender do capricho ou do pundonor de uns oficiais brancos ou mulatos que continuavam a considerar-se melhores do que eles, pensou Kaweka enquanto olhava para trás. Seguiam-na cerca de trinta homens, os mais comprometidos com a causa, os mais audazes e valentes, ou talvez os mais loucos. Fez

um estalido com a língua diante dessa possibilidade. Depois olhou mais além, onde dezenas de homens os observavam a partir: alguns angustiados, outros sorridentes, muitos despedindo-se com a catana erguida no ar. Ainda havia quem corresse para se juntar a eles. O seu olhar cruzou-se com o de Modesto, que andava com o seu característico menear, tão desajeitado como atraente. Nenhum dos dois soube como pôr fim a uma situação que durou apenas um instante, o suficiente, porém, para que ambos reconhecessem as muitas explicações que deviam um ao outro.

*Madrid, Espanha
Abril de 2018*

— Lembras-te de que te falei de que fomos visitar o teu tio Antonio, o irmão da avó Margarita?

— Sim, claro — respondeu a mãe.

Estava de costas, a cozinhar, e Lita observava-a, sentada à mesa, como tantas outras vezes ao longo da sua vida. Um retrato rotineiro e terno que agora se obscurecia. Como já lhe sucedera antes de descobrir as cartas, voltava a encontrar-se num impasse. Não sabia o que fazer, não se atrevia a tomar uma decisão, o assunto transcendia-a, e, entretanto, as negociações da venda do banco prosseguiam a bom ritmo: uma operação em que já haviam sido incluídas ações que podiam pertencer à sua mãe, porque, se ela fosse neta do velho marquês, tornava-se tão proprietária do Banco Santadoma quanto qualquer um dos outros. O testamento era claro: os herdeiros eram os netos, e Concepción era um deles.

— Mas tudo isso das ações e do banco é uma coisa que a tua mãe devia decidir, não achas? — sugerira Sara quando ela desabafara com as duas amigas.

Lita encolhera os ombros e mostrara as palmas das mãos num gesto de dúvida.

— Já a conhecem. É muito simples, humilde... É boa pessoa — acrescentara com resignação depois de uma pausa em que suspirara com

força. — Não vai acreditar. Vai negar-se a assumir isso e fazer finca-pé...

— Mas algum dia terás de lhe dizer. Não podes fazer nada sem a tua mãe saber. A herdeira seria ela, não tu.

E o que é que Lita tinha para consolidar a sua teoria? O vídeo de um cubano velho e com a barba por fazer, de chinelos, calças de fato de treino e uma camisola branca de alças, e correspondência entre os Santadoma que também não garantia nada. A personagem do vídeo não era séria, tinha uma imagem pouco credível, e as cartas tinham sido roubadas, por isso não as podia usar. Não tinha nada, a não ser a convicção de que o que lhe dizia o irmão da sua avó era verdade.

— A convicção ou o desejo? — perguntara Sara quando lhes falara das suas conclusões.

Lita não quisera pensar nisso, mas ali estava ela, na cozinha do apartamento dos marqueses, com o copo de vinho apertado na mão como se pretendesse partir-lhe o pé.

— Porque é que perguntas? — disse Concepción, voltando ligeiramente a cabeça para ela.

Lita respirou fundo. Tinha a certeza do que ia fazer? Não, não tinha.

— Porque o teu tio Antonio afirma que és filha de Eusebio de Santadoma, o filho do velho marquês — afirmou, mesmo assim —, o que foi para Miami.

Disse-o de repente. A mãe deixou de mexer durante um instante o que quer que fosse que estivesse a cozinhar.

— Não digas disparates — refutou por fim.

Concepción não se voltou para a filha, centrando-se de novo na comida, como se se tivesse tratado de uma brincadeira. Lita levantou-se, foi ter com ela e abraçou-a pelos ombros.

— Mãe, não é nenhum disparate. — Afastou-a do fogão e apagou os bicos. *Legumes outra vez*, pensou. Levou-a para a mesa, sentou-a e ligou o telemóvel. — Olha para este vídeo.

A reunião celebrava-se na mesma sala de reuniões de que Lita fora

expulsa depois dos insultos de dona Claudia. Inspirou à procura de um ar que se esgotava à medida que atravessava os escritórios do Banco Santadoma, cumprimentando várias pessoas, sorrindo-lhes. A maioria respondia-lhe com um afeto sincero; alguns, porém, observavam-na por trás de uma máscara de bondade que não conseguia dissimular a sua hipocrisia.

— Vais ficar aí parada? Parece que gostas de estar fora deste sítio.

Gloria fazia, sem dúvida, parte do segundo grupo. A gestora de risco que competira com ela devido a Pablo adiantou-se e abriu as portas da sala com determinação. Não chegou a empurrá-la, ainda que se tenha encostado a ela o suficiente para lhe poder dar, ironicamente, um toque tão subtil quanto raivoso.

Lita aceitou o desafio e seguiu-a. Teve de esticar o antebraço para evitar que a executiva lhe fechasse as portas na cara, e acedeu ao lugar que lhe transtornara a vida recentemente. «Moreninha.» «Filha da nossa criada...» Os insultos da velha ainda pairavam no ambiente, e, mesmo que não pairasse, Lita percebeu que ainda estavam na memória da maioria dos presentes. Dispunha do apoio de muitos deles, Pablo também lho dissera. Recebera mensagens de WhatsApp de solidariedade depois do sucedido, até por parte de colegas que nem sequer tinham estado na reunião, mas ela não conseguiu deixar de recordar de novo aquelas referências humilhantes.

Iria efetivar-se a venda de outro importante pacote de ações do banco, o que se encontrava nas mãos da família Ruz Pariente: todos eles ricos, amigos dos Santadoma, sócios em outros negócios, amigos de férias em iates, festas e noites fascinantes que alimentavam as páginas da imprensa cor-de-rosa. A maioria dos presentes estava de pé, a partilhar um pequeno-almoço espetacular fornecido por um bufete e servido por duas empregadas de mesa. Entre os que estavam sentados à mesa encontrava-se Pablo, absorto com o advogado dos vendedores na revisão definitiva dos contratos. Nas duas últimas noites desculpava-se com Lita devido à sobrecarga de trabalho, mas ela não se importara. Longe da distração que

lhe proporcionava o emprego, vivia obcecada com a atitude da mãe, que negava uma e outra vez, com determinação, a simples possibilidade de ser neta do velho marquês. Não quis que lhe lesse as cartas de Eusebio para o pai; também não perguntou pela sua origem, e nem sequer chegou a ver o vídeo de Antonio na íntegra: afastou-o de si como se de um demónio se tratasse. Não era uma questão de Lita a conseguir convencer; o problema era que Concepción se negava categoricamente a debruçar-se sobre um precipício intransponível: uma mudança de estatuto social que não tinha cabimento nos princípios da rigorosa separação de classes em que havia sido criada. «Como posso eu ser filha de dom Eusebio?», repetia com obstinação.

Se tivesse visto Pablo durante estes últimos dias, ele teria percebido a sua inquietação. Lita sentia-se frágil e vulnerável perante uma situação com a qual não sabia lidar. Talvez pudesse cair na tentação de procurar o seu apoio, mas isso era uma coisa a que não se podia dar ao luxo: não devia revelar nada a quem lutava pelos bons resultados de uma operação financeira importantíssima que ela podia pôr em causa com a sua reivindicação. Julgava ter conseguido consolidar uma relação que lhe parecia única, plena, maravilhosa, sublime, e não queria colocar Pablo na situação de ter de escolher entre ela e a sua carreira, um problema extra no qual não refletira o suficiente quando decidira falar com a mãe.

— Pensei que não tinha de afetar a nossa relação — reconheceu perante as amigas quando falaram do assunto. — É uma coisa da minha mãe, mas quando o vejo tão envolvido, tão atento aos mais pequenos pormenores que possam afetar a operação... No outro dia ouvi-o falar com os do *catering* a explicar-lhes do que gosta o americano! O profissional mais importante da consultora preocupado com os ovos estrelados ou com o que raio era!

— Sim — concordou Elena. — A história da tua mãe seria uma bomba! Podia interferir nas negociações. E como pensas resolver isso? — perguntou depois de um bom gole de cerveja.

Não sabia, concluiu de novo agora ao dar de caras com o marquês e

dois dos Ruz Pariente, todos janotas com *blazers* aos quadrados, informais, como se fizessem alarde de que aquela venda milionária não era mais do que um divertimento que terminaria num clube de golfe exclusivo assim que encerrassem esse processo tão enfadonho. Os três conversavam com as respetivas chávenas de café na mão. Meyerfeld, o colega de Stewart, que parecia conceder de facto importância ao negócio pelo fato escuro que vestia, permanecia um pouco afastado dos outros três, alheio à conversa. Lita entendeu a razão quando se aproximou: falavam em espanhol.

Meyerfeld, alto e grande, recebeu-a com um leve movimento de cabeça. Apesar de terem tido umas poucas reuniões para estudarem o contrato que hoje se propunham assinar, nem Lita nem nenhum dos outros assessores conseguira estabelecer com aquele homem uma relação que fosse além do estritamente profissional; os sorrisos, as piadas, as conversas banais e, como era evidente, os contactos físicos ou os olhares que não fossem diretos estavam banidos dos modos do americano.

Lita cumprimentou-o com seriedade. Depois passou pelo marquês, que não escondeu um certo descontentamento pela sua presença ali, e pelos Ruz Pariente, que pareciam ter estado à espera da sua presença para que traduzisse os seus comentários e observações a Meyerfeld.

— Falas muito bem inglês — felicitou-a um dos Ruz Pariente depois de uma das suas intervenções.

Lita não respondeu. A não serem eles, que pelos vistos não necessitavam, todos os que ali estavam presentes dominavam o inglês, como não podia deixar de ser num ambiente empresarial. Àquele homem todo aperaltado que tentava ocultar a sua idade através de um cabelo grisalho completamente moldado com gel, quase de pedra, sapatos brilhantes e casaco aos quadrados, nunca se lhe teria passado pela cabeça fazer essa apreciação a Gloria, que olhava para o grupo de soslaio, nem a nenhum outro dos executivos que andavam pela sala. Porém, a personagem esperava uma resposta com uma atitude paternalista. «A mulatinha soube aproveitar as oportunidades que a generosa sociedade

ocidental lhe concedeu.» Lita estava convencida de que era exatamente isso que pensava aquele homem, e até julgou perceber o orgulho que emanava dele, que se considerava um pilar imprescindível dessa comunidade. Era o tipo de comentário habitual, quase automático, inconsciente, que os imigrantes, ou qualquer um que mostrasse algum sinal de diversidade, tinham de enfrentar, por mais que tivessem nascido em Espanha como ela, tivessem ido a um colégio de freiras na zona mais luxuosa da cidade e ostentassem um diploma universitário e um mestrado. Lita esteve tentada a responder-lhe recorrendo à ironia — «Não sabias que o inglês (ou o que fosse) foi inventado pelos negros?» — ou à rispidez: um «Vai à merda» direto. No entanto, nesta ocasião conteve-se, pensando que já revolucionara bastante aquele lugar, e mostrou ao homem uma espécie de sorriso com o qual o outro sentiu reconhecida a sua magnanimidade histórica.

A superioridade de raça manteve-se depois de todos se sentarem e começarem a tratar dos contratos. Manuel Ruz Pariente, o que elogiara os seus conhecimentos, situado em frente de Lita, do outro lado da mesa, parecia mais atento a ela do que aos termos das cláusulas que Pablo e o seu advogado apresentavam, um em inglês e o outro em espanhol. Estava tudo previamente acordado; tratava-se, portanto, de um ato formal, e aquele homem assentia de forma mecânica às observações do seu advogado, enquanto olhava para ela sem esconder o seu espanto perante a intervenção de uma mulata jovem que sabia inglês ou, até, um interesse pelo sorriso de que agora ela se arrependia.

A atitude de Manuel Ruz Pariente conseguiu distrair Lita. A pressão a que estava submetida torturou-a como rajadas de vento forte que moderavam as suas reações, incluindo a sua respiração. Teve de se esforçar para o fazer, como lhe sucedera antes de entrar, quando se cruzara com Gloria. Esta também a observava, mas se antes, na porta, a surpreendera, agora aconteceu o contrário: Lita ergueu-se e virou a cara num gesto de desprezo a que a outra respondeu com idêntica perversidade. Em qualquer caso, a recusa da mãe em ouvir sequer os

argumentos acerca da sua filiação, o possível conflito com Pablo, a tensão com Gloria e o escrutínio indecente a que a parecia submeter aquele velho lascivo fizeram com que as vozes de Pablo e do advogado dos Ruz Pariente se confundissem num murmúrio e ela entrasse naquele mundo novo para onde a transportava uma pequena Virgem negra. Tremeu, temendo que Meyerfeld ou o marquês se tivessem apercebido de alguma coisa. Agarrou as mãos por cima do colo, debaixo da mesa, enquanto o próprio espaço pairava sobre ela, esmagando-a.

Sentiu-se confusa, ofuscada, atordoada, e ia ceder a um ambiente que lhe pareceu hostil e a uma situação irresolúvel quando as lágrimas que se lhe tinham acumulado nos olhos, em vez de a arrasarem, se refletiram em mil cores, numa infinidade de estilhaços brilhantes que lhe avivaram a cabeça, despertando-a para um poder infinito. Era mulata. Filha de mulata. Descendente de escravos negros. Negros! Sentiu-se a pairar como lhe acontecera quando se aproximara da ermida de Regla, na baía de Havana.

E levantou-se da cadeira com tal autoridade que os olhares pousaram nela: o de Ruz, o do marquês, o de Gloria e, inclusivamente, o de Pablo, que balbuciou umas quantas palavras, e assim continuaram até terem assinado os contratos; cumprimentaram-se todos, acabou a reunião e o café foi substituído por champanhe.

Porém, os sorrisos e os brindes pareceram a Lita um insulto ao sangue dos escravos sobre o qual se alicerçara o património de que acabavam de dispor. As acusações que descarregara diante de dona Claudia pela exploração dos escravos explodiram nela como se fosse aquele mesmo dia: «E isto que se está a vender nesta mesa não é mais do que o produto do seu sangue, das suas vidas!» Pensou em Alfonsa, de quem nada sabia até há pouco tempo. Quantas como ela entregaram as suas vidas para que agora aquela cambada de privilegiados lucrasse milhões de euros. Sentiu por perto todos aqueles negros subjugados. Estavam presentes e os seus rostos atormentados confundiam-se com os dos brancos, a quem gritavam e mordiam, como fantasmas que reclamavam vingança. Uma

reparação que, pelo contrário, esbarrava com a realidade: a eterna história dos seus. Ela era mulata, filha de mulata... Não podia atraiçoar os mortos. Não se esconderia. Uma descarga de entusiasmo percorreu o seu corpo e encheu-a de paixão.

Aproximou-se de dom Enrique de Santadoma, que estava rodeado pelos Ruz Pariente e por vários empregados. Meyerfeld, como antes, encontrava-se um passo atrás, ainda que nesta ocasião acompanhado por Pablo.

— Regla! — recebeu-a o marquês, esquecendo o incidente com a sua mãe, talvez alegre pelo champanhe.

Lita olhou-o diretamente nos olhos e vacilou por um instante, mas Iemanjá deslizou no seu interior, animando-a, empurrando-a.

— Quero comunicar-lhe que a minha mãe vai reclamar a parte que lhe corresponde da herança do seu avô, o marquês de Santadoma.

O grupo ficou subitamente em silêncio. Até o americano conseguiu captar a transcendência da ameaça de Lita. Pablo deixou-o e intrometeu-se no grupo.

— Que estupidez estás para aí a dizer? — replicou dom Enrique depois de recomposto da surpresa.

— A minha mãe é sua meia-irmã — assegurou Lita com voz firme. — É filha de dom Eusebio, do seu pai, e por isso neta do marquês. Sendo assim, tem direito...

— De onde é que tiraste tal disparate? — Santadoma aproximou-se de Lita, erguendo-se sobre ela. — Estás maluca?!

Lita manteve-se impassível e sorriu. Pela primeira vez nesse dia sentia-se feliz. O orgulho na sua raça, na sua história, entrepôs-se entre ela e o marquês como um escudo.

— Tem direito aos mesmos bens que o senhor. Pergunte à sua mãe — desafiou-o então —, a dona Claudia. Ela conta-lhe.

— Não tenho de perguntar nada a ninguém! Estúpida! Mal-agradecida!

Lita fez um gesto para se virar. O marquês agarrou-a pelo braço e impediu-a.

— Não me toque...

Ao mesmo tempo que Lita se agitava, Pablo lançou-se sobre o homem para que a soltasse.

— Deixe-a! — enfrentou-o.

— À minha mãe, a única coisa que tenho de fazer é dar-lhe razão, minha menina — gritou dom Enrique, ignorando a presença de Pablo e continuando a sacudi-la. — Vocês só servem para lavar e esfregar. São escória! Deu-se-vos tudo, e a vossa resposta...

Pablo torceu-lhe o braço até o obrigar a soltar Lita, mas o marquês, enfurecido, com a ira a incendiar-lhe o rosto, continuou indiferente à intervenção do auditor e soltou uma gargalhada que ressoou na sala de reuniões.

— E a vossa resposta é pretenderem ser da nossa família! — concluiu.

— Não se engane, senhor marquês! — interveio Lita, subindo o tom de voz. — A minha mãe é sua irmã. E eu não o pretendo: afirmo-o!

O marquês de Santadoma fez um gesto no ar em sinal de descrença. Lita sentiu aquelas mãos muito perto do seu rosto, tão perto que só a intervenção de Pablo impediu que o nobre a esbofeteasse.

— Mas que raio fazes tu? — gritou dom Enrique empurrando Pablo com violência, como se só agora se tivesse apercebido da sua presença.

Lita saltou em defesa do namorado, que a tentou deter. O marquês continuava cego, a bater no ar. Vários dos presentes, entre os quais os Ruz Pariente e o americano, intervieram para os separar, tentando apaziguar os ânimos. Pablo e Lita viram-se empurrados para fora da sala de reuniões enquanto dom Enrique era acompanhado para o outro extremo.

— O que é que disseste da tua mãe? — perguntou por fim Pablo quando conseguiu recuperar o fôlego, de olhos abertos, pretendendo compreendê-la.

As suas amigas ficaram perplexas.

— Tens a certeza do que fizeste?

— Não.

Iemanjá já não deslizava no seu interior, e, com a sua ausência, sentia-se abandonada às consequências de um erro que agora se tornava imenso, terrivelmente opressivo, como um pesado manto escuro que a cobria.

Despediram-na no dia seguinte. Um dos advogados do marquês apresentou-se diante dela nos escritórios dos americanos, porque, tal como combinara com Stewart, a sua relação laboral continuava a ser com o Banco Santadoma. «Embora estes também a tivessem despedido», esclareceu o advogado apontando para trás, para os gabinetes quase vazios. «Neste caso, os americanos estão totalmente de acordo com dom Enrique.» Meyerfeld não estava, e o resto do escasso pessoal desviou o olhar enquanto a cena decorria. Inés, por seu lado, esboçou uma espécie de sorriso afetuosos que não passou de um esgar triste. Lita, porém, agradeceu-lho. Stewart não respondia aos seus *e-mails*, nem às suas mensagens, nem às suas chamadas, e aquele sorriso paternal foi-se desvanecendo da sua memória.

Pablo também não lhe respondeu até meio da manhã. Combinou com ela encontrarem-se num café, longe do Banco Santadoma.

— Posso ir ter mais perto — propôs Lita para facilitar o encontro. — Não é preciso ficarmos no mesmo quarteirão, mas...

— Já não participo nas negociações da venda do Banco Santadoma...

Lita fechou os olhos e ergueu a cabeça para o teto. Assim ficou uns segundos.

— Agora estou na central de Speth & Markus — prosseguiu Pablo.

Encontraram-se num café, um estabelecimento com cartazes grandes na porta que anunciavam pequenos-almoços e almoços baratos, rodeados de funcionários públicos e empregados de escritório que conversavam, riam e gritavam nos seus momentos de descanso, sentados a uma mesa de tampo de fórmica. As suas mãos ficaram muito longe, e Lita não se atreveu a estender a sua.

— A mim despediram-me — reiterou ela o que já lhe escrevera em mil mensagens e lhe dissera por telefone, como se isso pudesse fazer com

que mudasse o semblante abatido.

— A mim, mais ou menos...

— O que queres dizer?

— Que, para já, estou enclausurado num gabinete sem luz natural a verificar os talões de compra de uma padaria.

— Mas tu não fizeste nada além de me defender de um maluco violento.

— Um maluco que é o dono de um banco que paga uns honorários exorbitantes pelos trabalhos que lhe prestamos. E ainda há trabalho para fazer, muitas horas para faturar.

— Mas vocês trabalham para os americanos.

— Tanto faz, Lita. Ninguém quer um empregado problemático capaz de brigar com o cliente; nisto dos negócios, o quixotismo não vai aquém das ilusões. E sem má cara. Sei que o Meyerfeld já telefonou para a empresa. Sou apenas um economista, um simples auditor. Se deres um pontapé numa pedra, saem dez como eu.

Lita atreveu-se a pegar na mão de Pablo; sentiu-a inerte, fria.

— A universidade? — interessou-se ela, pensando nas pilhas de livros, documentos e papéis amontoados num escritório pequeno do seu apartamento, uma divisão mais importante até do que o quarto, porque era nela que trabalhava na sua tese de doutoramento. Pablo mostrara-lho com devoção, como se fosse um lugar sagrado.

— O meu chefe é professor catedrático. Dependerá da sua clemência. Para já, nem me dirigiu a palavra. Como é que te passou pela cabeça uma coisa daquelas?! — questionou de repente, retirando a mão, erguendo um pouco a voz.

«Porque uma deusa africana me possuiu, controlou as minhas emoções e obrigou-me a ameaçar o marquês.» Confessar essa verdade seria o fim da sua relação. Pablo não era bonito, concluiu mais uma vez Lita enquanto ele a interrogava com o olhar à espera das suas explicações. Era atraente, muito, mas existia uma grande diferença entre a beleza e o encanto. A primeira defendia-se sozinha, o belo era sempre belo, até em

situações como aquela, quando tudo parecia ruir. O atraente, no entanto, tinha de se defender todos os dias, a cada momento; a sedução tinha de ser exercida, e a angústia visível no rosto de Pablo despiu-o daquelas virtudes. Entre gritos e gargalhadas, o barulho da máquina de café e o tilintar de pratos e copos, Lita encontrava-se em frente de um homem vencido, arruinado, e mesmo assim amava-o, talvez mais ainda, e até lhe doíam os dedos da mão que ele acabara de rejeitar por lhe ter causado tais prejuízos. Mas Pablo continuava à espera de uma resposta; talvez precisasse dela.

— Um, vírgula, seis, um, oito, zero...

— Lita!

Ela ignorou-o e continuou a enumerar o valor de Phi, o número de Deus, a proporção áurea:

— Três, três, nove, oito, oito...

Pablo abanou a cabeça.

— Sete...

— Eu sei, Lita — recriminou-a ele.

Ela voltou a pegar-lhe na mão. Julgou perceber que respondia ao seu toque.

— Não — opôs-se então apertando-a, tentando transmitir-lhe carinho.

— É um número infinito. Não os podes saber todos. Saberás muitos mais do que eu, mas nunca poderás conhecê-los todos.

— O que pretendes dizer?

Os dois já o sabiam.

— Tu acreditas no irracional. Vives no irracional! Falaste-me mil vezes da proporção divina como se fizesse parte do teu próprio ser, como se cimentasse as tuas crenças: o indefinível, o incomensurável... Mas agora pretendes que te racionalize um sentimento: que a minha mãe é filha de Eusebio de Santadoma e que essa verdade tem de ser revelada.

Pablo deixou cair a cabeça e pensou até voltar a encará-la, porém, com uma atitude diferente.

— Podias ter escolhido outro momento para revelar isso ao marquês.

— Sem tu estares? Para ele me bater?

Ele riu-se.

— Mas quem te garante que a tua mãe é realmente uma Santadoma? Estás a falar de uma coisa que aconteceu há...

— Mais de sessenta anos.

— E tirando esse teu sentimento tão irracional como Phi, tens alguma prova racional que comprove isso?

Tinham-lhe dito para não contar nada a ninguém. Na própria tarde em que a despediram, Elena pressionara-a para procurar assistência jurídica e acompanhara-a a uma associação onde colaboravam vários advogados de direito do trabalho. O objetivo era reclamar contra o despedimento do banco, mas os dois amigos de Elena, jovens, ativos, agressivos, tinham cruzado olhares que não escondiam um evidente interesse à medida que ouviam o relato de Lita. «Discriminação, racismo, violência até», sentenciou um deles no fim. «O despedimento vamos ganhar, de certeza», concluiu o outro.

— Ainda que tenha dito que a mãe é meia-irmã do presidente? — interveio Elena.

— Isso também não constitui um insulto — respondeu o primeiro.

— Nem nenhuma falta punível — acrescentou o colega. — Para estes capitalistas de merda, devia ser uma honra ter uma meia-irmã mulata.

Lita suspirou e semicerrou um instante as pálpebras. Como podia o facto de a mãe ser ou não mulata contribuir para que o marquês se pudesse sentir ou não orgulhoso? Havia quem pretendesse demonstrar tanto a sua tolerância e o seu progressismo que acabava por cair nos mesmos estereótipos utilizados pelos outros. De qualquer forma, pôs-se nas mãos deles; percebeu que eram lutadores, corajosos e apaixonados como Elena lhe dissera.

Mas Pablo não fazia parte do círculo de «ninguém» contra quem os advogados a haviam advertido. Mostrou-lhe o vídeo e falou-lhe das cartas. Como é que as tinha? Um dos advogados fizera-lhe a mesma pergunta, e Lita sentiu-se escrutinada pelas amigas, especialmente por

Elena, que lhe parecia recordar a sua advertência e recriminá-la por as ter roubado.

— Isso é correspondência privada. Se tu e a tua mãe dispunham dessas cartas — insistiu o advogado —, porque é que esperaram tantos anos e não tentaram antes?

— Porque acabámos de dar com elas — respondeu Lita, sorrindo para as amigas. A própria pergunta proporcionara-lhe a resposta. Certo, tinham de as ter encontrado agora e só existia uma maneira: — Estavam entre a documentação que os americanos me entregaram para estudar a operação de venda — garantiu. — Havia muitos documentos privados entre o marquês e o filho — assegurou, e era verdade. — Até tenho um *e-mail* do americano em que me diz que põe à minha disposição todos esses documentos e cartas privadas. E nesse *e-mail* é mencionada correspondência trocada entre pai e filho. — Isso também era verdade, e podia prová-lo onde fosse preciso. — Foram eles próprios que me entregaram as cartas — concluiu.

— Não me lembro de as ter visto — comentou Pablo.

— E porque irias dar por elas? O teu negócio são números, não letras.

— Mas é correspondência privada. Podes usá-la?

Os advogados também tinham abordado essa questão e concluído que, como ambos os interessados no conteúdo dessas cartas, o marquês e o seu filho Eusebio, já estavam mortos, não se estava a atentar contra a privacidade de ninguém.

— Mas os Santadoma podem alegar que essas cartas pertenciam à família — disse Pablo.

— Que digam o que quiserem. O importante é a minha mãe, não os Santadoma, e, em último caso, o que decidir o juiz. Não se atenta contra a privacidade nem contra a intimidade porque já não existem, e também não roubei nada. Entregaram-me.

Continuaram a conversar sobre a situação da mãe de Lita até Pablo consultar o relógio.

— Tens de voltar?

— Sim. Tenho de fazer com que a farinha que aquele padeiro comprou bata certo com os pães que diz ter vendido. Uma tarefa apaixonante...

— Lamento — desculpou-se ela pela primeira vez —, lamento muito. Ele assentiu, pensativo.

— Se alguém um dia me tivesse dito que arriscaria o meu trabalho para defender uma mulher...

Acabou a frase com um suspiro.

— E isso é bom ou mau? — perguntou Lita.

— Irracional, querida, irracional.

Não falaram deles os dois; nenhum se atreveu. A relação deles estava e não estava em cima daquela mesa de café; o amor deles escondia-se atrás de uma realidade, preocupante, absorvente, como se tivessem combinado evitar uma situação que podia degenerar e originar consequências que naquele momento eram incapazes de avaliar adequadamente. Assinaram uma trégua e despediram-se com um beijo que Lita não teria sabido definir: rápido, terno, rotineiro? Nessa noite era melhor que não se vissem, disse ele; tinha muito para assimilar e já estava a pensar nas mil e uma chamadas a amigos e colegas que devia retribuir agora que o incidente se espalhara como pólvora. Quase que se escapuliu para os escritórios, enquanto Lita procurava calor num sol de primavera que desafiava as luzes fluorescentes do bar e o brilho das mesas de fórmica que feriam a vista.

Procurou o Paseo de la Castellana e encaminhou-se para casa da mãe. Tinha pela frente uma caminhada, mas pensou que lhe saberia bem. A decisão limpou-lhe a mente e levou-a de volta ao café e a Pablo; talvez tivesse sido preferível ter escolhido outro momento para reclamar a filiação da mãe em vez de fazer aquele escândalo em público. Ele rira-se diante da sua resposta de que o marquês lhe poderia bater: teria sido mais uma desculpa, porque a verdade era que o seu ato impulsivo originara um grave prejuízo ao seu namorado.

— Estás contente? — perguntou em voz alta a essa deusa que parecia possuí-la nos momentos mais inoportunos.

Iemanjá não lhe respondeu, e Lita continuou o seu caminho entre carros e pessoas, atravessou ruas e parou diante dos semáforos com um sentimento de culpa que não conseguia expulsar do seu interior.

— Bom dia, Lita.

Zenón cumprimentou-a como de costume e ela regressou à realidade. Considerara a possibilidade de o marquês ter dado ordem para a impedirem de entrar no edifício. Ela retribuiu-lhe o cumprimento. Se o seu encontro com Pablo tinha sido incerto, ambíguo ou provisório, o que se dispunha agora a enfrentar parecia até doloroso.

A pouca coragem que lhe restava diluiu-se diante da imagem da mãe quando esta lhe abriu a porta. Sorria. Não sabia de nada, embora os cães sim, supôs Lita, ao ver que não a acompanhavam, que não ladravam. Foi assaltada pela inquietação, até por uma certa decepção, pelo facto de o marquês não ter exercido represália alguma contra a mãe. Era como se não tivesse dado importância à ameaça de Lita e tudo continuasse na mesma. Considerou a possibilidade de ser demasiado cedo para ele ter tomado alguma decisão, mas descartou a ideia. Lita conhecia o marquês, era uma pessoa hábil.

— Não vais entrar, filha? — perguntou Concepción, estranhando-a.

Não o devia fazer. Não o queria fazer. Não se atrevia. Nesse instante, arrependeu-se de não ter refletido nas consequências que a sua soberba podia acarretar para as pessoas que amava. Pablo estava condenado ao ostracismo por sua causa. Agora, diante da mãe, Lita também não pairava; tal como sucedera com as amigas e com o namorado, enfrentava uma realidade cruel e exposta, sem deuses que a manipulassem. Não se sentia apaixonada nem a arder ou espicaçada na cabeça. Eram simplesmente duas mulheres, vulgares, separadas pelo vão de uma porta.

— Lita! — insistiu a mãe. E ela entrou.

— Mãe — disse ainda no corredor —, cometi... — Um erro? Uma loucura? Quis suavizar. — Acho que me precipitei... com o marquês.

Concepción ouviu a sua explicação até ao fim e depois ficaram ambas em silêncio. Lita tinha pouco para acrescentar depois de ter narrado o seu

irrefletido impulso de arrogância. Faltava mais uma coisa, pensou, e apressou-se a dizê-la. Também a haviam despedido, já não tinha trabalho. Concepción agarrou-lhe as mãos, em cima da mesa de sempre, e abanou a cabeça.

— Desmoronou tudo, mãe.

As lágrimas que Iemanjá impedira que surgissem na sala de reuniões do banco deslizavam agora livremente pelas suas faces.

— Não te preocupes, querida — tentou tranquilizá-la Concepción.

Estava sem trabalho! Talvez sem namorado! Nesse momento, Lita assumiu a realidade na sua verdadeira dimensão, sem paixões. Ficaria sem dinheiro... As palavras seguintes da mãe obrigaram-na a erguer o rosto.

— Menina, o dom Enrique vai entender; é boa pessoa. Com certeza que nos vai perdoar. — A filha levantou-se da cadeira, direita como um pau. — Eu vou falar com ele.

Libertou-se das mãos da mãe e enxugou as lágrimas. Concepción falava com sinceridade, convencida da benevolência do seu senhor. Lita suspirou ruidosamente e abanou a cabeça. Revoltava-se com a obediência, com a submissão com que a mãe enfrentava a relação com os Santadoma.

— Claro, mãe — ironizou. — Irá dar-me umas quantas chicotadas e colocar-me de novo a trabalhar a cortar cana no engenho. Foi precisamente isso que propôs a dona Claudia — disse, como se lhe saísse da alma.

— Filha! — Concepción parecia confusa depois de ouvir aquelas palavras, não entendia a referência, mas Lita não se arrependeu. — Disse-te isso?

— Mãe, és...

O quê? O que lhe pretendia dizer? «És uma criada fiel, filha bastarda dos que escravizaram os teus antepassados»? Olhou para a mãe, sentada em frente dela, com a sua bata e o seu avental às risquinhas azul-celeste, o rosto contraído, os lábios comprimidos, tentando conter as lágrimas.

Sabia fazê-lo: tinha aprendido a dominar a sua dor à frente dos seus senhores, mas nada a impedia de chorar estando sozinha com a sua filha.

Quando viu cair a primeira lágrima pela face da mãe, Lita lamentou as suas palavras.

— Desculpa.

Concepción pigarreou antes de falar:

— Querida, tudo isto de o meu pai ser dom Eusebio... não... não pode ser verdade.

— Porque é que não pode ser, mãe?

— Como posso eu ser parente do marquês?

— Porque não, mãe? Por acaso somos diferentes?

— Sim. Eu sou diferente. Sou mulata, e criada, e foi assim desde menina, a minha mãe foi e a minha avó também.

— E a tua bisavó foi uma escrava.

— Por isso mesmo, Regla, é isso que te estou a dizer.

— Lutaste para que eu fosse diferente delas. Deste-me educação...

Concepción semicerrou os olhos perante o discurso da filha. Durante a infância e juventude de Lita, julgara viver através dela, das suas ilusões, do seu sorriso e dos seus êxitos universitários, e aquelas vivências distraíam-na de uma rotina servil. Mais tarde, Lita tornou-se independente e Concepción encontrou-se sozinha com dona Pilar, e os seus cães, e a família que a visitava, e o seu sobrinho, o senhor marquês, e o sacerdote que todos os dias comparecia para dar a comunhão à senhora e depois a ela. E os anos voltaram a consumir o seu ânimo. Agora já se sentia velha.

— Foram os senhores que conseguiram que te admitissem no colégio — interrompeu então Lita, que não quis discutir uma decisão que, além de ter sido dolorosa para ela, parecia persegui-la sempre exigindo-lhe uma espécie de gratidão eterna que não sentia —, tinhas uma bolsa e o resto pagavam eles. Deram-me um salário e cama e comida; havia quem trabalhasse só por comida, e mais quatro pesetas de gorjeta. — Lita tentara convencê-la apelando a uma rebeldia e a um amor-próprio talvez

dissimulados, mas a mãe reagiu recitando umas palavras já gastas. — Quando estiveste doente, foi o médico dos meninos que te tratou, o doutor... como é que se chamava? — Esperou que a filha interviesse, mas Lita observava-a inexpressiva. — Remas — disse perante o seu silêncio —, o doutor Remas, sim, lembras-te dele? Dava-te rebuçados e autocolantes. Nunca nos levou nada, o doutor Remas, nem os outros médicos da família, nem quando te operaram ao apêndice na clínica dos senhores. Os Santadoma sempre nos ajudaram, filha. E tu escapaste de ser criada. Não, não consigo enfrentar o senhor.

— Nem se fosses irmã dele? — retorquiu Lita. Concepción negou com a cabeça, pacientemente, e ela insistiu: — Mãe, é possível que não nos tenham dado nada que não nos pertencesse. Sim, eu livreimei-me de servir, mas tu nunca o deverias ter feito. Pensa bem.

— Filha...

— Mãe, vão pressionar-te. — Os advogados amigos de Elena tinham-na advertido para isso. — Vão-te pedir para assinares documentos ou para fazeres declarações. Não assines nada nem digas nada, mesmo que te garantam que é para outra coisa.

— Lita...

— Não, mãe, não. Somos mulatas descendentes de escravos! Toda a vida nos menosprezaram, e não só os Santadoma. Esse doutor Remas que dizes que me dava rebuçados e autocolantes... sim, é verdade, mas chamava-me «a moreninha», lembras-te? A menina moreninha para aqui, a menina moreninha para acolá. Morena e parda, os mesmos insultos que a cabra da dona Claudia usou quando me expulsou da sala de reuniões.

A expressão de surpresa de Concepción obrigou Lita a parar. Não chegara a contar isso à mãe. Sabia que a iria magoar e quisera evitar-lhe essa dor gratuita, mas agora, e depois da primeira referência que fizera, a mãe reclamava uma explicação.

— Sim — continuou Lita, inclinando-se na cadeira para se aproximar dela —, a dona Claudia humilhou-me em público quando se encontrou comigo no dia da assinatura do contrato com os americanos. E insultou-

nos. Gritou que devíamos voltar a ser escravas, e que éramos umas pardas e umas mulatas. Disse-o em voz alta, na mesa, diante de todos. E acrescentou que se negava a assinar o que quer que fosse enquanto eu estivesse presente. — Concepción respirava com força. — Puseram-me na rua, mãe, tive de me arrastar para fora da sala enquanto todos apontavam para mim e cochichavam. Nunca me senti tão envergonhada e miserável. E ontem, o marquês, esse que dizes que nos perdoaria, insultou-me em público. Chamou-me estúpida e mal-agra decida, agarrou-me e sacudiu-me, e tentou bater-me. Esse homem é um orgulhoso e um déspota, ainda que não o seja só connosco; é-o com toda a gente. Mas a dona Claudia, a mãe dele, sempre te odiou, a ti pessoalmente; falámos algumas vezes disso, não te lembras? — Lita deu-lhe uns segundos, os mesmos que aproveitou para se lembrar da sua habitual resposta: «Disparates, filha.» Nessa ocasião não a ouviu. — Mãe, a dona Claudia tem-te uma aversão especial, e agora já sabes porquê. Era isso que o irmão da avó dizia no vídeo que não quiseste ver até ao fim. Ela sabia-o, sabia que o dom Eusebio tinha tido uma relação com a avó Margarita, e obrigou o sogro a trazer-vos para cá, para Espanha, para vos separar do seu futuro marido. Só não contava que o marido morresse em Miami e ela tivesse de procurar refúgio em Espanha e encontrar-se contigo de novo. Queres ver agora o vídeo? Aqui está tudo muito claro!

Concepción fê-la calar-se e voltou a pegar nas suas mãos, que até esse momento tinham estado a rodopiar no ar, a gesticular sem cessar, e apertou-as.

— Insultaram-te em público? — perguntou com voz trémula.

— Sim, mãe.

— O marquês pôs-te a mão em cima?

— Sim — balbuciou Lita.

Quis acrescentar que já estava na hora de lutarem, mas calou-se. Percebia que no interior da mãe fervia alguma coisa parecida com a rebeldia a que antes lhe apelara sem êxito.

— Gozaram contigo? Humilharam-te?

A filha assentiu; Concepción abanou a cabeça.

— Quando eras criança, aconteciam-te coisas parecidas no colégio — explicou com a voz quebrada. Lita lembrava-se desses episódios, que em certas ocasiões ainda a perseguiam em sonhos. — Alguns dias voltavas a chorar desconsolada; as crianças são muito cruéis. «A pretinha dos Santadoma», diziam, «a filha da criada». Tu esquecias rapidamente as ofensas e iludias-te, como acontece com as meninas pequenas. E eu rezava, mas um dia ou outro voltava a acontecer. Nem todas as meninas eram más, mas sempre que se juntam... são as perversas que mandam. — Concepción inspirou com força. — Eu também chorava — confessou. — Muito. Não chorava quando os senhores me insultavam ou me humilhavam, filha... Quando era jovem, até levei mais de uma palmada! Aguentei sempre, mas a tua tristeza destroçava-me por dentro. Pensava que com a idade, a universidade, o trabalho, e nos tempos que correm, tudo mudaria. Madrid está cheia de imigrantes, de gente de cor, como nós... — Lita ouvia pasmada; a mãe poucas vezes encadeava tantas palavras. — Sim, há sempre quem olhe para nós, quem se afaste ou solte algum impropério — disse então, encolhendo os ombros, minimizando a sua importância —, mas nunca julguei que continuassem a desprezar-te diante dos outros, como no colégio, quando eras menina. Regla, nessas noites de angústia prometi que te protegeria sempre, que jamais te falharia. Jurei mil vezes, ajudava-me a dormir: «Juro, juro, juro», repetia para mim em sussurros. É o pouco que nos resta, aos pobres: a nossa palavra. E, se para isso tiver de ser a filha de um Santadoma, então, sê-lo-ei.

Falou várias vezes com Pablo, ainda que o tivesse notado tremendamente triste. Ele jurou-lhe amor, mas também lhe falou de decepção, de depressão inclusivamente. O seu trabalho na universidade estava por um fio. «Quem daria as minhas aulas?», argumentara para justificar que não o despedissem. Reconheceu ter falado com colegas que considerava amigos mas que agora o evitavam, ou que não atendiam as

suas chamadas, ou lhe falavam com *secura*, mantendo a distância. Só uns poucos, os mais íntimos, os de sempre, ficaram do seu lado.

Lita ofereceu-se para o consolar, para o ajudar no que fosse necessário, mas ele pediu-lhe tempo.

— Preciso de me concentrar, de me tranquilizar, querida, tenho de ver o que vou fazer.

— Mas...

— Mas não consigo tirar da cabeça o desafio que lançaste ao Santadoma.

— Posso ligar-te? — perguntou ela depois de conseguir clarear a garganta.

— Sim, quando quiseres.

Despediram-se com um beijo. Lita procurara a privacidade do seu quarto, embora não descartasse a ideia de que alguma das suas colegas, ou ambas, estivesse a ouvir atrás da porta. Atirou o telemóvel para a cama e tentou acalmar o choro. Abriu a gaveta da mesa de cabeceira para se distrair: aí estavam a pagela e a caixa com o colar. Olhou para a Virgem. Nunca pedira nada a nenhum deus. Pegou no colar. Nem se sentiu a pairar, nem enjoada, nem eufórica. Eram simples objetos. «Merda!», exclamou.

Os advogados de direito do trabalho contestaram o seu despedimento.

— Vão pagar — garantiram a Lita —, não podem manter a sua posição.

Porém, ninguém se manifestava acerca da paternidade de Concepción, e isso enfurecia-a. A mãe continuava a ter de cuidar dos dois *yorkshires*, e Zenón cumprimentava-a como sempre quando a ia ver, agora com maior frequência.

— E ninguém fará nada enquanto não reclmares oficialmente — respondeu-lhe um dos advogados depois de ela expressar a sua surpresa. — Para já, tudo ficou por uma disputa verbal. Queres que o façamos?

Não sabia se o queria fazer. A mãe apoiava-a, era certo, reiterara o seu compromisso, mas esquivava-se ao assunto como se a sua função fosse a

de se entregar cegamente a ela. E esse apoio incondicional também não trazia nada de novo às suas pretensões; continuava a contar apenas com o vídeo de um velho de camisola de alças e com umas cartas de onde apenas se podiam tirar conjeturas. Necessitava de mais provas! Quis falar com Pablo, mas não se atreveu, pensando que tudo aquilo não tinha importância para ele. Em vez disso, o telefone tocou, despertando-a da sua apatia; atendeu com a mão um pouco trémula. Era um número desconhecido, talvez o de Stewart. Oxalá fosse; tinha pena de ter perdido o contacto com o americano.

— Estou, sim?

— Regla Blasco?

Não era ele.

— Quem fala?

— Chamo-me Víctor Prado. Sou jornalista, redator do diário digital *Documento Cero*. Estou a falar com a dona Regla Blasco?

Lita hesitou. O que podia querer dela um jornalista?

— Sim — acabou por afirmar.

— Ouça, estou a telefonar-lhe porque a sua mãe me deu o seu número.

— A minha mãe?

— Sim. Não se preocupe, não há nenhum problema. Telefonei à sua mãe para que me confirmasse se é verdade que é descendente dos Santadoma.

Fez-se silêncio. Lita tentava assimilar a notícia.

— Ela disse-me para falar consigo — prosseguiu.

Lita continuava calada.

— Gostava que nos pudéssemos encontrar.

— Como sabe disso? — inquiriu ela.

— Então confirma...

— Não, não, quero dizer, como soube disso?

— Dona Regla Blasco, sei que a senhora exigiu aos Santadoma que reconhecessem a filiação extramatrimonial da sua mãe. As minhas fontes são totalmente fiáveis. Ofereço-lhe a oportunidade de explicar ou

modificar a informação de que disponho. Caso contrário, publicarei o que sei, fazendo constar que nem a sua mãe nem a senhora quiseram comentar a notícia, mas aconselho-a a aproveitar a oportunidade.

Pelo menos alguma coisa se estava a fazer; aquilo despertou-a, e aceitou.

Antes do encontro com Víctor Prado, preparou a entrevista com os dois advogados que estavam a tratar do seu despedimento. Reuniram-se na sua casa; com Sara e Elena presentes, porque nenhuma delas estava disposta a permanecer à margem. Todos juntos especularam acerca da fonte do jornalista, que podia ser qualquer uma das muitas pessoas que assistiram àquela reunião.

— Vai-te pedir as provas da paternidade — advertiu-a Marcelo.

— São fracas — apontou José, o outro advogado.

— Muito bem. Faz referência a elas, mas não lhas mostres. Fala em termos gerais. Diz-lhe que dispões de documentação e de declarações.

— Não vai acreditar em mim — retorquiu Lita. — Insistirá para que lhas mostre.

— Ele quer uma notícia exclusiva, e esta é, sobretudo tendo em conta o ponto em que se encontram as negociações de venda do banco; pode prescindir de as ver desde que tu lhe garantas que as tens. Insiste que os teus advogados não te permitem mostrá-las. Diz que são provas que farão parte de um julgamento e que não pensas mostrá-las a ninguém antes de tempo.

Lita assentiu, pensativa.

— Vamos realmente considerar um julgamento relativamente ao caso da minha mãe com as provas de que dispomos? — perguntou.

— Teremos de decidir. Não nos podemos precipitar — disse Marcelo.

— A minha experiência diz-me que quando se apresenta um assunto assim, sobretudo se o mesmo encontrar eco na imprensa, de repente começam a aparecer coisas que ninguém imaginava. Um que sabia aquilo, outro que viu outra coisa... Enfim, temos de ter paciência. Para já, contestamos o despedimento; a paternidade virá depois.

Continuaram a preparar a entrevista, embora Lita se tenha voltado a dispersar a pensar em Pablo. Tinha de lhe dizer; não podia ser surpreendido por um artigo de jornal.

Estava certo do que ia suceder. Essa foi a resposta que lhe deu. Era evidente que alguém filtraria essa informação, qualquer um dos que presenciaram aquilo, ou os amigos ou familiares dos que estavam lá, ou inclusivamente os amigos dos amigos. Os falatórios ter-se-ão multiplicado até chegarem a algum jornalista interessado nesse mexerico, por mais que os Santadoma e os americanos já tivessem posto a trabalhar os seus departamentos de imprensa para evitarem o escândalo.

A história da mãe de Lita, argumentou Pablo, não era a de uma mulher que reclama a filiação de um homem famoso depois de uma noite de borga ou de uma relação mais ou menos furtiva. Era a de uma mulata nascida em Cuba antes do triunfo da revolução castrista que, tal como várias gerações anteriores, trabalhara toda a sua vida como criada dos marqueses de Santadoma, personalidades conhecidas em Espanha, sobretudo o próprio marquês, que fora objeto de imensas reportagens desde o dia em que se divorciara da mulher para se casar com uma famosa modelo italiana com metade da sua idade. Através das revistas tinham mostrado ao mundo as suas casas esplendidamente decoradas, as suas férias na neve ou no mar, as suas festas e receções... Enfim, essa vida feliz que assentava no luxo e era escrutinada e invejada pelas pessoas comuns.

Depois de uma primeira entrevista com Lita, Víctor Prado conheceu e entrevistou Concepción através da filha. A mulher aceitou um pedido que considerou lógico quando se estava a escrever um artigo que falava sobre ela.

«Uma criada de cor cujo único trabalho consiste em tratar de dois *yorkshires*!» Aquele foi um dos vários títulos que o jornalista usou no texto, juntamente com a fotografia que conseguiu roubar de Concepción a passear os cães.

A vista de Lita turvou-se ao contemplar a imagem da mãe vestida com

uma simples camisola de linho por cima da eterna bata de trabalho às riscas, atenta aos cães enquanto estes faziam as suas necessidades na rua. Parecia ingénua, inocente, como uma menina grande. O coração bateu-lhe com força ao compreender que aquele homem se intrometera na intimidade da mãe com a intensão de a humilhar, de a apresentar ao público como uma pessoa desamparada.

— Não faças isso — recomendaram-lhe as amigas quando, depois de explodir em insultos, pegou no telefone disposta a repreender pessoalmente Prado, exigindo-lhe que retirasse aquele artigo ofensivo.

Podia ser doloroso, argumentaram elas, mas o artigo era bastante bom; muito bom, de facto. De acordo com o jornalista, tinha de haver uma razão muito especial para que os Santadoma, além das extravagâncias próprias de gente abastada e dos escândalos que rodeavam a família, sustentassem uma pessoa para tratar de dois cães. Era assim que Prado abordava o caso, sem qualquer subtileza. Qual era a razão para que um banqueiro pragmático e sensato permitisse que uma criada vivesse sozinha com dois *yorkshires* num apartamento no bairro de Salamanca, pagando-lhe a comida, outros bens essenciais e um salário mensal, se não fosse por uma obrigação moral muito superior à gratidão para com qualquer servidor fiel?

Por acaso o marquês de Santadoma trataria com a mesma generosidade os empregados do seu banco, que, sem dúvida, seriam afetados com a operação de compra que estava a ser consolidada por aqueles dias? Aquela perspetiva podia sustentar a veracidade das pretensões de Concepción, porque do departamento de imprensa do banco não fora emitido qualquer comunicado, e nem o marquês, e muito menos dona Claudia, que Lita dizia ter um profundo conhecimento dos factos e da paternidade da mãe, quisera efetuar declaração alguma.

Certamente a fotografia de Concepción reforçava a impressão que se obtinha da leitura do artigo, principalmente quando comparada com outra, um pouco mais pequena, colocada num dos cantos, de um dos membros da família Santadoma a galopar sobre um cavalo, a jogar polo

no campo de um dos clubes hípicas mais exclusivos de Madrid.

Prado especulava e distorcia as afirmações de Lita, como a de que os Santadoma tinham suportado a sua educação e até o seu acompanhamento médico, algo que não pudera fazer com as escassas frases que arrancara a Concepción depois de a filha a ter advertido para ser parca em palavras. «O que é que eu vou dizer, Regla!», queixara-se a mulher, e, entre o pouco que efetivamente disse, sustentou a filiação reclamada, uma coisa que até àquele momento preocupara Lita: que a sua mãe se risse da possibilidade de ser filha de um Santadoma na presença do jornalista.

Fotografias, indícios, o testemunho de Lita e as garantias de credibilidade que este oferecia, em conjunto com os exageros e as conjeturas de Prado, a escravatura, o serviço doméstico, o luxo... tudo isso compunha e dava vida a um artigo sensacionalista e espetacular, emotivo, sórdido e por vezes até violento; um produto que o grande público ansiava por consumir.

«A descendente de uma escrava negra, neta de um dos banqueiros mais importantes de Espanha, reclama a filiação e a parte da herança que lhe é devida.»

Trocha de Júcaro, Cuba
Outubro de 1874

Eram trinta e dois soldados. Depois de um ataque triunfal a um destacamento espanhol, Kaweka e Modesto decidiram que esse número era o ideal para o grupo pela sua agilidade, eficácia e operacionalidade, e também para efeitos de organização. Numa altura em que admitiram demasiados homens, viram-se obrigados a reprimir uma sangrenta guerra interna entre diferentes fações.

— Não quero nem mais um — comentou ela com Modesto. — Trinta e dois — repetiu a quantidade que lhe disse o emancipado depois de contar aqueles que permaneciam de pé após terminar a luta. — Encarrega-te de que sejam sempre os mesmos.

Não escolhera aquele número por nenhuma razão especial; era o que era, porque Kaweka não sabia contar. Também não sabia escrever, como nenhum dos trinta e dois. Disso ocupava-se Modesto: de contar, de escrever, de ler as cartas que lhes chegavam dos comandos do exército rebelde e de lhes responder. Controlava as provisões e as armas, ajudava Kaweka e Sabina a cuidar dos feridos e dos doentes, e tratava de dois jovens jumentos que transportavam os seus escassos recursos.

O emancipado não tardara muito a tornar-se o segundo no comando de Kaweka, pouco tempo depois da sua chegada, havia dois anos. Nos primeiros dias a jovem manteve-se afastada dele, constantemente rodeada

por guerreiros negros que a interrogavam acerca de uns planos que ignorava por completo, e ele respeitou a sua distância, até que um dia se viu abordado por Kaweka.

— Porque é que a mamã Ambrosia te ia proibir? — perguntou-lhe depois de o encontrar um pouco afastado dos outros. No seu íntimo, tinha a certeza de que tudo fora responsabilidade de Eluma.

Nesta ocasião, Kaweka não conseguiu escapar ao sorriso que se esboçou no rosto do negro, aquele que a enfeitiçara em La Merced.

— A criouleira era uma mulher inteligente e sabia para o que estavas a ser chamada — respondeu, apontando para os homens que descansavam. — Para guiares os negros para lutarem pela sua liberdade. E acertou. Todos estes escravos podiam estar a percorrer as terras para roubarem os brancos, clamando por vingança, e, no entanto, seguem-te e obedecem-te. A Ambrosia tinha razão: não podias ser minha, pertences a todos eles. Não podes ser de ninguém, Kaweka. Luta por aquilo por que nasceste e vieste a esta terra.

— E por que motivo demoraste tanto a juntar-te à guerra? Não querias arriscar-te, tornar-te um soldado — recriminou-o ela. — Esperavas obter a tua liberdade de um modo fácil, através do médico.

— Pode ser... Sim, suponho que sim — admitiu ele —, mas lembro-te de que consegui que o marquês te vendesse. E comprometi-me a pagar com o meu dinheiro; ofereci-te tudo o que tinha. Se não tivesses fugido para a serra, terias sido tu a alcançar a liberdade, enquanto eu, pelo contrário, teria continuado submetido a Rivaviejo.

— Os deuses chamaram-me — desculpou-se ela, recordando Eluma.

— A mim não. A mim não me chamou nenhum deus — retorquiu Modesto.

Ambos se mantiveram um instante em silêncio, examinando-se com o olhar.

— E agora, chamaram-te? — inquiriu ela ao fim de uns momentos.

— Não. A mim os deuses abandonaram-me. O Rivaviejo quis vender-me. A nova lei espanhola, essa que declara livres os ventres e também os

mais velhos de sessenta anos... — Kaweka assentiu. — Essa lei também permite o traspasse dos emancipados, e o Rivaviejo pretendeu ganhar dinheiro comigo.

— Não te estimava assim tanto?

— É branco.

— Os deuses não te abandonaram — sentenciou Kaweka. — Agora trouxeram-te até aqui para lutares pelos teus.

— Não. Nenhum deus me guiou até ti. Foste apenas tu.

— Demoraste demasiado...

— Já sabes que os negros de cidade têm dificuldades em mexerem-se.

Kaweka conteve-se para não devolver ao emancipado o sorriso que ele lhe ofereceu. Deu meia-volta com sentimentos contraditórios. Definitivamente acreditou nele, pelo que a decepção que nascera ao mesmo ritmo da suspeita de que não a quisera seguir se desmoronou, fazendo-a sentir-se extremamente culpada. E tinha razão: estivera disposto a comprá-la e depois salvara-lhe a vida... E pelos vistos fora mamã Ambrosia quem lhe dissera para não a seguir, que pertencia a todos os negros, e ele não tentara retê-la em Havana, nem retomar uma relação feliz que se rompera por vontade dos deuses e com a colaboração da sua própria mãe. Dizia que a seguira até ali, e isso fazia-a pensar que ainda a amava, apesar de terem passado muitos anos. E ela? Não tinha tempo para pensar em amantes, decidiu, embora a presença de Modesto lhe agradasse, reconheceu apenas uns passos mais à frente.

E assim, numa noite em que Kaweka presenciou outro dos discursos que Modesto dirigiu aos homens, pouco depois de abandonarem o exército, apercebeu-se do respeito que todos eles mostravam para com o emancipado, que, com o seu temperamento e com o seu raciocínio, conseguiu resolver uma disputa interna entre os homens que, de outra forma, teria acabado à catanada.

— Parece que tu também foste chamado para os dirigir — admitiu Kaweka quando tudo acalmou.

Ele limitou-se a sorrir-lhe. Durante esses poucos meses, em nenhum

momento ele tentara tocar-lhe, e a confiança entre ambos ia-se consolidando.

Um raio iluminou fugazmente as suas duas figuras antes de ele lhe conseguir responder. O trovão que o seguiu foi como a reprimenda da deusa, que recriminava as suas dissimulações e simulações. Estavam na época das chuvas, e, depois do trovão, começou a chover torrencialmente. Kaweka beijou Modesto e entregou-se a ele. Fizeram amor debaixo de chuva. Os tambores que a mulher esperava ouvir foram abafados pelo ruidoso tamborilar das gotas que caíam sobre eles, sobre a terra e sobre as árvores. A água, a própria Iemanjá, apareceu então para se imiscuir na união deles e participar no encontro, deslizando entre os seus dois corpos nus, correndo pelas suas peles, limpando os seus receios e arrastando as suas culpas. A água, a deusa, brincou entre eles até despertar o prazer no ponto mais recôndito dos seus corpos. Introduziu-se nas suas bocas, entre os seus beijos, e turvou a sua visão até os isolar do mundo. Excitou os mamilos dela e acompanhou os embates dele. Inflamou um prazer que acabou por explodir com a mesma força com que a natureza inundava o universo.

Kaweka dirigia uns homens rudes que lhe custava manter unidos e disciplinados, salvo nas ações de guerra. Uns iam e outros vinham. Ela escolhia-os; também os mandava embora se se tornassem excessivamente problemáticos, embora, antes de decidir, procurasse o conselho de Modesto, que já era seu companheiro. Em qualquer caso, a maioria daqueles escravos difíceis de governar, cuja liberdade de que dispunham abalava agora uma infinidade de emoções e sentimentos desconhecidos, e nos quais a violência e a rebeldia residiam como uma reação extrema, consideravam uma honra lutar ao lado de Kaweka: guerreavam sem descanso contra os espanhóis, perseguiam forças sempre superiores, atacavam-nas e retiravam-se e escondiam-se para voltarem a cercarem-nas um pouco mais à frente, uma e outra vez, até as conseguirem vencer ou, pelo menos, prejudicar. Porque tinham aprendido que a melhor tática

de guerrilhas não era matar, mas sim ferir: o soldado morto ficava para trás; o ferido necessitava de colegas que o ajudassem, e isso transformava a marcha do inimigo numa fila de inválidos demasiado esgotados para responderem com eficácia ao cerco constante ou ao ataque definitivo.

Neste caso, não era uma questão de provocar feridos, mas sim de matar. Os homens de Kaweka permaneciam todos em silêncio, escondidos nos pântanos próximos de Júcaro. As suas roupas sujas e esfarrapadas confundiam-se com a vegetação e com a lama, ao contrário do que sucedia com os espanhóis que espiavam, que se moviam pela *trocha* com os seus uniformes às riscas: calças e camisas de algodão de fio branco atravessadas por finas riscas azuis, alparcatas nos pés e chapéus de aba larga feitos com folhas de palma. Uns bonecos de cores que se destacavam na zona desobstruída, como alvos em movimento. Kaweka passou o olhar pelos seus, com orgulho, com satisfação, pois era nesses momentos de expectativa que os percebia unidos, uma força imparável.

A *trocha* era uma linha defensiva de sessenta e dois quilómetros construída no início da guerra, que dividia ao meio a ilha de Cuba, desde Júcaro até Morón, ao longo da qual os espanhóis, depois de prepararem o terreno para o separarem numa faixa de várias centenas de metros de largura, tinham construído trinta e três acampamentos militares e fortins protegidos, por sua vez, por barreiras de defesa e outras armadilhas, e por um contingente de cerca de cinco mil soldados. À frente da vereda tinham estabelecido outra linha de acampamentos móveis de cavalaria que patrulhavam para verificar se o inimigo não se aproximava.

Para o exército rebelde, aquela série de trincheiras visava impedir que a revolução republicana e a guerra pela independência de Espanha atravessassem o departamento oriental até ao ocidental; para Kaweka e para os seus, esses fortins converteram-se na barreira para a liberdade dos escravos de toda a ilha.

— Desde que a guerra começou — contou Modesto numa noite no bivaque instalado numa clareira de uma das muitas paragens selváticas

por onde andavam —, estão a obter-se as melhores safras da história de Cuba.

Modesto contava tudo. Modesto lia alto para que o escutassem. Modesto dava as notícias, aconselhava os homens e até conseguia uma cumplicidade que a sua capitã, Kaweka, não conseguia alcançar. Modesto tornara-se o centro das atenções durante a noite, porque estudara com Rivaviejo, porque lera e aprendera a escrever.

— Os amos estão a forrar-se de ouro — lamentou alguém do grupo.

— Sim — corroborou o emancipado. — As últimas seis colheitas foram as que mais toneladas de cana e milhões de dólares proporcionaram aos fazendeiros ao longo da história deste país.

Kaweka e muitos dos que compunham aquele grupo de guerrilheiros mergulharam na tristeza; sabiam o que essa explosão de riqueza implicava para os escravos negros dos grandes engenhos do Ocidente: jornadas intermináveis, fadiga, gritos, ordens, maus-tratos, doenças, castigos, cânticos; cansaço até à exaustão, cansaço até as ideias e os sentimentos se desvanecerem, transformando homens e mulheres em máquinas fracas e imperfeitas.

Um deles bradou ao céu. Foi um grito pungente. Kaweka aninhou-se em Modesto e apoiou a cabeça no ombro dele, que a abraçou com força.

Agora, com o olhar fixo nas sentinelas que vigiavam a vereda a partir do fortim, Kaweka tremeu ao lembrar-se daqueles dias de sofrimento, e compadeceu-se dos muitos irmãos de sangue que ainda viviam subjugados para além daquelas defesas. Lutava por eles! Deixou que a sua imaginação vagueasse em busca de Yesa, a filha que, de acordo com a deusa, ainda estava viva. Não dissera a Modesto que era sua, e decidira não o fazer. Se lho confessasse, temia não o poder reter a seu lado. Poderia ela impedir que corresse a serra do Rosario à procura da sua filha? Kaweka confiava em Iemanjá, mas não sabia se ele pensaria o mesmo. A sua filha, e a de Modesto, estava bem, dizia-lhe a deusa. Ela, Iemanjá, voltara a trazer-lhe Modesto. Ela, Iemanjá, indicar-lhe-ia o dia em que tivesse de lhe confessar a sua paternidade. Para já, Kaweka sabia

que também lutava pela sua filha, ainda que o tempo fosse apagando as suas memórias e, sobretudo, o rasto daqueles que haviam vivido no quilombo da serra do Rosario e lhe poderiam revelar algum dado. Kaweka tentava saber algo sempre que tinha a oportunidade. Chegaram-lhe notícias, que se revelaram falsas, produto da imaginação ou da má-fé, mas isso não a fez ceder no seu empenho em saber da menina.

Dormiam um pouco afastados dos outros, com os seus cães, três mastins imponentes que Kaweka, com a ajuda de Iemanjá, roubara a uns espanhóis que observaram atônitos como aqueles animais, sempre fiéis, desobedeciam às suas ordens e fugiam até se perderem na vegetação densa. Depois tornara-os seus, uma espécie de guarda pessoal, deles e de Sabina, cuja paixão a levara para os braços de um tal Gonzalo. Modesto prevenia-a com frequência em relação àquilo, mas Kaweka consentia a relação devido ao carinho que sentia por essa jovem que acolhera na serra Maestra. «Além disso», alegava em sua defesa, «por acaso eu e tu não estamos juntos?». Assim, os mesmos mastins que foram treinados para perseguirem escravos velavam um sono que, em certas ocasiões, se via perturbado por uma paixão descontrolada.

Agora os cães permaneciam deitados entre os homens enquanto estes vigiavam a vereda. Todos aqueles rapazes espanhóis, levados da Península e trazidos para Cuba para lutarem numa guerra que lhes era alheia, defendiam a escravatura que enriquecia nobres, patrícios e magnatas. Na metrópole não havia escravos; lá tinham abolido essa mácula há muitos anos. Porém, vinham para Cuba lutar pela sua continuação. *Com que direito?*, interrogou-se Kaweka, e cuspiu para o trilho. Um dos mastins levantou a sua enorme cabeça e farejou o ar, quente, húmido, que anunciava novas chuvas. Não, não a afetava o que pudesse acontecer a todos aqueles jovens brancos, nem a comoviam os seus sofrimentos. Porque era precisamente sofrimento o que via agora.

«Esperaremos», ordenara aos seus homens alguns dias antes, já nas proximidades da vereda, movendo-se furtivamente pelos lamaçais, em território inimigo, entre a linha defensiva da cavalaria e as cercas que

defendiam os fortins, para além de Hoyo Caimán e Tío Pedro.

O «vômito-negro». A febre-amarela. Os soldados daqueles acampamentos próximos de Júcaro sofriam as inclemências dos lamaçais que se estendiam à sua frente. Modesto garantia que desde o início da guerra, em 1868, cerca de um terço dos soldados espanhóis morrera vítima do vômito-negro, muitos sem chegarem sequer a entrar em combate.

Escurecia. Os homens ouviram o zumbir de milhares de mosquitos que se erguiam das águas paradas. Por vezes podia ver-se uma nuvem espessa de insetos que ensombrecia ainda mais o ambiente. A maioria dos médicos sustentava que as febres se transmitiam pelos miasmas de zonas pantanosas como aquela, mas havia alguns especialistas que começavam a defender que a doença era transmitida através dos mosquitos. Modesto contara-lhe também que com Rivaviejo conhecera um prestigiado médico cubano que trabalhava com base nessa possibilidade, e ele acreditava nele. Em qualquer caso, quer fossem os mosquitos ou os miasmas, boa parte daqueles espanholitos vestidos às riscas já sofria as consequências da doença: o vômito-negro, que levaria à morte muitos deles, mas não costumava afetar os escravos negros.

— Os espanhóis trouxeram para a América doenças como a varíola, que acabou com a população indígena — afirmou Modesto. — Ao menos que os seus descendentes morram agora por causa das nossas.

Calor tórrido, vento quente, chuvas constantes, humidade que se introduzia nos ossos; suor, suor e suor. Os pingos formavam gotas enormes no rosto dos soldados espanhóis, e os mosquitos cheiravam-nos e envolviam as cabanas e o fortim em zumbidos que os impediam de dormir. Kaweka e os seus estavam ali há tempo suficiente para saberem que a situação era crítica naquela zona da vereda. Os que não sofriam do vômito-negro encontravam-se tremendamente debilitados pelo paludismo, outra doença que afetava oitenta por cento dos soldados brancos.

Kaweka tremeu ao perceber a tensão dos homens reunidos na vereda.

Iemanjá estava com ela; possuía-a, montava-a com força. Sabina, ao seu lado, sabia-o, e também tremia. Modesto, atrás, permanecia expectante, atento a tudo. E com ele, os trinta e dois. À frente deles contavam-se cerca de duzentos homens: sete ou oito no fortim, de guarda, os que cabiam naquele espaço reduzido, e o resto na cabana, protegidos por uma frágil barreira de defesa de palma. Os escravos e os libertos que cuidavam dos espanhóis dormiam no chão, a seus pés. Tudo isso lhes contara um liberto que tinham raptado enquanto transportava os víveres num carro que ficara atolado na lama do caminho entre um fortim e outro. Também lhes dissera que, como sucedia em época de chuvas, o barracão estava parcialmente inundado, com a água a chegar acima dos tornozelos em alguns sítios. A lama impedia os movimentos, e os soldados refugiavam-se nas redes quando estavam doentes ou mais fracos, e à noite, apesar do calor dominante, tapavam-se com mantas e envolviam-se nelas por completo, como crisálidas, para evitarem os mosquitos.

Kaweka ouvira as explicações do homem, um negro que fora escravo numa sapataria de Matanzas, e teve de serenar o entusiasmo dos seus.

— Estarão fracos e doentes, mas têm boas armas, e, quando derem o sinal de alarme, os dos outros acampamentos virão em defesa deles. Efetuaremos uma ação rápida, como sempre. Que ninguém se distraia.

Esperaram que caísse a noite e que só o zumbido dos mosquitos quebrasse o silêncio dos lamaçais. Nesse momento, Kaweka verificou que os observadores que se tinham adiantado se encontravam nos seus postos e deu ordem para avançar.

— *Viva Cuba libre!*

Foi só um sussurro, igual ao som dos pés descalços sobre o ervaçal e a água que o inundava. À luz do luar e de um céu estrelado que teimava em atravessar a humidade que impregnava o ar, dirigiram-se para a cabana, em silêncio, armados com espingardas que, depois do primeiro disparo, substituiriam pelas catanas; Kaweka já empunhava uma. Contornaram a barreira de defesa e ajudaram-se a atravessar uma vala; os cães

descobriram os «poços de lobo»: fossos tapados com ramos e com estacas afiadas no seu interior para espetarem os que lá caíssem. Enquanto rodeava um, em frente do qual um mastim tinha parado, hierático, com a cabeça baixa, farejando e assinalando, Kaweka não pôde deixar de comparar aquelas armadilhas e proteções com as que os negros recém-libertados haviam construído para a defesa de Bayamo, ou com as que ela própria colocara no quilombo.

Os rebeldes tinham perdido a primeira capital da República de Cuba livre; agora era a vez dos espanhóis, pensou, sorrindo. Avançaram obedecendo aos adiantados que controlavam o fortim, cujos soldados conversavam e jogavam às cartas no interior enquanto, de vez em quando, algum deles cumpria a sua missão e examinava com apatia a escuridão para regressar rapidamente à partida. Quando aparecesse aquele soldado negligente, a fumar ou a beber, o adiantado fazia um sinal que o resto da companhia compreendia, e estendiam-se no chão para se confundirem com a lama e a erva alta.

Deixaram para trás o fortim, onde Kaweka posicionou alguns homens, e aproximaram-se da cabana.

O silêncio foi-se quebrando paulatinamente. Primeiro foi o estertor de uma das sentinelas ao ser degolada. O ruído da segunda que caiu despertou da indolência aqueles que vigiavam o fortim. Não havia mais sentinelas numa barreira de defesa que Kaweka e os seus transpuseram com facilidade para se posicionarem em frente do barracão, uma construção retangular de madeira, coberta de palma, aberta aos quatro ventos, em que alguns candeeiros iluminavam uma trama de mais de uma centena de redes penduradas nos pilares que sustentavam a estrutura. Ao seu lado havia outro edifício fechado, o dos oficiais. Como lhes dissera o refém, a maioria das redes estava à vista, encontrando-se ocupadas por um vulto enrolado numa manta. Os negros que serviam os espanhóis, no chão, a seus pés, mantinham-se quietos.

— Quem está aí? — ouviu-se, então, do fortim. — Santo-e-senha! — reclamaram.

Kaweka não gritou. O interior da cabana encontrava-se calmo e ela deleitou-se com a visão: mais de uma centena de brancos defensores da escravidão, desarmados, indefesos. Um dos soldados de guarda, no fortim, nervoso, disparou contra a noite. Vários tiros responderam na sua direção.

Então sim, gritou:

— *Viva Cuba libre!*

Assaltaram a cabana. A maioria dos espanhóis não teve tempo de reagir. Os homens de Kaweka dispararam as suas armas indiscriminadamente contra as redes. Os espanhóis reboavam sobre si tentando soltar-se das mantas e caíam ao chão. Alguns procuravam as suas armas enquanto outros corriam para se esconderem. Depois dos disparos, os negros atiravam-se sobre eles, uivando, com as catanas ao alto. Sabina era das primeiras, enlouquecida, e Kaweka viu-a bater num vulto enrolado na manta que deixou de se mexer à terceira ou quarta catanada.

Entretanto, ela, com três homens, colocou-se à porta da construção destinada aos oficiais, consciente de que dali a poucos instantes apareceriam os comandos.

O primeiro, de peito aberto, com as calças meio apertadas, caiu devido ao disparo na boca com que o recebeu um dos guerrilheiros. O seguinte não teve tempo de reagir e também levou um balázio, ainda que tivesse conseguido voltar a refugiar-se no interior da cabana e fechar a porta.

— Cuidado! — avisou-os Modesto.

Kaweka e os outros voltaram-se para enfrentarem alguns soldados espanhóis que surgiam em defesa dos seus chefes. Ela atacou, com a catana ao alto, empunhada com as duas mãos, e os seus homens seguiram-na. Os espanhóis dispararam. Acertaram na perna de um dos guerrilheiros, enquanto Kaweka e os seus rodopiavam com as catanas rasgando o ar e a carne dos mais próximos.

Os três mastins também saltaram para o pescoço dos espanhóis, aumentando o pânico e a perplexidade.

— Cantem! — gritou então Kaweka. — Cantem, cães filhos da puta! — gritou excitada, atacando com a sua catana, o estalido das folhas de aço lacerando a carne, soando na sua cabeça como o do corte da cana.

Em segundos Kaweka recebeu a ajuda dos seus homens. Ela continuava a lutar, cega, quando Modesto a dominou depois de a agarrar por um braço.

— Vamos embora! — pediu-lhe. — Ordena a retirada. — Os oficiais voltavam a aparecer à porta do seu barracão. — Fá-lo!

— Fora! — reagiu Kaweka. — Fora, fora, fora! — reiterou. — Vamos embora!

Muitos obedeceram-lhe, mas... faltavam homens!

— Vá! — insistiu Modesto.

Os seus homens não estavam. Kaweka procurou Sabina e não a viu. Os espanhóis começaram a reagir ao ataque inesperado, procuravam as suas armas e agrupavam-se. No interior da cabana, entre as redes, ainda se lutava. A guerra de guerrilhas consistia em atacar e retirar-se, tudo à mesma velocidade, mas os homens que a cercavam pareciam hesitar: mantinham-se atentos a umas ordens que os outros não cumpriam, numa posição defensiva, esperando a resposta dos espanhóis.

— Retirar! — gritou Kaweka.

O que fazia o resto dos seus homens, perguntou-se ela, embora a resposta não tardasse a aparecer com clareza. Roubavam! Alguns apareceram carregados com trouxas e objetos. Nesse momento, retiraram-se numa absoluta desordem, correndo para a escuridão, todos a fugirem dos gritos da cabana e da previsível descarga das espingardas nas suas costas, que chegou quando se confundiam com a noite. Os disparos não cessaram, pelo que se arrastaram para terra e continuaram de gatas ou a deslizar sobre a água enlodada, os ilesos ajudando os feridos. Sabiam que os espanhóis não os perseguiriam, que não se arriscariam a que aquela incursão fosse uma armadilha e tivessem de enfrentar um inimigo superior sem a proteção da *trocha*, ainda que tivessem consciência de que, com a chegada do dia, os tentariam apanhar com a

ajuda da cavalaria que patrulhava a chamada *trocha camagüeyana*.

Refugiaram-se no matagal dos extensos mangais que se situavam entre a terra e o mar ao longo da costa sul da ilha, onde o perigo vinha dos insetos e dos crocodilos. Estes últimos seriam um bom alimento se os conseguissem caçar; seria sempre melhor do que as peles de vacas e bois cortadas em pedaços e cozinhadas com algum legume, se houvesse, até se tornarem suficientemente tenras para as puderem mastigar, como em mais de uma ocasião se viram obrigados a fazer devido à fome. Ao longo da história da escravatura em Cuba, muitos quilombolas tinham estabelecido os seus quilombos nos frondosos, exuberantes e intrincados mangais de até mais de quinze metros de altura que rodeavam a maior parte da costa cubana; por essa razão, era um ambiente conhecido, nem que fosse pelas histórias que floreavam os sussurros com que os escravos partilhavam os seus desejos de liberdade nos engenhos.

Voltara a chover torrencialmente quando Kaweka ordenou que parassem. A estação das chuvas estava prestes a terminar e parecia que o céu se queria esvaziar primeiro. Tinha ido perguntando a Modesto enquanto entravam nos mangais, mas este respondia-lhe que não sabia, que não os podia contar na noite, e insistia na urgência em escapar. Kaweka julgara ter visto cair alguns dos seus nesses segundos de indecisão.

Modesto confirmou-lhe no dia seguinte: três homens tinham ficado para trás, mortos ou feridos.

— Tudo isso para roubar... — explodiu Kaweka. — Convoca-os agora mesmo! — ordenou irada.

— Sê compreensiva, Regla. — Kaweka pedira-lhe para não a tratar por esse nome, mas Modesto continuava a fazê-lo, talvez pensando que esse tratamento o diferenciava dos outros: ele conhecera-a antes da guerra, ajudara-a; Kaweka até lhe devia a vida. — Os outros bandos que correm pelas serras são recompensados pelas pilhagens nas vitórias, procuram alimentos e até mulheres para os seus homens. Até o exército faz isso. A

liberdade dos outros escravos da ilha é um objetivo admirável, mas eles podem não a partilhar com a mesma intensidade que tu. Tens de os recompensar, ou abandonar-te-ão; até os espanhóis lhes prometem mais se passarem para as suas fileiras. Esta vida é insuportável até para quem já foi escravo.

Modesto apontou para o precário refúgio construído com palmas sob o qual se abrigavam, o chão alagado, um autêntico lamaçal, a chuva incessante que enfurecia rios e lagoas.

— São livres — objetou Kaweka —, ninguém os açoita, nem os obriga...

— Têm saudades do calor dos seus catres, do *funche* que lhes davam todos os dias, do rum e da aguardente, dos bailes e dos domingos de festa...

— E do chicote?

— E das mulheres!

— Eram escravos!

— Isso já ficou para trás, Regla. Os homens têm de se lembrar do bom e de esquecer as penúrias.

— Não se pode esquecer a escravatura — afirmou rotundamente, sublinhando este pensamento.

— Tudo se esquece, Regla — insistiu Modesto. — Tens de proporcionar dinheiro e distração aos teus homens, e a única maneira é roubando o inimigo. Se não o permitires, se insistires para não o fazerem, podem chegar até a enfrentarem-te a ti.

Apesar das advertências de Modesto, Kaweka reuniu os homens numa clareira, onde se colocaram em círculo à sua volta, todos encharcados. Kaweka empenhou-se nisso com tanto afinco como o que utilizara Modesto para argumentar que não o fizesse. Ela não estava disposta a permitir que nenhum dos seus pusesse em causa a sua liderança.

— Perdemos três dos nossos por desobedecerem às ordens.

Eles, como previra o emancipado, também não estavam dispostos a continuar a prescindir do saque. Pareciam esperar por essa reunião e a

resposta foi taxativa:

— Tu já não dás ordens.

A oposição veio de Gonzalo, flanqueado por Sabina, que segurava um novo *rifle* nas mãos, um *Remington* dos que os espanhóis utilizavam e que certamente o obtivera no ataque à *trocha*.

— Isso terias de ter dito antes de eles morrerem. Talvez não estivessem de acordo contigo. Lembro-vos: Juan...

— Nós conhecíamos-los — interrompeu-a de novo Gonzalo. — Muito melhor do que tu. E os três sabiam o que íamos fazer.

Era um homem grande, forte, de barba espessa. Ao seu lado, Sabina erguia-se como uma deusa entre todos eles: bela, ativa. Vestia uma casaca branca da mesma procedência do *rifle*.

— Eram nossos colegas — acrescentou outro dos homens.

— Todos sabemos que podemos morrer — ouviu-se de entre o grupo.

— O nosso objetivo... — Kaweka tentou retomar o seu discurso.

— O nosso objetivo é enriquecermos antes de os espanhóis ganharem a guerra e nos voltarem a escravizar, ou nos assassinarem diretamente como estão a fazer com aqueles que fazem prisioneiros.

Nesta ocasião, a maior parte dos membros da companhia assentiu, alguns com murmúrios, outros expressando-se aos gritos.

— De que nos serve a liberdade se não a pudermos aproveitar? — perguntou outro.

Ouviram-se novos gritos e insultos.

— Só seremos livres quando o forem todos os nossos! — repetiu mais uma vez Kaweka.

— Deixa — aconselhou-a Modesto ao ouvido. — Não é o momento para isto.

— Já não mandas em nós, Kaweka — sentenciou Gonzalo.

— Porque o dizes tu? — enfrentou-o Kaweka, livrando-se do emancipado.

— Porque o dizemos todos.

Kaweka percorreu o círculo de homens com o olhar. Não se quis deter

em Sabina, embora lhe bastasse um segundo para compreender que acabara de ser quebrado o vínculo que as unia. Modesto avisara-a, e agora perdia a outra filha, mas, tal como acontecera com a primeira, com Yesa, não estava disposta a permitir que essa rutura a distraísse da sua missão. Cada vez eram mais os negros que juntavam as suas vidas àquela longa guerra pela liberdade, e ela já não podia nem sequer considerar traiçoar todos esses espíritos que clamavam à noite pela vitória; essas almas errantes faziam parte da sua própria natureza. Porém, doeu-lhe. O olhar desafiante de Sabina a apoiar o seu homem partiu-lhe o coração, como se lhe arrancassem à força de dentro de si, com uma violência inusitada, vivências, memórias e sentimentos, o amor com que julgara substituir aquele de que não podia usufruir com Yesa. Tentou manter-se firme, não mostrar o seu pesar diante do olhar dos homens. Poucos o esconderam; a grande maioria reforçou com a sua atitude as palavras de Gonzalo.

Kaweka respirou fundo e procurou apoio na deusa. Sabia que não estava, que a deixara sozinha, pressentia isso desde que puseram os pés naquele pântano e tinham entrado nos domínios de Iemanjá: a água. Soubera-a alegre e contente, como ela era, e fora-se embora, fugira dos problemas dos negros para brincar por capricho e aproveitar os seus reinos.

— Terás de ganhar — desafiou-a Gonzalo, enquanto retirava a catana pendurada no cinto.

O guerrilheiro deu um passo em frente.

— Regla... — Modesto interpôs-se entre eles. — Não o faças — rogou-lhe.

— Lutei muito por isto. — A voz de Kaweka soou por cima da tempestade. — Nunca os enganei. Aceitaram vir comigo para lutarem pelos nossos, não para nos tornarmos bandoleiros, como muitos outros.

— Estamos cansados da tua luta — ouviu-se entre o grupo.

— Vamos embora, Regla — insistiu Modesto. — Procuramos outros soldados...

— Julgas que alguém me seguiria se me rendesse? Afasta-te! — ordenou-lhe ela.

— Não podes enfrentar esse homem! — suplicou-lhe ele.

— E não o farei.

A um impercetível gesto da sua catana, os três mastins apareceram do nada e saltaram a tempo sobre o rebelde. Os colegas de Gonzalo demoraram uns instantes a reagir, o suficiente para que os animais os cercassem. Superada a surpresa, tentaram correr com eles à catanada, mas os mastins não afrouxavam. Todos sabiam que não o fariam, que morreriam antes de renunciarem à sua captura. Kaweka viu como Sabina apontava com o seu *rifle*, incapaz de disparar para não ferir o seu amante no lugar daqueles demónios que se enfureciam com ele. As duas mulheres cruzaram os seus olhares e reconheceram-se como inimigas.

— Pronto! — ordenou então Kaweka. Dois dos cães retiraram-se, a coxear, arrastando-se, feridos de morte; o terceiro abriu a boca, mas foi incapaz de se mexer. — Vê o que podes fazer por ele — indicou a Modesto, ambos com o olhar posto em Gonzalo, que se contorcia no chão, a sangrar: parte do seu rosto fora completamente arrancada. — Depois partiremos à procura do exército cubano, como propuseste.

Ordenou que se sacrificassem os mastins.

— Podemos salvar um cão — comunicou-lhe um dos homens ao fim de algum tempo.

Kaweka negou com a cabeça.

— Deviam ter-me desobedecido. Atacaram um negro — sentenciou.

Kaweka e Modesto abandonaram o pântano à frente dos vinte e um homens que reafirmaram a sua fidelidade a quem os tinha comandado até então. No pântano ficaram Sabina, um Gonzalo cuja vida dependia da sorte e alguns rebeldes que não o quiseram abandonar.

Kaweka tentara recompor a sua relação com Sabina. Mandou-a chamar à noite. Modesto ocultou a sua suspeita e obedeceu. Sabina não compareceu e opôs-se à reconciliação. Kaweka insistiu, mas a outra

insistiu na sua teimosia. De manhã, ao partirem, passando diante dos inimigos, Kaweka franziu os lábios ao passar em frente dela. Podia abri-los num sorriso, mas acabou por os comprimir quando a rapariga desviou o olhar. Custou-lhe esquecer o sucedido enquanto Modesto dirigia a coluna para Camagüey para se reunirem com as forças que o general Máximo Gómez congregava nos seus arredores.

— O dominicano — assegurou a Kaweka, referindo-se a Gómez — está a preparar-se para atravessar a *trocha* e invadir o Departamento do Ocidente.

— Não quero voltar a fazer parte de um exército e estar às ordens de oficiais brancos e mulatos ressabiados — avisou-o ela com um tom de voz mais seco do que desejava.

— Isso não vai acontecer — tranquilizou-a o emancipado com um sorriso nos lábios que ela não soube interpretar. — Têm consideração por ti, Kaweka; eu sei, comunicaram-me, já te disse em numerosas ocasiões. Irão respeitar-te.

O Departamento do Ocidente, para onde tanto o governo da república como o general Gómez queriam transferir o conflito, permanecia bastante tranquilo. Os ricos continuavam a aproveitar a prosperidade das colheitas, isolados pela *trocha* e defendidos pelo exército oficial e pelo corpo de cidadãos voluntários. Pelo contrário, o Departamento do Oriente encontrava-se devastado após anos de guerra. Nessa zona da ilha, onde as hostilidades se mantinham, os revolucionários controlavam campos e montes, mas as grandes cidades permaneciam, fortificadas e fiéis, nas mãos dos espanhóis.

Os rebeldes continuavam a receber ajuda do exterior sob a forma de armas, víveres, dinheiro e algumas tropas voluntárias proporcionados pela Junta Cubana de Nova Iorque, formada por exilados ricos que defendiam a independência da ilha, ainda que não tivessem conseguido que a administração dos Estados Unidos se envolvesse na guerra. Os americanos ambicionavam Cuba, mas não estavam dispostos a participar em absoluto no conflito. Antes de se livrarem da sua própria Guerra de

Secessão, propuseram a Espanha a compra da ilha, da mesma forma que tinham adquirido a Florida no início do século ou como acabavam de adquirir o Alasca aos russos, mas Espanha negou-se a desfazer-se da sua colónia mais rentável.

Agora, após anos de contenda, com uma situação aparentemente estagnada, os americanos renunciavam às ambições cubanas. Os refugiados que defendiam a guerra a partir de Nova Iorque, cansados, deixaram de proporcionar recursos financeiros, e, o pior, os próprios rebeldes não se mantinham unidos. Os políticos desconfiavam dos comandos do exército, cada vez mais em mãos de negros, mulatos ou novos-ricos indiferentes à classe social, às características e ao idealismo que inspirara os fazendeiros do Oriente a encabeçarem a rebelião. Os militares, por sua vez, não obedeciam às ordens do governo republicano e, levados pela vaidade e pela soberba nas suas condecorações e galões dourados, perseguiram os seus próprios interesses.

A temporada das chuvas acabava em novembro, e, ao fim de uns dias de marcha, todos agradeceram sair para campo aberto, caminhar debaixo de sol e pisar terra seca. Encontraram-se com os soldados do segundo corpo do exército rebelde ao comando do general Máximo Gómez; os homens de Kaweka aguentaram impacientes as instruções que Modesto lhes dava e, antes até de este terminar, apressaram-se a juntar-se a eles. Chegavam necessitados de relações, conversas, mentiras, álcool, apostas, mulheres, se as encontrassem, e até de brigas. Kaweka e Modesto, por seu lado, seguiram um assistente que os levou à presença de um comandante negro como um tição, provavelmente um boçal trazido de África, tal como eles.

— Dou-te os parabéns pelo ataque à *trocha* — felicitou o oficial em jeito de cumprimento depois de se apresentar como comandante Lino. Não havia mais instalações do que umas tendas de campanha num planalto onde os cavalos do segundo corpo do exército pastavam: uns setecentos, informou-a o militar enquanto deambulavam pelo lugar. — Foi uma ação brilhante — acrescentou.

O homem elogiou a guerrilha empreendida por Kaweka desde que fugira do acampamento de Yarayabo, uma conduta que tanto a ela como aos seus homens lhes fora perdoada quando se distinguiram do simples bandoleirismo que assolava a zona e culminaram nos ataques contra tropas espanholas na serra Maestra. Kaweka escutava. Estavam ali por iniciativa de Modesto, ainda que, pelos vistos, com a explosão festiva dos seus guerrilheiros, não pudesse deixar de lhe dar razão. Em qualquer caso, sentia-se tranquila com aquele comandante que efetivamente a tratava com respeito.

— Irás necessitar de alguma roupa...

Foi mais o rodopiar da mão de Lino em frente dela, a evitar olhar para os seus andrajos, do que as suas palavras. Kaweka observou-o: não se vestia de modo impecável, mas o seu uniforme branco de oficial mambí aparecia em condições aceitáveis. Só os comandos do exército rebelde costumavam ir vestidos de branco. Abaixo deles, as tropas compostas por negros e mulatos que já gozavam de liberdade antes do início da guerra conseguiam manter uma certa uniformidade, mas os escravos alistados à força no exército libertador vestiam-se como podiam, de forma geralmente esfarrapada, até ao ponto de uma grande parte deles utilizar apenas uma simples tanga, ou iam simplesmente nus. Kaweka e Modesto não conseguiram evitar trocar um sorriso quando, ao aproximarem-se do acampamento do general, se cruzaram com uma das sentinelas que montava guarda no caminho. Aquele negro vestia exclusivamente uma casaca branca às risquinhas roubada aos espanhóis, que mantinha aberta à frente exibindo o tórax, ventre, pénis, testículos e pernas. Um *rifle*, uma cartucheira e apenas uma espora atada a um dos seus pés, descalços, completavam a sua indumentária.

Os homens de Kaweka meteram-se com ele; o outro, sério, ordenou que circulassem. Miséria e desembaraço, dois atributos que definiam os novos homens daquela Cuba livre.

Kaweka voltou a sorrir ao lembrar-se dele. O comandante interpretou mal tal reação e apressou-se a esclarecer:

— Como te apresentaste ao comando de um grupo de homens, corresponde-te o posto de cabo ou sargento do exército libertador. É a lei. O general decidiu outorgar-te o de sargento, e deves dar a imagem que lhe corresponde. Quando soube que vinhas... — Kaweka voltou-se e interrogou Modesto, que assentiu confirmando que tinha enviado uma mensagem —, ordenei que te encontrassem roupa, embora não soubesse se... — Lino deteve-se para examinar Kaweka de cima a baixo e depois disse: — Imaginava-te maior.

— Para que é que quero roupa? — perguntou ela.

Mas vestiu-a. Uma casaca e umas calças que deviam ter servido a um homem pequeno, apesar de lhe ficarem grandes; os galões prateados que, em forma de ângulo, estavam cosidos às suas mangas, acima dos cotovelos, não lhe assentavam.

Modesto sorriu ao vê-la sair do lugar onde se vestira.

— Às suas ordens, meu sargento! — brincou, fazendo sentido.

— Também há roupa para ti — anunciou ela depois de ignorar a piada.

O emancipado opôs-se. Vestia-se igual aos outros escravos, pior até, uma vez que rejeitava qualquer dos adornos que os soldados gostavam de exhibir: um colar, alguma pulseira... Não usava armas; em vez disso, transportava um saco com as suas cartas, documentos e utensílios para escrever. Ele não lutava, e um dos seus recursos diante do perigo fora o de vestir aqueles andrajos que o permitiam misturar-se com o ambiente, vulgar, invisível.

Pelo contrário, Kaweka destacou-se com o seu uniforme de sargento e os seus galões prateados quando acompanhou o general Máximo Gómez no seu projeto de atravessar a *trocha* para invadir a zona de Las Villas e levar a guerra para o ocidente da ilha. O militar dividiu as suas forças: empreendeu a invasão ao comando de um exército de quinhentos soldados de cavalaria e setecentos de infantaria, e deixou outras tantas tropas posicionadas para a defesa da região de Camagüey.

Kaweka e os seus guerrilheiros acompanharam o exército com o compromisso do comandante Lino de que, uma vez em Las Villas,

disporiam de independência para atacarem e destruírem engenhos como objetivos prioritários, uma vez que estes financiavam o governo espanhol com os seus impostos.

— É preciso respeitar a vida e os bens dos cubanos afetos à república. São muitos em Las Villas — determinou o comandante na última reunião com Kaweka antes de se encaminharem para a vereda. — Regla... — Lino calou-se uns instantes para conceder maior gravidade às palavras que se seguiram: — Muitos dos nossos perseguem exclusivamente a independência de Espanha. Tu vê-los: as tropas são compostas na sua maioria por homens livres, quer sejam negros, mulatos, brancos, camponeses e artesãos, que, como os primeiros, se juntaram à causa.

Essa, além das desavenças que Kaweka pudesse ter tido com os oficiais brancos, foi uma das razões por que formou o seu próprio grupo de guerrilheiros, todos negros ou mulatos, todos escravos libertados graças à revolução. Porque no exército oficial os escravos continuavam a ser maltratados pelos seus próprios colegas de fileiras, por aqueles brancos, camponeses miseráveis com uma vaca e um pedaço de terra que não dava para alimentar a sua família, que se julgavam superiores, tal como sucedia com os negros e os mulatos que tinham alcançado a liberdade antes do grito de Yara e que, se fosse possível, pretendiam diferenciar-se ainda mais dos da sua raça do que os próprios brancos.

Depois de uns poucos anos de guerra, o ideal do abolicionismo e a necessidade de o promulgar por estritos motivos práticos e políticos acima de fundamentados princípios morais não podiam fazer com que aquele que antes exigira ao negro que não o olhasse nos olhos lho permitisse agora em concórdia e amizade. O racismo continuava a existir no próprio exército libertador, e a discriminação era uma constante para com os negros escravos, incultos, incapazes, sujos, mal-educados, promíscuos e descrentes; seres inferiores.

— O abolicionismo — continuou o comandante Lino, corroborando os sentimentos de Kaweka — foi uma estratégia secundária, uma forma de angariar soldados, sim, mas também de comungar com as grandes

potências, especialmente Inglaterra, França e Estados Unidos, que exigem o final da escravatura. Com a bandeira do abolicionismo, a República de Cuba livre obtém reconhecimento internacional e, com isso, financiamento para a guerra. Compreendes? — insistiu o comandante nesse ponto do seu discurso.

Lino foi incapaz de descortinar o olhar de Kaweka, uma negra baixinha, como o eram as boçais roubadas de África, magra, dura, vestida com um uniforme de sargento que a fazia parecer ridícula. Não deixava de ser a escrava de um engenho, pensou ele naquele momento.

— Compreendo — afirmou ela, embora não tanto pela dissertação do oficial, mas porque Modesto lho explicara em várias ocasiões. — Importam-se muito pouco com os negros.

— Mais ou menos isso — viu-se obrigado a reconhecer o comandante. — Tu e eu, porém, sabemos o que queremos, o que nos move para lutarmos nesta guerra: a nossa gente. — Kaweka sentiu um arrepio na coluna. — O general atacará as cidades e os grandes engenhos bem defendidos; tu e os teus homens têm de se centrar nos mais pequenos, nos difíceis de aceder ou naqueles que ficarem longe do itinerário das nossas forças. Os políticos e os oficiais querem destruir a riqueza de Espanha. Nós queremos libertar os nossos da escravatura!

O arrepio repetiu-se, mais intenso.

— Regla — insistiu o comandante, pondo uma mão sobre o seu ombro e chegando quase a sacudi-la —, alguns não querem ser livres. Ouviram muitas mentiras sobre os rebeldes. Têm medo de nós. Os espanhóis convenceram-nos da tragédia que lhes aconteceria se caíssem nas nossas mãos. Não permitas que se unam aos espanhóis. Deixa que se juntem a ti ou trá-los para as nossas fileiras, mesmo que não queiram. Compreendeste? Mesmo que não queiram.

O exército atravessou a *trocha* ao amanhecer de um dia de janeiro apenas com as baixas de seis soldados, dois cavalos e uma mula. Kaweka e os seus, conhecedores das ações frente aos fortins, colaboraram com a

introdução de feixes nos fossos: rolos imensos de cana que se metiam nas valas até as encherem, permitindo assim a passagem de soldados de infantaria e cavalaria por cima. Os espanhóis não ofereceram muita resistência. Depois, quando se encontraram na zona inimiga, Kaweka despediu-se do comandante Lino.

O general Gómez dirigiu-se para a povoação de Jíbaro, que assolou, algo que, no entanto, não conseguiu com o engenho Mapos, o maior da zona, com uma equipa de mais de trezentos e vinte e cinco escravos e noventa chineses, que foi defendido por uma centena de homens tão bem armados que até dispunham de dois canhões.

Kaweka, guiada por um perito que lhe concederam, um dos muitos habitantes de Las Villas que se juntavam à causa e ao exército rebelde, encaminhou-se para o engenho La Candelaria, de cem hectares de canavial, que tinha entre quarenta e cinquenta escravos.

Kaweka ordenou aos seus homens que esperassem escondidos num palmeiral e ela própria se aproximou para reconhecer o engenho depois de se negar a ser acompanhada por Modesto.

A safra durava há um mês. Ouviu os gritos dos guardas, os estalidos das catanas sobre a cana e os cânticos dos escravos. Há anos que não se aproximava de uma exploração como aquela. Matara muitos inimigos e vira morrer muitos amigos. O sangue e a dor tornaram-se companheiros inseparáveis, mas aquele sol brilhante continuava a iluminar com insolência a injustiça, e o ar, denso, adocicado, envolveu-a até a enjoar. E se Yesa estivesse ali? O estômago apertou-se-lhe e sentiu vontade de vomitar. Durante as suas incursões pelas serras e terras orientais, julgava recordar aquelas cenas, fortalecer-se nelas, vingar-se por elas. Mas não. Aquelas memórias nada tinham que ver com aquela velha que agora, curvada, esfarrapada, esfaimada, arrastava os pés sob o peso de um feixe de cana.

Kaweka, agachada, observou o lento caminhar da escrava até chegar ao carro de bois e depositar a sua mercadoria. Por um momento julgou que a velha olhava para ela e lhe sorria. As lágrimas não lhe permitiram

vê-la regressar, trémula, até à linha de corte.

Madrid, Espanha
Maio de 2018

O artigo publicado por Víctor Prado em *Documento Cero* tornou-se viral. As visitas ao jornal digital multiplicaram-se exponencialmente e a notícia chegou a estar na lista dos dez *trending topics* do Twitter.

— Os Santadoma pagaram-te os estudos?

Lita percebeu uma mudança subtil na atitude de Pablo, como se agora, depois daquele artigo sensacionalista, desse mais crédito às suas pretensões acerca da filiação da mãe.

— Enquanto estive nas freiras, sim. Ainda que fosse pouco dinheiro, porque conseguiram que me dessem uma bolsa por ser pobre. Na universidade aconteceu mais ou menos o mesmo, mas foi a minha mãe que pagou o que a bolsa não cobria, e não os marqueses. — Mantiveram-se uns instantes em silêncio. — Não sou capaz de gerir tudo isto — lamentou-se ela depois de revelar o interesse que o assunto tinha despertado devido ao artigo de Prado.

— Calma — tranquilizou-a ele, ao mesmo tempo que lhe servia um vinho. — Hoje em dia as notícias duram dois dias. O interesse esmorece, a não ser...

— O quê?

— A não ser que essa possível reclamação judicial afetasse a compra do banco e isso se refletisse na bolsa e nos jornais especializados.

— Claro que afetar! — exclamou ela.

Ele respondeu com um esgar. Lita aparecera em sua casa sem avisar, quando a luz do entardecer primaveril se debatia para não se extinguir. Há alguns dias que não se viam, e não suportava mais as tristes conversas por telefone. Pablo continuava com as contas do seu padeiro. «Agora também me atribuíram um cabeleireiro», confessou-lhe numa dessas chamadas. Lita não se atreveu a perguntar se o estabelecimento era de homens ou de mulheres, nem muito menos a brincar com o assunto, e a conversa terminou com um beijo triste, quase obrigado, e um «amo-te» rotineiro, beijos e promessas similares às que lhe conseguiu arrancar quando nessa noite quase o forçou a deitar-se com ela.

— Já não me amas — queixou-se depois de ele alcançar um orgasmo claramente insatisfatório, rápido, ténue, quase silencioso. Pablo demorou a responder, uns segundos que fizeram o coração de Lita apertar.

— Já pensaste se tu me amas a mim?

— Estou aqui.

— Para quê?

— Pois... — pensou nas mil respostas. — Porque te amo! — exclamou. — Porque te adoro!

— Ao Pablo de agora? — surpreendeu-a ele.

Sim, estava deprimido; o sorriso desaparecera dos seus lábios e o encanto abandonara-o. Estavam na cama. Lita tentou abraçá-lo e apoiar o rosto sobre o seu peito, mas ele afastou-se.

— Tenho de trabalhar na tese — desculpou-se ele, levantando-se da cama. — Se me apressar, talvez a possa apresentar antes de me mandarem embora da universidade.

Quando se ia embora, Lita passou pelo escritório de Pablo e beijou-o na cabeça sem permitir que ele se voltasse e deixasse de escrever no computador. A mesa estava cheia de papéis. Lita pegou num deles e num marcador; sobre o que estava escrito, desenhou um pentágono, cinco lados, dois mais três, o primeiro número feminino e o primeiro masculino, tal como lhe explicara Pablo. Cinco: o número do amor e do

casamento.

— Amo o Pablo de antes, o de agora e o que vier — sussurrou-lhe ao ouvido. — Irei amar-te até morrer, aconteça o que acontecer.

Regressou ao apartamento. Sara e Elena dormiam. Antes de se meter na cama, abriu a gaveta da sua mesa de cabeceira e acariciou aquele colar de contas encontrado na secretária do marquês. Porque é que um aristocrata abastado guardava uma bagatela como aquela? Era uma simples peça de bijuteria. Lita tentava adivinhar a história do colar, a importância que teria para que um banqueiro ilustre o escondesse entre os seus pertences, mas, além das suposições esotéricas que escapavam ao seu entendimento, não conseguia imaginar a razão. Dois botões de madrepérola... Em qualquer caso, quando não a queimavam, fazer deslizar as contas entre os seus dedos tranquilizava-a, apaziguava-a. Não era crente; nunca comungara com a submissão e a humildade com que as freiras pretendiam que aceitasse o destino que Deus decidira para uma mulatinha como ela. Depois, a adolescência levou-a a revoltar-se ainda mais contra a devoção hipócrita dos Santadoma, para onde arrastavam a mãe, mas ali estava, à noite, sentada na cama, a passar as contas do colar como se se tratasse de um rosário, à procura de iluminação, de um encontro mágico que, paradoxalmente, quando ocorria, ela rejeitava e negava com mil argumentos.

De manhã, no tardio pequeno-almoço a que agora se podia permitir na companhia das amigas, descobriu que a notícia de *Documento Cero* estava a ser reproduzida em alguns meios digitais. Nesse mesmo dia apareceu num programa de informação de carácter local, e alguns dias depois a marquesa, a ex-modelo italiana que vira declinar o seu *glamour*, respondeu às perguntas de uma jornalista de forma totalmente inadequada, grosseira até. A peça foi emitida numa rádio generalista nacional e num programa de atualidade de um canal importante.

O marquês, porém, aconselhado pelos seus assessores de comunicação, mantinha-se em silêncio. Não saía nenhuma declaração do Banco

Santadoma nem dos americanos. Todos deviam acreditar que o interesse esmorecesse, estratégia que frustrou uma das sobrinhas do banqueiro. Era uma rapariga com cerca de trinta anos, rebelde e boémia, artista incompreendida, uns dias antissistema e outros liberal, na maioria deles indiferente, que se confrontava com uma família que a afastara de qualquer evento íntimo em que a sua presença não fosse estritamente necessária. Porém, o facto de ter sido criada na alta sociedade e de a conhecer bem por dentro proporcionou-lhe um lugar em *talk shows* em algumas emissoras de rádio que dedicavam algumas faixas horárias aos mexericos e ao escárnio daquelas pessoas que alcançavam a fama sem outro mérito que não fosse o de terem partilhado a cama com alguma personagem.

Ariadna García Santadoma, nobre e rica por natureza, com grande altivez, criticava com eloquência, ironia e uma tremenda hostilidade que criava polémica e divertia, ou pelo menos captava a atenção dos ouvintes, todos aqueles novos-ricos, sem classe. O seu tio, o marquês, e também os seus pais, tinham-lhe pedido e advertido para omitir qualquer referência a Concepción, aos escravos e a tudo o que tivesse que ver com Cuba e com o engenho. Ela prometera, claro, mas nenhum dos seus parentes teve em conta que aquela mulher se ensoberbecia ao ouvir-se, que se sentia orgulhosa e se gabava de que ninguém influenciava as suas críticas e opiniões, e, o que era mais importante, que antes de entrar no estúdio de rádio cheirava uma ou duas linhas de coca, para ficar mais engraçada, dizia já com os olhos brilhantes e um sorriso imenso nos lábios.

«Por acaso alguém consegue imaginar quantas das grandes fortunas de Espanha se fundaram na escravatura?» Assim respondeu à primeira pergunta que os seus colegas lhe fizeram a esse respeito, conscientes de que Ariadna necessitava de pouco para extravasar. «Podíamos dedicar programas inteiros a isso!» «E?», mostrou estranheza quando os outros a tentaram recriminar. «Em Cuba houve muitos escravos, e a ilha era espanhola. E muitas famílias aristocráticas que hoje passeiam a sua nobreza pelas ruas de Madrid ou de outras cidades ou povoações

enriqueceram com a escravatura; até a Igreja e membros da família real tiveram engenhos de açúcar onde os escravos eram explorados.»

— E a criada — inquiriu um dos colegas — é bastarda da vossa família?

— A Concepción? — perguntou Ariadna, encolhendo os ombros. — Pois pode ser, porque não? As coisas eram assim. Espanha sempre foi um país de machos tão fogosos como fanfarrões que se esgotam na primeira investida, deixando alguns bastardos atrás de si.

— Conhece a criada?

— A Concepción? Claro. Sempre estive com a família. Veio para Espanha com a mãe e o meu bisavô. A família dela está há décadas connosco.

— Então, descende de escravos vossos?

Ela pensou durante uns segundos.

— Com certeza — acedeu por fim. — A mim não me restam dúvidas. Até ouvi isso uma vez lá em casa. — A emissora ficou num silêncio insólito durante um instante. — Era o normal — acabou por terminar Ariadna.

Depois dessas declarações, o telefone de Lita começou a tocar com insistência. Os Santadoma, incomodados com a publicidade, suspenderam as negociações relacionadas com a indemnização de Lita pelo seu despedimento, embora continuassem sem adotar qualquer medida em relação a Concepción.

E enquanto o marquês gritava desde que entrava no banco até o abandonar, os meios sensacionalistas perseguiam Lita e solicitavam a sua presença. E se ela se sentia assoberbada, era ainda pior com a mãe, a quem os jornalistas assediavam assim que punha um pé na rua, tal como faziam com Lita assim que chegava perto do edifício dos Santadoma. A sua cor tornava-a facilmente reconhecível; lamentava-a nas ocasiões em que precisava de iludir câmaras e jornalistas. Sabia que nesse mesmo dia apareceria nas redes com declarações inventadas. Viu-se obrigada a substituir o telefone da mãe, cujo número parecia ter-se tornado público.

— E se o senhor quiser falar comigo? — perguntou Concepción.

— Mãe!

Decidiram que Concepción não devia sair por uns dias, até as coisas acalmarem. Os cães faziam as suas necessidades na cozinha da casa, como quando dona Pilar era viva, e Zenón, a quem custava manter a discrição que os Santadoma sempre lhe exigiram e que defendia a portaria do assédio dos jornalistas, comprometeu-se a abastecê-la de comida. Lita percebeu no homem um vislumbre de inveja e de ciúmes misturados com o rancor de quem se via obrigado a trabalhar mais do que o habitual.

Um meio de comunicação publicou que tinham despedido Lita do banco. O jornalista inventou o seu currículo, assim como as suas aptidões e os seus estudos, e até os trajes com que comparecia no trabalho. Tanto Marcelo como José, os seus advogados, negaram qualquer responsabilidade naquela informação. Por outro lado, aproveitaram para lhe comunicar que as negociações sobre o seu despedimento continuavam paradas, o que os obrigava a recorrer aos tribunais.

Outros informaram que a mãe não estava registada na segurança social e que não fizera descontos durante anos. Quase que a tratavam como uma imigrante ilegal, sem documentos. Como era possível que soubessem disso? Sim, comentara com algumas pessoas, respondeu a Pablo. «Contigo, por exemplo... Não terás sido tu?!» E com Stewart, apressou-se a acrescentar depois de ele a trespassar com o olhar, de testa franzida, e com Elena e com Sara, e até com o diretor de recursos humanos do banco...

— E, portanto, indiretamente também com a secretária dele — atalhou ele —, que foi quem se ocupou de fazer as verificações; não ia fazê-los o chefe em pessoa. A partir daí ficam também a saber a colega da secretária com que toma o pequeno-almoço e os maridos ou colegas destas. Isto é um mexerico altamente sugestivo: os marqueses não pagam a segurança social da sua criada... Desculpa pelo «criada» — retificou no próprio instante.

A sua viagem a Cuba também apareceu na *internet* e nos jornais digitais, com fotografias a acompanhar. «Um estranho convite do banco», anunciou tendenciosamente um deles depois de conseguir falar com alguém do hotel de Havana.

— Eu pus algumas fotografias nas minhas redes sociais — reconheceu Sara, apontando para uma das fotografias.

— E eu — acrescentou Elena.

— E tu também — lembrou Lita.

Uma nova imagem remexeu nas emoções de Lita. No dia seguinte apareceu nas redes sociais uma fotografia escolar dela, no pátio, encolhida no extremo da primeira fila, a das baixinhas, das três que compunham a turma de meninas de doze anos que pousavam com o uniforme do colégio religioso com que os Santadoma mandavam as suas meninas: saia aos quadrados abaixo do joelho, meias vermelhas que tapavam as pernas e um polo da mesma cor, abotoado até ao pescoço.

— Deste-lhas tu, mãe?

Com o telefone em modo mãos-livres, lançou a sua pergunta enquanto reparava na fotografia. Dava nas vistas entre aquelas vinte e cinco meninas, e não só pela cor, mas também pelo facto de uma das freiras a estar a agarrar no ombro, solícita, ajudando-a a superar a timidez que o seu semblante e até a sua postura refletiam.

Viu-se triste, solitária e desamparada naquele ambiente hostil e cruel para com uma menina pobre e humilde: a filha da criada dos marqueses que vestia roupa emprestada, concluiu Lita, relembrando aqueles dias com alguns choques que torturaram os seus músculos. Não se lembrava de ter feito amigas no colégio, pelo que qualquer uma das meninas pirosas que partilhavam a cena podia ter exposto aquela fotografia. A mãe nem sequer se lembrava dela.

— Nós não comprávamos essas fotografias, querida — respondera-lhe.

Contudo, o assédio da *internet*, dos *blogs* e dos meios sensacionalistas esmoreceu à medida que novos acontecimentos e escândalos se atropelavam nas redações, embora o mesmo não tivesse acontecido com

a imprensa séria, que parecia ter deixado que se diluísse o interesse da multidão para entrar em ação. Os Santadoma, que até então tinham permanecido passivos, viram-se obrigados a reagir quando uma revista de tiragem nacional e de grande repercussão publicou no mesmo número diversas reportagens sobre a família: o seu património, o banco, as suas origens, o engenho La Merced, os seus muitos escândalos encobertos até à data...

«Os Santadoma: os nobres que levam os seus escravos para a sepultura.» Esse foi o título da capa do semanário que, entre motivos egípcios — em referência aos faraós, que eram enterrados com os seus serviçais —, reproduzia em toda página o friso do jazigo dos marqueses que adornava a construção mortuária, como um dominó em cujas peças aparecia uma sucessão de cenas que representavam a atividade dos escravos do engenho açucareiro.

A publicação originou algumas duras críticas por parte de destacados políticos da esquerda radical, que, sob o pretexto da luta de Lita e da sua mãe, aproveitaram para atacar o capitalismo, a nobreza, a monarquia e os ricos, colocando os Santadoma como exemplo da depravação moral e espiritual a que chegara a sociedade de consumo.

O êxito daquela campanha levou a que muitos dos pares do marquês unissem forças a seu favor, embora houvesse quem se afastasse uns passos dos Santadoma em campos de golfe, restaurantes de luxo e clubes exclusivos. Alguns jornais financeiros começaram a fazer eco da situação e do silêncio dos Santadoma, o que obrigou dom Enrique a tomar as rédeas do assunto.

Lita almoçava com a mãe, como fazia quase todos os dias desde que deixara de trabalhar — Pablo não era uma opção, uma vez que se vira arrastado para um estado depressivo incontável com que ela não sabia lidar, por mais que o desejasse fazer —, quando a campanha tocou. Os cães correram a ladrar até à porta. Concepción foi abrir e Lita apurou o ouvido sem grande interesse, pensando nos olhos pesados desse Pablo a

quem desejava ajudar e amar com todas as suas forças.

— Podes vir aqui, filha? — ouviu então.

— O que se passa, mãe?

— O senhor Gil está à porta. Com o Zenón. Diz que vem do banco... despedir-me.

Era de esperar, pensou a jovem.

— O que vamos fazer, filha? — interrogava Concepción a caminho da porta.

— Viver, mãe — quase exclamou Lita.

Já estava na hora de deixar de trabalhar para aquela gente, evitou dizer-lhe. Os cães iam e vinham a ladrar. «Silêncio!», ordenou-lhes Lita. Zenón escondeu o olhar quando chegaram à frente dele, o que supôs um reconhecimento implícito de que tinha avisado o banco da presença da filha no apartamento. O contrário implicava demasiada coincidência. Vinha acompanhado do senhor Gil, o homem de confiança do marquês, o que se ocupava dos seus assuntos privados, desde os seus investimentos particulares na bolsa até à contratação de uma acompanhante noturna, passando pelo controlo das despesas privadas de todos os Santadoma. Conheciam-se do banco.

— Bom dia, María Regla — cumprimentou-a.

— Gil — respondeu ela depois de pigarrear.

— Vamos tornar isto fácil?

Lita pensou. Notava que lhe tremiam as mãos e que em quatro passos a garganta ficara seca e o seu ímpeto mudara para angústia. Discutir não fazia sentido, pelo que assentiu com a cabeça.

— A tua mãe está despedida. — Estendeu-lhe um documento. — Deve assinar. Já sabes que isso não implica concordância, mas simplesmente receção. Depois deve abandonar a casa. Vou ficar para controlar que apenas leva os seus pertences.

— E o que farei agora? — soluçou Concepción. — Lita!

— Mãe...

— E se falarmos com o senhor marquês? Com certeza que nos ouve.

— Mãe!

Lita agarrou a carta de despedimento.

— Se lhe pedirmos perdão, ele vai entender...

Lita acariciou a mãe no braço, tranquilizando-a, tentando que ela reagisse, ainda que as lágrimas já lhe corressem pelo rosto. Seria possível que não se apercebesse da transcendência do que tinham feito? Por acaso pretendia continuar a trabalhar para os Santadoma como se nada tivesse acontecido? Concepción ficou completamente desfeita emocionalmente e revelou-o com lágrimas e uns suspiros sentidos, profundos, que Lita não se lembrava de ter ouvido e que temeu que desencadeassem uma crise nervosa. Podia acabar o mundo, podia incendiar-se Madrid, que, enquanto a mãe dispusesse do refúgio onde se amparara ao longo da vida, nada a afetava. Lita demorara a compreender isso: ela podia especular, arriscar-se, batalhar. Era jovem e estava preparada para isso. A mãe, pelo contrário, vivia de certezas e das âncoras que a ligavam à vida, à rotina, aos costumes e ao decorrer do tempo. De todos eles, o mais importante, depois do vínculo com a sua filha, era o do espaço físico, o do ambiente seguro, que agora acabara de se quebrar. Como é que essa quebra afetaria uma pessoa com mais de sessenta anos sem expectativas?

— Mãe... — suplicou-lhe com a culpa na garganta. Depois dirigiu-se ao senhor Gil: — Entre — indicou, mas o homem não permitiu que Lita fechasse a porta deixando de fora o porteiro.

— O Zenón vem comigo — impôs. — Está bem?

Lita voltou-se para o porteiro e deparou com o seu sorriso triunfal. Gente mesquinha, vulgar, medíocre, que fazia da desgraça do outro o seu êxito, a razão da sua existência.

— Como o senhor quiser — aceitou.

Acompanharam Gil e Zenón até à cozinha e sentaram-se à mesa. Zenón permaneceu em pé, o mais longe possível dos cães; tinham uma aversão recíproca, mesmo quando dona Pilar era viva. Concepción consultou Lita, que assentiu depois de ler, e assinou a receção da carta de despedimento que o homem lhe entregara. Ambas no desemprego,

pensou Lita. E Pablo arrasado moral e profissionalmente, a tratar de recibos e de guias de transporte de padeiros e cabeleireiros. O seu processo por despedimento continuava pendente, sem acordo à vista, e, a não ser a exígua pensão de viuvez da mãe, nenhuma das duas dispunha já de rendimentos regulares. Que mais obstáculos encontrariam naquela guerra que empreenderam? Soube que obstáculos seriam antes de se levantar para ir ao quarto de Concepción para preparar as suas coisas. Gil deteve-as, procurou algo na sua pasta e tirou novos documentos.

— Também te chegarão a ti, ao teu domicílio — anunciou a Lita, colocando as folhas em cima da mesa. — Como ficaste sem trabalho e já não dispões de rendimentos fixos, nem viáveis — acrescentou num tom de escárnio —, a tua solvência diminuiu, pelo que o banco aplicou a cláusula de resolução dos créditos que te haviam sido concedidos e declarou-os todos vencidos. Aqui tens os comprovativos. Tudo o que tinham nas vossas contas, tanto tu como a tua mãe, na qualidade de avalista, foi aplicado no pagamento das tuas dívidas. Mesmo assim, devem bastante dinheiro ao banco, uma quantidade, mais juros e custas, que hoje mesmo foi reclamada por via judicial.

— Filhos da puta! — exclamou por entre dentes Lita.

Ali estava o custo dos seus estudos, do seu mestrado, da sua estadia em Londres e do seu inglês, das necessidades a que tivera de fazer frente: o computador, algum capricho, outros gastos... Tudo a crédito, tudo renovado e voltado a renovar, sem problemas, quase de forma automática.

— Ah! — chamou a sua atenção Gil quando iam para se levantar de novo —, os cartões de crédito também foram cancelados. Aviso-te para que não...

Deixou a frase suspensa depois de exhibir uma expressão de júbilo, de satisfação mórbida partilhada com Zenón, em pé atrás dele.

— Mais alguma coisa? — inquiriu Lita.

Não havia. Lita teve de se controlar e sustar o mundo que se lhes caía em cima para poder abraçar a mãe, para acalmar o que parecia ser o

início de um ataque de pânico, para a consolar quando desatou a chorar, as duas sentadas na cama, à espera de que a tristeza abrandasse para a animar nesse novo desafio. Ela estaria a seu lado. Ajudou-a com a mala no seu quarto; pouco havia para meter nela. Mas a cada passo a mãe voltava a chorar, e Lita debatia-se para não cair também ela no pranto que o seu desespero pedia. Abraçou-a para a convencer a não recorrer ao marquês, dizendo-lhe que não o devia fazer, que ele e os seus eram más pessoas.

— Mas, filha, sempre me trataram bem.

Não compreendia. Podiam pisá-la, e a sua vida continuava a ser aquela casa, a cozinha onde a esperavam Gil e Zenón, a bata e o avental às riscas.

— Aqui sempre te maltrataram, mãe. Deixa que eu tome conta de ti agora. Seremos felizes.

— O que vais fazer comigo? Só vou ser um estorvo.

— Não serás nenhum estorvo, mãe. És tudo o que tenho. Devo-te tudo. Concepción esforçou-se por simular um esboço de sorriso.

— E os cães? — ocorreu-lhe perguntar depois, quando a mala já estava nas mãos de Lita e ela se despedia, com o olhar húmido, de um lugar onde encontrara proteção desde menina. — Fica o senhor com eles? — Gil encolheu os ombros. O porteiro sentiu-se atingido e negou repetidamente. — Quem é que vai tratar deles? — insistiu a mulher, preocupada perante a indolência de ambos.

Gil suspirou. Os advogados do banco que lhe tinham delegado aquela missão não lhe deram instruções acerca dos cães. Consultou o relógio: hora de almoço. Pensou uns instantes e ligou-lhes.

Não responderam à chamada. «Sacanas dos advogados», murmurou por entre dentes. Pensou um pouco mais, olhou para os cães, que naquele momento estavam tranquilos, a um canto, bufou como se não tivesse outra opção e voltou a telefonar. Lita soube o que fazia ao ver como, inconscientemente, se erguia.

— Senhor marquês? Sim, sim... Desculpe... No restaurante?

Desculpe... Lamento, lamento muito, mas preciso de saber o que faço com os cães da dona Pilar.

Até os animais ergueram as orelhas perante os gritos que soaram através do telemóvel. Aqueles cães e o facto de Concepción se dedicar a tratar deles tinham sido um dos maiores motivos de escárnio para dom Enrique, originando duras críticas nos meios de comunicação, comentários mordazes por parte dos seus amigos e todo o tipo de *memes* tão maliciosos e engraçados para os internautas como humilhantes para o nobre. Gil gozou com Concepción afastando o telefone da sua orelha, para que pudesse ouvir os gritos do marquês: «Que os meta no cu! Que...!» Depois a ligação caiu. Inspirou antes de se dirigir a Concepción.

— Já ouviu. Faça o que quiser com os bichos.

— Como!? — exclamou Lita.

— Pois, é isso. E agora fora! — apressou-as Gil. — Tenho de fechar a casa.

— E vão ficar fechados? — insistiu Concepción. — Quem lhes dará de comer? Quem os vai levar a passear? O Zenón?

O porteiro voltou a negar com a cabeça, a rir.

— Levem-nos — propôs-lhes Gil. — Será o melhor para eles.

— Mas não são meus — replicou a mulher.

Aqueles animais tinham preenchido os últimos meses da vida de Concepción, pensou Lita. A mãe gostava de tratar deles. Porque não?

— Feito — cedeu depois de afastar com um movimento de cabeça a possível reação das suas companheiras de casa quando aparecesse com a mãe e dois cães.

— Lita! — queixou-se esta.

— Se tos oferecem...

Gil observou-as a afastarem-se pela rua: a filha com uma mala onde cabia uma vida; a mãe a puxar pelos dois *yorkshires* mal-educados que ninguém da família queria.

— E agora o que faremos? — inquiriu Concepción.

— Vamos para casa.

— Não tenho para onde ir — repetiu a mãe como se não a tivesse ouvido.

— A minha casa é a tua casa — afirmou Lita, e voltou a afastar da mente a reação de Sara e Elena. Eram boas amigas.

— Fizemos mal em brigar com o marquês. — Lita não quis entrar na discussão. — É uma pessoa muito importante. E essas pessoas ganham sempre. A vida é assim.

Procuravam a entrada do metro, a linha que Lita utilizava para ir trabalhar para o banco. Tentou lembrar-se se alguma vez tinha visto passageiros com cães; não sabia se podiam aceder à carruagem com os dois animais. Que as expulsassem se não fosse permitido! Estavam a passar pelo bairro de Salamanca, o mesmo caminho que tantas vezes fizera, quer fosse em direção ao banco ou até casa da mãe... e então viu-o: o *Bentley* azul-marinho do marquês, imponente, estacionado à porta do seu restaurante favorito, como um aviso presunçoso de que o seu dono se encontrava no estabelecimento, pois demorava mais a entrar e a sair do veículo do que a chegar a pé desde o banco.

— Ganham sempre, filha — repetia Concepción.

Passavam à frente da porta de acesso ao estabelecimento, com passadeira, toldo colorido e porteiro disfarçado de lacaio, quando Lita se sentiu flutuar. Conhecia aquela sensação. Hesitou, mas o resplendor daquele carro feria-lhe os olhos. Por outro lado, disse para consigo, já tomara decisões aparentemente erradas.

— O que se passa, filha?

O porteiro aproximava-se delas, as duas paradas no início da passadeira com uma mala velha e os cães.

— É que somos negras, mãe — respondeu, sentindo o deslizar da deusa no seu interior.

— Mulatas, queres dizer — corrigiu-a Concepción.

— Fora daqui! — ordenou-lhes o porteiro.

— Mulatas, sim, porque tu foste branqueada por um Santadoma.

— Filha...

— Disse para se pirarem daqui! — insistiu o do disfarce do século XIX.

— Vamos lá — decidiu Lita, libertando a deusa que parecia brincar no seu interior.

— O que vais fazer? — perguntou Concepción, assustada.

— Não podem passar — opôs-se o porteiro quando as viu a seguirem para a entrada.

— Cala-te! — ordenou Lita com voz rouca, gutural.

O homem sentiu-se atacado, confuso, e elas continuaram o seu caminho.

Era um estabelecimento clássico, bem iluminado: uma grande sala diáfana decorada com mesas e cadeiras faustosas, cheia, a transbordar de personagens da alta sociedade e de executivos de bancos e de multinacionais, os únicos que se podiam dar ao luxo de pagar por uma salada de agrião o preço de uma lagosta.

— Espera aqui, mãe — pediu-lhe junto à porta, onde deixou a mala e pegou nos cães. — Atenção! — disse aos *yorkshires*.

Se a presença daqueles animais já despertara a curiosidade entre os comensais mais próximos da entrada, quanto começaram a ladrar, seguindo as ordens de Lita, interrompendo conversas e irritando a grande maioria dos presentes, a atenção foi completa.

Lita descobriu o marquês sentado a uma mesa redonda para seis, situada num canto um pouco afastado. Todos os lugares estavam ocupados por homens bem-trajados.

Os empregados de mesa e o chefe de sala interrogaram-na: «Ouça...?», mas não se atreveram a meter-se no caminho de uma mulher que irradiava uma aura de poder.

«Senhor marquês?», «Senhor Santadoma?», «Dom Enrique?» Como se lhe devia dirigir-se?, pensou Lita enquanto chegava junto dele. Num instante compreendeu que todos eram tratamentos deferentes, submissos. Lembrou-se da sua reação diante de dona Pilar, quando entrelaçava as mãos no seu regaço numa atitude de recato. Não o tinha relacionado então, mas agora compreendia que a escravatura estendia os seus efeitos

até ela; sentiu como se o espírito de alguma antepassada desconhecida a apertasse, e todos os pelos do seu corpo se eriçaram.

— Santadoma! — vociferou.

Lita dominava o lugar, como se o tivesse enfeitiçado, e soltou as trelas daqueles dois *yorkshires* diminutos, que continuaram a ladrar e a correr entre as pernas de Lita, dos dois empregados de mesa e do próprio marquês, que se levantara da cadeira.

— Venho devolver-te os teus cães — afirmou Lita com uma voz que não era a sua —, mas também advertir-te de que as almas de milhares de negros clamam por vingança contra ti desde os canaviais. — Lita estendeu a mão, mas foi Iemanjá que apontou para ele. O marquês foi incapaz de articular uma palavra; só os seus olhos, avermelhados, coléricos, pareciam vivos. — Eu aviso-te, Santadoma: os teus mortos não descansam em paz porque estão rodeados dos espíritos de escravos que os espancam, insultam e cospem. Essa eternidade é a que te espera a ti e aos teus filhos.

O silêncio era angustiante. Lita contemplou durante uns segundos aquele homem apanhado pela deusa e compreendeu o seu poder, antes de dar a volta para atravessar a sala em direção à saída. Dom Enrique estava paralisado, e os cães ladravam e puxavam pelas trelas que os empregados de mesa aguentavam.

Ali, na porta da sala, onde a deixara, a mãe observava a cena. Mostrava cara de espanto — os olhos tremendamente abertos e as feições contraídas, os ombros encolhidos como se esperasse uma pancada —, mas, à medida que viu a filha aproximar-se, relaxou a expressão e acabou por mostrar um sorriso com o qual lhe declarou o seu apoio. Nesse momento, Lita reconheceu nela a negra, a escrava reivindicada.

— Filha... — disse-lhe Concepción já na rua. Lita continuou a andar em silêncio, a tensão ainda agarrada aos seus músculos, as mãos trémulas. Virou a cabeça e interrogou a mãe com o olhar. — Em sessenta anos de vida nunca o tinha visto — disse como se pretendesse recordar todas as suas experiências nesse mesmo instante. — Nunca ninguém

tinha gritado ao senhor marquês! — acrescentou com admiração.

Uns passos mais à frente ouviram as patinhas dos *yorkshires* que iam atrás delas, com as trelas soltas a arrastar pelo chão.

Estava um dia lindo em Madrid.

A pressão mediática sobre a família Santadoma continuou a aumentar graças à traidora participante de tertúlias, e estendeu-se aos filhos e aos sobrinhos do marquês, alguns deles presas fáceis para jornalistas e *bloggers* através do seguimento das suas redes sociais. Jovens elegantes e ricos que tinham revelado ao mundo a sua vida caprichosa e deixado atrás de si um rasto de escândalos em que não foi difícil esgravatar. Os profissionais procuraram amigos ressentidos, ou simplesmente invejosos, que, pública ou discretamente, contaram episódios e acontecimentos libertinos, imorais ou desenfreados. Excessos aviltantes para um público que estava a viver as consequências de uma crise económica e social que o levava para as filas do desemprego ou para as cantinas sociais. Algumas histórias eram falsas, tanto fazia; e outras, por mais audazes que parecessem, nem sequer se aproximavam da verdade de uns hábitos, em certas ocasiões, imorais ou devassos.

Entre aquele acervo mediático, o vídeo em que os *yorkshires* ladravam e corriam por um dos restaurantes mais famosos de Madrid demorou pouco a tornar-se viral entre os conhecidos dos Santadoma, graças à celeridade e à destreza de algum dos comensais. Talvez tivesse sido uma simples oportunidade: alguém que imortalizava como lhe preparavam um tártaro ou lhe flambeavam uns crepes com *Cointreau* e apenas teve de desviar a câmara. A verdade é que o vídeo continha as imagens a partir do momento em que os cães tinham começado a ladrar, com Lita a passear pelo interior do restaurante importunada pelos empregados de mesa, até o abandonar com a sua mãe. Aquele que provavelmente se teria limitado a gabar-se nas suas redes sociais de um almoço requintado e invejável divertia-se agora a publicar a história de dois cãesinhos raivosos que acompanhavam as ameaças sombrias de uma mulata para

com um dos homens mais ricos e importantes de Madrid.

— Não parece a técnica mais idónea para resolver os teus problemas com o marquês — comentou Sara depois de visualizar mais uma vez o vídeo.

Lita não respondeu. Procurava respostas às suas próprias perguntas: a que propósito vinha aquele discurso acerca dos escravos dos canaviais? E das almas dos mortos! Sabia que essas palavras não surgiram dela, mas sim da deusa da ermida de Regla, mas elas reclamavam a paternidade de Concepción, a sua herança, o que lhe correspondia por lei. Era muito provável que algum ancestral seu tivesse sido escravo, propriedade dos Santadoma, mas aquela não era a sua guerra. Ou será que era? O que pretendia Iemanjá? Porque o vídeo podia ser divertido, interessante, mas não transmitia a sensação de poder que invadira Lita, nem a comunhão com o passado, nem, por último, o feitiço que detivera o marquês: as mãos crispadas, os dedos apertados, a sua ira silenciada. Lita percebeu-o, mágico em todos os casos; uma força que acabou por colocar na sua boca a dos escravos e dos seus espíritos vingativos. Mais tarde, no seu quarto, a experiência levou-a a procurar respostas no colar que guardava na gaveta da sua mesa de cabeceira. Porém, em vez disso, encontrou desassossego. As contas gritavam, ardiam nas suas mãos, queriam-lhe falar enquanto ela as segurava, atónita, indecisa, a lutar para manter o domínio sobre si. Adotara o colar como se fosse um talismã, mas, quando este libertava a sua magia, assustava-se.

— Eu tive medo.

A voz da mãe colou-se aos pensamentos da jovem. Por um momento vacilou: teria também ela medo? Sentia temor diante do colar? Os sorrisos das suas amigas, porém, acabaram por a transportar para a realidade. Já tinham passado dois dias.

— Sim, isso vê-se no vídeo, Concepción — comentou Sara —, a senhora está encolhida, assustada.

A mulher estava a limpar por cima de umas estantes.

— Aí pode encontrar qualquer coisa — avisara Elena quando as três a

observaram a subir para uma cadeira. Nenhuma se recordava de um dia ter limpado aquela parte.

— Tem cuidado, mãe.

— Sim, atenção, Concepción — acrescentou Sara —, estou convencida de que aí se esconde algum monstro...

Lita respirou fundo aquele ambiente. Sara e Elena acolheram-nas como se fossem da sua família. Com os cães torceram o nariz, mas ela prometeu-lhes que não iriam incomodar. Ordenou aos animais que ficassem num canto, e dali não saíram, mantendo-se em silêncio. Concepción, por seu lado, esmerou-se nas tarefas domésticas.

— Mas o que é que eu vou fazer? — perguntou a mulher depois de tanto Sara como Elena insistirem em que não o fizesse, que não era necessário, que a acolhiam sem condições, que gostavam dela, que....

Lita encolheu os ombros quando as outras duas procuraram o seu apoio. «Deixem-na», indicou-lhes com um gesto de rendição. E desde então Concepción cozinhava, e mandava-as embora quando a queriam ajudar. «Pois amanhã faremos nós a comida», advertiam-na. Concepción pretendia limpar a casa e lavar e estender e passar a ferro... e ocupar-se de tudo, o que implicava uma espécie de competição simpática entre aquelas quatro mulheres para se adiantarem umas às outras, um jogo que as jovens costumavam perder, nem que fosse porque Concepción não tinha problemas em madrugar, por mais que as tivesse acompanhado na noite anterior diante da televisão.

Lita, a mãe e os dois cães partilhavam o quarto; a mãe dormia na cama e Lita num divã dobrável que os vizinhos da frente lhes tinham emprestado, um casal *gay* que aproveitou a oportunidade para bisbilhotar acerca das pretensões de Lita, para conhecer a sua mãe, a filha do machista que forçou uma criada ingénua, e para a incentivarem a persistir na sua batalha contra a injustiça. Depois ofereceram-se para cuidar daqueles dois cães tão engraçados que pareciam não querer soltar dos braços. «Quando quiserem que tratemos deles, sem compromisso, ficaremos muitos felizes», repetiram, prolongando a sua despedida.

A realidade, porém, e independentemente de espetáculos e mexericos, era que Lita e Concepción não tinham dinheiro, nem um cêntimo. A jovem culpou-se pela sua passividade quando teve hipótese de mudar de banco. Tentou e deparou com a realidade de que não era assim tão fácil abrir uma conta-corrente. Papéis e mais papéis, um recibo de ordenado que já não tinha. Sim, tinham acabado de a despedir, admitiu. O administrativo que a atendia torceu o nariz perante a sua confissão e a partir desse momento mostrou-se indolente. Traria o recibo da mãe, disse ela. Em que trabalhava? Lita suspirou. E entre umas coisas e outras, os problemas, os jornalistas, os recibos que devia mudar, as mil papeladas e um Pablo cada vez mais distante, os do Banco Santadoma adiantaram-se e confiscaram-lhes todo o dinheiro.

Agora nem sequer a sua mãe tinha ordenado, nem reforma, apenas uma pensão de pouco mais de duzentos euros que, para já, ainda estava domiciliada no banco do marquês. Estava nas mãos das amigas.

— Pois — ironizou Elena ao aperceber-se da situação precária de Lita, tentando aligeirar o peso de uma realidade difícil —, o que tu queres é livrar-te de nós e assim, quando fores rica, não terás de pensar nas tuas antigas amigas.

— Achas que vamos deixar que te vás embora? — interrompeu-a Sara. — Agora?! Nós não vamos perder esta telenovela, mesmo que nos arruinemos a manter-te a ti, à tua mãe e aos teus cães.

Lita teve de pigarrear algumas vezes para conseguir pronunciar umas palavras de agradecimento, que as outras interromperam taxativamente com teatralidade, um longo abraço, sussurros de ânimo e uma ou outra lágrima.

Lita quase não conseguira conciliar o sono; por essa razão não estava muito recetiva quando o seu telemóvel tocou enquanto tomava o pequeno-almoço.

— Não vais atender? — interrogou-a Sara.

As amigas juntavam-se à volta da mesa da cozinha, as três

despenteadas, sonolentas, vestidas com as camisolas velhas com que dormiam. Concepción voltara a adiantar-se e já estava na rua, a fazer compras. Lita negou-se a atender o telefone, fazendo no ar um gesto de cansaço com uma mão.

— Atende que a chamada é da Suíça — comentou Elena, olhando para o ecrã. — Deve ser importante. Está sim? — respondeu para desespero de Lita, que, não obstante, permaneceu atenta aos murmúrios e expressões da amiga. — Diz que é do Alto-Comissariado da ONU, ou alguma coisa assim — acabou por anunciar ao mesmo tempo que lhe estendia o aparelho com um gesto solene.

— Regla Blasco?

Lita moveu a cabeça para despertar. Pigarreou e respondeu:

— Sim. É... a própria.

— Bom dia. Chamo-me Noemí Vit e estou a telefonar de Genebra, da sede dos escritórios do Alto-Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas...

Ao longo de uma extensa conversa, Vit comentou com Lita que se estava a celebrar a Década Internacional para os Afrodescendentes, um programa das Nações Unidas que começara a ser desenvolvido em 2015 e que, portanto, se estenderia até 2024, cujo objetivo era conseguir a igualdade das vítimas, em especial a dos afrodescendentes dos escravos da época colonial, como a vivida em Cuba.

Lita nunca ouvira falar disso.

— Vocês são afrodescendentes — frisou Sara quando a outra já tinha desligado.

Ela assentiu.

— E o que é que fazem os da ONU?

— Em termos muito gerais, disse que se dedicam a defender os direitos dos descendentes dos escravos, a procurar reparações morais, jurídicas e até económicas para os afrodescendentes. Sugeriu-me que visse na *internet*.

Abriram um dos portáteis, mesmo ali, ao lado da máquina de café.

Entraram no *site* das Nações Unidas e navegaram até à página que tratava da Década Internacional, que as levou até à Conferência de Durban e à Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Conexa. A documentação era exaustiva. As declarações de boa vontade, tão profusas quanto palavrosas. Os objetivos, imensamente genéricos. Mas os requerimentos aos países para cumprirem e executarem o tratado mantinham-se constantes. Leram parágrafos aleatórios. As Nações Unidas pretendiam defender e até compensar os descendentes dos escravos que viveram a diáspora africana. Indemnizar os seus países de origem e até a eles pessoalmente. Procuravam a igualdade e a justiça; combater o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância, e aspiravam a conseguir uma verdadeira igualdade de oportunidades e de tratamento para todos os indivíduos e povos.

— Escutem o que está aqui! — Lita leu uma das declarações: — «Depois da abolição da escravatura, a segregação racial, as políticas de branqueamento e outras formas de discriminação institucionalizada contra as pessoas de ascendência africana preservaram as hierarquias raciais criadas pela escravatura.»

— Isso foi o que sucedeu em Cuba — disse Elena.

— Como a tua mãe e todas as suas ascendentes que, simplesmente, passaram de escravas dos marqueses a suas criadas.

— E continuaram a explorá-las sexualmente.

— À minha mãe?

— Não é preciso ser mulata e criada para se aproveitarem de uma mulher — lamentou Sara.

Pela primeira vez na sua vida, Lita considerou a possibilidade de a sua mãe ter sido objeto de abusos sexuais por parte dos Santadoma. Também foi jovem, teve de se lembrar, e atraente, com certeza. Lita relembrou aquelas fotografias, que nunca tinha visto sob essa perspetiva. Todos sustentavam que a sua avó Margarita fora uma beleza. Concepción

manteve parte desse encanto, que lhe passou a ela. Nos seus bons momentos, Pablo tentava salientar uma beleza que ela, crítica ao menor defeito que pudesse encontrar no seu corpo, em certas ocasiões questionava. Sara e Elena também o faziam quando entrava nessas recorrentes e inexplicáveis depressões de um dia, de uma manhã ou apenas de uns minutos em que não se sentia bonita, talvez simplesmente porque não tivesse dormido bem e o seu rosto refletisse o cansaço, ainda que as suas amigas não insistissem com tanto afinco como Pablo e às vezes se esquecessem do objetivo — consolá-la acariciando-lhe os ouvidos — e acabassem com algum tópico desses que se supõe que saciem uma autoestima ferida, nem que fosse momentaneamente.

A vingança era tremenda quando alguma delas caía num abismo similar, uma coisa que chegava de maneira inevitável: «Não te preocupes, as pessoas fixam-se no teu sorriso», argumentara Lita, como se não tivesse pensado nisso, um dia em que Sara se queixou do tamanho do seu rabo e das suas coxas, roliços até para o observador mais indulgente. Ela, por seu lado, mostrava-se segura do seu próprio corpo, das suas curvas proporcionais e até da sua cor exótica.

Agora observava a mãe; despira-a do avental e da bata às riscas que teimava em continuar a utilizar e que Lita sempre considerara um estigma do seu trabalho, e voltava a ver nela os vestígios dessa beleza selvagem, que de forma natural as negras eram obrigadas a ostentar numa sociedade branca.

Ter-lhe-ia causado problemas na sua juventude?

— Para onde é que estás a olhar?

A queixa de Concepción, repentina, carinhosa, impediu que o estômago se lhe apertasse. Afastou da mente a incerteza desses possíveis abusos e olhou para ela de um outro prisma, que descobrira depois da leitura dos documentos das Nações Unidas. Era verdade. Vit tinha-lhe revelado: a sua mãe era um dos mais claros exemplos das consequências do colonialismo. Concepción vira-se privada de educação, de acesso à cultura, inclusivamente de liberdade, num perverso prolongamento dessa

escravatura formalmente abolida. Agora reclamava o que lhe pertencia. Vit tivera conhecimento disso. A causa de Concepción, dissera a Lita, ultrapassara a fronteira do seu contexto e entroncara-se nas reivindicações de uma civilização inteira e com uma luta histórica a nível mundial, como o demonstrava a criação da década dedicada aos afrodescendentes.

Concepción tinha direito a uma indemnização devido à violação flagrante dos seus direitos, e o Estado espanhol, como participante da Conferência de Durban, e sobretudo como país colonizador beneficiário da escravatura e responsável pelos danos causados aos escravos e aos seus descendentes, devia-lhes proporcionar os meios jurídicos e os recursos suficientes para obterem o que lhes pertencia e gozarem da mesma situação em que os brancos causadores da situação viviam.

«As dívidas históricas são um problema do nosso passado e do nosso presente», mencionava um dos muitos documentos da ONU. Na Declaração de Durban afirmava-se claramente que a escravatura transatlântica e o colonialismo continuavam a ser duas das causas profundas do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e da intolerância conexas contra os africanos e os afrodescendentes, as pessoas de origem asiática e os povos indígenas.

— O problema é que Espanha não cumpre — afirmara Vit depois de lhe citar essa conclusão da cimeira africana. — Não adotou nenhuma das medidas estabelecidas em Durban. Gostava de utilizar... não, não seria exatamente «utilizar», mas sim aproveitar o processo da sua mãe para dar a conhecer em Espanha o trabalho em defesa dos afrodescendentes, e ao mesmo tempo pressionar o seu governo para respeitar o tratado.

Vit ofereceu-lhe a ajuda do seu gabinete e a das associações que podia convencer, e, ainda que fosse pouco concreta, Lita julgou oportuno falar disso à mãe:

— Mãe. — Concepción deixou o que estava a fazer. — Telefonaram-me das Nações Unidas para nos oferecer... Diz-me uma coisa — disse, mudando de assunto de repente. — Alguma vez se aproveitaram de ti por

seres mulata? Alguma vez te forçaram?

Não conseguira reprimir a sua inquietação, a sua ânsia em saber. Concepción voltou-se, surpreendida com a pergunta; o seu movimento foi tão brusco que até os cães, que dormitavam no seu canto, levantaram a cabeça.

— Porquê? — perguntou Concepción, interpretando mal o interesse da filha. — Aconteceu-te alguma coisa?!

— Não — respondeu Lita. — Não, não. Era só uma pergunta.

— E a que propósito vem isso? — interrompeu-a Concepción. A filha suspirou. — Não, Regla — disse a mãe. — Nunca se aproveitaram de mim.

A resposta satisfazia-a? Parecera-lhe excessivamente rápida, seca, defensiva. Mas talvez estivesse a levar a desconfiança até a uns limites insuspeitos. A mãe não lhe deu a oportunidade de continuar a pensar:

— O que me estavas a contar?

Lita olhou para ela antes de lhe responder. Sim, a mãe fora uma mulher bonita.

— Estava a dizer-te que me telefonaram...

Cuba
Janeiro de 1875
Departamento do Ocidente

O engenho La Candelaria caiu na própria noite em que Kaweka chorou os passos da idosa que arrastava os feixes de cana. Os gritos dos capatazes, os cânticos dos escravos e o barulho de máquinas, animais e carroças típicas da época de safra ocultaram a dispersão prevista pela sargento: uns homens para os barracões; outros para o moinho e para a casa das caldeiras. Ela, Modesto e os dois melhores atiradores de que dispunham deslizaram até uma torre de vigia, no centro do engenho, onde ficava o sino que marcava a rotina diária dos escravos, mas que também servia para dar o alarme e avisar as plantações vizinhas em caso de incêndio ou sublevações. Anuladas as duas sentinelas, Kaweka, com Modesto a seu lado, contemplou o engenho do alto do campanário. A oriente, do outro lado da *trocha*, guerreara à volta de engenhos e de pastos já incendiados como consequência da corrida destrutiva empreendida nessa zona da ilha. Agora não. A seus pés representava-se com nitidez grande parte da sua vida: os escravos, os bois, os capatazes, a cana, o açúcar... Erguida por trás da grade do campanário, Kaweka perdeu-se no devir do engenho.

— Vão descobrir-nos — chamou-lhe à atenção Modesto.

Ela não fez caso. Ofereceu o colar ao céu e gritou:

— *Viva Cuba libre!*

Em La Candelaria libertaram quarenta e sete escravos, entre eles a idosa que tinha feito Kaweka chorar no dia anterior e que esta encontrou extasiada, a contemplar as chamas que devoravam o engenho. Kaweka permitiu que os seus homens castigassem o maioral e saqueassem a herdade, tanto as instalações como a casa principal. Os amos estavam ausentes, refugiados em grandes cidades como Havana, talvez alojados no luxuoso Hotel Inglaterra, perto do teatro Tacón, que, apesar da guerra, continuava com as representações.

Na realidade, a região do Ocidente continuava com a sua vida de luxo e riqueza, alheia a uma guerra que levava à miséria milhares de homens. Se as dezassete joalharias e os estabelecimentos de artigos de luxo de Havana anunciavam, para deleite dos seus clientes, que continuavam a receber regularmente mercadorias de Paris, com um oceano pelo meio, na região de Las Villas, a escassos quinhentos quilómetros da capital, Kaweka tinha sérias dificuldades em alimentar a sua gente.

A sargento teve de estabelecer um acampamento estável, ao contrário do que fizera até então, sempre protegida pelos bosques, pela densa floresta ou pelos lamaçais. Na realidade, fora obrigada a procurar a proteção de um lugar seguro, porque os trinta e dois, antes ágeis e eficazes, se tinham multiplicado por muito mais de dez de acordo com o livro que lhes entregara o comandante Lino, onde Modesto inscrevia os libertados.

— Como te chamas? — perguntava-lhes.

— Justino Peláez.

Idade? Marcas? Procedência? Família?

— Justino Peláez: és livre — sentenciava depois de escrever na folha.

Podiam ter desfilado mais de uma dezena, ou de duas dezenas de homens e mulheres, ou talvez três, as que fossem, que, sempre que Modesto quebrava com solenidade as correntes que uniam um deles à escravatura, Kaweka sentia um arrepio a que se seguia uma visão da

eternidade: infinita, limpa, acolhedora.

Inevitavelmente, a sargento permanecia de pé atrás da mesa grosseira onde se sentava Modesto com o seu livro e os seus utensílios de escrita. Alguns dos homens que desfilavam em frente dela ainda aparentavam medo, incapazes de assumirem esse novo destino; outros faziam-no com altivez, com os seus espíritos já contagiados pela audácia e pelo desembaraço que viam nos primeiros trinta e dois. Muitos sorriam-lhe e depois aproximavam-se para lhe mostrarem agradecimento ou submissão, como se a tivessem substituído pelos seus antigos amos.

— Não — opunha-se ela.

E o novo recruta segurava-lhe a mão, acariciava-a e até tentava pôr-se de joelhos para receber a sua bênção, mas Kaweka obrigava-o a levantar-se.

— Não, não, não — repetia quando lhe ofereciam uma pulseira de osso, uma peça de fruta ou tabaco...

E, constrangida, tentava rejeitar essa imensa gratidão que lhe professavam através de palavras que ninguém lhe ensinara a utilizar. Kaweka perguntava-lhes a todos por Yesa. Percebeu que queriam agradá-la, mas as respostas confundiam-na. «Viste-a?» «Ah! Mas é uma mulher?», contradizia-se o homem que afirmava ter visto a sua filha. «Era velha», afirmava outra. «Sim, uma mulata linda.» Apesar disso, insistia e, independentemente da futilidade das suas informações, após cada conversa, Kaweka comungava com a sua deusa. Promovera a fuga de escravos de La Merced, pensou, lembrando-se de Mauricio com carinho. Depois, tentara-o no quilombo da serra do Rosario até a terem proibido; ela fraquejara e Iemanjá tivera de a lembrar de qual era o seu caminho atacando a sua filha com a doença. Com a guerra, foi o próprio governo da República de Cuba livre que determinou a liberdade dos escravos do Oriente, e Kaweka limitava-se a acolhê-los.

Agora era ela que assaltava os engenhos, lutava, saqueava, destruía e libertava os escravos nos acampamentos que o general Gómez estabelecera entre o rio Jatibonico e a povoação de Ciego, de onde dirigia

as ações bélicas para o Ocidente e onde compareciam as tropas para se restabelecerem depois dos confrontos. Ali, Kaweka inscrevia-os no livro de Modesto e concedia-lhes a liberdade. Ela, juntamente com os seus homens, também descansava antes de regressarem à zona de conflito com a mira posta nalgum novo engenho. Muitos dos escravos libertados desejavam juntar-se à sua companhia. Modesto escolhia os fortes, os audazes, os capazes de lutar com uma catana; o resto dos homens ficava à disposição dos oficiais do exército oficial, e as mulheres, as crianças e os velhos iam configurando uma comunidade semelhante aos quilombos dos quilombolas.

Kaweka regressava ao acampamento junto do rio Jatibonico à frente de novos libertos, carregados de utensílios e alimentos, com uma carroça puxada por bois e, geralmente, com algum cavalo propriedade dos maioraes ou dos amos do engenho atacado.

O exército mambí vangloriava-se de uma cavalaria heroica, temerária, em certas ocasiões suicida, aterradora, que investia contra o inimigo num galope intenso ao grito de «*Viva Cuba libre!*», com as catanas a girarem sobre as suas cabeças, mas no grupo de Kaweka ninguém era capaz de se manter numa marcha a um ritmo rápido em cima de um desses animais.

Os do exército ordenaram-lhe que entregasse os cavalos. Modesto negociou para que lhes permitissem dispor do resto do saque a seu arbítrio, e conseguiu. Kaweka era respeitada; por essa razão o acampamento da sargento negra tornou-se uma espécie de enclave independente dentro da organização do exército rebelde.

— Brilharão também para os nossos inimigos? — perguntou Kaweka numa noite, deitada junto de Modesto sob um céu onde as estrelas pareciam lutar por um lugar.

— Não — respondeu o emancipado depois de pensar uns instantes.

— Porque é que não será igual para os espanhóis?

— Porque nunca verão nas estrelas a dor e o sangue de um povo, de uma raça. Eles olham para elas com soberba, com altivez, convencidos de que o seu deus as pôs onde estão para os satisfazer.

Kaweka manteve-se em silêncio, com os olhos abertos diante do espetáculo. Acabavam de fazer amor, com delicadeza, reinventando-se numa ternura que, com a chegada do dia e da guerra, se desvaneceria. Então, voltariam a sofrer um pelo outro: ele, pela ousadia da sargento que encabeçava todos os ataques, expondo-se na primeira linha; ela, pela segurança do emancipado, que os seguia e que em certas ocasiões, mais do que aquelas que desejava, ficava desamparado, esquecido pelos homens. Mas agora encontravam-se sob umas estrelas que Modesto a convencera de que eram suas.

Desde que reconciliaram os seus corpos sob a tempestade, os tambores no interior de Kaweka soavam como batimentos surdos e profundos que ecoavam nas suas entranhas, uns instantes que se alongavam agradavelmente, como se a voragem que ouviam de outros casais quando descansavam no acampamento se tivesse transformado neles em harmonia, numa relação cuja urgência se desvaneceu perante a tranquilidade de um céu estrelado.

A noite no monte era linda. Diariamente, Kaweka prestava homenagem aos deuses, como Eluma lhe ensinara a fazer, e rezava pelos seus. Agora o monte dormia: as ervas, as plantas, as árvores, os negros, todos protegidos pelos mesmos astros que acariciavam África e sob os quais Modesto acabara de lhe jurar o seu amor. Kaweka satisfazia-se com as atenções do emancipado e entregava-se a um prazer que julgara banido, mas não se atrevia a sonhar. A ideia de alcançar a felicidade com Modesto era afugentada sem contemplações; parecia existir uma multidão que reclamava por ela, pela sua entrega absoluta. A deusa, as almas dos escravos mortos, mamã Ambrosia, Eluma, Yesa... Como podia distrair-se com namoricos?

— Tudo mudou — comentou. Modesto esperou que se explicasse, embora soubesse bem quais iam ser as suas queixas. — Antes íamos de um lado para o outro, a lutar. Atacávamos companhias mais numerosas e fugíamos rapidamente. Procurávamos comida e, se não a encontrássemos, passávamos fome, três, quatro dias. Agora somos nós

que nos tornamos soldados lentos e pesados. Temos de ir cada vez mais longe para encontrarmos um engenho que não tenha sido abandonado ou destruído por outros destacamentos, e depois temos de escapar a puxar por homens, animais e objetos, expostos ao inimigo, uma coisa que evitamos sempre. Assusta-me o amanhecer.

A sua angústia era justificada. O exército rebelde oficial de Máximo Gómez não encontrara excessiva oposição numa região fronteiriça como a de Las Villas, que se encontrava num estado de abandono por parte das forças espanholas. Tinham enviado da metrópole cerca de dezoito mil soldados de reforço para enfrentarem o conflito cubano, um contingente humano que, no entanto, não chegou acompanhado dos recursos militares e financeiros necessários. Os homens não recebiam o soldo há mais de um ano; a comida escasseava, e as doenças tropicais aumentavam num exército que não podia recorrer aos hospitais, já em colapso, pelo que a mortalidade no exército espanhol crescia para cinquenta por cento nos feridos e doentes.

Essas eram as circunstâncias que os grandes enfrentavam: generais contra generais, exércitos contra exércitos. Os destacamentos de guerrilheiros como o de Kaweka participavam numa contenda diferente, porque os fazendeiros da região, sem a proteção de Havana, levantavam às suas custas companhias de voluntários compostas por crioulos, delinquentes, presidiários e *mambises* traidores, que assumiam a guerrilha como tática bélica, conheciam a zona, eram imunes às doenças que assolavam os soldados levados da Península e faziam gala numa violência extrema incitada pelos anos decorridos de conflito.

Foram as crianças, sempre a brincarem longe do acampamento de Jatibonico, que correram para anunciar o regresso do destacamento de Kaweka. Eram apenas três homens, exaustos, um deles ligeiramente ferido, que nem sequer foram capazes de chegar a acordo para explicarem o que sucedera. Diziam que tinham deparado com uma companhia de voluntários a cavalo, mas a partir do primeiro disparo as

suas versões divergiam, embora, tal como no princípio, os três tivessem ajustado a sua história no que se referia ao final: um desastre, um massacre.

Tinham-nos atacado em campo aberto quando escapavam depois de incendiarem um pequeno engenho chamado San Lorenzo, na direção de Santa Clara. Quinze escravos, três chineses, alguns bois e dois burros. Não puderam refugiar-se.

— E a Kaweka?

Não sabiam.

— E o Modesto?

Não sabiam.

— E os outros?

Também não.

Eles tinham conseguido escapar.

«Vocês fugiram?» A acusação, não formulada, pairou no grupo de pessoas que rodeava os recém-chegados. Não faziam parte dos trinta e dois; eram libertos que se haviam juntado a Kaweka. Um tinha mulher, que se meteu no círculo para o apoiar.

— Viram-nos? — interrogou-os Eduardo, um velho em quem Kaweka e Modesto tinham delegado o comando do acampamento na ausência deles.

— O quê?

— O fim, o desastre, o massacre.

Os homens demoraram a responder.

— Sim — gaguejou um deles.

— Com certeza — afirmou outro.

— Eram muitos, e a cavalo, e bem armados...

— Não o viram — interrompeu-os o velho.

— Corriam — disse alguém do grupo.

— Todos faziam o mesmo! — alegou um, tentando defender-se.

— A sargento também? — perguntou alguém.

Transportaram Kaweka dias mais tarde numa maca feita de ramos e folhas de palma, inconsciente, com um ferimento de bala numa ilharga e com uma profunda catanada no ombro esquerdo. Acompanhavam-na sete homens, dos seus, dos que tinham percorrido com ela a serra Maestra.

A companhia de guerrilheiros fora atacada à saída do engenho por um batalhão de voluntários. A primeira rajada de fuzis dos atacantes surpreendeu-os, originando perplexidade e algumas baixas. Depois, enquanto os cavaleiros recarregavam, Kaweka e os seus entrincheiraram-se por trás da carroça, dos bois e dos burros. Ali fizeram-lhes frente até conseguirem recuar para o interior de um bosque que impedia que os cavalos pudessem ser manobrados. Acabaram a lutar à catanada, algo em que os rebeldes se destacavam. Mas eram menos, estavam dispersos e careciam de uma liderança eficaz.

Kaweka caíra enquanto atacava com fúria um inimigo que se desvanecia diante dos seus olhos. Lutava ferida na ilharga, a sangrar, confusa, até que a dor da catanada no seu ombro, penetrante primeiro, explosiva depois, a derrubou. Três dos seus homens viram-na, rodearam o seu corpo e defenderam-se com todo o seu empenho. Conseguiram escapar com a sua sargento às costas.

Esconderam-se no matagal. A luta continuava. Tanto os gritos como os disparos se prolongaram durante todo o dia. Depois esperaram de noite que os voluntários recuassem na sua perseguição e tentaram reencontrar-se com os seus. Apareceram mais quatro. Contaram os seus mortos em sussurros, na escuridão.

— Luis? — perguntou um.

— Morto — assegurou outro.

— O Ferias?

Silêncio.

— Não sei — ouviu-se depois de um silêncio.

— Eu não o vi.

— Estava do outro lado.

Continuaram a atirar para o ar nomes de colegas, de amigos, entre

longos silêncios e alguns suspiros. Da sorte de alguns, tinham a certeza; da de outros, não o podiam afirmar. A última coisa que sabiam de Modesto era que o haviam visto a atacar para proteger os escravos.

Os homens deixaram para trás o acampamento para levarem Kaweka até ao hospital de campanha levantado por Máximo Gómez. A comitiva que se foi juntando anunciou a sua chegada. Juan Pérez, então comandante médico, debruçou-se sobre a paciente assim que soube do seu internamento.

O ferimento de bala não afetava o ventre, comunicou o médico depois de umas horas de intervenção. Tivera sorte, porque aqueles que eram feridos no ventre enfrentavam os piores prognósticos. Quanto ao ombro, apresentava ossos partidos, músculos cortados, mas, apesar disso, não sabia se havia nervos ou tendões afetados. Tinham-na tratado e imobilizado. Perdera muito sangue, estava fraca e febril. De momento, só restava esperar.

«Rezem por ela», instou os libertos que esperavam nos arredores do hospital, e estes, aceitando o conselho, instalaram-se ao ar livre, dia e noite, a cantar, a dançar e a suplicar aos deuses. Ergueram-se pequenos altares sobre pedras ou caixas de açúcar, com velas, pagelas e uma ou outra imagem de santos católicos, como as de São Cosme e de São Damião, os irmãos médicos, mas também com os atributos dos orixás, principalmente o de Eleguá, com o pau longo e torcido na ponta. Todos rezavam a todos, levando constantemente oferendas ao deus menino com cara de velho que possui a chave do destino, o que dispõe a seu bel-prazer da vida das pessoas. Eleguá sentia paixão pelos bailes, e também tinha um apetite voraz, capaz de conceder os seus favores em troca de um banquete. Os libertos renunciaram ao seu precário sustento e ofereceram frangos negros ao deus, dos que ele mais gostava, e cutias e pombos, e tabaco, e fruta, e, sobretudo, aguardente para o manter contente, enquanto Kaweka agonizava entre convulsões e suores ao ritmo das ladainhas cristãs e dos tambores iorubas.

«Modesto». Essa foi a primeira palavra consciente que Kaweka conseguiu articular ao acordar, depois de sete dias de luta contra a infecção e a morte. Pérez não se coibia de lhe administrar medicamentos que noutros pacientes se via obrigado a dosear devido à sua escassez. O comandante Lino, acompanhado do próprio general Gómez, apareceu no hospital interessado pelo estado de saúde da sargento assim que soube como esta recuperara um pouco a sua condição.

Na clássica cabana com telhado de folhas de palma, o comandante médico reservara para Kaweka um cubículo isolado dos outros convalescentes por uma cortina. Em tudo o mais era idêntico aos outros: um colchão de esparto sobre a tarimba de madeira. Pérez, Lino e Gómez superaram essa leve barreira enquanto o séquito que acompanhava o general ficava para trás, entre os outros catres.

— Fico muito contente que tenhas superado este transe, Regla — felicitou-a o general dominicano, magro, de bigodes grisalhos, compridos e tão densos e pesados que se espalhavam pelos seus lábios, caindo desordenados por ambos os lados da boca. — A república precisa de ti. Foste determinante na luta contra...

— E os meus homens? — interrompeu-o ela. Ninguém lhe quisera dar a notícia da sua sorte. Kaweka sentia-se demasiado fraca para se revoltar contra os seus silêncios, discutir as suas mentiras ou rejeitar as suas desculpas e hesitações.

O general não se esconderia.

— Regressaram doze — comunicou-lhe.

Kaweka cerrou os olhos. O pranto agarrou-se a ela em forma de soluços que fizeram com que as feridas do seu ombro e da sua ilharga se distendessem e irradiassem surtos de dor de cada vez que os seus pulmões se expandiam violentamente em busca de ar.

— São heróis da nossa revolução — afirmou Gómez. — Assim os devemos recordar. Soldados que deram a vida para salvarem a pátria da tirania dos espanhóis e a conduzirem aos caminhos da glória...

O comandante Lino aproximou-se do leito e segurou na mão de

Kaweka, que continuava a soluçar, dolorida.

— E o Modesto...? — voltou a interromper o general.

Tinham surgido do matagal do bosque para onde eles próprios se apressaram em busca de proteção, puxando por uns animais e incitando uns escravos que não sabiam por onde seguir. O batalhão de voluntários armara-lhes uma cilada; os cavaleiros espreitavam-nos escondidos entre as árvores até que os seus gritos precederam uma carga de cavalaria. Kaweka e os homens tentaram reagir. Modesto viu alguns fugirem e outros caírem após os primeiros disparos.

— Os escravos! — gritou-lhe Kaweka, apontando para eles para que os protegesse.

Modesto correu para o grupo de quinze escravos e três chineses, passou os braços por cima dos ombros de dois deles e obrigou-os a atirarem-se para o chão, entre as patas dos bois e dos burros. Os voluntários atacavam num galope frenético, as balas silvavam à sua volta, e uma jovem mulata, em plena crise histérica, agarrou-se a ele e obrigou-o a deitar-se também.

— Fiquem quietos! — gritava ainda mais Modesto. — Não vos querem fazer mal.

A mulata, aterrorizada, impedia-o de se mexer. Os outros também: continuavam abraçados, agarrados uns aos outros, à procura de proteção mútua, formando um círculo. Modesto levantou a cabeça. Uma nuvem de pó que se erguia naquele terreno seco turvou-lhe a visão e irritou-lhe os olhos. O sol começava a descer e o reflexo das chamas do engenho e dos canaviais, a escassa distância, tingia o céu de vermelho e, com ele, a terra, o pó, as catanas e os *rifles*. Os bois moviam-se inquietos por cima deles. Ouviu os gritos de Kaweka e dos seus homens e os dos atacantes, que se misturavam numa algazarra indecifrável. Quis levantar-se. «Para baixo, para baixo», exigiu à mulata, puxando pela sua roupa para que não chamasse a atenção. Modesto debateu-se para se livrar dela, mas não só não conseguiu, como outro escravo o recriminou pelas suas intenções.

«Vais fazer com que nos matem, irmão», repreendeu-o, impelindo-o a permanecer deitado.

O tumulto da luta foi-se deslocando até ao arvoredor. Os disparos e as ordens foram-se sucedendo de forma mais gradual, pelo que começaram a ser inteligíveis, ainda que Modesto não reconhecesse a voz em nenhuma das ordens. «Capturem-nos!». «Não quero nem um vivo!». «Persigam-nos!». Detonações distantes que já não abafavam os lamentos dos feridos que ficavam prostrados à sua volta. Uma voz autoritária perto deles. O ruído pausado dos cascos de dois cavalos. A mulata apertou-o fortemente contra si à medida que se ouviam disparos repentinos, inesperados, que faziam calar os gemidos dos feridos.

Não iam fazer prisioneiros.

— Filhos da puta!

Outro disparo.

— Assim vais para o inferno, rebelde de merda!

Uma nova detonação.

No final reinou o silêncio, apenas quebrado pelos soluços e pelo bater dos dentes da mulata.

— Levantem-se!

Falavam com eles. Um dos cavaleiros atçou o seu animal para que trocasse entre o monte de pessoas; o cavalo dançou por cima deles, atento para não os pisar. O grupo separou-se entre as patas do animal e todos se puseram em pé, escravos negros e chineses.

— Em fila — ordenou um dos cavaleiros. — Iam fugir?

Homens e mulheres alinharam-se. Nenhum respondeu, todos mantinham o olhar baixo. Modesto confundira-se com os restantes: negro boçal, sujo, esfarrapado. Não levava o seu saco. Não ia armado, tinha as mãos vazias. Nem sequer levava nenhum dos seus pertences, como outros, que se agarravam aos seus como tesouros. Pensou rápido: estava tudo queimado. Não havia livros do engenho; não havia registo; não havia maiores nem sentinelas; estavam todos mortos. A não ser que algum dos escravos o denunciasse, os voluntários não saberiam quem

era. Manteve o olhar cravado no chão. Os cavalos cercavam-nos: agora eram três, quatro... Do bosque continuava a chegar o barulho de disparos e gritos abafados. O ambiente continuava tingido de vermelho e o calor apertava. Modesto queria olhar à sua volta, verificar a identidade dos que haviam sido derrotados. Sentiu uma náusea que lhe fez ceder os joelhos só de pensar que Kaweka podia estar estendida a dois passos dele, ferida, necessitada da sua ajuda, ou talvez morta.

Olhou de relance. Sob aquela luz estranha, vislumbrou corpos estendidos, mas não a reconheceu entre eles. Os outros escravos permaneciam quietos, cabisbaixos, silenciosos. Decidiu não se distinguir deles e reparou em duas catanas que continuavam deixadas ao acaso, ensanguentadas, abandonadas a seus pés, ali onde as tinham deixado. Ninguém as quisera apanhar; ninguém queria reconhecer a sua participação na matança dos responsáveis pelo engenho.

Os cavaleiros discutiam entre eles.

— Valem dinheiro — ouviu que argumentava um dos voluntários.

— Mas mataram...

— Eles não. Foram esses cabrões guerrilheiros rebeldes...

— Olhem para as suas catanas. Estão ensanguentadas...!

— Que catanas? — ironizou o que parecia ser o chefe, pondo fim à discussão.

Obrigaram-nos a limpar as catanas. A mulata entregou-lhe a sua e pela primeira vez Modesto lembrou-se dos olhos verdes que lhe haviam chamado a atenção no engenho. Agradeceu-lhe com um sorriso e esfregou a lâmina com areia fina até desaparecer qualquer rasto de sangue. Depois colocou-a onde lhes tinham dito os voluntários. A ganância daqueles homens salvara-os da morte, mas não da violação a que foram submetidas, assim que escureceu, as quatro mulheres que faziam parte do grupo, que acampou junto do caminho, com o rum e a aguardente a circular entre os soldados.

À noite, atados com cordas, afastados dos soldados, mal iluminados pela fogueira à volta da qual se moviam os voluntários, com o silêncio

interrompido pela respiração ofegante, pelas risotas e pelas zombarias obscenas dos violadores, Modesto viu-se pressionado pelos olhares dos outros oito escravos negros; os chineses, pelo contrário, mostravam-se impassíveis até no desespero. Tentou analisá-los. Podiam recriminá-lo pela sua intervenção no engenho, torná-lo responsável pela sua perigosa situação. Na noite anterior trabalhavam e comiam; eram escravos, sim, mas viviam. Que futuro os esperava nas mãos daqueles delinquentes de uniforme? Um grito ferido rasgou a noite e Modesto pensou na rapariga de olhos verdes; nesse instante, percebeu a expressão de dor na cara de um deles. Aquelas quatro mulheres pertenciam a um ou a outro, seriam suas esposas, suas companheiras... Nos engenhos, com um grupo de negros tão exíguo, de produção escassa, as relações assemelhavam-se mais às de uma família extensa, autoritária e até violenta, mas, ainda assim, família. Porém, na noite anterior todos eles tinham lutado até à morte com o maioral e as duas sentinelas que os vigiavam. Kaweka permitiu-lhes essa vingança, e a maioria dos seus homens incentivava-os, tal como essas mulheres, que agora gritavam, cravando a catana nos corpos já inertes.

Talvez a culpa, ou simplesmente o medo de que eles próprios pudessem ser acusados dessas mortes, fosse o que salvara Modesto de uma denúncia que, noutras circunstâncias, lhe teria parecido muito provável.

O acampamento de Kaweka acolhia as mulheres, as crianças e os velhos inválidos para acompanharem o exército do general Gómez. Os homens alistavam-se como soldados de infantaria se tivessem algum conhecimento militar ou adquiriam-no através de instrução; se não, recrutavam-nos como auxiliares. Kaweka foi acolhida com carinho. Tinham remendado e lavado o seu uniforme até o sangue ter desaparecido, mas, se antes lhe estava grande, agora, depois de uma estadia de cinco semanas no hospital, caía sobre ela como um manto imenso que tivesse posto pelos ombros. Em qualquer caso, os galões de

sargento, agora brilhantes, impuseram o seu prestígio com um andar lento e vacilante, muito distante da força e do dinamismo que até então tinham caracterizado o seu comando. Doía-lhe respirar; tossir era um suplício, e o braço esquerdo levava-o ao peito, por baixo da casaca, e, tal como o seu ombro, estava rígido, como morto.

Estava há mais de uma semana sem febre, há dias que tolerava a comida e as feridas começavam a cicatrizar. O ombro ia demorar a melhorar, embora nem Pérez nem os outros médicos se tivessem atrevido a fazer um prognóstico do estado em que ficaria. Pelo menos não fora necessário amputar, celebravam; eram muitos os membros mutilados depois dos tratamentos de urgência nos hospitais de campanha da frente, cirurgias que em muitas ocasiões se deviam enfrentar sem éter ou clorofórmio; apenas com álcool: uma garrafa de rum pela perna.

— Estarás melhor no acampamento, com os teus — aconselhou-a o comandante Pérez.

Alojaram-na na cabana que já partilhara com Modesto no regresso dos seus ataques aos engenhos: três paus tortos espetados na terra e quatro folhas de palma como teto. Não se sabia nada do emancipado. Antes de a sentarem na única cadeira que havia naquele lugar, Kaweka deslizou os dedos por cima da capa do livro onde eram registados os seus libertos, em cima da mesa onde tão orgulhoso se sentava o seu homem, e perguntou-se se o voltaria a ver.

E ela, voltaria a dirigir um ataque a um engenho ou a um batalhão espanhol?

— Não tenhas dúvidas — garantiu-lhe o general Gómez no dia em que se foi despedir. Partia em direção a ocidente, e Pérez falara-lhe da inquietação de Kaweka. — A revolução precisa de ti, sargento — animou-a.

— E devolve-me os meus homens? — surpreendeu-o Kaweka. Sabia que após o trágico encontro com os voluntários tinham sido destinados a outros batalhões.

— Assim que estiveres pronta para lutar de novo — prometeu-lhe o

general.

Porém, não lhe disse nada acerca de Modesto. Ninguém falava dele. As mulheres que a tratavam com esmero na cabana não sabiam de nada, e nem Eduardo nem nenhum outro dos velhos o mencionavam. Durante a sua convalescença no hospital disseram-lhe que nenhum dos doze que escapara à emboscada e regressara ao acampamento vira Modesto, nem morto nem vivo. E a última coisa de que Kaweka se lembrava era de o ter incitado a proteger os escravos do engenho San Lorenzo...

Melhorou rodeada e acarinhada pelos seus. Caminhava ajudada por duas raparigas que a seguravam e a obrigavam a sentar-se quando a sentiam a ficar sem fôlego. Tentara escapar-se delas e valer-se a si própria, mas a sua vontade sucumbira de forma estrondosa diante da debilidade. As pessoas amavam-na, cuidavam dela, rodeavam-na e conversavam com ela. Muitas libertas esperavam que lhes trouxesse de novo a deusa, mas Iemanjá parecia tê-la abandonado. Permaneceu em silêncio, sem se manifestar perante a emboscada em que caíram. Kaweka atirara-lho à cara no hospital: «Impediste a liberdade de mais de uma dezena de escravos», recriminava-a em voz baixa. «Quantos eram? Doze, treze? Além da morte de muitos homens bons que não fizeram mais do que aceder aos teus desejos, confiando sempre na tua bondade e na tua ajuda.» Depois conjecturava se teria feito alguma coisa que pudesse ter ofendido Iemanjá. Não se devia ter incomodado com Sabina; merecia o que lhe acontecera. Também não a podia ofender o seu amor por Modesto. Mas a deusa não voltava para ela e Kaweka continuava a chamá-la e a fazer-lhe oferendas, convencida de que, caprichosa e volúvel, mais cedo ou mais tarde a assediaria de novo. Pensava nos negros do acampamento, que continuavam ansiosos por a ver dançar outra vez possuída por Iemanjá: necessitavam de comungar com as suas raízes e de renovar em liberdade o compromisso com os seus deuses e a sua cultura, sem discrição, de forma pública e ostensiva, aos gritos, cantando e batendo com furor nos tambores.

A ausência de Iemanjá encheu Kaweka com os cheiros, os gritos, os

choros, os risos e as cores do acampamento. Sempre vivera nesse lugar como sendo uma passagem obrigatória na sua transumância guerreira, tal como quando corriam pelo oriente e dormiam escondidos entre a vegetação da selva, à espera de que amanhecesse para empreenderem de novo a guerra contra os espanhóis.

Agora, essas mesmas crianças que antes pareciam temê-la e a olhavam sub-repticiamente, aproximavam-se dela cada vez com mais descaramento, sorrindo de frente, atrevendo-se a perguntar-lhe pelas façanhas que tinham ouvido contar às suas mães. Estas abordavam-na com a mesma confiança, e de repente Kaweka encontrava-se sentada à volta de uma fogueira, com as crianças, as mulheres e os velhos a ouvirem as suas histórias, tal com fazia Modesto com os trinta e dois.

— Abelhas! — surpreenderam-se ao mesmo tempo vários miúdos, e mesmo mulheres.

Kaweka sorriu para si. Fora uma argúcia mortífera. Lembrou-se do zumbido de milhares de insetos como se o estivesse a viver naquele momento e reparou nos rostos expectantes da miudagem. Ela nunca contava histórias. Nem sequer se lembrava delas; a sua obsessão era atacar, uma e outra vez. Estaria a ficar velha como as idosas que se refugiavam nas suas vivências? As crianças mexiam-se inquietas, e ela gostou dessa expectativa.

— Era um batalhão espanhol numeroso — começou a narrar — que transportava víveres e armas, com homens destacados à frente e pelos seus flancos para não serem surpreendidos pela guerrilha. Era muito difícil aproximarmo-nos sem que a coluna principal se apercebesse: os de fora dariam o alerta, e, antes de chegarmos, os outros já se teriam protegido e armado. — Kaweka calou-se e juntou-se ao silêncio que os rodeava; a audiência estava imóvel, atenta à sua história. Um dos garotos agitou as mãos para a incentivar a continuar. — Como sabíamos o caminho que seguiriam, decidimos agir ao contrário, de dentro para fora, e não de fora para dentro. — Sorriu ao lembrar-se da discussão com Modesto antes de tomarem a decisão. — Então, muito antes de a coluna

chegar, recolhemos bastantes colmeias de abelhas e escondemo-las no chão, misturadas entre as folhas, tapadas com terra. Os cavalos dos oficiais, as mulas, os bois, as carroças e a infantaria pisaram as colmeias, e as abelhas saíram em enxames, irritadas, para defenderem a sua colmeia. Se os espanhóis tivessem recuado, não teria sucedido grande coisa, mas na confusão muitos continuaram em frente: os homens correram, os cavalos galoparam, e até os bois, com a sua pele grossa, se incomodaram. E foram pisando mais e mais colmeias. E umas abelhas foram chamando outras, e por fim um exército de abelhas atacou ferozmente os inimigos.

Kaweka deu a ideia de ter terminado o seu relato.

— E? — perguntou uma menina.

— Mais!

— O que se passou!?

Mataram muitos, contou-lhes. Deram-lhes catanadas e estriparam-nos. Ficaram com as suas armas e víveres e escaparam para a floresta antes de eles se restabelecerem e prosseguirem a batalha.

— É isso que vocês têm de fazer com qualquer homem que vos pretenda escravizar — afirmou, pondo fim à história.

Como lhe anunciara, o general Gómez regressou à região do Oriente para se reunir com os membros do governo da República de Cuba em Armas e com outros militares, entre eles o general Vicente García, de Las Tunas, que se insurgira contra o governo e propunha a destituição do então presidente Cisneros.

Máximo Gómez partiu acompanhado de cinquenta homens, enquanto a maioria do seu exército, com os espanhóis ainda enfraquecidos na sua capacidade de resposta, continuava a guerra, ganhando terra em direção a ocidente, muito para além de Sancti Spiritus: em Villa Clara, Remedios e Cienfuegos. Além disso, o general deixava para trás oitenta e três engenhos queimados, mais de uma dezena deles obra de Kaweka e dos seus. Os escravos dessas outras setenta plantações tinham escapado para

os montes, alistando-se no exército rebelde ou, inclusivamente, apresentando-se de novo perante os espanhóis, arrependidos. As mulheres misturavam-se com a gente das aldeias e das cidades da zona de Las Villas, mas a maioria não sabia fazer outra coisa além de cortar cana, transportá-la para o moinho e ocupar-se das tarefas próprias de um engenho. Eram poucas as que possuíam conhecimentos e habilidades para desenvolver um ofício, e por essa razão não tinham lugar num ambiente urbano, empobrecido após vários anos de guerra. Nem sequer eram sociáveis, despertando olhares de receio até nos da sua própria raça.

Muitas dessas mulheres, a puxarem pelas crianças e pelos velhos do engenho, procuraram o amparo daquela sargento de quem já qualquer soldado e escravo ouvira falar; por essa razão, o acampamento do rio Jatibonico cresceu de forma desmedida, e Kaweka não tinha Modesto para que contasse quantas pessoas se lhes juntavam. Por mais que também não entendesse, gostava de ouvir os seus números e de lhe perguntar se eram mais ou menos.

O problema era que os libertos chegavam esfomeados. O problema era que a terra estava deserta, que o gado fora sacrificado e os pastos, como os dos engenhos, arruinados. A região do Camagüey estava igualmente devastada. Os escassos fornecimentos que chegavam eram destinados ao exército, aos homens em campanha, enquanto as crianças, as mulheres e os velhos se tinham de conformar com as batatas-doces e as abóboras que cultivavam e com as bananas, de que comiam até a casca.

Kaweka costumava trazer alguns bois depois de cada uma das suas incursões aos engenhos, uma carne que nutria as crianças e as grávidas; agora eram os soldados que roubavam os poucos víveres do acampamento. E violavam as mulheres, quando não eram elas que se lhes entregavam a troco de alguma coisa para alimentarem os filhos. A situação degenerou. Kaweka falou com Eduardo e com mais três velhos para impedirem que o acampamento do rio Jatibonico se convertesse num imenso bordel.

— Dá-nos comida — respondeu-lhe um deles.

Kaweka foi procurar os oficiais do exército. Lino não estava e um capitão branco riu-se dela.

— Deixa que os homens se divirtam — respondeu-lhe depois de lhe negar os víveres. — Necessitam de espairecer, e o que é melhor para isso do que um monte de escravas negras que não têm outra obrigação. Se o fizerem com elas, não chateiam tanto as cubanas respeitáveis das povoações. Esses homens lutam pela república. Tem em conta que estamos em guerra. Não te metas.

O comandante Pérez foi mais afetuoso, mas igualmente contundente.

— Nem sequer tenho medicamentos, Regla. E custa-me alimentar convenientemente os feridos — acrescentou enquanto lhe tirava a ligadura do ombro. — Precisam de recuperar. Se não comem, não se curam. Mexe o braço — pediu-lhe. Kaweka não conseguiu. Não lhe obedeceram os músculos, os tendões, os nervos, o que quer que fosse! Aquele membro extremamente magro e esfolado não lhe respondia. — Deves exercitá-lo — acrescentou o médico, mexendo o membro com cuidado para cima e para baixo. A mulher reclamou com dor. — Sim, vai-te doer, mas, se quiseses voltar a utilizar este braço, deves esforçar-te, entendido?

Kaweka desviou o olhar de Pérez para esconder o esgar de dor, e passou-o pelo hospital, que transbordava.

— E o general? — inquiriu.

Kaweka ouviu-o respirar nas suas costas, enquanto limpava a ferida do seu ombro.

— As coisas não correram bem — acabou por reconhecer.

O general rebelde subversivo, Vicente García, junto com outros militares que o apoiavam, explicou o médico, conseguira a destituição de Cisneros, o presidente da República, e a sua substituição por outro membro da Câmara de Representantes, antigo coronel do exército libertador: Juan Bautista Spotorno.

Cisneros, o destituído, apoiava os planos de Máximo Gómez relativamente à invasão da zona ocidental da ilha, e em especial de Las

Villas como cabeça de ponte, pelo que ordenou ao general García que se pusesse às ordens de Gómez e se apresentasse com o seu exército para se juntarem à ofensiva.

O general García negou-se. Ele era natural de Las Tunas e continuaria a lutar ali, afirmou, no Oriente, na sua região, defendendo os seus e tentando recuperar a sua cidade natal das mãos dos espanhóis. Spotorno avaliou a postura do seu mentor e apoiou García, que, em detrimento de Máximo Gómez, acabou por nomear chefe do departamento oriental.

Desta forma, Máximo Gómez voltou a atravessar a *trocha* para continuar com a invasão do Ocidente, mas, em vez de o fazer à frente de um exército de mil homens, como havia previsto, fê-lo ao comando de cento e cinquenta escassos cavaleiros que conseguiu recrutar.

Kaweka foi incapaz de avaliar as consequências de alguns movimentos políticos que Pérez lhe contara com preocupação. Isso era o que fazia Modesto. Era o emancipado quem lhe explicava as coisas, o que sucederia... «Onde estás, negro estúpido?», clamou a caminho do acampamento. Continuava sem saber nada dele, nem de Yesa. Iemanjá continuava sem dar sinais da sua presença, e isso angustiava-a, fazia-a duvidar acerca do estado da sua filha, fazia-a pensar que talvez Iemanjá a evitasse por isso mesmo...

Tudo estremecia à sua volta, porque até o carinho que recebera das pessoas que a rodeavam diminuía sob as condições adversas. A promiscuidade das mulheres, voluntária ou forçada, atraiu todo o tipo de delinquentes e desertores de um ou outro bando que acabavam a vaguear pelo acampamento, a dormirem nas imediações ou a estabelecerem-se ali diretamente. Os libertos, indefesos, amedrontaram-se perante a chegada daqueles homens rudes e violentos, e o ambiente de alegria e de esperança em que a vida se desenrolara naquela numerosa comunidade de escravos libertados mudou para um ambiente de medo e de terror, e gerou outro tipo de submissão.

Além disso, Kaweka nem sequer era capaz de manusear a catana. Na sua cabana, quando julgava que não a observavam, agarrava a arma com

a mão direita e praticava. Cada movimento originava uma dor lacerante no outro lado, e a imobilidade do seu braço desequilibrava-a, fazendo-a tropeçar e até ficar enjoada. Ainda a respeitavam, mas, indefesa, sofria ao ver como os homens assaltavam as mulheres, e até as crianças, e as forçavam sem o menor pudor nem recato, sem vergonha, no momento e no lugar que lhes apetecia.

Muitas mulheres escaparam. Kaweka desejava-lhes sorte. Outras não tinham onde se esconder.

— Fugam para os montes — encorajava-as ela —, como os quilombolas.

— Vem connosco.

Ela esperava Modesto e Iemanjá. E tinha de continuar a procurar Yesa. Não, não se podia ir embora, mas, entretanto, o acampamento desintegrava-se... tal como sucedia com o exército de Las Villas ao comando do general Máximo Gómez.

A atitude do general García, no Oriente, pondo a defesa dos interesses da sua região em primeiro lugar, causou impacto nas tropas e nos comandos de Las Villas, que os imitaram e se opuseram a ser dirigidos por um militar dominicano como Gómez e pelos oficiais que o acompanhavam na sua campanha em Camagüey. Sucederam-se motins e artimanhas para desacreditarem os chefes não *villareños*, uma estratégia que culminou, oito anos depois de iniciada a guerra, na nomeação de Roloff como general em chefe das forças rebeldes do Ocidente e na nomeação de comandos intermédios oriundos de Las Villas, por pouca experiência militar que tivessem, e na consequente destituição de Gómez e dos seus seguidores, que atravessaram mais uma vez a *trocha* para se refugiarem no Departamento do Oriente, nesta ocasião sem exército, acompanhados pelas suas famílias.

A indisciplina, os regionalismos, os interesses partidários, as desconfianças e invejas, a falta de autoridade e inteligência dos dirigentes políticos e a soberba dos militares conseguiram o que o exército espanhol não tinha alcançado, apesar de superar em homens, armamento e recursos

os rebeldes.

O espírito de um povo, a vontade de vencer, a coragem e o desejo de liberdade com que conseguiram equilibrar essas terríveis diferenças com os seus inimigos sucumbiram diante das miseráveis desavenças.

Kaweka viveu a tragédia da derrocada dessa ilusão coletiva a partir da sua própria desventura pessoal. O seu braço esquerdo não melhorava; a dor provocava-lhe náuseas apenas ao tentar mexê-lo; por essa razão, em muitas ocasiões ficava encolhida, quieta, a chorar, a falar com uma Iemanjá que não lhe respondia, e noutras rebelava-se contra a sua incapacidade, cerrava os dentes e forçava aquele membro inerte apoiando-o contra paus e ramos, querendo assegurar-se de que os seus nervos e músculos reagiam e que o seu braço se mexia de facto livremente.

Ainda se lutava às ordens de Roloff, mas os homens desertavam, atravessavam a *trocha* para se refugiarem no matagal das selvas, lamaçais e serras orientais, ou entregavam-se aos espanhóis. O acampamento deixara de ser o abrigo das famílias dos libertos e tornara-se um lugar de passagem de desertores e delinquentes. O caos assolara a zona. Os espanhóis recompunham-se e atacavam. A maioria das mulheres, crianças e velhos que conhecia Kaweka fugia ou morrera, mas a azáfama de pessoas continuava incessante, como se as cabanas de palma arruinadas, as ruas de terra que se abriam entre elas, os restos das hortas ou das pocilgas, as fogueiras que iluminavam a noite, o menor vestígio de civilidade no campo imenso, deserto, páramo, atraíssem como um farol todos aqueles que vagueavam para escaparem da guerra, da escravatura ou da justiça.

Kaweka procurou a companhia de alguns homens e mulheres como ela, velhos na sua maioria, entregues a um destino não pior do que o que previam quando eram escravos. Porém, a submissão com que aqueles homens obedeciam a qualquer grupo de negros bêbedos ou impertinentes que lhes reclamava a meia dúzia de inhames que tinham conseguido encontrar a escavarem nuns campos incultos revoltava Kaweka. Numa

ocasião, soltou a sua colheita de tubérculos e empunhou a catana.

Demorou tanto a fazê-lo que a única coisa que conseguiu foi que se rissem dela, e caiu ao chão tentando atacar um inimigo que só teve de se pôr de lado para se defender.

Também se riram dos seus galões.

— A quem é que roubaste o uniforme?

Rasgaram-no sem que ela conseguisse oferecer uma oposição minimamente efetiva.

Ninguém a ajudou.

Ainda bêbedos, ainda viciosos e desenfreados, apesar de se comportarem como verdadeiros animais, alguns torceram o nariz quando viram o torso de Kaweka, o seu peito deformado pelas cicatrizes, e cuspiram.

Kaweka, esfarrapada, com o seu uniforme rasgado, fechou-se numa cabana cujo teto quase desaparecera por culpa do vento e da chuva. De vez em quando, algum daqueles velhos que libertara de um engenho onde lhes davam de comer deixava-lhe algum inhame ou meia abóbora à porta. Kaweka ignorava qual seria o seu destino. Deixara escapar a oportunidade de se juntar outra vez ao comandante Pérez; ele propusera-lhe quando lhe ordenaram que passasse o seu hospital para mais perto da vanguarda, para Cienfuegos, mas tivera consciência de que pouca ajuda lhe podia proporcionar ali enquanto tivesse um braço inútil. Reconheceu a compaixão no olhar do médico. Era um bom homem. Agradeceu-lhe por isso. Por outro lado, havia Modesto. Tinham de se encontrar ali; aquele lugar era a sua referência. Julgava ter sentido de novo a deusa no seu interior. Iemanjá apoiou a sua decisão... ou pelo menos pareceu-lhe. Dormia sozinha, na cabana, atenta aos ruídos do exterior, aos risos, às brigas, aos gritos das poucas mulheres que restavam.

— Dizem que és um monstro.

Os negros costumavam passar pela frente da sua cabana como se tivesse peste. Nesta ocasião não foi assim, e Kaweka viu as suas silhuetas recortadas contra o resplandecer das fogueiras da rua. Vários deles

cambaleavam, apoiando-se uns nos outros ou empurrando-se enquanto falavam aos gritos, atabalhoadamente, e faziam circular duas garrafas de aguardente de onde bebiam do gargalo.

— Não há mulher suficientemente monstruosa que não se lhe possa abrir as pernas...

— Sempre será melhor do que com um burro.

Gargalhadas. Mais empurrões. Um deles meteu-se na cabana.

— Deve ter língua.

— Deixa comigo — disse o outro, com uma garrafa na mão. — A ver onde está...

— Tenham cuidado, a língua será de cobra, delgada e bífida — ouviu-se vindo do exterior.

Kaweka empunhou outra vez a sua catana, disposta a matá-lo.

— Eu primeiro!

Era um homem forte, grande, que afastou com uma palmada o da garrafa.

— Vais levar com o pau! — vociferou a escuridão daquele lugar.

— Vou arrancar-to com uma dentada — ameaçou Kaweka, vendo quem se aproximava.

O homem parou de súbito. Passou um segundo.

— E depois cravas-me as unhas? — perguntou.

Kaweka afrouxou a pressão sobre o punho da catana até quase a deixar cair.

— P... Porfirio? — gaguejou.

Madrid, Espanha
Maio de 2018

— E achas que esta tipa da ONU vai resolver o problema da tua mãe?

Lita contou mentalmente até dez antes de responder a Pablo, que lhe virou as costas, como se a estivesse a evitar. Ela correria para casa dele nessa noite entusiasmada com a conversa com Vit, que lhe contou com todos os pormenores, bem como as investigações posteriores que fizera na *internet*, mas ele permanecia cético, indiferente, e agora estava a ser impertinente. Lita continuava sentada no sofá, com o portátil aberto na página da Conferência de Durban; ele andava a mexer em alguma coisa na estante.

— Pois, talvez... — Quis responder-lhe com a mesma secura com que ele se manifestara, mas conteve-se ao compreender os problemas que o namorado também vivia e que tinham surgido por sua causa, por a ter defendido do marquês.

Levantou-se e aproximou-se de Pablo por trás. Aninhou-se nas suas costas, apoiou a cabeça no seu ombro e abraçou-lhe o peito. Acariciou-o.

— Desculpa — sussurrou. — Estou muito afetada com tudo isto. — Pablo não respondeu. Lita continuou a acariciá-lo, mas ele não respondeu às suas demonstrações de carinho. Ela beijou-lhe as costas e começou a descer a mão até à sua virilha. — Vamos a ver o que há... — tentou brincar.

Pablo segurou-lhe a mão e voltou-se.

— É melhor não — opôs-se.

— Não tens vontade? — sugeriu ela, provocadora.

— Não, Lita. Não me apetece, desculpa.

— Queres falar?

— De quê? De que a tua mãe é meia-irmã do marquês ou de que me encarregaram dos números de uma cadeia de serralharias? — respondeu ele, de mau humor.

— Não. De nada disso. De nós.

— Nem sequer me reconheço. Todos os meus sonhos caíram por terra...

— Todos?

— Todos, Lita. Neste momento sou incapaz de... não sei... — A voz de Pablo demonstrava algo semelhante a desolação. — Não penso com serenidade. Não durmo.

— És um grande profissional. Não tarda encontrarás outro trabalho — disse ela, em parte para o consolar e em parte porque estava convencida disso.

— Tu também és — respondeu ele, de novo com amargura. — Por acaso já o encontraste?

Olharam-se durante uns instantes.

— Preferes que me vá embora? — perguntou por fim.

Ele não respondeu. Lita comprimiu os lábios com força, ainda que não fosse capaz de impedir que o seu queixo tremesse. Pegou nas suas coisas e conseguiu dizer um «adeus», que encobriu a sua voz embargada.

Demorou mais de uma hora a chegar a pé até sua casa, no bairro de La Latina. Atravessou o parque do Retiro, que nessa época estava aberto até à meia-noite, e esteve prestes a sentar-se para chorar serenamente as lágrimas que agora vertia devagar, ao ritmo de uns soluços que não conseguia controlar. Não o fez. Não desejava que ninguém se interessasse por ela e a tentasse consolar. O que lhes podia dizer? «O meu namorado deixou-me. Ou não. Não sei.» Por isso, continuou a andar.

Quando se cruzava com alguém, baixava a cabeça e continha a respiração, mas, mesmo assim, havia quem detivesse nela o olhar um pouco mais do que o habitual. A meio do caminho, perto do Museu do Prado, parou, tirou o telemóvel e enviou uma mensagem a Pablo: «Amo-te.» Respirou fundo como se tivesse acabado de transformar o mundo, ainda que as lágrimas regressassem duas ruas mais à frente. O telefone de Lita não tocou nessa noite.

De manhã também não havia nenhuma mensagem de Pablo. Conseguiu dormir com a ajuda de um comprimido de *diazepam*, o que não a impediu de se levantar perto das nove depois de andar um bocado às voltas na cama. Sara acabara de fazer café e a mãe não estava em casa. Supôs que teria ido às compras. Serviu-se de uma chávena e sentou-se em silêncio. O aroma inundou a casa e Elena apareceu, com o mesmo aspeto das amigas. Serviu-se enquanto bocejava e juntou-se a elas.

— Uma má noite? — perguntou-lhe Elena.

Ela limitou-se a assentir com a cabeça, soprando por cima da chávena.

As outras mantiveram-se caladas.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Lita, perante tão inusual falta de curiosidade.

— Não.

— Nada.

Não era verdade.

— E a minha mãe?

Supunha que estaria no mercado, a discutir o preço mais barato daquilo que tivesse decidido cozinhar, mas o silêncio com que a sua pergunta foi recebida deixou-a em alerta. Ouviu ladrar os cães, mas longe, como se estivessem a muitos metros de distância.

— Afinal, conseguiram — comentou.

— O quê? — quis saber Sara.

— Os vizinhos, os cães. Estavam obcecados para que lhos

deixássemos. — Lita parou de repente. — Talvez seja uma solução — acrescentou. — Eu não vou ficar com esses dois rafeiros, e a minha mãe também não pode tomar conta deles eternamente.

— Estão com a tua mãe — interrompeu-a Sara.

— Mas estão em casa dos *gays* — disse Lita sem pensar.

— Sim, com a tua mãe — esclareceu Elena.

As três entreolharam-se.

— A minha mãe foi visitá-los? — perguntou Lita às amigas, com um certo receio.

— Não.

Passaram uns segundos.

— Então?

— Muito bem! — exclamou Sara, ganhando impulso para responder:

— A tua mãe está a trabalhar em casa dos *gays*. Contrataram-na para limpar...

— Merda!

Lita dirigiu-se com raiva para a porta.

— Não faças isso! — advertiu-a Sara.

— Foi a Concepción que propôs ao Vicente — esclareceu Elena de imediato. — Ela pediu-lhes o trabalho. Se apareceres lá, vais pô-la em xeque. O que é que lhe vais dizer? Para não fazer isso?

— Claro!

— Vais discutir com eles?

— Estão a fazer isto de boa-fé — disse Sara.

— E à tua mãe... dá-lhe jeito esse dinheiro.

— Toma outra chávena de café — sugeriu afetuosamente Sara.

— E como é que estão as coisas com o Pablo? — perguntou Elena, interrompendo uns pensamentos que incitavam Lita a ir para a rua para encontrar um trabalho tal como fizera a mãe.

Lita abanou a cabeça.

— Um desastre. Está deprimido, arrasado. O facto de o terem rebaixado na consultoria é como..., não sei..., como se tivessem aberto

um abismo aos seus pés.

— Talvez assim seja — disse Elena.

— Não! — intercedeu Sara. — É preciso ir à luta; uma pessoa não pode desistir à primeira contrariedade. Um tipo com um bom par de tomates não se deixaria desanimar tão facilmente.

Discutiram acerca de Pablo. Lita ouvia, intervinha pouco, tinha dúvidas. De certa forma queria agarrar-se aos argumentos que o desculpavam; necessitava de o fazer para não dar por perdida essa maravilhosa relação. Dizia para consigo que devia lutar para se manter a seu lado, para não o perder, mas depois via-se obrigada a partilhar algum comentário que mostrava o lado fraco do rapaz. Também eram verdadeiros, reconhecia com pesar, embora se pudessem justificar. E assim estavam, despenteadas, vestidas com as camisolas com que dormiam, e mais café sobre a mesa, quando Concepción, com a sua eterna bata às riscas, apareceu e interrompeu a conversa. Os cães permaneciam calados a seus pés, como se tivessem consciência da transcendência do debate.

— Podem continuar — instou-as ela.

— Um café? — ofereceu-lhe Sara, apontando para a cadeira desocupada.

— Está tudo dito, mãe — respondeu Lita, ao mesmo tempo que olhava para aquela mulher que acabara de limpar a casa dos vizinhos enquanto ela discutia acerca de um homem que se queixava de umas serralharias. Essa era a realidade: Concepción parada diante delas; Concepción a lutar com os seus mais de sessenta anos; Concepción, a mulata bastarda do filho do marquês, a sorrir-lhes.

— Vou tomar esse café. — Sentou-se sem dar importância às palavras de Lita, a quem, mesmo assim, pegou na mão por cima da mesa. — Embora cada vez o façam pior — acrescentou com uma expressão de asco após o primeiro gole. — Tens a certeza de que está tudo dito? — perguntou à filha.

— Não! — apressou-se a intervir Elena. — A si o que lhe parece?

E regressaram a Pablo, desta vez com a intervenção de Concepción, que repetiu o café e se dedicou a encorajar a filha a ser benevolente com os erros e a procurar a reconciliação.

Nessa tarde utilizaram uma sala que a associação de moradores do bairro partilhava com diversas entidades cívicas e de ajuda social no edifício municipal, que Elena conseguira que lhes cedessem depois de um tal Joseph telefonar a Lita a dizer-lhe que vinha da parte da senhora da ONU e que se queria reunir com ela. Uma tábua comprida, instável, sustentada por vários cavaletes e rodeada de cadeiras desirmanadas sobre um piso laminado. As paredes repletas de cartazes com todo o tipo de reivindicações e efemérides. Jogos para crianças arrumados a um canto, tabuleiros de xadrez noutro. Lâmpadas fluorescentes penduradas sobre as suas cabeças, uma delas avariada, com uma luz intermitente, extremamente incómoda.

Apresentaram-se quatro homens: três negros e um mulato; dois deles imigrantes. Lita não se questionou se tinham documentos ou não. Os outros eram espanhóis, como ela, todos membros e diretores da Associação para a Defesa dos Direitos dos Afrodescendentes. Sentados à mesa, encontravam-se Marcelo e José; também Sara e Elena, a quem ninguém convocara, mas que se juntaram «na qualidade de observadoras» porque não estavam dispostas a perder nada.

«Uma manifestação», propôs Joseph Bekele, o presidente da associação, depois de finalizadas as apresentações e os comentários. «Daqui a três dias», anunciou, diante da sede principal do Banco Santadoma. Contavam com Lita, claro, e com Concepción, que lamentaram não ter conhecido naquele momento, pois dispensara a sua presença delegando em Lita. «O que é que eu faço numa reunião?», perguntara à filha. «Nunca estive em nenhuma. Depois contas-me.» Os acompanhantes de Bekele prometeram repetir a manifestação as vezes que fossem necessárias. Convocariam os seus, e apoiava-os muita gente, garantiram quando Lita, cética, perguntou quem compareceria. A história

de Concepción, responderam-lhe, era a de muitos deles: a escravatura, a miséria, a ignorância sempre a afetarem as suas vidas; o desprezo por aquelas limitações como o maior expoente do racismo que sofriam por parte dos brancos, os mesmos que lhes impunham todas essas barreiras. As pessoas iriam marcar presença, não se devia preocupar. Além disso, parecia haver um certo interesse institucional por aquele assunto.

— Sabemos mais alguma coisa dessa senhora das Nações Unidas? — perguntou um dos advogados.

Bekele assentiu. Falara com ela e tinham interesse nesse assunto. A luta de Concepción era a luta de todos; das associações e ONG que perseguiram a justiça dos afrodescendentes; dos imigrantes, e de muitas outras que se juntariam ao apelo.

— Até poderá haver alguma surpresa — acrescentou o presidente de forma enigmática; uma afirmação que teve de esclarecer depois da insistência dos outros, incluindo dos seus. — Talvez contemos até com algum político — confessou.

Todos aplaudiram a possibilidade daquele apoio com entusiasmo, e ali estavam, na data assinalada, sem cumprirem com nenhum dos requisitos legais para se concentrarem num espaço público, a ocuparem a rua do bairro de Salamanca na parte que dava para a fachada principal do Banco Santadoma, uma ação que se completara em escassos minutos desde que chegaram os primeiros manifestantes, como se as pessoas estivessem preparadas.

Eram mais de quinhentas pessoas, uma grande percentagem delas de cor, num dia luminoso, cálido. «Um êxito!», vangloriaram-se diante de Lita os da associação. Foram distribuídos cartazes com máximas contra o racismo e a escravatura; um grande lençol em que se reclamava aos Santadoma que compensassem os seus excessos coloniais, e outros com todo o tipo de mensagens injuriosas contra aqueles que ergueram um império à custa da exploração dos negros. Três mulheres africanas agitavam paus em cujos extremos haviam colocado uns peluches semelhantes aos *yorkshires*. Um grupo vestira-se como os escravos,

descalços, com amplas camisas pardas e chapéus de palha, e erguiam catanas de madeira. Distribuíram-se apitos e buzinas que as pessoas não hesitaram em utilizar no meio da gritaria, dos insultos e das buzínadelas dos automóveis parados: uns surpreendidos na própria rua, e muitos mais que se viram bloqueados no engarrafamento que se estendia aos cruzamentos das ruas adjacentes.

«Paga, Santadoma, paga, paga, paga!», gritava-se. «Voltem para Cuba!» Os da associação partilhavam máximas. «Tirem o vosso dinheiro do banco do negreiro!», recitavam em coro.

A polícia apareceu, mas limitou-se a vigiar a partir de uma distância prudente.

Lita demorou a juntar-se ao turbilhão. Encabeçando a manifestação com a mãe e as amigas, sabia-se observada e apontada por trás dos vidros fumados das janelas da fachada do banco. Ali encontravam-se aqueles que tinham sido seus colegas de trabalho durante anos. E o marquês, com certeza furioso, talvez acompanhado por Gil e por outros diretores. Estaria Stewart a assistir? Gloria, a gestora de risco, com certeza que sim, e Lita imaginou como a criticaria, lançando todo o tipo de falácias contra ela. Durante algum tempo evitou olhar para a frente e centrou a sua atenção na mãe, que estava atónita, ou nas suas amigas, que via entusiasmarem-se à medida que a tensão aumentava. As três tinham comparecido a bastantes manifestações por causas muito diversas: desde as reivindicações clássicas feministas, às de repúdio do racismo ou de apoio aos homossexuais ou a outras orientações sexuais, até às que promoviam a exumação do general Franco ou mais ciclovias. O ditador morto há imensos anos importava-lhe muito pouco, e nenhuma delas andava de bicicleta, mas Elena era ativista em várias associações locais que esperavam que ela conseguisse apoios, e acabava por convencer também as amigas. Foi esta que a incentivou a juntar-se aos gritos.

— Tirem o vosso dinheiro do banco do negreiro!

Aquela tornara-se a frase preferida das pessoas. A sua amiga encorajou-a com ambas as mãos.

— Vai!

«Tirem o vosso dinheiro...» Lita juntara a sua voz à algazarra. Gritos unânimes que as pessoas acompanhavam erguendo os punhos e batendo no ar contra o edifício ao ritmo das palavras de ordem: «[...] do banco do negreiro.» Todos a uma só voz. Elena sorriu-lhe. Lita ergueu o punho com raiva: contra o marquês, contra o Gil. Pressentia que a estavam a ver a ela diretamente. Bateu com o punho no ar pela mãe, que continuava intimidada a seu lado, pela avó, pelos negros, pelos escravos. Uma câmara de televisão filmava-as a uns escassos dois metros. Lita continuou a gritar, fora de si. O câmara varreu os manifestantes, e depois, um pouco afastado das pessoas, foi gravar a entrevista a um homem. Joseph indicou-lho com um movimento de queixo e um sorriso, e Lita reconheceu um dos deputados populistas da nação, que não ia perder a possibilidade de atacar o capitalismo, os bancos, os ricos, os Santadoma e os imperialistas americanos que pretendiam deter o controlo de uma empresa espanhola, fechando o círculo de um escravagismo que fazia parte da triste história do seu país.

O deputado finalizou a sua entrevista e, antes de se ir embora, dirigiu-se a Concepción, cumprimentando-a e deixando-se fotografar junto dela, com Joseph do outro lado.

— Continue a lutar — apoiou-a à frente de vários microfones, diante dos quais teve de levantar a voz para se fazer ouvir. — Esta mulher representa a injustiça que os colonialistas, os capitalistas impiedosos, semearam em toda uma raça, e que hoje, no século XXI, ainda persiste. Nós estamos ao lado de todos eles. Sim, podemos! — gritou, erguendo o punho na direção do banco.

Depois foi-se embora, e a sua despedida deu lugar à gradual intervenção da Polícia, como se as forças da ordem tivessem estado à espera de que o político desaparecesse de cena. Não era a polícia de choque; eram agentes que confiavam na dissolução pacífica da manifestação, ou que a tinham acordado, como concluiu Lita ao ouvir as palavras de Joseph depois do primeiro pedido das forças da ordem.

— Temos de terminar — anunciou este.

As pessoas estavam exaltadas, apesar de contentes. Depois de muitos gritos, insultos e vaias, a manifestação perdera a gravidade de um protesto para adquirir um tom festivo, e foi com esse espírito que se respondeu quando se pediu para dissolver a manifestação.

Os que iam disfarçados de escravos ajoelharam-se com as mãos entrelaçadas e, num tom histriónico, rogaram aos membros da associação para não os maltratarem. Muitos outros juntaram-se às súplicas. O banco já não era o objetivo. Os jornalistas, que davam a manifestação por concluída, voltaram a montar as suas câmaras e microfones. Agora as pessoas riam e aplaudiam. Um dos da associação quis levantar uma suposta escrava segurando-a cuidadosamente pelo braço. A outra deixou-se erguer, e, quando estava de pé, beijou o jovem. Soaram vivas e aplausos. O casal não se separava, rapaz e rapariga continuavam abraçados, como se dançassem. Assim interpretou uma parte das pessoas que os rodeava, que também se puseram a dançar em seu redor. Num instante soaram palmas e bateram-se objetos como se fossem claves. Uma mixórdia, uma confusão de ritmos, sons e até cantos que, não obstante, encorajaram muitos dos presentes a mexerem-se, a dançarem, cada um à sua maneira, numa mistura de raças e cores, sinfonias e movimentos.

Os polícias não conseguiam reprimir um sorriso. Os repórteres de imagem andavam de um lado para o outro, a filmarem e a fotografarem. Os cartazes no chão, os *yorkshires* de peluche nos paus a saltarem com frenesi, as reivindicações esquecidas. Lita sentiu que flutuava naquele caos de harmonias. As pernas exigiam-lhe que dançasse. Assustou-se e olhou para as amigas quando todo o seu corpo ganhava vida própria e respondia ao apelo. Sara e Elena devolveram-lhe o olhar, uma com os olhos desorbitados, a outra com a boca aberta, as duas recordando, sem dúvida, Lita possuída no pátio da ermida de Regla.

E Lita dançou.

E aquela dança arrebatadora, delirante, em que Iemanjá se mostrou

ébria de poder, sensual a ponto de incendiar fantasias, displicente com todos os homens que ousassem aproximar-se dela, e insultante, imensamente desdenhosa, com os olhares como os do marquês de Santadoma que se escondiam por trás da sua trincheira áurea, apareceu reproduzida em programas de televisão junto com as imagens de uma grande manifestação de negros que começaram a vociferar contra os banqueiros para acabarem a reclamar justiça entre bailes e cânticos. O plano de um polícia a sorrir transmitia a ideia de que a sua tolerância legitimava a reivindicação. O deputado populista e Concepción a cumprimentarem-se. O discurso do político contra a escravatura, o sistema capitalista, os privilegiados e o flagelo escravagista que degenerara em injustiças sociais cujos efeitos ainda se faziam sentir no século XXI.

Ao fim de uns dias a manifestação repetiu-se, desta vez sem a presença de Lita nem de Concepción e sem o apoio formal da associação. Alguns, erroneamente, defenderam que foi espontânea. Poucas pessoas, jovens a maioria, muitos deles mascarados, substituíram as danças e as festas por provocações e pinturas na fachada do banco, arremessaram pedras contra os vidros e correram perante a chegada da Polícia.

O ataque repetiu-se em várias localidades de Espanha. Em diversas cidades, sucursais do Banco Santadoma amanheciam com pinturas contra o racismo e a escravatura, com as caixas automáticas vandalizadas e os vidros partidos.

— O que pretendem vocês? — a pergunta foi lançada num tom nada amável, agressivo até.

Lita observou Pablo. Ela decidira insistir: ia visitá-lo a sua casa e até conseguira que fizessem amor, ainda que o resultado fosse insatisfatório, rotineiro, vulgar, como costumava ser nos últimos tempos.

— Não entendo a que te referes.

— A tudo isto que está a acontecer com o Banco Santadoma. O que ganhas tu em desprestigiar a instituição? Vai até contra os teus próprios

interesses, se o que queres é uma parte da herança. Lita já pensara nisso, claro. «Dinheiro de sangue.» Aquele era o novo lema das pessoas que se colocavam às portas das sucursais e tentavam convencer os que entravam e saíam delas a deixarem de trabalhar com essa entidade. «Dinheiro de sangue!», recriminavam-nos, equiparando o negócio dos Santadoma ao das pedras preciosas extraídas por escravos nas minas de países africanos em guerra.

Numa época em que a consciência social se encontrava exacerbada, e se baralhavam conceitos como ecologia, sustentabilidade, reciclagem e proibição da mão de obra infantil e escrava no fabrico de produtos, a possibilidade de julgar um banco pela origem do seu capital, tal como se fazia com os diamantes e os seus certificados de garantia, cristalizou entre o ideário comum como um exercício de responsabilidade. Lita sabia — tinham-lhe explicado os advogados, que viviam aquela guerra como se tivessem regressado a uma época de conflitos estudantis — que essa campanha acabaria por passar para os estabelecimentos comerciais.

Assim foi.

Os muitos restaurantes étnicos e lojas de produtos africanos ou de países de origem da migração foram os primeiros a colocarem nas suas cartas e montras um autocolante vermelho a rejeitar o uso dos cartões bancários emitidos pelo Banco Santadoma. «Dinheiro de sangue», lia-se ao longo de uma tira negra que atravessava o cartão com o logótipo do banco. À campanha foram-se juntando outros estabelecimentos comerciais, alguns de forma voluntária e outros nem tanto: muitos limitavam-se a não tirar o autocolante que alguém colocara nas suas montras durante a noite.

Os analistas profissionais observavam com preocupação, inclusivamente com interesse, aquele movimento popular destinado a destruir o prestígio dos Santadoma, factos que inevitavelmente apareciam nos meios credíveis e especializados onde se especulava sobre as consequências de tudo aquilo para o valor real do banco. As ações em bolsa não podiam descer, uma vez que a cotação estava suspensa, mas

todas as previsões económicas em que se fundamentavam os diferentes contratos, o preço que se tinham comprometido a pagar uns e a receber outros, desmoronariam se os clientes desertassem do banco e a confiança do público diminuísse. Toda a instituição financeira se baseava na sua imagem, no seu crédito.

— O marquês terá de ceder um destes dias — respondeu ela a Pablo.
— A única coisa que posso fazer é pressionar.

— Tens a certeza de que os interesses de todas essas associações de negros e imigrantes que estão por trás das manifestações contra os Santadoma são os mesmos que os teus?

— A minha mãe foi imigrante e somos as duas negras — respondeu Lita sem pensar. — Porque é que não havemos de partilhar afinidades com todos esses?

Foi o dia em que saiu de casa de Pablo mais desiludida. O escritório onde ele trabalhava na sua tese de doutoramento, até então limpo e arrumado, via-se agora virado do avesso, com folhas de papel espalhadas pelo chão, como se o homem que amava tivesse renunciado ao seu sonho. Nessa noite não houve choros enquanto atravessava o parque do Retiro, mas sim ira e raiva; Pablo ultrapassara uma fronteira que não julgava que algum dia superasse: a raça. Nessa noite tinha ido decidida a convidá-lo para o almoço que combinara para o dia seguinte com Joseph Bekele. Desejava torná-lo parte da sua situação, dos seus problemas; pretendia ouvir os seus conselhos e partilhar com ele um momento tão importante na sua vida, considerando que talvez isso os voltasse a unir numa causa comum. Mas o desprezo com que pusera fim às suas palavras foi a única coisa dele que a acompanhou ao encontro combinado com Bekele. Compareceu com Concepción, depois de a conseguir convencer de que a sua opinião era importante, num restaurante situado a poucos quarteirões de onde elas viviam, no próprio bairro de La Latina; era um local étnico, decorado com utensílios típicos, quadros coloridos e cestas de vime, fotografias de África e figuras talhadas em madeira.

Pela sua cor da pele, as pessoas davam por adquirido que elas

gostavam de comida com raízes africanas, e em várias ocasiões Lita divertira-se a avisar que ela era mulata, sim, mas tão espanhola como qualquer um, e adorava o presunto ibérico e a tortilha de batatas. Com Joseph Bekele, não se atreveu a manter essa postura; o homem manifestou um desejo enorme de as convidar para almoçar num restaurante em que, afirmou, ainda se conserva alguma coisa da alma da cozinha daquelas terras, etíopes, especificou, ainda que ele tivesse as suas raízes na Nigéria.

Lita duvidou que um frango comprado no mercado da praça da Cebada de Madrid, a escassa distância daquele lugar, tivesse alguma semelhança com outro adquirido em qualquer uma das bancas de rua de Adis Abeba, ainda que o picante e as abundantes especiarias conseguissem que as suas almas, com toda a segurança de cores diferentes, se fundissem numa só.

Joseph Bekele, um homem negro que andaria na casa dos cinquenta anos, canalizador de profissão, conseguiu, porém, que aquela mistura explosiva de sabores pouco usuais passasse despercebida diante da paixão com que enfrentava as questões que afetavam os afrodescendentes.

— Não se chateiem — comentou a dada altura, depois de lamentar as muitas mortes dos africanos que tentavam atravessar a Europa em busca de um mundo melhor — se vos disser que muitos deles teriam dado um braço para terem tido a tua vida, Concepción, e sobretudo para que os seus filhos tivessem usufruído das tuas oportunidades e se tivessem tornado uma mulher como tu, Lita.

— É isso que eu lhe estou sempre a dizer — interveio Concepción. — Os marqueses trataram-nos bem.

Lita perdia tempo com a comida: *doro wot*, frango estufado, picante até se diluir a resistência ao ardor mais intenso, como se fosse uma prova, e condimentado com uma infinidade de especiarias, algumas cujos nomes não era capaz de repetir. Sentiu-se observada por Joseph enquanto comia uma fatia de *injera*, um crepe amargo de um cereal característico etíope, e tirava carne com molho de uma travessa partilhada. Comiam com as

mãos, e Concepción desenrascava-se com uma naturalidade que surpreendeu a filha.

— Às vezes fazia isto com a tua avó — disse-lhe, deixando-a ainda mais assombrada, mas Lita permanecia pensativa.

— Desculpa — adiantou-se Bekele, julgando que aquela atitude se devia às suas palavras. — Não queria ofender...

— Não — interrompeu-o Lita. Interviera com a boca cheia. Tapou-a com a mão e esperou até engolir por completo a comida para continuar. — Suponho que é verdade, mas então, a que propósito vem esse interesse por nós? A vossa associação deve ter problemas muito mais importantes, e também não me parece que vos sobrem recursos.

— Não te vou enganar, temos sim. E é verdade, faltam-nos recursos, muitos. Gente sem casa, sem trabalho, sem comida...

— A mulher da ONU apoia-nos?

— Sim e não. Efetivamente, o alto-comissariado tem interesse neste assunto. Espanha não cumpre com o tratado da Conferência de Durban relativamente aos afrodescendentes, e as conclusões alcançadas pelo grupo de especialistas na análise a que este país foi recentemente submetido são, com efeito, desoladoras. A invisibilidade dos afrodescendentes espanhóis é uma constante nesta sociedade. — Lita ouvia com atenção, mastigando distraidamente a fatia de pão de *teff* que lhe sobrava. — Aqui, em Espanha, as autoridades consideram que a discriminação e a exclusão atingem maioritariamente os imigrantes chegados de África, que não existe intolerância para com os afrodescendentes nascidos em Espanha.

— Foda-se! — exclamou Lita.

— Menina! — repreendeu-a Concepción.

Lita não fez caso.

— Eu não ando com nenhum cartaz a dizer que nasci em Espanha e posso garantir que as demonstrações de racismo e discriminação são diárias. Só é preciso pôr um pé na rua.

— É verdade — concordou ele. — Os espanhóis não têm consciência

do seu racismo contra os afrodescendentes nascidos aqui. E um dos grupos que mais sofrem essa invisibilidade, muito numeroso e que se destaca no relatório da ONU, é o das mulheres que se dedicam aos trabalhos domésticos.

— Como tu — disse Lita, dirigindo-se à mãe.

Joseph concordou. Lita ficou pensativa e repentinamente perturbada. Sim, a sua mãe levava uma vida anódina e trivial, metida numa casa a servir umas personagens insuportáveis e sem que ninguém reparasse nela. Sentiu-se enjoada ao pensar que talvez ela tenha sido a primeira a tratá-la como se fosse invisível.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Bekeke, interrompendo os seus remorsos.

— O picante — desculpou-se ela.

Joseph dirigiu-se a Concepción:

— Tu és uma dessas trabalhadoras domésticas: jornadas intermináveis e condições abusivas. Ou estou enganado?

— Havia gente que vivia muito pior do que nós — defendeu, porém, Concepción. — Nem à minha mãe, nem a mim, nem à minha filha nos faltou nunca um teto e comida.

— Não é a isso que se está a fazer referência, mãe. Aos escravos também nunca lhes faltava teto e comida, nem...!

— Não compares, Lita, por amor de Deus! — interrompeu-a a mãe, o que se repetiria mais vezes.

— Sim, comparo. É uma questão de dignidade. Trata-se de seres uma pessoa igual ao marquês, à dona Claudia, a qualquer um deles...

— Filha...

— Não. Não quero ouvir mais uma vez que eles são diferentes. Porque é que não te mandaram a ti também para o colégio...?

— Era outra época, filha...

— Nos anos sessenta, em Espanha? As mulheres estudavam. Havia advogadas e médicas, e secretárias e enfermeiras, muitas. A ti puseram-te a servir, de dia e de noite.

Bekele observava-as.

— Se não estiveres convencida, Concepción... — acrescentou ao ver que mãe e filha se mantinham em silêncio.

— Como diz a minha filha, sou apenas uma criada...

— Mãe — interrompeu-a Lita —, não queria dizer isso.

— Não, não. É a verdade. E não nos devemos envergonhar. Eu não o faço e espero que tu também não, mas temos de reconhecer que não sei de todas estas coisas de que falam. Senhor Bekele, farei exatamente o que a minha filha disser.

— Fico muito contente, Concepción. Vai acabar por entender, com certeza. Encontramo-nos perante um caso concreto de discriminação real contra afrodescendentes de nacionalidade espanhola, mas, em simultâneo, com uma circunstância ainda mais importante... — Joseph ficou uns segundos em silêncio, à espera de que fosse Lita a assinalá-la. — Neste caso, temos culpados com nome e apelido — acrescentou perante o silêncio de Lita. — Os marqueses de Santa...

— Santadoma.

— Esses. Ouçam: a quem culpamos pela miséria, pela ignorância e pela doença de um menino da Nigéria ou da Etiópia? A sociedade ocidental? O capitalismo? A corrupção de uns líderes apoiados por multinacionais? Não podemos apontar o dedo a ninguém em concreto, a pessoas específicas. As pessoas não se querem sentir culpadas, e também não o são, temos de o reconhecer, e perante as desgraças e as catástrofes limitam-se a doar uns euros a uma ONG para assim tranquilizarem a sua consciência. É quase um discurso esgotado, não é? Cansativo. Mais e mais migrantes esfomeados. Mais e mais homens desalojados que aparecem à procura de sorte. Que culpa têm eles? Quem a tem? Ninguém e todos. — Lita ouvia-o encolhida; Concepción, pensativa. — Porém, contigo sim, sabemos quem é o último responsável pela tua situação...

«Eu própria», esteve prestes a exclamar Lita. Aquela conversa estava a magoá-la. Porque ela vivera amparada pela mãe: dormira, comera e estudara graças a ela. Concepción entregara-se com generosidade, e em

troca só recebera ingratidão, um complexo de inferioridade que Lita carregava e do qual era incapaz de se livrar. Talvez nunca a tivesse recriminado diretamente, mas agora sentiu-se desprezível por todas as vezes em que pensou que a sua origem humilde era um estorvo nas suas relações profissionais e sociais. Devia ter sentido orgulho por contar com aquela mãe! Assim sendo, quem era o verdadeiro responsável?

— Os Santadoma — afirmou Joseph, retomando o fio de uma intervenção que deixara no ar. — Esclavagistas. Colonialistas. Potentados que fundamentam a sua posição e a sua riqueza na exploração histórica dos afrodescendentes. Gente que, contigo, Concepción, prolongou os efeitos da escravatura. Racismo puro. Intolerância. — Bekele ia-se inflamando à medida que falava. — Xenofobia. Discriminação racial...

Levantara demasiado a voz. Os comensais das outras mesas olhavam para eles.

— Desculpem — pediu a Lita e à mãe. — Desculpem — pediu ao resto dos clientes. — É preciso esmagar essa gente — sussurrou depois, ainda que com autoridade no tom. — Há muitos outros como eles no mundo. Talvez não tenham criadas de cor trazidas de Cuba como os Santadoma, e desculpem-me a franqueza — disse devido à alusão a Concepción em tais termos —, mas sim, tiram partido hoje, no século XXI, da riqueza que obtiveram a escravizar os nossos. Todos eles devem saber que estamos aqui. Que lutamos. Que lhes vamos apontar o dedo. Que merecemos reparações.

— E como é que se faz isso? — perguntou Lita.

— Mostrando-lhes como a descendente de uma escrava reclama o que é seu. E o consegue, porque tu vais conseguir. Têm de nos temer, Lita. É preciso roubar-lhes o sonho, o descanso, a tranquilidade. Que os inquiete a possibilidade de serem os seguintes. Que se vejam refletidos nos Santadoma e sofram o desassossego de se verem social e economicamente perseguidos.

— Mas são coisas que se passaram há muito tempo — interveio Concepción, como se pensasse para consigo.

— Pode ter-se passado há muito tempo, sim — argumentou Bekele —, mas são extremamente atuais. Estamos a viver a década pelos direitos dos afrodescendentes, que se estenderá até 2024. Ainda que isso não termine aqui. Antes não podíamos lutar, éramos fracos, estávamos subjugados; hoje, por mais tempo que tenha decorrido desde que nos escravizaram, sim, podemos fazê-lo, e fá-lo-emos, Concepción, fá-lo-emos.

Depois dessas explicações, as duas mulheres viram-se inundadas pelas referências que Bekele fez a associações de afrodescendentes, comités de defesa dos direitos humanos e ONG que, de acordo com o que assegurou, estavam dispostos a colaborar na defesa dos direitos de Concepción.

— Tens a certeza de que se vão interessar por este caso?

— A certeza absoluta, Lita. É a luta deles. E tu, Concepción, podes ser a sua bandeira. Já falei com muitas dessas instituições. Conhecem-nos bem. Não podem dar dinheiro, mas sabem mexer-se e irão trabalhar, manifestar-se connosco e pressionar.

O picante do frango fora substituído pela doçura excessiva do «pão com mel» que serviram como sobremesa, uma espécie de bolo de leite e mel acompanhado por um jarro de *tej*, hidromel típico da Etiópia, também doce, à base de água, mel e ervas.

Picante abrasivo, doçura enjoativa. Sensações gustativas extremas a que Lita se submeteu com discrição para não ofender o seu anfitrião. Naquele encontro, tal como acontecia com a comida que lhes tinham servido, tudo parecia excessivo, impactante, como as promessas e o compromisso entusiasta de Bekele, que Lita decidiu aceitar sem mais perguntas, uma atitude a que se entregou após uns goles de *tej*, uma bebida traiçoeira cuja doçura disfarçava o álcool.

— Estás de acordo, mãe?

— Sim, filha, claro.

E, para surpresa de Lita, Concepción deu um bom gole de *tej* seguido de um soluço que tentou reprimir sem sucesso, o que provocou o riso de Bekele e da filha.

— Não tem nada a ver com um bom rum de cana *añejo*...

— Mãe!

Lita nunca a vira beber.

— A tua avó adorava e de vez em quando oferecia-me um golezinho. Depois faleceu e... — Concepción bebeu outro gole de *tej*. — Nada a ver, não — reiterou. Então, levantou-se. — Vou chegar tarde — disse, desculpando-se.

— Aonde?

— A casa dos vizinhos, querida. E também não gostava de chegar com os copos.

Bekele desfez-se em elogios para com Concepción depois de esta ter saído do restaurante, enquanto Lita se debatia com sentimentos contraditórios ao ver como a mãe ia trabalhar enquanto ela tentava consertar o mundo: uma estaria a esfregar o chão dos vizinhos, a outra a especular sobre indemnizações pela escravatura colonial de há uma centena de anos. Optou por se refugiar no pão de mel até a sensação de enfartamento superar qualquer sentimento de angústia.

— Ufa! — bufou então.

— Sim — reconheceu Bekele. — Talvez seja um pouco pesado para depois de um almoço, mas eu, quanto mais envelheço, mais gosto de doce, embora entenda que os jovens fiquem enjoados.

— Bem, com um pouco de exercício... — disse ela, tentando não dar importância.

— Um bom baile? — A surpresa deve-se ter refletido no rosto de Lita, porque Bekele sorriu e continuou: — Vi-te na manifestação em frente ao banco. Bem, viu-te meio mundo... Apareceste na televisão!

— E na *internet*.

— Sim.

— Foi uma vergonha — disse ela, arrependida.

— De todo.

— Não me reconheci. Não me costumo comportar daquela maneira tão esquisita.

— Pois.

— Foi desenfreado, obsceno — insistiu.

— Pois, mas já sabemos que não podemos controlar os deuses, e muito menos reprimi-los. — Após uns instantes de silêncio, perguntou: — Iemanjá?

— Sim — ouviu-se a dizer Lita, surpreendida.

— Era óbvio.

Joseph sabia de orixás, da religião dos negros, a nigeriana. Conhecia, participava e até estudava todos aqueles aspetos de uma cultura que não deviam permitir que sucumbisse devido à diáspora e à ocidentalização de milhares de jovens que abandonavam África perseguindo a quimera prometida pela sociedade branca. Ofereceu-lhe ajuda. Lita bebeu um longo gole de *tej*; preferia não falar disso. Joseph insistiu. Não o podia negar: irradiava magia enquanto dançava! O espírito dos deuses envolvia-a! Ela bebeu mais. Ele afastou o jarro do seu alcance com uma expressão carinhosa. Era difícil de entender, disse em jeito de consolo, mais ainda de aceitar quando nos afetava diretamente.

— Embora eu desse tudo o que tenho para poder desfrutar de experiências como a que tu viveste no dia da manifestação — confessou com sinceridade. Lita virou a cabeça, atenta. — Ser possuído pelos nossos deuses tem de ser como alcançar o êxtase místico dos santos cristãos — afirmou, agitando as mãos. — Comungar com... com os nossos antepassados.

— Mas esses deuses acabam por te dominar — desabafou Lita. — Não gosto de perder o controlo de mim própria.

— As religiões dominam-nos sempre, não achas? — argumentou Bekele. — Foi assim durante séculos. Influenciam a nossa forma de agir, limitam-na, oferecem-nos princípios e valores que nos vemos obrigados a seguir. Até há aqueles que matam em nome da religião: terroristas fundamentalistas, fanáticos.

— Pois isso é precisamente o que não quero que me aconteça.

— Claro. No entanto, pensa que esses jihadistas não veem Alá a não

ser quando estão drogados, se é que o chegam a ver nessas condições. Matam com a confiança de que efetivamente o seu deus existe e os recompensa com o paraíso e as huris que os farão felizes durante mil anos. — Joseph caiu no silêncio, como se suspeitasse da possibilidade de esse lugar idílico existir. — Mas tu... — animou-a de repente com as mãos —, tu, sim, vês os deuses. Tu conhece-los. Isso não tem comparação, para mim é inimaginável.

— Pois eu tenho medo. Preferia não ver nenhum deus — afirmou Lita.

— És uma privilegiada. Não temas; não te farão mal. Sente-os. Aproveita a magia.

Depois permaneceram em silêncio durante um tempo. Lita acabou o copo de *tej*; restavam apenas umas gotas, mas necessitava de fazer alguma coisa, por trivial que fosse, para escapar de uma tensão que parecia recair nela.

— Enfim — disse Joseph —, estou à tua disposição. Recorre a mim se precisares de alguma coisa. Acho que te podia ajudar na tua relação com... eles. Quanto ao assunto da tua mãe, isso segue o seu curso. Vamos conseguir, sem dúvida.

E então Joseph serviu-lhe um copo cheio de *tej*, levantou-se e desculpou-se dizendo que ele também tinha de trabalhar. Lita e a sua mãe eram convidadas, claro, acrescentou antes de lhe pegar na mão e lha apertar com gratidão e respeito, como se lhe devesse o mundo.

Lita regressou a casa ao início da tarde. Fê-lo a andar devagar, perseguindo uma brisa que a reconciliasse com a jovem que entrara para almoçar num restaurante étnico de onde saíra ébria, em parte devido ao álcool que ainda lhe pesava nas pernas e entorpecia os seus passos, mas também pela verdade na história dos negros explorados cujos efeitos perniciosos chegavam a alcançar até a sua mãe, e talvez a ela também; pelo compromisso na luta, e pelos deuses que possuíam as pessoas e explodiam dentro delas em danças frenéticas.

Abriu a porta do apartamento, sentindo ainda a calidez do aperto de

mão de Joseph. Não parecia haver ninguém, mas nem sequer se certificou e deixou-se cair no sofá da sala.

Acordou a meio da tarde numa casa silenciosa, com o sol de primavera a entrar pela janela e a fazer brilhar as partículas de pó, quase sem gravidade, num ambiente que lhe oferecia a cumplicidade suficiente para enfrentar com lentidão a secura de boca e a terrível dor de cabeça que a levou a amaldiçoar o *tej* e tudo o que fosse etíope. «Nunca mais», disse para consigo, como sempre que se via numa condição tão deplorável. Manteve-se em silêncio. Estava sozinha na sala. Ouviu a casa: nem mãe, nem amigas, nem cães. Ninguém.

Fez um gesto para se levantar, mas deixou-se cair de novo no sofá. Passou em retrospectiva os acontecimentos do dia e expirou: a mãe devia estar a trabalhar na casa dos vizinhos, ou teria ido às compras, ou estaria a fazer pela vida enquanto ela dormia bêbeda na tarde de um dia de trabalho. E se as suas reivindicações não tiverem êxito? O que seria delas se os Santadoma não cedessem? Sara e Elena tinham-nas acolhido, mas essa situação não se podia prolongar muito mais do que o necessário. Enquanto se mantivesse essa tensão frenética criada à volta delas, não havia problema, mas depois tudo se tornaria rotineiro e a realidade viria ao de cima. Uma realidade que indicava que não cabiam naquele apartamento, que os cães incomodavam, e que elas não pagavam, nem as amigas dispunham de muito dinheiro. Precisava de encontrar um trabalho! A angústia levou Lita a levantar-se e a passear pela sala; mexeu as pernas, conseguindo que o sangue fluísse até à sua cabeça. Entrou no seu quarto e um impulso levou-a a pegar na caixa do colar de contas. Não falara dele a Joseph e não sabia se chegaria a fazê-lo algum dia. O homem acreditava firmemente em tudo aquilo. E se fosse verdade e existissem todos esses deuses negros e por uma razão ou por outra a tinham escolhido a ela? Pendurou o colar ao pescoço, pela primeira vez desde que o encontrara na secretária do marquês na arrecadação.

Era uma privilegiada, dissera-lhe Joseph, e, ao lembrar-se das suas palavras, ergueu-se. A lassidão que entorpecia os seus músculos e os seus

sentidos desapareceu de repente. O colar queimava no seu peito. Até então rejeitara os feitiços, devolvia o colar à sua caixa, perturbada, e procurava explicações racionais. Porém, nessa tarde aguentou a conversa que parecia querer aproximá-la daquele objeto misterioso. «Sente-os. Aproveita a magia», encorajara-a Joseph. Lita quis senti-los. «Não te farão mal», assegurara-lhe também. Mas nisso enganava-se, porque, quanto se entregou ao poder que emanava daquelas contas, viu-se transportada para um mundo de dor e submissão, de chicotes e sangue, de lamentos em forma de cânticos monótonos, e sentiu explodir na sua cabeça o imenso sofrimento da escravatura e da tristeza de infinitas almas.

Lita caiu sentada na cama e agarrou o colar com uma mão, prestes a arrancá-lo, mas o mesmo tormento que oprimia o seu peito até lhe tornar difícil a respiração emaranhou-se numa espécie de feitiço que a obrigava a deixar-se levar para o abismo onde vagueavam os espíritos dos escravos. Levada pela mão de algum deus desconhecido para ela, Lita misturou-se com todos aqueles seres cuja vida se tornara trivial, secundária, acessória à dos brancos que se consideravam superiores.

Lita soube da ira desse deus que não conseguiu proteger os seus, que presenciou como as suas vidas plenas, iguais às de qualquer outro ser humano, acabaram confundidas com as dos animais.

O barulho da porta a abrir-se e a correria dos cães despertaram Lita da sua viagem com os deuses.

Transpirava. Ofegava. Chorava.

Puerto Príncipe, Camagüey, Cuba
Fevereiro de 1878

No momento em que uma comissão da República de Cuba em Armas assinava a capitulação das forças rebeldes no quartel espanhol de San Agustín del Zanjón, a escassos quarenta quilómetros de Puerto Príncipe, Kaweka encontrava-se acampada nas proximidades da cidade, a não mais de dez quilómetros, num lugar conhecido como Guayamaquilla, uma zona próxima daquela onde também acampara três anos antes, quando Modesto os guiara desde Júcaro para se juntarem às forças do general Gómez, que se aprestavam para atravessarem a *trocha* com o objetivo de levar a guerra até ao ocidente da ilha.

Naquela época percorria aquelas terras ao comando de uma companhia fragilizada pela traição de Sabina e dos que ficaram com ela no pântano de Júcaro, mas com homens que lhe obedeciam e a respeitavam, tal como o fizera o comandante Lino ao nomeá-la sargento e ao entregar-lhe o uniforme que, puído e mil vezes remendado, ainda vestia. Porém, os galões que antes conseguiam causar pânico nos engenhos e reunir atrás dela soldados e libertos, agora apenas originavam risotas e troças ocasionais entre os homens que se moviam pelo acampamento.

— Negra, onde é que roubaste esses galões?

— Agora nomeiam sargento as mulheres manetas?

Porfirio protegera-a desde que se encontraram em Jatibonico, quando

ela se juntara à companhia em que o negro estava, consciente de que não podia continuar à espera de Modesto num acampamento fantasma, que fora abandonado pelas tropas oficiais e que se convertera em refúgio de ladrões e delinquentes. Porfirio e os seus dedicavam-se mais ao roubo e ao saque do que à guerra, mas, excetuando dar alguma palmada no ar ou emitir um som de desaprovação, ele não intervinha perante os insultos dos outros.

— Com suboficiais aleijados como tu, é normal que nos tenhamos de render — cuspiu a Kaweka um negro que esteve prestes a pisá-la ao passar a seu lado.

Porfirio abanou a cabeça antes de replicar:

— É melhor render-se do que esperar que acabem connosco.

— Dizem que os espanhóis vão libertar-nos — interveio um terceiro, sentado com eles em círculo à volta de uma fogueira apagada.

Era esse o rumor que corria entre as fileiras do exército rebelde, e todos esperavam que se cumprisse depois da assinatura de um documento que os cubanos qualificavam eufemisticamente de pacto ou convenção, mas que o general espanhol Martínez Campos chegou a reputar como capitulação incondicional.

Martínez Campos desembarcara em Havana no início de novembro de 1876 para assumir o comando do exército espanhol, dos homens já alocados na ilha e de outros vinte e um mil com que a metrópole o decidiu reforçar. Espanha acabara de dar por terminado o terceiro e último dos levantamentos carlistas, umas guerras políticas e de sucessão que assolaram a Península durante grande parte do século, sangrando cofres e o exército, pelo que, ao contrário dos contingentes que até então tinham chegado a Cuba, novatos e inexperientes, muitos dos soldados que acompanharam o novo general dispunham de experiência em combate; eram homens de guerra dura.

Porém, o general espanhol não contribuiu só com tropas e uns recursos temíveis, alterou também substancialmente a forma como se tratava o inimigo, dando primazia à diplomacia e à negociação, dialogando e

tratando com cortesia os comandos rebeldes, algo que até então nunca acontecera, e substituindo até as execuções sumárias pelo respeito pelos prisioneiros.

Força e magnanimidade: duas virtudes que vieram minar o moral e as convicções de um exército rebelde cujos comandos, caudilhos locais, se encontravam envolvidos em desavenças internas, sendo confrontados também com os políticos revolucionários, e sem armas nem ajuda exterior.

Martínez Campos foi implacável na batalha, inicialmente centrada na zona de Las Villas, ali onde Kaweka arrasara os engenhos, e cuja pacificação deu por encerrada a poucos meses da sua chegada a Cuba, saltando então para o oriente da ilha, berço da revolução. As derrotas dos rebeldes foram constantes, ainda que à custa de importantes baixas entre as fileiras espanholas e deserções maciças.

A confluência de todas aquelas estratégias e circunstâncias deu origem a que nesse dia de fevereiro de 1878 os membros do governo revolucionário estivessem a subscrever o chamado «Pacto de Zanjón», onde, em virtude da capitulação do exército revolucionário, Espanha indultava os insurretos e esquecia os delitos cometidos desde o início da guerra em 1868, e, da mesma forma, concedia a liberdade aos escravos e aos colonos que lutavam nas fileiras rebeldes.

Uns e outros, negros e chineses acampados nos arredores de Puerto Príncipe, explodiram de alegria à medida que a notícia ia sendo confirmada. Porfirio e os seus não faltaram à festa. Ainda que os brancos não tivessem conseguido a independência de Espanha pela qual tinham arrasado e se sacrificado naquela guerra sangrenta, consolidavam esse estatuto de liberdade com que os fazendeiros do Oriente os tinham tentado para fazerem parte de uma revolução alheia aos seus interesses, e obtinham a sua condição de libertos num ambiente de paz, para toda a ilha e perante todos os cubanos.

Ninguém sabia de onde, mas como por magia apareceram garrafas de rum e de aguardente, tabaco e até comida. A festa rebentou pelos

campos, ocupados por mil pessoas, talvez mais. Soaram tambores, mas também chocalhos e zambombas, maracas, apitos, guizos, sinetas e ferros ou relhas de charruas, onde se batia com paus metálicos. Os cânticos aumentaram e os bailes multiplicaram-se.

Kaweka já não participava neles. O seu braço esquerdo, inválido, não só a impedia de lutar com destreza por mais que tivesse treinado o direito, como também lhe dificultava os movimentos, desequilibrando-a e fazendo-a tropeçar e até cair. Tentou superar isso, mas as suas quedas não só originaram gargalhadas, como também afastaram dela a deusa, como se esta se envergonhasse da sua lassidão e rejeitasse o seu corpo para dançar, uma coisa que Kaweka até entendia: já não era digna de a acolher. Falhou como curandeira: os deuses também não a acompanhavam naquelas tarefas e perdeu confiança, a própria e a dos outros. Durante o tempo que estivera com Porfirio não tivera contacto com Iemanjá, motivo por que não sabia nada da sua filha. Também não tivera notícia alguma do emancipado, e durante as noites, sempre mais ameaçadoras, mais escuras e sinistras, angustiava-se perante a ideia de que ambos tivessem morrido.

Modesto aparecera e desaparecera da sua vida em várias ocasiões, lamentou Kaweka, afastada do alvoroço, ainda que a verdade é que também não gostava que ele a visse assim: aleijada devido à guerra, esquelética devido à fome e repudiada até pelos deuses; uma sombra da mulher que conhecera em La Merced. Os homens nem sequer a pretendiam. Tentou dar prazer a Porfirio, mas as suas manobras deram origem a graçolas, ordinárias até para alguém que tinha prazer na dor. O homem afastou-a e consolou-a, como se com aquela ação, tão imprópria num escravo forte e violento, compensasse de algum modo o seu prazer frustrado.

Nessa noite de celebração, Porfirio aproximou-se da árvore debaixo da qual ela se escondia da alegria generalizada com uma fatia de um bolo de farinha de banana verde e batata-doce, e uma garrafa de aguardente da qual quase a obrigou a beber.

— Não entendo a tua tristeza — disse-lhe quando ela lhe devolveu a garrafa. — Conseguiu. Conseguimos a liberdade! Os brancos perderam a sua guerra e nós ganhámos a nossa. Somos livres.

— O Pedro José também? — recriminou-o ela.

— Não sei nada do Pedro José. Talvez seja, ou será, ou talvez morra escravo, não faço ideia. O que sei é que o Jesus, que desceu do barco, morreu por ele... Por nós.

— E os escravos dos engenhos do Ocidente?

— E os escravos de África? — respondeu ele. — Não podes mudar o mundo!

— Os brancos continuam a brincar connosco, a dispor das nossas vidas e das dos nossos! — exclamou ela.

— Não te enganes, Kaweka. Esta guerra não acabou por os rebeldes a terem perdido no campo de batalha. Isso é o que dizem e do que nos tentam convencer. — Kaweka surpreendeu-se e interrogou-o com o olhar. — Os brancos renderam-se porque a guerra tinha deixado de ser pela independência de Espanha para se tornar um conflito entre brancos e negros, uma simples guerra de raças, e isso não o admitem os brancos, os nossos, os do nosso exército, os do nosso governo. São todos iguais, espanhóis ou cubanos: terratenentes, fazendeiros ricos capazes de pactuarem quando são assaltados pelo medo de os negros os poderem vencer. Todos preferem uma Cuba dependente de Espanha a uma Cuba negra ou uma Cuba africana. O que aconteceu no Haiti, com o triunfo dos negros e um governo de negros, é o exemplo do que nunca permitirão que aconteça aqui, nesta ilha, ainda que para isso dois oficiais brancos que na véspera tenham disparado um contra o outro, cada um da sua trincheira, tenham de se deitar juntos. Esta guerra começou com todos os comandos do exército da República em mãos dos fazendeiros brancos e dos seus amigos e conhecidos. Em dez anos morreram muitos deles; outros cansaram-se, a maioria arruinou-se, e esqueceram os ideais que os levaram ao levantamento; mas todos, sem exceção, se sentem agredidos e vexados ao verem que muitos dos novos oficiais do exército são negros.

Nós não cedemos no nosso empenho! O general Maceo é o maior representante desse poder dos nossos...

— Mas se fizerem um pacto de paz — insistiu ela —, Maceo já não terá nada para fazer.

— Não tem importância, Kaweka. Não nos podem apagar. Conhecemos a liberdade, lutamos por ela. Não iremos recuar.

Beberam aguardente em silêncio até que Porfirio voltou a usar da palavra:

— Enganaram-se, Kaweka. Eles, os brancos, perdoaram-se entre si. Amnistia e esquecimento, isso é o que dizem, e fica tudo igual, os brancos continuarão com os seus negócios e as suas fazendas. Concedem a liberdade aos que lutam no exército rebelde, uma pequena parte de todos os escravos que há em Cuba, com os quais pretendem continuar a enriquecer como se nada tivesse acontecido. Mas pensa numa coisa: como é que vão responder todos esses escravos? Nós, os que nos revoltámos contra Espanha, somos livres, enquanto os que continuaram fiéis aos espanhóis continuam a ser escravos. Não faz sentido. Devia ser ao contrário: nós, os maus, devíamos ser os escravos, e eles, os bons, receber o prémio da liberdade. Não nos vão conseguir controlar. Os negros vão-se revoltar.

Porfirio insistiu que se alegrasse, que risse e o acompanhasse à festa. Kaweka continuou pensativa. Ele empurrou-a com carinho e brincou um pouco com ela, mas acabou por desistir e deixou-a debaixo da árvore com o que restava da aguardente.

Pouco mais de duas semanas depois da assinatura do Pacto de Zanjón, a 28 de fevereiro de 1878, ao amanhecer, os suboficiais do exército rebelde apresentaram-se no acampamento de Guayamaquilla, onde se encontravam estacionadas as tropas à espera de executar os acordos da capitulação, entregar as armas e obter oficialmente a licença que os dispensava do serviço.

— Em pé! — gritaram cabos e sargentos, surpreendendo os soldados

que, depois de quinze dias de indolência e celebrações, se tinham esquecido de toda a disciplina militar. — Para cima! Rápido!

As cornetas chamaram para formar enquanto os comandos percorriam o campo a dar pontapés nas cinzas das fogueiras, nas tigelas, nos copos, nas garrafas vazias e nos preguiçosos que persistiam em continuar a dormir no chão apesar das ordens.

— Levanta-te, preguiçoso!

Porfirio puxou por Kaweka quando um dos cabos bateu com a culatra do seu fuzil num soldado que, deitado ao lado deles, resmungou, virou-se e tapou a cara com as mãos.

Formaram no descampado: mil homens sonolentos, cansados, ressecados, indisciplinados e mais esfarrapados do que nunca, divididos em companhias, afastados das mulheres e das crianças. Os homens esperavam sem saber muito bem o que se ia passar, enquanto o sol anunciava um dia luminoso e agradável.

— Silêncio na formação!

— O que é que importará a estes imbecis que falemos? — ouviu Kaweka à sua direita, na segunda fila, onde permanecia meio escondida junto de Porfirio.

— A este imbecil não lhe interessa um caralho ouvir-vos! Calem-se! — gritou o sargento, um mulato barbudo, que percorreu a fila procurando com o olhar o insolente.

Não o encontrou, mas deu de caras com Kaweka.

— Sargento — pareceu fazer pouco dela com um sorriso, ao mesmo tempo que deslizava com um dedo ao longo dos galões desbotados do seu antebraço. — Então tu deves ser... Como te chamavas? — Kaweka fez um esgar como resposta. — Não interessa — acrescentou o outro —, muitos ouviram falar de ti e dos teus homens. Será bom que te vejam.

Empurrou-a até ao lugar onde se encontravam os outros cabos e sargentos, à frente das respectivas companhias.

— Tu, aqui — indicou-lhe.

Kaweka obedeceu impassível, com o olhar em frente, a fixar coisa

alguma, ouvindo como os outros suboficiais falavam entre eles. Um acertou no seu nome. Outros comentaram as suas façanhas ao longo dos dez anos de guerra: algumas certas; a maioria, não. Acabou por ignorar os falatórios e voltou a centrar-se na ideia que a preocupava há dias, desde que lhes chegaram notícias da quantidade aproximada de escravos que os espanhóis libertariam depois do Pacto de Zanjón.

— Cerca de doze mil — ouviu no grupo em que se moviam Porfirio e os seus.

— São muitos?

— Suponho que sim.

Nenhum deles sabia contar. Kaweka teve saudades de Modesto.

— Quantos escravos há na ilha? — perguntou outro.

— Dizem que duzentos mil.

— São muitos mais do que doze mil?

— Não sei.

— Com certeza que sim! Todos os dos engenhos do Ocidente!

— E os de Havana.

— E Matanzas.

— A maioria de todos esses não fugiu para fazer a guerra.

Era verdade, pensava Kaweka. Só em La Merced podia haver tantos escravos como homens naquela planície, e era apenas um engenho dos muitos que havia no Ocidente. E relativamente aos escravos urbanos de Havana... Perguntou a Porfirio, que não lhe soube responder, e procuraram alguém que sabia de números.

— Estes são os doze mil — mostrou-lhe com um montinho de pedras no chão. — Estes são outros doze mil — continuou com outro montinho separado do primeiro. — E estes outros doze mil...

Ali os ia construindo, à espera não sabia muito bem de quê. Kaweka voltou a sentir a mesma angústia que a assolou ao ver a quantidade de montinhos de pedras que acabaram dispostos a seus pés. Porque depois lhe tentaram explicar o que eram cada um desses doze mil:

— De onde eras escrava? Pois bem — continuou o homem depois da

resposta de Kaweka —, La Merced é um engenho dos grandes, tem quatrocentos ou quinhentos escravos...

Mais pedrinhas, até fazerem uma ideia dos poucos que eram doze mil em comparação com os seus irmãos, com esses duzentos mil que continuariam escravizados pelos brancos.

Dez anos de guerra, de sofrimento, de miséria, de fome e de crueldade para obter a liberdade de tão poucos escravos. Kaweka estremecia ao recordar os montes de pedrinhas e os negros que ficavam subjugados nos engenhos, e a essa preocupação misturaram-se umas pontadas, subtis, leves, alheias ao seu corpo e à sua própria dor que desejava agarrar, amarrar de novo à sua existência.

Permanecia quieta, posicionada à frente da companhia, como se temesse que por algum movimento brusco pudesse espantar a deusa que se remexia no seu interior, tal como sucede com os animais que se aproximam com cautela antes de fugirem assustados. Por isso só mexeu os olhos no momento em que chegou a comitiva encabeçada pelo capitão-general Arsenio Martínez Campos, acompanhado pelos membros do seu estado-maior, os generais e políticos rebeldes, e uma infinidade de pessoas, entre militares e civis: todos aqueles que dispunham de um cavalo ou que o pudessem alugar no Puerto Príncipe, onde os preços por animal tinham subido de maneira inimaginável.

Cabos e sargentos gritaram exigindo marcialidade a uns soldados indiferentes, fartos de ordens e disciplina, e o seu aspeto indolente e miserável contrastou com a pompa do séquito do general, que vestia de gala: calças vermelhas com botas altas, casaca de linho às riscas, sabre, estrelas, galões, medalhas, faixas e cintas e outros adornos.

Até os generais e oficiais cubanos, os mesmos que tinham rendido as suas tropas, vestiam roupas novas, brancas, uns uniformes que lhes foram entregues pelos vencedores perante a deterioração dos seus. Os negros viam, Kaweka também, e a deusa remexeu-se diante daquela nova barreira que se abria depois da capitulação e que pressagiava o destino dos da sua raça: os brancos, espanhóis e cubanos, orgulhosos, bem

vestidos, avindos na sua raça e posição, a celebrarem o discurso do general vitorioso, enquanto os negros esfarrapados aguentavam aquele desvario interrompido em alguns momentos por ovações ao rei de Espanha e ao caudilho que os dirigira até ao triunfo.

O general espanhol revistou as tropas seguido pelos seus e pelos generais cubanos. Com o Sol já no alto, brilhante, e entre os aplausos do público, oficiais, cabos e sargentos faziam sentido à sua passagem e prestavam-lhe honras com as escassas armas de que ainda dispunham. Kaweka, porém, permaneceu imóvel, em posição de sentido. Martínez Campos parou diante dela, surpreendido, o que fez com que vários oficiais se apressassem a recriminar a sargento por tal desacato.

— Quietos! — ordenou o general espanhol, que não mostrara cavalheirismo com os rendidos para que agora se desse um incidente estúpido perante os cidadãos e os jornalistas que cobriam o acontecimento. — Esta sargento não faltou ao respeito a ninguém. Respeitemos a honra e os sentimentos dos que se rendem.

— Meu general... — chamou a sua atenção um fotógrafo que corria levando o tripé e a câmara para onde se encontrava. — Uma fotografia deste momento histórico — pediu-lhe.

Martínez Campos encheu o peito, assentiu e chamou tanto os seus generais como os do exército vencido, que se posicionaram dos lados e por trás de Kaweka. Eram todos mais altos, e ela ficou no meio, pequena, tímida, mas sem deixar de notar como a deusa deslizava no seu interior.

O fotógrafo demorou a apoiar e montar o seu equipamento sobre a terra instável.

— É preciso convencer os negros e todos os oficiais e soldados que estão espalhados por esta ilha — disse Martínez Campos, erguido ao lado de Kaweka durante a espera — a juntarem-se à paz que acabamos de assinar e a entregarem as suas armas. E, para isso, devemos respeitar os sentimentos dos vencidos.

— Não devemos prolongar mais esta contenda fratricida — acrescentou outro general dos espanhóis.

— Sim, são dezenas de milhares de mortos, e já houve destruição suficiente para que se continue com esta guerra.

Os comentários e bons propósitos sucederam-se nas bocas de todos aqueles militares de alta patente, espanhóis e cubanos, mas Kaweka ouviu apenas uma parte deles. «Maceo não se rende.» «Esse negro impedirá a paz.» «É mulato», corrigiu alguém como se assim fosse menor o pecado. «É um negro obstinado.» «Mulato», insistiu o mesmo de antes. «É o único general negro e está ao comando de todo um corpo do exército rebelde no Oriente!» «Não vai ceder, não se irá render», apostaram vários.

— Fá-lo-á — afirmou Martínez Campos quando o fotógrafo indicou que tinha finalizado.

E reiniciaram a revista das tropas deixando Kaweka ali especada, sem que nenhum deles lhe tivesse dirigido a palavra. Depois daquela cerimónia, todos se dirigiram a Puerto Príncipe, onde, com a cidade enfeitada e as pessoas na rua e nas varandas, felizes, exultantes, a aplaudirem o fim da guerra, as tropas — espanholas e rebeldes — desfilaram juntas. Estas últimas continuaram até ao quartel de cavalaria da Vigía, onde entregaram as armas que lhes restavam, e onde foram recenseadas para lhes concederem a liberdade. À noite, os soldados misturaram-se e aproveitaram as tabernas e cantinas, o álcool e as mulheres, enquanto o capitão-general celebrava com um banquete em honra dos chefes insurretos e um baile de gala.

Kaweka não desfilou, não entrou em Puerto Príncipe nem entregou a sua catana no quartel de cavalaria. Também não recebeu a carta de liberdade. Assim que os oficiais ordenaram a marcha para a cidade, depois de Martínez Campos dar por concluída a revista, ela escapuliu-se, orientou-se pelo sol, fechou os olhos ao seu brilho, estremeceu perante um calor que alimentou o renascimento de Iemanjá nas suas entranhas e encaminhou-se para oriente.

— Martínez Campos esmagá-lo-á.

A quase totalidade da dezena de homens reunida na sala do Casino Espanhol de Havana, uma associação patriótica nascida em resposta às aspirações republicanas e independentistas dos rebeldes cubanos no início da guerra, com sede num edifício da Calle Obispo da cidade velha, assentiu em uníssonos. Um mês depois do Pacto de Zanjón, o general Maceo reunira-se com o capitão-general espanhol na povoação de Mangos de Baraguá, a oriente da ilha, perto de Santiago, onde lhe comunicou que não aceitava a capitulação. Os dois militares concordaram em reiniciar as hostilidades oito dias depois, a 23 de março.

— Está doido o negro.

— Como todos eles.

— São uns imbecis!

— De que forças dispõe Maceo?

— De nenhuma. Os oficiais e as tropas desertam e apresentam-se aos nossos homens. Não tem soldados nem armas!

Trocaram-se perguntas de uns e outros, alguns sentados, outros em pé atrás do amplo círculo de cadeirões ocupados por homens bem vestidos: casaca preta, colete e calças claras. Indiferentes à presença dos escravos que os serviam, discutiam, bebiam rum *añejo*, café, e fumavam charutos grossos que chupavam e rodavam nos seus lábios com deleite.

— Tanta indulgência com os rendidos, para quê? Devíamos ter fuzilado todos os cabecilhas, ou pelo menos prendê-los... E, em vez disso, demos-lhes uniformes novos!

— Martínez Campos devia tê-los deixado nus no campo! — gritou um dos presentes. — Essas bandeiras assim o exigiam — acrescentou, apontando com um dedo trémulo para várias bandeiras retiradas aos rebeldes que eram expostas com orgulho vitorioso nas instalações do casino.

A maioria dos presentes guardou uns momentos de silêncio como mostra de respeito pelas mortes dos soldados espanhóis que tinham sido necessárias para derrotar e capturar aqueles troféus, antes de se envolver em discussões e críticas à atuação do seu capitão-general. Porém, todos

aqueles fazendeiros e magnatas espanhóis que se reuniam em tertúlia no casino mostraram uma satisfação generalizada pelo fim da contenda e concordaram que a nova rebelião encabeçada pelo Titã de Bronze carecia de qualquer viabilidade.

— A birra de um mulato arrogante — qualificou-a um deles.

— Não vale a pena preocuparmo-nos — acrescentou outro.

— Claro.

A conversa dividiu-se em grupos mais reduzidos.

— A propósito, marquês — disse um homem de patilhas espessas que se alongavam até se unirem quase no queixo —, leu este artigo?

Dom Juan José de Santadoma deixou o copo de rum em cima da mesa de centro e pegou no jornal que o outro lhe oferecia.

— De que se trata?

— Uma escrava que dizem que era sua...

O aristocrata franziu o sobrolho e embrenhou-se na notícia: a crónica de uma sargento rebelde que o jornalista vira em Guayamaquilla, depois do Pacto de Zanjón, e com quem dera de caras de novo em Mangos de Baraguá, no protesto de Maceo, duas semanas depois. Intrigado com a coincidência, o jornalista que acompanhava Martínez Campos interessara-se pela história e decidira investigar aquela mulher. Não lhe foi difícil obter informação. Kaweka, disseram-lhe que assim se chamava, chefe de um implacável grupo guerrilheiro desde o início da guerra, levara a cabo inúmeras ações contra as tropas espanholas e os engenhos da zona de Las Villas, até a ferirem no braço esquerdo.

Dom Juan José notou que as mãos lhe suavam. O fazendeiro respirou fundo e continuou a ler a crónica. A sargento tinha sido promovida a suboficial por méritos de guerra, era temida e respeitada, tanto pelas suas aptidões bélicas como pela sua condição de curandeira.

O jornal tremeu nas mãos do marquês enquanto este lia o relato de alguns dos ataques guerrilheiros que o jornalista atribuía a Kaweka e aos seus homens. Tinha sido escrava no engenho La Merced, propriedade do marquês de Santadoma, continuava o artigo.

— Marquês? — preocupou-se o amigo. — O senhor está a ficar pálido...

A crónica era acompanhada de uma fotografia, de péssima qualidade, tirada em Guayamaquilla, onde aparecia o general Martínez Campos com o seu estado-maior e os oficiais rendidos rodeando uma mulher pequena, consumida, perdida num uniforme imenso onde podiam caber três como ela. Os rostos dificilmente eram reconhecíveis, mas o da negra explodiu na mente do marquês sob a forma de mil imagens que se sucederam vertiginosamente, confundindo-o, enjoando-o até. O leito onde agonizava o seu filho Ernesto, os cânticos da negra, a sua mulher histérica e dom Julián, o sacerdote, a vociferar. Sangue. A negra possuída, a gritar. O rosto cadavérico do filho, os seus braços estendidos a suplicar ajuda. Mais sangue, o ressoar de objetos, mais cânticos... E então a morte.

— Marquês!

— Juan José!

Três dos seus amigos aproximaram-se preocupados com ele, dois inclinaram-se solícitos e o terceiro pôs-se de cócoras junto do cadeirão.

— Desmaiou.

Um deles atreveu-se a dar-lhe palmadas no rosto. O marquês de Santadoma deu um pulo, restabeleceu-se e, com um gesto de agradecimento, afastou-os como se lhe faltasse o ar.

— Foi o calor — argumentou ao levantar-se. — Ou talvez me tenha caído mal... Obrigado, meus senhores. O meu carro! — gritou ao pessoal do casino.

E, aparentemente recuperado, dom Juan José esforçou-se por mostrar firmeza no andar até à saída, com o jornal debaixo do braço.

Os gritos ecoaram no palácio dos marqueses de Santadoma da calçada do Cerro. Naquela zona, a mesma em que, ainda que bem escondido, se localizava o depósito de quilombolas, acumulavam-se quintas e mansões habitadas pelos nobres e fazendeiros ricos de Havana, que tinham fugido à procura da água limpa que vinha do rio Almendares após uma epidemia

de cólera que assolara a cidade velha quarenta anos antes.

A zona, muito extensa, ao contrário da que se abria intramuros, permitia também aos espanhóis a construção de grandes mansões de estilo neoclássico, com linhas direitas de colunas nas fachadas, tetos muito altos, e rodeadas de jardins amplos e espetaculares; um estilo que os ilhéus não tiveram problema em adornar com grandes pátios interiores para onde davam os quartos, onde corria o ar e onde, à sombra, entre flores e fontes, se refugiavam do calor insuportável que fustigava a ilha.

Era este o edifício onde o marquês andava de um lado para o outro a desfazer-se em gritos e insultos, entre mármore, madeiras nobres, móveis clássicos, quadros e reposteiros, luxo e ostentação por toda a parte, à espera de que por fim chegasse Narváez, o maioral que lhe confirmara a morte da feiticeira que assassinara de forma diabólica o seu filho Ernesto. Porque quem lhe garantia que Deus, nosso Senhor, não teria sido misericordioso e, em última instância, teria feito o milagre de salvar o seu primogénito? Quem lhe garantia que, como tantas vezes o recriminava a sua mulher, Presentación — no início através da palavra, dura, dilacerante, a de uma mãe desconsolada, e, com o tempo, através do seu semblante triste e silencioso —, aquela tragédia não tivesse sido, no fundo, uma prova de Deus para testar a sua plena confiança em Jesus Cristo? E ele falhara e pecara de soberba, considerara-se melhor, mais esperto até do que Deus, e renegara à sua fé cristã para se entregar a práticas demoníacas. O decurso dos anos mudara perceções, baralhara verdades e agravara ressentimentos. O marquês e a mulher convenceram-se de que Ernesto não estava tão mal, de que podia ter melhorado, de súbito. «Jesus Cristo chegou a ressuscitar Lázaro!», recriminara-o entre soluços a mulher quando ainda lhe falava. «E curou leprosos, ainda que a lepra continue a ser incurável até para os médicos atuais.» E o marquês, diariamente, ajoelhava-se no genuflexório da capela do seu palácio e humilhava-se diante da cruz, envergonhado, atormentado, arrependido por ter confiado a vida do seu primogénito a uma bruxa negra quando o Senhor teria acudido em seu auxílio, sem dúvida alguma, uma vez que a

Sua misericórdia era infinita, e o teria salvado. Cada dia que passava, dom Juan José de Santadoma encontrava-se mais e mais convencido da possível cura de Ernesto, ao mesmo tempo que a simples lembrança da negra a colocar o colar de contas sobre o peito do seu filho doente e indefeso fazia com que lhe doesse o corpo todo, provocando-lhe um ardor insuportável que não era capaz de situar em membro algum nem em nenhum órgão, nem na cabeça ou nos pés, mas que o levava a encolher-se e contrair-se para expulsar tal sofrimento de si.

O violento final da harpia negra, que, com o tempo, chegara a assumir como uma vingança divina executada pelas suas mãos, era a única coisa que lhe proporcionava algo parecido com consolo. E agora descobria que aquela bruxa continuava viva!

Atirou-se sobre o maioral quando o viu. Apanhou-o no meio de uma das salas e correu na direção dele. Na sua correria derrubou duas cadeiras e deitou ao chão uma jarra com flores antes de alcançar Narváez, tão desprevenido como desconhecedor da razão pela qual o marquês o mandara chamar ao engenho.

— Filho da puta! — Dom Juan José de Santadoma esmurrou Narváez no rosto. Este levou a mão ao rosto e abanou a cabeça quando o marquês o agarrou pelas bandas do casaco. — Mentiste-me! — gritou, empurrando-o.

— O que é que está a dizer, senhor...?

O maioral deu um passo atrás. O nobre continuou a puxar pela sua roupa. Tropeçaram e rebolaram pelo chão, mas as carpetes amorteceram a queda. Levantaram-se os dois ao mesmo tempo, o aristocrata a ofegar de joelhos no chão.

— Senhor marquês...

— Filho de uma grande puta!

O marquês de Santadoma ia voltar a dar-lhe um murro, mas Narváez, mais ágil e já refeito da surpresa, impediu-o e, para não ter de lutar com ele, abraçou-o.

— Senhor marquês, o que se passa? Por amor de Deus...!

Narváez dispôs-se a ajudá-lo a levantar-se, mas dom Juan José livrou-se dele com brusquidão. O marquês de Santadoma tremia de raiva. Dirigiu-se ao seu escritório seguido do maioral, onde ambos se fecharam depois de bater com a porta.

— Está viva, cabrão! A bruxa que matou o meu filho está viva!

Narváez não teve necessidade de olhar para o artigo de jornal que o seu chefe abanava diante dele; há tempo que não se preocupava com um episódio quase esquecido, mas, sim, tinha pensado nisso detalhadamente após a fuga da negra.

— Enfeitiçou-me — disse, recuperando uma das desculpas que considerara naquela altura.

— Disparates!

— Juro a vossa excelência. Entre ela e o emancipado propriedade do doutor Rivaviejo, o que a quis comprar, embruxaram-me. Perdi os sentidos... e escaparam...

— Eu vi a sua sepultura. Até lhe tirei a cruz.

— Um ardil do emancipado.

— E porque é que não me disseste nada?! — berrou o marquês.

— Tive medo — confessou o maioral, tentando obter com tal revelação o perdão do nobre. — Vossa excelência sabe que a bruxa também lançou uma maldição contra mim no dia em que dom Ernesto bateu na criouleira velha até à sua... Bem, já sabe de que dia estou a falar. Eu não sabia o que fazer. De que serviria contar a vossa excelência? Bastante dor sofria já...

— Isso tinha de ter decidido eu.

Narváez baixou a cabeça.

— É verdade — reconheceu —, mas...

— Mas o quê?!

O maioral hesitou. Pensara noutras desculpas, que decidiu misturar com a que já tinha escolhido diante do rosto vermelho do marquês de Santadoma e da ira que todo ele emanava.

— Preocupava-me o feitiço, morrer eu também. Entenda, vossa

excelência, até compareci diante de dom Julián para pedir ajuda e consolo espiritual — mentiu, comprovando com uma satisfação que se esforçou por ocultar que a simples menção ao sacerdote modificava o semblante de dom Juan José, que desde aquele dia nefasto temia o padre, um sentimento que fora aumentando à medida que o nobre se culpava pela morte do filho.

Narváez sabia que o marquês nem sequer falava com o confessor da sua mulher; e também sabia que o marquês jamais recorreria a dom Julián, que, sempre apoiado por dona Presentación, o desprezava sem contemplação. Nobre e religioso cruzavam-se na mansão da calçada do Cerro ou no palacete do engenho quando lá viviam, e o sacerdote erguia-se, mantinha o olhar em frente e nem sequer cumprimentava o seu anfitrião. Dom Juan José de Santadoma, rico, nobre, soberbo e altivo, acobardava-se diante de um padre que, num silêncio retumbante, o acusava de sacrilégio e homicídio.

— Depois, com o passar dos dias — continuou o maioral —, quando julguei que vossa excelência já estava melhor e me propus a revelar o sucedido, dom Julián proibiu-me de lhe contar o que quer que fosse. Disse-me que a única coisa que iria conseguir era inquietar o seu espírito, já ferido, e originar mais mortes... Que Deus, nosso Senhor, não as desejava, e que Ele e só Ele era chamado a decidir o destino das bruxas... E eu obedeci, senhor marquês. Obedeci!

O proprietário de La Merced mandou o seu empregado sair e sentou-se no cadeirão que havia atrás da grande mesa de mogno talhado onde despachava os seus assuntos. Abriu a gaveta central e contemplou a caixa alongada de lata onde guardava o colar que a escrava depositara sobre o peito do seu filho. Em certas ocasiões abria-a, embora nunca se tivesse atrevido a tocar-lhe depois de colocar ali aquele cordel que juntava contas coloridas de madeira, entre as quais se encontravam os dois botões brancos de madrepérola que aquela maldita feiticeira negra arrancara da camisa do seu filho.

Desta vez não se atreveu sequer a olhar para o conteúdo da caixa. A

bruxa estava viva! Aquela realidade deteve-o, como se o facto de abrir a caixa pudesse permitir a fuga dos espíritos malignos encerrados nela. Foram muitas as ocasiões em que considerara a possibilidade de se desfazer da caixa e do colar, mas sempre lhe parecerá que com isso assumia definitivamente a sua derrota, a sua culpa. Ele possuía o colar onde se encontravam enfiados dois botões da camisa do seu filho, a última peça de roupa que roçara a sua pele viva. Ele guardava-o. Mantinha encarcerado aquele objeto e assim dominava-o, mas, como se o desafiasse perante aqueles pensamentos, a lata brilhou e o resplendor atingiu os seus olhos. O marquês fechou a gaveta de repente e, com o antebraço, varreu todos os objetos e papéis que se acumulavam em cima da mesa: o candeeiro e o tinteiro de prata, o abre-cartas, as plumas e outros tinteiros... O estrondo confundiu-se com os seus gritos: de dor pela memória do seu filho, de raiva por saber viva a harpia, e de vingança.

— Vou-te matar! Juro que te vou matar! Vou-te encontrar e cortar-te aos bocados com as minhas próprias mãos!

Os gemidos do marquês soaram em todo o palácio. A sua família, incluindo a mulher, e os escravos, que já estavam acostumados às explosões de ira do amo, horrorizaram-se perante a dor e a cólera que aquelas ameaças destilavam.

— Narváez, encontre o emancipado — ordenou o marquês, que ia trajado com o uniforme de coronel do VII Batalhão do Corpo de Voluntários de Havana, com a pistola na cartucheira, as três estrelas a destacarem-se na manga e os dourados a brilharem.

O maioral, que aparentemente recebera o perdão pela sua ofensa após dois dias de espera por aquela sentença, assentiu sentado à frente da secretária dominada pelo aristocrata no seu cadeirão.

— Ponha Havana de pernas para o ar; Cuba inteira, se for preciso. Você, tenente Márquez — acrescentou, dirigindo-se ao homem que ocupava a outra cadeira em frente da secretária, com um uniforme igual

ao do marquês —, partirá ao comando dos seus homens para o oriente da ilha para capturar a... essa sargento. — O oficial também assentiu. — A guerra terminou, tenente, mas continuam a existir alguns redutos de insurretos como os que se uniram a Maceo, assim como grupos de bandoleiros, negros e chineses recém-libertados, preguiçosos, violentos, homens sem trabalho nem recursos que devastam campos e vilas. Havana não corre qualquer risco, pelo que os voluntários já não são necessários aqui para defenderem a capital. Você conta com o consentimento do estado-maior para esta ação, e deverá colocar-se às ordens do comando do exército no Oriente, mas não perca de vista o objetivo da sua missão. Capturar viva essa negra! — vociferou o marquês.

Nessa mesma tarde saía de Havana uma companhia de vinte e cinco cavaleiros ao comando do tenente Márquez, parte do VII Batalhão de Voluntários de Havana suportado pelo marquês de Santadoma e por outros fazendeiros, com cavalos frescos, armamento moderno e munições suficientes.

Ao mesmo tempo, Narváez dirigia-se para o domicílio do doutor Rivaviejo, no centro histórico da cidade. O médico falecera, mas a sua viúva cooperou na investigação que levava o maioral até ali. «Como é que eu me vou opor ao interesse do marquês de Santadoma?», argumentou a mulher com a esperança de que o outro elogiasse a sua atitude diante do fazendeiro, e proporcionou-lhe acesso aos dois escravos domésticos que trabalhavam para a família cuidando da casa e vendendo poções para as constipações e para a tosse nas ruas. Nenhum sabia onde estava Modesto. Tinha fugido quando o doutor decidira vendê-lo, confessaram a Narváez. A mulher esclareceu que a eles não os vendia porque, depois de enviuar, se tinham tornado o seu único meio de subsistência. O maioral de La Merced interrogou-os e contaram-lhe da vida de Modesto, dos seus costumes e interesses, onde costumava ir beber e conversar (à mercearia da esquina da Rua San Ignacio, junto do mercado de Cristina), a igreja onde ia e até as mulheres que visitava. «Rogelia», concordaram os dois; talvez fosse essa a que mais via o

emancipado, acrescentaram com um sorriso desavergonhado. Ainda mantinham algum contacto com ela, mas, como desde a morte de Rivaviejo e a fuga de Modesto já não lhe encaminhavam parturientes, tinham-se distanciado.

Rogelia tentou aproveitar-se de um Narváez que, neste caso, evitou revelar a identidade do seu mandatário. «Porquê?», «O que é que quer saber?», «O que é que eu ganho com isso?», insistia a mulher, que se permitiu virar as costas ao maioral para se ocupar do fogão. Narváez não estava disposto a perder tempo a discutir com uma negra gorda e arrogante, pelo que, com um pontapé, abriu a porta da casa da travessa da calçada do Monte e deixou entrar os dois sicários que esperavam no exterior. Amordaçaram a parteira, arrancaram-lhe o vestido e deitaram-na no chão.

— Julgas que és melhor do que as negras dos engenhos? Hoje saberás o que sentem as que trabalham no açúcar, as que enriquecem este país — garantiu-lhe o maioral de La Merced.

Um dos sicários empunhou o chicote de pele de peixe-boi e lançou-o sobre as costas imensas da parteira. Uma vez, duas... Os gritos eram abafados pela mordaça. Três, quatro... A força com que a mulher batia com os pés no ar amainou. Cinco... Dez... Rogelia deixou de gritar.

— O emancipado fugiu com os rebeldes porque Rivaviejo queria vendê-lo — comunicou Narváez na manhã seguinte ao marquês de Santadoma; com eles, no escritório, estava o secretário pessoal do nobre, chamado Gracià, de origem catalã, alto e magro, de cabelo espetado e sorriso falso, ruim e velhaco —, mas não conseguiu mais informações acerca dele — continuou o maioral. — Sim, consegui obter informações sobre a bruxa, a sargento. — O marquês franziu o sobrolho e inclinou-se para a frente de forma quase impercetível. — A parteira conheceu a escrava — afirmou com satisfação. — O Modesto refugiou-a na casa dela depois de escapar ferida de La Merced.

— Essa negrinha é minha! — exclamou dom Juan José de Santadoma referindo-se a Yesa, depois de ouvir com atenção a história que lhe

relatou o seu maioral. — Nasceu de uma negra que era minha escrava; portanto, pertence-me.

— O mais provável é que esteja morta — afirmou o outro. — Os capitães do mato assaltaram o quilombo. A negra diz que foi o que o emancipado lhe contou quando voltou da serra.

— Tenho o pressentimento de que não está morta — disse o marquês —, mas, em qualquer caso, é preciso tentar encontrá-la.

— Como? — A pergunta surgiu da boca de Narváez.

Gracià, porém, assentia às palavras do aristocrata traçando já na sua mente a estratégia que os podia levar a dar com o paradeiro daquela menina, se estivesse viva; não ia ser ele que se iria opor a essa possibilidade diante dos desejos do seu chefe.

— Sabemos o dia em que a escrava fugiu pela primeira vez de La Merced? — perguntou.

— Consta dos livros do engenho — respondeu o próprio marquês.

— Bem. Nessa altura refugiou-se num quilombo da serra do Rosario — continuou a sua exposição o secretário, falando para si —, onde pariu uma crioula. De acordo com o que diz a parteira, o Modesto foi procurar a crioulinha à serra do Rosario mais ou menos quando se iniciou a revolta do Oriente.

O secretário interrogou Narváez com o olhar para que ratificasse o que lhes contara anteriormente.

— Certo — confirmou o maioral. — A negra lembra-se de ter comentado com o Modesto que provavelmente a escrava tinha fugido para se juntar aos rebeldes.

— Nesse caso — concluiu Gracià —, temos um intervalo de tempo bastante preciso durante o qual os capitães do mato devem ter atacado o quilombo da serra do Rosario: entre a primeira fuga da escrava e o início da guerra...

— Mas... — quis intervir Narváez, que se calou perante um imperativo gesto do marquês a ordenar que deixasse o secretário continuar.

— Sim, sei que é um período bastante amplo, se bem que o poderíamos especificar ainda mais: os meses de gestação caso a negra não tenha fugido prenhe; a negrinha devia ter pelo menos um ano quando o quilombo foi atacado... Enfim, temos datas e lugar: serra do Rosario. Sabemos o que procuramos: uma crioulinha de tenra idade, um ano, dois no máximo, naquela altura. Não haverá muitas. É uma questão de recorrer a todos os capitães do mato da zona, também não serão tantos, e verificar nos seus livros as ações que efetuaram na serra do Rosario desde outubro de 1868, a data do início da guerra, e ir revendo para trás. Se a crioula foi capturada com vida, aparecerá, com certeza; saberemos para onde a mandaram e podemos seguir-lhe o rasto.

— E se não a contabilizaram nos livros e a venderam por baixo do pano? — rebateu Narváez, enunciando em voz alta o inconveniente que passava pela cabeça dos três.

— Como é que vocês conseguiram que a parteira falasse? — perguntou-lhe o marquês. O maioral assentiu, com as costas da negra a sangrarem na sua mente. — Pois faça o mesmo com os capitães do mato e até com os juizes das povoações, se for necessário. Quero essa negra! — Em seguida o marquês de Santadoma dirigiu-se ao seu secretário para aprovar o plano: — Avante, Gracià. Não olhe a despesas... nem a métodos para obter a verdade. Contrate os escrivães que julgar oportuno para verificarem os livros, os dos capitães do mato e os dos municípios e tribunais da zona, assim como as pessoas que precisar para avivar a memória dos capitães do mato — acrescentou com cinismo. — Não se coíba, Gracià, não seja clemente; se for preciso pagar para que falem, faça-o. Só precisa de ir à zona e fazer correr pelas tabernas a notícia de que está disposto a pagar uma boa recompensa para encontrar essa crioula, e serão os capitães do mato que virão ter consigo como abutres. Mas não se deixe enganar — advertiu. — Ajude-o a encontrar os homens adequados para esta missão — ordenou a Narváez —, e, acima de tudo, encontrem essa negra. — Maioral e secretário iam a levantar-se das suas cadeiras quando as palavras de dom Juan José de Santadoma

interromperam durante um segundo os seus movimentos: — Ela tirou-me o meu filho — balbuciou o nobre. — Agora eu quero a sua. É minha! Tragam-ma!

Narváez partiu com um grupo de homens para a serra do Rosario para interrogar os presidentes das povoações, capitães do mato e proprietários de engenhos e cafezais, enquanto Gracià contratava três escrivães e comparecia com eles nos arquivos da Real Junta de Fomento de Havana, o organismo que se ocupava dos quilombolas e recebia os relatórios das atividades dos capitães do mato e dos presidentes e dos juizes das povoações de Cuba, de cujo órgão de administração o marquês de Santadoma fazia parte. Mensalmente, os conselhos da ilha enviavam à Junta a situação dos quilombolas do seu território; todos os sábados, a própria Junta, para conhecimento dos amos, publicava uma lista dos quilombolas capturados, os amos a quem pertenciam, se fossem conhecidos, e o lugar onde tinham sido presos. Ali, entre milhares de maços de papel esquecidos, em mesas sujas, instalaram-se o secretário do marquês e os seus ajudantes.

— O que procuramos? — perguntou um deles.

Gracià explicou-lhe.

— Entendeste? — perguntou. — Qualquer atividade que se tenha verificado na serra do Rosario e nas suas proximidades antes de sessenta e oito. Assim que encontrarem alguma coisa, mostrem-me logo. Qualquer coisa! Por mais pequena que seja a referência.

A poeira que cobria o mobiliário e os documentos saltou e inundou a biblioteca de uma confusão de partículas que brilhavam ao sol que entrava pelas janelas assim que os escrivães começaram a desatar os cordéis que fechavam os processos e se empenharam na procura de uma negra, agora com cerca de catorze anos, e que deveria ter sido recuperada pelos capitães do mato na serra do Rosario mais de dez anos antes.

Madrid, Espanha
Maio de 2018

Foi Joseph Bekele que lhe conseguiu um trabalho, temporário, como todos aqueles a que podiam aceder os jovens, numa associação de apoio a imigrantes, localizada num antigo armazém industrial do humilde bairro de Vallecas, a substituir uma das administrativas que estava em licença de maternidade. Recebia roupa, comida e artigos de primeira necessidade, registava-os informaticamente e geria a sua distribuição. Umas escassas centenas de euros que lhe permitiriam contribuir para as despesas de casa e da comida. Relativamente ao seu despedimento, o marquês não cedia; não havia possibilidade de acordo, pelo que o tribunal adiaria qualquer indemnização. Com a mãe acontecia o mesmo: os Santadoma importavam-se pouco com o despedimento e com o facto de não ter feito contribuições para a segurança social. Um exército de advogados, obedecendo às ordens de dom Enrique, estava disposto a adiar os assuntos através da utilização de todo o tipo de artimanhas e mentiras, até onde fosse preciso para prejudicar Lita e a mãe. E, quanto à reclamação da filiação de Concepción, Marcelo e José não estavam seguros das provas de que dispunham. Os Santadoma enfrentaram-nos com um dos melhores gabinetes de direito civil de Madrid, dirigido por um catedrático de prestígio que parecia tê-los intimidado. Ou pelo menos foi essa a sensação com que ficou Lita depois da última conversa que

tiveram.

— Teria graça — chegou a recriminá-los com um certo azedume — que se tivesse armado toda esta confusão para que agora nem sequer se reclamasse que a minha mãe é neta do velho marquês.

Contrariamente ao que parecera ao início, os advogados de direito de trabalho não se mexiam bem naquela especialidade jurídica; Elena não conhecia nenhum outro que pudesse tomar conta do assunto, e Lita não tinha dinheiro nem sequer para pagar a primeira reunião com um especialista.

— Há quem trabalhe por resultados, sem provisão de fundos — comentou Marcelo, como que desejoso de se livrar daquele assunto.

— Sim, os que se anunciam na rádio. São, com certeza, fora de série — troçou Lita.

Falou disso com Joseph:

— De pouco servirão as manifestações e tudo o que estivermos a fazer se no fim não conseguirmos que os Santadoma reconheçam a filiação da minha mãe.

— É verdade — concordou o nigeriano.

Nessa mesma tarde, antes de Lita terminar a sua jornada de trabalho, ele apresentou-se no armazém onde ela trabalhava acompanhado de um homem negro, jovem, bem-posto, que devia rondar os quarenta anos.

— Alberto Gómez, advogado — apresentou-o. — Ele pode tratar do assunto da tua mãe.

Lita examinou-o de cima a baixo.

— Pareço-lhe adequado? — perguntou Alberto com um sorriso.

— O embrulho, sim. Do que está lá dentro não posso falar.

Acabou por conhecer, nessa mesma noite, antes de jantar, o que estava lá dentro, com Concepción, Lita, Sara e Elena, que lhe contaram e mostraram as provas que possuíam acerca da possível paternidade.

— A sua mãe nunca lhe contou nada? — perguntou Alberto a Concepción.

— Nunca — respondeu a mulher.

O advogado visionou várias vezes o vídeo do tio Antonio, assentindo em cada umas delas.

— Não procuraram mais ninguém que pudesse ter conhecimento do que sucedeu? — acabou por perguntar.

— Na verdade, não — respondeu Lita.

— Também não tivemos tempo — comentou Elena.

— Podíamos voltar a falar com este homem, o tio Antonio? — propôs Alberto.

— Duvido que se levante do sofá — acrescentou Sara.

— Necessitamos de gente que nos ajude de lá, de Cuba — prosseguiu o advogado.

— Talvez... — começou Elena. Os restantes interrogaram-na com o olhar. — Estava a pensar no Raúl.

— Quem é? — perguntou Alberto.

— Um santeiro cubano — continuou Elena —, um pai de... Como se chamam?

— Pais de santo — ajudou-a Lita.

Alberto limitou-se a fazer um esgar quase impercetível, mas suficientemente expressivo para que Lita compreendesse que estava a par das suas faculdades, habilidades ou talentos, como se lhes quisesse chamar.

— E podemos entrar em contacto com ele?

— Temos o telefone dele, e ele ofereceu-se para qualquer coisa de que precisássemos.

Telefonaram a Raúl. Em Havana, era meio da tarde. O pai de santo não se surpreendeu; sabiam da luta iniciada por Lita em Espanha, com quem falou durante vários minutos antes de esta passar o telefone à mãe, a quem o cubano queria cumprimentar pessoalmente, e depois a Alberto.

Tiveram de esperar. Alberto falou com Marcelo e José, que aceitaram com naturalidade a participação do novo advogado; eles continuariam com as reclamações laborais. Lita iria ficar contente se tivesse mais contacto com Alberto, se soubesse mais alguma coisa dele, sentia... Não

queria pensar nisso, mas o homem despedira-se de Lita com a promessa de lhe telefonar assim que tivesse notícias de Havana. Entretanto, a mãe encontrou uma segunda casa para trabalhar algumas horas dois dias por semana. Lita sorriu e deu-lhe os parabéns; por seu lado, ela continuou no decrepito armazém do bairro de Vallecas, onde trocava a sua camisola por uma com o logótipo da ONG Amigos da África Esquecida e se entregava à tarefa de ajudar todo o tipo de gente, não só africanos.

Carregava sacos, suava, falava, discutia. Em bastantes ocasiões, recebia abraços e pediam-lhe conselhos sobre temas que ela ignorava e ajuda que não podia proporcionar, sempre por entre histórias, algumas terríveis e extremamente dolorosas. E, quando chegava a hora de sair, apercebia-se de que o tempo se lhe escapara por entre os dedos, os mesmos com que tinha desganhado o cabelo encaracolado de uma criança negra que acompanhava a mãe e pela qual se pusera a vasculhar entre sacos e caixas até lhe encontrar um pacote de gomas.

Não conseguia tirar esse menino da cabeça, nem a mãe dele, nem os negros ou mulatos que se aproximavam dela como se os fosse atender com mais carinho. Havia muçulmanos que procuravam os seus, e ciganos, e espanhóis brancos tão necessitados como os outros, mas ela sentia-se cada dia mais atraída, mais confortável e mais compungida diante da desgraça daqueles com os quais partilhava a raça.

Sara e Elena não souberam responder aos seus argumentos.

— Nunca foste assim — disse uma.

— Isso não seria como racismo... mas ao contrário?

Com Pablo não falou. Cada vez se viam menos. Lita saía muito tarde de Vallecas, não se importava com as horas, e despedia-se com mil odores colados a si, entre eles o da sua própria sujidade. Ele, por seu lado, continuava arrasado entre os seus padeiros e serralheiros, rebaixado a simples contabilista dos que usavam mangas nos braços, e o abismo entre eles ia-se tornando mais profundo, ainda que fosse por uma questão que Lita jamais imaginara: ela sentia-se mais realizada, mais mulher, mais... ela, enquanto Pablo estava cada vez mais deprimido devido ao

seu fracasso. Como é que lhe podia dizer, quando falavam ao telefone, que ela se sentia feliz?

— Preenche o nosso espírito — reconheceu Joseph numa das muitas vezes em que aparecia em Vallecas. — Este trabalho..., estas relações — corrigiu-se — ensinam-nos quão insignificantes somos e como temos estado enganados ao procurar a felicidade noutro lugar que não seja no sorriso daquele a quem nos entregamos.

— E o facto de cada dia me sentir mais negra?

Ele sorriu em resposta.

— A mim, pareces-me igual — brincou —, mas... tens alguma coisa de especial para fazer no sábado à tarde?

Joseph insistiu que fosse acompanhada por Concepción e aconselhou-a a não comentar nada com Sara e Elena. «São festas nossas», acrescentou, e Lita conseguiu convencer a mãe: «Vejo-os como nossos irmãos», disse-lhe. «Vamos passar uns bons momentos, tu e eu juntas», acrescentou, arrancando-lhe assim um sorriso definitivo.

Era um restaurante nos subúrbios de Madrid, numa das zonas industriais que cercavam a cidade, não muito grande, com as janelas fechadas e o mobiliário habitual empilhado contra as paredes, à exceção de duas mesas com toalhas brancas, um crucifixo, velas, pagelas, conchas, vários copos e uma terrina. Joseph acompanhou-as até um canto de onde podiam observar a sala inteira. As pessoas foram chegando, reunindo-se em redor do altar. Devia haver umas quarenta ou cinquenta pessoas, calculou Lita, quase todas negras. Rezaram um pai-nosso e depois deram início a uma missa ritual em que as pessoas se aproximaram do altar para fazerem oferendas: uma galinha, tabaco, flores, comida e muito álcool. Depois o sacerdote começou a cantar e a invocar os espíritos, de acordo com o que lhes explicou Joseph.

Demorou pouco a soar a música. Não havia tambores, não dos sagrados, mas sim bongós, e atabaques, e pandeiretas e palmas, e muita vontade de que começasse a festa, que só teria início quando terminassem as preces aos diversos deuses: um solista entoava um

cântico e o resto respondia e dançava as danças do deus que era chamado. Lita e a mãe olhavam extasiadas para a paixão de todos aqueles homens e mulheres, que explodiu no momento em que, depois de invocados e saudados os deuses, a música se libertou e as pessoas dançaram incitando os orixás a descerem, a possuí-las e a confundirem-se com elas.

Concepción dançava sem sair do sítio, pois não se atrevia a pisar a pista.

Lita abraçava-a sem deixar de olhar de um lado para o outro.

A tarde foi passando e as pessoas continuavam a dançar e a beber. Alguns foram possuídos por algum orixá, ou assim o julgavam ou simulavam. Os restantes afastavam-se e permitiam-lhes que se reinventassem no seu frenesi. Lita presenciava tudo como uma convidada especialista. Joseph e os outros olhavam para ela de vez em quando, à espera de uma reação, mas ela não sentia nada, embora tivesse consciência do motivo. Sabia que só tinha de tocar aquela música especial, a mesma que começou a ouvir quando os presentes pareciam fazer uma pausa. Sim, era essa.

— Agora calha-me a mim, mãe.

Não sabia como lhe dizer nem como reagiria a mãe. Concepción não fizera qualquer comentário sobre a dança que realizara à frente do banco dos Santadoma, e ela não se atrevera a tocar no assunto.

— Filha, sou cubana — disse a mãe, surpreendendo-a mais uma vez, como tantas outras desde que viviam juntas. — A tua avó era e também a dela... E até essas escravas que levaram para a ilha os deuses de África.

Enquanto mãe e filha se confessavam em silêncio, Joseph tentava libertar a improvisada pista de dança. Depois, Lita tirou da sua mala a caixa de lata e pendurou o colar ao pescoço; fê-lo com solenidade, comungando com o poder daquele objeto. Encontravam-se entre negros. Entre crentes respeitadores para com os seus sacerdotes e tementes aos seus deuses, mas sempre fiéis à sua religião. Muitos já estavam bêbedos, mas, ébrios ou não, todos rejubilaram quando o colar se incendiou no

peito de Lita e Iemanjá cresceu até explodir no seu interior e no espírito dos que se encontravam dentro daquele restaurante dos arredores de Madrid.

Lita dançou, cantou, gritou, arranhou o seu rosto, arrastou-se a até atacou alguns homens e mulheres. Iemanjá não estava contente. Ninguém se atreveu a interferir na sua dança. As oferendas caíram a seus pés para serenar a deusa, mas esta deu-lhes um pontapé. O que queria? Porque estava zangada com eles?

As dádivas multiplicaram-se no armazém de Vallecas. As pessoas, negras na sua maioria, contribuíam com o que podiam: talvez não fosse o suficiente para lutar contra a miséria, mas era, ainda assim, um verdadeiro tesouro para os que dependiam disso. Muitos desejavam falar com Lita, e havia quem lhe pedisse para curar alguma doença.

— Não sei o que lhes dizer — queixou-se a Bekele durante uma das suas visitas. De um dia para o outro, Lita tornara-se uma espécie de ídolo para as pessoas negras que acreditavam e seguiam as cerimónias de *santería*.

— Não faças nada de especial — respondeu-lhe Joseph. — Possuis uns poderes fora do comum que nem sequer os pais de santo que dirigem os centros de *santería* de Madrid são capazes de imaginar ou compreender. Também não te fies neles. Muitos (e sobretudo muitas) não passam de charlatões a quem a única coisa que lhes interessa é vender poções e feitiços. Há os honestos, em menor número, mas estão muito longe. Não te podem ajudar.

— E então?

— A deusa dir-te-á. Confia nela. Para já, os Amigos da África Esquecida de Vallecas estão encantados; deste um grande impulso à solidariedade entre os nossos.

— É verdade. — Lita sorriu, sentindo uma imensa satisfação. — Isso eu vejo todos os dias.

— Com certeza. O marquês, os restantes acionistas e os americanos

continuam com a venda do banco como se os possíveis direitos da tua mãe não existissem, mas do que não se apercebem, e isso também é mérito teu, é de que algumas associações americanas antirracistas se estão já a manifestar contra o ELECorp Bank devido ao seu interesse em adquirir uma entidade erigida sobre o esforço e o sangue dos escravos negros dos engenhos cubanos. Aqui continuam as ações de pressão contra o Banco Santadoma, ainda que talvez com menos ímpeto... Reavivaremos o fogo quando for oportuno — acentuou com um sorriso. — Mas o que é certo é que os americanos estão a aprender a dizer o nome da tua mãe: Concepción. Gritam-no diante do ELECorp. Não irão consentir que o que todos esses brancos ricos fizeram fique impune. Muitos deles veem-se representados pela Concepción, todos viveram o racismo. A tua mãe foi invisível toda a sua vida; garanto-te que a partir de agora não o será. Nos Estados Unidos estas causas não se esquecem; pelo contrário, retroalimentam-se. E ainda o farão mais quando o Alberto levar o caso a tribunal. Só é preciso olhar para o movimento Black Lives Matter. Lita — acrescentou, agora mais sério —, deixa que Iemanjá te guie.

— Pois se estiver com o mesmo humor que na festa...

— Confia em mim — continuou, com a mesma circunspeção com que pusera fim à sua última frase —, esta pode ser uma das poucas ocasiões em que consigamos que os exploradores, os descendentes dos escravagistas, indemnisem pessoalmente a descendente de algum dos seus escravos.

— Isso da descendência de algum escravo é o que supomos — respondeu ela. — Bem, é quase certo, realmente...

— A tua mãe é negra, e em Cuba não havia negros. Todos foram levados pelos espanhóis, escravizados, agrilhoados em barcos negreiros. Não houve nenhum que fosse em viagem de lazer — gracejou. — De uma forma ou de outra, tem de ser descendente de algum deles.

— Não, sim, ela tem a certeza... E eu também tenho — comentou para si. — Uma das minhas antepassadas, a tal Alfonsa, foi tratada como um

animal, como uma simples coisa, propriedade dos Santadoma, que a maltrataram, exploraram e talvez até tenham chegado a violá-la. Era o normal, de acordo com o que todos dizem.

Um arrepio que se transformou num espasmo doloroso percorreu todo o corpo da jovem.

— É a nossa oportunidade, Lita, a vossa, a de repararem o mal que fizeram à tua mãe e às suas antepassadas, e o que te fizeram a ti também, porque não? É o momento de o mundo inteiro ver que lutamos, que exigimos as indemnizações que nos são devidas, as que prometeram em Durban e depois na Década Internacional para os Afrodescendentes, mas que dão por cumpridas com discursos vazios e hipócritas.

Lita continuou a trabalhar na ONG de Vallecas, orgulhosa por ajudar os do seu sangue. Convidou a mãe para a visitar num dia em que esta não trabalhasse em alguma das casas que agora limpava. Concepción apresentou-se com os dois cães, e revolucionaram o lugar. Mãe e filha sentiam-se mais unidas do que nunca.

— Os Santadoma eram muito religiosos, já sabes — respondeu Concepción quando Lita, depois da festa no restaurante do polígono, lhe perguntou o que sabia de *santería*, porque a mãe não estranhara as suas danças possuída pela deusa e porque nunca lhe dissera nada. — A minha mãe — continuou — nunca quis incomodar os marqueses e sujeitou-se por completo à religião deles. Na época de Franco, servindo os Santadoma, não se podia ser outra coisa. Eu segui o exemplo dela contigo, e ainda que não tenha conseguido que comungasses com os católicos, também não ia arranjar problemas com as crenças dos nossos antepassados. Tinha esquecido por completo, aqui em Espanha não tinha qualquer sentido, mas a tua avó falava-me de Cuba e dos seus deuses de vez em quando, e tu fizeste-me lembrar deles.

Convidavam Lita para almoçar e jantar em casas humildes, onde a acolhiam com produtos que ela própria lhes entregara no armazém, mas cozinhados com algumas das especiarias que teriam tido dificuldade em adquirir, e às quais, sobretudo, acrescentavam muito carinho.

Aprendeu a ouvir. E todas aquelas vivências — as aldeias e as famílias que tinham ficado para trás; os desertos que tiveram de atravessar para chegarem a esse norte rico e sedutor: uma ilusão que se desvanecia perante a realidade; a violência e as extorsões de traficantes e mafiosos; as travessias em balsas onde faleceram colegas, irmãos e até filhos — constituíam histórias de superação e de dor que se foram agarrando às suas entranhas para aí ficarem, fixadas, permanentes, latejantes. Lita julgara ter-se sentido orgulhosa das suas origens raciais no seio de uma sociedade ocidental. Mas compreendeu que, tal como lhe dissera Joseph um dia, apesar do que pudesse ter passado em criança e até depois, no banco, devido às relações com os Santadoma, ela fora uma privilegiada. E, como tal, nunca se aproximara da realidade dos seus. Aqueles sentimentos que até há bem pouco tempo conseguia reprimir ignorando a miséria com um simples gesto, reclamando a sua espanholidade para se distinguir dos novos, dos recém-chegados, dos imigrantes ilegais, comparando com altiva condescendência a sua formação académica com o analfabetismo dos que chegavam, trabalhando, fugindo de todas essas realidades, indo para os copos ou rindo com Sara e Elena, emaranhavam-se agora com canoas e mortos e com o sorriso desdentado de uma mulher de meia-idade que, numa noite, as duas sentadas no chão, em cima de carpetes, em círculo junto com os da sua família, apoiou a sua mão sobre a dela, mostrando-se orgulhosa.

Lita aproximava-se cada vez mais da comunidade negra, das pessoas da sua raça, com carinho e convicção, enquanto Pablo se afastava da sua presença e se diluía no silêncio que ele próprio se parecia ter imposto. Apesar do racismo e das dificuldades, Lita sempre tivera orgulho na sua cor de pele e na sua nacionalidade espanhola, mas agora mergulhava pessoalmente em realidades que até então talvez tivesse querido evitar: a imigração, a pobreza, a necessidade... E tudo isso era reforçado por sentimentos muito mais profundos, que, em certas ocasiões, na intimidade das suas reflexões, a levavam a envergonhar-se de atitudes passadas. Sara e Elena, conscientes da transformação por que estava a

passar a amiga, animavam-na e aproveitavam qualquer momento para manter vivo o vínculo que as unia.

Num desses dias, quando as três amigas, Concepción e até os cães aproveitavam uma tarde pachorrenta após um almoço preparado em conjunto, apareceu Alberto Gómez, o advogado, carregando uma mala.

Custou-lhes reconhecer o tio Antonio no novo vídeo. Tinham-no barbeado, lavado, penteado e vestido com uma camisa branca. O homem repetiu a sua confissão inicial e jurou e perjurou a verdade do que dizia.

Concepción, Lita e as suas amigas ficaram estupefactas ao ouvirem os novos testemunhos, também gravados, neste caso de um ajudante de cozinha e de uma lavadeira que tinham trabalhado em Havana para os marqueses de Santadoma. Conheciam Margarita, claro que a conheciam.

— Linda a mulatinha.

O antigo ajudante de cozinha ergueu o queixo, revirou os olhos e assentiu à sua própria afirmação depois de consultar as suas memórias.

— Margarita inventou as mulheres belas — afirmou depois com nostalgia.

Por seu lado, a idosa que o acompanhava, enrugada, o rosto uma rede de fendas, agitou no ar uma das mãos, docemente, como se estivesse a dirigir o ritmo lento de uma sinfonia, e sussurrou:

— Era linda, a rapariga, sim. Movia-a como se flutuasse!

— Toda a gente sabia que a miúda era filha do menino Eusebio! — exclamou o antigo ajudante de cozinha.

— Sim, claro — confirmou ela. — Ele nunca o ocultou. Porque estava apaixonado pela Margarita.

— Linda, a rapariga.

— Mas chegou a dona Claudia... e tirou-lhas.

Concepción chorou ao ouvir aqueles testemunhos acerca da sua mãe, e dela própria, e as três jovens aconchegaram-na. Havia mais um vídeo de pessoas que falavam do que tinham ouvido dos seus familiares e conhecidos, e todas as versões coincidiam. Alberto conseguira que uns advogados cubanos acompanhassem todas aquelas testemunhas ao

consulado espanhol em Havana e lavrassem as suas declarações diante do cônsul, na qualidade de notário público espanhol.

Havia vídeos e documentos públicos, mas também apareceram várias fotografias onde se viam os declarantes na quinta do marquês, a posarem orgulhosos, e que, portanto, garantiam a veracidade das suas afirmações: certamente tinham estado ali, tinham presenciado os acontecimentos que relatavam.

Numa delas, anterior ao exílio do velho marquês em Espanha, via-se Margarita, uma mulata tão jovem e linda como diziam, tão bela que era impossível não se apaixonar por ela. Concepción beijou a fotografia.

— Raúl e os seus mil conhecidos — acrescentou o advogado, como se se tratasse da surpresa final — encontraram vários filhos de José Hermoso, o empregado do marquês que este escolheu para marido de Margarita. Quer dizer, o seu pai em teoria — disse, dirigindo-se a Concepción. — Está claro que o fez obrigado. — E passou a ler-lhes a declaração de um dos filhos diante do cônsul: — «Assim que o marquês se foi embora de Havana, casou-se com a nossa mãe, a sua esposa verdadeira.» Apresentaram a certidão de casamento e, ainda que obviamente nunca tivessem conhecido Margarita, tinham ainda algumas coisas que ela escondia no seu quarto e que pelos vistos não quis levar para Espanha quando a separaram de Eusebio, ficando, portanto, em poder do seu pai.

Aí, sim, havia duas fotografias do filho do marquês, Eusebio de Santadoma, junto com Margarita e uma Concepción recém-nascida: como se se tratasse de uma família feliz. Os filhos de Hermoso também venderam a Raúl uma pregadeira de ouro com uma ágata, a mesma que Margarita usava nas duas fotografias, onde aparecia gravado: «Para a minha negrinha. Eusebio.»

— A propósito, venderam-nos isto como se fosse a coroa da rainha de Inglaterra — queixou-se o advogado.

Depois todos se mantiveram em silêncio diante daquela torrente de provas acerca da filiação de Concepción.

— Ou seja, sim, são mesmo marquesas — quebrou o silêncio Elena com um tom irônico, a gozar.

Lita não era capaz de articular uma palavra, tal como Concepción, que, agora sim, estava convencida da sua origem.

— Os Santadoma não se poderão negar a negociar perante todas estas evidências — acrescentou Alberto. — Amanhã mesmo telefonarei para os seus advogados. Achas bem, Lita?

A reclamação amigável de Alberto Gómez, antes de um possível julgamento onde se reconheceriam legalmente a filiação de Concepción e os seus direitos como herdeira do marquês, revolucionou o Banco Santadoma. Para trás ficavam o despedimento de Lita, o da mãe e a pensão de reforma. Esses eram problemas menores relativamente a um tema de extrema relevância a que os Santadoma não tinham concedido a importância devida. Conseguiram que a participante de tertúlias boémia deixasse de falar e modificasse a sua versão a troco de uns quantos milhares de euros. Esperaram que o escândalo passasse e pagaram a quem foi necessário para que o assunto acalmasse. Mas as novas provas trazidas por Gómez vieram pôr tudo em causa. Uma preocupação compreensível, pensou Lita, porque o contrato de venda entre os americanos e os Santadoma era muito claro. Todos os membros da família deviam vender as suas ações. A percentagem que os Santadoma possuíam no banco devia ser integralmente transferida para os americanos, uma obrigação cujo cumprimento fora garantido através de importantes indemnizações. Ninguém, nem sequer o catedrático de Direito que tratara do assunto, um tal Contreras, previra problema algum no cumprimento do contrato, de acordo com o que afirmara através de um relatório pormenorizado a esse respeito. Todos os herdeiros assinaram: o marquês, as suas irmãs e o resto dos netos descendentes das outras duas linhagens. Dona Claudia também vendeu o seu próprio pacote de ações. Portanto, não se discutiu no momento a importância dessas indemnizações apresentadas porque o referido incumprimento não

era, na realidade, uma opção. Contreras aconselhou que era melhor centrar-se em discutir ou negociar outros pontos da operação do que aquele, que se resolvia com o simples compromisso de todos os implicados.

Todos os Santadoma assinaram.

Os americanos assinaram.

Lita sabia. Dispunha de toda a documentação digitalizada no seu computador pessoal, uma vez que Stewart lha dera. Sabia que não se podia voltar atrás; tanto para os americanos, que já tinham comprado outros pacotes de ações, como para os Ruz Pariente, como para os Santadoma, que haviam vendido as suas. O que ninguém previu nem conseguia imaginar, nem sequer num impensável cenário de fantasia, foi que, enquanto estava a ser resolvida a herança do velho marquês e estavam a serem cumpridas as outras formalidades do contrato de venda, aparecesse uma nova neta do aristocrata. Sessenta anos tinha Concepción. Sessenta anos de silêncio, de tranquilidade, de certezas entre os membros da família Santadoma. Porém, após a promulgação da Constituição espanhola, a lei era clara: Concepción dispunha de toda a vida para reclamar a sua filiação. Quem podia suspeitar que depois de um período tão extenso se descobrisse uma neta até então ignorada?

Concepción, obviamente, não assinara a venda das ações que lhe pudessem corresponder como herdeira do marquês, pelo que, se fosse reconhecida como tal e se se opusesse à venda, os americanos não obteriam a totalidade do capital do banco, tal como pretendiam, o que suporia que os vendedores incumpririam o contrato assinado, pelo que todas essas cláusulas de indemnização, a que nem Contreras nem ninguém concedeu importância no momento, entrariam em vigor. Em resumo, os Santadoma perderiam uma fortuna.

A reunião devia realizar-se na sala de reuniões com as janelas abertas para o céu do trigésimo nono andar do arranha-céus situado no final do Paseo de la Castellana, onde Lita trabalhara para os americanos. O céu

estava azul, imenso, infinito, e o ambiente estava limpo. Um bom presságio, pensou com um sorriso ao recordar o manto de poluição que estava acostumada a observar dali. A mesa de vidro podia acolher vinte pessoas. De momento apenas estavam ocupadas duas cadeiras, a dela e a do advogado Alberto Gómez, embora se percebessem constantes idas e vindas por trás dos estores descidos que ocultavam a visão do resto do espaço.

Enquanto esperavam, Alberto mostrava a Lita no portátil imagens das manifestações que nesse mesmo dia se tinham celebrado em Miami e em algumas outras cidades da Florida, diante das portas de diversas sucursais do banco ELECorp, devido à compra do Banco Santadoma. Em Espanha, também continuavam as mobilizações.

— Os americanos não devem estar muito contentes — ironizou o advogado. — Lá as bolsas de valores são muito sensíveis a todos estes problemas. Têm de resolver isto rapidamente. Se os clientes desconfiarem, é o pânico geral e o preço das suas ações cai; correm um grande risco de os fundos começarem a especular com o seu capital.

Lita e o seu advogado estavam ali a pedido dos advogados dos banqueiros americanos. Santadoma ficava de fora daquele jogo depois de Alberto se ter apresentado no banco com um notário para obrigar formalmente o marquês a suspender qualquer operação que pusesse em risco o património da sua cliente, Concepción Hermoso, cujo processo judicial de filiação se apresentaria nos tribunais, sem mais delongas, em breve.

O marquês surpreendeu-se diante daquele novo advogado. Um negro, perguntou-se, embora tenha constatado que se tratava de alguém bem vestido e educado, diferente daqueles advogados de direito de trabalho que tinha desprezado.

— É uma falácia afirmar que esta senhora é filha de dom Eusebio de Santadoma — limitou-se a responder o marquês ao requerimento que lhe fez o notário —, e reservo-me o direito às ações legais que possa empreender a minha família perante tal falsidade.

Os advogados dos americanos não tinham sido tão desdenhosos, e nessa mesma manhã haviam chamado Gómez para o convocarem para uma reunião na torre envidraçada no final da Castellana, onde esperavam poder avaliar cuidadosamente as provas de que dispunha Concepción, a quem Lita e Alberto tentaram convencer a comparecer. «Filha», respondeu ela, «eu passo muito mal com tanta gente, entre advogados e esses americanos que dizes... Eu vi e ouvi o suficiente para ter a certeza de que efetivamente a minha mãe teve uma relação com um Santadoma, e quero acreditar que tenha sido feliz, pelo que se vê nas fotografias. De resto, tribunais, indenizações e todas essas coisas de que falam, não entendo, e julgo mesmo que me posso enganar, como naquela primeira entrevista em que tantas advertências tiveste de me fazer. Imagina que aparece o marquês e me fala! O que lhe diria?» Alberto assentiu com os lábios comprimidos; não se devia descartar essa possibilidade, e dom Enrique era imprevisível. «Vão vocês os dois», continuou ela, mais relaxada ao ver que a filha cedia. «Confio no que fizerem. Depois contam-me.»

— Temos a certeza do que vamos fazer? — questionou Lita enquanto continuavam à espera dos advogados dos americanos na sala de reuniões. — O Marcelo e o José sempre me aconselharam a não mostrar nenhuma prova antes do julgamento.

— Sim. Essa pode ser uma estratégia, mas não nos interessa um processo judicial que dure montes de anos. A tua mãe já tem uma certa idade, devia poder aproveitar o que é seu, não achas? — Lita concordou. — Se queremos evitar o julgamento e chegar a um acordo com os Santadoma e estes não concordam, devemos começar por convencer os americanos. Eles são os principais interessados em obter a totalidade das ações do banco, e também são os que podem exigir ao marquês e aos seus que cheguem a um acordo. Para isso, temos de lhes provar que não estamos a fazer *bluff*. No lugar deles, eu faria o mesmo.

— Mas se conhecerem as provas, não podem tentar refutá-las? Comprar essas testemunhas para que se contradigam?

— Sim, podem tentar. De facto, já o estão a fazer — reconheceu o advogado pela primeira vez a Lita —, mas deparam com um país de pessoas honradas que viveram e sofreram imenso, muitas das quais continuam a acreditar na revolução e odeiam o capitalismo... Mas, sobretudo, deram de caras com o Raúl. As pessoas sabiam do seu interesse por este assunto, e, assim que alguém fez uma pergunta demasiado indiscreta, apressaram-se a ir ter com ele com a notícia. Lá a *santería* continua a ser uma religião respeitada e os pais de santo são venerados. Em qualquer caso — continuou Alberto, no momento em que a porta da sala de reuniões se abria —, como iam modificar as fotografias? — perguntou baixando a voz. — Ou as cartas do filho do marquês? Ou a pregadeira? Achas que podiam comprar o teu tio?

Lita pensou, descartando logo essa possibilidade quando as pessoas começaram a entrar na sala. Dois advogados que se apresentaram a Gómez e a ela. Depois Meyerfeld, tão grande e seco como sempre. E Stewart, que lhe sorriu, mostrando-lhe aqueles dentes brancos que tanto a tinham impressionado quando o conhecera. Enquanto os outros se sentavam, o americano dirigiu-se diretamente a Lita com a mão no ar.

Ela aceitou-a, notando que o contacto se prolongava um segundo a mais.

— Permite-me que fale com a sua cliente? — perguntou em inglês após cumprimentar também Alberto. — Não, não é nada de comprometedor — esclareceu diante do gesto de desconfiança do outro.

— Isso garanto-lhe eu — disse o advogado, sorridente.

— Que grande confusão que arranjaste, rapariga! — recriminou então Lita, com o sorriso mais amplo, mas sem um pinga de seriedade.

Lita consultou com o olhar Alberto e este encolheu os ombros.

— Só pretendo o que corresponder à minha mãe por justiça — respondeu então.

— Olha para mim — disse por sua vez Stewart —, e para o teu advogado também, se quiseres. Ambos somos negros e todos gostávamos de alcançar essa justiça, a que foi negada aos nossos ancestrais, mas são

muitos os que se tentam aproveitar da sua raça. Não o censuro! — apressou-se a acrescentar. — O problema é demonstrar esse direito...

— Para isso estamos aqui — intercedeu Alberto.

— Certamente — cedeu o americano, que se sentou junto da própria Lita.

Enquanto conversavam, a sala quase se enchera de assessores, seis para além dos advogados. Lita não teve oportunidade de reparar em todos, porque depois de olhar para dois deles tropeçou em Pablo, impecavelmente vestido, tão sedutor como antes; dava a impressão de que o facto de se encontrar no trigésimo nono andar de um edifício envidraçado, longe de padeiros e serralheiros, lhe insuflara vida, sangue fresco. Lita desviou o olhar do dele.

— Porque está aqui o Pablo? — sussurrou ao ouvido de Stewart.

— É um grande profissional — respondeu este, também em voz baixa.

— Sei que ele foi despromovido por te ter defendido. Se no fim tiveres razão, deverá ele ser o único prejudicado?

Lita reprimiu as reações que aquela resposta lhe pedia: fechar os olhos, negar com a cabeça para ordenar os pensamentos... O argumento de Stewart podia ser irrepreensível, certo; por que motivo ia ser ele o único a pagar por sua causa? Mas, ao mesmo tempo, ela pressentiu que Pablo estava ali exclusivamente para a pressionar. Então, olhou para ele e esboçou um meio sorriso, como se apoiasse as palavras do americano.

Da cabeceira da mesa, Alberto começou a apresentar o primeiro dos vídeos dos cubanos que falavam de Eusebio, Margarita e Concepción.

— Não podíamos visionar isto tudo numa televisão grande? — propôs alguém, apontando para um imenso ecrã plano pendurado na parede por trás de Gómez.

— Não — limitou-se a responder este, dando a entender que não queria ligar-se ao sistema informático do escritório. Não estava ligado à *internet*, dissera a Lita, e os seus informáticos tinham adotado todas as medidas de segurança necessárias para proteger uma informação que, além de importante, também não estava completa, como Lita verificou

um instante depois.

— Quem é este homem? — perguntou um dos advogados de Stewart.

Alberto editara os vídeos e excluía qualquer dado que identificasse as suas testemunhas, eliminando até todas as referências faladas que, por exemplo, pudessem levar a reconhecer a pessoa que agora defendia perentoriamente que Concepción era filha de dom Eusebio, no caso, o tio Antonio, irmão de Margarita.

— Alguém que viveu pessoalmente os factos — afirmou Gómez.

Lita conhecia as declarações, em alguns casos e em relação a determinados momentos, até as conseguia recordar palavra por palavra, pelo que, enquanto os outros se centravam no conteúdo do vídeo, ela dedicou-se a observá-lo. Apercebeu-se da tensão. As afirmações das diversas testemunhas soavam na sala, e percebeu como a gente de Stewart se entreolhava pelo canto do olho, tentando esconder uma crescente preocupação. Um tradutor sussurrava a Meyerfeld e a Stewart o conteúdo das declarações em inglês, pelo que em sucessivas ocasiões Alberto teve de parar o vídeo e até de voltar atrás. Nesses momentos as pessoas ficavam quietas, em silêncio, à espera da tradução para os americanos, e era Lita quem se sentia observada. Sentiu-se bem ao ser o centro das atenções de todos aqueles bons profissionais, incluindo Pablo, com quem, apesar de tudo, preferia evitar o contacto visual. Depois dos vídeos vieram as fotografias, pregadeira incluída. O portátil percorreu a mesa de mão em mão. Lita observou a cara de Pablo ao ver as imagens. Depois de terminada a ronda e o computador se encontrar de novo nas mãos de Alberto, este referiu-se às transcrições dos vídeos.

— Foram certificadas pelo consulado espanhol — advertiu —, embora com dados e determinados parágrafos riscados, e não são mais do que o que os senhores já ouviram de todas essas pessoas. Se quiserem que as leia...

Foi dispensado de o fazer, pelo que Gómez passou a ler, desta vez em voz alta e clara, as cartas do filho do marquês para o pai.

— Como é que dispõem dessa correspondência? — interrompeu-o um

dos advogados.

— Deram-na à minha cliente entre a documentação da negociação.

— Mas é privada, confidencial.

Gómez repetiu os mesmos argumentos que Marcelo e José já haviam sustentado antes.

— Entendemos que não, uma vez que tanto o remetente como o destinatário estão mortos.

— Em qualquer caso, a sua cliente apoderou-se dessas cartas de forma ilegítima. Não lhas entregaram para que reclamasse...

— Se é legítimo ou não — interrompeu-o Alberto com autoridade —, caberá aos juízes decidir. Não pretendemos ficar com elas, porque há imensas — acrescentou com um certo cinismo —; de facto, não temos problema nenhum em devolvê-las depois de resolvido o julgamento. Não as queremos.

Leu-as, não na totalidade, mas sim centrando-se nas expressões que demonstravam o interesse em Margarita e Concepción por parte de Eusebio.

Alguém bufou no meio de uma das leituras. Lita, em vão, tentou localizá-lo.

— Bem — pôs fim à leitura o advogado —, estão aqui parte das provas de que dispomos. O colégio e as despesas médicas de María Regla Blasco foram pagos pelos Santadoma; isso será fácil de confirmar. E devo recordar-vos que a minha cliente, dona Concepción Hermoso, foi trazida para Espanha pelo marquês de Santadoma quando não tinha nem um ano, junto com a sua mãe, uma jovem criada mulata. Coloca-se a questão de saber que necessidade havia disso. Algum dos senhores o faria? Sem o fim de não querer falhar com alguém — continuou, desviando por um instante o olhar para Lita —, era imprescindível essa criada? Não podia ter sido substituída por outra que não arrastasse uma filha de tão tenra idade, uma criança que apenas originaria problemas e impedimentos para que a mãe cumprisse com o seu trabalho? Não se pode assumir que o senhor marquês ou a sua mulher tiveram uma relação

especial com essa criada; deviam ter muitas e com muita vontade de os seguir para Espanha. Alguma coisa mais havia, e é evidente. Os Santadoma sabem e ver-se-ão obrigados a reconhecê-lo.

— Não vamos discutir consigo o material que nos mostrou — respondeu um dos advogados dos americanos —, mas negamos categoricamente que os Santadoma tivessem conhecimento da situação. Nenhum deles...

— A dona Claudia — interrompeu-o Gómez, que se adiantou a Lita, a quem rogara para não intervir em momento algum, mas que nesta ocasião esteve prestes a desobedecer às indicações do seu advogado. — A dona Claudia — repetiu —, a viúva de dom Eusebio, o pai da minha cliente, estava a par da filiação de dona Concepción quando viviam em Cuba. Assim o afirmam todas as testemunhas.

— A dona Claudia está velha, senil — alegou o outro advogado.

— Por isso pretendo chamá-la para prestar declarações antecipadamente, na semana que vem, não vá a sua senilidade ou a sua saúde agravar-se, que Deus não o queira. Julgo que o seu testemunho é imprescindível e que o juiz aceitará.

Muitos dos presentes recordaram dona Claudia a gritar na sala de reuniões do banco, a negar-se a atender os pedidos do filho, o marquês, a insultar Lita e a sua mãe, e todos chegaram à mesma conclusão. Lita e Alberto reprimiram um sorriso; começando por Stewart, todos os que ali estavam reunidos temiam o que pudesse confessar aquela mulher diante de um juiz e de Concepción. Não havia quem a calasse.

— Não julgo que esteja em condições de testemunhar — tentou dispensá-la um dos advogados.

— Estará, estará. Olhe — Gómez endureceu a voz, o rosto, a postura —, viemos aqui de boa-fé. — Mudou de interlocutor e dirigiu-se diretamente aos americanos: — Não vou aceitar treta alguma. Se quiserem negociar, façam-no e ponham as vossas cartas ou a vossa proposta em cima da mesa; nós já o fizemos, mas neste momento não perderei tempo com artimanhas. Guarde-as para o julgamento —

concluiu, dirigindo-se de novo ao advogado. Depois tirou um documento da sua pasta e empurrou-o por cima da mesa, conseguindo que deslizesse até ao colega com que discutia, que o leu em silêncio.

— Julga que é necessário?

— Imprescindível — respondeu Gómez.

Era um requerimento similar ao executado para o marquês de Santadoma, através do qual o advogado, com uma procuração de Concepción, dava conhecimento aos compradores da reivindicação da sua parte da herança, avisando-os das consequências de uma sentença a seu favor sobre as ações do banco.

— O senhor estava a falar de boa-fé — recriminou-o o advogado dos americanos.

— E é exatamente isso — retorquiu Gómez, fingindo-se ofendido. — O senhor já imaginou se lhes escondêssemos a reivindicação de dona Concepción? Isso sim seria má-fé. Mostrámo-vos os nossos argumentos; não lhe parece sério que vos comuniquemos o que pretendemos fazer em função destas provas?

O outro assentiu. Meyerfeld e Stewart assinaram a receção daquele requerimento e Alberto retomou a palavra:

— Suponho que necessitarão de falar, pelo que creio que será melhor que os deixemos a sós. — Lita e o advogado levantaram-se da mesa. Os outros fizeram um gesto para os imitar por cortesia, mas Alberto voltou a tomar a palavra, interrompendo-lhes o movimento. — A propósito — acrescentou —, seria bom que convencessem o marquês — alongou a consoante final com sarcasmo — a resolver a situação laboral da dona Regla. O processo judicial está perdido, como o senhor mesmo disse — afirmou, dirigindo-se a Stewart. — Não é bom tentar chegar a acordos quando há outros litígios pelo meio; dificultam a boa-disposição..., tal como o facto de a dona Concepción Hermoso não dispor de pensão de reforma depois de uma vida inteira a trabalhar sem horários para esses aristocratas. Saibam os senhores que, em vez de se reformar e viver com o dinheiro da reforma que por justiça lhe pertence, continua a limpar

casas para poder comer.

Noutros momentos da sua vida, Lita teria escondido o olhar, envergonhada, depois das palavras de Alberto. Neste, no entanto, ergueu-se e desafiou todos, incluindo Stewart e Pablo.

— Os Santadoma são umas pessoas bastante especiais — admitiu o segundo dos advogados dos americanos. — Vamos tentar, mas considero que, em função do que estamos a falar, estes são assuntos menores. Para que fique bem claro, os senhores pretendem condicionar as negociações que possam vir a ser efetuadas e que afetem a eventual herança da sua cliente, interferindo por sua vez na venda de uma instituição bancária, se os Santadoma indemnizarem dona Regla e pagarem uma pensão à sua mãe?

— Sim — respondeu Lita, adiantando-se a Alberto. — Eu fui despedida por ser mulata e por reclamar aquilo a que a minha mãe tem direito, a quem deixaram sem um mísero euro depois de toda uma vida de trabalho, sofrendo dia após dia com esse caráter que o senhor qualificou de «especial». Quer que lhe defina com alguns exemplos o que o senhor qualificou de especial? — Lita calou-se para que as suas palavras pairassem sobre a mesa. Ninguém respondeu. — O que já nos pertence, a mim e à minha mãe — acrescentou —, não tem nada que ver com ela ser filha de Eusebio de Santadoma. Essa é outra luta.

— Já ouviram — confirmou Gómez.

— Não sei porque é que não me surpreende a tua posição de força — disse Stewart, sorrindo e oferecendo mais uma vez a mão a Lita, que nesta ocasião agarrou também com a esquerda, envolvendo-a por completo. — Teria gostado de trabalhar contigo. És...

— Qualquer dia o senhor irá tê-la sentada no conselho de administração como proprietária de um bom pacote de ações do banco — interrompeu-o Alberto.

Stewart soltou uma gargalhada e assentiu, libertando a mão de Lita, que inclinou a cabeça num gesto de cumplicidade com o seu advogado. Depois despediu-se de Meyerfeld e encaminharam-se para a saída. Pablo

manteve-se sentado à mesa, quieto, quando os outros dois passaram junto dele. Lita olhou-o com sentimentos contraditórios. O que restava de todas as suas ilusões? Não quis manifestar-se, nem sequer pensar nisso num ambiente e numa situação como aqueles, por isso, evitou despedir-se dele.

Jiguaní, Cuba
Maio de 1878

Tinha chegado a estação das chuvas e Kaweka olhou para o rio, que já começara a correr com um pouco mais de intensidade. Encontrava-se nos arredores de Jiguaní, numa zona de selva, perto de Bayamo e de Yara, da serra Maestra e de todos aqueles lugares onde lutara e onde se solidificara a revolução a cuja paz se opunha o Titã de Bronze, o general Maceo, que, com o protesto de Baraguá, decidiu continuar a guerra contra os espanhóis.

Quando o general negro soube da fuga de Kaweka depois da rendição das tropas ao espanhol Martínez Campos e da sua chegada a Mangos de Baraguá, mandou-a chamar à sua presença.

— Mas estou incapacitada — ripostou Kaweka depois de o militar elogiar as suas campanhas e lhe oferecer o comando de uma companhia de dez homens.

— Não tens de lutar, sargento — disse ele —, isso farão os teus homens, mas a experiência que podes partilhar não tem preço. Quem me dera dispor de muitos oficiais como tu, mas já viste a escassez de tropas, de armas, de recursos e até de alimentos. Foram muitos anos de luta, muitos negros mortos que ficaram para trás, assassinados e massacrados como vermes, para permitir agora que os brancos entrem em acordo entre eles, que continuem a enriquecer, explorando os nossos, e que pretendam

que após dez anos de guerra não se tenha passado nada.

A companhia de Kaweka tinha de controlar os arredores do rio Jiguaní e impedir que o inimigo o atravessasse. Tinha a seu cargo um cabo e nove soldados que desobedeceram às suas ordens assim que os espanhóis apareceram.

— O que estão a fazer? — sussurrou para que o inimigo não os descobrisse, quando viu que atiravam as suas armas para o chão.

— Vamos entregar-nos — respondeu o cabo.

— Não permitirei! — exclamou ela.

Nesse momento pouco se importou de levantar a voz ao mesmo tempo que empunhava a catana com a mão direita.

— Queres enfrentar-nos? — perguntou o cabo.

Kaweka sentiu o peso da catana como uma carga intolerável e acabou por ceder. Não lhe propuseram que se juntasse a eles, sabiam que não os acompanharia. Ergueram os braços no ar e, aos gritos, suplicando perdão e misericórdia, dirigiram-se para os espanhóis.

— Que tenhas sorte, irmã — desejou-lhe o cabo antes de se ir embora.

Kaweka escondeu-se no matagal, e uma chuvada repentina dissuadiu os inimigos de a perseguirem. O que essa cortina de água não conseguiu foi fazer desaparecer o sentimento de culpa que a assaltou ao ver como os seus homens se ajoelhavam. Não fora capaz de manter a disciplina, talvez porque não confiassem nela, uma inválida, para os conduzir à vitória como fizera tantas outras vezes. A sua reputação não era suficiente. A água caía, mas Iemanjá não aparecia para aproveitar o seu elemento preferido. Nada sabia de Modesto, nem de Yesa, e os seus soldados abandonavam-na. Sentiu-se sozinha, perdida, fracassada, e perguntou-se como podia voltar para enfrentar os oficiais e admitir que todos os seus homens, sem exceção, haviam desertado.

De qualquer forma, devia regressar ao acampamento. Por mais humilhante que isso fosse, o oficial ao comando devia saber que a zona que lhe tinha atribuído ficara totalmente desprotegida e à mercê do inimigo. Quando chegou, viu alguns soldados esfarrapados que

vagueavam pelas instalações.

— Onde está o tenente-coronel? — perguntou a um deles.

O homem pareceu pensar. Coçou a cabeça e sorriu-lhe com cinismo.

— A esta hora deve estar já na sua casa.

— O capitão Martínez?

— Esse não sei se tinha casa.

— Deve estar a roubá-la a outro — respondeu outro dos seus colegas a rir.

— Os soldados? — atreveu-se a perguntar Kaweka.

As expressões de desprezo foram resposta suficiente.

Todos se rendiam. O general Maceo e outros membros do seu estado-maior tinham viajado para a Jamaica, ilha onde existia um importante contingente de emigrantes cubanos que se dizia estarem dispostos a ajudar os revolucionários. Ali, em Kingston, a capital, o Titã de Bronze, o herói da guerra por uma Cuba livre, manteve dois encontros públicos com cubanos procurando homens e dinheiro para financiar a continuação da guerra. Conseguiu cinco xelins e sete soldados dispostos a alistarem-se. A carta que o general negro enviou ao governo provisório insurgente sustentava, entre outras afirmações, que não havia esperança de recursos, e que era necessário que se esforçassem para evitarem mais sacrifícios inúteis. Depois dessa comunicação, Maceo demorou a regressar a Cuba, e a 21 de maio de 1878, dom Manuel Calvar, presidente da República de Cuba livre, capitulava diante do general Martínez Campos sem conseguir qualquer benefício. Ao contrário do que sucedera com os escravos quando se assinou o Pacto de Zanjón, os que tinham continuado a lutar no exército rebelde seriam abrangidos pela Lei Moret, aquela que declarava os ventres livres e que libertava os negros depois de terem completado sessenta anos.

De um dia para o outro, depois de uma longa guerra, Kaweka, com trinta e três anos de idade transformados em muitos mais por uma vida de penúrias e privações, encontrou-se nas montanhas do Oriente, lesionada, vestida com um uniforme de sargento, com a sua catana e com o colar de

contas de uma deusa que a abandonara, assim como toda a sua herança. Continuava a ser escrava numa terra que agora, pacificada, se lhe apresentava como um lugar extremamente hostil, onde podia ser detida e entregue às autoridades a qualquer momento.

Santiago de Cuba

Maior de 1878

O quartel Reina Mercedes ocupava um grande espaço no lado este da cidade de Santiago de Cuba. Era um edifício simples, retangular, de um só piso e de cento e oitenta metros de lado por oitenta de profundidade, situado junto ao hospital militar Príncipe Alfonso.

O quartel fora inicialmente construído como cadeia, para libertar os conventos da cidade dos presidiários que lá eram encerrados. Tinha capacidade para cerca de mil soldados no piso térreo, o único construído à volta de um grande pátio de armas para onde davam armazéns, estábulos e outras instalações militares, e barracões para os soldados que se tornaram casas para os oficiais e para as suas famílias. Debaixo de terra, nas caves, havia celas onde se amontoavam cerca de duzentos reclusos.

Durante a Guerra dos Dez Anos, os presos tinham sido enviados para o quartel El Provisional, do outro lado da cidade, e o Reina Mercedes ficara como instalação militar, na primeira linha de defesa da cidade, de apoio ao hospital, mas não se conseguira livrar dos prisioneiros, que naquela época se multiplicavam.

Modesto encontrava-se no Reina Mercedes depois de um longo périplo que se iniciara com a sua detenção nas proximidades do engenho La Candelaria, no Departamento do Ocidente, e que o levava para a maior cidade a este da ilha.

A sua esperança de que os escravos do engenho não o denunciassem aos voluntários viu-se gorada quando estes insistiram em saber quem

participara na execução à catanada do maioral e dos outros brancos que tinham ficado para trás.

Aquela companhia de mercenários estava disposta a vender clandestinamente os escravos do engenho e a obter assim um bom lucro, mas decidiram que também não seria mau entregarem à justiça, juntamente com os cadáveres dos homens de Kaweka que tinham abatido e pelos quais lhes pagariam, algum responsável vivo pela matança. Isso proporcionar-lhes-ia notoriedade e prestígio para que outros fazendeiros os contratassem.

Não foram necessárias mais de duas chicotadas para que o primeiro escravo de La Candelaria que foi interrogado delatasse Modesto. Os restantes corroboraram espontaneamente, alguns desafiando-o com o olhar, repreendendo-o pelo seu infortúnio; outros, entre elas a rapariga mulata de olhos verdes, baixando os olhos para o chão. Desfizeram-lhe as costas a chicotadas, sem clemência, ainda que todas essas vergastadas não tivessem conseguido abalar o consolo que sentira ao verificar que entre os cadáveres não estava o de Kaweka, uma tranquilidade que, apesar de tudo, vacilou ao ouvir falar dela ao chefe dos voluntários, irritado pelo facto de a famosa sargento rebelde lhes ter escapado.

— Tem de estar muito ferida — disse um dos seus homens. — Eu próprio a atingi com a catana no ombro, e foi um corte bem profundo — assegurou enquanto enfatizava as suas palavras com um gesto de mão.

No dia seguinte, com os cadáveres dos guerrilheiros de Kaweka amontoados numa carroça, transferiram Modesto para Santa Clara, que ainda estava em mãos espanholas, apesar da invasão do Departamento do Ocidente empreendida pelo general Máximo Gómez. Os cadáveres dos rebeldes foram expostos na praça junto à maior paróquia da vila, e José García, como disse chamar-se Modesto para que não o devolvessem a Havana, a Rivaviejo, foi entregue à justiça daquele lugar.

— Fazia parte do grupo de rebeldes que atacaram o engenho La Candelaria — acusou-o um dos voluntários. — Matou o maioral e vários trabalhadores brancos.

A declaração alongou-se, na presença do procurador síndico na qualidade de protetor dos escravos, e Modesto negou qualquer relação com os rebeldes, acrescentando que fizera parte dos negros do engenho como escravo.

— Isso resolve-se facilmente — afirmou o juiz.

— Os livros estão queimados — alegou um dos voluntários.

— E o dono?

— Em Havana... supõe-se.

— Pois que venham os outros escravos para prestarem declarações.

A esta hora já estarão vendidos, pensaram os voluntários que se tinham responsabilizado pela transferência de Modesto e dos cadáveres.

— Como o senhor quiser, excelência — assegurou um deles de qualquer forma. — Iremos trazê-los à sua presença assim que nos for possível.

Obviamente, não os levaram. E Modesto, acusado de homicídio, esperou numa masmorra de onde o tiravam durante o dia para realizar obras públicas, porque nunca reconheceu ser enfermeiro. Tentou falar com o síndico defensor dos escravos, mas este já tinha dado por terminado o seu trabalho e não atendeu nenhum dos seus pedidos, esperando que trouxessem as testemunhas. Uma espera que se viu interrompida quando a cidade foi atacada inesperadamente pelo general rebelde Manuel Calvar, que conseguiu controlar a praça durante pouco mais de uma hora e meia, período durante o qual incendiaram um dos dois quartéis e outras instalações oficiais e saquearam armazéns e arsenais, deitando mão a um importante espólio antes de abandonarem a cidade de novo para os espanhóis.

Modesto, sempre agrilhado com uma corrente nos tornozelos, encontrava-se a trabalhar no interior do quartel onde se refugiaram as tropas do outro fortim da cidade depois de deixarem para trás trinta mortos e inúmeros feridos. Ali, o prisioneiro implorou com todas as suas forças à Iemanjá de Kaweka que os rebeldes continuassem a sitiar Santa Clara até tomarem definitivamente a praça.

— Os teus amigos não te libertaram — gozou com ele um dos soldados espanhóis, dando-lhe uma forte pancada no pescoço. — Resistimos bem.

— Não sou rebelde — respondeu ele, renegando a orixá.

— Pois, nem eu espanhol — exclamou outro soldado.

O que não resistira ao ataque dos rebeldes foi a prisão e as dependências do tribunal, onde, tal como sucedera no engenho La Candelaria, se voltaram a queimar livros e processos.

Modesto já não era ninguém: não tinha documentos, carecia de identidade. Os seus antecedentes, inclusivamente os judiciais, haviam desaparecido. Só lhe restavam uns grilhões que o capitão do regimento ordenou que não lhe tirassem, porque era sabido que o tinham acusado de homicídio. Perante esta situação, o síndico protetor dos escravos colocou Modesto ao cuidado do exército. Ele, como muitos outros, servia os oficiais, ocupava-se dos serviços e sobretudo trabalhava a toque de caixa nas obras de reconstrução das defesas da cidade. As questões da papelada e restantes formalidades foram adiadas para o fim da guerra.

Foi nessa circunstância que o general Martínez Campos chegou a Cuba com os seus reforços de soldados endurecidos nas guerras carlistas espanholas, iniciando o ataque que levaria à capitulação dos rebeldes, primeiro com o Pacto de Zanjón e, de seguida, com a rendição absoluta depois do fracasso dos esforços de Maceo, na Jamaica. Como outros tantos escravos ao serviço dos espanhóis, Modesto, com os tornozelos já calejados devido aos grilhões, acompanhou o regimento que, junto com as restantes forças do general Martínez Campos, partiu de Santa Clara e de outros lugares da ilha para conquistar o Departamento do Oriente. Em várias ocasiões tentou fugir, sozinho ou acompanhado, apesar das correntes que o faziam tropeçar e cair uma e outra vez. O mais longe que chegou, numa delas, foi a pouco mais de um quilómetro do seu regimento. Os mastins mal tiveram de correr para o apanharem. Os castigos foram-se agravando para os escravos que fugiam.

— Isto é o exército e estamos em guerra — gritou um desses tenentes

veteranos recém-chegados de Espanha, depois de ter capturado três escravos que tinham desertado. — Se os soldados traidores são executados de forma sumária, vocês não terão melhor sorte, desgraçados. Em Espanha não há escravos, só soldados, e como tal morrerão.

E fuzilaram-nos ali mesmo.

Modesto teve em conta aquelas mortes e sentiu que entre elas podia ter estado a sua, e esse pensamento deixou-o atordoado. Aqueles homens não eram soldados. Não desertavam, nem sequer pretendiam passar para as fileiras inimigas. A maioria só queria ir procurar a sua família, regressar ao seu pasto ou engenho, e continuar com a sua vida de escravidão.

Um dia, toda aquela loucura acabaria. Cuba, as suas gentes, os seus recursos, já não dava para mais. Dez anos de guerra sem quartel, de terra queimada, de luta fratricida, tinham de chegar ao fim; por isso Modesto acomodou-se a essa nova vida, a de escravo, a que tantas e tantas vezes assistira quando comparecia com Rivaviejo nos engenhos: obedecer, submeter-se, lutar e embebedar-se com os outros escravos quando era possível, tornar-se um animal que tinha de agradecer ao ser pontapeado, e assim, com essa consciência, foi parar a Santiago de Cuba, ao quartel Reina Mercedes, onde se dedicou a tratar dos presos encarcerados nas celas que havia debaixo de terra: levava-lhes comida, trocava a palha de vez em quando, limpava os baldes onde faziam as suas necessidades e executava todos os outros trabalhos que fossem necessários.

A todos aqueles presos que chegavam depois do protesto do Baraguá de Maceo perguntou pela sargento Kaweka, o único vínculo que lhe restava com a vida do homem que fora, livre ou escravo. Muitos enganavam-no para que os beneficiasse com a comida, até encontrar um que lhe deu referências suficientes que conferiram credibilidade às suas palavras. Estivera no acampamento de Jatibonico, no mesmo hospital de campanha onde internaram a sargento Kaweka. Conhecia o médico, o comandante Pérez. O homem mostrou-lhe uma cicatriz que atravessava a sua coxa direita para confirmar a veracidade das suas palavras. Toda a

gente falava da sargento, disse, e relatou-lhe o que ele já sabia: fora surpreendida por uma companhia de voluntários depois de atacar um engenho chamado La Candelaria; lembrava-se do nome porque a sua irmã se chamava assim. Contou que a levaram ferida na maca improvisada até ao acampamento e que, enquanto agonizava, as pessoas cantavam e rezavam no exterior, e que até o general Máximo Gómez a foi visitar depois de se ter curado. Kaweka vivia, sim, aleijada do braço esquerdo à altura do ombro, mas decidida a voltar a empunhar uma catana. Depois, ele voltara a incorporar-se na sua unidade e nunca mais soube da mulher.

Haviam decorrido mais de três anos desde que o assalto ao engenho La Candelaria fracassara. Modesto tinha esperança de que Kaweka estivesse viva, embora duvidasse disso, surpreendido com a inexistência de comentários acerca de alguma incursão por parte de uma sargento que antes causava terror entre os inimigos e admiração entre os amigos. Era como se tivesse deixado de existir, o que, muitas vezes, lhe trazia à mente as desesperantes palavras do voluntário que reportava ao seu chefe no engenho: «Tem de estar muito ferida. Foi um corte muito profundo.»

O Pacto de Zanjón deu-lhe um certo regozijo: talvez Kaweka, como sargento do exército rebelde, tivesse alcançado a tão ansiada liberdade, e Modesto alegrava-se por ela. Mas pouco antes de 25 de julho — as festas de Santiago, padroeiro da cidade —, apresentou-se no quartel Reina Mercedes uma companhia do VII Batalhão do Corpo de Voluntários de Havana.

Eram cerca de vinte homens que transpunham as portas do quartel a galope, em formação, com uniformes e armados, os cavalos transpirados, como se ignorassem que a guerra terminara pouco mais de dois meses antes. As sentinelas nem sequer tiveram tempo de sair ao seu encontro; ao invés, viram-nos desmontar no pátio de armas. O tenente que dirigia a companhia perguntou com urgência pelo oficial ao comando e, com o seu ajudante, seguiu um cabo que o levou até aos aposentos do coronel.

O resto dos voluntários, já de pé, pediram de beber enquanto

arrumavam os uniformes e as armas e sacudiam a terra e a poeira. Os soldados do Reina Mercedes aproximaram-se interessados pela chegada desse inesperado contingente, enquanto ordenavam aos escravos que cuidassem dos cavalos. Modesto era um dos que andavam por ali.

— O que fazem em Santiago? — ouviu um soldado a perguntar a um dos recém-chegados.

— Maceo e o seu governo de mentira já se renderam — disse outro.

— Procuramos uma rebelde — respondeu o voluntário. — Temos ordens do nosso coronel, o marquês de Santadoma, para encontrar uma escrava sargento que lhe pertence.

— Eh! O que é que estás a fazer, imbecil?

Um dos soldados bateu em Modesto quando este, surpreendido, soltou o cavalo, que quase o atropelou.

— Desculpe, desculpe, desculpe — lamentou-se este enquanto recuperava o animal.

— Propriedade do teu coronel? — perguntou outro dos soldados. — A essa, como a todos os outros, tê-la-ão libertado depois de Zanjón. Devíamos tê-los matado a todos. Eram uma corja de assassinos selvagens.

— A essa não a libertaram — insistiu o voluntário. — Sabemos que se juntou a Maceo, que não aceitou o Zanjón; as últimas notícias que temos de homens que desertaram situam-na em Jiguaní, por isso estamos aqui. Essa mulher continua a ser escrava, e não vamos desistir até a encontrarmos.

— E todo este rebuliço por causa de uma escrava? — perguntou outro soldado, apontando para os mais de vinte cavalos, os homens, as armas...

— Sim! — afirmou o outro rotundamente. — Ainda que não seja apenas essa escrava. O marquês também está à procura da filha dela. O nosso coronel está decidido...

«A matá-las», respondeu para consigo Modesto. Levou o cavalo até ao tanque, onde o entregou, alheado, a um escravo que já estava a dar de beber a outro dos animais da companhia.

O edifício retangular do Reina Mercedes, que até então parecera a Modesto uma espécie de refúgio onde deixar passar os dias à espera da morte, como sucedia com tantos outros escravos sem outro objetivo na vida, surgiu de repente como uma das prisões mais inexpugnáveis que o homem alguma vez pudesse ter construído. Saber de Kaweka, até de Yesa... Yesa! Se o marquês andava atrás dela, era porque tinha dados suficientes para estar convencido de que a menina estava viva: esse homem não dava ponto sem nó. A consciência do perigo que Kaweka corria, que com certeza ela ignorava, tirou-lhe o sono. Como estaria o marquês a par de todos aqueles dados? Os soldados não o sabiam. Só conheciam as ordens e o pouco que escapara ao tenente à volta de alguma fogueira, à noite, durante o caminho, sobre a filha da escrava e alguma coisa sobre uma fotografia num jornal que Modesto não conseguiu perceber com clareza.

Kaweka estava viva e estava ali, a pouca distância dele. Sorriu como há tempo não sorria, enquanto um arrepio lhe percorreu o corpo inteiro. Pela primeira vez em mais de três anos sentiu o sangue bater com força no seu interior; até julgou poder permitir-se algum daqueles passos leves, desses que Kaweka gostava de ver, dizendo que flutuavam no ar, mas as correntes que lhe agrilhoavam os tornozelos fizeram-no tropeçar. Não se importou. Era apenas mais um impedimento, fácil até de superar perante a imagem do contacto do corpo de Kaweka junto do seu. Sentiu-o e tremeu, e as lágrimas escaparam-lhe.

Desde esse momento, não teve outro objetivo senão o de escapar do Reina Mercedes e encontrar Kaweka, antes que o fizessem os voluntários enviados pelo marquês. Podia trepar até ao teto das salas do primeiro piso, não era difícil, e dali saltar para a rua. Havia vigilância, mas com certeza que com a chegada da paz atuariam com maior negligência, uma vez que não temiam nenhum ataque. Sair do quartel não era impossível. O problema seria encontrar-se no meio de uma grande cidade como Santiago de Cuba vestido com uma simples tanga, que era o máximo que

usava, e com as correntes presas aos pés. Não conseguiria dar mais de três passos sem que algum cidadão o detivesse. Santiago de Cuba fora fiel a Espanha durante os dez anos de guerra, apesar de se encontrar no Departamento do Oriente, sempre cercada por forças inimigas, sempre tornada um objetivo primordial dos rebeldes. Resistira, e vangloriava-se daquele triunfo. Nenhum cidadão o ajudaria. Não podia contar com isso.

Desfazer-se das correntes no interior do quartel implicaria muito barulho; necessitaria de ferramentas, de martelar... A guerra, a escravidão no exército, dura, violenta, destruíra qualquer sentimento de solidariedade entre os escravos, nem sequer aquela subtil que se conseguia perceber em engenhos e cafezais. Talvez os negros do Zanjón tenham obtido a liberdade, mas, para os que tinham acabado nas mãos dos espanhóis, o fracasso fora absoluto. Já não existiam causas comuns, já não se procurava o bem da comunidade; ali cada um tratava dos seus interesses. O primeiro que se apercebesse de que se debatia para se livrar das correntes denunciá-lo-ia, porque qualquer bufo obtinha um prémio que até podia ser a sua liberdade.

Mesmo assim, tentou. Não fazia ideia de como podia escapar com aquelas correntes. Rondou a serralharia, mas, quando o escravo que ajudava na forja o viu a espreitar por ali algumas vezes, saiu no seu encalço.

— Que raio queres, negro? O que pretendes roubar?

Não ia ser fácil, pensou Modesto. Tinha sido muito o tempo entregue à indolência. Não possuía nada para oferecer a ninguém, nem sequer uma triste garrafa de rum, de aguardente ou algum tabaco. Consumira tudo, apostara tudo nas mesas de jogo. Apenas dispunha de uma tanga e de umas correntes de ferro. A esperança estava a desmoronar-se num ambiente de euforia que há anos não se vivia em Santiago de Cuba, e que se estendia até aos militares do quartel Reina Mercedes.

Faltavam poucos dias para o Carnaval em honra de Santiago, padroeiro da cidade. Desde o início do século XIX, os santiagueiros festejavam o dia do seu padroeiro com duas celebrações. Na oficial, as autoridades civis e

militares acompanhavam em procissão, com toda a pompa e circunstância, junto com o estandarte transportado pelo alferes real, uma estátua equestre do santo desde a Câmara Municipal até à catedral, onde era recebida pelo cabido em funções e permanecia um dia exposta aos fiéis.

A essa celebração foi-se juntando com o tempo a festividade popular, a dos *mamarrachos*, cidadãos e escravos que se disfarçavam, cantavam e dançavam, pelo que nos dias anteriores e posteriores ao do santo o Carnaval chegou a tornar-se um dos mais importantes não só da ilha de Cuba, mas de todas as Caraíbas.

Durante os dez anos que durara a guerra, não se deixara de prestar homenagem ao santo e de o transportar de um lado para o outro. Alguns anos, inclusivamente, também se tinham celebrado os *mamarrachos*, mas noutros, por temor a um ataque inesperado ou, o que era mais importante, à infiltração de espiões rebeldes entre os negros, as festas populares tinham sido proibidas ou, pelo menos, muito limitadas e controladas. Agora já não havia guerra. Todos os comandos do exército rebelde se tinham entregado ou exilado de Cuba. Reinava a paz e, sobretudo, o desejo de diversão, e isso também acontecia no quartel Reina Mercedes. O tenente Márquez aceitara o convite do coronel para fazer parte do cortejo com os seus homens e pensou que, após dez anos, se podia permitir demorar alguns dias na busca dessa sargento, que provavelmente estaria morta de fome em algum pasto destruído.

Modesto percebeu que aquela seria a sua única oportunidade, porque a rotina depois do Carnaval voltaria a trazer as desconfianças e as denúncias de uns para com outros, as lutas e a submissão. Graças a um soldado que, numa discussão, proferiu insultos quando soube que lhe calhara estar de guarda, soube que a vigilância do quartel ficaria a cargo de uma pequena guarita. E percebeu que esse reduzido grupo demoraria pouco a encontrar-se num estado de absoluta embriaguez.

Ficariam também os presos das caves e os feridos, cada vez mais escassos, do hospital do Príncipe Alfonso, e pouca gente mais, uma vez

que até os familiares dos chefes e oficiais iriam para a festa. Podia fazer explodir o arsenal, pensou: um tição aceso pela janela e iria tudo pelos ares. Ele poderia escapar, ainda que provavelmente deixando muitos mortos atrás de si. Podia sequestrar o coronel ou a sua mulher... Que estupidez!, pensou para consigo. Como iria fazer? Precisava de ideias viáveis. Incendiar o quartel parecia-lhe bastante prático. O palheiro e o celeiro arderiam com facilidade, mas alguém se preocuparia com os rebeldes encarcerados debaixo de terra?

Convenceu-se de que tinha de o conseguir sem ferir os seus. O que diria Kaweka se lhe contasse que magoara um dos escravos para chegar até ela? Um homem negro, alto, extremamente magro agora, com uma tanga e umas correntes nos tornozelos, isso era o que tinha de esconder, transformar...

Entrou nos estábulos, onde estavam os cavalos que coxeavam. Ninguém pretendia montar um deles no dia do padroeiro. Pegou numa tesoura e cortou a cauda a um: malhada, branca com tons mais escuros. À noite dedicou-se a entrançar aqueles montes de pelo comprido. Roubou um balde de cal com que caiavam as paredes do quartel e, na noite anterior ao dia de Santiago, infiltrou-se nos jardins dos oficiais à procura da roupa estendida das suas mulheres: combinações grandes, corpetes ainda maiores, um xaile, um chapéu, algumas almofadas e uma corda grossa. Precisava sobretudo disso: de corda.

No dia de Santiago, tal como os homens destacados pelo coronel para acompanharem a comitiva oficial, toda a gente foi para a rua mascarada. *Mamarrachos* com máscaras. Foliões. Negros com o corpo todo pintado de vermelho, ou só a cara. Homens vestidos de mulher. Pessoas com perucas amarelas de folhas secas e barbas postiças que se entregavam à música e à dança, providas de rum, aguardente, tabaco... O coronel partiu com os seus homens em rigorosa formação em direção à câmara e o guarda ficou às portas do quartel, com outros escravos, a conversar com os que passavam na rua, a beber com eles, a dançar e a namoriscar com as mulheres. Uns entravam, outros saíam, e entre estes escapou

Modesto: pintado de branco, com um chapéu de onde caía um monte de tranças que lhe chegavam à altura da cintura, um corpete cheio com duas almofadas e tapado com um xaile; levava também uma saia que arrastava pelo chão, e tinha posto mais enchimento nas nádegas. Usara a corda para atar as correntes e depois enrolara-as nas ancas, conseguindo assim ocultá-las debaixo da saia e evitar arrastá-las pelo chão.

Modesto observou apenas por um instante a desordem à porta do quartel: chocalhos, guizos e álcool, e, com dois paus que fez soar nas suas mãos, meteu-se entre eles a dançar, a bambolear-se como nunca fizera na vida, rogando à deusa de Kaweka para que não se soltasse a corrente nem nenhuma das almofadas, e que ninguém visse nele mais do que uma negra provocadora que dançava com um cacho de bananas na cabeça em jeito de chapéu e que era capaz de bater nuns e noutros com o seu rabo imenso. Estava ridículo, grotesco, mas era assim o Carnaval. Ninguém ia estranhar o seu aspeto, burlesco, a não ser se descobrissem que era um escravo a tentar fugir.

Após poucos segundos de dança, apareceu na rua uma conga com os seus tambores. Os *bocúes* e as congas, pendurados a tiracolo nos negros dessa nação, que batiam neles com ambas as mãos, ao mesmo tempo que marcavam os passos de dança seguidos por todos os outros num alarde de coreografia de rua. Eram tambores ocidentalizados, remanescentes dos antigos tambores sagrados africanos branqueados devido à vontade e ao temor dos amos ao poder negro, mas ali estavam, fazendo ressoar o universo inteiro, convocando todos os africanos a seguirem a sua música ancestral. Muitos quiseram juntar-se à conga. Os escravos do quartel foram impedidos pelas sentinelas, mas Modesto juntou-se ao grupo com total liberdade, chocando os paus, e escondeu-se entre o grande número de pessoas que seguiam os foliões: a «*arrolladora*», assim se chamava àquela multidão de gente que se juntava aos foliões e que dançava, cantava e ria batendo em caçarolas com colheres ou qualquer ferro que produzisse som. Entre eles ia Modesto, a olhar para a esquerda e para a direita, a rir às gargalhadas, a dançar e a gritar, permitindo que as

lágrimas corressem livres pelas suas faces.

Do quartel Reina Mercedes dirigiram-se para a Igreja de Santa Ana, mas Modesto escapuliu-se na primeira rua que encontrou.

— Onde há um ferreiro? — perguntou a um grupo de rapazes negros que cantavam e dançavam; aquela intuição que guiara os seus passos antes de ser detido em La Candelaria e que ficara como que velada parecia agora renascer. Soube que podia confiar neles.

— Hoje ninguém trabalha — respondeu um.

— Mas caiu-me uma ferradura — insistiu Modesto, apontando para debaixo da saia com o mais aberto dos sorrisos.

Dois rapazes entreolharam-se. Modesto permaneceu atento ao diálogo deles, silencioso.

— Este sabe — acabou por apontar para um. — Trabalha ali. É do pai.

— Usas bem o martelo?

Os jovens não se surpreenderam quando Modesto levantou a saia e lhes mostrou as argolas. O filho do ferreiro bateu com precisão até fazer saltar os grilhões, que deixaram à vista uns tornozelos calejados na pele cor de ébano do escravo.

— Foi muito tempo — disse ele. — Como posso fugir da cidade?

Acompanharam-no até lhe mostrarem o caminho que dava para a serra Maestra, onde várias sentinelas conversavam e namoriscavam com as negras.

— Por este caminho entram e saem as pessoas que vivem em El Cobre. Todos os mineiros que se vêm divertir a Santiago, milhares deles com as suas famílias. Só tens de esperar que a atravessem de volta, quando já tiver anoitecido. Junta-te a eles e estarás fora. Podias contornar a guarda... mas não é aconselhável. Às vezes anda por aí algum soldado mais distraído.

— *Viva Cuba libre!* — sussurrou outro dos rapazes, ao qual oferecera o chapéu com a cauda de cavalo entrançada antes de se meter entre umas madeiras que faziam de cerca entre as duas barracas à espera de que anoitecesse.

Os miúdos tinham-lhe oferecido uma camisa esfarrapada, negra do carvão da forja, com a qual saiu da cidade entre um grupo numeroso de mineiros meio disfarçados, mulheres e crianças, muitos bêbedos, a maioria deles pintalgados com o ocre alaranjado do cobre puro.

Assim, dez anos depois, Modesto avançava pelo mesmo espaço por onde avançara Kaweka, acompanhada de Porfirio e Jesus, e entrava numa serra Maestra que agora estava pacificada e nas mãos das forças espanholas. Convidaram-no a comer e a beber. Não se atrevia a mencionar o nome de Kaweka. A guerra terminara; permaneciam bandos de bandidos que os espanhóis perseguiam, ou não, conforme atentassem contra os interesses económicos dos ilustres homens brancos cubanos, mas Modesto estava convencido de que Kaweka não se juntara a nenhum desses grupos de malfeitores.

Ignorava onde a poderia encontrar e, sobretudo, se chegaria a ela antes de o fazerem os voluntários do marquês de Santadoma. O tenente Márquez e os seus homens passariam a pente fino a zona à procura de Kaweka. Conhecendo dom Juan José, não olhariam a meios para darem com ela, e aquele jovem oficial não teria a audácia necessária para se apresentar em frente do seu coronel sem ter capturado a sua presa; a sua vida e a sua projeção pública em Havana terminariam se ele defraudasse o nobre naquela missão.

Tinham feito uma paragem no caminho para El Cobre, e muitas das pessoas a que Modesto se juntara continuavam em festa, ainda que uns dormissem ou conversassem. Ninguém parecia preocupar-se com ele. Permaneciam numa clareira entre a selva. Se Kaweka tivesse decidido esconder-se num lugar como aquele, com a experiência que tinha depois de dez anos de guerra, por mais maltratada que Modesto tivesse ouvido que ficara depois do assalto a La Candelaria, nem todo o exército de Martínez Campos a encontraria. Os quilombolas eram detidos quando pretendiam viver como os brancos, em quilombos, como se fossem pequenas aldeias, onde acendiam fogos, lavravam os campos, criavam animais nas suas pequenas parcelas de terra, que acabavam por

comerciar. Mas se um escravo sozinho se escondesse nas montanhas ou nos pântanos, se se alimentasse de raízes e se afastasse do mundo, era quase impossível que o encontrassem.

«Tomaria Kaweka essa decisão depois de terminada a guerra?»

«Não», disse para consigo.

Modesto levantou-se. «Não. Não o fará», foi repetindo à medida que se encaminhava de volta para Santiago de Cuba, tropeçando nos mineiros com quem se cruzava. Kaweka voltaria à serra do Rosario para procurar a filha, regressaria ao lugar onde a deixara. Não tinha a menor dúvida. Rendidos os rebeldes, pacificada a ilha, Kaweka não tinha outro objetivo senão encontrar e libertar Yesa, pelo qual seria capaz de arriscar e entregar a própria vida. Não o pudera fazer até então, mas agora, terminadas as hostilidades, Iemanjá também não lhe podia exigir outra coisa: a luta terminara, e uma mulher sozinha não podia enfrentar o mundo.

E Modesto, perante essa realidade, precisava de um barco que o aproximasse de Havana.

Modesto correu todos os riscos que se lhe apresentaram para se aproximar de um barco com destino à capital da ilha. No dia de Santa Ana, o Carnaval terminara, mas a cidade ainda recuperava dos efeitos da primeira grande festa celebrada depois das restrições por causa da guerra; sujidade, gente bêbeda, estabelecimentos fechados. Santiago de Cuba tinha dificuldade em acordar do frenesi do Carnaval, e Modesto aproveitou aquele estado de letargia para se mover na cidade com ousadia. Muitas das grandes casas onde se haviam celebrado bailes e festas ou onde simplesmente alguns grupos de *mamarrachos* tinham «dado um salto» — tinham entrado nessas casas com o consentimento dos serviçais e, depois de estarem no interior, tinham dançado e cantado e bebido tudo o que encontravam enquanto os senhores protegiam os seus pertences... ou se juntavam à festa — agora surgiam diante dele abertas de par em par — as portas, as janelas, tudo — para ventilar os odores almiscarados que se haviam colado aos móveis e às madeiras nobres.

Modesto entrou numa delas sem pensar. O porteiro não estava. No interior, uns quantos escravos esforçavam-se por arrumar os restos da festa, esfregar o chão e limpar móveis e objetos. Modesto poderia ter gritado no meio de um salão tão imenso, tal como os três lustres de cristal que estavam pendurados no teto, que o máximo que teria conseguido era que as negras que esfregavam o chão tapassem os ouvidos. Todas bocejavam, moviam-se com ainda maior lentidão do que a habitual, com toda a sua energia esgotada no Carnaval, deslocando-se pela casa como fantasmas incapazes de reagirem a qualquer estímulo. Havia os que dormitavam em cadeirões ou num canto, até levarem um pontapé de alguém que passava. Uma das escravas olhou para ele, com a camisa tisonada.

— Já está na hora de te mudares e começares a trabalhar, negro — recriminou-o.

Era isso que pensava fazer. Subiu ao andar de cima e meteu-se no quarto dos senhores. Ali, entre os eflúvios do álcool, fez-se a uma roupa de qualidade. Ficava-lhe um pouco grande, mas os negros também nunca se vestiam à medida. Doeui-lhe calçar-se. Os donos da casa, um casal de idosos, pareciam mortos em cima dos lençóis de linho de camas separadas, e aproveitou para roubar algum dinheiro, um relógio de bolso, uns óculos que não lhe serviam para nada, um panamá e uma mala para dar a impressão de que ia viajar, onde colocou dois livros, uma muda de roupa e as joias que a mulher branca deixara desarrumadas em cima do toucador.

O bater dos sapatos no chão fez com que todos os escravos acordassem, baixassem os olhos e simulassem trabalhar. Despediu-se do porteiro ao abandonar a casa, como se fosse um convidado atrasado.

— Boa noite — disse-lhe, apesar do sol esplêndido que iluminava a cidade.

— Boa noite, senhor — respondeu este, servil.

Não havia muito intercâmbio comercial entre Santiago e o resto da ilha. A política de terra queimada seguida durante dez anos desprovera a

terra de matérias-primas, razão por que se importavam os produtos necessários para abastecer a cidade, que tinha permanecido fiel aos espanhóis. As viagens de regresso eram escassas, e por esse motivo o capitão de uma escuna disposta a partir para Havana aceitou sem melindres nem perguntas incômodas o preço da passagem que pagou aquele negro bem vestido, com o seu relógio de ouro pendurado no colete, óculos e uma mala de couro.

O tenente Márquez não estava enganado ao situar Kaweka nos arredores de Jiguaní, como confessaram os rebeldes desertores, mas, enquanto os voluntários de Havana se dirigiam para Santiago de Cuba para organizarem a caça à sargento, esta tomava o caminho de Mangos de Baraguá, onde continuava estabelecida a sede do governo provisório da República. Necessitava de confirmar definitivamente os rumores de rendição incondicional que lhe chegavam de um e de outro lado.

E assim o fez: não restava ninguém. Não havia soldados, não havia armas, não havia governo. Dirigiu-se para uma casa da povoação onde o seu proprietário, conselheiro do governo, acolhera reuniões com o presidente Calvar, Maceo e os outros chefes quando se deu o protesto de Baraguá, antes de o Titã de Bronze lhe atribuir o comando daquela companhia que desertara em massa. Maceo falara com ela ali mesmo, no interior daquela casa de onde agora uma velha negra que abriu a porta a mandou embora ao pontapé.

— Vai pedir para a igreja! — gritou-lhe.

Kaweka percorreu o lugar. O povo trabalhava pacificamente, como se nada tivesse acontecido. Ninguém a deteve, talvez porque pensassem que era uma das libertas do Pacto de Zanjón, mas, receosa diante de um ou outro olhar um tanto malicioso, começou a evitar mostrar-se em demasia e, tal como concluíra Modesto, decidiu encaminhar-se para a serra do Rosario.

— São quase mil quilómetros! — advertiu-a, surpreendido, um

aguadeiro negro que lhe inspirou confiança e ao qual pediu informação sobre como chegar até lá. Kaweka não sabia o que eram mil quilômetros, e Modesto não estava ali para lhe explicar. O homem apercebeu-se disso. — Tens de atravessar quase toda a ilha — esclareceu-a.

Essa, sim, era uma referência para ela. Modesto mencionava-a com frequência: «Atravessámos mil vezes esta maldita ilha», dizia quando paravam para descansar. Não podia ser tanto, concluiu, abanando a cabeça perante a recordação do emancipado. Não sabia da sua sorte, mas pressentia que voltaria a vê-lo. Aquele homem que aparecia e desaparecia da sua vida não a podia dececionar.

— Para onde? — perguntou, então, ao homem.

O outro assentiu, como se se rendesse.

— Sempre na direção de onde o Sol se põe — respondeu apontando para oeste, a luz já em declive. — Serão muitos dias. Mais de um mês provavelmente.

Kaweka comprimiu os lábios. Tinha tempo; pela primeira vez em muitos anos sentiu-se livre de responsabilidades. «Agora é a vez de encontrar a minha menina», disse a Iemanjá.

Depois, agradeceu ao aguadeiro e encaminhou-se, decidida, em busca do sol.

— Mil quilômetros... menos um passo — sussurrou.

Madrid, Espanha
Junho de 2018

Concepción não as quisera acompanhar.

— Vão e divirtam-se — incentivou-as.

Elas insistiram, mas a mãe de Lita continuou a recusar-se:

— A noite é dos jovens.

Era um dos restaurantes clássicos de Madrid: Casa Lucio, no próprio bairro de La Latina, na Calle de la Cava Baja, uma das mais históricas de Madrid, agora repleta de bares, restaurantes e cervejarias que atraíam as pessoas para a festa e para a diversão noturna. Nenhuma das três se pudera permitir almoçar ou jantar naquele restaurante alguma vez. Ali iam o rei, o presidente do governo, ministros, artistas, desportistas, toureiros, turistas ricos e gente com fama e prestígio. Era caro, requintado, tradicional, com móveis antigos e com umas salas tão intrincadas que pareciam ter crescido sem a menor ordem. Um lugar de mesas variadas, um pouco decadente, muito madrilenho, integrado numa zona impregnada do espírito da Madrid dos Habsburgos.

Lita tinha poucas expectativas de conseguir mesa, lera na *internet* que as listas de espera eram eternas, mas como passara em frente da porta a caminho de casa aproveitara, entrara e pedira ao chefe de sala, que a perscrutara de cima a baixo, uma mesa para essa mesma noite.

— Para quantas pessoas? — acabara por perguntar o homem.

— Quatro... ou três — corrigira, imaginando já a resposta da mãe.

— Tem sorte, menina, acabam de nos anular uma reserva.

E ali estavam elas, lado a lado com um apresentador de televisão e a sua companheira na mesa do lado, e outros senhores com sotaque sul-americano, aparentemente muito ricos, dado o ouro que ostentavam nos pulsos e as joias que usavam as suas acompanhantes.

— Como em Havana — brindou Sara, erguendo o copo de *Cava* que lhes tinham servido.

— Voltaremos a ir — prometeu Lita, respondendo ao brinde da amiga.

Rondava os cem mil euros a indemnização que os Santadoma haviam pago a Lita poucos dias após a reunião no edifício envidraçado. Essa era a razão do jantar. O banco também se comprometia a pagar uma pensão vitalícia de oitocentos euros mensais a Concepción. «Não é muito?», questionara-a Elena quando Lita as convidara para jantar. «Acolheram a minha mãe, os cães e a mim, sem nos pedirem um tostão», esteve tentada a responder, mas não foi necessário, uma vez que Sara pôs fim a uma possível discussão: «A vontade de uma marquesa não se questiona.»

E celebraram. *Huevos rotos*, o prato que dera fama ao restaurante a nível mundial, uma bandeja bem sortida de presunto ibérico e pimentos *del piquillo* para partilharem como entrada. Sara escolheu leitão assado como prato principal; Elena, umas costeletas de borrego de leite, e Lita deixou-se tentar por umas bochechas de pescada *al pilpil*, um prato que nunca tinha provado: a parte de baixo do barbilhão do peixe, de textura gelatinosa e paladar requintado. Todas comeram dos pratos umas das outras. Beberam vinho tinto, duas garrafas, e depois chegou o completíssimo carro das sobremesas.

— Todas! — exclamou Sara, abrindo os braços como se quisesse açambarcá-las.

— Querem que vos prepare um sortido? — propôs o empregado de mesa com um sorriso.

— Se se esquecer de alguma... — ameaçou-o Sara.

— Repetiremos, então — respondeu o homem.

Pediram uma garrafa de vinho doce, malvasia, para acompanhar as sobremesas.

— Vamos ficar bêbedas — disse Lita.

— Eu já estou — reconheceu Sara.

— Vivemos aqui ao lado — recordou-lhes Elena —, e encontramos sempre a nossa casa.

— E acertamos na fechadura.

— Já nos custou, hem? — ironizou Elena.

— Hoje não será assim. Já nos arrastámos em condições piores do que esta. Neste restaurante beto não há álcool suficiente que agunte connosco.

— Podíamos tentar... — As três voltaram-se para uma mulher bonita, magra, impecavelmente vestida. Ao seu lado, estava um homem já idoso, oitenta anos talvez, mas que conservava um porte sedutor. — O meu pai, Lucio — apresentou-o a mulher.

Durante o jantar, as três amigas tinham visto como aquele homem passava de uma mesa para a outra, geralmente acompanhado da filha, ainda que noutras também por sua conta. Era a personagem que aparecia nas dezenas de fotografias que decoravam o local: com o rei Juan Carlos, com os presidentes de Espanha, com o presidente Clinton, com mil personagens ilustres. Perguntava-lhes como tinham jantado, conversava com os comensais e, por vezes, até se sentava com eles para conversar uns minutos. Elas não eram clientes habituais, por essa razão não levaram a mal que não se aproximasse da sua mesa, até esse momento, quando se aperceberam de que o restaurante ficara quase vazio. Já não se encontravam o apresentador de televisão e a sua companheira, nem os sul-americanos ricos, nem os outros clientes que foram desaparecendo enquanto elas, alheias a tudo, falavam, comiam, bebiam e riam.

— Julián — chamou Lucio um dos empregados de mesa, retilíneo, as mãos à frente, atento ao seu chefe, a uns passos de distância —, traz aquela garrafa de *whisky* que temos para as pessoas importantes — pediu-lhe, aproximando uma cadeira e sentando-se com elas. — Vamos

mostrar a estas meninas como se bebe nos restaurantes chiques.

— María — apresentou-se a filha, imitando o pai —, e o meu marido: Rafael. — Apontou para um homem com óculos, barriga proeminente, entradas profundas nas têmporas e um sorriso malandro que, depois de se sentar também, lançou de imediato uma série de perguntas dirigidas às três, misturadas com todo o tipo de piadas e anedotas.

Juntaram-se mais duas pessoas, clientes habituais do restaurante, e ao fim da noite, com o restaurante fechado ao público, elas pagaram a conta até às sobremesas, uma vez que Lucio lhes assegurou que o resto era cortesia da casa, momento que aproveitou para agarrar na mão de Sara. A mesa de Lita e das amigas tinha-se alongado, invadido o corredor e transformado numa algazarra de conversas cruzadas, *whiskies* e todo o tipo de copos. E voltou o presunto, e o lombo de porco ibérico, e *cecina*, e pão branco com azeite virgem e sal grosso.

— ... o marquês de Santadoma... — comentava Lita com um dos que se juntaram à conversa.

E fez-se silêncio, até que o próprio Lucio o quebrou.

— Tenho por aí alguma fotografia com ele... e com outros — acrescentou para tirar importância ao Santadoma.

— Então, tu és...? — perguntou Rafael, dirigindo-se a Lita.

— Sim.

— Arrasa-o. É um filho da puta.

Estavam as três demasiado bêbedas para se lembrarem das explicações de Rafael, especialista em finanças. Depois de uns quantos argumentos, disse-lhes que o Banco Santadoma se estava a afundar de forma estrondosa, que as suas ações, ainda fora do mercado da bolsa de valores devido à OPA dos americanos, baixavam continuamente de preço porque havia uma fuga imparável de clientes e de passivos.

— Está nas tuas mãos — terminou a sua explicação. — O teu caso vai ser estudado nas escolas de Gestão.

Rafael devia ter razão, porque, na manhã seguinte, por volta das onze,

quando os restos do álcool ainda corriam pelo sangue de Lita, o seu telemóvel tocou. Era Alberto Gómez. Deixou-o tocar um pouco, esgotada, até conseguir sentar-se na cama, tentando aclarar a garganta em vão e respondendo com um «olá» rouco que o advogado não conseguiu entender.

— Estás acordada? — perguntou, mostrando uma certa ansiedade.

— Não — confessou Lita.

— Pois preciso que estejas. — Concedeu-lhe uns segundos antes de continuar: — Dez milhões de euros. É o que nos oferecem por darmos por resolvido o assunto, para esquecermos qualquer reclamação contra os Santadoma. Dez milhões de euros! — chegou a gritar.

Lita afastou o telefone da orelha. «Está nas tuas mãos», lembrou-se do que lhe tinha garantido aquele homem do restaurante, Rafael, o tipo simpático das anedotas.

— Pede cem — ordenou ao seu advogado.

— Mas... tens a certeza?

— Cem — repetiu ela com a intenção de desligar, mas antes acrescentou: — Obrigada, Alberto. Confia em mim.

E desligou, mas o telemóvel voltou a tocar.

— Confia em mim... — disse sem pensar.

— O que estás a dizer?

Lita sacudiu a cabeça. Era Pablo. Julgava que era o advogado, que lhe voltava a telefonar assim que ela desligara. Passava do meio-dia, e na realidade tinha decorrido quase uma hora entre uma chamada e a outra. Tentou aclarar as ideias. Na noite anterior, Pablo tentara contactá-la, mas havia pouca rede no restaurante e não lhe apetecera deixar as amigas para sair à rua para falar com ele. Disse para consigo que Pablo tanto lhe podia propor uma boa queca, agora que o seu ego já se restabelecera, como lhe podia estragar a festa com os problemas de algum padeiro ou artesão similar. Não estava disposta a correr esse risco por uma queca.

— O que é que queres? — acabou por lhe perguntar.

— Recusaste dez milhões de euros!

E o que é que ele tinha que ver com isso? Uma subida de adrenalina despertou-a por completo.

— Não — respondeu com autoridade.

A resposta apanhou o outro desprevenido, que gaguejou antes de falar:

— Isso foi o que me disseram.

— Não sei o que te disseram, nem quem, mas a quem o tiver feito podes dizer-lhe que não recuso esses dez milhões, que mos tragam agora mesmo se quiserem... Só que faltarão mais noventa. E que se apressem, porque o único interesse que tenho em tudo isto é que a minha mãe possa aproveitar, que por uma vez na sua vida se sinta rica, favorecida pela sorte. Esses são os meus cem milhões!

Nesta ocasião, sim, desligou, e deixou-se cair de novo na cama. Dez milhões eram uma fortuna, pensou com uma certa inquietação enquanto fixava o olhar no teto.

Caminho da serra do Rosario, Cuba
Julho de 1878

Foram muitos os passos que Kaweka deu em direção ao oeste, fugindo ou seguindo o sol, em direção àquele quilombo onde a deusa a obrigara a deixar a sua menina. Alguém lhe daria notícias dela, tinha de ser assim. Caminhava despreocupada apesar de ser uma escrava fugitiva, vestir uniforme rebelde, ainda com os seus galões desbotados de sargento, e transportar uma catana que afiara cuidadosamente. Pensou na possibilidade de roubar alguma roupa, mas decidiu não prescindir de nenhuma daquelas peças e símbolos de que se sentia orgulhosa: significavam dez anos da sua vida e de luta pela liberdade dos escravos, uma guerra que, para ela, ainda não terminara. Pelo caminho encontrou-se com dois cães vagabundos, diferentes dos mastins espanhóis que os capitães do mato e o exército utilizavam. Estes estavam esqueléticos, um alto, ambos com uma camada de pelo castanho-claro, ralo, sujo e emaranhado, focinhos alongados, como raposas. Aproximaram-se de Kaweka como se estivessem há muito tempo à espera dela por trás do matagal de onde apareceram.

Juntaram-se a ela sem que os tivesse chamado; seguiam em frente a passos ligeiros, sempre encolhidos. Iam e vinham, soltando gemidos surdos semelhantes ao choro de uma idosa que a avisasse da presença de qualquer pessoa ou perigo por mais distante que estivesse. Assim

Kaweka conseguiu evitar qualquer contacto: os cães guiavam-na. Também lhe indicaram tocas e caçaram algumas cutias, que partilharam. Encontrou mel e fruta, e beberam a água fresca dos arroios. Dormiu em campo aberto, sem medo, com os cães a seu lado. E assim continuou Kaweka, descalça, os pés já calejados desde menina, meio-dia com o sol nas costas, perseguindo a sua sombra, quase cega, os olhos convertidos em duas ranhuras que seguiam a luz decrescente, sempre com a catana na mão direita, batendo, levantando-a, fazendo-a rodar, modificando a sua forma de lutar agora que assumira definitivamente a inutilidade da metade esquerda do seu corpo.

Havana

Agosto de 1878

Depois de anos de guerra e escravatura, Modesto quis satisfazer o seu espírito com as sensações da grande cidade, e à saída do porto, o sol da manhã já cúmplice da vida atarefada nas ruas, ficou parado a respirar fundo, a olhar e a cheirar: as pessoas, as cores, os senhores e os escravos, as centenas de soldados, os aristocratas ricos e os vendedores ambulantes, os gritos, os aguadeiros, as lojas. Tabacarias, alfaiatarias, mercearias... As negras exuberantes que se aproximavam sem o menor recato julgando que era um liberto rico.

E era, ou não? A cidade embrenhou-se nele, absorvendo-o num instante, e acabou por comprar a uma dessas raparigas que passeavam os cestos contra as suas ancas um doce de fruta com mel embrulhado numa folha de bananeira. Modesto teve consciência de que fez alarde do dinheiro que levava no momento de lhe pagar, razão pela qual a outra se insinuou de forma descontrolada. Uma tentação. Há muito tempo que não contemplava uma mulher nua, e aquela era jovem, de peito grande e firme, mamilos que se destacavam através da roupa e ancas que torneavam umas nádegas arrebitadas.

— Kaweka — murmurou afastando aquelas visões.

— O que dizes, negro? — perguntou ela, melosa, roçando o seu corpo.

— Que não posso, rapariga — respondeu ele, livrando-se da jovem com mais uns poucos pesos.

E afastou-se, embora não fizesse ideia de onde procurar abrigo, uma vez que também não o podia fazer numa casa de hóspedes por não ter os documentos que ainda deviam estar na posse de Rivaviejo... se ele ainda estivesse vivo. Oxalá não fosse assim, pensou. Veio-lhe à cabeça a imagem da figura de Rogelia. Lembrou-se daquele momento em que tentara seguir Kaweka, e a parteira, grande como era, bloqueara a porta, atirara-se para cima dele e impedira-o; ele estava tão bêbedo que não conseguira sequer empurrá-la. E o que se passou depois, até ter fugido para a guerra quando o médico pretendeu vendê-lo... Modesto encolheu os ombros, dizendo que as coisas também não tinham corrido tão mal entre eles. Rogelia não tinha razão para lhe guardar qualquer rancor; até concordara e apoiara que escapasse para oriente quando foi ter com ela porque Rivaviejo pretendia vendê-lo. Na realidade, Rogelia tinha sido sempre uma espécie de refúgio para ele, pensou, sorrindo para si. A única coisa que não podia fazer era falar de Kaweka.

— Filho da puta! — recebeu-o a gorda à porta, cuspiendo as palavras e apagando o sorriso com que Modesto a pretendeu surpreender. — O que queres? Vieste para quê?

— A guerra terminou... — tentou desculpar-se Modesto.

— Para ti, negro de merda!

Depois voltou-se e mostrou-lhe as costas estraçalhadas, ainda por cicatrizarem.

— O que é que eu tenho a ver com isso?

«O marquês», pensou enquanto formulava a pergunta. Demorou apenas um segundo a compreender o erro cometido. Os voluntários do regimento que procuravam Kaweka tinham-na visitado. Aquela mulher atraíra-o uma vez e voltaria a fazê-lo agora, não teve dúvidas, toda ela irradiava essa intenção.

— O que é que tens a ver? Tudo! Os homens do marquês vieram aqui à tua procura, queriam saber de ti, da puta que protegeste e até da sua...

— O que é que lhes contaste?! — perguntou Modesto, horrorizado perante a possibilidade de o marquês saber não só de Kaweka mas também de Yesa.

— Julgas que estava em condições de decidir o que lhes contava ou não?

«Tudo, então», disse para consigo o emancipado.

— Espero que sare rápido — desejou-lhe, voltando-se.

— Ajuda-me tu, uma vez que foi por tua causa — tentou detê-lo Rogelia.

Modesto safou-se das suas mãos e abandonou o lugar, aparentando tranquilidade até ao primeiro grito que saiu da boca da parteira.

— Apanhem-no! É um escravo fugido!

Modesto olhou para um lado e para o outro. Era meio-dia, Havana encontrava-se em plena ebulição. As pessoas pararam e olharam para ele.

— Um rebelde assassino! — insistiu a mulher com as duas mãos na boca como se fosse um altifalante.

Isso, sim, não permitiriam. Havana não vivera a guerra, mas talvez por essa razão as pessoas odiassem os rebeldes mais ainda do que se estes os tivessem sitiado. Vários homens desataram a correr atrás de Modesto, que não conseguiu escapar calçado com aqueles sapatos que lhe comprimiam os pés. Enquanto tentava tirar os sapatos, sem parar de todo, um jovem branco atirou-se a ele e deitou-o ao chão.

A Prisão Real de Havana, à entrada do porto, quase a tocar o mar para receber o seu ar e evitar epidemias, surpresa de muitos visitantes, era um edifício similar ao quartel Reina Mercedes, de onde fugira Modesto: grande e quadrangular, só que este tinha dois pisos destinados na sua totalidade a celas para presos; dois mil cabiam no seu interior, classificados por sexo, raça e classe social. Também dispunha de um quartel anexo com mil e duzentos soldados. Tinha sido levado até lá pelo

aguadeiro que se encarregara dele, depois de os cidadãos de Havana o esmurrarem, o pontapearem e lhe roubarem a mala, o relógio, o panamá e toda a roupa que vestia. O diretor da prisão interrogou-o sobre a sua identidade, para anotar nos livros.

— Nome?

— Juan José.

— Apelido?

— Santadoma.

Escrivão e diretor torceram o nariz.

— Profissão? — perguntou este último com sarcasmo, mais por curiosidade do que por ofício.

— Marquês.

— Queres que te dê um enxerto? — ameaçou o diretor.

— O senhor marquês incomodar-se-á muito se o senhor o privar desse prazer. — Os dois funcionários entreolharam-se. — Já se sabe o que a casa gasta — acrescentou Modesto.

O marquês de Santadoma era bem conhecido na cidade. Modesto sorriu-lhes com cinismo, porque neste momento a única coisa que podia fazer era escarnecer da vida. Recuperara Kaweka. Escapara da matança do engenho La Candelaria confundindo-se com os escravos. Denunciaram-no. Prenderam-no. Vivera como um animal e conseguira fugir de novo perante as notícias da sua amada, e agora, Rogelia, uma estúpida negra gorda, voltara a trocar-lhe as voltas. Não podia ficar naquela prisão como um escravo fugitivo destinado às obras do caminho de ferro até morrer. Kaweka chegaria à serra do Rosario e de lá, de uma forma ou de outra, a La Merced. Esse era o lugar que os unia, ali se tinham amado, e, se o marquês sabia da existência de Yesa, procurá-la-ia e exerceria a sua vingança também sobre ela. Tinha de chegar ao engenho, decidiu, o mais próximo do lugar para onde se dirigiria Kaweka depois de se aperceber de que o nobre se lhe adiantara na procura de Yesa, e ali estaria à sua espera, ainda que para isso tivesse de se entregar ao Santadoma.

Ao palacete do Cerro acorreram Rogelia e o diretor da prisão, ambos com a mesma mensagem. Foram recebidos por Gracià, o secretário catalão do marquês, de cabelo espetado, que recompensou com umas moedas as informações e que, com a parteira já na rua, aumentou a recompensa para que o carcereiro mantivesse Modesto isolado, sem o registrar em qualquer livro até receber instruções do marquês.

Nessa mesma noite, acompanhado por dois outros homens, Gracià esperou fora da prisão que o diretor lhe trouxesse o preso, quase nu, algemado e amordaçado, a quem os seus homens atiraram para o interior de uma carroça tapada, enquanto um saco com um bom dinheiro mudava de mãos.

Serra do Rosario

Agosto de 1878

— Talvez chegues tarde.

A notícia foi-lhe dada pelo dono de um daqueles cafezais quase familiares que se erguiam nos terrenos que, como grandes degraus, trepavam pelas ladeiras dos vales escondidos da serra, enquanto um riacho brilhante serpenteava por baixo.

O homem, um tal Celio, lembrava-se de Kaweka com carinho e gratidão: num dos seus percursos pela zona, curara a sua filha mais nova, que já havia sido considerada incurável por todos os cirurgiões brancos que a tinham tratado.

— A que te referes? — perguntou Kaweka com o estômago apertado.

— Há pouco tempo estive por aqui um homem chamado Narváez. Disse que era o maioral do engenho...

— La Merced — terminou Kaweka.

— Exato. Procuravam uma menina entre os treze e os catorze anos que podia ter sido capturada no assalto ao vosso quilombo. Lamento, não podia imaginar que se tratava da tua filha — disse. — Não — negou

rapidamente, adiantando-se à pergunta de Kaweka —, não lhe disse nada. Não sabia nada dessa menina. Tive conhecimento de que o quilombo foi descoberto e que os capitães do mato detiveram vários quilombolas, mas dessa miúda nunca ninguém me falou.

Estavam sentados numa mesa ao ar livre, num terreno que dominava o cafezal e o vale inteiro, um espetáculo que noutras circunstâncias teria sido sublime. Tinham servido comida a Kaweka, carne, batatas e fruta em grande quantidade.

— Come — encorajou-a Celio. Kaweka não o fez. — Vais necessitar — insistiu o outro. — Esse homem, Narváez, percorreu toda a zona, falou com os capitães do mato e, que eu saiba, passou por todos os engenhos, pastos e cafezais próximos. Aqui verificou os livros, pediu para ver os quatro escravos que temos e interrogou-os. E o mesmo está a fazer até nas povoações quando tem conhecimento de que alguém tem uma escrava dessa idade. Ninguém sabe se encontrou a tua filha. Disseram-me que também procuram em Havana, nos registos. Esse de La Merced tem muito interesse na tua menina, Kaweka. Já sei que não é da minha conta...

— Quer vingar-se nela — esclareceu a mulher.

Nunca imaginara que enfrentaria o marquês pela sua filha. Sentiu o medo agarrado às suas entranhas e por um momento custou-lhe respirar. Como teria sabido aquele cabrão?

— Pois se nessa idade tão tenra a menina não morreu no ataque dos capitães do mato — continuou Celio, devolvendo-a à realidade —, e com a quantidade de gente que a tem procurado, não sei como é que a vais encontrar tu antes.

Pela primeira vez desde que se sentara, Kaweka levou à boca uma fatia de carne e obrigou-se a comer, a fortalecer-se enquanto o medo se convertia em ira.

— Isto é como na guerrilha — disse com a boca cheia. — Nunca se deve enfrentar o mais forte, apenas esperar por ele e surpreendê-lo.

No dia seguinte, ela e os cães seguiram o caminho que levava ao

engenho La Merced.

Madrid, Espanha
Junho de 2018

— Esse problema é seu, senhor Santadoma. — A afirmação, contundente, veio de um dos advogados de Stewart e Meyerfeld. A sala de reuniões do Banco Santadoma voltava a estar cheia: compradores, vendedores, advogados, assessores...

— O que é que quer dizer com isso? — retorquiu o catedrático Contreras de forma parcimoniosa, em jeito de aula magistral. — Parece-me uma afirmação bastante inadequada, se me permite a expressão.

A tensão entre o grupo de americanos e o dos espanhóis era evidente. Depois da reunião dos primeiros com Lita e o seu advogado para verificarem as provas acerca da paternidade de Concepción, e sobretudo depois do pedido por parte de Alberto Gómez da quantia de cem milhões de euros para encerrar o assunto, sem que Concepción reclamasse a sua parte da herança, as estratégias tinham mudado radicalmente, e a união entre ambos os grupos, que até esse momento se mantivera firme, estava enfraquecida.

Alguém propusera respeitar os possíveis — e sempre hipotéticos, obviamente, apressara-se a salientar — direitos de Concepción e realizar a operação enquanto aguardavam o que os tribunais decidiriam depois de ela, efetivamente, apresentar o litígio. Aquela possibilidade tinha vários impedimentos jurídicos do ponto de vista da herança jacente, talvez

superáveis, mas colidiu com um pessoal, este sim insuperável: o que dona Claudia alegou diante do seu filho, o marquês, quando se lho propôs: «Só por cima do meu cadáver!» A mulher jamais reconheceria ou daria o mínimo incentivo a que alguém pudesse pensar ou especular que o seu marido tivesse tido uma filha com uma negra.

— Claro que as possuíam! Como todos os amos... Mas daí a admitirem que levam o seu sangue... Isso nunca! A todos esses crioulos procuravam-se-lhes pais, que aceitaram, e foram pagos e tratados com consideração. E, para cúmulo, aproveitavam-se disso, e estavam acima dos outros empregados. A mãe da Concepción não foi nenhuma exceção: aceitou-o e lucrou com tudo isso. Mas era só uma mulata, e a sua filha, uma bastarda.

— Então sempre soubeste, mãe.

— Claro. E reza para que não apareça algum outro bastardo por aí. O teu pai era muito homem!

— Pois, mas talvez esses outros não o possam demonstrar — respondeu o marquês, tão consciente de que a assinatura e o pacote de ações da mãe eram imprescindíveis para o sucesso da operação como das provas que Lita mostrara aos americanos. Por isso insistiu: — Porém, com a Concepción existem algumas cartas e fotografias, e muitos outros indícios. Até se podia pedir um teste de ADN ao cadáver do pai, e teríamos de ir a tribunal.

— Nessa altura já terei morrido, filho — respondeu, desvalorizando a importância do assunto —, sobretudo com estes desgostos que me dão. — E aí ia morrer também a conversa, uma vez que a idosa fingiu agonizar até que, de repente, ressuscitou: — Mas, ainda que eu tenha morrido — acrescentou com voz firme —, vais dizer-me que por um simples negócio és capaz de reconhecer ser irmão de uma negra? Que os teus filhos são sobrinhos da descendente de uma escrava que trabalhou no engenho dos teus antepassados? Por quatro míseras pesetas vais arrastar para o lodo o apelido Santadoma? — Dom Enrique encolheu-se no cadeirão onde pretendia enfrentar a mãe. — Estás a dizer-me que

vais vender a honra do teu pai e a do teu avô? Que vais manchar a minha honra, a daquela que te trouxe ao mundo, e apresentar-me ao mundo como uma cornuda vulgar?

— Mas se dissesse que era o normal nessa época.

— Sim, tão normal como obrigatório que ninguém falasse disso, e ainda menos que reconhecesse qualquer tipo de paternidade. Nunca!

E a dona Claudia, viúva de Eusebio de Santadoma, designou um advogado próprio para que a representasse nas negociações com os americanos: Néstor Armas, um amigo também descendente de uma família de exilados cubanos que não só exercia o direito com êxito, como também a nobreza de todos aqueles aristocratas que tinham vivido a época de esplendor a que Fidel Castro pusera fim quando atacara o quartel Moncada em Santiago de Cuba, originalmente chamado quartel Reina Mercedes.

Um repentino despertar do espírito de classe de dona Claudia e a defesa da sua linhagem por parte do marquês constituíram os motivos que levaram a que as relações entre espanhóis e americanos se ressentissem. Tinha falado com Contreras, e a partir daí traçaram a estratégia que levou a essa primeira troca de acusações entre advogados.

A questão, como expôs o catedrático, era clara: os Santadoma não tinham culpa alguma de que tivesse aparecido uma nova herdeira, se é que realmente o era, facto que continuavam a negar, e, portanto, não podiam ser responsáveis pelas consequências e as indemnizações de algo que desconheciam. Não existira nenhuma má-fé na sua atuação, pelo que o contrato devia ser executado nos termos previstos; em todo o caso, se Concepción acabasse por obter uma sentença favorável aos seus interesses num litígio, de acordo com os seus cálculos, podia demorar cerca de dez anos.

— E o que acontece com as ações do banco que pertencem ou poderiam pertencer à dona Concepción Hermoso? — perguntou um dos advogados dos americanos.

— Que decida o juiz — respondeu Contreras. — Pode declarar que

fiquem fora da operação à espera de sentença transitada em julgado, ou que apresentemos um aval por perdas e danos. Continua tudo igual. Em último caso, nomear-se-ia um administrador para essas ações.

— Acho difícil — comentou o outro advogado de Stewart, que seguia a conversa com um semblante extremamente sério, desta vez sem tradutor, uma vez que as conversas se desenrolavam em inglês.

— Não. Não tem nada de difícil. — Nesta ocasião interveio Néstor Armas, que o marquês observou com receio; a sua presença dava a conhecer a recente desconfiança da sua mãe a respeito dele. — O que não é aceitável é que as disparatadas pretensões de uma criada mulata, pretensões, desvarios, imaginações — insistiu, revirando a mão como se estivesse a falar de uma louca —, arruinem ou ponham em risco uma operação comercial como a que estamos a tratar, com uma infinidade de pessoas afetadas, com a existência de uma OPA e com a intervenção das autoridades financeiras. Não há juiz que seja capaz de deter esta operação.

— Se nos calhar um com tendências progressistas... — intercedeu um dos assessores.

— Tanto faz.

— É um assunto que até pode ter ramificações políticas.

Advogados e assessores envolveram-se numa discussão que parecia não ter fim até que Stewart levantou a voz, ainda que tenha voltado ao seu tom habitual quando o resto dos presentes lhe prestou atenção.

— Mas de que ações falam os senhores? O Banco Santadoma está na falência. O valor real da entidade caiu mais de sessenta por cento desde que se soube desta possível reclamação, com toda a publicidade e as perturbações que já conhecemos. O ELECorp Bank perdeu muito dinheiro devido a uma declaração falsa como a emitida pelos senhores no contrato, argumentando que todos os herdeiros tinham assinado...

— Mas não se sabia... — tentou desculpar-se Contreras.

— Não me interrompa! — recriminou-o Stewart. — É possível que aqui, em Espanha, um julgamento possa demorar dez anos; na Florida, a

cujas leis e jurisdição, vos recordo, se submeteu voluntariamente este contrato, as coisas são muito mais rápidas e decididas com maior simplicidade do que neste continente velho e decadente. Vocês mentiram acerca da existência de outra possível herdeira, da qual todos estavam a par.

— Não é verdade! — exclamou o marquês.

— A sua mãe, a primeira — respondeu Stewart.

— Nunca o reconhecerá.

— Disso tenho eu a certeza. Esse foi o grande problema de muitos crioulos e negros americanos, mas não se preocupe com isso. Não posso falar pelos seus juízes, mas os nossos já o têm perfeitamente assumido. Em qualquer caso, há provas mais do que suficientes de que vocês não podiam não ter conhecimento de que Concepción era da vossa família, a começar pelo seu avô, que fez o testamento que nos levou a toda esta confusão. Ele, sim, sabia da paternidade do seu filho e que, portanto, Concepción era sua neta! Na América, somos bastante mais práticos e ágeis, e ali as desculpas e discussões irrelevantes como estas em que os senhores se envolvem servem de pouco. Os senhores não cumpriram e ponto final: isso é a única coisa que os juízes veem. Portanto — acrescentou, levantando-se da mesa junto a Meyerfeld —, a partir deste momento damos por cancelada a operação de compra e venda do Banco Santadoma por parte do ELECorp Bank. Os nossos advogados organizarão os documentos. Bom dia...

Despediu-se antes de Contreras intervir, certamente nervoso. Na sua nova estratégia não tinham contemplado a possibilidade de os americanos renunciarem, considerando-os cativos do importante capital que já haviam investido na operação.

— Podem perder muito dinheiro — disse, quase o ameaçando. — Tudo o que compraram até este momento...

— Não vale a pena pôr dinheiro bom sobre dinheiro mau — respondeu Stewart, sorridente, ao velho catedrático.

E, abrindo uma exceção ao seu usual hieratismo, Meyerfeld permitiu-

se mostrar uma emoção que acompanhou com um discurso curto, mas contundente:

— Iremos recuperar esse dinheiro. Os Santadoma devem-no, mas não se preocupe. Dentro de... — consultou o seu relógio — três horas, prestem atenção à NASDAQ e à cotação do ELECorp.

O americano ainda não tinha acabado de falar quando um dos seus advogados já abandonara a sala de reuniões e emitia comunicados a todas as autoridades financeiras, tanto espanholas como norte-americanas, acerca da rutura das negociações de compra do Banco Santadoma. O departamento de imprensa do ELECorp Bank, em conjunto com empresas especializadas de *internet* contratadas de urgência para o caso, venderam a notícia e efetuaram comunicados que os meios de comunicação americanos converteram em grandes manchetes:

«ELECorp renuncia à compra de um banco escravagista espanhol.»

«ELECorp Bank aposta na banca ética e socialmente responsável do século XXI.»

«A sociedade americana aplaude a decisão do ELECorp.»

Os meios de comunicação e as redes sociais reuniram as declarações dos diretores do ELECorp, entre eles Stewart, que asseguravam que os investimentos feitos até esse momento lhes serviriam para impedir que um banco sustentado na escravatura continuasse a operar, em Espanha ou noutro local. Mencionou-se a Declaração de Durban, o colonialismo espanhol em Cuba e o facto de ter sido o último país ocidental a abolir a escravatura. O movimento Black Lives Matter e diversas associações viram com bons olhos aquela mudança de rumo por parte da entidade americana. As manifestações contra o banco pararam e, como anunciara Meyerfeld, quando abriu a bolsa de Nova Iorque, as ações do ELECorp e das empresas do seu grupo subiram bastante, revalorizando o suficiente para recuperarem a sua cotação anterior e compensarem as perdas devidas aos Santadoma em Espanha.

Houve quem tivesse especulado que tudo não passara de uma encenação por parte dos diretores do ELECorp, que sabiam onde se

estavam a meter e que, com a sua estratégia, se convertiam num banco modelo. Por acaso não possuíam já um bom pacote de ações daquela entidade espanhola? Tinham de conhecer a sua história. Stewart negou, e fê-lo com sinceridade: a compra havia sido realizada já no século XXI, quando tudo parecia correto. Nesse momento não houve nenhuma Concepción Hermoso capaz de revelar a origem da fortuna dos Santadoma, mas, se alguém duvidasse, pediam desculpa por isso. Em último caso, ninguém conseguiu demonstrar que estivessem a par dessa circunstância anteriormente, e a verdade é que não necessitaram de um entediante e sempre complexo período de transição, porque a realidade obrigou-os a responder com rapidez. Também não foi necessário o investimento de grandes quantidades de dinheiro para transformar uma estrutura um pouco cristalizada num banco exemplar aos olhos do grande público; a publicidade e as comunicações foram feitas pelo próprio mercado de forma gratuita.

As instruções internas aos empregados relativamente ao comportamento, à contratação, às regras de conduta, aos objetivos e até ao vestuário materializaram-se em poucos dias, em que o ELECorp enfrentou uma drástica mudança de imagem.

Stewart tinha uma casa em Key Biscayne, Miami, dotada de um cais particular. As enormes janelas abriam-se para um relvado bem cuidado que descia até ao barco de quinze metros com que saía para pescar ou para navegar com a sua família. Isso e o golfe mantinham-no ocupado quando não estava no banco, mas, nesse dia, com um *whisky* na mão, o olhar perdido para além da relva e do barco, pensava naquela jovem mulata que reclamava em Espanha a filiação da mãe por parte de um Santadoma.

Vira-a a última vez na reunião com o seu novo advogado, quando lhes apresentaram as provas irrefutáveis. Tudo isso foi comunicado aos advogados do marquês, a Contreras, o catedrático, tão velho quanto arrogante, indicando-lhes que não se podiam ignorar tantas provas. Soube

que tinham indenizado Regla e que se tinham comprometido a pagar uma miserável pensão à mãe, e disse para consigo que eram um punhado de gente ruim, incapaz de entender que até os grandes assuntos podiam falhar por estupidezes como aquela: uma pensão ofensiva para quem, sendo neta do marquês, trabalhara como criada para o resto da família. E tudo acompanhado de uma oferta de dez milhões. Era muito dinheiro, sim, mas nada comparado com o que correspondia a Concepción como mais uma herdeira dos Santadoma. Que valor teria só um dos edifícios de que eram proprietários no centro de Madrid? Todos esses bens que Stewart dera ordem aos seus advogados para que processassem judicialmente como forma de compensar a operação fracassada.

Não estranhou, portanto, que Regla respondesse com um pedido de cem milhões, mas, para ser sincero, pensou, bebendo um bom gole de *whisky* como se brindasse com o ambiente, também não o surpreendeu que os Santadoma recusassem pagar tal quantia à sua criada mulata. Não era uma questão de dinheiro, talvez até tivessem chegado a discutir com algum desses grupos de acionistas amigos da família, mas pagar tal quantia a Concepción dava-lhes voltas ao estômago, tornava-se algo visceral que impedia qualquer abordagem lógica de um ponto de vista comercial. Até dona Claudia contratara um advogado reacionário para que controlasse os favores que o filho pudesse fazer a Concepción!

Madrid e os Santadoma ficavam para trás. Os advogados ocupar-se-iam de tudo, o departamento de imprensa obteria boa publicidade, e o marquês e a sua família sairiam melhor ou pior. Em todas as operações, Stewart tentava mostrar-se indiferente: umas falhavam, outras tinham êxito; mas nesta sentia-se envolvido. Aqueles não eram um grupo de empreendedores que haviam criado uma *app* revolucionária, ou que procuravam financiamento para uma empresa de tratores, mas, sim, escravagistas que tinham erguido o seu império sobre as costas e o sofrimento dos negros. A primeira coisa que fizera, ainda em Madrid, por *e-mail*, fora despedir toda a equipa de assessores que tinham omitido essa circunstância no processo daquela operação. Não quisera ouvir as suas

desculpas.

A verdade era que, depois do fracasso, Stewart já enfrentava novos desafios e estava a assumir a direção de outros negócios, mas, ao contrário do que lhe costumava acontecer com os muitos que ficavam para trás, sempre relegados ao esquecimento, agora não conseguia tirar Regla da cabeça.

— Vá-me mantendo informado do que acontecer com esses espanhóis — pediu à sua secretária, que assentiu com meio sorriso nos lábios.

Matanzas, Cuba
Agosto de 1878
Engenho La Merced

Aproximar-se desse pedaço de terra originara em Kaweka uma sensação de angústia, de inquietação parecida com a primeira vez que o fez, quando o marquês se apropriara dela no engenho de Ribas dias depois de ter desembarcado ao abrigo da Lua numa praia de Jibacoa. Já tinham passado vinte e dois anos desde que aquilo acontecera. Por um momento pensou em Awala, a menina que protegera em certa medida no lugar da sua irmã Daye, morta na travessia, e perguntou-se o que teria sido feito dela. Era muito pequena, como todas, mas também mais frágil, mais fraca do que a maioria. Por ela, por Awala, lutara Kaweka durante esses vinte e dois anos, que tinham fracassado com a liberdade desses escassos montinhos de pedras que lhe haviam mostrado no acampamento de Guayamaquilla para a fazerem perceber a diferença entre doze mil e duzentos mil. Porque, efetivamente, os escravos continuavam todos ali, em La Merced, a cantar tal como faziam antes, num engenho que até crescera desde que fugira pela última vez com a ajuda de Modesto. As instalações até eram maiores. O açúcar continuava a ser um dos negócios mais lucrativos para a *sacarocracia* cubana.

Não era época de safra e os negros iam de um lado para o outro para arranjarem instalações ou transportarem inutilmente camas de um

barracão para outro. De um pequeno bosque no alto, Kaweka observou a planície onde se localizava o engenho: a casa principal, aberta fora de temporada, com constante movimento, e os canaviais delineados à base de filas de palmeiras onde, em certos amanheceres, apareciam um ou mais negros pendurados pelo pescoço, como bonecos fantasmagóricos que insultavam o sol, o mundo inteiro. Então, caiu de joelhos. Os espíritos guerreiros de quem decidira morrer ao invés de continuar agrilhado pairavam no ambiente. Kaweka sentiu como a rodeavam e acariciavam, frios, vingativos. Não era a deusa, que lhe parecia ter virado as costas; eram os próprios escravos que deixaram ali as suas vidas. E entre lágrimas viu mamã Ambrosia, e não foi capaz de decidir se sorria ou chorava, mas sentir a sua presença alegrou-a; respirou fundo, como se quisesse encher-se dela.

Os cães anunciaram-lhe a chegada de gente. Kaweka levantou-se rapidamente e escondeu-se no matagal. Eram três velhos esfarrapados.

— Quem és? — perguntou um deles, parado ali onde Kaweka estivera ajoelhada, como se as lágrimas que derramara lhe indicassem o local.

Ela observou-os durante uns instantes: famintos, doentes, à espera da morte. Tinha-os visto ao longo da sua viagem ao atravessar a ilha, até falara com alguns: eram os efeitos da Lei Moret, que concedia a liberdade aos escravos com mais de sessenta anos. Ninguém queria aqueles homens, inúteis, fisicamente destruídos por anos de trabalho em safras intermináveis. Todos os que haviam vivido em engenhos e pastos não sabiam fazer outra coisa além de cortar cana ou tratar de animais, e agora não tinham para onde ir. A lei concedia aos libertos velhos o direito de permanecerem com os seus antigos amos, que neste caso se tornavam patrões e que lhes podiam pagar ou não, dependendo da sua vontade, e, de acordo com isso, encarregá-los de trabalhos menos cansativos, assumindo a obrigação de os vestir, tratar e alimentar. Se o liberto abandonava o seu antigo amo, perdia todos os direitos. A não ser os obstinados, que se agarravam à vida e acabavam desterrados em cabanas à volta do engenho como vigilantes, a maioria daqueles escravos não

chegava a fazer os setenta anos. Kaweka sabia bem, acompanhara muitos na sua transição quando estava na enfermaria.

Agora não trabalhavam, mas o amo reconvertido em patrão tinha de os manter. Porém, o que lhes ia dar se aos jovens e fortes que lhe davam lucro os maltratava com crueldade? Aqueles três negros não eram mais do que mortos-vivos que carregavam exíguos feixes de ervas para os animais.

Os três olhavam para o matagal com os olhos vidrados, pelo que Kaweka conseguiu descobrir neles homens que conhecera no passado, fortes e enérgicos, com mais de dez anos de trabalho no engenho a roubarem-lhes qualquer vestígio de vitalidade.

— Sou eu — anunciou, saindo do seu esconderijo —, Regla, a que trabalhava com a Ambrosia no criouleiro.

A das poções para abortar, a que ajudava no suicídio ou os que se queriam tornar quilombolas, a que clamou aos deuses exigindo a morte do filho do marquês e a que depois foi enterrada...

— Estás viva — disse um deles, que parecia ter perdido até a capacidade para se surpreender.

— Aqui estou.

— Muitos temos saudades tuas.

— Porque é que voltaste? — perguntou o outro.

— Usas o uniforme de rebelde... Deves ser livre.

Ela não respondeu.

— Vens libertar o emancipado? — perguntou o que tinha falado primeiro.

Kaweka virou de imediato a cabeça para o velho.

— Que emancipado? O que é que queres dizer?

— Sim, o enfermeiro, o que vinha com aquele médico. O que te quis comprar antes de fugires para a serra.

— Modesto! — exclamou Kaweka, ela sim, surpreendida em todo o seu ser. — O Modesto está em La Merced!

— No cepo. Sim, está lá há alguns dias.

O que fazia ali? Como era possível? Mil perguntas surgiram na cabeça de Kaweka, interrogações que se foram desvanecendo em sentimentos, emoções, paixão. A alegria ao saber que estava vivo ofuscava-se diante do ardil do marquês de o pôr no tronco, como um vulgar isco para que ela caísse na armadilha.

— Quem mais tem o marquês? — perguntou.

— A que te referes?

— Alguma escrava nova, de uns catorze anos? — Kaweka atropelava-se nas palavras. — A casa principal está aberta fora da época de safra. O amo devia estar em Havana. Porque está aberta? Quem vive nela? O marquês está? Trouxeram alguma escrava jovem?

Viu-os negar aos três.

— Também não sabemos. O que é verdade é que há muitos mais guardas e vigilantes, alguns deles soldados, o que não faz sentido fora de safra. Entre uns e outros há um exército inteiro em La Merced. Agora não há nenhum problema, mas Narváez age como se fosse haver um levantamento.

— E na casa?

— Nós só sabemos do enfermeiro, o tal Modesto, porque passamos pelo pátio para levar os feixes até ao pasto. Há sempre sentinelas a vigiá-lo, dia e noite, como se com uma perna no cepo pudesse fugir e ir a algum lado. Da casa não nos podemos aproximar.

— Mas podem perguntar. Haverá lá escravos que conhecem.

— Sim... — afirmou um deles, hesitante.

— Conheces bem a diferença entre os escravos de confiança dos senhores e os que trabalham na lida do engenho — acrescentou outro dos velhos.

— Têm de dizer ao Modesto que estou aqui, e tentem perceber se há alguma escrava nova na casa...

— Porquê?

— Não queremos problemas.

— Os problemas surgirão se não o fizerem. Morrerão como cães —

ameaçou-os Kaweka —, sofrerão mais do que aquilo que já sofreram em toda a vossa vida miserável, e as vossas almas ficarão agarradas a estas silvas.

Os três velhos lembravam-se bem dos poderes que se atribuíam a Kaweka.

— Que mal te fizemos nós, mulher, para que nos ameaces com tantas desgraças? O que temos nós a ver com os teus interesses?

— Esse homem que está no cepo lutou durante anos pela vossa liberdade. Parece-vos pouco?

— E a escrava jovem por quem perguntas?

— Que interesse tens nela?

Kaweka não estava disposta a reconhecer que era sua filha.

— É a nova eleita da deusa. Olhem como estou... — Estendeu o braço direito para se mostrar, aleijada do lado esquerdo, tão esfarrapada e esfomeada como eles. — O marquês não a pode escravizar; não pode cair nas mãos dos brancos.

— Talvez alguém da casa nos saiba dizer alguma coisa. Sim... Podíamos perguntar — afirmaram, consultando-se com o olhar. — Do teu amigo é impossível aproximarmo-nos. Os guardas não o permitem a absolutamente ninguém. Querem-no matar de fome e de sede. Molham-lhe os lábios de vez em quando, para que aguente, mas não lhe dão nem uma bolacha. Parece...

«Que estão à minha espera», pensou Kaweka acabando a frase.

— Não é necessário que se arrisquem — tranquilizou-os. — Levem um dos cães, como se vos tivesse seguido desde o monte.

— Os mastins comem-no!

— Nem se aproximarão dele — garantiu-lhes Kaweka.

Então, pôs-se de cócoras em frente do mais pequeno dos cães, agarrou-lhe o focinho de ambos os lados com as mãos e trespassou-o com o olhar: «Diz-lhe, diz-lhe que estou aqui, que vim para o salvar.» Depois dirigiu-se de novo aos três velhos:

— Mas da história da jovem na casa, sim, têm de tentar saber.

Entenderam bem? Quero saber o que se passa lá dentro.

— E como te encontraremos? Aqui?

— Não — respondeu Kaweka. Não ia arriscar-se a que a atraíssemos.
— Ele irá encontrar-me — acrescentou, apontando para o outro cão. — Vocês seguem-no e ele leva-vos até mim.

O cãozinho meteu-se entre mastins, escravos, soldados, sentinelas e quem quer que fosse que estivesse no engenho até chegar a Modesto, a quem lambeu o rosto até o despertar da letargia em que a sua fraqueza o afundava. Como era habitual, o escravo só tinha um pé no cepo, o que lhe permitia sentar-se e ter uma certa mobilidade. Modesto, porém, não quis chamar a atenção e permaneceu deitado.

— A Kaweka chegou? — perguntou ao cãozinho depois de uns segundos a pensar que essa tinha de ser a única razão pela qual aquele animal se aproximara dele e lhe lambeu o rosto.

O cão voltou a fazê-lo.

— E o que é que fez o negro? — perguntou o marquês depois de um dos homens correr para lhe narrar o acontecimento estranho de um cão que se deitara junto de Modesto.

— Ele... sorriu, falou com ele e acariciou-o.

— E o cão continua com ele?

— Deitado ao seu lado como se fosse o seu dono. Não se mexe nem um palmo.

— A bruxa chegou! — O marquês afirmou-o arrastando as palavras, depois de uns instantes de reflexão. De onde podia ter saído esse animal se não fosse dela? O negro tinha vindo quase nu da prisão de Havana. — Está aqui, nos canaviais, nos bosques... Ou debaixo da terra, perto do inferno. Vão à procura dela! Contrata mais homens, Narváez! Tragam-na! E matem o cabrão do cão.

Kaweka viu-os dispersar do engenho: grupos de soldados, sentinelas, homens brancos, talvez até capitães do mato, divididos em grupos pequenos, com cães, procurando em todas as direções. Talvez os velhos a tivessem denunciado, embora isso lhe custasse a crer. *O cãozinho,*

concluiu. Menosprezara dom Juan José, mas pelo menos Modesto já sabia que ela estava ali, a uns passos de distância.

O cão não regressou, mas ainda tinha o maior, que a arrastou de um lugar para o outro para evitar os homens do marquês, umas vezes instando-a com latidos quase descontrolados, noutras com tranquilidade.

— Não me quero afastar — disse-lhe Kaweka, obrigando-o a voltar pelo mesmo caminho por onde já tinham passado soldados ou capitães do mato, como se fosse um jogo de escondidas macabro.

Os mastins ladravam, mas confundiam-se e seguiam pistas que não levavam a lugar algum.

Decorreram dois dias. O marquês acabou por se juntar à perseguição. A cavalo, na companhia de Narváez, percorreu os arredores do engenho sem parar de a amaldiçoar. Kaweka deparou com um homem envelhecido, evidentemente torturado, que cavalgou tão perto dela que o podia ter derrubado como fazia quando guerreava contra os espanhóis. Só tinha de desjarretar o cavalo com uma catanada certa e forte no seu curvejão, por trás, sem que a vissem; isso sim podia fazê-lo com a sua mão direita, com a qual recuperara uma certa destreza com o tempo; o ginete surpreender-se-ia diante da repentina e violenta queda da sua sela, e então só tinha de voltar a atacar o homem antes de ele tocar no chão. Depois podia enfrentar Narváez, até lesionada, e dar-lhe uma catanada também, para depois extrair as vísceras daqueles dois brancos. Acariciou a lâmina da sua catana, mas descartou o seu propósito. O seu objetivo era recuperar Modesto e Yesa, se a tivessem, e a morte do marquês talvez só servisse para complicar as coisas. Não se devia expor.

No dia em que voltaram a encontrar-se no bosque, os velhos garantiram-lhe que não tinham conseguido descobrir nada. Tinham interrogado uns e outros: os que trabalhavam na casa e os familiares e amigos. Ninguém lhes dizia nada. O medo era evidente nas suas caras. «O amo não dorme nem descansa. Insulta, grita e usa o chicote sob qualquer pretexto. Não te podemos dar notícia nenhuma», concluíram. Kaweka pressentia que Yesa estava viva. Confundida entre os mortos e

deslizando entre as árvores e as silvas, Iemanjá regressara com ela. Evitou ralar com a deusa pela sua indiferença, não fosse ela zangar-se e abandoná-la outra vez, e agradeceu-lhe a sua presença. Foi ela que lhe falou de Yesa. Procurou uma ceiba, a árvore sagrada, e recordou passo a passo os rituais que fez com Eluma quando a introduziu na regra de Ocha, no quilombo da serra do Rosario. Desta vez não havia negros, nem sequer os poucos que a acompanharam naquela época, nem tambores, mas entregou a sua oferenda e cantou e dançou, e a deusa mostrou-se satisfeita ao mesmo tempo que centenas de espíritos a envolviam, milhares de almas de escravos mortos naquelas terras que lhe quiseram agradecer a sua luta. Kaweka, exultante, perguntou-lhes pela sua filha. «Está viva», responderam-lhe, «e está a salvo do marquês».

A perseguição inútil alongou-se mais uns dias, em que Kaweka chegou a escarnecer dos homens que a procuravam. Deixava que se aproximassem e mandava o cão para que excitasse os mastins. Soldados e capitães do mato ficavam loucos, chamavam-se entre eles e procuravam ajuda, mas Kaweka acabava por desaparecer diante do nariz de uns brancos que se fiavam nuns cães que os enganavam. Numa ocasião, até o próprio marquês se deixou iludir.

Tão esgotados estavam que chegou um dia em que já não a seguiram mais. Uns percorreram os arredores a cavalo, parando indiscriminadamente.

— O negro Modesto morrerá daqui a três dias! — clamavam. — E tu tê-lo-ás matado!

O cão, sentado a seus pés, levantava a cabeça para ela como se lhe quisesse fazer uma pergunta. E a ameaça que ressoava no ar abalava a sua coragem. Repetiam-no à noite, na escuridão quebrada pelas lanternas que transportavam. Ela encolhia-se no refúgio escolhido e tremia. O cão emitia os seus ganidos.

A sua vida com Modesto passou diante dela numa sucessão de imagens, a maioria dolorosas, porque tinham sido felizes. Aquele negro que parecia deslizar enquanto andava, que conseguia que o seu corpo

inteiro explodisse ao ritmo dos tambores enquanto a penetrava. As mesmas estrelas que os deslumbravam, os dois deitados juntos no acampamento de Jatibonico, pareceram-lhe agora baças, apesar do céu límpido. O que teria sido feito dele desde que os atacaram à saída do engenho La Candelaria? Tudo correria mal desde então. A chegada de uma paz ilusória que apenas conseguira a reconciliação dos brancos e a liberdade de uns milhares de escravos; a ferida que a impedia de lutar e a deixara impotente de um dos lados do torso; a rendição de Maceo. E agora Modesto capturado pelo marquês. Tentou imaginar a trajetória do emancipado para ter terminado nas mãos do aristocrata e afastou-a da sua mente: sem dúvida escravatura, chicote, tristeza, a mesma desgraça em que ela caíra desde o momento em que deixara de o ter a seu lado, de contar com ele, de o amar... Modesto nem sequer sabia que era o pai de Yesa, embora a sua presença em La Merced devesse ter algum significado que escapava a Kaweka.

Um dos dois tinha de continuar a lutar pela menina. Um dos dois não podia ceder na sua procura para a encontrar antes do marquês, protegê-la dele e restituir-lhe a liberdade com que nascera no quilombo.

— Deves-me isso! — gritou na noite, dirigindo-se a Iemanjá. — Devem-me todos! — continuou a gritar aos milhares de espíritos de escravos que sabia que a rodeavam.

— Quem anda aí? — perguntaram uns passos mais à frente.

Uma lanterna iluminava por cima do matagal, o cão rosnava.

E ia ser ela — uma aleijada vestida com o uniforme de sargento rebelde, analfabeta e perseguida por um dos homens mais poderosos da ilha, que jamais desistiria de vingar a morte do filho, que pagaria fortunas, que compraria testemunhas, que contrataria espíões e todos os capitães do mato de Cuba se fosse necessário — quem iria andar por aquelas terras à procura de uma menina? Se Modesto não sabia que era o pai de Yesa, ninguém mais sabia. Talvez alguém o pudesse supor, mas na realidade estivera dois anos no quilombo, tempo suficiente para gerar um filho de algum dos quilombolas. Por que razão podia alguém suspeitar

que fugira e chegara ao quilombo grávida? Kaweka não sabia se Modesto era livre ou escravo; estava no cepo, é verdade, ainda que pouco importasse ao marquês a sua condição se com esse castigo alcançasse os seus propósitos. Livre ou escravo, o que Kaweka compreendeu com toda a certeza foi que Modesto estava mais apto do que ela para encontrar a filha. Não tinha nenhuma incapacidade, não levantaria suspeitas, podia mexer-se livremente, ou pelo menos com sigilo, perguntar com discrição, ler documentos... Modesto era inteligente e conseguiria.

— Sou eu, Kaweka! — gritou então, levantando-se na direção da luz. — A eleita dos deuses dos negros! — Esperou uns instantes por resposta, mas tal não aconteceu. A lanterna permanecia imóvel. O cão deixara de rosnar, embora se mantivesse atento ao menor movimento. — Diz ao teu amo que estou disposta a trocar a minha vida pela do negro Modesto.

*Madrid, Espanha
Junho de 2018*

A rutura das negociações entre o ELECorp Bank e o Banco Santadoma tornou-se a notícia financeira mais importante a nível nacional. Os americanos mobilizaram um exército de advogados que preparava ações judiciais na Florida. O catedrático Contreras paralisara, desconcertado com a reviravolta que os acontecimentos haviam tomado, e os Santadoma, que tinham grande parte do seu património dependente dos bons resultados daquela operação, viam a ruína como uma possibilidade. Os bens particulares ficariam livres, ainda que não pudessem estar seguros disso, assim como os capitais escondidos em paraísos fiscais, mas podiam chegar a perder as ações do banco que o ELECorp se negava agora a comprar-lhes, as sociedades participadas, as companhias imobiliárias com que tinham avaliado a compra seguindo os conselhos de Contreras, a que agora todos criticavam pela sua displicência e soberba.

Surgiram os fundos abutre e os especuladores internacionais que faziam propostas por baixo, muito abaixo até do valor já desvalorizado do banco, para aproveitarem o medo de uma família que se começara a dividir. A confiança quase cega que até esse momento todos os herdeiros, os irmãos e os primos do marquês tinham depositado em Contreras, confiança que, curiosamente, nunca teve a dona Claudia, desapareceu. Formaram-se alianças, e cada grupo contratou novos advogados que

exigiram valiosas provisões de fundos e reuniões de urgência para tratar daquela crise.

Speth & Markus, de cujos serviços tinham prescindido os americanos, continuavam, porém, a trabalhar para os Santadoma. O marquês justificou essa decisão alegando que conheciam bem a forma de atuar dos seus inimigos e que isso os beneficiaria, ainda que se lembrasse bem daquele auditor que saltara em defesa de Regla, porque alguma coisa devia ter com ela, e isso era algo que ainda podia vir a ser útil.

Até o próprio Pablo assentiu quando, numa dessas reuniões de urgência, com novos advogados procedentes dos melhores gabinetes de Madrid a estudarem o processo, um deles expressou o que todos presumiam:

— O banco ELECorp retirou-se da operação para manter o seu próprio mercado. Nos Estados Unidos as pessoas são muito conscienciosas com a história dos negros. Ali teriam perdido muito dinheiro. Isto aqui é uma brincadeira comparado com as perdas que teriam sofrido lá, em todo o mundo, se tivessem comprado um banco fundado com dinheiro proveniente da exploração de escravos negros.

— Ouça! — retorquiu o marquês. — Não lhe permito esse discurso.

— Estamos no século XXI! — afirmou outro dos advogados sem a menor contemplação. — Sim, escravos negros que morriam a trabalhar para os seus antepassados. Ou por acaso não é assim? O senhor quer-nos convencer agora da fantochada da evangelização e da cultura e por aí fora? Morriam, senhor Santadoma! Morreram milhões! — O homem respirou fundo, como se necessitasse disso para continuar, e os outros respeitaram essa breve pausa. — Caralho! — exclamou com todo o ódio possível.

— Eu não fiz nada disso — alegou o marquês.

— E ninguém lho imputa, mas aproveitou-se disso.

O silêncio voltou uns instantes, até que uma advogada, Carmen Rodés, já nos cinquenta, bem conhecida pela sua eficiência nos tribunais, tomou a palavra:

— Continuemos, senhor Santadoma. — Ali, salvo Contreras e os seus, ninguém parecia disposto a tratá-lo por marquês. — Não nos enganemos. É absurdo esconder a realidade. É assim, o banco foi fundado com base na escravatura. E parece que a que foi sua criada durante toda a vida é, na realidade, sua meia-irmã.

— Isso é falso! — interrompeu Néstor Armas, vestido ao jeito colonial de que tanto parecia ter saudades, com fato bege e camisa em tons pastel.

— Cale-se! — proferiu alguém.

Até o próprio marquês lhe fez um gesto com a mão para que se acalmasse.

— Represento a dona Claudia, viúva de Santadoma — reivindicou o outro.

— Pois já disse o que tinha para dizer. — Neste caso foi o próprio dom Enrique que interveio. — Pode ficar em silêncio ou pode sair. Todos pudemos constatar a sua oposição à paternidade de Concepción.

— É a sua mãe, senhor marquês — acrescentou Armas numa tentativa de apelar à sua consciência.

— Por isso pretendo defender os seus direitos — gritou o outro. — O que lhe dará você de comer se isto for tudo para a merda? Vai pagar-lhe o motorista e o serviço, e as casas e tudo o resto? Tudo isto por uma queca mal dada pelo meu pai!

— Voltando ao tema que nos ocupa — interrompeu-os Carmen Rodés —, pouco importa aos americanos o assunto da criada com que justificam a resolução do contrato. Julgamos, e isso é algo que já tratámos entre nós, os novos — acrescentou excluindo Contreras —, que tudo isto poderia ter sido resolvido sem grande problema.

— Cem miseráveis milhões — exclamou um deles.

— Mas vocês recusaram.

Contreras tentou defender-se:

— Isso foi o que pediram. Também não sabemos se no fim o teriam aceitado. Não trabalhamos sobre certezas.

— E em que negociação se trabalha sobre certezas? — zombou do

velho catedrático um dos advogados, que se mantivera em silêncio até esse momento.

— Passado é passado — sentenciou a advogada Rodés. Todos sabiam a que se referia, mas deixaram-na falar: — Os americanos queixam-se que há uma herdeira que surgiu de repente que impede a operação, que não a aceita. É discutível, mas a nenhum de nós nos interessa entrar nessa batalha. Cheguemos a um acordo com esta senhora, o que for, damos-lhe os cem milhões ou aquilo que pedir, e os americanos não poderão dizer que não cumprimos, terão a totalidade das ações do Banco Santadoma...

— Qual é a sua opinião? — perguntou o marquês, dirigindo-se diretamente a Pablo. — Acha que a Regla vai chegar a um acordo ou vai entrar com uma ação judicial para reclamar tudo?

— Todos sabemos que a parte da herança a que Concepción possa ter direito é muito superior a esses cem milhões, mas para isso teriam de litigar, o que, por mais claro que seja, sempre envolve um risco. — Pablo procurou a aprovação dos muitos advogados reunidos, que lhe concederam assentindo. — Julgo sinceramente que, se puder evitar o processo judicial, fá-lo-á — assegurou o jovem. — Ela o que deseja, acima de tudo, é que a sua mãe, agora, hoje, com os seus sessenta anos, possa dispor desse dinheiro. Que o possa aproveitar durante os anos que lhe restam.

Ouviram-se murmúrios e vários advogados voltaram a assentir.

— Terá de negociar com eles, então — sentenciou Rodés.

— A teoria é boa — expôs o que zombara de Contreras, um jovem impecavelmente vestido, barbeado e penteado, com um *Patek Phillippe* provavelmente herdado num dos pulsos —, mas, e se alegarem que toda esta confusão originou uma importante perda de valor das ações? Não nos devemos esquecer. Foi assim. Compraram por cem o que agora vale dez.

Parecia que aquela exceção deitava por terra a estratégia, até que Carmen Rodés negou com a cabeça, como se ralhasse com uma criança malcriada:

— Então esses senhores teriam de explicar porquê, quando já sabiam da existência destes problemas, quando a viúva de Santadoma insultou a filha da criada numa reunião pública, a resposta deles foi convidá-la para uma viagem de luxo a Cuba com duas amigas e com despesas pagas. Ouvi a gravação dessa reunião em que a rapariga, chama-se Regla, não é, acusou a sua mãe e a si próprio, senhor Santadoma, de que nessa mesa se estava a vender um banco erguido à custa dos seus próprios antepassados escravos. Naquele momento, os do ELECorp já ficaram a saber. Mas há mais: quando esta rapariga regressou de Cuba, já sabia que a sua mãe era filha de um Santadoma. Tinha-lhe dito um tio-avô, foi o primeiro vídeo e o que trouxe dessa viagem. E o que fizeram os americanos? Dar-lhe trabalho nos seus escritórios e proporcionar-lhe correspondência que lhes fora entregue sob rigorosa confidencialidade e que podia afetar essas relações pessoais. Não é assim?

Contreras assentiu. Ele próprio incluía essa cláusula rígida e rigorosa em qualquer operação em que uma das partes tenha acesso à documentação da parte contrária.

— A verdade é que ninguém viu essas cartas no processo, e todos trabalharam com a mesma documentação — salientou o marquês.

— Pois, uma nova incógnita. Iremos estudá-la. Mas, em qualquer caso, estes americanos queriam realmente comprar, ou foi tudo um golpe para destruir o Banco Santadoma? Há alguma possibilidade de conflito de interesses? — perguntou diretamente a dom Enrique.

Ele não hesitou.

— Em Miami temos bastantes interesses em comum. Houve-os historicamente, sempre se mantiveram relações, e por isso nos queriam comprar. Sim — acrescentou —, sem dúvida que seriam beneficiados, e bastante, com a falência do nosso banco.

— Pois, vamos lá a isto, senhores. — Carmen Rodés levantou-se dando ela própria por finalizada a reunião. — Temos de chegar a um acordo com a criada, e de começar a fabricar uma conspiração dos americanos contra o Banco Santadoma. Temos de reunir o máximo de

dados que pudermos, e dispomos de pouco tempo.

— Vai ser difícil provar a existência de uma conspiração — assinalou alguém.

— Com certeza, mas esta gente tem muito em conta a publicidade negativa, as respostas do mercado. Já vimos isso. Vamos jogar esta cartada, portanto.

Pela primeira vez em vários dias, o marquês de Santadoma levantou-se da mesa da sala de reuniões com um sorriso na cara. Nenhum dos muitos advogados presentes, incluindo Néstor Armas e Contreras, quis voltar a falar na questão de Lita e Concepción aceitarem o dinheiro. Reconheceriam então os Santadoma a filiação desta última? Exigi-la-ia ela? Também não parecia descartável que, depois de satisfeitas as suas pretensões económicas com uma quantia tão avultada de dinheiro, nem mãe nem filha se quisessem ver vinculadas à família Santadoma. De forma tácita, pois, todos decidiram evitar esse assunto até se saber primeiro se haveria acordo económico.

— Os Santadoma aceitam o pagamento dos cem milhões reclamados.

As instalações do gabinete de Alberto Gómez não se pareciam em nada com as do banco ou com as do piso dos americanos que tocava o céu. Ali os móveis eram funcionais, velhos; o pessoal mexia-se apressadamente e aos gritos, e, na sala de espera, com cadeiras simples encostadas à parede, encontrava-se todo o tipo de clientela. Pablo, cuja presença surpreendeu muitíssimo Lita, e Carmen Rodés foram os designados pelo grupo dos Santadoma para negociar. Em frente deles, na mesa, apenas Alberto e Lita, uma vez que Concepción se voltara a esquivar de estar presente.

— Congratulamo-nos — começou por dizer o advogado.

— Os americanos recuam — interrompeu-o Lita —, interrompem as negociações depois de vocês se negarem a pagar essa quantia, e agora aparecem surpreendentemente e aceitam. Precisam assim tanto de nós? E se pedíssemos duzentos?

— Lita!

— Aqui chama-me Regla, Pablo. Não sei porque estás nesta reunião, mas...

— Porque vocês se conhecem — intercedeu a advogada. — Tudo isto está como... contaminado. Estão-se a misturar temas pessoais muito delicados. Não lhe vou mentir, sim, reconheço que a história da sua família, e especialmente a da sua mãe, me causou um profundo impacto.

— Mas a senhora defende os interesses do marquês.

— E fá-lo-ei o melhor que puder. — A advogada fixou o olhar em Lita, como se com isso pretendesse que as suas palavras tivessem mais credibilidade. — Mas isso não me torna insensível às injustiças, quer acredite ou não. Todos nós carregamos os nossos fardos e sofremos. Com certeza que não tanto como a sua mãe e os seus antepassados — apressou-se a interromper a resposta de Lita, pedindo-lhe que esperasse com a mão aberta no ar —, mas é assim. Pablo — acrescentou, apontando para ele — está aqui porque trabalhou nesta matéria desde o princípio. Ainda mantém boas relações com os americanos e pode aproximar-se deles e, obviamente, entendemos que também consigo. Está muito bem preparado profissionalmente e pareceu-nos a pessoa ideal para tentar limar todos esses conflitos pessoais. Quanto aos duzentos milhões, sim, certo, pode pensar que nos tem na mão, que a sua colaboração nos é imprescindível. Mas isso nunca acaba por ser assim, o seu advogado pode assegurar-lho: há sempre outras opções. Sinceramente, eu dir-lhe-ia para não esticar tanto a corda, não vá ela partir-se, mas isso também terá de tratar com ele.

— Até onde estão dispostos a ir? — perguntou Alberto. — O valor da herança a que a dona Concepción poderia aspirar excederia muito essa quantia.

— É possível — acedeu a sua colega —, mas para isso teria de litigar e ganhar... Sim, sim, sim — interrompeu a tentativa de intervenção de Lita e do seu advogado —, é provável que os senhores tenham provas que considerem irrefutáveis, mas como avisava a maldição cigana: «Que

tenhas disputas e as venças.» E podia ser que dentro de dez anos, quando ganhassem, os Santadoma já não tivessem nada, que essa herança tivesse desaparecido.

— A parte de dona Concepción não podia desaparecer, não garante nada aos americanos nem a ninguém. Ela não assinou nada. Não se obrigou a nada.

— Não o discuto — concedeu a advogada —, mas vá-se lá saber o que ficará depois de uma ação judicial. Em qualquer caso, duzentos milhões parecem-me inviáveis — acrescentou como que desculpando-se a Lita. — Não os queremos pressionar, mas o melhor para todos seria encerrar este assunto o quanto antes.

Nessa noite, Lita combinou um encontro com Pablo.

— Num restaurante — exigiu ela diante da proposta dele de se verem no seu apartamento. — É para negociar, não para foder.

Sara abanou ostensivamente a cabeça ao ouvir esse comentário mordaz, embora Lita não tivesse sido capaz de decifrar se apoiava a sua decisão ou se era de opinião contrária: que também era sobre foder. Não quis averiguar. Essa reunião com Pablo ia ser muito importante: tinha falado com Joseph Bekele. «Muito dinheiro», limitou-se a reconhecer-lhe ela para não especificar a quantia exorbitante de que falavam. «Tudo isso está a ser negociado por Alberto.» O presidente da associação felicitou-a por isso, mas salientou uma condição que considerou imprescindível:

— Lita, acima de tudo, tem de ser público. Não se podem limitar a receber e que isso fique em segredo ou como um simples negócio. Os teus, os teus irmãos, os negros, todos sofreram a escravatura e os maus-tratos, eles próprios ou os seus ancestrais têm de provar publicamente que é possível vencer. Foi o que sempre falámos. Tu e a tua mãe são o exemplo.

Era verdade, e Lita sabia-o. Mas também intuía que o marquês queria evitar o escárnio público. A mãe tinha a oportunidade de receber uma fortuna... Embora, para surpresa de Lita, não a parecesse querer. «Eu só

pretendo continuar a trabalhar, filha. Talvez algum cantinho para quando não o puder fazer, para não ser um peso para ti», acrescentara. «Para poder pagar uma casa.» E ela? Desejava gozar do dinheiro fruto do abuso de um branco sobre uma mulata linda, essa que, de acordo com o que diziam em Cuba os que a conheceram, inventara as mulheres belas?

Podiam fazer muito com todo aquele dinheiro. Mãe e filha falaram sobre isso e decidiram reservar uma parte para elas, para comprarem um apartamento e garantirem que Concepción não teria de limpar mais casas, e meter outra parte no banco — um, dois, cinco ou dez milhões —, para não terem de se preocupar com o futuro. Mesmo assim, sobrava-lhes um mundo para destinarem aos seus, a esses negros que rumavam ao armazém onde trabalhava Lita, à procura de um pacote de arroz.

E sentiram-se plenas, felizes, até que Concepción acrescentou uma condição:

— Mas não é necessário que o senhor marquês se... Como é que vocês dizem? Que compareça...? Bem, que saia na televisão a dizer que é meu irmão.

— Mãe, esse é o objetivo das associações que nos ajudaram. É preciso dar visibilidade a esta vitória.

— Teremos a nossa vitória, filha; podemos ajudar muito os nossos. Não entendo de todas estas coisas de que me falas, do acordo, esse de Durban, e de Bekele, que, com certeza, é um bom homem. Mas não me canso de repetir: os Santadoma sempre se portaram bem connosco, e o que se passou há mais de sessenta anos lá em Cuba... O que se passou na ilha ficou na ilha, filha; a minha mãe nunca me falou mal de dom Eusebio.

Lita reclamou a ajuda das amigas que, apesar de tudo, abanaram a cabeça e franziram a boca, dando-lhe a entender que devia respeitar a vontade da mãe. Depois falaram entre elas e a conclusão foi a mesma. O sucesso estava na indemnização, os sentimentos eram os da sua mãe, disseram-lhe ambas: «Os dela, não os teus, nem os de Bekele, nem os da ONU, nem os dos afrodescendentes do mundo inteiro.»

Mas fora ela que se comprometera com Bekele, com a ONU e com esses afrodescendentes, e esse continuava a ser um objetivo principal, tendo sido isso que exigiu a Pablo depois de se encontrarem num restaurante da moda em Madrid — um desses lugares caros e incômodos, cheios de gente bonita e rica, ou que, pelo menos, aparentava —, deram dois beijos, sentaram-se à mesa, falaram de disparates, pediram o jantar e continuaram com as trivialidades.

Todos esses formalismos, essa conversa vazia, concederam a Lita a oportunidade de observar Pablo. Emanava essa sedução que a cativara, e até se podia deixar de novo embalar nas suas virtudes. Sim, gostava dele, recuperara, mas já não tinha a certeza de o continuar a amar. Olhou à sua volta e compreendeu de repente que aquele já não era o seu mundo, talvez nem sequer a sua cidade. Pablo parecia acorrentado àquela metrópole, enquanto ela agora tomava o pequeno-almoço e almoçava em restaurantes de parques industriais dos arredores de Madrid, transpirada como a maioria dos que a rodeavam: trabalhadores brancos, espanhóis, mas também negros e muçulmanos, ou chineses, uns com documentos e outros ilegais. As conversas eram muito diferentes, o riso também não soava da mesma forma. O ar que se respirava chegava-lhe à boca e aos pulmões carregado de problemas, denso pelos esforços e pela paixão de viver; um simples suspiro de queixas de qualquer jovem negro sufocava-a na consciência.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Pablo, trazendo-a de novo à realidade. — Pareces ausente.

— A mistura de tanto perfume deixou-me tonta por uns instantes.

Pablo surpreendeu-se e até cheirou o ambiente.

— Se quiseres, peço-lhes para nos mudarem de mesa.

— Eu aguento — disse Lita com uma ironia que Pablo não conseguiu captar.

Quando chegou a entrada, dois *raviolis* enormes recheados com espinafres e queijo que quase transbordavam do prato, começaram a conversar:

— Sei que a Carmen e o teu advogado estão a negociar uma quantia, mas como ela te disse, também não pode ir muito além desses cem milhões.

— Sim, sim. Eles lá se entenderão com isso. O problema é como é que vamos fazer.

— Como é que vamos fazer o quê? Pois, pagam e pronto.

— Isto é claro, o que quero dizer é onde e como. E se com esse pagamento a minha mãe estará a renunciar a reclamar a sua filiação, mantendo o seu apelido de sempre, ou se será feito no âmbito da sua herança e, por conseguinte, reconhecida como uma Santadoma.

Bekele voltara a insistir nisso, opinião que partilhava, ainda que por outras razões, com a de Alberto Gómez, que argumentara que não era a mesma coisa, do ponto de vista fiscal, o pagamento de uma indemnização e o reconhecimento da qualidade de herdeira através de um tribunal. No primeiro caso, o custo em impostos podia ser escandaloso; no segundo, pelo contrário, existiam vantagens fiscais significativas que deviam ser tidas em conta, aplicadas em heranças na Comunidade de Madrid.

— Quero que o marquês e a dona Claudia reconheçam publicamente que a minha mãe é filha de Eusebio de Santadoma — exigiu Lita.

Pablo começava a andar às voltas no seu segundo prato, uns medalhões de lombo com molho, que passava de um lado para o outro, praticamente sem provar. Lita, pelo contrário, degustava um tamboril à moda do País Basco enquanto, no seu íntimo, sentia algum remorso pelo prazer que lhe dava o sabor requintado do peixe e a situação. Apenas esperava as palavras de Pablo, que inevitavelmente chegaram:

— Sabes que o marquês se negará categoricamente àquilo que pedes. É impossível.

— Então não haverá acordo — disse ela, sabendo que estava a fazer *bluff*, que não podia renunciar àquela fortuna pelo simples facto de o marquês se negar a conceder-lhe essa satisfação moral. Os Santadoma podiam ir aos tribunais com Concepción e reconhecerem a sua filiação sem a necessidade de comparecerem publicamente.

— Lita, estamos a falar de muito dinheiro, que provavelmente vai aumentar depois das negociações entre os advogados. Não podes arriscar uma coisa destas.

— Não compreendeste nada.

— Sim, sim compreendo, não te enganes. É evidente que o que dizias é verdade, e não quero imaginar a vida da tua mãe e a dos teus antepassados, até a tua. Mas estás a conseguir, diria que já conseguiste, uma grande reparação económica. Também queres a humilhação do marquês?

— Obviamente.

— Já se humilha ao pagar, tu sabes. Tu conhece-lo melhor do que eu, ainda que te deva recordar que dom Enrique não fez nada à tua avó. Foi o velho marquês que lhe deu trabalho e a ajudou. E a ti também. Foi o pai de dom Enrique que teve essa relação com a tua avó, e isso aconteceu há muitos anos. Até duvido de que o marquês soubesse.

— Pablo — Lita esperou uns instantes até que os olhares de ambos se unissem —, porque é que consideras que é humilhante o marquês reconhecer que a minha mãe é sua meia-irmã?

— Olha, eu não considero nada, mas sei que é assim — respondeu o outro com uma certa crueza. — Quer queiramos quer não. Respeito a tua mãe, respeito-te a ti, mas se condicionares o acordo a essa declaração, arriskas-te ao fracasso.

Isso Lita não poderia permitir. Em última instância, Alberto resolveria isso. A verdade é que, se chegassem a um acordo, evidentemente teriam de renunciar a qualquer direito económico ou hereditário. Se demandassem e ganhassem, poderiam decidir o que quisessem, mas naquele momento os Santadoma precisavam delas. Ela tinha de insistir, e fá-lo-ia.

— Isso chama-se racismo — acusou-o. — Noutras circunstâncias, se a minha mãe fosse branquinha, talvez não lhe importasse tanto.

— Lita, aqui estamos a falar da venda de um banco, não da luta contra o racismo... Não podemos consertar o mundo.

— Estás muito enganado — respondeu ela, e levantou-se deixando a sobremesa intacta, uma tarte *tatin* de aspeto delicioso. — Essa é a nossa... a minha condição.

E era mesmo assim, era a condição de Lita, uma vez que a mãe não exigia que dom Enrique reconhecesse nada, mas ela comprometera-se com Bekele e com um projeto comum, universal, que superava os seus desejos. A mãe sabia que não conseguiria livrar-se desse respeito reverencial pelo marquês. Lita tinha a certeza de que, a seu tempo, a conseguiria convencer.

Pablo levantou-se também, cordial, deixando o guardanapo em cima da mesa.

— Talvez pudéssemos continuar a discutir isto noutro lugar... Na minha casa, se achares bem.

— Não, obrigada. Dá ao marquês e a todos os Santadoma uma cópia da Declaração de Durban e da resolução da ONU acerca da Década Internacional para os Afrodescendentes. Com certeza que nem sabem que existe. Eu sou uma delas, Pablo. Sou uma afrodescendente que ainda vive os efeitos do colonialismo e da escravatura dos Santadoma: esse racismo que humilharia o marquês se me reconhecesse sua sobrinha. Que humilhação é essa!? Diz-me! Sim, sim, cabe-nos a nós consertar o mundo, e que esse mundo, o mundo inteiro, o veja. A propósito, estou desiludida com a tua posição.

— Desculpa. — Pablo tentou aproximar-se dela, pegando-lhe no braço com ternura. Lita não fez nada para evitar o contacto. — Deixa que me explique, ou pelo menos que discutamos o assunto mais a fundo. Não te vás embora. Podíamos falar com calma.

Lita negou com a cabeça. Esperava uma proposta daquelas, mas naquele momento não sentia desejo algum por Pablo, e a conversa não parecia ter pernas para andar. Ela já expusera as suas condições e não tinha nada mais para dizer.

Deu-lhe um beijo no rosto, sabendo que seria o último, que os seus caminhos se separavam ali. Custou-lhe aproximar os lábios até do seu

rosto. E depois foi-se embora.

Matanzas, Cuba
Agosto de 1878
Engenho La Merced

Durante a guerra, foram várias as ocasiões em que Kaweka trocou um prisioneiro com o inimigo. Mesmo havendo gente a controlar a operação dos dois lados, realizar essa operação era sempre complexo; agora era incapaz de imaginar como iria conseguir, ela sozinha, fazer-se trocar por Modesto. Quando o marquês a visse, capturá-la-ia, e não teria a menor garantia de que depois libertasse o emancipado. O que tinha como certo era que nunca o faria antes de a ter em seu poder.

Os gritos dos soldados e das sentinelas que corriam atrás dela mudaram: «O senhor marquês aceita a troca!»

Necessitava de um refém, mas não de um soldado ou de uma sentinela, nem sequer Narváez; pouco importaria ao marquês a vida de algum deles. La Merced tornara-se uma fortaleza aparentemente inexpugnável, mas o mesmo não acontecia nos engenhos mais próximos.

— Mato-a se alguém se aproximar de mim. É a filha mais nova do San Luis! Baixem as armas!

Kaweka necessitava de dois dias para, com o seu cão, se apresentar em La Merced e, com a catana, pressionar o pescoço de uma rapariga branca como o leite, com cerca de quinze anos, que se afastara gradualmente da casa principal e da vigilância rigorosa por parte da sua ama diante do

incentivo do cão de Kaweka para brincarem. Era a filha do proprietário do engenho vizinho, o San Luis. O homem não era amigo íntimo de dom Juan José, mas, como todos os brancos ricos, respeitavam-se mutuamente.

Desde que passara pela frente da taberna que estava no caminho, à entrada do engenho La Merced, muitas pessoas ociosas em época fora de safra — trabalhadores brancos, libertos, escravos, chineses — a seguiram.

— Vais fazer mal à menina? — questionou-a alguém aos gritos, recriminando-a.

Essa pergunta só podia ter sido formulada por um branco livre, porque os escravos sabiam bem o destino das suas filhas, tanto que nem sequer as queriam parir, pensou Kaweka estalando a língua. Afastou da sua mente as dúvidas sobre o que chegaria a fazer ou não, porque o importante era o que temessem o marquês e os seus. A única questão era se o marquês estaria disposto a arriscar o seu prestígio e a sua honra entre a comunidade branca permitindo que uma rapariga da sua classe morresse devido a uma vingança pessoal. Havia demasiada gente em La Merced para que fosse possível a Santadoma evitar que alguém contasse em Matanzas ou em Havana o que sucedera ali.

— Baixem as armas! — teve de repetir Kaweka.

Podia ser alvejada pelas costas, mas eles arriscavam-se a atravessar a pele e osso em que se tornara a negra e matar a rapariga, que gemia e fungava depois de ter chorado tudo o que tinha para chorar ao longo do caminho entre os engenhos, onde tentou escapar em várias ocasiões. O cão não lho permitiu, mordendo-lhe a barriga da perna numa dessas ocasiões.

Narváez apareceu e ordenou às pessoas que obedecessem a Kaweka, enviando de seguida dois homens à casa grande para avisar o marquês.

— A maldição ainda te espera, Narváez — disse-lhe ela, continuando a apoiar a catana no pescoço da rapariga. Escondia a inutilidade do seu braço esquerdo agarrando o vestido da rapariga à altura da sua cintura.

Ninguém podia imaginar que o seu ombro estava paralisado.

— Bem, ainda estou vivo — respondeu o maioral.

Kaweka dirigiu-se para o pátio entre os barracões, onde sempre estivera o cepo.

— Não te enganes, branco. A maldição vai começar depois da tua morte, quando os demónios te perseguirem e não derem descanso à tua alma suja, e continuará com toda a tua família. Diz a esses homens que se retirem — ordenou-lhe referindo-se aos que vigiavam Modesto, a poucos passos dela. Naquele local morrera mamã Ambrosia. «Ajuda-me, criouleira», rogara-lhe em silêncio.

Modesto, que acordara da sua letargia devido ao barulho da chegada de Kaweka, recebeu-a com os olhos esbugalhados, embora não tivesse conseguido esconder um doce sorriso.

— Sabia que tinha de voltar a ver-te antes de morrer — disse-lhe quando ela se aproximou.

— Quem disse que vais morrer? — contrapôs ela, encostando-se contra o cepo, evitando o buraco livre, encolhendo-se para não oferecer um alvo aos atiradores do marquês e tapando-se com a rapariga.

— Desde que te ofereceste como moeda de troca, as apostas estão contra mim — comentou com um certo sarcasmo. — Embora tu também não estejas lá muito bem.

Modesto levantou-se do chão, onde estava há muitos dias deitado, e a mudança de posição deixou-o tonto. Esperou uns instantes e depois aproximou-se de Kaweka, para a tapar ainda mais com o seu corpo.

— Estás a pensar fazer amor agora? — gracejou ela, sussurrando.

Mais de duas centenas de pessoas se tinham juntado no pátio, ainda que Narváez e os seus homens as mantivessem à distância.

— Se há alguma coisa que me manteve com vida durante estes anos, incluindo o suplício deste cepo, é a memória do prazer de te acariciar. Acho que o prazer que alcancei contigo é o que ainda faz correr o meu sangue, porque, se dependesse do meu coração ou do meu cérebro, já me teria rendido à morte.

Os murmúrios de trabalhadores e escravos cessaram. Nem Kaweka nem Modesto tiveram de deixar de se olhar para saberem a razão. O marquês estava no centro do pátio, com o seu uniforme branco do Corpo de Voluntários de Havana, as três estrelas de coronel, grandes, a brilharem na sua manga, sabre e revólver à cintura, e um chapéu branco de palha na cabeça.

— O que pensas fazer agora? — perguntou Modesto.

Kaweka teria gostado de lhe responder que não iria fazer nada, que queria tempo para estar junto dele, a cheirá-lo, a ouvi-lo respirar, a sentir o contacto do seu corpo; tempo para falar, para o acariciar e beijar, para lhe declarar o seu amor eterno. Em vez disso, pressionou a catana sobre o pescoço da filha de San Luis, cuja pressão diminuía, ao que a jovem respondeu com um grito sufocante.

— Não precisas de te enfurecer com a rapariga! — gritou-lhe o marquês.

Kaweka apertou mais ainda. Um fio de sangue correu pelo pescoço da rapariga.

— Esse filho da puta tem razão — interveio então Modesto, falando-lhe ao ouvido. — Não precisas de lhe fazer mal. Não penso deixar-te sozinha. Morrerei contigo. Sem ti estarei morto.

— Aproxima-te — pediu-lhe Kaweka. Modesto apertou a sua orelha contra os lábios dela para que nem sequer a rapariga conseguisse ouvir: — Não podes morrer — sussurrou-lhe. — Tens de encontrar a nossa filha antes de esse monstro o conseguir.

Modesto foi incapaz de se mexer. Kaweka beijou o interior da sua orelha, várias vezes, enquanto as lágrimas corriam pelas faces do emancipado.

— Porquê...? Porque é que nunca me disseste que era minha filha? Podíamos ter ido à procura dela antes...

— Não sei — interrompeu-o ela. — Talvez porque não vieste ao quilombo.

— Já te expliquei as razões. Teria ido, mas a Ambrosia proibiu-me.

Em qualquer caso, depois tiveste a oportunidade de te redimir.

— Eu sei, mas tu próprio o disseste. Como é que te teria conseguido impedir de partires à procura da nossa filha? A deusa não me teria permitido acompanhar-te. Modesto — acrescentou depois de um instante de silêncio, como se nesses segundos tivesse revisto toda a sua vida e as suas decisões, aquelas que a tinham levado de volta a La Merced para se entregar à pessoa que mais odiava no universo. — Eu não posso procurar a nossa filha — quis encerrar a discussão. — Estou aleijada. O braço esquerdo não me obedece, sou uma escrava sem documentos, nunca a chegaria a encontrar.

O marquês, o maioral, todos os que estavam ali olhavam-nos sem intervir: Kaweka continuava a apertar a sua catana e o fiozinho de sangue já manchava o vestido da rapariga.

— E a tua deusa? — perguntou Modesto. — Não nos pode ajudar agora?

— Iemanjá foi quem me trouxe até aqui. Isto é o que os deuses querem.

— Que morras?

— Tens de encontrar Yesa — pediu-lhe, evitando responder a essa pergunta. — Ele não a tem, por mais gente e dinheiro que tenha utilizado. Tenho a certeza. Estou convencida de que não a encontrou.

Continuavam a sussurrar.

— E o que farei eu?

— Marquês! — gritou então Kaweka. — Cumpre a tua palavra!

— Solta a rapariga — exigiu dom Juan José.

— Imbecil! — exclamou Kaweka erguendo a voz o máximo que podia. A tensão em todos os músculos do corpo do nobre era evidente para todos os que olhavam para ele: tremia-lhe de raiva até o queixo, mas não se atreveu a dizer nada.

— Eu digo-te o que faremos, marquês. Deixarás que Modesto se vá embora livre, já. Quando eu souber que está seguro, libertarei a rapariga e já me terás para o que quiseres.

— Como saberás que estou em segurança? — perguntou Modesto. — Pode matar-me assim que eu passar pela taberna e tu não saberás. Ou, agora sim, intervém a tua deusa?

— Não, meu negro querido. Os deuses são caprichosos. Iemanjá pode estar chateada ou a divertir-se noutro lugar. Lembras-te de Ambrosia? — Modesto assentiu. — Morreu aqui mesmo, onde tu estás agora, e uma vez disse-me uma coisa que nunca nenhum pai de santo me repetiu: se eu pudesse mandar na deusa, a deusa seria eu. Não, não espero a intervenção de nenhum deus. Vês este cão, o que veio comigo? Ele vai acompanhar-te, e quando lhe disseres para voltar, saberei que escapaste.

— O marquês vai matar-te.

— Há muito tempo que estou morta, Modesto. Desde que não consigo lutar, desde que dez anos de guerra não serviram para abolir a escravatura; desde que esses generais brancos se renderam aos espanhóis, e depois fizeram-no os nossos, até os negros.

— Nisso enganas-te. Olha para eles. Todos te invejam, te respeitam. Todos sabem já que podem alcançar a liberdade.

— Luta pela liberdade da única pessoa que nos interessa e foge com ela para o quilombo. Fala-lhe de mim e pede-lhe que me perdoe por a ter abandonado. Marquês! — voltou então a gritar sem dar oportunidade de resposta a Modesto. — Estás à espera de quê para o libertares?

Dom Juan José de Santadoma demorou uns instantes, mas acabou por fazer um gesto a Narváez, que se aproximou do cepo e o abriu.

— Adeus, meu amor — despediu-se dele Kaweka. — Leva isto — pediu-lhe, entregando-lhe o colar de Iemanjá —, aqui vão maculá-lo, dá-o à nossa filha.

Modesto teve dificuldade em aguentar o equilíbrio durante uns minutos quando se pôs em pé. Depois inclinou-se sobre ela e beijou-a na boca, um beijo salgado, cheio de lágrimas. Água. A deusa misturava-se no seu amor, soube nesse momento Kaweka, tal como fizera quando se reconciliaram.

— Foge — ordenou-lhe. — Tens muito que fazer.

Ninguém se opôs ao andar titubeante de Modesto. O cão seguia-o a uns passos de distância, entre outros do engenho, pelo que ninguém os relacionou. Narváez interrogou o marquês, que primeiro olhou para Kaweka com a catana no pescoço da filha do seu vizinho para depois negar com a cabeça. A negra era uma bruxa, e como tal, podia adivinhar se faltava à sua palavra. A verdade era que aquele escravo lhe importava pouco; não era seu e já cumprira a sua missão: atrair Kaweka.

— Deixa-o ir — ordenou.

Narváez obedeceu e, com gestos, mandou por sua vez aos seus homens que não incomodassem Modesto. Os escravos que rodeavam o pátio e observavam a cena aperceberam-se disso. Conheciam bem cada sinal que os brancos usavam para se comunicarem, porque deles dependiam os castigos, as reviravoltas, os trabalhos... Neste caso, reconheceram o sinal para não intervir. Espantados com tal atitude, alguém encorajou Modesto:

— Corre, negro!

— Foge! — juntou-se outro.

«Corre.» «Escapa.» «Vai-te embora»... A partida do emancipado tornou-se um festival para os escravos negros de La Merced, que o aplaudiram até ele ter passado bem para além da taberna.

— Todos a trabalhar! — gritou Narváez quando se conseguiu fazer ouvir. — Não quero ver ninguém no pátio.

— E agora? — perguntou o marquês a Kaweka, que ainda sorria após a partida de Modesto.

— Agora esperamos.

— O quê?

— Que o meu homem esteja a salvo — respondeu ela. — Nessa altura libertarei a rapariga.

— E como saberás que está a salvo?

— Tal como sei que morrerás como um cão.

O marquês levou a mão ao seu revólver. Kaweka apertou a catana. A rapariga chorou e nesse mesmo instante entraram em La Merced vários ginetes a galope rápido. Era dom Marcelino Sainz, o dono do engenho

San Luis, acompanhado pelo seu filho, pelo maioral e por vários empregados.

O pai da refém demorou um longo minuto a ficar a par da situação.

— Como estás, filha? — perguntou ainda no cavalo. Kaweka relaxou a pressão da catana para que a rapariga pudesse balbuciar alguma coisa que tranquilizasse o pai. — Juro que te matarei se fizeres mal à minha filha — gritou este a Kaweka, que acolheu a ameaça com um sorriso mordaz.

— Não se apercebeu de que já estou morta?

O homem ouviu-a, desmontou o ginete e dirigiu-se ao marquês, com quem manteve uma longa conversa. Podiam tentar disparar se tivessem um alvo claro, propôs por fim Santadoma.

— E se falharem? E se a bala não a matar imediatamente e essa negra simplesmente espetar a catana no pescoço de...? — A sua voz falhou. — Esperaremos, Juan José. Se até agora não a matou, que razão teria para o fazer se ninguém incomodar o negro?

— Mas como saberá essa escrava que ele está a salvo? — perguntou o marquês em voz alta; andava todo o dia a dar voltas a esse pormenor.

— Importa-me muito pouco como o saberá. Ninguém vai arriscar a vida da minha filha.

Quando anoiteceu, acenderam fogueiras para iluminar o pátio. Kaweka permaneceu estática hora após hora: com o braço esquerdo totalmente dormente, insensível, mexia o direito para evitar que lhe acontecesse alguma coisa parecida, ora ameaçando o pescoço da rapariga com a lâmina da catana, ora com a ponta, por baixo do queixo. O marquês e os outros deambulavam inquietos de um lado para o outro, a fumar, a tomar café e a controlar que ninguém bebesse álcool para prevenir imprudências.

Ainda não era meia-noite quando o cão se meteu entre todos eles, chegou até Kaweka e lhe lambeu o rosto.

— Vai-te embora — ordenou Kaweka, empurrando naquele momento a rapariga, deixando-se cair, rendida.

— Tira-lhe esse uniforme traiçoeiro e queima-o! — ordenou o

marquês, aproximando-se de Kaweka quando os seus esbirros lhe tiraram a catana. — Ponham-na no cepo e amanhã reúnam todos os homens no pátio.

— Devias entregá-la a mim — exigiu-lhe dom Marcelino —, foi a minha filha que ela ofendeu.

— Esta bruxa ofendeu o universo inteiro, e serei eu a castigá-la. Vem amanhã, se quiseses. Agora vamos descansar.

A manhã trouxe consigo uma tempestade incessante. «Iemanjá», pensou Kaweka quanto a libertaram do cepo para a açoitarem. Não havia homem ou mulher de La Merced, dos arredores, de San Luis, de algum outro engenho próximo, que não tivesse comparecido para presenciar o castigo de Kaweka. As notícias acerca da guerra enquanto esta se desenrolava tinham sido permanente e constantemente censuradas nos engenhos para impedirem levantamentos dos escravos, mas agora eram muitos os brancos e até libertos desses doze mil que haviam feito parte do exército revolucionário da República de Cuba que se misturavam com os outros nos engenhos da zona rica de Matanzas à procura de um trabalho para subsistirem.

O nome da sargento Kaweka corra de boca em boca. As suas façanhas, certas ou fruto da imaginação mais exagerada, multiplicavam-se na mesma medida em que eram transmitidas. Era a escolhida dos deuses, garantiam por sua vez os que a conheceram como escrava em La Merced, atribuindo-lhe mortes desejadas, fugas heroicas e até curas mágicas.

Agora, totalmente nua, aquele ídolo não parecia mais do que um esboço humano: esquelética, descarnada, esquelética, com o lado esquerdo do seu torso inutilizado, uma cicatriz enorme que nascia no seu ombro esquerdo e descia pelo tórax até se tornar um emaranhado de carne e com mil feridas cosidas na zona onde antes brilhara o seu peito.

Os homens arrastavam-na, uma vez que ela era incapaz de seguir os seus passos, para a atarem, neste caso não sobre a porta deitada no chão,

mas sim, por ordem do marquês, a um poste onde a açoitariam.

— Essa mulher não aguentará três chicotadas antes de morrer — advertiu Marcelino Sainz ao marquês de Santadoma.

— Essa bruxa pode aguentar mil chicotadas — respondeu e, em seguida, ordenou a Narváez que iniciasse o castigo.

A água aquietou o ruído do chicote de peixe-boi, mas não o conseguiu fazer com as chicotadas sobre as costas de Kaweka.

O dono do engenho San Luis não prestou atenção ao espetáculo macabro; em vez disso, passou o olhar pelas pessoas apertadas no pátio. Não demorou a perceber um rancor e uma animosidade poucas vezes patentes no ambiente de um engenho do ocidente.

— Os escravos revoltar-se-ão — advertiu o marquês.

— Os meus homens estão preparados para isso.

Dom Marcelino procurou em telhados e lugares estratégicos. Sim, ali estavam todos esses soldados e capitães do mato que o marquês encontrara para dar com uma escrava que afinal acabara por se entregar.

— Será uma matança — advertiu o do engenho San Luis.

— Não, se não se revoltarem — respondeu o outro, antes de se voltar para o seu igual: — Essa mulher — lembrou-o — sequestrou a tua filha, cortou-lhe o pescoço e esteve prestes a matá-la, por acaso pedes clemência para ela?

Marcelino Sainz calou-se enquanto Narváez continuava a flagelar umas costas já em sangue.

— Talvez a mim me persigam os espíritos — gritou o maioral para a escrava —, mas o teu chegará desfeito ao além.

Kaweka já ultrapassara o limiar da dor; só sentia o correr da água pelo rosto que tentava erguer para o céu, rogando a Iemanjá que pusesse fim à sua vida.

De repente soou um disparo, e um escravo negro que avançara em relação ao grupo caiu morto sobre um charco que rapidamente se tingiu de vermelho. Os outros retrocederam uns passos. Mais dois disparos feriram outros tantos negros. Os soldados deixaram-se ver, armados,

preparados para agir, e as pessoas amontoaram-se.

— Espera — ordenou o marquês a Narváez.

— Uma decisão oportuna — felicitou-o dom Marcelino.

— Não te iludas — respondeu Santadoma. — Agora começa verdadeiramente o sofrimento desta bruxa.

— O que mais lhe pensas fazer?

— Olha.

Durante o castigo, sem que ninguém prestasse atenção, tinham trazido da casa principal quatro meninas escravas, todas vestidas de igual, com a camisa parda que lhes chegava até aos joelhos. Colocaram-nas em fila em frente de Kaweka, a quem tinham de segurar para que se mantivesse em pé.

— Uma destas meninas — gritou-lhe o marquês — é Yesa, a tua filha! São todas as que foram encontradas nos arredores da serra do Rosario na época em que os capitães do mato destruíram o quilombo. Julgavas que ia ser livre? — O marquês soltou uma gargalhada que arrepiou muitos dos presentes. — Os negros serão sempre escravos. Vocês são uns preguiçosos e uns inúteis incapazes de viver sem a nossa ajuda. Escumalha pura! Tu és minha e morrerás pertencendo-me — afirmou apontando para ela. — Juro por Deus e pelo mais sagrado que a tua descendência será escrava dos Santadoma até que a última gota do teu sangue negro e miserável se extinga da terra!

Kaweka abriu os olhos como se estivesse totalmente saudável e capaz e, em nome de Iemanjá, fixou aquelas quatro raparigas. Por acaso os deuses tinham-na enganado quando dançava à volta da ceiba? Garantiram-lhe que Yesa estava viva e a salvo do marquês, também lhe disseram isso as almas dos milhares de mortos que vagueavam pelo monte. Enviara Modesto para procurar uma menina que agora estava ali, escrava do marquês. Porque eram tão cruéis os deuses?

Com Kaweka a examinar as meninas, dom Juan José ordenou a Narváez que continuasse com o castigo. O chicote voltou a cair sobre as costas da escrava, apanhando-a de surpresa, distraída pelo surgimento

daquelas meninas.

— Não é possível saber qual delas é a filha? — perguntou, entretanto, dom Marcelino com curiosidade.

— Não — respondeu o marquês. — Todas viviam nas montanhas. Todas foram capturadas e vendidas nessa época. Conservam imagens da selva, dos quilombos, fragmentos da sua infância num momento muito precoce, mas nenhuma delas é capaz de se lembrar do seu nome africano depois de anos de batismo com os nomes cristãos que utilizam agora. E se os recordam, não os querem dizer, mas com certeza que uma delas é sua filha. Disso não tenho dúvidas.

Kaweka também não duvidara quando reparou na primeira das meninas: baixinha, da cor do chocolate negro, e com uns olhos pardos presos nela. Iemanjá disse-lho, e conseguiu até que o sangue jorrasse com mais força nas suas costas ao ritmo de umas chicotadas que não cessavam. Mãe e filha uniram-se numa comunhão que só o sangue partilhado podia oferecer.

Era ela: Yesa. Estava viva... Era escrava, mas estava viva. Certamente fugiria como ela fizera, e lutaria pela sua liberdade. Modesto descobriria o seu paradeiro...

Kaweka, moribunda, esboçou um sorriso ao lembrar-se do seu homem, mas, quando se ia entregar a esse último castigo, a deusa obrigou-a a olhar para a segunda das meninas e, surpreendida, sentiu o mesmo arrepio e uma união íntima muito semelhante à que sentira com a primeira.

Hesitou e ergueu os olhos para o céu, para a chuva.

— Reconheces a tua filha? — gozou com ela o marquês à espera de algum sinal, algum indício por parte de Kaweka.

«Sim», disse ela assentindo. Porque quando encarou a terceira e a quarta, assaltaram-na iguais sensações que a sacudiram com a mesma força devastadora dessa alma que Narváez pretendia desfazer e que se voltara a unir numa cor, o preto, no sangue, num país longínquo, na desgraça e na escravatura. Eram todas suas filhas! Eram todas Yesa! De

repente a sua vida ganhou sentido. «É irónico», pensou. «Agora que a vou perder.» Voltou-se para os negros que estavam no pátio, sorriu-lhes e eles devolveram-lhe o cumprimento.

— Lutem — sussurrou.

Alguns ergueram um braço para o céu. Houve quem gritasse palavras de encorajamento, em lucumí.

Soou um novo disparo: outro morto.

E mais um.

Os guardas brancos, manifestamente nervosos, ameaçaram e insultaram os negros, apontando-lhes as suas armas, ordenando-lhes que retrocedessem.

— Juan José... — quis avisá-lo Marcelino Sainz.

Mas o marquês, cujas feições estavam contraídas pela ira, não deu qualquer ordem a Narváez, que já açoitava uma massa ensanguentada por onde deslizava a água, a deusa que acudia Kaweka: Iemanjá!

— Diz-me qual delas é tua filha! — gritou o marquês aproximando-se do poste, a mão crispada sobre a culatra do seu revólver.

Kaweka, surpreendida com a gritaria, deixou de olhar para as meninas e reparou em alguns escravos que os estavam a atacar, gritando, clamando por vingança contra o marquês.

A revolta devolveu-lhe algumas das forças que julgara perdidas. Cerrou os dentes ao ver como os soldados e as sentinelas vacilavam, não se atreviam a disparar na sua direção para não ferirem o nobre e, em vez disso, ameaçavam o resto dos escravos para não se juntarem aos subversivos.

— Lutem! — incitou-os, nesta ocasião com mais força.

Juntaram-se à revolta mais alguns escravos. Vários caíram debaixo do fogo dos guardas, que conseguiram amedrontar a maioria. Narváez deixou de açoitar Kaweka para se colocar junto do seu chefe, ameaçando com o seu revólver os que se aproximavam.

— Liberdade! — gritou ela.

Os sublevados aproximavam-se já do marquês, das meninas, de

Kaweka e de Narváez. Reiniciaram-se os disparos nas suas costas, a massa compacta de trinta ou talvez quarenta homens, a taparem o Santadoma, que, por sua vez, tirou a sua pistola e pressionou o canhão contra a têmpora de Kaweka.

Os escravos pararam.

— Uma deusa!? — O marquês de Santadoma, desvairado, a testa franzida, os olhos entreabertos na direção dos escravos que o cercavam, disparou. A bala atravessou a cabeça e saiu para a chuva com restos de sangue e de massa cerebral. — Aqui têm a vossa deusa! — bradou, e depois apontou na direção dos negros e disparou de novo.

Narváez juntou-se à represália com a sua arma. Caíram homens, à frente do grupo e atrás. Num instante, alguns escravos ajoelharam-se com as mãos sobre a cabeça e poucos segundos decorreram até que todos eles se subjugaram ao seu amo, ajoelhando-se no chão, suplicando clemência.

O marquês atravessou por entre o grupo, arrogante, como se nada tivesse acontecido, e convidou Marcelino Sainz a acompanhá-lo à casa principal.

— Lá dar-nos-ão de beber — disse.

Debaixo de chuva, os chicotes estalavam no ar com as ordens dos maiores. Os escravos debandaram, por si aqueles que o podiam fazer, e ajudados aqueles que estavam feridos. No pátio ficaram vários cadáveres.

Narváez observou a cena e depois Kaweka, pendurada inerte na corda que atava as suas mãos ao poste. Um calafrio percorreu o seu corpo e uma náusea apertou-lhe o estômago. Os espíritos daqueles homens estendidos a seus pés rodeavam-no. Sentiu o frio da sua presença e, entre o barulho da chuva incessante, julgou ouvir o riso de Kaweka, uma escrava que fora capaz de acordar e mobilizar os seus, de conseguir que muitos entregassem as suas vidas... E compreendeu que, com mulheres como ela, nada nem ninguém deteria os negros no seu caminho em direção à liberdade.

Madrid, Espanha
Junho de 2018

O mesmo lugar onde experimentara vivências tão intensas — a sala de reuniões do Banco Santadoma — estava agora com uma disposição completamente diferente. O marquês mandara desmontar a mesa e instalar parte dela numa plataforma junto a uma das paredes, onde se ia dar a conferência de imprensa, e onde já estavam sentados, de um lado, dom Enrique de Santadoma, presidindo-a ao centro, o catedrático Contreras e dois altos executivos do banco e do outro, Alberto Gómez, Lita e Concepción, todos com um microfone preto e pequeno de mesa em frente, que Concepción afastara de si o máximo possível, como se temesse que ele a atacasse.

Lita sorriu com ternura ao ver como o empurrava com uma unha pintada de vermelho. Tivera de insistir para que aceitasse que lhe arranjassem as mãos.

— Nunca fiz isso — alegou a mãe.

— Hoje vão acontecer coisas que nunca teríamos imaginado que acontecessem — respondeu a filha.

Depois, arranjaram-lhe o cabelo e foram comprar um fato ao centro de Madrid, àquelas lojas para onde Lita sempre olhara com um misto de ilusão e temor. Colorido e com muitas flores. Esse fora o desejo de Concepción, embora tivesse ficado logo assustada ao ver o preço que

estava marcado na etiqueta.

— Isto é caríssimo! — exclamou, atónita.

— Destes pode comprar dez todos os dias a partir de hoje — disse-lhe Sara.

Os Santadoma haviam cedido: reconheceriam a filiação de Concepción, a sua qualidade de herdeira como filha de Eusebio de Santadoma, e indemnizá-la-iam com cento e vinte milhões de euros contra a sua renúncia às ações do Banco Santadoma e ao resto da herança. Na noite anterior tinham celebrado, apesar da prudência que pedia Alberto Gómez. Este alegava que era melhor deixar as comemorações para quando o acordo estivesse assinado, tentava acalmar uns ânimos que iam explodindo à medida que a notícia se espalhava entre todos aqueles que as tinham apoiado, e que se iam apresentando no apartamento de Lita. O próprio advogado, um Bekele exultante com a sua mulher, mais dois membros da associação e outros do armazém de Vallecas, o casal *gay* do apartamento da frente, e pessoas que Lita reconheceu das manifestações. Concepción passava de um para outro; Sara e Elena tentavam atender todos eles depois de descerem a uma loja de conveniência para comprarem cerveja e outras bebidas.

Bekele telefonou para Vit, que felicitou primeiro Concepción e depois Lita. O presidente não cabia em si de contente. «O mundo inteiro tem de ver isto», defendia. «Têm de saber que é possível! Que podemos ganhar!» Concepción e Lita prometeram-lhe ajuda, doações para a associação, para a de Bekele e para as outras geridas por outros conhecidos que se iam aproximando naquela noite. Iam ser ricas, muito ricas, e em parte deviam-no a eles.

A noite prolongou-se com essa festa em que Lita e as suas amigas se permitiram fantasiar com o que poderiam fazer com tanto dinheiro, e na manhã seguinte compraram a roupa que Concepción vestiria num evento público como o que estava para acontecer: uma saia vermelha, como as unhas, e uma camisa larga, de seda, com mil flores em cores luminosas que escondiam a timidez de uma mulher que, quando se encontrou no

Banco Santadoma, quase se sentiu agredida pelos olhares dos outros. As cadeiras estavam dispostas como se fosse um auditório, com bastantes jornalistas sentados; havia algumas câmaras, a maioria de meios de comunicação espanhóis, mas também norte-americanos, e muitas pessoas em pé ao fundo da sala, entre elas Bekele, Sara e Elena, que Lita convidara para o evento. Dona Claudia não estava presente. O filho não lho consentira e o acordo fora feito nesses termos. Com a sua assinatura, os americanos ficavam sem argumentos para a rescisão do contrato de compra e o evento público que se ia efetuar acalmaria o mercado, devolveria a confiança aos depositantes e investidores, bem como a conversão do marquês de Santadoma numa pessoa honesta e compreensiva, como nesse momento tentava sustentar o catedrático Contreras numa alocução dirigida a câmaras e jornalistas:

— ... os senhores entendam que reclamações como a de dona Concepción Hermoso — Lita sentiu um enorme prazer ao ouvir como aquele advogado arrogante se dirigia respeitosamente à mãe — devem ser abordadas com todas as cautelas possíveis. Ao longo da minha vida profissional trabalhei em bastantes casos de reclamações de paternidade com pessoas de notoriedade, como pode ser o senhor marquês de Santadoma, e descobriu-se que na maior parte dos casos se tratava de simples invenções, até mesmo tentativas grosseiras de chantagem. Neste caso, porém, após cuidadosa análise dos elementos de prova apresentados, chegámos à conclusão de que essa filiação é verdadeira, de que dona Concepción Hermoso é, na realidade, filha extraconjugal de dom Eusebio de Santadoma e, portanto, herdeira do marquês de Santadoma com os mesmos direitos que mantêm os seus outros netos, razão pela qual, neste evento, contra a assinatura dos contratos, se pagarão os cento e vinte milhões de euros com os quais as partes porão fim a qualquer reclamação a esse respeito. Evidentemente, o estado civil não é uma questão de direito privado de que possam dispor as pessoas, por isso, teremos de ir a um tribunal onde, mesmo assim, não existirá oposição por parte da família Santadoma. Como já se disse, as provas são

consistentes e os membros da família Santadoma subscreveram o documento correspondente reconhecendo a filiação de dona Concepción Hermoso e...

— Incluindo a dona Claudia? — interveio uma das jornalistas.

— Peço-lhe que não me interrompa — respondeu Contreras. — Mais tarde, serão permitidas algumas perguntas, mas, em qualquer caso, devo salientar que a dona Claudia, viúva de Santadoma, não é família de sangue e, portanto, pouco pode aceitar ou deixar de aceitar. Com este acordo — prosseguiu —, a família Santadoma, representada por dom Enrique, aqui presente, marquês de Santadoma, considera reparada uma situação injusta da qual nenhum deles tinha o menor conhecimento, entendendo que a indemnização na importância de cento e vinte milhões de euros é suficientemente generosa para satisfazer qualquer expectativa da dona Concepción e da sua família. Gostava de insistir. — Fez uma pausa antes de prosseguir: — São cento e vinte milhões de euros.

A repetição daquela importância colossal pairou na sala de reuniões. Lita olhou para Bekele e observou a satisfação plena no seu rosto; era isso que este desejava: reconhecimento público, reparação, demonstrar que podia particularizar em pessoas concretas os direitos dos afrodescendentes, e que o mundo inteiro o visse. Depois olhou para Sara e Elena. Uma sorriu-lhe e a outra até se permitiu fazer um gesto de vitória com a mão. Lita continuou a olhar para além das câmaras e dos jornalistas: viu colegas seus do banco e percebeu quem se alegrava e quem se estava a roer de inveja pela sua sorte, como Gloria, a gestora de risco. «Agora podes ficar com Pablo se ainda te interessar», quis dizer-lhe com o olhar e com um sorriso malicioso. Isso estava decidido: o seu mundo era outro.

O efeito que Contreras quisera propiciar com aquele ato teatral foi aproveitado pelos jornalistas para iniciar a ronda de perguntas, que se sucederam de forma desordenada, sem conceder oportunidade de resposta:

— Ainda que a dona Claudia não seja familiar de sangue, consta-nos

que sempre esteve a par de que o seu marido tinha tido uma filha ilegítima que trabalhava como criada para o marquês. O que tem a dizer a esse respeito o senhor Santadoma?

— No contrato inclui-se alguma desculpa expressa?

— Aqui reconhecem-se os direitos hereditários de dona Concepción, mas o que há sobre os escravos que morreram no engenho dos Santadoma e onde se baseia a sua fortuna atual?

— Os Santadoma pensam reparar de alguma forma...?

A questão foi interrompida. Contreras viu-se inundado de perguntas, pelo que foi o marquês de Santadoma que tomou a palavra:

— A escravatura foi um flagelo através do qual se construíram não só fortunas, mas também países inteiros — sentenciou com um raciocínio que parecia ter sido preparado. — Eu não participei nela e repudio-a com todas as minhas forças. Não me sinto responsável, nem julgo que ninguém me possa acusar de uma coisa que aconteceu há centenas de anos...

— Pouco mais de cem, senhor Santadoma — corrigiu-o alguém do público atrás das cadeiras, talvez Bekele.

Naquele momento, foi Contreras que saiu em defesa do seu cliente:

— Reparem, aqui estamos a reparar uma situação concreta, a da dona Concepción Hermoso. Insisto na generosidade da família Santadoma. Podíamos ter optado por ir a tribunal e adiar os procedimentos. Até podíamos ter ganhado a ação judicial. Em vez disso, chegámos a acordo. Não me parece que este seja o local ou o momento para iniciar uma causa geral contra a escravatura, responsabilizando a família Santadoma de umas práticas que foram abolidas há muitos anos. Olhem os senhores para o próprio Estado espanhol, americano, inglês, português, francês, que foram os que mais lucraram com os impostos do tráfico de escravos e com a sua posterior exploração. Isso é o que estão a reclamar muitos países ibero-americanos a Espanha — terminou, numa tentativa de desviar a atenção da imprensa da família Santadoma.

— Mas...

— Não — cortou Contreras a jornalista que parecia querer insistir. — Aqui estamos a falar de resolver a situação de dona Concepción. E nesses termos finalizaremos esta ação.

O catedrático passou uma pasta ao marquês. Este abriu-a, folheou o conteúdo do contrato que guardava e assinou-o.

Em seguida, levou a mão ao bolso de dentro do seu casaco, tirou um envelope e depositou em cima da mesa um cheque bancário com a importância de cento e vinte milhões de euros.

A pasta passou para o advogado Alberto Gómez e deste para Lita, para que, por sua vez, o passasse à mãe. As câmaras e os fotógrafos tinham-se aproximado da mesa.

Lita deteve-se uns instantes a olhar para aquele documento e para o cheque que o acompanhava. Emocionada, pensou que tinha conseguido. Lembrou-se das mil promessas: a Bekele, à ONG Amigos da África Esquecida, e a outras tantas associações que se ocupavam dos imigrantes, até do compromisso que assumira com Elena de lhe dar algum dinheiro para, entre outras coisas, renovar as lâmpadas fluorescentes que piscavam na vizinhança.

— Toma, mãe — ofereceu-lhe deslizando a pasta por cima da mesa. — Tens caneta? — perguntou fazendo um gesto para ir buscar a sua.

— Tenho, filha — respondeu Concepción remexendo na sua mala. Lita olhou para os jornalistas que as rodeavam, pelo que não se apercebeu do que a mãe procurava e tirava da mala: uma caixa velha e alongada de lata que colocou entre o contrato e o cheque. — Tens a certeza de que queres isto, querida? — perguntou-lhe abrindo a caixa e deixando à vista aquele colar com dois botões brancos de madrepérola que, apesar da sua antiguidade, brilharam perante os focos e os *flashes* das câmaras.

— Mãe... — conseguiu dizer Lita com a voz trémula.

Concepción pegou naquela bijuteria e pendurou-a ao pescoço da sua filha. Ninguém se atreveu a perguntar, apenas Sara e Elena se entreolharam, atónitas.

Lita sentiu o seu peito arder.

— Poderão ter decorrido cem ou duzentos anos, mas nem a minha mãe nem eu nos vamos aproveitar do menor lucro de um negócio procedente do colonialismo e da exploração de homens negros tratados como animais — sentenciou com voz firme. — No século XXI não pode existir um banco que tem a sua origem na escravatura. O Banco Santadoma deve desaparecer, sem deixar qualquer vestígio que não seja o de um tumor maligno removido cirurgicamente — proclamou com voz elevada. — Lutaremos para restituir...!

O barulho da cadeira do marquês, que caiu depois de este se levantar bruscamente, a murmurar palavras, silenciou o discurso enfurecido de Lita ao mesmo tempo que conseguia que câmaras e jornalistas se dirigissem a ele. A correria daqueles profissionais, que até àquele momento rodeavam Concepción e Lita, permitiu a esta última observar as suas amigas. Viu-as chorar. Notou a mão da mãe sobre o seu joelho, por baixo da mesa, apertando-lho, incitando-a a continuar. Alguém do banco se aproximou por trás delas e recuperou o contrato e o cheque.

— Qualquer vestígio da escravatura que sobreviva atualmente deve ser rejeitado pela sociedade! — acrescentou Lita aos gritos para se fazer ouvir no rebuliço, fazendo com que os jornalistas regressassem, com o marquês e os seus já fora da sala. — Todas as pessoas, sociedade, entidade ou país que tenham lucrado ou se tenham aproveitado do sangue negro devem pedir desculpa e reparar os danos causados na medida das suas possibilidades..., que são muitas. Não há desculpa. Não pode haver descanso na luta dos negros para atingirem esse objetivo. Continuamos a ser um povo desamparado, um continente explorado, uma raça maltratada e humilhada.

À medida que Lita falava, o ar no interior da sala tornava-se mais e mais denso.

— A minha mãe e eu lutaremos...

Então viu-os. Espíritos negros que voavam pela sala, em contacto com os presentes, roçando-os como correntes de ar, obscurecendo as imagens das câmaras.

— Os Santadoma cairão. A minha mãe e eu prometemos — declarou.
— Não é lícito aproveitar-se da dor e do sangue dos escravos para depois sustentar que não se sente responsabilidade alguma por essas mortes.

Alguma coisa se aproximou dela. Já não era um fantasma, mas sim uma presença tangível, a parte esquerda do seu torso devastada por uma cicatriz que a atravessava até lhe desfigurar o peito. Sorria e aproximou a mão do colar que estava pendurado ao pescoço de Lita para acariciar os dois botões de madrepérola.

A presença de Kaweka diluiu-se entre a dos outros espíritos à medida que Lita absorvia o seu poder; Iemanjá tinha-se pronunciado, anunciando-lhe sacrifícios. Depois observou como através da mão da deusa se abria, à sua frente, um caminho novo e ingrato que lhe exigiria a entrega da sua vida, tal como fizera essa Kaweka agora libertada.

Cuba, 1898

De repente, o sol nasceu numa clareira da floresta, e ali, ao brilho da luz súbita, vi sobre a erva amarelada erguer-se, à volta do tronco negro dos pinheiros caídos, os cachos alegres dos pinheiros novos: Isso somos nós: pinheiros novos!

JOSÉ MARTÍ, 1891

Modesto, como muitos outros cubanos, celebrou com festas, tabaco, comida, rum e bailes a rendição das tropas espanholas ao exército americano. A guerra pela independência começara em 1895 com o apoio explícito dos Estados Unidos, até que três anos depois, em fevereiro de 1898, a explosão no porto de Havana do couraçado *Maine*, com mais de duzentos e cinquenta marinheiros americanos mortos, estrago que foi atribuído a uma bomba espanhola, obrigara o governo dessa nação a tomar partido, não só financeiro, mas também bélico, contra Espanha.

O exército espanhol, sobretudo a sua frota ao comando do almirante Cervera, lutara com a honra que caracterizava os espanhóis, mas não tivera nenhuma hipótese perante o poderio americano, que afundara os seus navios numa batalha de apenas quatro horas em frente à baía de Santiago de Cuba.

Ali, nos arredores da cidade que sempre se mantivera fiel e que demorara três semanas a render-se após um cerco feroz do exército mambí, estava Modesto, com mais de sessenta anos, como enfermeiro do

exército revolucionário que, pela mão de José Martí, morto no primeiro dia em que entrara em combate, iniciara aquela nova guerra. A «Guerra Necessária», assim lhe chamou o poeta que, no entanto, não chegou a ver como os seus versos e os seus discursos conduziram à tão desejada independência de Espanha, embora não se tratasse da independência com que sonhara o intelectual, uma vez que Cuba se tornava, agora, uma república tutelada pelos Estados Unidos. Modesto, na sua qualidade de profissional de saúde, percorria com saudade e bastante dor o hospital Príncipe Alfonso e o quartel Reina Mercedes. De lá, fugira em auxílio de Regla. Pouco tempo depois saberia da sua morte cruel; não lhe foi difícil descobrir um negro que tivesse estado em La Merced, que lhe contou o sucedido e lhe falou das quatro raparigas que lhe mostrou o marquês.

— Mas ela reconheceu alguma como sua filha? — perguntou-lhe, expectante.

— Não, nenhuma. Morreu depois de olhar para as quatro... e de sorrir e incitar quem estava ali a lutar. Agonizava, e mesmo assim...

— Continuava a lutar. — Modesto terminou a frase, com a garganta apertada.

Aquela testemunha relatou-lhe depois a morte de Kaweka às mãos do marquês. Fê-lo emocionado, como se falasse de alguém da sua família.

— E não aconteceu nada a esse filho da puta? — perguntou Modesto.

— Não. Como é que o iam castigar? As autoridades fingiram que investigavam porque morreram vários escravos, mas chegaram à conclusão de que foi um levantamento e que apenas a morte de Kaweka, que foi quem o incitou, o conseguiu deter e evitar males maiores.

Modesto negou repetidamente e esforçou-se por respirar o ar que lhe faltava. Se Yesa estivesse nas mãos do marquês, de pouco serviria que ele fugisse. Kaweka não reconheceu a sua filha em nenhuma daquelas raparigas. Teria preferido morrer com Regla, partilhar uma dor que começara a sentir no exato momento em que ordenara ao cãozinho que voltasse para o engenho. O marquês ia matá-la, ele sabia-o, e deixara-a lá, embora fosse por uma boa razão: procurar Yesa, luz permanente na

vida da mulher, tornada agora na filha comum. Mas essa esperança, esse propósito, não bastava para que o emancipado se sentisse livre de culpa por a ter deixado lá no cepo, e o que era pior, não atenuava a dor da perda da sua amada.

Depois de escapar de La Merced, escondeu-se na serra do Rosario. Não era livre, não tinha documentos, e qualquer um o podia deter. Lá, na selva, viveu como um quilombola. Era irônico: nunca chegara a seguir Regla até ao quilombo no dia em que fugiu com Eluma, e agora andava por caminhos por onde imaginava que ela transitara anos antes. Entre a vegetação chorou Regla e, com discrição, continuou a perguntar por Yesa.

— A filha de Kaweka? — retorquiu um dia o dono de um pequeno cafezal onde tinha ido como enfermeiro.

Celio contratou-o e escondeu-o.

Em 1880, dois anos decorridos da morte de Kaweka, Espanha aboliu a escravatura na ilha de Cuba, se bem que tivesse estabelecido um período de patronato de oito anos para os negros recém-libertados, durante os quais deviam continuar a trabalhar para os seus antigos amos em condições similares às da escravatura, uma vez que eram permitidos os castigos físicos, o cepo e o grilhão, assim como as mesmas jornadas extenuantes na safra.

Com a abolição, Celio arranjou os documentos de Modesto, que passou a substituir um escravo morto nessa época, com idade e características similares, e de quem Modesto adotou o nome, Juan, a que juntou o apelido Miró, o de Celio, o daquele que lhe concedera a liberdade oficialmente.

Durante aqueles dois anos, e por mais que investigasse de engenho em engenho, de cafezal em cafezal, onde era sempre bem recebido por ser um excelente enfermeiro, Modesto não soube de mais nenhuma menina que tivesse sido encontrada na serra do Rosario depois de o quilombo ser atacado pelos capitães do mato, pelo que, a não ser que Yesa tivesse morrido nesse momento, acabou por suspeitar que tinha de ser uma

daquelas quatro raparigas que o marquês encontrara.

O decorrer do tempo foi convencendo-o: Regla nunca teria reconhecido publicamente a sua filha numa daquelas quatro raparigas. Nunca a teria colocado nas mãos do marquês. Para quê dar esse gosto àquele canalha? Regla teria deixado que lhe arrancasse a pele às tiras antes de delatar Yesa.

Por isso, já livre, Modesto aproximou-se de La Merced. Tinha de as ver. Ele não gozava dos favores da caprichosa Iemanjá, mas tinha a certeza de que, se Yesa fosse alguma daquelas quatro raparigas, reconheceria a filha de Regla; tinha de brilhar como a sua mãe. Além disso, também era sua filha. Como não iria perceber esses laços se fosse sangue do seu sangue?

Celio cedeu-lhe uns sacos de café e emprestou-lhe uma mula, com a qual, de barba longa e espessa, cabeça rapada, passo lento e corpo encurvado, Modesto se apresentou no engenho. Celio insistira nesse último pormenor: «Sobretudo, o passo lento, como se fosses um velho farto da vida.»

«Por acaso julgas que os brancos reparam bem em algum negro para se lembrarem dele?», sugeriu Modesto em resposta a quem já considerava um amigo, enquanto se esforçava por lhe obedecer, mexendo-se com mais lentidão e curvando-se depois de se apresentar a um dos guardas que o dirigiu à casa do administrador, erguida junto dos barracões. «Eu sou branco», respondera Celio, desarmando-o.

No seu caminho cruzou-se com Narváez. O maioral passava ao seu lado como se ele não existisse. O administrador, velho e ressentido, como tudo o que rodeava o marquês, pensou Modesto, quis enganá-lo; já tinham provisões de café, desculpou-se como se se quisesse ver livre dele. Modesto contava com isso.

— Prove-o, senhoria — ofereceu-lhe com o olhar baixo, tal como se comportavam os escravos. — É de muito boa qualidade. É da serra do...

— Onde o roubaste?

Modesto esperava algo semelhante. Sabia que o acusariam de ladrão.

— Não o roubei. Juro-lhe! O senhor pode comprovar com o dono do cafezal. Aí está o seu nome — argumentou, apontando para os sacos, como se não soubesse ler.

— Bem, vou experimentar — concedeu o outro, mentindo. — Para já, deixa os sacos aí — indicou-lhe como se lhe fizesse um favor.

Modesto também esperava essa reação, conhecia bem aquelas personagens. Enganá-lo-iam, fariam pouco dele, cansá-lo-iam ou até o denunciariam para ficarem com o café sem pagarem, ou pagando o mínimo. Perdia-os a ambição, cegava-os a soberba.

— Vai para que te deem de comer com os outros enquanto decido — ordenou-lhe o velho.

Estavam fora da época de safra. As pessoas eram poucas, apenas os escravos do Santadoma, agora tornados patrocinados, e que folgavam o mais possível. Modesto levava na mula duas garrafas de rum, com as quais não lhe custou muito recordar, com outros dois negros, ávidos desse álcool que lhes oferecia aquele recém-chegado, o dia em que mataram Regla, bebendo até lhes começar a travar a língua.

— E as raparigas? — acabou por perguntar depois de ouvir, no que os dois negros pretendiam que fossem sussurros, acerca da raiva e do desespero do marquês perante o silêncio de Regla, relato que, apesar do tempo decorrido, o mergulhou de novo na tristeza.

— Estão por aí — respondeu um deles.

Modesto examinou o pátio de barracões onde, sentados no chão, se acumulavam os negros que comiam. Procurava jovens de dezasseis anos.

— Quem? — insistiu ele, afastando a garrafa do seu alcance.

— Ali, naquele grupo, está a Piedad — apontou um. — E aquela é a Leticia.

— Aquela chama-se Alfonsa — intercedeu o outro, indicando várias mulheres sentadas em círculo. — Falta-nos...

— Octavia. Ali.

Modesto ofereceu-lhes a garrafa depois de lhe explicarem quem era cada uma delas. «Muito fácil», disse para consigo, desviando o olhar de

uma jovem para outra. Quis sentir Regla naquele pátio, ela ajudá-lo-ia. Tinha sido tão fácil dar com elas como foi descartar Piedad e Octavia só de se aproximar: eram mais brancas. Algum dos seus antepassados fora branco ou mulato. O marquês e os seus homens não o podiam saber, uma vez que ignoravam que o pai era ele, um negro boçal trazido de África, tal como Regla. A menina teria forçosamente pele cor de chocolate da sua mãe ou do negro mais parecido ao ébano de Modesto.

Restavam duas: Alfonsa e a que lhe tinham indicado como Leticia, uma negra robusta, baixa como Kaweka. Podia ser ela, nada o impedia. Aproximou-se. A rapariga estava sentada no chão, a comer da sua tigela, com outros negros que apenas deram uma olhadela rápida a Modesto.

— O que é que queres? — surpreendeu-o ela levantando-se e vindo ao seu encontro.

A jovem comportava-se e fizera-lhe a pergunta com um descaramento um pouco fora do normal para a sua idade. Lembrava-lhe Regla na sua firmeza. Talvez...

— Não — interrompeu-o ela quando o homem quis intervir.

— O quê...? O que queres dizer? Não, o quê?

— Que não sou eu — surpreendeu-o novamente. Modesto franziu o sobrolho. Leticia dirigiu-se a ele em voz baixa, apesar de se ter afastado um pouco dos outros: — Vi-te a falar com aqueles dois bêbedos e como lhes davas uma garrafa. Vi como apontaram para mim, para a Alfonsa, para a Piedad e para a Octávia, e como te aproximavas delas e as examinaste. O teu interesse só pode ser um: as quatro meninas. — Ele hesitou em tomar a palavra e decidiu não o fazer; esperou que a jovem continuasse a falar: — São muitos os que perguntam por nós desde que sucedeu aquilo com aquela escrava chamada Regla. Somos muito conhecidas.

— És a filha da Kaweka? — perguntou Modesto perante o silêncio de Leticia.

— O que ganho eu?

Restava-lhe uma das garrafas de rum e alguns pesos. Entregou-lhe

tudo.

— És tu? — reiterou.

— Não.

— Como sabes?

— Tenho as memórias muito nítidas. Eu nunca estive nesse quilombo e essa mulher não era minha mãe. Lembro-me, ainda que vagamente, dos meus pais. Vivíamos no vale, não na serra.

— Mas o marquês pensava que podias ser — alegou Modesto.

— Roubaram-me. Separaram-me dos meus. Violaram-me aos doze anos. Voltaram a vender-me e assim continuaram, até que um dia os homens do marquês me encontraram. Uma pessoa aprende a calar-se e a não contar nada, sobretudo se forem os brancos a perguntarem. Se quiserem que seja a filha de alguém, sou. Se tiver de esperar que me reconheçam, faço-o. Não foste escravo?

Modesto assentiu, cerrando os dentes.

— Então, o que é que me estás a contar?

Ela primeiro mostrou-lhe a garrafa de rum, não os pesos, já escondidos, e depois falou:

— Tu estás a enganar os brancos. Eu sei. Nota-se. — Modesto olhou à sua volta, inquieto, para os diversos guardas que andavam por ali. — Não te preocupes — tentou tranquilizá-lo a jovem. — Não — repetiu, cansada —, esses são idiotas, tudo o que não fizeram com o chicote...

— Se não és tu — interrompeu-a Modesto com pressa de terminar a conversa, por mais que Leticia subestimasse a sagacidade das sentinelas —, quem é?

— Desde que o marquês matou a Regla, falámos disto muitas vezes entre nós, além das outras ocasiões em que nos perguntaram; até o marquês insistiu várias vezes. Não sei. A Octavia não é. Com toda a certeza. Também se lembra de algumas coisas, ou pelo menos diz que sim. A Piedad podia ser. — Modesto já a destacara pela sua mistura mestiça, mas não fez qualquer comentário. — A Alfonsa também. Não se lembra de nada, embora já quase não fale connosco... — Leticia

finalizou aquela frase com um gesto de repugnância que Modesto estranhou, no entanto, quis pôr fim à conversa assentindo. Depois agradeceu-lhe a ajuda e levantou-se. — Se pretenderes falar com ela — avisou-o então —, toma atenção porque o seu homem é um dos guardas. A Alfonsa mudou muito.

Modesto ficou paralisado. Reagiu e olhou para onde se encontrava a jovem, que se levantava nesse mesmo instante. O seu ventre delatou que estava grávida, de poucos meses, mas os suficientes para que já se notasse. Alfonsa e Modesto cruzaram os seus olhares. A filha de Regla grávida de uma sentinela branca? «O seu homem é um dos guardas», acabara de afirmar Leticia. Não foi o facto de um negreiro a ter violado, mas outra coisa. O receio devia refletir-se no seu rosto porque a tal Alfonsa torceu o nariz.

Devia saber, decidiu Modesto; apesar de tudo, devia saber. Caso contrário, isso significaria dar definitivamente Yesa por morta. Enquanto se aproximava procurou naquelas feições a mulher que tanto amara. Talvez sim. Tinha alguma coisa... E dele? Não o soube dizer, mas, de qualquer forma, aproximou-se.

— Alfonsa?

— Sim. Quem és?

— Um vendedor de café.

— E o que é que queres? — vociferou a jovem, mostrando-se hostil.

Modesto hesitou: se o seu amante fosse um daqueles brancos, talvez não se devesse expor e contar-lhe. Ela podia optar por o denunciar e o marquês, ou o próprio Narváez, trucidá-lo-iam, sem dúvida. De repente apercebeu-se de que se movera com agilidade e de que mantinha a cabeça erguida, ainda que parecesse que só Alfonsa lhe prestava atenção. Apesar disso, voltou a encurvar-se e baixou o olhar.

— Passa-se alguma coisa contigo? — questionou a rapariga de novo em voz alta, surpreendida com a mudança.

Ele negou com a cabeça.

Modesto observou a jovem e sentiu que a sua atitude rude era mais o

resultado do medo, da desconfiança, do que da sua própria personalidade. Quem era ele para a julgar? Uma jovem bonita, sozinha, sem família, marcada pelo estigma de poder ser a filha da acérrima inimiga do marquês, o dono daquilo tudo. Que recursos tinha ela perante um branco que a forçasse? E se aquele guarda lhe exigia que estivesse com ele, como é que ela se poderia opor aos seus desejos? As memórias de Modesto viajaram pelas mil humilhações sofridas pelos escravos, os seus corpos ao amanhecer pendurados nas palmeiras como o expoente máximo do desespero, Regla... tal como sucedera quando olhou para a jovem com desconfiança e ela respondeu com antipatia, as dúvidas que agora assaltavam Modesto pareceram acalmar a postura de Alfonsa, como se compreendesse os pensamentos do outro.

— Alguma vez os deuses te possuíram? — perguntou de repente Modesto.

Alfonsa não teve oportunidade de responder.

— Eh! O que é que se passa aí?

Uma das sentinelas gritava para eles.

— Vai-te embora — ordenou-lhe Alfonsa sussurrando, quase sem mexer os lábios.

Tinham chamado a atenção. Modesto voltou a olhar para o pátio: alguns dos negros observavam-no; os dois bêbedos até apontavam para ele e fizeram um gesto para se dirigirem para onde ele se encontrava. Se Narváez interviesse, se se aproximasse dele, não tardaria em reconhecê-lo. Pensou em Regla e chamou-a. Quantas vezes o fizera na serra? Nunca regressava, tinha de se conformar com a sua lembrança, com as suas vivências partilhadas no passado, com o seu cheiro e feições que tentava preservar. Ele não contava com os poderes de Regla, e isso demonstrava-se agora mais uma vez. Porém, Alfonsa não manifestara surpresa alguma com a sua pergunta acerca dos deuses. Voltou-se para ela, mas a jovem já lhe voltara as costas e dirigia-se ao guarda que lhe tinha gritado. Era Yesa? Modesto ficou fascinado com o seu andar: mesmo estando grávida, parecia que flutuava sobre o chão. Foram apenas uns passos, porque o

encanto desvaneceu-se ao vê-la falar de modo submisso com o branco.

Voltou à realidade do pátio ao perceber como os dois bêbedos se aproximavam, ajudando-se um ao outro, erguendo a sua voz pastosa, tropeçando, exigindo-lhe a outra garrafa de rum. Estava a chamar a atenção: o guarda com que falava Alfonsa desviava uma e outra vez o olhar para ele. Os bêbedos estavam próximos dele; muitos dos negros se interessavam pelo que estava a acontecer, e aquela jovem... Não tinha sentido nada especial junto dela que lhe permitisse afirmar que era realmente Yesa. Os dois bêbedos já estavam junto dele.

— Queremos...! — gritou um deles.

— A outra garrafa de rum! — terminou o outro. Alguns negros levantaram-se ao ouvirem essas palavras.

A filha de Regla não podia ser a amante de um branco e esperar um filho dele. Até Iemanjá o teria impedido, exclamou para consigo quando já era o centro das atenções do pátio, o mesmo lugar onde estivera com Regla, ali onde ela fora morta às mãos do marquês. Notou que um dos bêbedos puxava pela sua camisa. Não, não podia ser Yesa. Além disso, ele devia ter sentido alguma coisa, nem que fosse uma pontada de emoção.

— Onde tens a garrafa?

A baforada do hálito fedorento do negro atingiu-o, trazendo-o repentinamente à realidade. Perguntou-se como escaparia dali.

— Aqui está o rum!

Leticia ergueu a garrafa e sorriu a Modesto, que não conseguiu responder, uma vez que a jovem desapareceu da sua vista rodeada de homens e mulheres. Agradeceu-lhe em silêncio. Não pensou mais nisso e fugiu, confundindo-se com todos aqueles negros que circulavam por ali. Esqueceu o café. Apanhou a mula e apressou-se a regressar à serra do Rosario.

Agora, vinte anos depois da Guerra dos Dez Anos, Modesto alegrava-

se com o facto de as previsões relativas aos escravos do exército mambí, após a liberdade concedida através do Pacto de Zanjón, se terem cumprido.

Em 1895, já não existiam escravos ou patrocinados, e Modesto acompanhou um exército composto maioritariamente por negros livres, que nessa data lutavam pelos seus direitos e pelo seu futuro, já não como simples carne para canhão. Um só exército, brancos e negros que lutavam juntos sob as ordens de generais também de ambas as raças.

E mulheres, muitas delas a acompanharem os seus homens, a ajudarem os profissionais de saúde a tratarem dos feridos, dando-lhes de comer e encorajando-os; algumas armadas, a lutarem lado a lado com os soldados. Modesto procurava nessas mulheres um vestígio de Regla, da sua força, do seu ímpeto, da sua ousadia e da sua entrega, encontrando-o. Ao longo dos anos, apesar da impressão com que abandonara La Merced, nunca esquecera aquela jovem, Alfonsa, em quem pretendia descobrir traços da sua amada. Interessou-se por ela quando teve conhecimento de que o marquês se instalara no seu palácio do Cerro, em Havana, cidade onde Modesto também se tinha estabelecido como um enfermeiro bem-sucedido. Contaram-lhe que Alfonsa perdera o filho daquele guarda branco, que a abandonara, como era expectável. Soube também que depois se casara com um mulato ao serviço do marquês, com quem fora uma mulher fecunda durante muitos anos. Os seus desejos por descobrir Yesa foram diminuindo ao mesmo tempo que pressentia as dificuldades que teria para enfrentar aquela mulher e a sua família, se algum dia se revelasse essa origem agora ainda incerta. Não sabia se era sua filha. Não sentia o menor sentimento de paternidade para com ela, mas, por outro lado, o marquês, embora velho, era um mau inimigo e suficientemente rancoroso para manter o ódio em relação a Kaweka até ao seu último suspiro.

Modesto obrigou-se a esquecê-la, não a queria prejudicar, fosse ou não Yesa, e em vez disso reconheceu a sua filha em todas essas guerreiras que lutavam pela liberdade de Cuba. «Encontrei-a», dizia a Regla durante a

noite, com a voz quebrada e o rosto cansado e velho lavado em lágrimas. Homens e mulheres conheciam a sargento Kaweka; o próprio general Maceo a enaltecera diante das tropas, e muitas pretendiam imitá-la agora na sua luta pela liberdade de Cuba, a sua terra, uma terra inundada com o sangue dos seus irmãos.

Todas eram Yesa, a sua filha, a que concebera com a mulher que amara mais do que tudo no mundo; sentia-se orgulhoso durante a noite aquele emancipado velho, comovido sob essas estrelas que nunca brilhavam para os inimigos de Cuba.

Madrid

Lita e a mãe tiveram de manter a sua postura e reclamar a filiação de Concepción. Sem prejuízo das provas de que dispunham, as palavras do marquês durante a conferência de imprensa frustrada foram, contudo, a maior carta de apresentação para os tribunais espanhóis.

Ainda não se resolvera a primeira parte do julgamento e já o Banco Santadoma entrara em falência, sendo diretamente intervencionado pelo Estado. O discurso de Lita, transmitido pelos meios de comunicação, tanto nacionais como internacionais, fora demolidor; já não seriam necessárias mais manifestações ou outras medidas de pressão nas ruas. Os clientes e os depositantes que ainda permaneciam fiéis ao banco voltaram-lhe as costas. O mercado interbancário e outros investidores também não vieram em auxílio dos Santadoma e negaram-lhes todo o crédito. Até os fundos abutres se retraíram perante a componente racista que envolvia tudo o que dizia respeito àquela família escravagista.

Os tribunais da Florida, a cuja jurisdição se tinham submetido voluntariamente americanos e espanhóis num contrato internacional, foram céleres e rigorosos aquando da adoção de medidas provisórias, para que os Santadoma não pudessem ocultar o seu património e respondessem pelo prejuízo sofrido pelo ELECorp Bank e pelas fortes indemnizações acordadas. Alguns acionistas do banco americano, aqueles que tinham mantido relações comerciais com o marquês e com os

seus antepassados, foram pressionados por Stewart e pelos restantes membros do conselho a darem informações sobre as empresas sediadas em paraísos fiscais onde os Santadoma escondiam o dinheiro, sendo que em algumas até eram sócios.

Dom Enrique de Santadoma tentou transferir os seus capitais, mas a sua estrutura era lenta; os seus administradores já tinham sido pressionados pelos americanos e pouco depois pelos tribunais, que também não tiveram problemas em seguir o rasto do dinheiro, que efetivamente conseguiu desviar, e recuperá-lo.

As propriedades que a família possuía em Espanha, resultantes diretamente da herança do velho marquês, foram constituídas como uma herança jacente à espera da decisão acerca do direito de Concepción, submetidas a administração judicial e também às responsabilidades reclamadas pelo ELECorp Bank, na Florida.

Contreras, Carmen Rodés e outro advogado da família formularam um processo judicial por uma possível conspiração. Os prejuízos económicos objetivos, evidentes, contabilisticamente comprovados, sofridos pelo ELECorp ascendiam a um valor tão elevado que os juízes foram muito cautelosos com aquele processo, sobretudo desde que Lita se retratara acerca da origem das cartas trocadas entre Eusebio Santadoma e o pai, o marquês, uma prova que estava na mira dos advogados da família, uma vez que nenhum outro trabalhador tivera acesso a essa documentação que, de acordo com o testemunho de Lita, lhe fora entregue pelos americanos no quadro das negociações da operação de compra e venda.

— Tirei-as do interior de uma secretária que está guardada na arrecadação do edifício onde vivia e trabalhava a minha mãe — explicara. Os advogados ficaram desconcertados. O juiz escondeu um sorriso.

— Então, roubou as chaves desse armazém! — acusaram-na depois desse primeiro momento de indecisão.

— Não. A minha mãe dispunha delas; tinha-as. Lembro-vos de que descia ali para limpar.

— Forçou a secretária!
— Estava aberta.
— Atentou contra a intimidade...
— Não, embora reconheça o meu pecado: a curiosidade — confessou ela.

— Portanto, essas cartas pertenciam aos Santadoma! — prosseguiu Contreras.

— Deixe que se explique — exigiu o juiz ao catedrático.

— Obrigada, senhor juiz — respondeu Lita. — Quando compreendi a importância do seu conteúdo, entendi que, se essas cartas pertencessem a alguém, não era a dois mortos que já não têm nada para dizer, nem aos seus descendentes, que foram suficientemente cruéis e mentirosos para as esconderem e impedirem que se soubesse a verdade. Porque é óbvio que, tal como eu as li, eles também o devem ter feito, sem dúvida. A única pessoa a quem pertencem essas cartas, senhor advogado, é à minha mãe, porque nelas o dom Eusebio de Santadoma reconhece a sua paternidade.

Tudo se desmoronara para a família Santadoma. Aqueles que no início do escândalo ainda os tinham apoiado juntaram-se aos que naquela altura já se haviam afastado de uma família que tinha os alicerces da sua riqueza na escravatura. O marquês podia apontar fortunas em Madrid, em Barcelona ou no País Basco como suas, mas não tinha tempo para isso. O banco estava fechado, as suas empresas auditadas, o seu dinheiro apreendido; os seus bens de valor — quadros, carros, até um faqueiro de prata — foram inventariados pelo juiz, que pecara pela mesma curiosidade que Lita e se apresentara na arrecadação do imóvel do bairro de Salamanca para supervisionar o trabalho dos peritos.

O mesmo acontecia com os outros membros da família, que acusavam dom Enrique de os ter levado à ruína. Um dos seus sobrinhos confrontou-o, com outros familiares a evitarem que um empurrão se transformasse numa briga. Porém, os gritos e os insultos fizeram tremer as imponentes janelas e até a água da piscina para onde davam, na luxuosa moradia do

marquês nos arredores de Madrid, agora embargada, onde se reuniam os Santadoma, que lutavam uns contra os outros. O marquês e a mãe tinham-nos arrastado consigo para o desastre porque sabiam que havia outra herdeira, Concepción, filha de Eusebio.

— Pede dinheiro emprestado — sugeriu dona Claudia a Enrique. — Temos muitos amigos.

Ele humilhou-se. Fê-lo depois de a sua mulher italiana, enfadada, abrir as mãos num gesto de contrariedade após ouvir com paciência as mil e uma desculpas que impediam o seu marido de se rebaixar e de pedir ajuda a algum desses conhecidos ricos.

— Enrique — disse-lhe —, hoje não pude pagar ao peixeiro que trouxe as compras semanais.

Pediu ajuda aos Ruz Pariente. Bons amigos. De toda a vida. Os Ruz Pariente tinham vendido o seu pacote de ações antes de rebentar o escândalo e obtiveram, portanto, umas consideráveis mais-valias.

Manuel Ruz recebeu-o no gabinete de direção da sua empresa de construção e começou a escutar o relato do seu amigo.

— Não continues — pediu-lhe quando considerou que o drama era suficiente: a sua situação financeira, a sua mulher e o peixeiro; a família; o sobrinho que esteve prestes a dar-lhe uma tarefa, os processos judiciais... — Olha, Enrique, se me pedisses dinheiro para algum negócio, alguma coisa produtiva, ainda que a situação não fosse a mais indicada para ninguém, eu abordaria o assunto com a família... E apoiar-te-ia, juro. Mas se o dinheiro que te puder emprestar se destinar a despesas correntes, a manter..., permite-me, não te chateies, peço-te — acrescentou, juntando as mãos estendidas à frente como um miúdo que reza ao menino Jesus antes de se deitar —, os caprichos e a vida luxuosa da tua família. Quanto é que isto vai durar? Três meses? Quatro? O que farás depois? E como é que nos irás devolver? Não, não posso propor esse empréstimo aos meus. Desculpa, de verdade.

O marquês de Santadoma telefonou a vários amigos. Um atendeu o telefone. «Não posso, Enrique, as coisas não estão bem.» Noutros casos

não ultrapassou a barreira das secretárias, porque os telemóveis pareciam ter-se desligado todos.

Entretanto, os maus presságios de Manuel Ruz cumpriram-se e as despesas dos Santadoma, as suas próprias e as daqueles que até então dirigira, começaram a surgir sem que ele pudesse fazer-lhes frente. Recibos devolvidos: de colégios, de despesas correntes, gás, eletricidade, água. Gerentes de clubes sociais que telefonavam insistentemente para marcarem uma reunião, sublinhando que seria uma falta de delicadeza fazê-lo por escrito. Restaurantes ou lojas que rejeitavam os cartões de crédito. «Com certeza que é um erro.» «O terminal...» Empregados, motoristas, cavalos, carros... Os Santadoma tinham problemas até para encherem o depósito de gasolina.

Os advogados, que também não recebiam, pediram ao juiz que libertasse fundos para que a extensa família pudesse viver. E o tribunal fê-lo com uma condição: todos eles deviam viver como qualquer pessoa com um salário médio.

Dona Claudia faleceu. Antes de isso acontecer, o filho fez todos os possíveis para que não tivesse de depor no julgamento, e os seus advogados apresentaram relatórios médicos desaconselhando a sua presença nos tribunais devido à sua idade, aos seus achaques, e à sua leve senilidade... houve um que indicou um princípio de Alzheimer. O juiz desconfiou e apresentou-se no domicílio da idosa acompanhado de um médico forense que, sem negar a evidência da sua idade avançada, certificou a sua capacidade, pelo menos deixando ao critério do magistrado a credibilidade das suas manifestações. Nesta declaração, dona Claudia prescindiu de todas as precauções de que tinha sido insistentemente avisada, e mostrou-se sem qualquer pudor como aquela senhora branca cubana superior aos negros, que odiava, principalmente Concepción e a sua mãe, Margarita.

— Por alguma razão especial, além da sua raça? — perguntou o juiz quando a interrogou a esse respeito.

— Claro! Porque seduziu o meu Eusébio com artes malignas até

conseguir que ele a deixasse prenhe dessa criada mulata...

— Concepción Hermoso?

— Quem mais podia ser?

Lita estava a dar uma Conferência em Barcelona sobre o racismo e xenofobia quando os Santadoma, no momento de sepultarem dona Claudia, encontraram o friso do seu jazigo desfeito, os escravos que cortavam e transportavam cana totalmente irreconhecíveis. Em vez disso, estava pintado a vermelho: «Aqui jazem negreiros e esclavagistas. Que os diabos jamais os deixem descansar em paz.»

Concepción ganhou o processo. Os Santadoma não recorreram: não fazia nenhum sentido depois das declarações de dona Claudia e as restantes provas, e a verdade é que também não tinham dinheiro para fazer frente aos elevados honorários de Contreras e dos outros advogados.

— Enrique — disse-lhe o advogado, sabendo que com aquelas palavras colocaria fim a uma relação profissional onde lucrara com ganância —, como queres que te defenda num julgamento em que a tua própria mãe reconheceu que Concepción era filha do seu marido?

— A minha mãe estava louca! — exclamou o marquês.

— Um médico certificou que não. Quem a desmente agora?

Enquanto aquela conversa decorria, Lita estava a viajar para Londres. Várias associações haviam-na convidado para dar uma Conferência acerca da Década Internacional para os Afrodescendentes. Esperava-a um auditório ávido por conhecer quem vingara os seus ancestrais. A sua agenda ia-se enchendo de encontros, conferências e mesas-redondas ao redor do mundo. Encabeçava manifestações e até lhe tinham proposto para escrever um livro sobre a sua mãe. «Talvez um dia», respondera, sentindo-se orgulhosa com a ideia. Encontrara Vit, da ONU, que a encorajara a tornar-se uma defensora das pessoas de ascendência africana e da luta contra o racismo e a xenofobia.

— Não te faltará nada — garantiu-lhe a funcionária.

— Também não tem importância.

Certamente não necessitava de mais nada para além de garantir o básico. Iemanjá alimentava-a, enchia-a de vida. Vivia com a deusa: a sua imagem cativava, as suas palavras embelezavam qualquer auditório. Os pontos programáticos da Declaração de Durban e os direitos dos afrodescendentes constituíam a estrutura dos seus discursos.

— Declaramos — sustentava sempre em algum momento da sua intervenção, recitando o que já memorizara — que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e que estão dotados da possibilidade de contribuir construtivamente para o desenvolvimento e bem-estar das suas sociedades. Toda a doutrina de superioridade racial é cientificamente falsa, moralmente condenável, socialmente injusta e perigosa e deve ser rejeitada, tal como as teorias que tentam determinar a existência de raças humanas separadas.

Prestava habitualmente homenagem a Iemanjá e aos outros deuses africanos a que também se fazia referência em Durban, e à medida que falava, a lembrança de Bekele, do canalizador envolvido nessa causa, acompanhava-a:

— A religião, a espiritualidade e as crenças desempenham um papel central na vida de milhões de mulheres e de homens, na forma como vivem e na forma como tratam as outras pessoas. A religião, a espiritualidade e as crenças podem contribuir para a promoção da dignidade e do valor inerentes à pessoa, e à erradicação do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e das formas conexas de intolerância. Comunguem com os deuses negros, os nossos, os que ninguém nos impôs! — gritava erguendo o punho para o céu.

Chamavam-na para cerimónias em lugares que nem sequer sabia que existiam: na África profunda onde Iemanjá enlouquecia, mas sempre que podia regressava àqueles restaurantes das zonas industriais de Madrid, com as mesas encostadas às paredes e onde acabara por convidar Sara e Elena, agora vizinhas de Concepción, para quem Lita, com os rendimentos das suas conferências e dos artigos que publicava, adquirira

o apartamento do casal *gay* da frente. Era raro o dia em que a mãe não aparecia na casa das amigas da sua filha com um tabuleiro ou um tacho de comida, com os *yorkshires* a correrem entre as pernas das jovens.

— Nunca vos disse, mas não fazem a menor ideia do que é cozinhar — recriminou-as a primeira vez.

— Nada de novo, mas a senhora fica connosco a comer — respondeu-lhe uma delas agarrando-a pelo braço.

E durante esses quase dois anos que tinha viajado e hasteado a bandeira contra o racismo, Lita vivia com Concepción quando estava na cidade, embora algumas noites, depois de um piscar de olhos travesso a que a sua mãe respondia com sorrisos ou falsas recriminações, de acordo com o seu humor, se escapasse para casa de Alberto Gómez, em quem encontrara o carinho de um companheiro sereno. Nenhum dos dois exigia nada do outro, sobretudo depois de Lita confessar, quase inconscientemente, como se alguém tivesse posto aquelas palavras na sua boca:

— Como é que eu me posso distrair com namoricos?

Imediatamente tentou corrigir-se, desculpar-se. Ele beijou-a.

— Sei que será difícil opor-me ao teu destino, parece que és propriedade da comunidade negra — disse-lhe depois.

Lita pensou nisso. Seria?

— Talvez — reconheceu —, mas só me entrego a ti. Mesmo assim, não deixes de tentar — acrescentou, docemente.

Depois de ganhar o julgamento, o advogado convocou mãe e filha ao seu gabinete.

— A senhora nunca assinou nenhuma garantia nem subscreveu nada em relação aos americanos — explicou mais uma vez a Concepción. — A sua parte da herança dos Santadoma, a não ser o banco, claro, que desapareceu, está totalmente livre para si. O que quer fazer com todos esses bens?

— Não entendo — respondeu novamente Concepción.

— Os Santadoma — reiterou pacientemente o advogado — garantiram

a fracassada operação do banco com todo o seu património, que é o que está a ficar para os americanos. Mas a senhora não fez isso. A sua parte, a que lhe corresponde da herança, não foi feita garantia de nada. É sua. Se houver um imóvel, por exemplo, o do bairro de Salamanca, este pertence na sua maior parte aos americanos, mas a outra parte continua a ser sua. O que fazemos com tudo isso? — perguntou, dirigindo-se agora a Lita.

— Eu? — quis livrar-se ela dessa responsabilidade. — Não é meu. O que é que tu dizes, mãe?

Concepción abriu as mãos num gesto de desconcerto.

— Eu já estou bem como estou, filha, já tínhamos falado de ceder...

— Podem ser muitos milhões — interrompeu-a Alberto.

— Que não são nossos — repudiou Concepción.

— Uma fundação — retorquiu Lita, e a mãe assentiu. — Esse capital deve reverter para os descendentes daqueles que originaram e criaram toda essa riqueza à custa da sua liberdade, do seu sofrimento e da sua vida.

Nota do autor

Entendo que a primeira coisa que um autor deve considerar no momento de enfrentar a escrita de qualquer obra é a língua em que esta se desenrolará, sobretudo quando existe uma variedade linguística entre as suas personagens. Não parece haver problema quando se trata de línguas estrangeiras. Mesmo que alguma personagem fale noutra língua, o autor costuma traduzir as suas frases para aquela em que está escrito o romance, para que os seus leitores as possam entender.

A dificuldade surge quando deparamos com uma personagem que se expressa numa fala ou dialeto que, em teoria, o leitor podia entender, e por isso não seria necessário traduzir. Vemos isso com uma certa frequência em textos em que um ou vários interlocutores são escravos — refiro-me a obras em espanhol —, em que as expressões destes últimos se manifestam através de uma deformação e degradação, pitoresca, mas ainda assim inteligível, da língua espanhola.

Sem querer aprofundar uma questão tão interessante, as línguas que os escravos falavam em Cuba, no século XIX — o século da africanização, poderíamos dizer, definitiva da ilha, uma época em que chegavam à ilha mais do dobro de todos os homens e mulheres arrancados da sua terra em séculos anteriores —, eram as próprias das suas nações: ioruba, abakuá, congo..., que podiam utilizar nas suas relações interétnicas e sobretudo nas suas manifestações religiosas.

Juntamente com essas línguas nasceu em Cuba a «fala boçal», utilizada pelos escravos nas suas relações interétnicas ou com os

espanhóis.

Abandonada já a percepção da fala boçal como um espanhol malfalado, deformado, os investigadores oscilam entre considerá-la uma língua crioula ou um *pidgin* elementar, uma língua de urgência. Não entrarei nessa discussão; não me sinto capacitado. No que, sim, existe um certo consenso é no facto de que essa fala boçal era totalmente heterogênea, improvisada, carente de sintaxe própria, variável, e que podia parecer-se ou não com o espanhol.

Os exemplos que se nos oferecem são inúmeros. Em alguns casos, na fala boçal pode-se perceber, efetivamente, um espanhol malfalado, vulgar, grosseiro, mas que permite entender o significado; noutros, porém, é de todo incompreensível, sendo impossível relacionar essas expressões com a língua de onde alegadamente derivam.

Perante essa realidade, o autor que aborda a interação de escravos com espanhóis depara com o dilema de determinar até que ponto deve introduzir na sua obra a fala boçal. Essa «língua» não poderia ser utilizada na sua forma pura porque o texto seria incompreensível, pelo que ficaria ao seu critério a delimitação do grau no qual fixar a possibilidade do seu uso.

Partindo do pressuposto de que uma fala boçal se afasta da língua original, creio que utilizá-la exclusivamente na sua vertente de deformação vulgar, popular, do espanhol implica uma espécie de caricatura daquelas pessoas que, além de perderem a liberdade, se viram obrigadas a procurar um meio de comunicação urgente com os seus exploradores; seria como uma espécie de regresso ao teatro burlesco tão na moda na época que, entre outras formas, explorou a figura do «negrito» e da sua gíria. Consequentemente, decidi evitá-la e utilizar o espanhol clássico em todas as suas conversas, tratando-a como se fosse uma língua estrangeira e diferenciada.

Espanha foi a última potência ocidental a abolir a escravatura nas suas colónias, e sempre me impressionou pensar que a geração dos meus avós foi contemporânea de situações execráveis que geralmente pretendemos

afastar mais no tempo, como se nos quiséssemos livrar delas. Mas não podemos. Estão próximas, tanto que se pode traçar uma linha vital entre aqueles escravos e as personagens atuais, como exponho no romance. O estudo aprofundado das condições de vida dos escravos é um trabalho ingrato que provoca no investigador dilemas morais difíceis de assumir. Os suicídios, os abortos, as relações sexuais forçadas, os castigos, a escravatura em si própria, são decisões e situações vitais perante as quais não há desculpa. Todos os dados relatados no romance têm um suporte documental, embora tenha tido vontade de ressaltar um deles, que me surpreendeu por deitar por terra o estereótipo do escravo preguiçoso e displicente, como se aquela atitude fosse inerente à sua raça, tal como se argumentava naquela época. Hoje sabemos que simplesmente sofriam de cansaço crónico, que eram pessoas fisicamente incapazes de reagir, que as tinham esvaziado, esgotado para toda a vida.

Tentei respeitar os factos históricos narrados no romance, principalmente a Guerra dos Dez Anos, em que participou a nossa protagonista e em que os escravos que se alistaram nas fileiras do exército rebelde, voluntariamente ou à força, foram carne para canhão. São muitos os autores que consideram que a assinatura do Pacto de Zanjón, que pôs termo ao conflito, não se apoiou apenas nos êxitos bélicos do general Martínez Campos e das suas tropas especializadas, mas também na ascensão e na promoção de negros e mulatos a cargos de grau mais elevado no exército rebelde — Maceo como expoente máximo —, com a autoridade que isso lhes conferia sobre brancos livres, numa clara amostra do racismo que imperou num exército que não conseguiu superar essa discriminação apesar de lutar do mesmo lado durante dez anos.

A «guerra longa» — tal como sucederia com a iniciada em 1895 — implicou um verdadeiro descalabro para as tropas espanholas devido às doenças. Há uma grande disparidade nos números de baixas proporcionados pelos diversos autores: desde sessenta mil até cento e quarenta e cinco mil, passando por noventa e seis mil e outras

possibilidades. Em qualquer caso, no que estão todos de acordo é quanto à elevadíssima percentagem de mortes devido às doenças tropicais. As baixas em combate representam apenas entre sete e dez por cento do total de baixas do exército espanhol. Se considerarmos os números intermédios, dos noventa e seis mil mortos, mais de oitenta e seis mil deles teria perecido por doença. Oitenta e seis mil mortos por febres! Uma verdadeira sangria, inútil, injusta, quase gratuita para essa humilde juventude espanhola obrigada a defender uma colónia distante e escravagista.

Não se pode entender a vida dos escravos em Cuba à margem das suas crenças religiosas. Os brancos não conseguiram escravizar os deuses africanos, que se souberam confundir, sincretizar com os católicos, esconder-se atrás deles e, desta forma, sobreviver para os seus. Parece indiscutível que um dos maiores elementos de resistência cultural dos negros, se não o mais importante ou talvez o único, contra a pressão etnocêntrica da sociedade dominante tenha sido o refúgio nas suas crenças religiosas.

A ioruba é uma religião complexa, com múltiplas divindades — diz-se que na Nigéria havia perto de mil e setecentas, embora esse número fosse consideravelmente menor em Cuba, quando se trata de sincretização na *santería* —, e, na verdade, um romance não é o lugar adequado para o seu estudo e desenvolvimento. Contudo, é surpreendente a relação desses deuses com os seus fiéis, algo que não acontece no seio das religiões monoteístas clássicas, rigorosas, regulamentadas.

Falamos de deuses com emoções e sentimentos similares aos dos homens. Nas suas relações com eles podem ser caprichosos, gulosos, vingativos, injustos, cruéis, antipáticos, misericordiosos, alegres, generosos, exuberantes... Os exemplos são inúmeros. Tendo isto em conta, como apresentar-se diante de um deus que se tem de lisonjear para proteger? O que pensar de um deus que se pode mostrar antipático sem outra razão que não o seu desejo? O favor divino não depende, portanto, da bondade ou maldade do crente, do cumprimento de determinados

códigos de conduta. Estas ligações com a divindade são extremamente complexas. Tento refletir isso no romance, com o maior dos respeitos para com as crenças de terceiros e reiterando que não se trata de um estudo acerca da religião ioruba.

De acordo com a ONU, mais de dois milhões de escravos africanos chegaram à América espanhola entre os anos 1520 e 1867, tornando-a o segundo «importador» de escravos, depois do Brasil.

A Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Conexa, celebrada em Durban, em 2001, cujas declarações foram apoiadas por inúmeros países, instituições, organizações nacionais e internacionais e ONG, assim como a resolução da ONU acerca da Década Internacional para os Afrodescendentes, que começou a 1 de janeiro de 2015 e terminará a 31 de dezembro de 2024 com o tema «Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento», são instrumentos válidos para darem visibilidade, procurarem reparações e lutarem contra o racismo.

Porém, vinte anos depois, em 2021, o próprio secretário-geral da ONU declarava que o racismo continua a «impregnar as instituições, as estruturas sociais e a vida quotidiana em todas as sociedades»; que «os afrodescendentes, as comunidades minoritárias, os povos indígenas, os migrantes, os refugiados, os deslocados, e tantos outros, continuam a enfrentar o ódio, a estigmatização, a procura de bodes expiatórios, a discriminação e a violência», e que a «xenofobia, a misoginia, as conspirações de ódio, a supremacia branca e as ideologias neonazis estão a propagar-se, amplificadas nas câmaras de eco do ódio».

Kaweka e milhares de escravos como ela, desamparados, indefesos, lutaram pela liberdade, o que naquele momento lhes pode ter parecido um objetivo inalcançável. Todos contribuíram com o seu esforço; muitos, com as próprias vidas; e, finalmente, conseguiram. Confiemos que a sociedade atual, sobretudo a mais abastada, a que goza de recursos e possibilidades, seja capaz de dedicar o mesmo esforço na erradicação do racismo e da xenofobia.

Para terminar, quero agradecer uma vez mais à minha editora, Ana Liarás, a sua ajuda e conselhos, assim como a todas as pessoas que colaboraram e fizeram com que a publicação deste romance fosse possível. O meu reconhecimento e gratidão, como sempre, à Carmen, minha mulher, primeira leitora e crítica. Também aos meus filhos e a outros entes queridos, especialmente a todos aqueles que ficaram pelo caminho devido ao flagelo da covid que assolou as nossas vidas nos últimos anos.

Barcelona, maio de 2022

Sobre este livro

Um romance deslumbrante sobre duas mulheres corajosas que lutarão, cada uma com as suas armas, contra o racismo e a injustiça, escrito pelo mais importante autor espanhol de romances históricos da atualidade



CUBA, MEADOS DO SÉCULO XIX. Um navio com uma carga sinistra aporta na praia de Jibacoa, em Cuba. Mais de setecentas mulheres e meninas sequestradas da sua África natal chegam para trabalhar, até à exaustão, nos canaviais e dar à luz crianças que também serão escravas. Kaweka é uma delas, uma menina de onze anos que viverá em primeira mão o horror da escravidão na fazenda do cruel Marquês de Santadoma, uma injustiça contra a qual se insurgirá, pois a única escravidão a que Kaweka está disposta a submeter-se é a da luta pela liberdade.

MADRID, ÉPOCA ATUAL. Lita, uma jovem mulata, é filha de Concepción, a mulher que serviu toda a sua vida na casa do Marquês de Santadoma. Apesar de ter estudos e uma forte ambição profissional, a insegurança no emprego obriga Lita a recorrer aos todo-poderosos

Santadoma em busca de uma oportunidade no banco do marquês. Ao mergulhar nas finanças da empresa e no passado dessa família abastada, a jovem descobre a origem da sua fortuna e decide travar uma batalha judicial em prol da dignidade e da justiça que a sua mãe e todas as mulheres que deram as suas vidas ao serviço de homens brancos que nunca as trataram como iguais merecem.

Uma homenagem ao papel das mulheres
na sua luta por justiça e liberdade

Sobre Ildefonso Falcones

Casado e pai de quatro filhos, é advogado e escritor. *A Catedral do Mar* (Suma de Letras, 2017), o seu primeiro romance, tem como pano de fundo a Barcelona medieval. Fenómeno editorial mundial sem precedentes, reconhecido tanto pelos leitores como pela crítica, foi publicado em mais de quarenta países. Foi agraciado com vários prémios, entre eles o Euskadi de Plata para o melhor romance em espanhol, o Qué Leer para o melhor livro em espanhol, o prémio Fundación José Manuel Lara para o romance mais vendido do ano, o prestigiado galardão italiano Giovanni Boccaccio para o melhor autor estrangeiro, o prémio internacional Città dello Stretto e o Fulbert de Chartres. Em 2018, a Netflix produziu e emitiu a série baseada n' *A Catedral do Mar*.

É também o autor de *Os Herdeiros da Terra* (2017) e *O Pintor de Almas* (2020), ambos publicados pela Suma de Letras.

Com mais de onze milhões de exemplares vendidos das suas obras em todo o mundo, Ildefonso Falcones consagrou-se como um dos escritores espanhóis mais difundidos.